

Singularidades  
da  
França Antártica



Andre  
en habit



Thevet  
de Cordelier

**HOMO HOMINI, NEMINI NEMO.**

1. Fr. André Thevet, em habito de cordelier.





Série 5.<sup>a</sup> ★

B R A S I L I A N A  
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

★ Vol. 219

---

FR. ANDRÉ THEVET

Singularidades  
da  
França Antártica,  
a que outros chamam de América.

*Prefácio, tradução e notas do*  
PROF. ESTEVÃO PINTO

*Com um estudo sobre o "pian", em appenso,  
da autoria do dr. Eustachio Duarte.*

★

EDIÇÃO ILLUSTRADA

★

1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Baía — Porto Alegre

OBRAS  
DO  
PROF. ESTEVÃO PINTO

- Pernambuco no Seculo XIX* — Recife, 1922 (esgotado).  
*Lições & Exercícios de Historia do Brasil* — Publicação do governo de Pernambuco — Recife, 1930 (esgotada).  
*A Escola e a Formação da Mentalidade Popular do Brasil* — Recife, 1931 (esgotada); *idem* (2.<sup>a</sup> ed., vol. XVI da "Bibliotheca de Educação", Comp. Melhor.), São Paulo, 1932.  
*O Problema da Educação dos Bens Dotados* — Vol. XIX da "Bibliotheca de Educação" cit. São Paulo, 1933; *idem*, 2.<sup>a</sup> ed. (trad. espanhola da *Revista de Pedagogia*, de Madrid), Madrid, 1933.  
*Os Indígenas do Nordeste* (I vol.) — Vol. XLIV da "Brasiliana", São Paulo, 1935; *idem* (II vol.) — Vol. CXII da mesma collecção, São Paulo, 1938.  
*Alguns Aspectos da Cultura Artística dos Pancarús de Tacaratú* — Em "Rev. do Serv. do Pat. Hist. e Art. Nac.", n. 2, Rio, 1938.

\* \* \*

Obs. — A presente traducção foi feita através da edição de 1558 (Paris). Tambem me servi da edição de Gaffarel (1878), que é accrescida de seiscentas e seto notas. Entretanto, dessas seis centenas de notas, só utilizei realmente umas poucas dellas — cerca de quarenta — sendo que algumas foram mesmo ampliadas ou robustecidas de novos dados. Muitas outras notas de Gaffarel tiveram de ser por mim desprezadas, umas porque, como é natural, já não estavam em correspondência com o estado actual dos conhecimentos scientificos (por exemplo, aquellas sobre a viagem de Orellana), outras porque não passavam de erros ou lapsos desse illustre escriptor francês (vejam-se os meus comentarios, nos lugares pertinentes, cap. XXIII, XXV, LIV, LVI, LX, LXXIV e LXXXIII).

Devo, aqui, consignar os meus agradecimentos aos drs. Rodolpho Garcia e Jorge Calmon, directores, respectivamente, da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro e da Bibliotheca Publica do Estado da Bahia, pela maneira prestimosa com que facilitaram os meus estudos. Como tambem não quero esquecer os directores do Gabinete Português de Leitura em Pernambuco.

Minha volta antecipada do Rio, em 1939, não me deu tempo para a consulta mais demorada da *Cosmographie Universelle* de Thevet, cujo estudo eu havia reservado para os ultimos dias de minha estadia na capital do país.guardo outra opportunidade para sanar essa falha. — E. P.

## PREFACIO DO TRADUCTOR.

Frei André Thevet nasceu na velha cidade francesa de Angoulême, bem no começo do século XVI (1502). Gaffarel, que andou fazendo pesquisas na terra natal desse franciscano, não encontrou nada sobre a sua familia e sobre a sua mocidade, concluindo, melancolicamente, que o autor das *Singularidades da França Antárctica* devia ter sido de origem modesta: "Thevet (escreve aquelle escriptor) só muito tardiamente recebeu educação, aliás bastante artificial, pois, durante toda a vida, arrastou consigo o fardo de sua ignorancia. E, apesar dos esforços por apparentar erudição, o boné com que tão liberalmente o cobriu o maligno Rabelais, deixou sempre à mostra a ponta das orelhas"<sup>1</sup>. Não é demais acrescentar que, além de ter sido de origem modesta, era Thevet igualmente pobre<sup>2</sup>.

Thevet, na verdade, não nega as suas poucas letras<sup>3</sup>. Mas, numa epocha em que toda a educação não ia muito acima dos romances de cavallaria, do *Pantagrue* e de alguns *Livres d'heures* maravilhosamente illustrados<sup>4</sup>, não é de desdenhar que um pobre clérigo, de humilde estirpe, tivesse al-

<sup>1</sup> P. VI e VII da *Noticia biographica* appensa à edição de 1878 das *Singularidades*. Gaffarel, com essa phrase, repete uma espirituosa observação de Ferdinand Denis, que vem em seu estudo *Lettre sur l'introduction du tabac en France* (1851). Estava em moda, nos meados do século XVI, espalhar as mais jocosas anedoctas a respeito do nosso franciscano. Le Duchat, por exemplo, conta que Thevet trouxe do Oriente um enorme crocodilo, ao qual chamavam de *grosse bête de Thevet*. Cf. *Biographie Universelle Ancienne et Moderne... dirigée par une Société des Gens de Lettres et de Savants*, XLV, Paris, 1826, p. 387.

<sup>2</sup> *Les Singularitez de la France Antarctique*, f. 3, ed. de 1558, Paris.

<sup>3</sup> "Et si Dieu ne m'a fait grace de consumer ma jeunesse es bonnes lettres"... (*ib.*, f. 166).

<sup>4</sup> Cf. Abel Lefranc, *La vie quotidienne au temps de la Renaissance*, p. 96 sq., Paris, 1938.

guma leitura dos autores antigos (Plínio, Aristoteles, Arriano, Josephus, Procopio, Tacito, Platão, Ptolomeu e tantos outros). Isso sem falar nos seus incontestáveis conhecimentos de cosmographia e mesmo de cartographia<sup>1</sup>.

É de um dos seus melhores biographos a observação de que, se Thevet vivera em nossos dias, teria possuído a mania do *bric-à-brac*. Sabe-se, realmente, que esse franciscano amava as suas "singularidades" com um sentimento quasi de pae, guardando-as, ciosamente, até a sua extrema velhice, como aconteceu, para citar apenas um caso, ao posante tacape de Cunhambebe. Mas, também não se deve esquecer que, quando era preciso cortejar os poderosos ou recompensar os amigos, esse seu amor logo se desmanchava todo, abrindo mão Thevet de suas ricas preciosidades com um desprendimento e uma generosidade mais de prodigo: os mantos de plumas de guará para o senhor de Troistieux, gentilhomen da casa do cardeal chancelier de França; os maracás para Nicolas de Nicolai, geographo da côrte real; as aves e sombreiros para o rei; as pelles de preguiça para

<sup>1</sup> *Les Sing.*, cit., f. 166. Cf. ainda Heulhard (*Villegagnon, Roi de l'Amérique*, etc., p. 109, Paris, 1897). "Thevet dessinait un peu, et c'est ce qui donne une certaine valeur aux images de ses livres".

J. Vieira Fazenda ("Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.*, t. 80, Rio, 1917, p. 539 sq.) critica a carta da bahia de Guanabara attribuida a Thevet, cuja data é de 1557. Essa carta foi vulgarizada pelo velho Mello Moraes (na *Chronica geral e minuciosa do Imperio do Brasil*) e, depois, por Paul Gaffarel (na *Histoire du Brésil Français*), isto é, respectivamente em 1871 e 1878. Acha Vieira Fazenda que das três ilhas localizadas à entrada da barra, duas foram tragadas por algum catacysmo ignorado; que a Lage ficou fora do lugar; que, enfim, a Ville-gagnon tomou proporções exaggeradas. Mas, é preciso notar que essas observações são um tanto apressadas. Examinando-a attentamente, vê-se que a carta de Thevet foi desenhada tendo-se em vista as leis de perspectiva, isto é, como se a carta fôra desenhada do alto de um monte. Uma photographia aerea, se diria hoje. E é natural que os três ilheus da ante-barra, — talvez as ilhas hoje chamadas de Cotunduba, Pae e Mãe, — localizadas no primeiro plano, tomassem proporções aparentemente exaggeradas.

Muito mais defeituosa é a celebre carta de Vaulx de Claye, diffundida por Heulhard (ob. cit., p. 208 e 209). Também o autor da carta da bahia do Rio de Janeiro, a qual faz parte de um codice quincentista da Bibliotheca de Ajuda, — o *Roteiro de todos os signaes, conhecimentos, fundos, baixos, alturas, que há na costa do Brasil* (vj. *Hist. da Col. Port. do Bras.* III, Porto, 1924, p. 230 e 231), — incide em erros mais graves. E, todavia, o autor do citado codice desenhou a uma epocha em que se conhecia muito melhor o recanvo da Guanabara.

Conrad Gessner; as sementes raras para Philippe Melanchton. E isso sem falar nas conchas de todas as variedades e nas plantas de todas as especies, com que Thevet satisfizes a curiosidade dos amigos. Em suma, no homem do *bric-à-brac* não havia só o avaro; havia tambem o prodigo.

A contradicção, ou melhor, o contraste foi mesmo um traço bem accentuado na vida de frei André. Assim, o cosmographo, que ainda adopta o systema dos céus concentricos, o cartographo, que ainda emprega a technica medieval, o geographo, que ainda crê nos imaus attrahindo a ferragem dos navios, o philosopho, que ainda lê a *Melusine*, — é tambem o autor de theorias e hypotheses por assim dizer quasi actuaes. Hypotheses e theorias, que muitos sociologos modernos, com poucos reparos, não vacillariam em subscrever. Como, por exemplo, a da habitabilidade das zonas terrestres em geral: “Só nas regiões estercis (diz Thevet) não se pode viver, como tive occasião de verificar na Arabia Deserta e em outras regiões. Deus dotou o homem de meios necessarios para occupar qualquer parte do globo, — zonas frias, quentes ou temperadas”<sup>1</sup>. Ou como a da origem e antiguidade da agricultura, com a qual se colloca Thevet entre os precusores da escola historico-cultural, isto é, entre os adeptos do descontínuo das formas em que se processa a evolução social<sup>2</sup>. Quantos ethnologos contemporaneos — para dar mais outro exemplo — não apoiariam a sua theoria sobre a nudez dos selvicolas? “Em materia de vestes (diz o frade) os indios canadenses estão acima dos aborigenes sul-americanos, pois se cobrem com pelles de animaes selvagens, confeccionadas à sua maneira. Os pellos são conservados. Esse costume é, talvez, oriundo da necessidade de precaver-se o

<sup>1</sup> *Les Sing.*, f. 37.

<sup>2</sup> *Id.*, f. 113: “Entretanto, é mais fabuloso do que real dizer que a humanidade viva, primitivamente, como os animaes selvagens. Os poetas é que têm essa opinião, que alguns autores acolhem, como se vê em Virgilio, na primeira das suas *Geórgicas*. Creio antes nas Santas Escripturas, onde se faz menção dos trabalhos de lavoura de Abel e das offerendas que este fez a Deus”.

indio contra o frio e não de qualquer sentimento, ou idéia moral. Comó os demais indigenas americanos não se vêem obrigados por tal necessidade, andam todos nus, sem mostras de nenhum pudor”<sup>1</sup>.

É êsse seu temperamento tão cheio de contrastes que explica como, apesar dos cordões de franciscano, pôde Thevet tomar parte em uma expedição de calvinistas, ou em uma expedição pelo menos chefiada por um guerreiro de idéias religiosas no momento tão trefegas e indecisas<sup>2</sup>. Como também explica por que jâmais foi esse frade muito docil às

<sup>1</sup> *Id.* f. 153. Cf. H. Obermaier, *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad*, p. 103, Madrid, 1932; A. M. Hocart, *Les progrès de l'homme*, p. 106 sq., Paris, 1935; Robert H. Lowie, *Manuel d'anthropologie culturelle*, p. 85 sq., Paris, 1936.

<sup>2</sup> “Hypocrita, a fingir tolerancia religiosa para angariar colonos e adeptos ao seu committimento (escreve Ramiz Galvão. “O livro de Paul Gaffarel”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 102, p. 571 sq., 1927); ambicioso de glorias e quem sabe se de plantar as raizes de um principado; duro e violento, a ponto de investir em pessoa contra Dubourdel, quando este teve a audacia de insistir em suas opiniões calvinistas; desleal e falsario, que não duvidou assentir na retirada dos genebrinos para a França, a bordo do *Jacques*, mas fazendo-os acompanhar de uma vil denuncia, que os podia levar ao garrote ou à fogueira, naqueles tempos de perseguição religiosa; enfim, desigual no trato e nas opiniões, e, sobretudo, arrebatado e cruel por natureza e educação; — Villegagnon era isto, e o sr. Gaffarel o confirma, ainda que uma vez ou outra não deixe de suavisar as linhas do perfil, fazendo sentir a suspeição dos autores protestantes, que de facto escreviam a este respeito com certa paixão”.

É verdade que com esse conceito não concordam, porém, algumas testemunhas insuspeitas da epocha, inclusive Anchieta. Pelo menos no que diz respeito às relações de Villegagnon com os indigenas. Villegagnon (affirma o celebre jesuita) “castigava mui rijamente e creio que com pena de morte os que peccavam com as indias pagãs”. E acrescenta: “Era muito zeloso de se guardar a fé catholica, mas como não podia com tantos dissimulava até ver se podia fazer a sua” (*Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões*, p. 311, Rio, 1933). Por outro lado, Heulhard (ob. cit., p. 103 sq.) defende Villegagnon de qualquer idéia relacionada com a vinda dos calvinistas no Brasil. Mas, o certo é que Villegagnon correspondia-se com Calvino, — tendo sido a sua celebre carta, scripta primitivamente em latim, divulgada por Léry (hoje se conserva numa bibliotheca de Genebra). Com espirito, observa Capistrano de Abreu que Villegagnon “no Brasil foi protestante a seu modo, antes de decidir-se pelo dogma catholico, de que não mais divergiu no resto de seus dias” (Cf. *Hist. Geg. do Bras.* do Vic. de Porto Seguro, I, p. 376, São Paulo, 3.<sup>a</sup> ed., s/d.).

O facto de os colonos franceses preocuparem-se com o ensino do trabalho manual, entre os indigenas, está também indicando que a gente sob a guarda de Villegagnon era constituída, em sua maioria, por protestantes, entre os quaes o gosto por esta atividade parecia ser mais congenito do que entre os catholicos. A observação é de Gilberto Freyre (cf. *Um engenheiro francês no Brasil*, p. 28, Rio, 1940).

regras da ordem, ou muito dado às questões theologicas. Assim o demonstrem, pelo menos, muitos episodios de sua vida, sendo o mais conhecido aquelle de sua prisão em Espanha<sup>1</sup>.

\* \* \*

André Thevet tomou, ainda bem moço, o habito de franciscano (*cordelier*). Mas, embora compromettido com os estudos de theologia, sua attenção estava toda voltada para as sciencias profanas. Attrahido, pois, para as sciencias profanas, devorou numerosos livros de historia natural e de geographia e, em seguida, avido por conhecer os países estranhos, dos quaes lhe falavam taes livros, obteve permissão para viajar. Dahi em diante, passou uma boa somma de annos a percorrer o mundo (a Italia, a Grecia, Chio, Constantinopla, Chypre, a Asia Menor, Rhodes, o Egypto, a Arabia, a Palestina, o Libano, Malta). E era com os amigos — muitas vezes até amigos de ultima hora — que Thevet obtinha auxilio para as suas longinquas viagens de *globe trotter*. Os amigos, aliás, tiveram uma grande parte na vida de Thevet. Foram os amigos que lhe deram tudo: o cardeal de Lorena, que facilitou sua visita ao Oriente; outro cardeal, o de Sens, que o ajudou na impressão de suas obras; o embaixador genovês, que o conduziu à Constantinopla; o sabio Pierre Gyllius, que o levou à Chalcedonia; Villegagnon, que o transportou ao Brasil; a rainha Catharina de Medicis, que o nomeou seu esmoler; o presidente Bourdin, que lhe franqueou a biblio-

<sup>1</sup> ...: "attendu que estant à Seville, certains imposteurs, sous pretexte que lon me trouva à dix heures du matin au lict, iour de Saint Thomas, me menerent lié et bagné devant un d'iceux [refere-se aos inquisidores-da-fé], cians que n'estois Lutherien, et que ce iour ic n'auois esté à la messe, sans auoir esgard que s'estois arriué le soir au parauant en ladictte ville, fasché et rompu de la tempeste et ondes marines. Vray est que, comme estant prest à partir, pour estre conduit en la prison obscure, s'eusse devant la compaignie tiré un agnus Dei, enchassé en or, et une petite croix de bois rouge, faite à la grecque que j'auois apportée de Hierusalem, cela fut occasion de ma deüerance, moyennant aussi ledit agnus Dei, que me print ce gentil inquisiteur, qui me comanda de vuidier bientost la ville, sur peine d'estre attainé du crime, dõt lon m'aceusoit" (*Cosmographie Universelle*, II, f. 491; cf. *Les sing.*, p. VIII da ed. de 1878).

teca; o poeta Dorat, que o pôs em contacto com os litteratos da Pleidade. É verdade que os amigos, a quem Thevet melhor estimava, eram os navegantes e exploradores das terras excentricas, desde o mais humilde piloto das Indias até os capitães do renome e da gloria de Cartier.

Só em 1554 Thevet retornou à França, onde mandou imprimir a narração de sua accidentada viagem ao Oriente<sup>1</sup>. E o seu engajamento na frotilha de Villegagnon foi uma consequencia logica das coisas. Thevet, como se poderia dizer hoje em dia, *tinha feito a sua cama e nella se achava confortavelmente deitado*. A *Cosmographie du Levant* consagra-o como geographo e narrador de viagens. Além disso, é possível que o trefego monge houvesse participado de uma expedição mysteriosa ao Brasil, ahi por volta do anno de 1550, facto esse que passou despercebido a Gaffarel<sup>2</sup>. De qualquer modo, por um motivo ou por outro, vamos encontrar o autor das *Singularidades* no cargo de esmoler do almirante francês, diz-se que por indicação do cardeal Carlos de Lorena, sobrinho de seu primeiro e homonymo protector. O proprio rei não teria sido indifferente à participação do frade na viagem. Pelo menos, é o que affirma Thevet, com aquelle seu jeito muitas vezes obscuro e ambiguo de escrever<sup>3</sup>.

A frotilha de Villegagnon, composta de três navios — dois artilhados e um de provisões — deixou o Havre pela tarde de doze de julho de 1555. Tempestades forçaram os barcos a tornar à França, isto é, a Dieppe, onde a reparação dos navios durou quasi um mês. Muitos gentishomens, ope-

<sup>1</sup> A *Cosmographie du Levant*, Lyon, 1554, in-4.º, impressa na casa de J. de Tournes. Em 1556, J. de Tournes deu uma segunda edição da obra (in-4.º, com gravuras em madeira); no mesmo ano, a *Cosmographie du Levant* era impressa em Antuerpia, em casa de J. Richard (in-8.º, com gravuras).

Esse livro foi dedicado a F. de la Rochefoucauld, que mais tarde abraçou o protestantismo e pereceu no massacre de São Bartholomeu.

<sup>2</sup> Cf. o cap. LX, nota correspondente. Isso vem mostrar que Gaffarel, apesar de referir-se no mss de Thevet, — *Histoire d'André Thevet Angoumoisín, cosmographe du Roy, de deux voyages par lui faits aux Indes australes et occidentales*, — não o leu, ou, pelo menos, não o compulso.

<sup>3</sup> *Les Sing.*, f. 2.



rarios e soldados, impressionados com o acontecimento, abandonaram a empresa. Afinal, a catorze de agosto, partiram definitivamente as naus.

A rota é a seguida pelos velhos marujos, — a Mancha, o golpho de Biscaya, as costas de Espanha e de Portugal, o cabo de São Vicente, Gibraltar, o littoral da Mauretania, a Madeira, as Canarias (ou ilhas Afortunadas), o Cabo Verde e a Guiné. Thevet, preocupado em mostrar sua erudição de geographo, faz longas digressões sobre as regiões costeadas pelos navios, referindo-se, a proporção que as descreve, aos escravos das ilhas Baleares, à pirataria do estreito de Gibraltar, à pratica do *corban* entre os mouros muçulmanizados da antiga Barbaria, à destruição da cidade portugueza de Santa Cruz (hoje Tlemcen), à industria açucareira das Canarias e aos doces da Madeira (que tinham, segundo o autor das *Singularidades*, o feitio de homens, mulheres, leões, passaros e peixes) <sup>1</sup>.

Foi depois da passagem das Canarias que as febres começaram a assolar a tripulação, tendo sido a capitanea a mais attingida, pois quasi toda a sua marinhagem adoeceu, morrendo cinco dos tripulantes, — pelo que Villegagnon se passou, cautelosamente, para outro barco. Nessa occasião tambem sobrevieram as tempestades, a ponto de o navio, em que viajava Thevet, por pouco não ter ido a pique.

Só a oito de setembro a esquadilha conseguiu alcançar o promontorio da Ethiopia (ou do Cabo Verde), de onde, de-

<sup>1</sup> Cumpre, aqui, referir um grave incidente occorrido a 1.º de setembro, após dezoito dias de viagem, sobre o qual, como é de estranhar, não diz Thevet uma palavra. Pretendia Villegagnon fazer aguada na ilha de Teneriffe, quando foi inopinadamente recebido a tiros de canhão. É verdade, como observa Gaffarel, que a França estava em guerra com a Espanha; mas o almirante francês não tinha demonstrado nenhuma intenção hostil.

A represalia deve ter sido terrivel, pois, em poucos instantes a artilheria naval provocou incendios não só na fortaleza, como na cidade. Viam-se crianças e mulheres, que fugiam em direcção ao campo. "*Si nos barques et bateaux eussent esté hors les navires, ie crois que nous eussions fait le Bresil em ceste belle isle*", — diz, com muito bom humor N. Barré testemunha presencial do acontecimento (cf. Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, p. 376, Paris, 1878).

pois, ventos contrarios a compelliram para o archipelago de nome identico. No archipelago do Cabo Verde, cujos natu-raes receberam prazenteiramente os franceses, teve o fran-ciscano oportunidade de observar a orcella (*Rocella tinctoria* Ach.), da qual, três seculos depois, ainda nos falam os naturalistas Spix e Martius<sup>1</sup>.

Chegou, então, a vez das calmarias, ali pelas alturas da Guiné. E, só à noite, ventos impetuosos, acompanhados de “chuvas pestilenciais”, varriam os navios; “*ceulx lesquels estoient mouillez de ladicté pluye, saubdain ils estaint couvertz de grosses postules*” (diz Barré), — signal de que o escorbuto já dizimava a equipagem. Ainda assim, não deixou Thevet de consignar algumas observações importantes, actualmente confirmadas pelos ethnographos, relativas às populações da Guiné (o trafico da malagueta e do marfim, a organização militar feminina, o *silent trade*, etc.).

A passagem da linha equinoccial deu-se a dez de outubro, proximo das ilhas de São Thomé, verificando o nosso frade que as aguas do mar, em tal paragem, eram mais doces. Isso devia ter ocorrido nas vizinhanças de um dos dois grandes rios africanos, o Niger ou o Congo, onde, na realidade, a salinidade marinha attinge à cifra media de uns trinta e poucos mms. Quanto à ilha da Ascensão, foi ella avistada dez dias depois, isto é, a vinte de outubro. Logo após a esquadrilha ter deixado essa ilha oceanica, começaram a ser vistas quatro estrellas, de admiravel brilho e grandeza, dispostas em forma de cruz, que ficavam, todavia, bem longe do polo antartico. “Os marujos, que navegam por essas paragens (observa Thevet), dão-lhe o nome de Carro”<sup>2</sup> Tratava-se do Cruzeiro-do-Sul e, por essa occasião, a expedição se encontrava perto do finisterra africano (pretexto para uma digressão a respeito do cabo da Boa Esperança, conhecido, tambem, segundo revelação do franciscano, pelo nome de

<sup>1</sup> *Viagem pelo Brasil*, I, p. 81, Rio, 1938.

<sup>2</sup> *Les Sing.*, f. 40.

*Leão do Mar*<sup>1</sup>. No derradeiro dia do mez, finalmente, a marinhagem avista as cumeadas da serra dos Aymorés (as montanhas de Croismouron), sentindo-se, mesmo antes de avistar-se o continente, um novo ar, — o ar odorante, o ar das arvores, das flores e das fructas, o ar abrasado e perfumado da terra estranha.

Foi num domingo, a dez de novembro de 1555, após uma ancoragem em Macahé e uma estadia em Cabo Frio, que Thevet alcançou a bahia do Rio de Janeiro. Também num domingo, a primeiro de setembro, avistou a expedição de Villegagnon o archipelago das Canarias e em outro domingo, dia oito do mesmo mês, o Cabo Verde. Ainda foi num domingo, a vinte de outubro, que a esquadilha chegou à ilha da Ascensão. A três de novembro, mais uma vez domingo, teve lugar a primeira ancoragem no Brasil (isto é, a arribada em Macahé). A travessia do Atlantico (a contar de catorze de agosto, data da partida definitiva) durara, pois, uns três meses. É verdade que a viagem de retorno foi muito mais penosa, tendo o frade navegado no comboio dirigido por Bois-de-Comte. Ficou esclarecido, assim, a participação do sobrinho de Villegagnon na expedição de 1555, circumstancia essa que parece ter escapado à maioria dos nossos historiadores<sup>2</sup>.

Bois-le-Comte, levando Thevet, de volta, em sua companhia, deixou a bahia de Guanabara a 31 de janeiro de 1556. Oito dias demorou-se a esquadilha no Cabo Frio (de onde, evitando os perigos da costa de Mahouac, tomou o rumo do norte) e dois meses foram gastos em dobrar o cabo de Santo Agostinho, — motivo pelo qual o franciscano fez uma referencia aos cajueiros do nordeste e ao fortim chamado de Cas-

<sup>1</sup> Ainda hoje, de facto, as collinas, que servem de contraforte à cadeia de Olifant, têm o nome de *Montes do Leão*. A Cabeça do Leão (*Lions Head*) tem a altura de 726 ms. e olha soberbamente para o mar. Sallustio Alvarado e outros, "África", em *Geographia Universal*, IV, p. 373, Barcelona, 1930; É. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, XIII, p. 434, Paris, 1888.

<sup>2</sup> Capistrano de Abreu já havia observado que Bois-le-Comte não fizera outra coisa, durante annos, senão viajar entre a França e o Brasil (nota à p. 415 da *Hist. Ger.* de Porto Seguro, I).

telmarim, isto é, a *Marini* de Duarte Coelho. Em seguida, a esquadilha abordou à ilha dos Ratos, ou seja ao archipelago de Fernando do Noronha. A linha equinoccial foi cruzada a primeiro de abril e, dahi avante, Bois-le-Comte seguiu uma penosa derrota, costeando, ao sabor das correntes, quasi todo o continente americano (o Panamá, as Antilhas, a Florida, as Bahamas), de onde, afinal, quasi à altura da Terra do Bacalhau, seguiu em direitura aos Açores e ao cabo Finisterra, em Espanha.

Durara mais de quatro meses a viagem de regresso.

\* \* \*

Quando Thevet chegou à França, de volta do Brasil, já estava, ao contrario do que suppõe Gaffarel, com a sua obra quasi toda concluida. E é possivel que a fizesse mesmo a bordo, no decurso da viagem, tendo provavelmente escrito algumas das suas paginas no Brasil<sup>1</sup>. A azafama em dar publicidade ao trabalho foi tão grande que o nosso cosmographo, adoecendo ao desembarcar, nem sequer teve tempo de rever as provas, pois a primeira impressão das *Singularidades da França Antarctica* é de 1557<sup>2</sup>, conforme esclarecen o velho J. C. Rodrigues, que conseguiu adquirir um exemplar da edição *princeps* entre os livros do "finado Felix Ferreira". Esse exemplar, apesar de bichado, avaliou-o aquelle bibliographo em £ 60<sup>3</sup>. O livro de Thevet, ao ser publicado em

<sup>1</sup> *Les Sing.*, f. 15 e 166.

<sup>2</sup> Se não é de 1556, segundo o affirmam alguns autores Gaffarel, que não conheceu a edição de 1557, supponha ser a primeira a de 1558.

<sup>3</sup> Cf. a *Bibliotheca Brasiliense — Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil*, p. 601, Rio, 1907. A edição de 1557 tem o seguinte titulo: LES | SINGVLARI. | TÉZ DE LA FRAN. | CÉ ANTARCTIQVE, AV. | TREMENT NOMÉE AMÉRIQUE; & DE | PLUSIEURS TERRES & ISLES DE. | COUVERTES DE NOSTRE | TEMPS. | Par F. André Thevet, natif d'Angoulesme. | (Armas gravadas em madeira) A Paris | Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos | Bruneau, à l'enseigne S. Claude. | 1557. | Avec Privilege du Roy. | In-4.º; tit., 1 f., tendo no v. o *Privilege*; *Épître* ao cardeal de Sens, odes, pref., etc., 7 fls. não num.; texto, 1-166 fls. num. só na frente, com 38 gravuras em madeira; *Table*, 2 fls. não num. — A 2.ª ed. appareceu tambem em Paris, impressa na mesma casa (in-4.º, 1558, 9 grav.); a 3.ª em Antuerpia (in-8.º, 8 fs. de introd., 163 fls. de texto, 1 f.

# LES SINGVLARITEZ DE LA FRAN.

CE ANTARCTIQUE, AV-  
tremment nommée Amerique:& de  
plusieurs Terres & Isles de-  
couuertes de nostre  
temps.

*Par E. André Theuet, natif d'Angoulême.*



A PARIS,

Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos  
Bruneau, à l'enfeigne S. Claude.

1558.

**AVEC PRIVILEGE DV ROY.**

2. *Fac-simile de titulo de Les Singularitez de la France Antarctique*  
(edição de 1558).

França, constituiu mesmo uma novidade para a epocha, não só porque o assumpto seduzia o promedio dos leitores, como por causa da sua bella impressão, com numerosas vinhetas e

de indice, 1558); e a 4.<sup>a</sup> em 1878 (Paris, com prefacio de Gaffarel e notas ou commentarios do mesmo autor). As *Singularidades* foram traduzidas em italiano, por G. Horolloggi, *Historia della India America, detta altrimenti Francia Antartica di M. Andrea Thevet*, etc., Veneza, Gab. Giolito de Ferrari, in-8.<sup>o</sup>, 1561 (essa traducção foi reeditada em 1584, in-8.<sup>o</sup>, Veneza).

Não se conhece bem o autor das xylogravuras das *Singularidades*, que alguns attribuem a Assuérus van Londerzeel e outros a J. Cousin.

O original dessa obra, segundo F. Denis, encontra-se na Bibliotheca Publica de Paris. Barbosa Machado, iludido pela versão italiana, attribue a André Thevet, a quem chama de André de Telve, nacionalidade portugueza.

É de Capistrano de Abreu a observação de que o termo *Singularidades*, na linguagem do tempo, correspondia à monografia. Não sei, porém, onde esse historiador foi buscar tal explicação para o titulo da obra de Thevet. Por *Singularidades* quis referir-se o seu autor às coisas exquisitas, hizarras, exóticas, não existentes ou pouco conhecidas na Europa e, nesse sentido, emprega o termo nada menos de dezoito vezes, quinze no texto, duas no alto dos capitulos e uma à margem (fls. 3, 16, 25, 27, 28, 38, 40, 45, 47, 61, 90, 91, 96, 105, 137, 138, 142 e 158).

Além das duas obras já citadas, *Cosmographie du Levant* e *Les Singularités de la France Antarctique*, os principaes trabalhos de Thevet são os seguintes:

1. — *Discours de la Bataille de Dreux avec le portrait d'icelle* (Paris, 1563, in-8.<sup>o</sup>).

2. — *Cosmographie universelle illustrée des diverses figures des choses les plus remarquables veues par l'auteur, et incogneüs de nos anciens et modernes* (Paris, Pierre l'Huilier, 1575, 2 vols.). O primeiro com 18 fls. de prefacio, 407 fls. de texto, 12 de indice e 88 cartas e gravuras; o segundo com 3 fls. de introdução, 558 de texto, 22 de indice e 120 cartas e gravuras. Em 1858, o principe A. Galitzin destacou os trechos relativos à Russia, que publicou com o titulo de *Cosmographie moscovite*, incluindo numerosos commentarios ou notas (in-6.<sup>o</sup>, São Petersburgo).

3. — *Les vrais portraits et vies des hommes illustres, Grecs, Latins et payens, anciens et modernes* (Paris 1584, 2 vols., com 219 retratos ao todo) A 2.<sup>a</sup> ed. é de 1670-1671, grandemente augmentada, sob o titulo *Histoire des plus illustres et savants hommes de leurs siècles* (8 vols., in-12.<sup>o</sup>).

Gaffarel conseguiu ainda descobrir, na bibliotheca imperial da rua de Richelieu, varios mss de Thevet. Eis a sua indicação:

a) *Le grand Insulaire et Pilotage* (Cat. — 15.452-15.453);

b) *Description de plusieurs Isles* (Cat. — 17.174);

c) *Histoire d'André Thevet Angoumoisain, cosmographe du Roy, de deux voyages par lui faits aux Indes australes et occidentales. Contenant la façon de vivre des peuples Barbares, et observations des principaux points que doivent tenir en leur route les Pilotes et mariniens, pour éviter le naufrage, et autres dangers de ce grand Ocean, avec une reponse aux libelles d'injures publiées contre le chevalier Villegagnon* (Cat. — 15.454);

d) *Second voyage dans les mêmes pays* (Cat. — 17.175);

e) *Quinzieme livre de la naturelle et générale description des Indes* (Cat. — 19.031);

f) *Traduction de l'itinéraire de Benjamin de Tudele* (Cat. — 5.646);

g) *Description de tout ce qui est compris sous le nom de Gaule* (Cat. — 4.941).

gravuras em madeira, notando Gaffarel que, a esse tempo, os trabalhos em *taille-douce* não tinham ainda sido introduzidos nas oficinas de Paris. Thevet, aliás, vangloria-se de ter attrahido à capital francesa os primeiros artistas gravadores: "*J'ai attiré de Flandre les meilleurs graveurs, et, par la grace de Dieu, ie me puis vanter estre le premier que ai mis en vogue à Paris l'imprimerie en taille douce*".

Que as *Singularidades da França Antarctica* foram bem recebidas pelo publico, são uma prova disso as suas successivas edições. Tal exito, todavia, teve a duração do fogo de palha, pois o bondoso frade foi logo accusado de phantasiar as historias, que contava. Três seculos e meio depois, ainda era essa a reputação de Thevet<sup>1</sup>, mesmo para alguns escriptores do renome de Capistrano de Abreu<sup>2</sup>, de Oliveira Lima<sup>3</sup> e de Gilberto Freyre<sup>4</sup>.

Comprehendendo melhor a obra do autor das *Singularidades*, acha Gaffarel que Thevet, embora descrevendo fielmente tudo o que observou em pessoa, tem, não obstante, a tendencia para o exaggero. E, quanto aos factos, de que não foi testemunha, ou nos quaes não tomou parte, é que o frade cae em falta grave, devido à sua facilidade em aceitá-los sem o menor exame. Dahi, as historias para embalar meninos e os absurdos, de que se resente sua obra.

<sup>1</sup> "Apesar de muitissimo interessante, a obra de Thevet é compendiada com dois terços de fabuloso e com um terço de real. Agradavel livro de aventuras em países desconhecidos, está longe de ser *historia* (J. C. Rodrigues, *ob. cit.*, p. 602).

<sup>2</sup> "Nota-se nelle um mixto de observação, de credulidade e de invencio-nice, que algum compatriota seu poderia clarificar, apurando seus manuscriptos ineditos que ainda existem" (cf. a *Historia do Brasil* de fr. Vicente do Salvador, ed. de 1918, São Paulo e Rio, nota à p. 146).

<sup>3</sup> "... *but there is a good deal of fiction coupled with history*" (*Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America*, p. 22, Washington, 1926).

<sup>4</sup> "De frei André Trevet nem é bem falar. Convém ler o seu livro, mas como se lê um romance" (*Casa Grande & Senzala*, p. 82, 3.<sup>a</sup> ed., Rio, 1938).

Tive a surpresa de verificar, entretanto, que uma altíssima percentagem das informações prestadas por Thevet, — sobretudo, os dados de ordem ethnologica e de ordem historica, — são reaes. E mesmo os factos não observados directamente por aquelle viajante, como é o caso, por exemplo, da viagem de Orellana. Embora, como é de esperar, algum tanto falha (pois Thevet a transmite através dos depoimentos oraes dos marujos e viajantes da epocha), nem por isso a narrativa da viagem de Orellana, em muitos aspectos, deixou de ser confirmada pelo relatorio sincero e fiel de Gaspar de Carvajal<sup>1</sup>. O que prejudicou, em grande parte, a obra de André Thevet foram os defeitos de sua formação intellectual, conforme tão bem o observou Almir de Andrade, — o pedantismo litterario tão commum no seculo XVI, a mania de fazer polemica a pretexto das menores coisas, a citação, a cada passo, dos philosophos gregos e latinos e a falta de senso critico<sup>2</sup>. Mas ao ethnologo (por mais que isso possa arrear a pelle do leitor), pouco importa a mediocridade do observador. Por outras palavras, o ethnologo quer saber apenas se os factos observados são reaes, abstrahindo delles a deformação operada pelos commentarios do moralista, ou pelos reparos do critico superficial. Esse, aliás, é o pensamento de A. Métraux, que, por não o ter bem explanado, parece ter causado estranheza a Almir de Andrade<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vj. a traducção recente de C. de Mello Leitão, collecção "Brasiliana". São Paulo, 1941, acompanhada do *Novo Descobrimento* de Acuña e de uma relação anonyma attribuida ao jesuita Alonso de Rojas.

<sup>2</sup> *Formação da Sociologia Brasileira*, I, p. 201 sq., Rio, 1941.

<sup>3</sup> *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, p. 2, Paris, 1928. A phrase, aparentemente contradictoria, é a seguinte: "Ce "cosmographe", dont l'erudition était considérable, ne semble pas avoir été doué d'un esprit critique comparable à celui de plusieurs des voyageurs contemporains. Cette insuffisante intelligence garantit l'excellence de ses informations. Il observait tout et, comme tout l'étonnait, il notait tout, sans se soucier des contradictions ou absurdités des renseignements qu'il obtenait" (ib). Em summa, os observadores menos credulos querem, muitas vezes, corrigir as suppostas ou apparentes contradicções do seu informante. E isso, quasi sempre, constitue um erro maior do que o do simples registro, embora acômparhado do comentario superficial ou pretencioso.



Expurgada de seus Aristoteles e de seus Plínios, posto de lado o moralista ingenuo e simplorio, abstraindo-se o estylo não raras vezes obscuro e prolixo. — nem por isso a obra de Thevet deixa de ser muito util e interessante. Um americanista como A. Métraux já fez ver que as melhores fontes para o conhecimento das crenças religiosas dos tupinambás são os livros de Thevet, sobretudo no que diz respeito aos mythos recolhidos e publicados no volume segundo da sua *Cosmografia Universal*<sup>1</sup>. Relativamente às *Singularidades da França Antarctica*, pertence a Gaffarel (de quem já se conhecem as restricções) a observação de que esse livro, apesar dos defeitos, pode ser lido correntemente. E remata — o material é tão curioso e novo que o fundo acaba sempre conseguindo relevar a forma<sup>2</sup>. É conhecida a opinião de que os estudos sobre a anthropophagia ritual dos tupinambás estariam incompletos sem a obra de Thevet. E, do mesmo modo (acrescentarei), o estudo dos pagés, o das operações bellicas, o das praticas mortuarias, o das doenças e o de certos aspectos da civilização material dos indigenas do Brasil. Isso sem tocar na materia de outra ordem, — as informações sobre os animaes e plantas nativas no país.

Como se sabe, é de Thevet uma das descripções mais antigas do tucano, com o seu papo de frouxel amarello e o seu bico monstruoso, quasi tão grande quanto o proprio corpo. Logo, a figura dessa ave, juntamente com o seu nome,

<sup>1</sup> Fis. 913 e sq.; transcriptos por A. Métraux, ob. cit., p. 225 sq. A theogonia de Thevet é, tambem, de muito valor para F. Denis, que a reeditou, acompanhada de notas, no livro *Une fête brésillienne célébrée à Rouen en 1550*, etc., Paris, 1850. Julga F. Denis que as fontes informativas do frade foram Villegagnon (segundo revelou Pierre Richer) e um prisioneiro português malagrosamente salvo da morte. Fiz um estudo desses mythos, em *Os indigenas do nordeste*, II, p. 185-206, São Paulo, 1938.

<sup>2</sup> "Aussi bien Thevet n'a jamais recherché la réputation d'écrivain. Il ne voulait que satisfaire la curiosité des savants, et il y a pleinement réussi. Sans les Singularitez de la France Antarctique, une foule de particularités précieuses sur l'Amérique n'aurait pas été préservées de l'oubli. Quand nous aurons fait la part de la fantaisie, nous trouverons que celle de la réalité est encore fort considérable, et nous comprendrons que des hommes éminents n'ont pas hésité à lui donner leur approbation" (*Les Sing.*, p. XXI da ed. de 1878).

correu mundo, attrahindo a atenção dos naturalistas (naquelle tempo se diziam os *philosophos*):<sup>1</sup>. Tambem foi Thevet quem talvez primeiro descreveu a cutia<sup>2</sup>, — animalzinho do tamanho de uma lebre mesclada, pello duro como o do javali, glabro no dorso, de pé bifurcado qual o do porco, que vivia exclusivamente de fructas e cuja carne era muito apreciada pelos indios. Isso, por exemplo, quanto aos animais. Das plantas divulgadas inicialmente pelo frade a mais conhecida é o *agahy*, tambem vulgarmente chamada *chapéu-de-napoleão*, cujo caroço, da grossura de uma castanha commum, tem a forma de um delta grego e servia para a fabricação das campanulas usadas pelos selvagens às pernas. O *agahy* é venenoso e tem quasi a altura da pereira, sendo as folhas, perennalmente verdes, de três a quatro metros de comprimento. “A casca (acrescenta textualmente Thevet) é esbranquiçada. Quando se decepa algum dos seus galhos, deita um succo tambem branco, quasi de côr do leite. A arvore, cortada, exhala um cheiro estranhamente fetido”. Como se vê desse resumo, Thevet descreveu satisfactoriamente a celebre apocynacea (no texto, *Ahouai*), observando a drupa obovoide-trigona, o succo lactescente e a sua qualidade de planta toxica, motivo porque tomou ella o nome de *Thevetia ahouai* DC<sup>3</sup>. Aliás, essa qualidade para botanico já foi notada por F. C. Hoehne, o qual afirma que Thevet descreve admiravelmente a brejauba e, ao contrario de Léry, não a confunde com o ebano<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> “Parece ter sido Thevet... quem primeiro descreveu a ave, dando-lhe o nome indigena” (Fernão Cardini, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, nota de Rodolpho Garcia à p. 121, Rio, ed. de 1925). Há noticias de que Oviedo tratou da ave, de modo generico. Cf. o cap. XLVII, nota correspondente.

<sup>2</sup> Rodolpho Garcia, “Glossario das palavras e phrases da lingua tupi contidas na *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnon et terres circonvoisines* do padre Claude d'Abbeville”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 94, vol. 148, p. 16, Rio, 1927.

<sup>3</sup> É sobretudo do chapéu-de-napoleão (*Thevetia peruviana* Schum.) que se extrahem a “thevetina” e a “theveresina”, ambas igualmente toxicas, com acção directa e rapida sobre o musculo cardiaco. Cf. M. Pio Correia, *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*, II, p. 216, Rio, 1931.

<sup>4</sup> *Botanica e Agricultura no Brasil (Seculo XVI)*, p. 124 e 125, São Paulo, 1937.

E' ainda opinião dos entendidos que foi o autor das *Singularidades* quem deixou a primeira e a melhor noticia do processo de fabricar a tinta do jenipapo, tão usada pelos tupinambás nas cerimoniaes de anthropophagia ritual e em outras mais das suas actividades importantes. Como tambem são de Thevet os melhores estudos quanto a alguns especímenes da nossa flora e da nossa fauna. O do javali, por exemplo, pois nem sequer deixou o franciscano de mencionar o batido rapido dos dentes da fera, quando esta se assanhava. E o da preguiça, que alguns consideram de magistral: animal disforme, do tamanho de uma bugia grande da Africa, o ventre quasi arrastando pelo chão, a face parecida com a de uma criança, de pelle acinzentada e velluda (refractaria à agua), pés munidos de três unhas semelhantes às espinhas da carpa (com os quaes trepa nas arvores, onde vive mais do que em terra). Esse animal, quando apanhado (observa Thevet) solta suspiros que só menino quando sente dor. Outra coisa digna de nota "é que ninguem jámais viu comer a esse animal. muito embora os selvagens. . . o tenham tido sob observação durante muito tempo", acreditando algumas pessoas, porém, que a preguiça vive somente das folhas da umbauba (*Amahut* no texto), onde ordinariamente vive. E' verdade que o ingenho cosmographo, illudido pela abstinencia, que mostra a preguiça ao deslocar-se de seu *habitat*, deu versão à lenda amerindia de que a preguiça não se alimentava, ou, pelo menos, ninguem a tinha visto comer <sup>1</sup>.

O cajú mereceu tambem do citado franciscano uma das suas melhores dissertações, não esquecendo elle de mencionar a forma de rim do fructo propriamente dito, o sabor da cas-

<sup>1</sup> Léry, embora menos credulo, tambem repete a lenda: "*Mais au demeurant (chose qui me semblera possible fabuleuse) j'ay entendu non seulement des Sauvages, mais aussi des truchemens qui auoyent demeuré long-temps en ce pays-la, que jamais homme, ni par les champs, ni à la maison ne vid manger cest animal: tellement qu aucuns estiment qu il vit du vent*" — *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*, ed. de Antoine Chuppin, 1585 (Genebra), p. 154. Ainda em Gabriel Soares de Sousa (*Tratado descriptivo do Brasil*, p. 302, 3.<sup>a</sup> ed., São Paulo, 1938): "e acontece muitas vezes tomarem os indios um destes animaes e levarem-no para casa, onde o têm quinze e vinte dias, sem comer coisa alguma".

tanha assada e até o gosto de sorva meio madura, isto é, o gosto rançoso do succo extrahido do pendunculo.

Offerece Thevet, ainda, importantes subsidios para o estudo nosologico das populações primitivas do Brasil, salientando-se, sobretudo, as suas notas, em primeira mão, a respeito do *pian*, ou bouba. Sabe-se mesmo que sua contribuição constituiu uma das fontes para os trabalhos de Raspail.

Essa aptidão para fixar as características mais importantes das plantas e dos animais da natureza brasilica parece ter sido bem aproveitada por um escriptor intellectualmente superior a Thevet. Trata-se de J. de Léry. E' estranho mesmo a frequente analogia, nesse particular, existente entre os dois autores rivaes, — analogia até nas expressões e no encadeamento da materia. Tal semelhança ocorre, sobretudo, nas descripções da tartaruga, do tamoatá, do ananás, do canindé, do tiê-sangue (*panou*), do beija-flor, da preguiça, da cabaceira, da batata-doce, da brejauba, do cajú e do agahy<sup>1</sup>. Dahi o dizer-se que foi Thevet, durante toda a sua vida, mais do que um explorado. Foi um roubado. Elle, que era de um raro escrupulo e de uma rara probidade literaria. A observação é de Gaffarel, que accrescenta: "*Sur la fin de*

<sup>1</sup> Cf. os caps. XIV, XXIV, XLVI, XLVIII, LII, LIV, LVIII e LXI, notas correspondentes. Essa pilhagem não passou despercebida a Heulhard (p. 122) e a Hoehne (*Bot.*, p. 135). Comparando o cap. LIX das *Singularidades* com o cap. XIII da *Historia* de Léry, nos quaes ambos os escriptores se occupam do pau-brasil e de outras madeiras do pais, Hoehne teve a impressão de que este ultimo se estribara no trabalho de Thevet, "tal a concordancia e ordem das materias". Mesmo quando Thevet commette o erro de descrever a *gerahuua* e a *iry* como duas diferentes arvores, sendo ellas, na realidade, uma só, esse erro é tambem repetido por Léry (cf. a p. 188).

A esse proposito, convém chamar a attenção dos estudiosos para a gravura da preguiça, que se vê numa das edições das *Singularidades*, a qual serviu, segundo parece, de modelo para a preguiça desenhada em uma das estampas da obra de Léry. No livro de Ambroise Paré, *De la génération de l'homme — Des monstres* (Paris, 1573, in-8º), — lá surge, mais uma vez, a preguiça rascunhada por Thevet.

Affonso Arinos de Mello Franco (*O indio brasileiro e a Revolução Francesa*, p. 184, Rio, 1937), comparando os livros dos dois chronistas, teve tambem a "impressão de que o protestante, que publicou o seu mais tarde, tirou muita coisa do catholico, apesar do odio e do desprezo que lhe votava". É tambem de Affonso A. de M. Franco a observação de que a obra de Thevet foi uma das fontes para o estudo de Montaigne (*ib.*, p. 183 a 185).

*sa vie il était tellement habitué à ces plagiats qu'il s'étonnait naïvement quand, par hasard, on le citait*".

É já que estou falando de roubo, lembro, aqui, as queixas de Thevet a respeito de Nicot, ao qual Afranio Peixoto, com felicidade, chama o *Vespuccio do tabaco*<sup>1</sup>. "*Le me puis vanter (escrevia o frade) auoir esté le premier en France, qui a apporté la graine de cette plante, et pareillement semée, et nommé ladite plante, l'herbe Angoumoisine. Depuis un quidam, qui ne fait jamais le voyage, quelque dix ans apres que je fus de retour de ce país, huy donna son nom*".

Léry (é bom notar) não soube ser reconhecido ao cosmografo, de quem surripicara tão boas notas, tornando-se, ao

<sup>1</sup> *Historia do Brasil*, p. 70. Porto e Lisboa, 1940. — Essa questão afirma-se-me, aliás, de somenos importancia. É sabido que Thevet levou para a França, em 1556, amostras de *Nicotiana tabacum* L., à qual pretendeu baptizar com o nome de *herbe angoumoisine* (em homenagem à sua terra natal). Nicot só teve conhecimento dessa planta posteriormente, em Portugal, para onde fôra a occupar o cargo de embaixador (a sua nomeação de ministro data de 1559, tendo sido lavrada por Francisco II).

Em Portugal, portanto, já se conhecia o tabaco, o que vem confirmar a informação de Damião de Goes (*Chronica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manuel*, etc., p. 69, Lisboa, 1747), a saber, que foi Luis de Goes quem introduziu o tabaco na Europa. Luis de Goes veio para o Brasil em companhia de seu irmão Pero, donatario da capitania da Parahyba do Sul. O erro de Thevet, ao que parece, foi não ter alcançado o valor economico ou comercial da planta. Thevet, nesse particular, só tinha olhos de litterato, embevecido no puro prazer intellectual da sua *singularidade*; Nicot, arguto, enxergou mais ouge. Demais, a sua posição de embaixador proporcionou-lhe um contacto com o mundo official, que o outro, nesse tempo, mero protegido dos poderosos, não poderia ter.

Léry (p. 202 e 203) é de opinião que o *petun*, usado pelos indios da bahia de Guanabara, nada tem que ver com a *Nicotiana*, ou erva da rainha, enviada à soberana de França por Nicot. A erva de Nicot era originaria da península da Florida, não se assemelhando ao *petun*, como teve occasião de verificar pessoalmente. O mesmo quanto à *herbe angoumoisine*, pois se o desenho, que se vê na *Cosmographie Universel*, é o do *petun*, então a planta de Thevet tambem não deve ser o tabaco usado pelos tupinambás. Martius, por isso, chegou a pensar que a planta vinda da região antilhãna seria a *N. Langsdorffii* Weim.

Hoehe, porém, não tem duvidas de que a especie descripta por Thevet seja a *N. tabacum* L., nativa no Brasil (*Bot.*, p. 118 sq.): "Nas regiões recentemente desbravadas pela Comissão Rondon, na Serra do Norte, no extremo Matto Grosso, encontramos, em 1909 e 1911, varias aldeias indigenas, tendo alguns pés de *Nicotiana tabacum* L. nas immediações, e, como essas tribus não tiveram relações amistosas com os civilizados, acreditamos que taes plantas devem ser ainda reliquias das primitivas culturas, que, por occasião da descoberta do Brasil, os indios possuíam dessa especie".

contrario, um dos seus mais rancorosos inimigos. F' certo, porém, que muitas das criticas ou accusações desse theologo calvinista não devem ser levadas a serio. Algumas são filhas do sectarismo e outras, conforme pude verificar, não têm fundamento solido <sup>1</sup>. Mesmo porque o autor da *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Bresil* não era infallível, pois Gaffarel e Sergio Milliet chamaram a attenção para alguns dos seus erros ou enganos <sup>2</sup>. Acrescentarei mais alguns: Thevet, *v. g.*, ao contrario de Léry, não confunde o ebano com o guaiaco, ou com a brejauba, nem mostra incerteza quanto à duplicidade da Tenerife e da Grande Canaria.

\* \* \*

Qual era o conceito subjectivo, quaes eram as idéias de Thevet sobre o *selvagem* <sup>3</sup> brasileiro?

Embora, em virtude do acolhimento, fosse lisongeira a primeira impressão causada ao franciscano pelos indigenas,

<sup>1</sup> Cf. o leitor os caps. XIV. XXIV, LIII, LIV e LX.

Um exemplo typico é o caso da mastigação do milho (ou aipim, mandioca, etc.), destinado ao preparo do cáuim, por parte das moças virgens, que Léry nega, affirmando não haver distincção entre mulheres donzellas e casadas. Todavia, Pero de Magalhães Gandavo (*Tratado da Terra do Brasil*, p. 51, Rio, 1924) testemunha: "e depois de cozida mastigão-na humas moças virgens". Tambem Hans Staden ("Então as moças assentam-se ao pé a mastigarem as raizes", — *Viagem ao Brasil*, p. 145, Rio, 1930) e Gabriel Soares de Sousa ("buseam as mais formosas moças da aldeia para espremer estes aipins com as mãos, e algum mastigado", etc., ob. cit., p. 376) confirmam, em parte, a observação de Thevet, pois, ali, a palavra *moça* tem o sentido de *solteira* ou *virgem*.

Outro exemplo caracteristico é o do reparo, que Léry faz ao sentido dado por Thevet à palavra tipica *pa*. Plínio Ayrosa (nota à p. 38 da recente ed. de Léry. Livraria Martins, São Paulo, 1941) pôs, como entendido que é no assumpto, a questão nos devidos termos.

<sup>2</sup> Vj. a citada ed. de Léry, Livraria Martins, São Paulo, 1941, ps. 35, 40, 43, 53, 132 e 167. No dialogo, appenso ao livro de Léry, entre um tupinambá e um francês, pergunta aquelle a certa altura: — *Qual o nome da tua terra?* — *Rouen* (responde o indio). E há quem observe a estranha resposta, pois Léry era natural de "*Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgogne*", sendo possivel que esse escriptor, segundo a denuncia de Thevet, tivesse aproveitado algum dialogo composto por um dos seus compatriotas, normando de origem, ou pelo proprio Villegagnon. Villegagnon, como se sabe, escreveu um dictionario em lingua brasileira, seguido de um colloquio. E affirma Gaffarel que copias dos seus mms foram emprestados, de boa-fé, a Léry, que os mandou imprimir no proprio nome. Cf. Léry, ed. cit., p. 275.

<sup>3</sup> Thevet, nas *Singularidades*, quando se refere aos indigenas do Brasil, usa frequentemente a palavra "*selvagem*". Só à f. 130 menciona o nome

o autor das *Singularidades* não esconde, logo, um dos seus defeitos — os indios são muito susceptíveis de melindres e muito cheios de superstição quanto ao uso de certos alimentos (tartarugas, carnes salgadas, etc.). E o povo é, em geral, bem estranho, — sem fé, sem lei, sem religião, sem civilização alguma, vivendo à maneira dos animais irracionais (taes como os fez a natureza, diz o frade), alimentando-se sobretudo de raizes e andando, homens e mulheres, inteiramente nus. Mas, como não existe criatura humana, por mais bruta possível, que não possua sentimentos religiosos, os selvagens brasileiros fazem menção de um “grande senhor”, que, lá no alto do céu, tropeja e faz chover. Também é verdade que essa nudez é motivada pela crença de que as vestes lhes tirariam a dextreza necessaria aos seus movimentos livres, sobretudo na guerra. Entre si, são muito leaes e não se furtam uns aos outros, menos quanto aos europeus, aos quaes, quando podem, pilham à vontade (até consideram mesmo uma virtude subtrahir dos franceses alguma coisa). Não obstante, são muito serviçaes, guiando os estrangeiros, por cincoenta ou sessenta leguas, de terra a dentro, com difficuldades e perigos, tudo por mero prazer.

dos tupinambás, mas assim mesmo designando uma região (*region des... Toupinambau*). Na *Cosmographia Universal* é que Thevet usa a palavra tribal (*les Toupinambaux; Tuppin-Indas* em Staden; *Toùoupinambaults* e *Tououpinambaults* em Léry). Os tupinambás, como se sabe, eram aparentados dos tabajaras, petiguaras, cahetés, tupiniquins, etc. “Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio, houvesseis perguntado a um indio de que raça era, responder-vos-ia logo: *tupinambá*” (Visc. de Porto Seguro, *ob. cit.*, I, p. 16 e 17, o qual cita o trecho da carta de Ramirez, “*Andan derramados por esta tierra*”...).

Outra palavra empregada por Thevet na designação dos aborígenes do Brasil é de *les Ameriques*. Por *Ameriques* queria referir-se o autor das *Singularidades* aos indígenas da America Meridional (descripção à f. 51), à qual dava tambem o nome de Indias Americanas (f. 1), ou Indias Occidentaes (f. 22). Nellas não estava incuido, ao que parece, o Perú (fs. 147 e 153).

A França Antarctica era o littoral frequentado pelos franceses — a bahia de Guanabara e regiões circumvizinhas (f. 49); mas é certo que Thevet, no decorrer da descripção, estendeu a denominação de França Antarctica à America Meridional tal como elle a entendia (f. 130).

Thevet menciona a palavra *Bresil*, no seu sentido de região geographica, apenas quatro vezes (fs. 18, 131 155 e 158). Sobre o que esse frade entendia por Brasil, cf. o cap. LXVI, nota correspondente,

ou, quando muito, em troca de uma ninharia. Afora (acrescenta Thevet) "muitas outras obras caridosas e honestas, que praticam, — nisso até sobrepujando os christãos". Physicamente, são mesmo bem conformados e alegres, em geral pouco dispostos às doenças, mas com uns olhos tortos que lhes dão aspecto quasi selvagem. Não se vêem, por exemplo, tão sujeitos à lepra, à paralyisia e às úlceras, como acontece com os franceses. Os selvageus pelludos não passam de lendas.

O admiravel é que essa pobre gente, embora privada de verdadeira razão e do conhecimento de Deus, seja dada a muitas phantasias, e, sobretudo, à perseguição do diabo. Na realidade, são os indios idolatras, tanto quanto os antigos gentios, embora, devido à sua ignorancia, sejam mais toleraveis que os *atheistas*. Pelo menos, crêem na immortalidade da alma. Para evitar que a alma os moleste, devolvem ao morto, publicamente, os objetos, por acaso, em poder de quem quer que seja. Ao que observa Thevet chistosamente: "Quisera Deus que muitos dentre nós tivessem semelhantes idéias... Só assim se evitaria que tanta gente porfiasse em guardar o bem alheio, — sem nenhum receio ou pudor".

Entre inimigos, não há treguas, sendo a vingança uma virtude e a pena-de-talão um facto. E' costume muito difundido entregar-se a moça ao europeu, em troca de ninharias, ou o pae offerecer a filha aos estrangeiros. É esse povo, finalmente, muito carnal e luxurioso.

Como se vê, o aborigene, na concepção de Thevet, era o mesmo selvagem de quasi todos os chronistas do mil-e-quinhetos ou do mil-e-seisentos, isto é, o indio immoral, o indio da licença e da demasia<sup>1</sup>, para o qual não era comprehensivel aquella conduta sexual, que, no selvagem, não tinha nada de lassidão ou de libertinagem. Como, por exem-

<sup>1</sup> Cf. o recente estudo de Heitor Marçal, "Os indios do Brasil", em *Cultura Política*, n. 12, fev. de 1942, p. 16, *sq.*, Rio. É de H. Marçal o reparo de que certas pessoas tomam amor a determinados termos, empregando-os e repetindo-os amiude. Em Gabriel Soares de Sousa o vocabulo de estima era *luxuria*. Os "tupinambás eram luxuriosos", "não há peccado de luxuria que



plo, o costume, que J. Baker<sup>1</sup> chama de innocente, — a saber, a offerta da mulher ao estrangeiro. — praticado sem outro intuito senão o da hospitalidade.

O retrato, que Thevet faz do indio brasileiro, é, entretanto, attendendo-se à mentalidade da epocha, um dos mais favoraveis, pois, apesar de dar curso à celebre phrase tão da estima dos escriptores, — isto é, a de que os selvagens não possuíam fé nem lei<sup>2</sup>, — reconhece que os indigenas têm lá suas idéias religiosas (crendo até na immortalidade da alma), são muito serviçaes e, anthropologicamente, não differem dos europeus. Apenas, quanto a essa ultima particularidade, estranhou um dos lineamentos somaticos mais communs aos olhos dos indios americanos, ou seja, a obliquidade, com levantamento do angulo externo das palpebras (que é o que quer dizer o frade com a referencia aos *yeux toute mal faits... lousches*).

E' exacto que, mais de uma vez, o autor das *Singularidades* trata o indigena brasileiro com aquelle "ar condoido do moralista scandalizado", segundo a expressão de Almir de Andrade; mas esse mesmo ar condoido era o de todos os homens do seculo XVI, não escapando a elle sequer o proprio Léry<sup>3</sup>.

\* \* \*

Pouco após a publicação das *Singularidades da França Antarctica*, fr. André Thevet secularizou-se, indo occupar, successivamente, o cargo de esmoler da rainha Catharina de Medicis, o de historiographo e o de cosmographo real. Tambem há noticias de que Thevet exerceu um outro cargo, o de "*garde des curiosités du Roi*", assim como foi nomeado abbade de Masdion, em Saintonge. Lá para os fins da vida,

não commetteram", etc. Dahi a fama de libertinos conferida, sem mais exame, aos innocentes indios do Brasil.

<sup>1</sup> Apud Gilberto Freyre, *ob. cit.*, p. 69.

<sup>2</sup> É a conhecida phrase, que Pero Magalhães Gandavo, depois de Thevet, iria espalhar aos quatro ventos: "porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei" (*ob. cit.*, p. 49), posteriormente repetida por Gabriel Soares de Sousa (*ob. cit.*, p. 364 e 365), frei Vicente do Salvador (*ob. cit.*, p. 53) e outros mais.

<sup>3</sup> Cf. Léry, p. 156, 186 e 270, ed. de 1585.

pois morreu no inverno de 1592, Thevet — assim o diz Gafarel — parece que não usava mais a estamena dos frades menores de São Francisco, conforme se pode ver do retrato appenso à sua *Cosmographia Universal*, em traje da epocha, a longa barba derramada pelo peito (embora o fulgor das vestes não chegue a occultar aquelle seu ar ingenuo, que lembra alguma coisa o aldeão do Charente, — gente simploria, gente rotineira, gente apegada às tradições seculares).

Com a traducção, em nossa lingua, das *Singularidades da França Antartica*, presta-se ao bondoso frade a justiça, que já estava tardando. Isso sem a pretensão de querer pôr uma especie de cortina de fumaça sobre aquellas suas qualidades negativas salientadas por todos os criticos. Mas, era preciso não exaggerar estas com o prejuizo das boas qualidades, que não faltaram ao cosmographo. E, sobretudo, pôr abaixo a pecha de phantasia, que lhe botou o velho J. C. Rodrigues, — isso, sim, um “romance” bem arranjado. Mesmo porque, sem querer comparar Thevet a nenhum delles, romances e phantasias é o que não faltaram a todos os chronistas antigos, inclusive Gandavo, Simão de Vasconcellos, fr. Vicente do Salvador, o autor dos *Dialogos* e até mesmo Gabriel Soares de Sousa<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A proposito, ler os estudos de Affonso de E. Taunay, *Zoologia phantastica do Brasil*, pg. 79 sq., São Paulo, 1934 e “Monstros e monstregos do Brasil”, em *Rev. do Mus. Pau.*, XXI, p. 911-1048, São Paulo, 1937. Em materia de phantasia, não constitue o autor do *Tratado Descriptivo* (ao contrario do que supõe Gilberto Freyre), nenhuma excepção à regra. Cf. p. 305, 306, 328-331, 405 e 406. Em um trecho do *Tratado Descriptivo*, Gabriel Soares conta que um almoxarife da capitania de São Vicente encontrara uma giboia, a qual havia enlaçado, de uma só vez, três indios. A muito custo, conseguiu abatê-la, encontrando em seu ventre quatro porcos. Junto do curral de Garcia de Avila, diz Gabriel Soares que outra giboia arrastou um touro para certa lagôa e matar-o. A “bojuina” engolia um negro inteiro; se, às vezes, a cobra, com a pressa da gula, vinha a morrer, tinha acontecido o homem sair do seu buxo vivinho da silva.

Uma vez, precisamente no ano de 1580, Gabriel Soares viu uma baleia, que fóra dar à praia de Pirajá: a bocca era tão grande que, entre as suas fauces, estava um negro a cortar, de machado, o beijo inferior. Isso com ambas as mãos e “sem tocar no beijo de cima”. Outro peixe, de especie desconhecida, abordou em Tapoam. A maneira dos cyclopes, tinha um só olho “no meio da frontaria do rosto” e era tão alto “que tolhia a vista do mar.” Tambem aconselho o leitor a ler aquella historia de uma india malvada, a qual, aborrecendo-se do filho, enterrou-o vivo, indo depois fazer pacatamente a sua roça de mandioca; de cujo crime, ao ter conhecimento, mandou a dona da casa desenterrar a criança, que ainda acharam viva.

## PRIVILEGIO<sup>1</sup>

*Henry par la grace de Dieu Roy de France, aux Preuost de Paris, Baillif de Rouen, Seneschal de Lyon, Thoulouse, Bordeaux, ou leurs lieutenans, et à tous noz autres iusticiers et officiers salut. Nostre amé F. André Theuet d'Angoulesme, nous a fait remonstrer, qu'apres auoir longuement voyagé et discouru par l'Amerique, et autres terres et isles docouuertes de nostre temps, qu'il a redigé par escript, avec grand peine et labeur, les Singularitez de toutes les contrées dessusdictes, ayant le tout mis en bonne forme et deue, pour le contentement et profit des gens studieux de nostre Royaume, et pour l'illustration et augmentation des bonnes lettres: lesquelles Singularitez il auroit grand desir faire imprimer et mettre en lumiere, s'il nous plaisoit de grace luy permettre les faire imprimer par tel ou tels Libraires et Imprimeurs de noz villes de Paris et Lyon qu'il voudra estire. Mais il doute que quelques autres des Imprimeurs de nostre Royaume le voulant frustrer de son labeur, facent imprimer ledit liure, ou en vendent qui ayent esté imprimez par autre que par celuy ou ceux ausquels il en donera la charge. Nous requerant sur ce luy impartir noz lettres et grace espediale. Pource est il que nous inclinans à sa requeste pour les causes*

<sup>1</sup> O "privilegio" real, hoje direitos autoraes, garantidos pela legislação de quasi todos os países civilizados modernos, foi, como se vê, concedido a Thevet pelo rei Henrique II, a 18 de dezembro de 1556. Suppondo que a edição *princeps* das *Singularidades* era a de 1558 (Paris), Heulhard procurou explicar a demora — entre a data da concessão do "privilegio" e a pretensa data da aparição da obra — com a morte do editor (Mauricio de la Porte) e a doença do autor, "*à qui la fièvre ne laissa même pas le loisir de revoir son manuscrit avant l'impression*" (p. 180).

A razão, porém, tinha sido outra: as *Singularidades*, conforme o provou J. C. Rodrigues (p. 601-602), appareceram em 1557, "data que depois se mudou para 1558".

*susdites et autres à ce nous mouuans, auons permis et octroyé, permettons et ottroyons de grace especiale par ces presentes audit suppliant, que luy seul puisse par tels Libraires et Imprimeurs que bon luy semblera, et qui luy sembleront plus capables et diligens on nos dites villes de Paris et Lyon, et autres, faire imprimer ledit liure. Et à fin que le Libraire ou Imprimeur auquel ledit Theuet suppliant aura donné la charge de ce faire, se puisse rembourser des frais qu'il aura faits pour l'impression. Auõs inhibé et defendu, inhibons et defendons à tous autres Libraires et Imprimeurs et autres personnes quelconques de nosdites Preuotez, Bailliages, et Senechaucés, et generalmente à tous noz subiets d'imprimer ou faire imprimer, vendre, ou distribuer ledit liure iusques à dix ans apres la premiere impression d'iceluy à compter du iour qu'il aura esté acheué d'imprimer, sans la permission et consentement dudit Libraire ou Imprimeur: et ce sur peine de confiscation des liures imprimez et d'amende arbitraire. Si vous mandons et commandons par ces presentes, et à chacun de vous si comme à luy appartiendra, que de noz presente grace, permission, et ottroy, vous faciez, souffriez, et laissez ledit suppliant, ou celuy ou ceux ausquels il aura donné charge de faire ladite impression, iouyr et user plainement et paisiblement de nostre dite presente permission et ottroy. Et à fin que personne n'en pretède cause d'ignorance. nous voulons que la copie en soit mise et inserée dedans les liures qui serõt imprimez, et que foy y soit adioustée comme au present original. Car ainsi nous plaist il estre fait. Donné à Saint Germain en Laye, le dix huitiesme iour du mois de Decembre, L'an de grace mil cinq cens cinquante six, et de nostre regne le dixiesme. Ainsi signé, Par le Roy, vous present.*

A MONSENHOR, O REVERENDÍSSIMO  
CARDEAL DE SENS<sup>1</sup>, GUARDA DOS SELLOS  
REAES, FR. ANDRÉ THEVET DESEJA PAZ E FE-  
LICIDADE.

Monsenhor :

Estando sufficientemente advertido de que vós é do agrado a leitura e conhecimento de uma boa historia, com a qual possaes recrear o espirito e, entrementes (após os louvaveis e não menos laboriosos encargos, confiados, pelo rei, à vossa prudencia e sabedoria), descansar de tão graves e importantes misteres. — tomei a ousada resolução de dedicar-vos a presente obra. Trata a obra de uma viagem às Indias Americanas, às quais, por terem sido, em parte, povoadas e descobertas pelos pilotos franceses, demos tambem o nome de França Antartica, — região que já hoje se pode chamar a *quarta parte do mundo*, não tanto por estar afastada dos nossos horizontes, mas, antes, por causa da variedade de sua fauna e de seu clima. Demais, as Indias Americanas não eram, até o presente, conhecidas, julgando os cosmographos, ou estando elles persuadidos de que a terra ainda possuia os mesmos limites indicados pelos antigos.

Sei quanto o meu trabalho não merece a vossa attenção. A grandeza do vosso nome, todavia, torna-lo-á menos insignificante. E, tendo em vista a vossa natural benevolencia, ouvindo-me, assim como a vossa curiosidade pelas coisas singulares, — facilmente comprehendereis a minha in-

<sup>1</sup> Sobre João Bertrand, cardeal de Sens e chanceller de França, cf. o cap. XXIV, nota correspondente.

tenção, que não é outra senão a de satisfazer-vos os desejos e dar-vos, ao mesmo tempo, como já o disse, contentamento e oportunidade para repouso de vossa mente sobrecarregada de tão grandes e enervantes cuidados. Qual o espirito, por mais incansavel, que, entregue ao labor incessante dos graves negocios affectos ao governo da republica, não se enfada e não se consuma? Se, para o bem estar do organismo, aconselha o medico a variar de alimentos, assim tambem deve acontecer ao espirito, que se tornará mais leve e alliviado desde quando se entretenha com a narrativa de factos amenos e deleitosos aos ouvidos. E dahi a razão pela qual os antigos philosophos, ou outros que taes, se afastavam, muitas vezes, do povo, ou suspendiam, temporariamente, as actividades publicas. O grande orador Cicero, por exemplo, amiude se ausentava do Senado de Roma, com pezar dos seus concidadãos, afim de entregar-se mais livremente, no campo, às doces musas.

Não é, portanto, desrazoavel que imiteis a Cicero nesse particular, ou que lhe sigaes o exemplo, já que sois, por vossa extraordinaria erudição, sabedoria e eloquencia, tante quanto aquelle orador entre os romanos, a principal figura na direcção do nosso glorioso país; ou, por outras palavras, um grande senhor, amante de sciencias e das boas acções, tal como o descreve Platão em sua *Republica*.

Ao retornar, enfadado e alquebrado, de tão longa viagem, fostes vós o primeiro a dar-me acolhimento, revelando-se, assim, um patrono de tudo o que é virtude e de todos os que a ella se dedicam. Pareceu-me, por isso, não haver a quem melhor confiar o meu insignificante trabalho, senão a vós. Que a vossa benignidade, ao recebê-lo, seja tão grande quanto é a affeição com a qual vo-lo apresento e dedico. Estou certo de que, lendo-o, ençotrareis nelle motivo para alegrar o vosso espirito. Embora, por muitas razões, já vos seja eu obrigado, com isso me favoreceis novamente, dando-me, desse modo, oportunidade para prestar-vos humilde e obscuro preito.

Praza ao Criador que a vossa prosperidade seja completa.

## ODE

DE ESTEVÃO JODELLE<sup>1</sup>, SENHOR DO LYMODIN

A THEVET

*Si nous auions pour nous les Dieux,  
Si nostre peuple auoit des yeux,  
Si les grands aymoint les doctrines,  
Si noz magistrats traffiqueurs  
Aymoient micux s'enrichir de meurs,  
Que s'enrichir de noz ruines,  
Si ceux la qui se vont masquant  
Du nom de docte en se moquant  
N'aymoient mieux mordre les sciences  
Qu'en remordre leurs consciences,  
Ayant d'un tel heur labouré  
Thevet tu serois assuré  
Des moissons de ton labourage,  
Quand fauoriser tu verrois  
Aux Dieux, aux hommes et aux Roys  
Et ton voyage et ton ourage.*

<sup>1</sup> Jodelle (1532-1573) pertencia a uma familia de fidalgos franceses e tñu o titulo, que usou por algum tempo, de "seigneur du Lymodin". Suas tragedias, imitadas do grego, com prologos e choros (*Cléopâtre captive* e *Didon se sacrifiant*), tiveram, ao seu tempo, bastante exito, sobrepujando em muito os trabalhos de Balf e de Lybilet. *Cléopâtre captive* chegou mesmo a ser levada em presença do rei Henrique II. Pertence-lhe ainda uma comedia em cinco actos, *Eugène ou la rencontre*. Suas *Œuvres et mélanges poétiques* foram publicadas em Paris, no anno de 1574.

Pertencia à *Pleiade*. Parece que Thevet tinha por esse poeta uma grande admiração.

*Car si encor nous estimons  
 De ceux la les superbes noms,  
 Qui dans leur grand Argon ozerent  
 Asservir Néptune au fardeau,  
 Et qui malgré l'ire de l'eau  
 Jusque dans le Phase voguerent:  
 Si pour auoir veu tant de lieux  
 Ulysse est presque entre les Dieux,  
 Combien plus ton voyage t'orne,  
 Quand passant soubs le Capricorne  
 As veu ce qui eust fait pleurer  
 Alexandre? si honorer  
 Lon doit Ptolomée en ses œuures  
 Qu'est ce qui ne t'honoreroit  
 Qui cela que l'autre ignoroit  
 Tant heureusement nous descœuures?*

*Mais le ciel par nous irrité,  
 Semble d'un œil tant dépité  
 Regarder nostre ingrate France.  
 Les petits sont tant abrutis,  
 Et les plus grands qui des petits  
 Sont la lumiere et la puissance  
 S'empeschent tousiours tellement  
 En un trompeur accroissement,  
 Que veu que rien ne leur peut plaire,  
 Que ce qui peut plus grands les faire,  
 Celuy la fait beaucoup pour soy  
 Qui fait en France comme moy,  
 Cachant sa vertu la plus rare,  
 Et croy veu ce temps vicieux,  
 Qu'encore ton livre seroit mieux  
 En ton Amerique barbare.*

*Car qui voudroit un peu blasmer  
 Le pays qu'il nous faut aymer,*



*Il trouueroit la France Arctique  
Avoir plus de monstres, ie croy  
Et plus de barbarie en soy  
Que n'a pas ta France Antarctique.  
Ces barbares marchent tous nuds,  
Et nous nous marchons incognus,  
Fardez, masquez. Ce peuple estrange  
A la pieté na se range.  
Nous la nostre nous merprisons,  
Pipons, vendons et deguisons.  
Ces barbares pour se conduire  
N'ont pas tant que nous de raison.  
Mais qui ne voit que la foison  
N'en sert que pour nous entrenuire?*

*Toutefois, toutesfois ce Dieu,  
Qui n'a pas bani de ce lieu  
L'esperance nostre nourrice,  
Changeant des cieus l'inimitié,  
Aura de sa France pitié  
Tant pour le malheur que le vice.  
Ie voy noz Roys et leurs enfans  
De leurs ennemis triomphans,  
Embrasser les choses louables,  
Et noz magistrats honorables  
Separans les boucs des agneaux,  
Oster en France deux bandeaux,  
Au peuple celuy d'ignorance,  
A eux celuy le leur ardeur,  
Lors ton liure aura bien plus d'heur  
En sa vie, qu'en sa naissance.*

## A THEVET.

ANGUMESINO, AUTOR DA PRESENTE HISTORIA, OFFERECE FRANCISCO DE BELLEFOREST<sup>1</sup>, DÉ COMMINGÈS

### ODE

*Le laboureur, quand il moissonne  
Courbé par les champs vndoyans:  
Ou quand sur la fin de l'Autonne  
Contraint seus bœufs (ia panthelans  
Dessous le ioug, soubz l'atelage)  
Recommencer le labourage,  
Qui pourvoir puisse aux ans suyuan:*

*Ne s'esbahist, quoy que la pene,  
Que la rudesse du labeur*

<sup>1</sup> Belleforest (1530-1583) fora destinado à carreira de magistrado, tendo feito os primeiros estudos à custa de Margarida de Navarra, irmã de Francisco I. Attrahido pelo exito de Ronsard, abandonou, em má hora, essa carreira, dedicando-se, a principio, ao verso e, depois, à prosa. Sua *Histoire des neuf rois de France qui ont porté le nom de Charles* (1568) valeu-lhe o cargo de historiographo, na côrte de Henrique III, — cargo esse que perdeu, em seguida, por causa da inexactidão de muitos dados fornecidos pela sua pretensa historia. De Belleforest se pode dizer que ensaiou todos os generos, sem em nenhum gelles ter sido bem succedido.

Já no fim da vida, Belleforest, em sua obra *Additions à la Cosmographie de Münster*, não se esqueceu de atacar o nosso pobre franciscano, de quem antes se tinha servido descaradamente. Quem o conta é o proprio Thevet: "L'an mil cinq cês soixante et quatre, ce commingeois qui met le nez partout, me la fureta, ensemble plusieurs autres mémoires que j'auois apportez d'Italie, et desquels aujourd'huy il en fait parade" (*Cosm. Univ.*, f. 706).

Na hora da morte, entretanto, Belleforest arrependeu-se de seus plagios, pedindo a Thevet, em presença de varias pessoas, inclusive o livreiro Gabriel Buon, perdão das injurias que lhe tinha feito. Cf. Gaffarel, prefacio à ed. de *Les Singularitez*, p. XXIX e XXX, Paris, 1878.

*Cassent son corps, ains d'une halene  
Fortc, attend le temps, qui donneur  
D'années riches, luy remplisse  
Ses granges, et luy parfournisse  
L'attente d'un esperé heur.*

*Ainsi ta plume qui nous chante  
Les meurs, les peuples du Leuant,  
Du passé point ne se contente,  
Quoy qu'elle ait espandu le vent  
D'une gloire immortalisée,  
D'une memoire eternisée,  
Qui court du Leuant au Ponent.*

*Car encor que l'antique Thrace,  
Que l'Arabe riche ayes veu,  
Que d'Asie la terre grasse,  
D'Ægypte les merueilles scen:  
Encor que ta plume diuine  
Nous ait descrit la Palestine,  
Et que de ce son loz ait eu:*

*Toutesfois ce desir d'entendre  
Le plus exquis de l'univers,  
A fait ton vol plus loing estendre:  
Luy a fait voir de plus diuers,  
Tant peuples, que leurs paisages,  
Hommes nuds allans, et Sauvages,  
Iusque icy de nul decouuers.*

*Je voy ton voyage, qui passe  
Tous degrez et dimensions  
D'un Strabon. qui le ciel compasse,  
Et les habitez orizons,  
Lesquels Ptoloméé limite:*

*Mais leur congnoissance petite  
Surpassent tes conceptions.*

*Car avant costoyé d'Aphrique  
Les regnes riches, et diuers,  
Les loingtains païs d'Amerique  
Doctement nous as decouuers:  
Encore en l'Antarctiq'auances,  
Non vne, mais deux telles Frances  
Qui soient miracle à l'vniuers.*

*Et ce que iamais l'escrit d'homme  
N'auoit par deça rapporté  
Tu l'exprimes, tu le pains, somme  
Tel tu le fais, qu'en verité  
L'obscur[i]té. Mesme en seroit clere:  
Tant que par se moyen l'espere  
Que lon verra resuscité.*

*Des Mondes cest infini nombre,  
Qui fait Alexandre plourer.  
O que d'arbres icy ie nombre,  
Quels fruits doux i'y peux sauourer:  
Que de monstres diuers en formes,  
Quelles meurs de viure difformes!  
Aux nostres tu sçais coulourer!*

*Ie voy la gent qui idolatre  
Tantost un poisson escaillé,  
Ors vn bois, vn metal, vn plastre  
Par eux mis en œuvre, et taillé:  
Tantost vn Pan, qui mis en œuvre  
Nostre Dieu tout puissant descœuvre,  
Qui de l'vnieurs emailé.*

*Par maintes beautez, feit le moule,  
Et l'enrichit d'animaux maints,  
Qui la terre en forme de boule  
Entoura des ciels clers serains.  
De la sortent tes Antipodes,  
Ces Peuples que tu accommodes  
A ces Sauvages inhumains.*

*Desquels quand la façon viens lire  
Avec tant d'inhumanitez,  
D'horreur, de pitié, et puis d'ire,  
Je poursuis ces grands cruantez.  
Quelquefois de leur politique  
Je loüe la sainte pratique,  
Auecques leurs simplicitez.*

*Làst si de ton esprit l'image  
Dieu eust posé en autrè corps,  
Lequel d'un marinier orage  
Eust euté les grands effors,  
Qui eust craint de voir par les vndes  
Les esclats, les coups furibondes  
Des armés, et cent mille morts.*

*Pas n'aurions de ceste histoire  
Le docte et veritable trait:  
Mais Dieu soigneux et de ta gloire  
Et de l'equitable souhait  
De la France, qui ne desire  
Que choses rares souuent lire.  
Ce desir a mis en effait.*

*C'est quand il estrena ce pole  
De ton bon esprit, et t'esleut,  
O Theuet, pour porter parole  
De ces peuples, ainsi voulut*

*Que de voir désireux tu fusses,  
Et pour le mieux, il feit que peusses  
Parfaire ce que autre onc ne sceut.*

*Ainsi l'Europe tributaire  
A ton labour, t'exaltera:  
Pas ne pourra France se taire,  
Ains t'admirant s'esgaïera,  
Lisant ces merueilles cachées:  
Et par nul escriuant touchées:  
Les lisant, elle t'honorera.*

IN THEVETVM NOVI ORBIS PERAGRATOREM  
ET DESCRIPTOREM

IO. AURATUS<sup>1</sup>

LITERARUM GRÆCARUM REGIUS PROFESSOR.

*Aure tenus, sed non pedibus, nec nauibus ullis,  
Plurimus et terras, mensus et est maria.  
Multa tamen non nota maris terræque relicta  
His loca, nec certis testificata notis.  
At maria et terras pariter vagus iste Theuetus  
Et visu est mensus nauibus, et pedibus.  
Pignora certa refert longarum hæc scripta viarum,  
Ignotique orbis cursor et author adest.  
Vix quæ audita aliis, subiecta fidelibus edit  
Hic oculis, terra sospes ab Antipodum.  
Tantum aliis hic Cosmographis Cosmographus anteit,  
Auditu quanto certior est oculus.*

<sup>1</sup> João Dinemandy Dorat ou Daurat nasceu em Limoges (sec. XVI), sabendo-se que morreu no anno de 1588. Dinemandy (*dñe-matin*) é appellido limosino, adoptado por sua familia; mas o nome preferido pelo poeta, a quem os companheiros chamavam de *Pindaro moderno*, era o de *Auratus*, forma latina de Dorat.

Apesar de seu titulo de poeta real, que lhe deu Carlos IX, Dorat foi sobretudo o erudito, o professor, e critico.

Dorat, a quem devemos excellentes notas sobre as *Oracula Sibyllina*, apreciava muito a Thevet, tendo mesmo lhe dedicado dois poemas, um em versos gregos e outro em versos latinos, que figuram, ambos, no começo da *Cosmographie Universelle* deste ultimo. Cf. Masson, *Elogium J. Aurati, poetae latini* (1588); Vitrac, *Eloge de J. Dorat, poëte et interprète du roi* (1775); Barante, *Tableau de la littérature française du XVIII<sup>e</sup> siècle* (1808).

## AOS LEITORES.

Considerando que a longa experiencia dos factos e a fiel observação de numerosos países ou nações, com os seus respectivos costumes e habitos, só pode é trazer perfeição ao homem, pois é essa louvavel actividade uma das maneiras de enriquecer o espirito, dotando-o de heroicas virtudes e de solida sciencia, — entreguei-me à protecção e governo do grande Senhor do universo (caso fôra eu merecedor de sua graça), abandonando-me, em pequenos barcos de madeira, frageis e já gastos, nos quaes era mais de esperar a morte do que a vida, à discrição e à mercê de um elemento essencialmente inconstante e impiedoso. E tudo isso pelo só designio de rumar ao polo antarctico, que, anteriormente, jámais fôra descoberto pelos antigos, ou delles conhecido, como se pode verificar dos escriptos de Ptolomeu e de outros cosmographos (estes, como se sabe, nem sequer conheciam bem o nosso hemispherio, cujo equinoccial não ultrapassaram, de vez que julgavam essa região inhabitavel). Antes já eu fizera uma viagem ao Levante, aliás, a primeira, visitando a Grecia, a Turquia, o Egypto e a Arabia, da qual cheguei até a publicar uma relação<sup>1</sup>.

Tanto naveguei que fui ter às Indias Americanas, perto do Capricornio, terra continental, habitada e de clima agra-

<sup>1</sup> Thevet refere-se à sua *Cosmographie du Levant*, publicada em Lyon, no anno de 1554.

O franciscano, ansioso por conhecer a Italia, obteve permissão para visitar esse país. Em Placencia, graças ao amparo do generoso e principesco cardeal de Lorena, pôde Thevet visitar o seu ambicionado Oriente, isto é, Chio, Constantinopla, a Chalcedonia, Rhodes, Alexandria, a Arabia, a Palestina, etc. A historia de sua peregrinação aos países orientaes também é reproduzida na *Cosmographie Universelle*.



davel, como adiante descrevo mais longo e particularmente, — ousadia que tomei imitando varios illustres personagens, cujos heroicos feitos e grandes empresas, tendo sido celebrados pela historia, tornam as mesmas ainda hoje objecto de perpetua honra e gloria immortal. Qual foi o argumento do poeta Homero, que tão habilmente celebrou, em versos, Ulysses, senão a longa peregrinação por elle feita, depois da destruição de Troia, através de mares e terras, a diversos paes e, igualmente, seus discursos e observações? E por que louva Virgilio a Enéas (a quem alguns historiographos, todavia, accusam de ter deixado a sua patria cair, infelizmente, em mãos dos inimigos), senão por haver, o troiano, resistido ao furor das vagas impetuosas e às demais vicissitudes do mar, passando por innumeras experiencias antes de alcançar, finalmente, a Italia?

Ora, assim como o soberano Criador fez o homem de dois elementos totalmente diversos, um rudimentar e corruptivel e outro divino e immortal, de igual modo pôs todas as coisas que estão abaixo do firmamento em seu poder e para uso d'elle. Afim de alcançá-los, todavia, é preciso vencer certas difficuldades, pois, de outro modo, cairia o homem na ociosidade e na indolencia.

É o homem uma criatura maravilhosamente bem feita, reservada, de accordo com a vontade de Deus, à pratica de actos virtuosos, podendo, assim, escolher, no mar ou em terra, o que melhor lhe agrada para alcançar o seu designio. Mas é possivel, como acontece frequentemente, que algumas pessoas, sob tal pretexto, acabem por abusar dessa liberdade. O mercador, por exemplo, que, levado por avareza, ou por insaciavel cubiça dos bens terrestres e transitorios, arrisca imprudentemente a sua vida é (conforme o diz Horacio nas *Epistolas*) tão digno de censura quanto é digno de louvor aquelle que se expõe, livremente, aos mesmos riscos para enriquecer o seu espirito e, com isso, servir melhor à collectividade. Assim o fizeram o sabio Socrates e, depois d'elle, Platão, seu discipulo, ambos percorrendo estranhos paes

com o fito de attingirem o apice da sabedoria, que, depois, sem nenhum desejo de louvor ou recompensa, seria transmittida ao seu povo. Cicero não enviou seu filho Marcos a Athenas, parte para que este ouvisse o philosopho Crattipo, parte para apprender os habitos e costumes dos cidadãos athenienses?

Lysandro, eleito chefe dos lacedemonios, levou a cabo, denodadamente, com o seu lugar-tenente Antiocho, varias importantes expedições contra Alcibiades, homem não menos bravo: mesmo na derrota jãmais o seu animo ficou abatido e, antes, perseguindo o inimigo, por mar e terra, conseguiu, afinal, dominar Athenas. Themistocles, que era tão entendido em arte militar quanto em philosophia, demonstrando o seu desejo de expor a vida pela liberdade da patria, convenceu os athenienses de que a prata, extrahida das minas e commumente distribuida entre o povo, devia ser empregada na construção de navios, fustas e galeras, para combater a Xerxes, o qual, por ter, em parte, derrotado aquelle general, em honra dessa victoria e ao contrario dos habitos de um inimigo, mandou offerecer-lhe três das principais cidades de seu imperio. Por que Seleuco Nicanor, o imperador Augusto Cesar e varios outros principes e personagens celebres usam, em suas divisas ou insignias, o delphim e a ancora, senão como uma demonstração de que a arte nautica é, dentre todas, a mais importante e honrosa?

Eis ahi (pois não me quero alongar mais) alguns exemplos que mostram o valor da navegação. E assim são as demais coisas do mundo, tanto melhores quanto mais difficeis, segundo ensina Aristoteles ao fallar da virtude. Que o perigo acompanha sempre os navegantes, como a sombra segue o corpo, — mostrou-o o philosopho Anacharsis. Perguntando Anacharsis de que espessura eram as pranchas ou tabuas, com as quaes se armavam os navios, respondeu-lhe alguém ser apenas de quatro dedos; ao que replicou o philosopho: “A vida dos que viajam nesses navios não está, tambem, mais distante da morte”.

Referindo-me, leitores, a tão notaveis pessoas, não pretendo, com isso, comparar-me a ellas, ou, muito menos, a ellas igualar-me. Mas tambem é certo que a grandeza de Alexandre não impediu seus successores de tentar a fortuna. Do mesmo modo, a sabedoria de Platão não intimidou Aristoteles, que, como se sabe, discorreu livremente sobre a philosophia. Por isso, afim de me não tornar, a exemplo de Diogenes, ocioso e inutil, tomei a resolução de descrever os factos ou coisas mais notaveis, que cuidadosamente observei em minha viagem às regiões do meio-dia e do poente, — localização e disposição dos lugares (quer ilhas, quer continentes, com os seus correspondentes climas, zonas ou parallelos), temperatura do ar, costumes e maneiras de viver dos habitantes, feições e characteristics dos animaes terrestres ou aquaticos, arvores e fructas, mineraes e pedrarias, etc., — tudo explicado o mais flagrante e naturalmente que me foi possivel. Quanto ao mais, sentir-me-ei bastante feliz se quizerdes acolher a minha obra com a mesma boa vontade com que eu vo-la apresento. Espero, finalmente, que todos a acharão agradavel, tendo em vista a minha longa e penosa peregrinação, realizada com o designio de ver e, em seguida deixar, por escripto, as mais memoraveis coisas, — como se poderá verificar mais adiante.

## AVISO AO LEITOR

(LA PORTE)

A presente historia, leitor, não duvido vos deixe um pouco admirado, tendo em vista a variedade das coisas apresentadas aos vossos olhos, muitas das quaes parecerão, à primeira vista, mais monstruosas do que naturaes. Mas, considerando, maduramente, quanto são grandes os poderes da natureza-mãe, estou seguro de que modificareis essa idéia.

Convém ainda, leitor, não estranhardes o aspecto de varias arvores (taes como as palmeiras), feras e aves, diversas, em tudo, das que são descriptas pelos nossos modernos naturalistas<sup>1</sup>. Estes pouco merecem fé, porquanto não só jãmais viram as regiões, de que fala a presente obra, como, tambem, não possuem uma solida experiencia e cultura. Consultae, peço-vos, as pessoas dessas regiões ou paes, que estão vivendo entre nós; ou recorrei aos que já realizaram a mesma viagem. Uns e outros vos informarão da verdade.

Por outro lado, se alguns termos franceses vos possam parecer asperos, ou mal applicados, — é o caso de accusar a febre e a morte. A febre, que, prendendo o autor no leito, desde o seu regresso, impediu que o mesmo fizesse a revisão da obra antes de entregá-la ao impressor, tendo o cardeal de Sens, aliás, recommendado pressa em sua execução. A morte, que arrebatou, antecipadamente, a Ambrosio de la Porte. Ambrosio de la Porte, homem estudioso e bem versado na lingua franceza, tomara sob a sua inteira responsabilidade o encargo do presente livro.

Todavia, leitor, podereis estar seguro de que não esqueceremos o nosso dever. E, por unica recompensa, desejamos apenas que a obra vos cause satisfacção.

<sup>1</sup> No texto, *observateurs*.

## CAPÍTULO I

### EMBARQUE DO AUTOR.

Todas as coisas foram feitas para o homem.

Todos os elementos e bens existentes no universo, desde a lua <sup>1</sup> até o amago da terra, parece que foram feitos para o homem. E, na realidade, assim é. Porquanto a natureza,

mãe de todas as coisas, sempre refez ou guardou em si mesma os mais preciosos e excellentes dons de sua obra.

Diferença entre a arte e a natureza.

Na arte, dá-se o contrario. Os mais sabios artistas, fôra Apelles ou Phidias, quando se punham a pintar, gravar ou ornar uma barca ou estatua, só à parte externa davam

brilho, ou guarneciam, deixando a outra parte, a interna, rude e mal-acabada. Com a natureza, procede-se diversamente. O corpo humano é um exemplo, pois todo o artificio e excellencia da natureza no seu interior se occulta (o exemplo applica-se, tambem, a qualquer outro corpo que não seja o do homem). O superficial nem sequer se pode comparar ao que vem do intimo, pois a perfeição e acabamento do exterior depende dos elementos que dentro d'elle se encontram. A terra, do mesmo modo, mostra por fora uma face triste e melancholica, o mais das vezes recoberta de pedras, espinhos, cardos ou coisas semelhantes; mas, se o lavrador abre-a com a relha ou a charrua, encontrará no seu seio esse excelso bem, prestes a recompensá-lo dos esforços,

<sup>1</sup> A phrase denota uma concepção cosmographica antiga, que vem de Eudoxio (409-356 A.C.), — a das espheras ou céus concentricos, cujo eschema ainda se vê na *Margarita Philosophica* (Ruisch, 1508). O céu da lua é o que está mais ligado à terra.

qual seja a virtude vegetativa da raiz e do tronco da planta, defendida externamente por dura casca, algumas vezes simples, outras dupla: a mais preciosa parte do fructo, — aquella que mantem o poder de reproduzir-se e criar outro ser semelhante, — acha-se encerrado no seu mais seguro lugar. Está no centro.

À maneira do lavrador, que sonda a terra e della tira os proventos, há também os que não se contentam em olhar a face das aguas, mas a querem sondar por meio dessa nobre

**Utilidade da navegação.**

actividade, — a navegação. E como, à custa della, encontram e recolhem inestimaveis riquezas, — pois não é outro o objectivo das viagens, — tornou-se a navegação, a pouco e pouco, tão empregada pelos homens que muitos delles, ultrapassando ilhas incertas e mal seguras, conseguiram, afinal, attingir terra-firme, boa e fertil. O descobrimento dessas terras-firmes, segundo se infere dos escriptos antigos, jámais occorrera até então, a ninguém.

**Causa da navegação do autor às Americas.**

possivel sê-lo

**Louvores ao Senhor de Villegagnon.**

A principal causa de minha viagem às Indias Americanas<sup>1</sup> deve-se ao seguinte facto: o generoso Senhor de Villegagnon, Cavalleiro de Malta<sup>2</sup>, homem tão consummado quanto é em assumptos da marinha e em outras virtudes, assim que recebeu, após madura deliberação, as ordens reaes, solicitou-me insistentemente auxilio para a execução de sua empresa, estando, para isso, autorizado pelo rei

<sup>1</sup> Observe-se a persistencia com que, ainda ao tempo de Thevet, se dava à America o nome de *Indias*, mesmo depois da concepção da *terra quadripartita*, adoptada por Stobnicza, Appiano, Schöner, Münster e outros. Em Espanha, aliás, conservou-se por muito tempo a designação de *Indias Occidentaes*, applicada ao Novo-Mundo; só em meados do sec. XVIII os autores castelhanos, cedendo ao impulso geral e à terminologia adoptada pelos ingleses, valeram-se do nome de *America*, reservando o de *Indias Occidentaes* para as Antilhas (Luis Ulloa Cisneiros, p. 232 e 233).

Note-se que Thevet ora escreve *Indes Ameriques* (f. 1), ora, no singular, *Inde Amerique* (f. 5). À f. 22, todavia, emprega a denominação de *Indias Occidentaes*, com referencia à America.

<sup>2</sup> Um estudo mais demorado da personalidade de Villegagnon (outros acham melhor escrever Villegaignon) ainda está por ser feito. Algumas fon-

meu senhor e príncipe (a quem devo inteira honra e obediência), — visto estar bem informado de minha viagem ao Levante e do concurso que eu poderia dar ao empreendimento. Pelo que, de bom grado, accordei em tomar parte na viagem, tanto por desejar satisfazer, dentro de minhas possibilidades, à vontade real, como por causa da empresa, embora laboriosa, mas honesta.

De modo que, tendo o Senhor de Villegagnon dado ordem, a seis de maio de 1555<sup>1</sup>, para os preparativos da partida, e, em seguida, providenciado a respeito da segurança e commodidade dos navios, assim como sôbre as muni-

Embarque dos franceses para as Indias Americanas.

tes: J. Crispin (ou Crespin), *Histoire des martyres persecutez et mis à mort pour la vérité de l'Évangile*, Genova, prim. ed. de 1560 (a parte relativa à estadia dos franceses na bahia de Guanabara é attribuida a Léry); J. de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en terre du Brésil, autrement dite Amérique*, La Rochelle (a prim. ed. é de 1578); J. C. Fernandes Pinheiro, "França Antarctica", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. XXII, Rio, 1859, 1.ª parte; H. de Grammont, *Relation de l'expédition de Charles Quint contre Alger*, Paris e Argel, 1874; Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au Seizième Siècle*, Paris, 1878; M. T. Alves Nogueira, *Der Münchritter Nikolaus Durand von Villegaignon*, Leipzig, 1887; A. Heulhard, *Grande bibliothèque de géographie historique — Villegagnon, roi d'Amérique*, etc., Paris, 1897; A. Morales de los Rios, "Subsidios para a historia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. esp., parte 1.ª, Rio, 1915; Visconde de Porto Seguro, *Historia Geral do Brasil*, I, 4.ª ed. da Comp. Melh. de São Paulo, s/d. Notas dispersas, ainda, em J. de Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos Historicos e Sermões (1554-1594)*, Rio, 1933 e Seraphim Leite, *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, I, Lisboa, 1938.

<sup>1</sup> A primeira vista, parece que Thevet diz que a partida da expedição teve lugar no dia seis de maio de 1555. O exame da questão, todavia, levou-me a uma interpretação mais segura do texto. Assim, seis de maio deve ter sido apenas a data em que Villegagnon deu ordem para os preparativos da viagem. Léry (p. 3) também affirma que a partida se deu em maio, mas esse autor foi huscar a data, ao que parece, na obra do seu rival.

A frotilha de Villegagnon, composta de três navios, — dois artilhados e um de provisões, — só deixou o Havre pela tarde de doze de julho de 1555. Quem o diz é Nicolas Barré, secretario da expedição, em sua interessante carta de vinte três de julho de 1556. Logo, os maus ventos lançaram os barcos nas costas inglesas da Mancha, em Blanquet (talvez o Branksea, diz Gaffarel). Tempestades avariaram um dos navios, forçando a esquadriilha a tornar à França, dessa vez a Dieppe (17 de julho). Muitos gentishomens, impressionados com o acontecimento, abandonaram Villegagnon. Do mesmo modo, um bom numero de operarios e soldados.

A reparação dos navios durou três semanas. No começo de agosto teve lugar o novo embarque, que, como o primeiro, não foi bem succedido: os ventos fizeram a esquadriilha retornar ao porto. Que porto? A Dieppe? Ao

ções e outros petrechos bellicos (tudo isso com mais difficuldades do que se tratara de uma força terrestre, em vista do numero e qualidade de sua gente, da mais varia, — gentis-homens, soldados e artifices), — em summa tudo preparado com a melhor equipagem possível, teve lugar, emfim, o embarque. Partiu a expedição do Havre da Graça<sup>1</sup>, cidade moderna, penso que assim chaunada (diga-se de passagem) em virtude da palavra: Ἀυλώψ, que significa *mar ou estreito*, — *ab hauriendis aquis*<sup>2</sup>. Do Havre, situado na Normandia, ao qual banham as aguas do Gallico, saíram os navios. Iam todos abandonados à mercê do vento e das ondas, rumo ao mar alto, — justamente chamado pelo nome de Oceano em razão de sua impetuosidade (*Occano*, como querem alguns, vem da palavra Ὠκύς.).

Havre? “*Ains nous convint relascher au Havre, d’ou nous estions partis*”, diz N. Barré. A palavra *Havre* tanto pode significar o porto de Dieppe (“*le havre de Dieppe*”, “*le dit havre n’a que trois brassés d’eau*”, escreve esse autor em outra parte, com letra minuscula), como a cidade do Havre. Todavia é preciso notar que Barré, quando se refere a êste ultimo porto, usa, de preferencia, o nome completo — *Havre de Grâce*. De qualquer modo, é sabido que a partida definitiva só se deu a 14 de agosto de 1555, possivelmente de Dieppe. Essa é tambem a orientação de A. Heulhard (p. 105 e 106). J. C. Fernandes Pinheiro (p. 17), inadvertidamente, considera o dia indicado por Thevet como a data, em que a expedição de Villegagnon deixou a França.

Sobre a controversia a proposito de uma viagem de Villegagnon ao Brasil, anteriormente a 1555, consulte-se A. Morales de los Rios, p. 1074.

A data de 15 de Julho, indicada por Crespín para a da partida do Havre, não merece fé. Cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 178, 179 e 476. *Idem* a carta de N. Barré (tambem em Gaffarel, ob. cit., p. 373-382).

Heulhard (p. 105) acha que o nome *Blanquet* não passa de um erro typographic, ou de copia, por *trinquet* (maestro, traquete), querendo dizer Barré, na phrase original, *que o vento obrigou a tripulação a despregar as veias do traquete*.

<sup>1</sup> Havre da Graça, por causa de uma capellinha, edificada em principios do sec. XVI, em honra a *Notre Dame de Grâce*. Como as similares de outras: *Igreja da Graça (Bahia)*, *Nossa Senhora da Graça* (freguesia do Cabo Verde), *Notre Dame de Grâce* (Quebec), etc.

<sup>2</sup> Cf. a pittoresca etymologia de Thevet. *Havre*, porto, já se encontrava no baixo latim (*harla*), nos idiomas germanicos (*hafen*) e no velho francês (*hafne*). Aliás, N. Barré, como já vimos, usou o nome no seu sentido commum, “*le havre de Dieppe*” (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 374).



**Superstição dos antigos, quando navegavam.**

Proveniente da supersticiosa e abusiva religião dos gentios, havia o costume de oferecerem-se, segundo as necessidades de cada um, votos, orações e sacrificios a deuses varios. Dahi a pratica existente entre os navegantes, quando estão de partida, de lançarem-se peças de dinheiro ao mar, à maneira de voto ou offerenda. Pensam os marujos, com isso, propiciar os deuses oceanicos e torná-los favoráveis à viagem. Há, tambem, os que attribuem divindade aos ventos, aos quaes procuram apaziguar com estranhas ceremonias. Como se diz que fizeram os calabreses a Iapygio (nome de certo vento) e como procederam, do mesmo modo, os thurinos e os pamphylenses. A acreditar na *Eneida* de Virgilio, foi devido aos importunos rogos de Juno a Eolo, rei dos ventos, que pôde o misero troiano atravessar a salvo o mar, seguindo-se a isso uma querela entre os deuses. Pelo que se vêem os erros e abusos, em que viviam os antigos, em seu diabolico gentilismo, attribuindo a um elemento, sujeito ao poder humano e, quiçá, dos mais humildes, um dom que só ao Criador é dado possuir. Ao Criador, pois, não me cansarei de louvar, porquanto houve por bem revelar-se à humanidade e tirá-la de tão tenebrosa ignorancia. Sobretudo por ter, com a sua graça, favorecido a expedição, mandando um vento em popa que permittiu aos navios vencer o estreito e alcançar as Canarias. As Canarias estão a vinte e sete graus da linha equinoccial e distam cêrca de quinhentas leguas de França.

Por diversas razões, achei mais conveniente iniciar minha narrativa com a descripção do embarque. Era o melhor methodo. Motivo pelo qual espero, amigo leitor, que, se a historia vos agradar, acompanhar-me-eis de terra em terra, observando commigo a longitude e latitude de cada país. E aguardo, ainda a exemplo de Theseu, que não largareis o fio da meada senão no fim. Mas, se vos deparardes com algum trecho que não corresponda à vossa expectativa, conto que me excusareis, attendendo a que não é possível a um ho-

mem, só e sem nenhum favor publico, explorar e descobrir longinquas regiões, ainda por cima observando nellas suas coisas singulares, ou nellas executando grandes empreendimentos, dos quaes, em circumstancias outras, seria capaz. Recordo-me, aliás, do que, a proposito, diz muito bem Aristoteles, a saber, que é impossivel e muito penoso para alguem fazer qualquer coisa excellente, ou digna de louvores, quando lhe faltam os meios materiaes necessarios. Acrescente-se a isso que a vida humana é breve e sujeita a mil fortunas e adversidades.

## CAPITULO II

### DO ESTREITO, ANTIGAMENTE CHAMADO DE CALPE E HOJE DE GIBRALTAR <sup>1</sup>.

O estreito de Gibraltar.

Costeando, pois, a Espanha, que ficara à esquerda, com um bem calmo e propicio vento, surgiram os navios diante de Gibraltar, do qual, todavia, por diversas causas, não se aproximaram. O estreito acha-se nos limites de Espanha, separando a Europa da Africa, como o de Constantinopla separa a Europa da Asia. Acreditam alguns que é elle a origem do mar Mediterraneo — o Oceano, como se sentisse demasiadamente cheio, teria transbordado para esse espaço da terra. Assim o diz Aristoteles, no capitulo *De mundo* de uma de suas obras: *o Oceano, que por todos os lados nos rodeia, precipita-se no occidente, perto das columnas de Hercules, por uma estreita embocadura, formando em nossas terras um porto.*

Ilhas e outras singularidades de Gibraltar.

Perto do estreito de Gibraltar encontram-se duas ilhas, muito proximas uma da outra, habitadas por povos barbaros, por corsarios e por escravos. Em sua maior parte, os escravos arrastam cadeias nas pernas, trabalhando nas salinas, de cujo producto se faz muito trafico. Dessas ilhas, a maior é a austral. Vista de longe, tem a forma de um triangulo; chamavam-lhe os antigos Ebuso, hoje Ieviza. A outra tem o nome de Frumentaria e está voltada para o septentrião <sup>2</sup>. A na-

<sup>1</sup> No texto, *Gibaltar*. E *passim*. No *Atlas Historico e Geographico* de João Soares (p. 71), o toponymio apparece sob as suas duas formas, *Gibraltar* e *Gibaltar*.

<sup>2</sup> Thevet refere-se às ilhas de Ibiza (Iviça em portuguez) e Formentera, que não são, como se sabe, as principaes Baleares. A collocação de Formentera no septentrião e Ibiza no austro mostra que o frade francês ainda estava aferrado à technica dos cartographos medievaes; na cartographia medieval o mappa apparece, geralmente, invertido, com a borda superior no meio-dia,

vegação é ali difficilima, em virtude dos rochedos que aflo-ram às aguas e de outros mais inconvenientes.

**O rio Malua.** Desaguam nessa região varios rios navegaveis, que lhe trazem muitas riquezas, taes como o Malua<sup>1</sup>. O Malua separa a Mauretania da Cesariana. O outro rio é o Sala<sup>2</sup>, que vae buscar sua

**O rio Sala.** origem na montanha do Dure<sup>3</sup>; o Sala que tem a forma da letra grega Δ, atravessa o reino de Fez e lança-se, depois, no estreito. E o mesmo se pode dizer de muitos outros cursos fluviaes, assumpto que, no momento, deixo para outra oportunidade.

De passagem, direi que, transposto o estreito, logo na costa africana, até o tropico do Cancer, não se vê crescer ou baixar o mar; mas, apenas a gente se aproxima do majestoso rio Niger, situado a uns onze graus do equador<sup>4</sup>, percebe-se alguma coisa das marés. Isso devido ao curso do mesmo rio.

Nesse estreito do mar Mediterraneo há duas montanhas de admiravel altura: uma para a banda da Africa, que antigamente, segundo Pomponio Mela, era chamada Calpe, hoje Gibraltar; a outra tem o nome de Abyla. A ambas se denominam de columnas de Hercules. Segundo alguns, foi o proprio Hercules quem as dividiu, constituindo ellas, outrora, um só e continuo massiço, conhecido pelo nome de Briaréu. O estreito foi o remate dos trabalhos do heroe, que retornava da Grecia, considerando este não ser

**Opiniões diversas sobre a erecção das columnas de Hercules.**

<sup>1</sup> No texto, *Malue*; à margem, *Malve*. Trata-se do Malua, actual Muluya. Cf. Bouillet, *Atlas*, est. 19.

<sup>2</sup> O Ued-Sebú actual, segundo a identificação de Gaffarel.

<sup>3</sup> A montanha do *Durdus* (Bouillet, *Atlas*, est. 23), tambem chamada *Dyrin* (Vidal-Lablache, p. 16).

<sup>4</sup> Há uma differença, para mais, de cerca de seis graus quanto à localização exacta da latitude da foz do rio Niger.

conveniente ou possível passar além das montanhas, em virtude da vastidão e amplitude do oceano, que se dilatava até o alcance máximo da sua vista. Acreditam outros que esse mesmo Hercules, desejoso de rememorar suas felizes conquistas, erigiu no estreito, do lado da Europa, as duas columnas de admirável tamanho. Pois era costume entre os antigos nobres e senhores levantar altas columnas, ou sepulturas e tumulos, nos lugares onde terminavam suas empresas e viagens, tudo para ostentar, por esse meio, sua preeminência sobre os demais individuos. Assim se sabe que fez Alexandre, assignalando os sitios da Asia Menor, por onde passara. Para o mesmo fim foi construido o colosso de Rhodes. Outro tanto se pode dizer do mausoleu, considerado uma das sete maravilhas do mundo, que edificou Artemisia em honra e consideração a seu marido. E ainda das pyramides de Memphis, sob as quaes estavam inhumados os reis egypcios. Finalmente direi que, à entrada do mar Maior<sup>1</sup>, Julio Cesar mandou collocar uma alta columna de marmore branco (a figura desta columna e a do colosso de Rhodes podem ser vistas no livro em que descrevo a viagem ao Levante).

Em virtude de existirem muitos heroes usando o mesmo nome, querò observar, de accòrdo com Arriano-o-Historiographo, que o Hercules das columnas foi aquelle celebrado pelos tyrios: por isso edificaram estes Tartesso<sup>2</sup>, na fronteira espanhola, no mesmo local onde existem as columnas, de que atrás se falou, ali erguendo, tambem, um templo ao heroe, construido e edificado ao estylo phenicio, com os sacrificios e cerimoniaes communs ao passado. Donde o facto de se chamar aquella região *o lugar de Hercules*.

<sup>1</sup> No texto, *mer maieure*. P. Gaffarel indentificou-o com o Mar Negro. *Mayor mare*, de facto, é como se lê no mappa de Pedro Bertius (1606).

<sup>2</sup> Thevet, no texto, não diz que Tartesso ficava na Africa. Mas, à margem do mesmo, todavia, lê-se "*Tartesse, ancienne ville d'Afrique*". Como se vê, foi apenas um lapso do frade,

**Costumes dos antigos reis e senhores.**

**Qual teria sido o Hercules das columnas do mesmo nome.**

**Tartesso, antiga cidade africana.**

**Gibraltar, lugar de trafico entre a Europa e a Africa.**

O estreito de Gibraltar é hoje um verdadeiro asylo e receptaculo de ladrões, piratas e flibusteiros do mar, — os turcos, mouros e barbaros, todos inimigos da religião christã, os quaes, vagando em seus navios, assaltam os mercadores que traficam em Africa, Espanha e França. Mais ainda para deplorar, todavia, é o captiveiro de numerosos fieis, dos quaes usam elles, desapiedadamente, em seus misteres, como se foram os mais vis animaes selvagens. Isso sem falar na perdição de tantas almas, assim condemnadas pela violação e transgressão das leis christãs.

### CAPITULO III

## DA AFRICA EM GERAL.

Passando além do estreito de Gibraltar, por espaço de oito dias costearam os navios a Africa, conservando-a à esquerda até a altura do cabo de Cantin<sup>1</sup>, que dista da linha equinoccial trinta e três graus, — motivo pelo qual vou agora descrever, em poucas palavras, aquelle continente.

O cabo de Cantin.

As quatro partes da terra, segundo os modernos geographos.

É a Africa, segundo Ptolomeu, uma das três partes do globo; ou melhor, uma das quatro partes, no dizer dos modernos geographos, que as vêm descrevendo em seguida ao descobrimento de numerosas regiões até então ignoradas, taes como as Indias Americanas. Seu

nome provém, affirma Josephus, de Affer, o qual, segundo ensinam os historiadores greco-latinos, foi quem a subjugou e nella imperou; anteriormente, porém, se chamava de Libya,

Etymologia variada da palavra Africa.

originado, no dizer de alguns, da palavra grega *Alβος*, isto é, o vento do meio-dia, que é lá tão frequente e familiar (se não vem de Libs, que ali já reinou). Diz-se tambem que a palavra Africa provém da particula *a*, negativa, e de *φριχτη*, frio, ou seja região onde jãmais existe frio, tendo sido ainda chamada, outrora, Hesperia.

Situação da Africa.

Relativamente à sua situação geographica, começa a Africa no oceano Atlantico e vae terminar no estreito da Arabia (ou no mar do Egypto, segundo Appiano), como seme-

<sup>1</sup> No texto, *Canti*. Sua lat. N. exacta é de 32° 40'.

lhantemente e em poucas palavras escreve tão bem Aristoteles. Outros há, entretanto, que a fazem começar no Nilo, indo acabar no septentrião, às margens do Mediterraneo. Demais, dá-se o nome de Africa (assim o ensina Josephus nas suas *Antiguidades Judaicas*) a todo o continente comprehendido entre o mar do Septentrião (ou Mediterraneo) e o Oceano Meridional, embora separada em duas partes, a velha e a nova. A nova Africa começa nos montes da Lua, tendo seu cabeça no cabo da Boa Esperança, às bordas do mar do Septentrião, trinta e um graus ao sul da linha equatorial <sup>1</sup> (de maneira que toda essa região se estende numa latitude de vinte e cinco graus); a velha divide-se em quatro provincias, a Barbaria (que é a primeira), a Mauretania ou Tangitana, a Cyrenaica e a Cesariana.

A Africa está toda habitada por povos negros. Outrora, era esse país menos povoado do que actualmente — isso sem falar das diversas populações de seu interior, dos mais variados costumes e idéias religiosas, cujo conhecimento bem merecia uma viagem especial. Ptolomeu não faz menção da parte que fica para o meio-dia, por não ter sido ella descoberta ao seu tempo. Mas não me deterei nesse assumpto, pois muitos já descreveram com minucias o continente, entre outros Plinio, Pomponio Mela, Strabão e Appiano.

A Africa, diz Herodiano ser fecunda e populosa, existindo nella, portanto, gentes de diferentes modos de viver.

Que os phenicios, algumas vezes, vieram colonizá-la, mostram-no os caracteres de sua lingua, encontrados em algumas columnas de pedra, que se vêem ainda na cidade de Tingis, hoje chamada Tamar <sup>2</sup>, pertencente ao rei português. Quanto aos costumes, são elles varios, pois os tem-

Columnas de  
pedra, com ca-  
racteres phe-  
nicios.

<sup>1</sup> A ponta extrema do cabo da Boa Esperança está a 34° 22' de lat. S.  
<sup>2</sup> No texto, *Tinge*. Tingis foi o nome antigo da actual Tanger. Não consta que essa cidade tivesse tomado, em qualquer tempo, a denominação de Tamar. Thevet faz referencia, talvez, ao *Pays des Dattes*, ou *Pais das Tamaras*, nome por que foi conhecido, durante algum tempo, parte da região marroquina.



peramentos e, conseqüentemente, os habitos mudam de accordo com o clima e o meio geographico, pela affinidade que há entre a alma e o corpo, conforme o demonstra Galiano em sua obra. Na Europa, na propria França, vê-se como os usos variam em relação ao ambiente — na Celtica, na Aquitania e na Gallia Belgica, cada uma dellas com as suas particularidades.

**Costumes e religiões da Africa.** Em geral, são os africanos cautelosos. Taes como os syrios, que são avaros, os sicilianos, que são sagazes, os asiaticos, que são voluptuosos. Numerosas são as suas crenças religiosas: alguns praticam cerimoniaes gentias um tanto differentes das antigas; outros são mahometanos. Há ainda os christãos, mas uns christãos muito estranhos e bem diversos dos verdadeiros.

**Motivo pelo qual os animaes são, na Africa, monstruosos.** Os animaes selvagens são tambem variados. Diz Aristoteles que as feras da Asia são crudelissimas, as da Europa robustas e as da Africa monstruosas. Como as aguas são escassas, animaes de differentes especies se vêem forçados a desedentar-se em determinados sitios, e, nesses lugares, se juntam uns aos outros, uma vez que o calor os torna promptos e faceis. Dahi a origem de numerosas especies monstruosas, com multiplos typos de um mesmo individuo. Donde o proverbio de que a Africa produz sempre coisas estranhas.

**Proverbio.** Aos romanos, que, em suas frequentes viagens e expedições à Africa, dominaram por longos tempos esse continente, — não era desconhecido o proverbio. Scipião-o-Africano é um exemplo. Os romanos, assim influenciados pelos costumes africanos, adquiriam certos habitos exquisitos, que chegaram a causar escandalo em sua propria cidade e republica.

## CAPITULO IV

### DA AFRICA EM PARTICULAR.

A *Barbaria* —  
região africa-  
na. Origem de  
seu nome.

Quanto à região africana do lado do Atlantico, — a Mauretania e a *Barbaria* (esta assim chamada por causa da diversidade e estranheza de seus habitantes), — é ella povoada pelos turcos, mouros e outros nativos do país<sup>1</sup>; em algumas partes, porém, taes lugares são quasi como uns desertos, quer devido ao seu excessivo calor, que constringe os povos a andar seminus, cobrindo apenas as partes vergonhosas, quer por motivo da esterilidade dos campos arenosos. Outra razão da existencia de desertos é o numero dos animaes ferozes, — os leões, os tigres, os dragões, os leopardos, os bufalos, as hyenas, as panteras e tantos outros. Receosos desses animaes, as gentes do país vão aos seus negocios sempre aos grupos, armados de arcos, flechas e mais instrumentos defensivos, tanto que, se não são numerosos (como acontece quando vão pescar, ou vão a outro semelhante mister), fogem todos para o mar, aonde se lançam e se salvam a nado, — ao que o habito já os tornou affeitos. Os que, entretanto, não têm essa habilidade, ou não sabem nadar, montam às arvores, evitando, assim, o mal que lhes possam causar as feras. De Gibraltar ao Cabo Verde, os naturaes perecem mais frequentemente dos assaltos das feras de que mesmo de morte commum.

<sup>1</sup> Thevet provavelmente se refere aos berberes de Tunis e de Marrocos, aos *touaregs* do Sahará, etc.

**Religião e costumes dos barbaros.**

Acreditam os barbaros na infeliz lei de Mahomet, mais supersticiosamente que os proprios turcos. Antes da oração, nos templos e mesquitas, lavam todo o corpo, pensando, assim, que a ablução exterior e cerimoniosa, feita por um elemento corruptivel, é capaz de expurgar o espirito. E é a oração repetida quatro vezes ao dia, assim como vi aos turcos fazer em Constantinopla<sup>1</sup>. Outrora, quando esses pagões adoptaram, antes que quaesquer outros, tão diabolica religião, eram elles obrigados, pelo menos

**Mecca, sepultura de Mahomet.**

uma vez na vida, a visitar Mecca, lugar da sepultura de seu gentil propheta; do contrario, não gozariam das delicias, que lhes eram prometidas. Ainda hoje o mesmo observam os turcos, os quaes, em suas peregrinações, viajam como se fôsem

**Viagem dos turcos a Mecca.**

à guerra contra os arabes das regiões montanhosas, isto é, inteiramente municidados. Estando no Cairo, tive occasião de assistir a uma

dessas peregrinações e à magnificencia e triumpho que nellas se guardam.

Semelhantes costumes mantêm os mouros da Africa e outros mahometanos, ainda mais curiosa e estreitamente que quaesquer outros, tanto são obstinados e cegos, — o que me deu opportunidade para falar, neste sitio, dos turcos e de suas viagens, quando se destinam a guerras ou a empresas de grande importancia. Tanto que, se não podem fazer a peregrinação, sacrificam algum animal selvagem ou domestico, assim que se reúnem, — costume que, em sua lingua,

**Corban.**

tanto quanto na dos arabes, chama-se de *corban*<sup>2</sup> (isto é, a offerenda), termo de origem

caldeu-hebraico. Mas é verdade que os turcos do Levante não usam a offerenda, mesmo diante de Constantinopla.

<sup>1</sup> O pronunciamiento de certas formulas muçulmanas, acompanhadas de posturas do corpo, é feita cinco vezes ao dia. Cf. D. S. Margoliouth, p. 92.

<sup>2</sup> A palavra é de origem aramaica. Há uma interpretação nova em J. H. A. Hart, *The Jewish Quaterly Review*, julho de 1907. Cf. *The Encyc. Brit.*, VII, p. 135.

Possuem os mouros certos saccrdotes, que são os maiores impostores do mundo. Fazem crer ao povo que conhecem os segredos de deus e de seu propheta, pelo facto de falarem frequentemente com os mesmos. Usam, demaís, um processo graphico muito estranho, acreditando que foram os primeiros povos a empregar a escripta<sup>1</sup>, — em discordancia com o que se sabe dos egypcios, aos quaes os autores es-

**Os egypcios, primeiros inventores das letras.**

pecializados em historia antiga dão a prioridade na invenção da arte de representar, por intermedio de algumas figuras, a concepção do espirito. Escreve Tacito, de facto, que foram os egypcios os iniciadores de um mechanismo graphico para representar o pensamento, com figuras de animaes, que gravavam na pedra, rememorando, assim, para a humanidade, os factos antigamente passados. E dahi se considerarem os egypcios os inventores das letras, sendo essa invenção, como já se tem escripto, transmitida aos gregos pelos phenicios, então no dominio do mar. Tambem os phenicios se julgavam os precursores da escripta, quando, na realidade, fôra dos egypcios que teriam recebido tal conhecimento<sup>2</sup>.

**Os barbaros são assás bellicosos.**

A população dessa região, em frente à costa europeia, é assás bellicosa, tendo o costume de ungir-se de azeite, que possui em abundancia, quando se destina a emprehender alguma violenta tarefa: tal qual os antigos athletas e outras pessoas, afim de que certas partes do corpo, — os musculos, os tendões, os nervos, os ligamentos, — elastecidos pelo azeite, se tornassem, segundo a variedade do exercicio, mais dispostas ao movimento. Como se sabe, tudo o que é brando e flexivel está menos sujeito a romper-se.

<sup>1</sup> Os *tougregs* possuem uma escripta, que Evans e Petrie demonstraram ser uma representação moderna do mesmo systema commum ao Egypto, a Creta (este) e a Espanha (oeste). Veja-se C. G. Seligman, p. 132.

<sup>2</sup> Alguns archeologos querem fazer crer que os cretenses ou os chypriotas teriam inventado o alfabeto. A tendencia dos orientalistas modernos, todavia, entre os quaes se acha Dussaud, propende para dar aos phenicios a prioridade dessa criação (P. Meininger, p. 277 e 278).

Fazem, os barbaros, guerra principalmente aos espanhoes circumvizinhos, parte por causa de suas idéias religiosas, parte por outros motivos. E é certo que os portuguezes, nos ultimos tempos, tomaram pé nessa região, onde edificaram cidades e fortalezas, introduzindo nella os ensinamentos christãos. Especialmente numa bella cidade,

**Santa Cruz,**  
**cidade da Bar-**  
**baria.**

que chamaram de Santa Cruz, por ter sido co-  
meçada no dia do mesmo nome<sup>1</sup>. Santa Cruz  
fica ao pé de uma linda montanha, do cimo da

qual os infames nativos, agglomerados, lançaram enormes pedras extrahidas dos rochedos. De modo que os portuguezes se viram forçados a abandonar aquella praça.

Vivem os barbaros em tão continua inimizade entre os que, só por meio de intermediarios, traficam com o açúcar, o azeite, o arroz, os couros e outras mercadorias. Possui

**Fertilidade da**  
**Barbaria.**

êsse lugar bastante fructos saborosos, taes como  
laranjas, limões, romãs, etc., de que se servem  
os africanos, à falta de outros alimentos. Tam-

bem usam arroz em lugar do trigo e bebem azeite à maneira de vinhô. E vivem, assim, muitos annos, sobretudo (segundo penso) por causa da sobriedade quanto ao uso da carne.

<sup>1</sup> Sobre as origens de Santa Cruz (depois Agadir, hoje Tlemcen), leia-se Hoefler, p. 315 sq.

## CAPITULO V

### DAS ILHAS AFORTUNADAS, QUE AGORA SE CHAMAM DE CANÁRIAS.

**Situação das ilhas Afortunadas e por que eram assim chamadas pelos antigos.**

Deixando a Barbaria à esquerda, com vento sempre em popa, os marinheiros reconheceram, então, por intermedio dos instrumentos nauticos, quanto os navios estavam proximos das ilhas Afortunadas, assim ditas pelos antigos graças à sua fertilidade e boa temperatura.

E, de facto, ao primeiro dia de setembro, às seis horas da manhã, avistou-se o cimo da montanha de uma dessas ilhas, da qual se falará adiante mais ampla e particularmente.

**Numero das ilhas Afortunadas.**

As ilhas Afortunadas, segundo alguns, se elevam ao numero de dez, três das quaes os autores não mencionam, por isso que são desertas e inhabitaveis; chamam-se as outras sete a Teneriffe, a do Ferro, a Gomiera, a grande ilha particularmente baptizada pelo nome de Canaria, a Fortaventura, a Palma e a Lancelote<sup>1</sup>. As três ultimas distam do equinoccial vinte e oito graus, estando as quatro restantes a vinte e sete. Donde se pode ver que, da primeira à ultima e de norte a sul, há, segundo a opinião dos pilotos, a distancia de um grau, ou seja, dezeseite leguas e meia (quem quiser conhecer a quantidade de leguas e estadios contidas na terra, de accôrdo com os graus celestes, ou conhecer a proporção entre a legua e o grau — o que, ao descrever um país, deve observar todo cos-

<sup>1</sup> Actualmentc, Teneriffe, Hierro, Gomiera, Grande Canaria, Fuerteventura, La Palma e Lanzarote. Conhecem-se, hoje, muitas outras ilhotas deshabitadas, seis das quaes já possuem nome.

mographo — consulte Ptolomeu, o qual trata amplamente do assumpto em sua *Cosmographia*)<sup>1</sup>.

Entré as Canarias só a maior tem êsse nome, o qual se origina da quantidade dos enormes cães lá existentes. Assim o dizem Plinio e varios outros autores mais novos, accrescentando-se, ainda, que Juba trouxe dessas ilhas dois delles. Atualmente, o nome é, por essa razão, indistincta-

**Por que as ilhas Afortunadas se chamam hoje de Canarias.** mente commum a todo o archipelago. Minha opinião é, porém, que as Canarias são assim chamadas por causa da abundancia das cannas e bambus selvagens, existentes nas costas ma-

ritimas (as cannas-de-açucar foram ali plantadas pelos espanhoes, mas não as silvestres, que sempre ali cresceram)<sup>2</sup>. Cães, grandes ou pequenos, não é verosimil se encontrassem nas Canarias, a não ser os trazidos pelos portuguezes (como ainda hoje acontece), para a caça das cabras e outros animaes selvagens. E sei, por experiencia, que os indigenas, descobertos de uns tempos a esta parte, jámais conheceram o cão ou gato, — como mostrarei em lugar opportuno.

**Ombrios.** Plinio descreve-as do seguinte modo.

Chama-se a primeira Ombrios, nella não se vendo nenhuma casa ou edificação, mas nas partes montanhosas um alagado e arvores semelhantes à ferula,

**Uma arvore estranha.** porém brancas e pretas, as quaes, expremidas, dão agua (a agua das pretas é muito amarga, ao contrario da agua das brancas, que é agradável ao paladar).

**Junonia.** A segunda é a Junonia, onde só há um edificiozinho, todo construido de pedra. Vê-se mais uma ilha proxima, com o mesmo nome, todavia menor.

<sup>1</sup> Ptolomeu estimava em 125° 10' a distancia entre o meridiano das ilhas Afortunadas e o promontorio Cory (India), reduzindo a parte restante a 54° 10'. Esse erro teve a vantagem de animar os nautas a atravessar o Atlantico, do que resultou o descobrimento da America. Cf. Brunet & Mielé, p. 788.

<sup>2</sup> P. Gaffarel é da opinião que a verdadeira origem da palavra Canarias é *cannis* e não *canna*, pois a cana-de-açucar só appareceu no archipelago ao tempo da colonização. Os cães selvagens, accrescenta Gaffarel, sempre existiram nessas ilhas, pelo menos desde os tempos de Béthencourt.

Outra cheia de grandes lagartos. E, além destas, a chamada **A ilha das Neves** ilha das Neves <sup>1</sup> (por estar sempre coberta de neveiro), perto da qual se avista a Canaria, cujo nome se origina, como já se disse, da multitude de enormes cães ali existentes (de onde levou Juba, rei da Mauritania, dois dos animaes). Na Canaria percebem-se vestigios de velhas edificações.

Essas ilhas são habitadas por povos selvagens e barbaros <sup>2</sup>, totalmente idolatras e ignorantes da existencia de Deus, adorando o sol, a lua e alguns outros planetas, dos quaes recebem todos os beneficios; há uns cincoenta annos, porém, os espanhoes derrotaram-nos e subjugaram-nos, sendo mortos alguns e outros escravizados. Acimatando-se nas ilhas, os espanhoes reduziram os nativos à fé christã, de modo que já não há mais habitantes primitivos, senão uns poucos que se retiraram ou occultaram nas montanhas (como na do Pico <sup>3</sup>, da qual falarei mais adiante).

As Canarias constituem um refugio para as pessoas banidas de Espanha. Essas pessoas são exiladas para as ilhas como punição de seus crimes, de maneira que existem nellas numerosos escravos, que são bem aproveitados na lavoura e em outros trabalhos semelhantes. E me causa admiração como os ilheus são tão differentes dos habitantes da Africa, em lingua, côr, costumes e idéias religiosas, embora sejam tão vizinhos uns dos outros.

No tempo do imperio romano, a maior parte do continente africano foi conquistada e submettida sem que se tocasse nas Canarias (ao contrario do que aconteceu no Mediterraneo), apesar de sua maravilhosa fertilidade, pois servem as ilhas, presentemente, de celeiro e adega dos espanhoes, assim como a Sicilia o era dos latinos e genoveses. E, devido às suas culturas, as ilhas dão boas rendas e emolumentos, sobretudo em açu-

<sup>1</sup> No texto, *isle de neiges*. Plinio usa a expressão *Nivaria* (*Hist. Nat. de Pline. I. p. 273*).

<sup>2</sup> Thevet refere-se aos antigos *guanches*.

<sup>3</sup> No texto, *Pych*.



car, maravilhoso e em muita quantidade, pois há alguns tempos se vem plantando bastante canna. Na realidade se planta canna em outros lugares, porém de qualidade inferior ao das ilhas.

**Açúcar das Canarias.** A causa de ser o açúcar canarino mais bem acolhido e mais procurado que qualquer outro é a seguinte: as fundações das ilhas do mar Mediterraneo (para o lado da Grecia, taes como Mitylena, Rhodes e outras Cycladas <sup>1</sup>), que produziam bom açúcar antes da dominação dos turcos, foram negligentemente destruidas. De modo que, de todos os países levantinos, só o Egypto ficou produzindo o açúcar, extrahido das cannas das margens do Nilo, o qual é muitissimo estimado pela população e pelos mercadores tanto ou mais do que o das Canarias.

**Açúcar da Arabia.** Os antigos apreciavam muito o açúcar da Arabia, por isso que era maravilhosamente cordial e, sobretudo, de propriedades medicinaes, não o applicando em outro mister; hoje em dia, entretanto, a voluptuosidade augmentou, especialmente na Europa, de modo que todos os molhos se servem açucarados e, algumas vezes, até as carnes, mesmo quando se trata de um repasto familiar. As leis athenienses, não obstante, prohibiam esses costumes, como capazes de amollecêr o povo, — exemplo que foi seguido pelos lacedemonios. Mas é verdade que os maioraes turcos bebem agua açucarada, uma vez que lhes é defeso o uso do vinho. Relativamente ao vinho, que inventou o grande medico Hippocrates, — diga-se de passagem, — era elle sòmente permittido às pessoas doentes e debeis. Actualmente, é bebida quasi tão commum em França quanto rara em alguns outros países.

**Fertilidade das Canarias.** Há bastante quantidade de trigo nas Canarias. Tambem há bom vinho, melhor do que o de Candia, productora das malvasias, — do

<sup>1</sup> No texto, *esclades*. Talvez erro typographico.

qual tratarci adiante, no capitulo relativo à ilha da Madeira. E carne sufficiente, cabras selvagens e domesticas, aves de todas as especies, assim como numerosas laranjas, limões, maçãs e demais fructas, palmeiras e muito mel. Nas margens fluviaes, existe ainda uma planta chamada *papel*<sup>1</sup> e, nos rios, peixes da familia dos siluridas, os quaes Paulo Jonio, no seu livro sobre os peixes, julga que sejam esturjões. Dêsses alimentos, à falta de melhor, saciam-se os pobres escravos, suarentos do exausto labor. E, de passagem, direi que são os escravos duramente tratados pelos espanhoes, sobretudo pelos portugueses<sup>2</sup>, mais do que poderiam ser entre os turcos ou arabes (sou constrangido a assim falar por ter visto como são elles maltratados).

Nas montanhas há uma erva, vulgarmente chamada *orcella*<sup>3</sup>, que os nativos recolhem diligentemente e com a qual fabricam tintas. Fabrica-se, tambem, *gomma negra*, de que há abundancia em Teneriffe. Tem o nome de *breu*<sup>4</sup>. Depois de abatidos os pinheiros, que ali existem em grande quantidade, são os mesmos fendidos em grossas achas, — até umas dez ou doze *chartées*, — dispondo-se as peças, umas sobre as outras, em forma de cruz; sob a pinha cava-se um fosso redondo, de media profundidade. Ateando-se fogo à madeira, quasi junto ao seu cume, cae a resina no fosso. Fazem outros isso com menos trabalho, lançando fogo na propria arvore, com o fosso aberto ao seu pé. Esse breu dá muito

<sup>1</sup> No texto, *papier*. Possivelmente alguma planta, que possuia as propriedades do *Cyperus papyrus* L. ou da *Tetrapanax papyriferum* Koch. Talvez a *Phoenix dactylifera*. Sobre a flora das Canarias, cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, I, p. 81-82.

<sup>2</sup> Essa affirmativa de Thevet está em contradicção à maioria dos autores estrangeiros, que observaram o tratamento dos escravos no Brasil (Debané, Burton e outros). Cf. Gilberto Freyre, p. 157.

<sup>3</sup> No texto, *Oriselle*. Adiante, escreve Thevet, tambem *Orseille* (f. 25 e 27). Trata-se da *Rocella tinctoria* Ach. Sobre a *orcella* e sua introdução, na Europa, leia-se Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, I, p. 81.

No texto, *Bré*. É o pez, substancia resinosa, extrahida dos pinheiros.

dinheiro aos que traficam no Perú, do qual se usa apenas no calafeto dos navios e mais barcos de marinha.

**Madeira ardente, que se usa em lugar da candeia.** Do amago da arvore, cuja còr é avermelhada, os pobres montanheseos constroem bastões assás longos, do comprimento de meia braça e da grossura de uma pollegada; accendem-nos em uma das pontas, servindo-se dos mesmos à maneira de candeias.

Assim tambem os usam os espanhoes.

## CAPITULO VI

### A ALTA MONTANHA DO PICO.

**Admiravel altura e circuito da montanha do Pico.** Em uma dessas ilhas, chamada Teneriffe, há certa montanha de tão admiravel altura<sup>1</sup>, que não se lhe podem comparar as da Arménia, da Persia e da Tartaria; nem tambem o Libano na Syria, o Ida, o Athos, ou mesmo o Olympio tão celebrado na historia. De circuito

tem pelo menos sete leguas; dezoito da base ao cume. Dão-lhe o nome de Pico<sup>2</sup>. Conserva-se quasi todo o tempo occulta pelo gelo e pelos nevoeiros, tanto que não pode ser vista com facilidade. A causa disso, segundo minha opinião, está no facto de o Pico approximar-se da região media do ar, que é, por antiperistase, frigidissima em relação às duas outras, — tal qual ensinam os philosophos. Tanto quanto nos vales, nessa região não se reflectem os raios solares, motivo pelo qual é impossivel a neve fundir-se. Assim se explica ser a parte superior da montanha constantemente fria.

O Pico de Teneriffe é tão elevado que, se há calma na athmosphera, torna-se facil avistá-lo do mar, a uma distancia de cincoenta ou mais leguas. O cume, ou pinaculo, visto de longe, tem a forma de um  $\Omega$  grego. Do mesmo modo

<sup>1</sup> O pico de Tcyde é uma enorme pyramide trachytica, de 3.716 metros de altura. Note-se que Thevet não faz confusão entre a ilha de Teneriffe e a da Grande Canaria, como acontecce a Léry (*Histoire*, p. 17), o qual mostra, a esse respeito, incerteza.

<sup>2</sup> *Pico* não é, na realidade, um nome proprio, como parece suppor Thevet.

**Altura do Etna e de outras montanhas.** vi o monte Etna, na Sicilia, a uma longitude de trinta leguas, embora não possuísse uma vista tão boa quanto a de Lynceu, que, do promontorio siciliano de Lilybéia, distinguia os navios surtos no porto de Carthago, — coisa que parecerá a alguns estranho, por não alcançar o olhar humano tão longo horizonte (o que é verdade quando se trata de distender a vista através da planície, mas não para as alturas).

Varias vezes tentaram os espanhoes sondar o cume dessa montanha, enviando alguns dos seus homens, acompanhados de mulas, que transportavam pão, vinho e outras munições; mas ninguem de lá pôde tornar, conforme me affirmaram pessoas que por dez annos viveram na ilha. Por isso há quem julgue que, tanto no cimo quanto no circuito da montanha, habitam os remanescentes das populações nativas, que ali vivem retirados, alimentando-se de raizes ou de animaes silvestres. Essas populações saqueiam todo aquelle que tenta escalar a montanha.

**Ptolomeu teve conhecimento dessa montanha.** Ptolomeu teve conhecimento do Pico de Teneriffe, pois contava que, para além das columnas de Hercules, havia, em certa ilha, um monte de maravilhosa altura, cujo cume vivia sempre coberto de neve. Por essa montanha desce bastante agua, que chega para regar toda a ilha, tornando, assim, mais fertil a canna-de-açucar e demais culturas. Não há outra fonte de agua no lugar, de modo que, se não fosse a oriunda da montanha, todo o país em derredor, situado perto do tropico do Cancer, se tornaria, devido ao excessivo calor, esteril.

**Pedras porosas e de outras especies.** A ilha produz, abundantemente, certas pedras porosas, semelhantes à esponja; são tão leves que qualquer dellas, mesmo quando chega a ser do tamanho de uma cabeça humana, não attinge o pêso de meia libra. Tambem

produz a ilha outras pedras, parecidas com a escoria do ferro <sup>1</sup>.

Quatro ou cinco leguas mais além, encontram-se ainda certas rochas, que resendem a enxofre. Acreditam os habitantes que existem, nesse sitio, minas sulphuricas <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Thevet refere-se ás formações eruptivas da ilha de Teneriffe (lavas esponjosas, basaltos feldspathicos, etc.).

<sup>2</sup> Foi diante da ilha de Teneriffe que occorreu o grave incidente, a que me refiro no prefacio, isto é, o bombardeio da ilha.

Em que dia teria occorrido esse facto? Barré diz simplesmente: num domingo, vinte dias após o terceiro embarque, isto é, vinte dias após a partida definitiva em Dieppe. Mas, o vigesimo dia após 14 de agosto, que é, como se sabe, a data do terceiro embarque, cae numa terça-feira, 3 de setembro. Por outro lado, Thevet affirma que as Canarias foram avistadas pela manhã do dia 1.º de setembro. Tratava-se, justamente, da Teneriffe. E o dia 1.º de setembro era um domingo.

Em summa, o incidente occorreu num domingo, a 1.º de setembro de 1555. Já fazia dezoito dias de viagem, não vinte, como, por engano, diz Barré.

## CAPÍTULO VII

### DA ILHA DO FERRO.

**A ilha do Ferro. Origem do seu nome.**

Dentre as Canarias quero particularmente descrever a ilha do Ferro, proxima da de Teneriffe, assim chamada por causa de suas minas de ferro (como a da Palma tira o nome das palmeiras, etc.). Embora a menor em superficie, — seu circuito não passa de seis leguas, — é a ilha, todavia, mais fertil que qualquer das outras em canna-de-açucar, em gado, em fructos e em bellas hortas. Habitam-na os espanhoes, assim como as demais Canarias.

**Fertilidade da ilha do Ferro.**

Não há, entretanto, trigo sufficiente para a alimentação do seu povo, motivo pelo qual os nativos, em sua maior parte, assim como os escravos, são forçados a recorrer ao leite e ao queijo de cabra, de que há bastante. Desse modo, vivem elles frescos, dispostos e maravilhosamente bem nutridos, uma vez que se habituaram, por tradição, ao uso desses alimentos. Demais, favorece-os um bom clima.

**O leite e o queijo formam calculos.** Alguem meio mettido a philosopho ou a medico (honra a quem couber) poderá indagar se essas populações não estão sujeitas a soffrer de calculos, uma vez que o leite e o queijo propendem para essas concreções, como já tem acontecido a diversas pessoas na Europa. E minha resposta é que o queijo pode ser bom ou mau, tende a produzir calculos ou não, dependendo isso da disposição de cada um e do facto de usar-se o alimento em maior ou menor quan-

tidade. Entre nós, na verdade, pode resultar mal o uso do leite ou do queijo, uma vez que não nos contentamos, a um tempo só, com uma mesma especie de alimento ou bebida, mas com vinte e cinco ou trinta, — quasi sempre tantos quantos appareçam e possam caber no espaço *entre a albarda e a cilha* <sup>1</sup>; tudo só pelo orgulho de honrar cada uma dessas viandas. A uma natureza, assim carregada pela incontinnencia, o gasto excessivo do queijo só poderá prejudicar, visto que é alimento assás difficil de cozer e digerir; mas, quando o estomago se sente bem disposto e não há exçesso, pode o mesmo digerir qualquer sorte de queijo, quer seja o de Milão, quer seja o de Béthume. Até coisa mais dura.

Os selvagens americanos <sup>2</sup> (vou tornar ao assumpto, pois a um cosmographo não cabe tratar de medicina) passam sete ou oito meses, na guerra, alimentando-se, como já o observei, de farinha feita de certas raizes seccas e duras, nas quaes ninguem acredita que pudesse haver qualquer valor nutritivo <sup>3</sup>. Os insulares de Creta e de Chypre quasi que só vivem de lacticinios, aliás melhores que os das Canarias, pois são feitos de leite de vacca e não de leite de cabra (o leite de cabra é inferior ao da vacca, por ser o desta mais grosso e gordo que o de qualquer outro animal) <sup>4</sup>. Demais, é o leite um bom nutrimento, que de prompto se converte em sangue, pois elle proprio não é mais do que sangue embranquecido nas mamas.

<sup>1</sup> "Entre le bast et les sangles", velho dicto francês, que Thevet pittorescamente põe em uso.

<sup>2</sup> No texto, *les sauvages aux Indes*. Como Thevet chamava o Brasil de *Indias Americanas*, os selvagens, de que fala, são os do Brasil, com os quaes realmente conviveu alguns tempos.

<sup>3</sup> Thevet refere-se à mandioca, de que, adiante, fala mais demoradamente. Sobre o valor nutritivo da mandioca e de seus succedaneos, cf. Josué de Castro, tabua *in-fine*.

<sup>4</sup> Pelo contrario. O leite da cabra é mais rico que o da vacca em corpos gordos, caseina e outros albuminoides.



Conta Plinio (liv. II, cap. 42) que Zoroastro passou vinte anos no deserto, comendo somente queijo<sup>1</sup>. Quando guerreavam, os pamphylienses não dispunham de outros viveres, senão de queijo de leite de jumenta ou de leite de camelo. O mesmo acontece aos arabes, como tive occasião de observar; quando atravessam o deserto egypcio só bebem leite, em lugar de agua, dando tambem o mesmo alimento a seus cães. E, para não esquecer nada sobre o assumpto, convem lembrar que os antigos habitantes de Espanha apenas se alimentavam, na maior parte d'os annos, de batatas, das quaes faziam pão, sendo a bebida tirada de certas raizes. Assim o dizem Strabão e Posidonio. E não só os antigos povos de Espanha, mas tambem outros mais, conforme o affirma Virgilio em suas *Georgicas*. Com o tempo, foi que adveio um mais agradável e mais humano modo de viver.

Os habitantes das Canarias, embora agrestes e ignorantes, são muito mais robustos e dispostos para o trabalho do que os espanhoes em sua patria.

Pessoas bem entendidas em nautica, portuguezes e espanhoes, dizem, finalmente, conforme o consignaram em suas cartas maritimas, que a ilha do Ferro se acha precisamente sob a linha diametral<sup>2</sup>, — limite de tudo o que corre de norte a sul. Assim como a linha equinoccional indica as longitudes, de levante a poente, os diametros marcam as latitudes, de norte a sul. Os diametros são iguaes em comprimento, pois cada um delles somma trezentos e sessenta graus, tendo cada grau desesete leguas e meia<sup>3</sup>. Por outras palavras: se a linha equinoccial divide a esphera em duas, com seus vinte e quatro climas, doze no oriente e doze no occidente, — a linha diametral, passando pela ilha do Ferro (a exemplo do

A ilha do Ferro está sob a linha diametral.

Valor do grau.

<sup>1</sup> Lembra Gaffarel que a indicação de Thevet é falsa, mandando conferir o liv. XI, § 97 da *H. N.* de Plinio.

<sup>2</sup> Isto é, o meridiano zero. Thevet usa a palavra *diametro* no sentido de *meridiano*.

<sup>3</sup> Mais adiante, no cap. LXIX, Thevet desenvolve melhor o assumpto.

equador, que passa pelas ilhas São Thomé)<sup>1</sup>, corta pela metade, de norte a sul, os paralelos e a esphera inteira.

Não achei na ilha do Ferro nada mais digno de descrever, senão que há nella muita quantidade de escorpiões. São mais perigosos que os da Turquia, como sei por experiencia propria. Têm os turcos, todavia, interesse de apanhá-los, porque extrahem desses animais um oleo medicinal, de que os doutores sabem tirar tão bom proveito.

<sup>1</sup> *Saint Omer*, no texto. A f. 33, 34, 40 e 182, escreve Thevet *Saint Homer*. Estas e outras mais (Santomeri, Santaomé) são formas antigas de São Thomé, ilha portuguesa realmente localizada no equador, — a 0° 23' de lat. N., em aguas do golpho de Maftas (mar da Guiné). A f. 34, acrescenta o frade que essa ilha tambem se chamava de Santo Tomás, — o que é exacto (Bouillet, *Dict.* p. 1573 e Paulo Perestrello da Camara, I, p. 450).

## CAPITULO VIII

### DAS ILHAS DA MADEIRA.

Não dizem os autores se as ilhas da Madeira teriam sido exploradas antes de há sessenta annos passados <sup>1</sup>, quando espanhoes e portuguezes se lançaram, em suas ousadas navegações, no mar Oceano. Mas é verdade, como já o fiz ver atrás, que Ptolomeu teve conhecimento das ilhas Afortunadas e mesmo do cabo Verde. Conta tambem Plinio que Juba trouxe dois cães da Grande Canaria. Das Canarias falam ainda muitos outros escriptores.

As ilhas da Madeira, desconhecidas dos antigos.

As ilhas da Madeira, desconhecidas dos antigos. ousadas navegações, no mar Oceano. Mas é verdade, como já o fiz ver atrás, que Ptolomeu teve conhecimento das ilhas Afortunadas e mesmo do cabo Verde. Conta tambem Plinio que Juba trouxe dois cães da Grande Canaria. Das Canarias falam ainda muitos outros escriptores.

Foram os portuguezes, pois, os primeiros que descobriram as ilhas chamadas, em sua lingua, de Madeira, isto é, do *lenho*, porque eram ellas totalmente deshabitadas, mas cobertas de arvores. Estão situadas entre o estreito de Gibraltar e as Canarias, para os lados do poente. Distam do equador cerca de trinta e dois graus e das ilhas Afortunadas sessenta e tres leguas. Quando passei por suas costas, ficaram à minha mão direita.

A Madeira. Seu significado em lingua portuguesa.

Foram os portuguezes, pois, os primeiros que descobriram as ilhas chamadas, em sua lingua, de Madeira, isto é, do *lenho*, porque eram ellas totalmente deshabitadas, mas cobertas de arvores. Estão situadas entre o estreito de Gibraltar e as Canarias, para os lados do poente. Distam do equador cerca de trinta e dois graus e das ilhas Afortunadas sessenta e tres leguas. Quando passei por suas costas, ficaram à minha mão direita.

Afim de descobrir e cultivar essa região foi preciso, conforme me contou um mestre piloto portuguez, lançar fogo aos bosques, tanto os de grandes dimensões, quanto os peque-

<sup>1</sup> As ilhas da Madeira foram descobertas, casualmente, em 1419, por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.

nos. Isso se deu na maior e principal das ilhas, que tem de circuito perto de catorze leguas e a forma de um triangulo (semelhante ao  $\Delta$  dos gregos) <sup>1</sup>. Durou o incendio cinco ou seis dias, tendo o fogo ardido com tal vehemencia que os portuguezes se viram constringidos a pôr a salvo os seus navios (alguns, que não dispunham desse meio de salvação, lançaram-se ao mar, até que passasse o furor das chammas). E ainda bem não acabara o incendio, se puseram todos a lavrar, plantar e semear grãos diversos, que deram maravilhosos resultados, em virtude da boa disposição e amenidade do clima. Em seguida ao que edificaram habitações e fortalezas, de modo que não há, hoje em dia, lugar mais aprazivel que essa ilha.

Plantaram os portuguezes cannas em abundancia, que dão muito bom açúcar, do qual fazem bastante commercio. Actualmente, é celebre o açúcar da Madeira. Os colonos, que hoje em dia habitam a ilha, são muito mais civilizados e humanos que os das Canarias. E, no seu trafico, também mantêm essas mesmas qualidades.

O mercado principal é o do açúcar, do vinho (de que tratarei, adiante, mais amplamente), do mel de cera, das laranjas, limas, romãs e dos cordovãos. Fabricam-se, também, em boa quantidade, doces, os melhores e os mais estranhos que imaginar se possa, — em forma de homens, mulheres, leões, passaros, peixes, — alimento agradável à vista e melhor ainda ao paladar. E, demais, fructas varias em conserva, que, desse modo, duram muito e podem ser transportadas para o estrangeiro, — coisa que consola e apraz a todos.

<sup>1</sup> A lat. N. da ilha da Madeira é 32° 39'; tem 500 km<sup>2</sup> e mede 62 × 22 km. Sua configuração é antes a de um hexagono alongado.

**Fertilidade das  
ilhas da Ma-  
deira.**

As ilhas da Madeira são férteis e de optimo clima, não só por causa de seus bellos bosques montanhosos, repletos de fructos estranhos, desconhecidos na Europa, como por motivo de suas aguas e fontes vivas, que regem os campos. Existem, tambem, abundantes ervas e pastos, com animaes selváticos de todas as especies. Por outro lado, os colonos, com as suas culturas, diligenciaram por tornar mais rico o solo.

**Gomma.**

Entre as arvores <sup>1</sup>, algumas há que dão gomma; com o decorrer dos tempos, os naturaes apprenderam a utilizar essa substancia em misteres varios. Existe, tambem, uma especie de guaiaco, ao qual, todavia, não se dá muita importancia. Diz-se que é por ser inferior ao das Antilhas; mas, talvez, não se conheça bem a maneira de prepará-lo e accommodá-lo.

**Especie de  
guaiaco.**

**Sangue-de-dra-  
gão.**

Há ainda, algumas arvores, que, em certas epochas do anno, produzem resina chainada sangue-de-dragão <sup>2</sup>. É extrahida a resina, abrindo-se um talho bastante largo e profundo na base do tronco. A planta dá um fructo amarello, do tamanho da cereja, muito proprio para refrescar e desalterar a sêde, quer se esteja com febre, quer não. Seu succo é pouco differente

**O cinnabrio de  
Dioscorides.**

do do cinnabrio, descripto por Dioscorides. O cinnabrio, segundo se diz, foi trazido da Africa, vendendo-se por preço muito elevado, — visto não haver bastante d'elle para satisfazer as necessidades dos pintores; é vermelho vivo, de modo que alguns o identificam com o sangue-de-dragão (assim o fez Plinio em sua *Historia Natural*, liv. XXXIII, cap. 38). Tanto o cinnabrio, como o sangue-de-dragão, ao contrario do que julgavam os

<sup>1</sup> Provavelmente, a *Mimosa gummifera* ou a *Acacia gummifera*, W.

<sup>2</sup> O dragoeiro (*D. draco*, L.) nasce, preferentemente, nas Canarias. Observa P. Gaffarel que os *guanches* fabricavam escudos com a madeira dessa arvore.

antigos, não se encontram em estado natural na Europa. A vista do que observei e dizem os antigos, julgo que a especie de guaiaco, de que tratei linhas atrás, é inteiramente semelhante ao cinnabrio e ao sangue-de-dragão.

Falando dos fructos das ilhas da Madeira, não se devem esquecer os limões, as laranjas, as limas, assim como as abundantes romãs, — doces, vinhosas, agras, agro-doces, — cuja casca, por ser muito adstringente, se applica no cortumê e preparo dos couros (pratica que, segundo penso, foi Plinio quem ensinou, pois trata disso no livro XIII, cap. 19 de sua *Historia*).

Em summa, são as ilhas da Madeira ferteis e amenas, sobrepujando em delicias as da Grecia, mesmo em se tratando de Chio, que foi tão celebrada por Empedocles, Apollonio de Rhodes e varios outros poetas.

## CAPITULO IX

### DO VINHO MADEIRENSE.

Já tive occasião de dizer quanto os terrenos madeirenses são proprios e adequados para varias especies de bons fructos; cabe-me, agora, falar do seu vinho, que pode ser considerado, senão o primeiro, pelo menos o segundo em excellencia e perfeição entre todos os alimentos de uso ou necessidade humana. Por suas affinidades, exigem o vinho e o

**Vinho e açu-**  
**car de Madei-**  
**ra.**

açucar a mesma disposição climatica e terrestre. E tanto assim é que as ilhas da Madeira produzem uma enorme quantidade de precioso açucar e de vinho, venham de onde vierem as

plantas ou rebentos. Affirmaram-me os espanhoes não os terem trazido do Levante, nem de Candia, embora seja esse vinho tão bom, ou melhor, que o dessas regiões, — facto que só é possível attribuir à bondade das terras <sup>1</sup>.

Sei que Cyro, rei dos medos e assyrios, antes da conquista do Egypto <sup>2</sup>, mandou plantar numerosas videiras, que, depois, deram magnifico vinho, embora não superior ao da Madeira. O mesmo se pode dizer quanto ao vinho de Can-

**Malvasia de**  
**Candia.**

dia, embora a excellencia de sua malvasia, outrora estimadissima nos banquetes dos romanos, os quaes a usavam, entretanto, como coisa

appetitosa, apenas uma vez na refeição. E a malvasia era

<sup>1</sup> Sobre o vinho madeirense, cf. João Augusto Martins, p. 40 *sq.*

<sup>2</sup> Gaffarel chama a attenção para esse engano de Thevet, não foi Cyro quem conquistou o Egypto, mas seu filho Cambyses.

muito mais formosa que os vinhos de Chio, de Mitylena e do promontorio Arvisio <sup>1</sup>, os quaes, por sua supremacia e suavidade, se denominavam de bebida dos deuses.

**Vinho da ilha da Palma.** Hoje em dia, são os da Madeira que adquirem reputação, assim como os da Palma, uma das Canarias, onde se fabrica vinho branco, tinto e clarete. Dessa bebida se faz muito commercio em Espanha e em outros países. O melhor producto vende-se, no lugar da fabricação, por nove a dez ducados a pipa; mas, transportado para fora, torna-se estranhamente forte, sendo, quando bebido em excesso, mais prejudicial que nutritivo.

**Utilidade do vinho, quando tomado moderadamente.** Platão considerava o vinho um bom nutrimento, adequado à natureza humana, porquanto, se era usado moderadamente, conduzia o espirito à pratica da virtude e das boas acções.

Plinio, do mesmo modo, affirmava que o vinho constituia um poderoso remedio. Essa qualidade do vinho não passou despercebida aos persas: nas grandes empresas, era valioso tomá-lo sobriamente e de accordo com o temperamento de cada um. Isso era melhor do que alguém meter-se em taes empresas sem ter bebido nenhum vinho.

Como já o disse, em materia de alimentação é a quantidade que traz prejuizo.

Penso que o vinho madeirense se torna melhor quando após dois ou três annos de fabricado; pois, com o tempo, perde o ardor primitivo do sol, conservando apenas a sua natural temperatura (o mesmo se pode dizer em relação aos vinhos franceses do corrente anno de 1556); tambem é possível que o vinho perca o seu calor primitivo, quando é transportado de um lugar para outro.

Nas ilhas da Madeira a vegetação é tão luxuriante que os seus habitantes são constringidos a cortar ou a queimar parte della, plantando, em seu lugar, a canna-de-açucar, de que tiram melhor proveito. A canna-de-açucar cresce em seis meses; quando plantada em janeiro, só em junho é que

<sup>1</sup> No texto, *Aruoise*.



pode ser colhida. E assim successivamente, — o que a livra dos incommodos do calor solar.

Eis, em resumo, as singularidades das ilhas da Madeira, que me foi possível observar <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Nem é provavel que Thevet tenha observado pessoalmente essas *singularidades* das ilhas madeirenses. Segundo se infere da carta de N. Barré, os navios da expedição de Villegagnon não aportaram em nenhuma das ilhas da Madeira, pois estavam ansiosos por ancorar e fazer aguada em Teneriffe. Aliás, o proprio Thevet confessa (f. 13): “*en nostre navigation les auons costoyées à main dextre*”.

## CAPITULO X

### DO PROMONTORIO VERDE E DE SUAS ILHAS.

**Promontorio é o mesmo que cabo.** *Promontorio* chamavam os antigos a uma lingua de terra que avançava de mar a dentro, a ponto de ser avistado de muito longe. Os modernos dão-lhe o nome de *cabo*, palavra que quer dizer *coisa eminente em relação ao todo*, como a cabeça o é para o corpo. Por isso alguns autores preferem escrever *promontorium a prominendo*, o que me parece adequado.

O cabo, ou promontorio, do qual pretendo falar, fica situado na costa africana, entre a Barbaria e a Guiné, no reino do Senegal, distando do equador quinze graus. Outrora era chamado, pelos naturaes, de Talú<sup>1</sup>: **Jalú, hoje o cabo Verde. Origem do nome.** mas, depois, tomou o nome de cabo Verde, que lhe deram, por causa de sua abundante e perenne vegetação, aquelles que primeiro o descobriram. Do mesmo modo, o promontorio ou cabo Branco tomou essa designação em virtude de estar coberto de areias tão brancas quanto a neve e não apparentar possuir nenhuma vegetação. O cabo Branco dista das Cana-

<sup>1</sup> No texto, *Ialout*. Corruptela, talvez, do nome de um grupo indigena da região cabo-verdense, que é designado por diversas formas: *Yolof, Djolot, W'lof, Wolofe, Jalofes* é como se vê no mappa de Lafitau. — A ponta extrema do cabo Verde fica a 14° 43' 5" de lat. N.

**O golpho de Arguin.** rias setenta leguas. Existe lá um golpho marítimo, chamado pelos nativos de Arguin<sup>1</sup>, — do nome de um ilheu, proximo da terra-firme; também lhe dão o nome de cabo da Palma (por causa de suas abundantes palmeiras).

**Promontorio da Ethiopia.** Ptolomeu chamou o cabo Verde de promontorio da Ethiopia, do qual teve conhecimento; mas Ptolomeu não conheceu as terras que lhe ficavam além. Estimaria que esse nome tivesse prevalecido, pois a Ethiopia prolonga-se através de enorme extensão territorial, a ponto de alguns autores a dividirem em duas partes, a

**Enorme, a extensão da Ethiopia.** Asia e a Africa. Gemma Frisius, por exemplo, diz que os montes ethiopicos occupam a maior parte da Africa, alcançando mesmo as margens do oceano Occidental, no meio-dia, perto de rio Niger.

O cabo Verde é muito grande e bello, avançando profundamente de mar a dentro. Está situado entre duas lindas montanhas<sup>2</sup>. Toda a região é habitada por povos assás selvagens, mas não tanto quanto os das planicies indianas, que são negros como os da Barbaria.

E' preciso notar que, desde Gibraltar até o país de Preste João, ou até Calicut, umas três mil leguas de extensão, — a população é totalmente negra. E vi mesmo, em Jerusalem, três bispos das terras de Preste João<sup>3</sup>, em visita ao Santo Sepulchro, ainda mais negros que os da Barbaria, —

<sup>1</sup> No texto, *Dargin*; à margem, *D'Argin*. E' o banco de Arguin, diz Gaffarel.

<sup>2</sup> As *Duas Tetas*, como observa Gaffarel.

<sup>3</sup> Pelo nome de Preste João eram conhecidos na Europa, desde o sec. XI, os soberanos de certa tribu tartara ou mongolica, isto é, os *keraitas* que viviam ao sul do lago Baikal (China). Naquelle seculo, missionarios nestorianos haviam attingido a região chinesa dos *keraitas*. A interpretação mais autorizada é a de que o primeiro soberano convertido tomou o nome de João, depois adoptado por seus successores. Há quem supponha, todavia, que João é corruptela de nomes indigenas (*Ug-kan*, *Wan-kan*, etc.). Outros que procede do persa *Preste Chain*. No sec. XV, d. João II a'mejou fazer alliança com a personagem celebre, enviando-lhe alguns emissarios. Os mensageiros foram ter ao Cairo e lá tiveram noticias dos abyssinios, povos cbristianizados, acreditando-se, então, que os seus reis eram descendentes de Preste João.

e que veio a proposito para demonstrar que os africanos não são totalmente iguaes em coloração, como o não são em costumes e condições, visto a variedade das regiões, mais quentes umas do que as outras. Os da Arabia e do Egypto medeiam entre o branco e o negro; mas alguns são escuros ou pardos, costumando-se chamar-lhes de *mouros brancos*. Há, ainda, os de côr perfeitamente retinta, como se foram queimados.

Os indigenas do cabo Verde vivem, em sua maioria, totalmente nus, à maneira dos indianos, reconhecendo um rei, — em sua lingua *mahouat*; quando muito, alguns homens e mulheres cobrem apenas as partes vergonhosas com pelles de animaes. Mas há tambem os que vestem camisas de panos ordinarios, que recebem traficando com os portuguezes.

A população é bastante amiga dos estrangeiros. Antes das refeições, lavam-se o corpo e os membros. Mas, essa gente commette um grave erro, qual o de não preparar convenientemente os seus alimentos, pois comem a carne e o peixe em estado de corrupção. O peixe, por sua umidade, e a carne, por ser terra, rapidamente se corrompem ao calor elevado, como acontece até em França, no verão, visto ser a umidade materia para a putrefacção e o calor sua causa efficiente.

As casas e choças dos africanos são todas redondas como pombaes e cobertas de junco marinho; o junco é usado tambem em lugar do leito, quando é preciso repousar ou dormir. Quanto à religião, os habitantes do cabo Verde possuem diversas idéias, assás estranhas e contrarias à verdadeira fé. Adoram uns a idolos, outros a Mahomet (principalmente no reino de Gambia <sup>1</sup>); estimam estes que há um deus autor de todas as coisas, enquanto aquelles professam crenças pouco differentes das dos turcos. Alguns vivem mais austeramente que os demais, levando ao pescoço uma

**Costumes e idéias religiosas dos habitantes do cabo Verde.**

<sup>1</sup> No texto, *Gambre*; à f. 24, *Cambra*.

caixinha bem fechada e collada a gomma, em forma de um pequeno cofre ou estojo, cheio de certos caracteres proprios para a invocação, que geralmente usam em determinados dias; não o tiram, todavia, do pescoço, pois acreditam que só assim não correm perigo algum.

No casamento, nenhuma cerimonia é praticada: fazem-se apenas promessas uns aos outros. E' esse povo bastante jovial e amante das dansas, que se fazem à noite, com o rosto, de vez em quando, voltado para a lua, à maneira de reverencia ou adoração. Isso me asseverou um amigo, que nesse lugar viveu por algum tempo.

Nessa região vivem os barbazins e os sereres <sup>1</sup>, contra os quaes fazem perpetua guerra os africanos, de que acabei de falar, muito embora sejam todos bastante semelhantes uns aos outros. Os barbazins, entretanto, mostram-se mais selvagens, crueis e bellicosos, ao passo que os sereres têm uma vida errante e são apaixonados, tanto quanto os arabes, pelo deserto, que saqueiam. Os sereres, finalmente, vivem sem lei nem rei, senão que apenas honram ao autor de alguma proeza ou façanha bellica, allegando que, se fossem submissos a qualquer rei, este poderia tomar-lhes os filhos e vendê-los como escravos (a exemplo do que faz o monarcha do Senegal).

Combatem os indigenas do cabo Verde, Almadias, frequentemente, na agua, em canoas feitas de cascas de arvores, do comprimento de quatro braças, que em sua lingua chamam de almadias <sup>2</sup>. Usam, como armas, o arco e a flecha, — uma flecha agudissima e envenenada,

<sup>1</sup> No texto, *Barbazins et Serrets*. — Os sereres ainda hoje existem e estão localizados entre os rios Gambia e Salum (ao norte do cabo Verde). *Barbazins*, provavelmente, é uma abreviatura ou corruptela dos *barbas* (tambem chamados *bagús*, *ngabús*), tribus cantonadas na bacia do Alto Volta. — Os costumes dos *yolofs* actuaes coincidem, em muitos aspectos (choças redondas, o *gris-gris*, etc.), com os dos africanos de que fala Thevet. Cr. Adenson, *Histoire naturelle du Sénégal*, Paris, 1767; Mollien, *Voyage dans l'intérieur de l'Afrique*, Paris, 1820; Hovelacque, *Les nègres de l'Afrique sus-équatoriale*, Paris, 1889.

<sup>2</sup> *Almadia* é palavra de origem arabica.

tanto que quem com ella é ferido não se pode salvar. Possuem, tambem, lanças de cannas, cujas pontas guarnecem com dentes de animaes ou de peixe, dos quaes sabem muito bem usar, em lugar do ferro. Quando captivam inimigos, na guerra, vendem-nos aos estrangeiros em troca de mercadorias, pois não conhecem nenhuma especie de dinheiro (ao contrario dos cannibae e tambem dos selvagens do Brasil, que os matam e devoram).

Não quero omittir que, contiguo a essa região e além do Senegal, existe um bellissimo rio chamado **O rio Niger, hoje chamado do Senegal.** Niger: é da mesma natureza do Nilo, do qual, segundo alguns autores, procede. Esse rio passa pela alta Libya e pelo reino de Organa <sup>1</sup>, regando e atravessando ao meio toda essa região, — como faz o Nilo ao Egypto, — motivo pelo qual veio a chamar-se de Senegal <sup>2</sup>. Varias vezes quizeram os espanhoes penetrar no país e subjugar o seu povo, subindo pelo Senegal, por onde navegaram umas oitenta leguas; mas foram forçados a retirar-se, afim de evitar maiores transtornos, dado o temperamento estranho e barbaro da população.

Traficam os referidos selvagens com escravos, bois, cabras e principalmente couros, que possuem em abundancia. Por cem libras de ferro, consegue-se uma junta de bois das melhores.

Os portugueses vangloriam-se de ter sido os primeiros a introduzirem, na região do cabo Verde, cabras, vaccas e touros, que depois, ali, se multiplicaram. Como tambem plantas e sementes varias, a saber, o arroz, as limas, as laranjas. O milho é nativo no cabo Verde e de boa qualidade.

Proximo ao promontorio Verde há três ilhotas costeiras, que não têm nada que ver com o archipelago do mesmo

<sup>1</sup> No texto, *royaume d'Orgueue*. E' o fabuloso reino de Organa, que já apparece no *Mapamundi Catalán* (1375), reimpresso no vol. XIX da *Hist. Univ.* dir. por G. Oncken, Barcelona, 1934.

<sup>2</sup> Os antigos confundiam, realmente, o Senegal com o Niger. As fontes do Senegal só foram descobertas em 1818 (Kretschmer, p. 129).

**Ilhas despovoadas, proximas do cabo Verde.** nome, das quaes tratarei mais adeante. São assás bellas por causa de suas excellentes arvores; todavia se acham despovoadas. Às populações vizinhas pescam nellas peixe em muita quantidade, com o qual, depois de secco e reduzido a pó, fabricam farinha.

**Estranha arvore.** Em uma dessas ilhotas existe certa arvore de folhas semelhantes às da figueira, cujos fructos têm cerca de dois pés de comprido e cuja grossura é proporcionada ao seu tamanho; esses fructos são muito parecidos com as grossas e longas cucurbitas da ilha de Chypre. Algumas pessoas comem-nos, do mesmo modo que, na Europa, se comem os melões; dentro há uma semente, do tamanho da fava, cuja forma tem a apparencia do rim da lobre. Há quem alimente os macacos com taes sementes, ou faça com as mesmas collares para o pescoço. São muito bonitas, quando seccas e bem amadurecidas<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A esquadilha de Villegagnon alcançou a altura do Cabo Verde a 8 de Setembro de 1555, segundo se infere da carta de N. Barré (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 376). Como a febre começasse a dizimar a tripulação da nau capitanea, Villegagnon mudou-se cautelosamente para o navio de vice-almirante. *"Pour éviter la contagion, Villegagnon dut se retirer sur le vice-amiral dont l'équipage était indenne. Ce fut alors le tour de la tempête, telle que le vaisseau ou était Thevet faillit couler; le mât se rompit, on le répara aux îles du Cap-Vert. Là au moins on fut délicieusement accueilli par les naturels, moyennant quelques petits cadeaux, miroirs, couteaux, toile blanche et merceries"* (Heulhard, p. 107).

## DO VINHO DE PALMEIRA.

Tendo descripto, tão summariamente quanto me foi possível, as particularidades mais importantes do promontorio Verde, vem a proposito tratar das palmeiras e dos vinhos, ou bebidas, que delas fazem os selvagens negros. A êsse vinho chamam de *mignol*<sup>1</sup>.

*Mignol.* Vê-se como Deus, pai e criador de todas as coisas, dá ao homem os meios de accomodar a sua vida, de maneira a supprir as falhas por industrias e a evitar que alguém caia em indigência. A não ser quando a culpa é dos vícios e incurias proprias, pois não deixa Deus de fornecer ao homem os diversos meios de subsistencia, segundo as aptidões peculiares a cada individuo. Se, portanto, nas regiões do cabo Verde, não há vinhedos, como acontece, tambem, em diversas partes da Europa, talvez por não ter sido ali cultivado, a providencia divina provê os meios de substituir a falta do vinho. Quero referir-me a certa arvore maravilhosamente bella e bem acabada, quer em grandeza, quer em folhagem perenne, quer, ainda, em outros mais predicados, — a palmeira, de que há numerosas especies provenientes de regiões varias.

**Varias especies de palmeiras.** Na Europa, — como, por exemplo, na Italia, — as palmeiras crescem abundantemente. Sobretudo na Sicilia. Mas são este-reis. Em algumas partes das fronteiras espanholas há pal-

<sup>1</sup> Essa palavra já está incorporada à lingua francesa (cf. Littré, *Dict. de la Langue Française*, III, p. 557).



meiras, que dão fructos asperos e desagradaveis ao paladar. Na Africa, ao contrario, seu fructo é muito doce; do mesmo modo no Egypto. em Chypre. em Creta e na Arabia. Na Judéia, quanto mais as palmeiras são numerosas, tanto mais isso é occasião para magnificencia e respeito. Principalmente em Jerichó.

O vinho que se faz das palmeiras, embora excellente, offende o cerebro. Há palmeiras de ambos os sexos, o masculino e o feminino. No macho, os ramos dão flores; a femea germina sem ellas. E é coisa maravilhosa e digna de admiração o que contam Plinio e outros autores, a saber, que, nas florestas de palmeiras, se alguém decepa os machos, as femeas se tornam estereis e não dão fructos. Taes como as mulheres viuvas, por causa da ausencia de seus maridos.

A palmeira é propria dos paises quentes, exigindo terra arenosa frouxa e salobre; do contrario, é preciso salgar a raiz antes de fazer a plantação. Seu fructo cria polpa exteriormente, antes mesmo de crescer, encontrando-se dentro um caroço lenhoso. isto é, o grão ou semente da arvore (como se vê nas maçãs européias). E tanto isso é verdade que, nos fructos ainda novos, que se colhem no mesmo ramo dos maduros, não se encontram caroços.

**A ave phenix.** Essa arvore renasce por si mesma (donde, talvez, a origem do nome da ave phenix, que em grego significa *palma*). E tão celebrada é que deu lugar ao dicto *levar a palma*, ou seja, alcançar o triumpho ou a victoria. Outrora, realmente, usava-se a palma, por ser sempre verdejante, em lugar da coroa da victoria, sendo que, em cada jogo ou competição, não faltavam tambem outras plantas, — o loureiro, a myrra, a hera, a oliveira. Por ter sido antigamente, antes do loureiro, consagrada a Phebo, é a palmeira um dos mais remotos symbolos da victoria. E a razão disso explica

**Propriedade da palmeira.**

Aulus Gellius, quando diz que a palmeira tem uma das propriedades que convêm aos homens virtuosos e magnanimos: jãmais o tronco cede ou se curva ao fardo. Ao contrario, quanto mais carregada mais ella resiste e se ergue. Isso é confirmado por Aristoteles (nos *Problemas*), por Plutarcho (no *Banquete*), por Plinio e por Theophrastes. Vem a proposito lembrar os seguintes versos de Virgilio: "Jãmais deves ceder ao mal que te importuna,| É preciso, com fé, resistir à Fortuna".

No promontorio do cabo Verde — voltando ao assumpto — crescem abundantemente as palmeiras, quer em vista do seu clima quente (pois está na zona torrida e dista quinze graus da linha equinoccial), quer por causa da boa qualidade de suas terras. Das palmeiras extrahem os indigenas certo succo, que lhes serve de bebida ordinaria. Golpeando-se a arvore, a um ou dois pés do chão, sae do estipe um licor, que é recolhido em vasos da mesma altura do corte; depois é o licor transportado para as vasilhas de uso commum.

**Como se faz o vinho de palmeira.**

Afim de evitar que essa beberagem possa corromper-se, os negros põem-lhe um pouco de sal, como se faz ao agraço: o sal consome toda a umidade do liquido, que, de outro modo, não poderia cozer ou amadurecer. Em côr e consistencia, o licor assemelha-se aos vinhos brancos da Champanha e de Anjou; quanto ao gôsto, a bebida é boa e melhor que as cidras da Bretanha, sendo apropriada para refrescar, ou desalterar a sêde, a que se acham continuamente sujeitos os africanos.

**Propriedade do vinho de palmeira.**

As palmeiras dão pequeninas tamaras, tão asperas e negras que difficilmente se podem comer; o succo da arvore, todavia, não deixa de ser agradavel ao paladar, sendo, por isso, tão estimado entre os pretos quanto os bons vinhos o são em França. Outrora, antes da embalsamação do corpo, afim de evitar, como era costume, a putrefacção, os egypcios banhavam o cadaver com um vinho semelhante

ao de que falo; isso umas três ou quatro vezes, ungi-do-o, em seguida, de myrra e cinnamomo.

Essa beberagem é usada em varias regiões ethiopicas, à falta de melhor vinho. Alguns mouros fabricam, do fructo de certa arvore, outra especie de vinho, porém muito mais aspero, como acontece com o agraço, ou o corine, antes do seu amadurecimento.

Para evitar a prolixidade, deixarei de tratar de numerosos fructos e raizes, alimenticios ou medicinaes, de que se servem os indigenas da região do cabo Verde. Esses negros apprenderam a usar as plantas medicinaes apenas por experiencia. E, desse modo, sabem bem como se tratam as doenças. É verdade que, assim como os negros evitam certas delicias e voluptuosidades que são tanto do nosso gosto, assim se mostram elles robustos ou dispostos a resistir às injurias externas, por maiores que sejam. Ao contrario de nós, que, em virtude de uma excessiva delicadeza, somos molestados pelas minimas coisas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> As notas de Thevet, relativas à fabricação do vinho de palmeira (*Raphia vinifera*, Pal. Beauv.), são confirmadas por numerosos viajantes da Africa Sub-Equatorial, taes como: Labat, *Nouvelle Relation de l'Afrique Occidentale*, III, Paris, 1728; Clarke, *Sierra Leone*, Londres, 1846. Laffitte. *Le Pays des nègres*, Tours, 1881; Sanderval, *De l'Atlantique au Niger*, Paris, 1882. Pruneau de Pommegoye chama a arvore de *palmister* (*Description*, p. 41).

## CAPITULO XII

### DO RIO SENEGAL

Embora não fosse de meus intentos relatar, como compete legitimamente a todo geographo, os países, povoações, cidades, rios, golphos, montes, latitudes, localizações e outros assumptos pertinentes ao estudo da terra, — todavia não é fora de proposito descrever algumas das mais notaveis regiões, que tive occasião de ver, ou de que me pareceu opportuno falar. E isso para o agrado e contentamento, quer dos meus principaes amigos, quer dos meus affeiçoados leitores, em prol dos quaes tudo o que eu venha a fazer não valerá a amizade delles. Por outro lado, desde que me tenho dedicado à presente obra, tomei a resolução de tratar fielmente de todas as coisas que conheci, ou que pude pessoalmente observar.

**O reino do Senegal, assim chamado devido ao nome de seu rio.** Entre as singularidades, por mim vistas, está o rio do Senegal, que banha o país e reino do mesmo nome, — a exemplo do mar Mediterraneo, o qual toma varias designações, segundo as differentes regiões por onde passa. O Senegal nasce na Libya e vem terminar na região do cabo Verde, a mesma de que já falei anteriormente (do referido promontorio à foz do rio do Senegal, o littoral é baixo, arenoso e esteril, o que dá lugar a não ser essa costa tão povoada de animaes de rapina quanto alhures). É esse rio a primeira e a mais importante das bacias fluviaes da vertente oceanica, pois serve de separação entre as terras

ferteis. Estende-se até a alta Libya e rega numerosos outros países e reinos. Tem cerca de uma legua de largura, extensão, aliás, pequena comparativamente a outros rios da America, de que falarei mais adiante. Antes de desaguar no oceano, divide-se, ao contrario dos rios em geral, em dois braços (distantes um do outro perto de meia legua, mas assás profundos), por dentro dos quaes podem manobrar os navios de baixo calado.

Opinião de alguns autores antigos sobre a origem do Nilo e do Senegal. Alguns velhos autores, como Solinus (no *Polyhistor*), Julio Cesar e outros affirmam ter o grande rio Nilo, que atravessa todo o Egypto, os mesmos montes e as mesmas fontes do Senegal, — o que não me parece verosimil.

O certo é que as nascentes do Nilo ficam muito além do equador, pois se acham localizadas nas altas montanhas de Beda<sup>1</sup>, chamadas da Lua pelos antigos geographos<sup>2</sup>. Essas montanhas dividem as duas Africas, a velha e a nova (como os Pyreneus separam a França e a Espanha), estando situadas na Cyrenaica e distantes quinze graus da linha equinoccial. As fontes do Senegal procedem de duas montanhas<sup>3</sup>, uma chamada Mandro e a outra Thala, que ficam a mais de mil leguas das de Beda<sup>4</sup>. E por ahi se vê quantos erros cometeram varios autores antigos, por falta de pesquisas adequadas, como já se estão fazendo nos dias actuaes. As montanhas da Lua ficam situadas na Ethiopia inferior, ao passo que as montanhas, de onde procede o rio Senegal, estão localizadas na chamada Libya in-

<sup>1</sup> Thevet escreve ora *Bede*, ora *Bed* (f. 23).

<sup>2</sup> "On s'accorde aujourd'hui à considerer comme source du Nil le Nyarongo, affluent du Kagéra, qui alimente le lac Victoria-Nyanza d'où sort le Nil" (A. Moret, p. 32).

<sup>3</sup> O Senegal inicia o seu curso principal no Bafoulabé, ponto de confluencia de dois importantes rios, o Bafing e o Bakhoy.

<sup>4</sup> Thevet escreve *Thala* e ora *Mandro*, ora *Mandro* (f. 23). No mappa de Ptolomeu, *Thala* estaria localizado approximadamente ao norte da bacia do Congo; no de Ruysch (1508), um pouco mais para a direita, no Adamauá. No referido mappa de Ruysch encontra-se o toponymo *Mâdrus Mons*, um pouco a oeste do Hambori. *Mandro* é, talvez, o Mandina.

**Montanhas da Libya.**

terior. As principais montanhas da Libya interior são a de Usergate (na qual nasce o rio Bergade), a de Casa (fonte do rio Darde) e a do Mandro. A ultima é a mais elevada de todos, como me foi possível conjecturar, porquanto todos os systemas fluviaes, do Salate ao Masse (que distam um do outro perto de setenta leguas), vão buscar nella as suas origens. Há, ainda, nessa região, dois montes, o de Girgile (de cujas encostas corre o rio Cympho) e o de Hagapole (donde advem o rio Subo, que está cheio de bons peixes, mas tambem de incommodos e perigosos crocodilos) <sup>1</sup>.

É verdade que Ptolomeu, ao tratar de varios países ou nações estrangeiras, disse o que bem lhe approve da Africa e da Ethiopia: mas, entre os antigos autores,

**Nenhum autor antigo teve perfeito conhecimento de toda a Africa.**

não encontro nenhum com perfeito conhecimento do mundo africano, ou que me pudesse satisfazer completamente. Quando, por exemplo, Ptolomeu fala do promontorio de Prasso <sup>2</sup>, que fica aos quinze graus de latitude e passa por ser a mais longinqua região da qual teve conhecimento (assim como tambem o diz Glareanus, no fim de sua descrição sobre a Africa), — não trata elle, de nenhum modo, do mundo inferior, embora já falado em seu tempo, por desconhecer grande parte do continente meridional, só de facto descoberto nos dias actuaes. E note-se que muitas referencias foram adicionadas aos escriptos de Ptolomeu; basta que se examine a *tabua geral*, que é propriamente da sua autoria.

Qualquer leitor humilde, mesmo pouco versado em cosmographia e outras sciencias, notará que os antigos dividiam

<sup>1</sup> Usergate, Bergade, Casa... Muitos desses toponymos estão estropiados (como o monte de Usargala p. e., que figura no *Atlas Classique et Universel de Géographie Ancienne et Moderne*, ed. de J. Andriveau-Goujon); outros são difficilmente identificaveis (como o rio Darde, talvez o antigo Daradus). Por isso achei preferivel conservar a originalidade orthographica do autor. O Salate é o *Saiathus fl.* dos mappas antigos, provavelmente o Oued Draa.

<sup>2</sup> No texto, *Prasse*. É o Prasum, da carta de Ptolomeu, hoje identificado com o cabo Delgado.

o mundo inferior em três desiguaes partes, a saber, a Europa, a Asia e a Africa, das quaes alguns autores dizem a verdade, outros o que bem lhes parece, não se referindo nenhum delles às Indias Occidentaes, que formam hoje a quarta parte do globo. Só recentemente se descobriram as Indias Occidentaes, como, tambem, boa parte das Indias Orientaes (Calicut e outros lugares).

As Indias Occidentaes — a França Antartica, o Perú, o Mexico — se dá hoje, vulgarmente, o nome de *Novo Mundo*. O Novo Mundo vae além do equador, até os cincoenta e dois e meio graus de latitude (no lugar onde fica o estreito de Magalhães<sup>1</sup>) e por outras provincias mais, ao sul, ao norte e ao levante do tropico do Capricornio, no oceano chamado Meridional. Estende-se, ainda, êsse continente às regiões do septentrião, das quaes Arriano, Plinio e outros historiographos não fazem menção alguma. E não fazem menção porque essas terras só foram descobertas em tempos recentes,

se bem que uns poucos de autores já se tivessem referido a certas ilhas encontradas pelos cartthagineses, — penso que as ilhas Hesperides ou Afortunadas. Diz realmente Platão, no *Timeu*, que, em tempos remotos, havia um vasto continente no Atlantico. Julgo, todavia, que a affirmativa de Platão deve ser fabulosa, pois, se houvesse tal continente, outros o teriam descripto, ou teriam tido delle sciencia<sup>2</sup>. O mundo conhecido dos antigos era o seguinte: no Levante, as regiões até a chamada *Terra Incognita*, proxima da Asia Maior; nas Indias Orientaes, para o sul, muito pouco, a saber, a Ethiopia

As ilhas Hesperides, outrora descobertas pelos cartthagineses.

to continente

A Atlantida de Platão.

<sup>1</sup> No texto, *destito de Magello*. — O estreito de Magalhães tem, realmente, a seguinte latitude sul: 52° 12' (saída para o Pacifico) e 52° 22' (saída para o Atlantico).

<sup>2</sup> Nota Gaffarel que a crudição de Thevet, nesse assumpto, fallou. E lembra os seguintes autores antigos, que se referiram à *Atlantida*: Plutarcho, Plinio, Strabão, Posidonio, Philon Judæus, Proclus, Crantor, Marcello, Arnobio, Tertulliano e Elius. Uma revisão geral desse problema acaba de ser feita por Armando Vivante e J. Imbelloni, *Libro de las Atlantidas*, Buenos Aires, s. d.

Meridional (dita Agisimbra<sup>1</sup>); do lado do norte as ilhas da Inglaterra, da Escocia e da Irlanda, até as montanhas Hyperboreas, termo, segundo alguns, das terras Hyperboreas.

**Diversidade das regiões e dos costumes no Senegal.** Nas margens do Senegal há regiões de diferentes aspectos; assim são, também, as populações que se servem desse rio. De um lado, negros fortísimos, altos, ageis, desembaraçados, no gozo de um país verdejante, cheio de bellas arvores fructíferas; do outro lado, justamente o contrario, homens de baixa estatura e de cor acinzentada.

A população senegalesa é, em costumes, semelhante à do cabo Verde, motivo pelo qual nada tenho a acrescentar. Senão que são ainda peores. Por isso os europeus não osam desembarcar tão facilmente nessas regiões, ou nellas fazer aguada, a exemplo de como procedem em outros sitios, receosos de que sejam capturados e reduzidos à escravidão. As actividades de tal gente são vis e desprezíveis, a não ser certas allianças pacíficas que mantêm uns com os outros. Vivem todos na ociosidade, interrompida apenas pelos trabalhos e sementeira do arroz (pois trigo e vinhedos não há nenhum). O trigo ali não pode medrar, como em outros lugares da Barbaria ou da Africa, porquanto, havendo, quasi sempre, pouca chuva, o calor e as seccas não permitem a germinação das sementes.

Logo que os senegaleses têm o solo chovido e regado, se põem a lavrá-lo, nascendo a semente, prestes a ser recolhida, após o terceiro mês da sementeira. Sua bebida é a agua e o succo das palmeiras. Entre as arvores dessa região, uma existe tão grossa quanto o carvalho, que produz fructos do tamanho de tamaras; do caroço tiram os negros certo oleo ou azeite de maravilhosas propriedades. Essa substancia torna a agua de uma côr amarello-açafrão, a qual serve para tin-

<sup>1</sup> *Agisymba* ou *Agisimba* (Ptolomeu), *Agisymba Regio* (Ruysch), etc. No *Atlas Universal* de Bouillet, *Agisimbra* é identificada com o oasis de *Asben* (est. I).



gir suas cuiazinhas de beber e seus chapeuzinhos de palha de junco ou de palha de arroz. Tendo o odor da violeta de março<sup>1</sup> e o sabor da azeitona, muitos indigenas temperam com esse azeite o peixe, o arroz e outras viandas<sup>2</sup>.

Eis o que eu desejava dizer do rio e da região do Senegal, a qual confina, a este com a terra de Theusar<sup>3</sup>, ao sul com o reino de Gambia e a oeste com o mar Oceano.

Proseguindo viagem, dias depois os navios já avistavam o país da Ethiopia, ao meio-dia, na parte chamada de reino da Nubia. O reino da Nubia tem uma vasta extensão, comprehendendo varios principados e provincias, de que tratarei mais adiante.

<sup>1</sup> Thevet refere-se à *Viola odorata*, L.

<sup>2</sup> Sobre o azeite de palmeira, cf. Grisard & Vanden Berghe, p. 87. A palmeira é a *Elais guineensis*, Jacq.

<sup>3</sup> Eis o que diz Cadamosto, em uma de suas relações escriptas em 1507: "E, segundo o que pude saber, esse reino do Senegal confina ao levante com o país chamado Tuchusor", etc. *Tuchusor* é, segundo julgo, uma corruptela de *touscouleur*. Os portuguezes davam a êsses povos, antigamente, o nome de

### CAPITULO XIII

## DAS HESPERIDES, TAMBEM CHAMADAS ILHAS DO CABO VERDE.

Após deixar o promontorio à esquerda, andaram os navios quasi todo o tempo no rumo do sudoeste (um quarto ao sul). O objectivo era tornar o caminho menos longo, mas aconteceu que, por volta das dez ou onze horas, ventos contrarios os lançaram a oeste, em direcção de algumas ilhas, designadas, nas cartas maritimas, pelo nome de Cabo Verde. As ilhas do Cabo Verde distam sessenta leguas do promontorio do mesmo nome, cem de Budomel<sup>1</sup> (na costa da Guiné, que se dirige para o polo Antartico) e duzentas das Canarias.

Essas ilhas são em numero de dez, duas das quaes sufficientemente povoadas pelos portuguezes, que primeiro as descobriram e conquistaram. A mais habitada das duas, porém, é a chamada por seus colonizadores de São Jacques<sup>2</sup>. Mantem um vasto trafico com os mouros, tanto os da terra-firme, quanto os que fazem a navegação das Indias, da Guiné e do Manicongo<sup>3</sup> (na Ethiopia); dista essa ilha quinze grau da linha equinocial<sup>4</sup>. A outra das duas mencionadas ilhas se chama de São Nicolau e é, do mesmo modo, habitada pelos portuguezes.

<sup>1</sup> A terra de Budomel, de que já falava Cadamosto, foi, por Walckenaer, identificada com a posição de Condamel, no reino de Cayor ou de Damel (cf. A. Tardieu, p. 75).

<sup>2</sup> Tambem chamada, antigamente, de São Jacobo, hoje Santiago.

<sup>3</sup> No texto, *Manicongre*. No mappa-mundi de Pedro Bertius (1606), *Manicôgo*.

A lat. N. da ilha é de 15° 05'.

**Ilhas de Fle-** As demais ilhas do archipelago, — a Fle-  
**ra, Plintana,** ra, a Plintana, a Pinturia, a Foyon<sup>1</sup>, — não  
**Pinturia e** são tão povoadas quanto aquellas, embora os  
**Foyon.** portuguezes tivessem enviado, para algumas  
das mais importantes, numerosos colonos e escravos desti-  
nados ao cultivo da terra<sup>2</sup> e à fabricação de pelles de cabra.  
Há muita quantidade dessas pelles e com ellas fazem os por-  
tuguezes um intenso commercio.

Afim de favorecer a industria dos couros, os portugue-  
ses, com navios e munições, visitam o archipelago duas ou  
três vezes ao anno, trazendo cães e armadilhas adequadas  
para a caça das cabras selvagens. Esfolados os animaes, são  
as pelles — a unica parte reservada — curtidas ao sal, em  
recipientes apropriados, evitando-se, assim, a  
**Marroquins de** sua putrefacção. Depois, são esses couros le-  
**Espanha.** vados até o continente, para a fabricação dos  
marroquins tão universalmente conhecidos.

Os ilheus do Cabo Verde pagam tributo ao rei de Por-  
tugal, — seis mil cabras salgadas e seccas, quer selvagens,  
quer domesticas. O tributo é entregue aos funcionarios  
reaes, quando tocam estes nessas ilhas, com seus grandes  
navios, em viagem para as Indias Occidentaes (como, por  
exemplo, para Calicut ou para outros portos). Essa quan-  
tidade tão grande de carne é destinada a alimentar a tripu-  
lação, pois a viagem para as Indias Occidentaes dura dois  
annos, ou mais, devido à distancia dos lugares e aos traba-  
lhos que exige.

O clima das ilhas do Cabo Verde é pestilencial e insalu-  
bre, de tal modo que os seus primeiros colonos foram, por  
longos tempos, acommettidos de doenças. Julgo que isso

<sup>1</sup> O archipelago do Cabo Verde é constituido por dois grupos de ilhas:  
as do grupo de barlavento (Sal, Boa Vista, São Nicolau, Santa Luzia, São Vi-  
cente e Santo Antão) e as do grupo de sotavento (Santiago, Maio, Fogo e  
Brava). Existem ainda outras ilhotas, porém menos importantes que as dez  
acima designadas.

<sup>2</sup> No texto, *guerra*. Erro typographico.

provém da temperatura do ar, que só poderia melhorar se viesse a soffrer mutação. Desse modo, são, ali, familiares e communs as altas febres e certos fluxos sanguineos, sobretudo entre os escravos, — males que, tanto uns como outros, são originados dos humores excessivamente quentes e acres, provocados por seu exhaustivo labor e por sua má nutrição. Aos inconvenientes da má nutrição e do labor exhaustivo, accrescentem-se mais dois: os excessos, que os escravos recebem dos dois elementos seguintes — as águas circumvizinhas e o ar de temperatura bastante elevada.

## CAPITULO XIV

### DAS TARTARUGAS E DE UMA PLANTA CHAMADA ORCELLA.

Já que me propus tratar de algumas singularidades, por mim observadas nos diversos lugares onde estive, vem a proposito falar das tartarugas, que o archipelago do Cabo Verde nutre em tão grande quantidade quanto as cabras.

**Quatro especies de tartarugas.** Quatro são as especies de tartarugas: as terrestres, as marinhas, as fluviaes e as dos brejos. Afim de evitar a prolixidade, deixarei de tratar pormenorizadamente de cada uma dessas especies, para sòmente descrever aquellas que são peculiares ao littoral das ilhas cabo-verdenses<sup>1</sup>.

**A tartaruga marinha.** A tartaruga marinha, quando chega o tempo proprio, vem à praia e, com as unhas, abre uma fossa na areia, onde põe os ovos (pois esse animal pertence ao numero dos oviparos, de que fala Aristoteles), cobrindo-os tão bem que ninguem é capaz de encontrá-los — só as vagas, depois, os desenterram; em seguida, o calor solar, que é, em taes lugares, muito vehemente, incuba os ovos (como acontece com os da gallinha), saindo delles numerosas tartarugas do tamanho dos caranguejos (que é uma especie de peixe). As tartarugas, assim nascidas, são arrastadas para o mar pelo movimento das ondas.

Entre as tartarugas, algumas há de tão maravilhoso tamanho — mesmo nas ilhas do Cabo Verde — que quatro

<sup>1</sup> Segundo João Augusto Martins (p. 219), as tartarugas das ilhas do Cabo Verde pertencem à especie *Chelonia mydas*.

homens não as podem transportar. Ouvi dizê-lo por pessoas dignas de toda a fé. Conta Plinio que existem, no oceano Indico, tartarugas tão gigantescas, que seu escudo é sufficiente para cobrir uma casinhola. E que nas ilhas do mar Vermelho os habitantes fazem, com os seus cascos, canoazinhas navegaveis. Plinio accrescenta, ainda, que há dessas especies no estreito de Carmania, no mar Persico <sup>1</sup>.

Há varias maneiras de pescar a tartaruga.

**Maneiras de pescar as tartarugas marinhas.** Algumas vezes, esse enorme animal, desejeoso de nadar com mais liberdade, ou de mais facilmente respirar, sobe à superficie das aguas, um pouco antes do meio-dia, quando o tempo está sereno. Com o dorso assim descoberto, logo o sol lhe enxuga o casco, de modo que a tartaruga, sentindo difficuldade em mergulhar, fluctua, de bom ou mau grado, por sobre as vagas. Nessa occasião é ella pescada <sup>2</sup>. Affirmam algumas pessoas, tambem, que a tartaruga deixa o mar, durante a noite, à procura de alimento, e, depois de farta e saciada, adormece na praia, tornando-se, assim, uma presa facil, pois resona quando dorme. E há mais outras muitas maneiras de pescar a tartaruga, que deixo de mencionar para não tornar muito longa a narração.

<sup>1</sup> Conf. esse trecho de Thevet com o de Léry (p. 30 e 31): "*Av surplus, combien qu'il s'en faille beaucoup que les Tortues de mer, sous ceste zone Torride, soyent si exorbitamment grandes & monstrueuses, que d'une seule coquille d'icelle on puisse couvrir une maison logeable, ou faire un vaisseau naviguable (comme Pline dit qu'il s'en trouve de telles és costes des Indes & és Isles de la mer Rouge) neantmoins parce qu'on y en voit de si longues, larges & grosses, qu'il n'est pas aisé de le faire croire... ie diray qu'entre autres une qui fut prinse au navire de nostre Vice-Admiral estoit de telle grosseur, que quatre vingts personnes qu'ils estoient dans ce vaisseau... en disuerent honnestement*". Thevet, posteriormente, pôs em duvida a affirmativa de Léry, na parte em que este diz que a tartaruga deu para o jantar de oitenta pessoas; mas o seu adversario replicou azedamente, allegando que a historia não era menos verosimil que a da tartaruga gigantesca, cujo peso venceu a força de quatro homens (cf. *Histoire*, 31-35).

<sup>2</sup> Léry (p. 31) repete, com pouca differença, a narrativa de Thevet: "*En beau temps & calme... qu'elles montent & se tiennent au dessus de l'eau, le soleil leur eschauffant tellement le dos & la coquille qu'elles ne le peuvent plus endurer, à fin de se rafraischir*", etc.

**Espessura dos cascos das tartarugas marinhas. Para que servem.**

A espessura dos cascos desse animal é proporcional ao seu tamanho. Assim, nos littoraes do estreito de Magalhães e do rio da Prata, os selvagens fabricam com elles broqueis, à feição dos escudos barceloneses, que usam

**Escudos de cascos de tartaruga.**

contra as flechadas de seus inimigos. As amazonas das costas do mar Pacifico, do mesmo modo, fazem baluartes dos cascos das tartarugas, quando se vêm assaltadas em suas choupanas. Posso dizer, de minha parte, que vi certo casco de tartaruga, ao qual

uma bala de arcabuz não pôde atravessar.

Não é preciso dizer de que modo os insulares do Cabo Verde se servem de sua carne, assim como as demais pessoas fazem com o boi e o carneiro. Em gosto, a carne da tartaruga assemelha-se ou é quasi igual à do vitello<sup>1</sup>. Mas, os selvagens das Indias Americanas de modo algum a comem, levados pelo tolo preconceito de que esse alimento os tornaria morosos, prejudicando-os sobretudo nos combates; por isso que, se não se tornavam desembaraçados, certamente estariam impossibilitados de perseguir os inimigos, ou escapar de suas mãos<sup>2</sup>.

**Historia de um gentilhomem português.**

Contarei, agora, a historia de um gentilhomem português, leproso, o qual, procurando, por todos os meios, afastar-se de seu país, tanto o desgostava a doença, deliberou partir

para as ilhas de Cabo Verde, assim que teve noticias da con-

<sup>1</sup> "An reste, la chair approche si fort celle de veau, que sur tout, quand elle est lardée & rostic, en la mangéât on y trouue presque mesme goust" (Léry, p. 31).

<sup>2</sup> Thevet refere-se aos tupinambás, que tambem evitavam comer da carne das arraías (f. 50). Léry (p. 156 e 157) confirma as observações de Thevet: "Or avec ces deux sortes de poulailles nos Sauvages nourrissent domestiquemét des cannes d'Indes, qu'ils appellent Vpec: mais parce que nos penures Tououpinambaou'ts ont ceste folle opinion euracinee en la ceruelle, que s'ils mangeoyent de cest animal qui marche si pesamment, cela les empescheroit de courir quâd ils seroyent chassés & poursuyvis de leurs ennemis, il sera bien habile qui leur en fera taster: s'abstenans, pour mesme cause, de toutes bestes

quista desse bello archipelago. Aprestando, pois, a melhor equipagem possível, a saber, navios, tripulação, munições e gado (principalmente cabras, de que tinha muita quantidade), veio ter a uma das referidas ilhas, na qual, quer em vista do fastio causado pelo mal, quer em vista de estar saciado da carne usada commumente em sua terra, contrahiu o português o habito, durante dois annos, de comer ovos de curou-se da le- tartaruga. Ficou, então, curado da lepra, de pra. modo que me pergunto se essa cura foi prove-niente do uso da tartaruga, ou, talvez, da mudança de clima (creio mesmo que deveria ser de ambas as coisas).

Varias pessoas tomaram o exemplo do gentilhomem português e foram bem succedidas. E, quanto à cabras, se reproduziram ellas tão bem que hoje se contam em numero infinito. Donde haver quem affirme que é essa a origem das cabras do Cabo Verde.

Plinio, quando estuda a tartaruga, tanto em seu aspecto alimenticio quanto em seu aspecto medicinal, não diz que o uso desse reptil é recommendado contra a lepra; mas affirma, entretanto, que a sua carne constitue um poderoso antidoto contra varios venenos, sobretudo o produzido pela salamandra, em virtude da animosidade mortal existente entre ambos os animaes. Se, portanto, a tartaruga tem alguma propriedade occulta e peculiar contra a lepra, é o caso de chamar a attenção dos medicos, pois numerosos remedios se têm dado a conhecer à custa de experiencias, — processo que, certamente, tem a sua razão de ser. De modo que aconselho, de bom grado, fazer a experiencia com as tartarugas do meu país, mesmo com as terrestres, se não se encontrarem as

*qui vont lentement, & mesme des poissons, comme les Rayes & autres qui ne nagent pas viste".*

Em compensação, o uso dos animaes lestos era muito recommendado. Entre os chiriguanos, p. ex., os homens reservavam para si a carne do veado, animal agil e ligeiro (Métraux, "Études", p. 355). Do mesmo modo, o uso das pennas da ema, ou nhandú, pois as mesmas transmittiam ao seu possuidor as qualidades defensivas e obrencias dessa ave (Évreux, p. 22).



marinhas, — medicação, para mim, melhor e mais segura que o emprego das viboras, tão recommendadas nessas affecções, as quaes entram nas composições da grande Theriaga<sup>1</sup>. Visto como não é de muita segurança o uso dos extractos de viboras nas doenças, em virtude do veneno que ellas trazem consigo (mesmo porque qualquer fundamento em que se baseie esse remedio tem por justificativa apenas a primeira experiencia). Eis o que me cabia dizer a proposito das tartarugas.

**A orcella, uma erva.** Resta, agora, falar de uma planta chamada orcella. Essa erva é assim como uma especie de musgo, que cresce, abundantemente, no cume dos altos e inacessiveis rochedos. Não precisa de terra para medrar. Quando a querem colher, os nativos prendem algumas cordas às saliencias dos montes e por ellas sobem; raspando, então, a rocha com certos instrumentos, à maneira do que fazem os limpadores de chaminé, a planta desprende-se, sendo, depois, levada para baixo em cestos ou em outros recipientes.

A orcella serve para a fabricação de tintas, como já o disse linhas atrás<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Theriaga* ou *theriaca*. Electuario antigo, que encerrava todos os medicamentos então conhecidos, tidos como efficazes contra as mordeduras dos animaes (Pedro A. Pinto, p. 301).

<sup>2</sup> Cf. o cap. V, nota correspondente.

## DA ILHA DO FOGO.

**A ilha do Fogo. Origem do seu nome.**

A ilha do Fogo é uma das singularidades, que não quero deixar no esquecimento. Tem esse nome<sup>1</sup> porque expelle continuamente tão altas chammassas que, se os antigos a tivessem conhecido, estaria ella collocada entre as maravilhas descriptas pelos mesmos, taes como as montanhas do Vesuvio e do Etna. E, por falar do Etna, na Sicilia, lembrarei que esse vulcão lançou fogo, algumas vezes, com extraordinario clamor, como aconteceu, segundo diz Orosius, ao tempo de M. Emilio e de T. Flaminius (erupções que tambem são confirmadas por varios historiographos, inclusive Strabão, o qual diz ter visto e cuidadosamente examinado o problema). E isso me faz acreditar que deve ter realmente existido alguma coisa nesse sentido, dado o testemunho de vista de tantas personagens. Até porque não há nada, mesmo em se tratando dos phenomenos mais remotos, que não possa ser comprovado pelo exame visual, — o elemento mais seguro do historiador.

Sei que alguém, dentre os escriptores modernos, já quiz fazer crer que uma das Canarias lança perpetuamente fogo; mas é possivel que tal autor tivesse tomado a ilha do Fogo por uma daquellas outras. Aristoteles, no *Livro das Maravilhas*, fala de certa ilha deshabitada e, entre varias coisas admi-

<sup>1</sup> O facto de Thevet dar a essa ilha o nome de Fogo, mostra o erro em que cairam É. Reclus e outros. "*C'est en 1680 seulement que l'ide, nomée São-Felippe par Antonio di Noli, reçut des habitants épouvantés l'appellation d'Ilha do Fogo*", — diz Reclus, XII, p. 161. Ora, no tempo em que escrevia Thevet (1556), a ilha de São Felippe já era conhecida pelo nome de Fogo.

ravcis, das chammas por ella lançadas. Mas não creio que se trata, com certeza, da referida ilha, nem tampouco, do Etna, que já era conhecido dos povos carthagineses. Igualmente

**Montanhas de Pozzuoli.** não se trata de montanha de Pozzuoli<sup>1</sup>, que é situada em terra-firme. Mas, se alguém diz o

contrário, nada tenho a oppor; de minha parte, todavia, penso que a ilha do Fogo só depois de 1530<sup>2</sup> é que veio a ser descoberta, juntamente com o continente e outras terras do poente, tanto as mais proximas quanto as mais longinquas. Direi, afinal, que há ainda uma outra montanha, de nome Hecla, situada na Islandia<sup>3</sup>, que lança, de tempos em tempos, rochas sulfurosas (a ponto de tornar esteril toda a terra em seu derredor, numa extensão de cinco ou seis leguas, por causa das cinzas que nella se accumulam).

A ilha do Fogo tem cerca de sete leguas de circuito<sup>4</sup>. O nome é bem apropriado, pois o seu vulcão, com 679 passos de circumferencia e cerca de 1.055 braças de altura, vomita sem cessar, pela cratera, uma chamma, que se avista, no mar, a trinta ou quarenta leguas de distancia. E esse espectáculo é ainda mais visivel durante a noite, — pois ensina a sciencia que a luz mais intensa annulla a mais fraca, — aterrorizando os mntas ignorantes do factó.

A flamma, lançada pelo vulcão, sae em companhia de um mau odor, que rescende um tanto a enxofre; isso dá a entender que no amago da montanha existem minas sulfúricas. Como a montanha está cheia de enxofre e outros mineraes inflammaveis, penso que se trata de um vapor quente e secco, semelhantes ao fogo, que é, conforme ensinam os philosophos, um phenomeno natural e não tão estranho quanto as chammas vulcanicas. O fogo natural não subsiste sem o ar, motivo por que, quando a atmosphaera se agita, procura sair da terra através do primeiro respiradouro ao seu alcance.

<sup>1</sup> No texto, *Pussole*.

<sup>2</sup> Em 1510 a ilha do Fogo já tinha sido erigida em capitania portuguesa.

<sup>3</sup> No texto, *Hirlande*.

<sup>4</sup> A ilha do Fogo tem uma superficie de 486 kms.<sup>2</sup>; o vulcão 2.975 metros de altura.

É assim acontece também com as águas naturais, quentes, insípidas, algumas vezes adstringentes, tal qual se vê nas fontes ou *thermas* da Alemanha e da Itália. Por exemplo: em Esclavonia, perto de Apollonia, há uma fonte rochosa que expelle chammas; todas as águas em sua volta como que fervilham.

A ilha do Fogo está sendo colonizada pelos portugueses, assim como várias outras terras dessa região. Mas o ardor da montanha e a temperatura elevada não impedem a fertilidade do solo, que produz numerosas espécies de appetitosas fructas. Há bellas e vivas fontes. O mar, que envolve a ilha, não chega a extinguir o seu calor. Assim acontece com a sempre abrasada chimera, cujo ardor, segundo Plínio, só arrefece lançando-se-lhe por cima terra ou feno, pois a água só faz produzir effeitos justamente contrarios.

## CAPITULO XVI

### DA ETHIOPIA.

Se bem que alguns cosmographos já tenham sufficientemente falado da Ethiopia (até mesmo alguns, entre os modernos, que fizeram excellentes navegações por numerosas e longinquas regiões da costa africana), — todavia isso não me impede de descrever, dentro de minhas poucas aptidões intellectuaes, umas tantas singularidades observadas nessa viagem ao longo do littoral ethiopico, em direcção à America.

A Ethiopia é tão vasta que se estende à

**Extensão da Ethiopia.**

Asia e à Africa, motivo pelo qual há quem a divide em duas partes. A Ethiopia africana,

hoje chamada de India, termina: ao levante, no mar Vermelho; ao norte, no Egypto ou Africa propriamente dita; ao sul, no Rio Niger (que já disse ter o nome

**O rio do Senegal, antigamente chamado de Niger.**

tambem de Senegal); ao poente na Africa interior (que vae até as margens do mar Oceano). Sua denominação vem de Etiops, filho de Vulcano; antes teve varios outros nomes.

Para as bandas do occidente é montanhosa, pouco habitada no este e arenosa no centro (como tambem nas proximidades do Atlantico).

Dizem outros que há duas Ethiopias, assim distribuidas: uma sob o Egypto, região ampla e rica, que inclue Meroë, considerada entre as maiores ilhas do Nilo (para o oriente reina Preste João); a outra é tão vasta que ainda não se acha bem conhecida, a não ser nas regiões fluviaes. Ainda há os que a dividem differentemente, a saber: uma parte

asiatica, outra parte africana (isto é, as Índias do Levante, cercadas, na Barbaria, pelo mar Vermelho e, ao norte, pela Libya e pelo Egypto).

A Ethiopia é muito elevada, sendo as suas principaes montanhas as de Beda, Jone, Bardite, Mescha e Liplia. Dizem alguns autores que os primitivos ethiopes e egypcios eram populações muito atrasadas, que levavam uma existencia tão agreste quanto a dos animaes ferozes, — sem abrigo certo e dormindo onde pernoitavam, peor do que os actuaes masovios <sup>1</sup>.

Há uma região ethiopica, que se estende do equador às terras antarcticas, onde vivem enormes elephantes, tigres e rhinocerontes; outra, nos affluentes do Nilo, que produz cinnamomo. Ainda existe o reino de Etta-

**O reino de Et-  
tatech.**

**Os ichthyo-  
phagos.**

bech <sup>2</sup>, de uma a outra margem do Nilo habitado por gente christã. Como tambem os povos chamados ichthyophagos, que só se alimentam de peixe, outrora submettidos por Alexandre-o-Grande. Os anthropophagos vivem perto dos montes da Lua, estando as regiões restantes, para os lados do tropico do Capricornio e do cabo da Boa Esperança, povoadas de varios povos monstruosos e disformes.

Acredita-se que foram esses monstros as primeiras raças humanas, sendo, por isso, os iniciadores das formulas e idéias religiosas, razão pela qual não lhes são ellas estranhas. E assim tambem se explica o motivo por que vivem os mesmos em liberdade e por que são infensos à servitude.

E' maravilhoso o sentimento de honra e amizade, que os ethiopes guardam ao seu soberano. Se o rei, por exemplo, soffre mutilação em alguma parte do corpo, os subditos, especialmente os da sua roda domestica, mutilam-se no mesmo lugar, considerando ser irreverente proce-

<sup>1</sup> No texto, *Masouites*. Isto é, os *masovios*, tambem chamados *masovianos*, *masures*, etc.

<sup>2</sup> A Abyssinia, cujo nome indigena, conforme lembra Gaffarel, é Habesh.

der de outro modo<sup>1</sup>. A maior parte dessa gente vive nua, em virtude do excessivo ardor solar; mas alguns cobrem com pelles as partes vergonhosas, ou vestem metade do corpo, ou mesmo o corpo inteiro.

**Meroë, capital da Ethiopia.** Meroë é a cidade principal da Ethiopia. Foi Cambyses quem lhe deu esse nome, pois outrora Sabá. outrora se chamava Sabá.

Os Ethiopes possuem varias religiões. Alguns são idolatras, como mostrarei mais adiante; outros adoram o sol-levante, desdenhando o occidente. É a Ethiopia um país milagroso, que nutre, para o lado da India, possantes animaes, — cães, elephantes, rhinocerontes de admiravel estatura, dragões, basiliscos, etc. Do mesmo modo, gigantescas arvores, a cuja coma não chega nenhuma flecha. Assim como muitas outras coisas maravilhosas, segundo ensina Plinio<sup>2</sup> em sua *Historia Natural*, livro XVII, capitulo 2.<sup>o</sup>

As populações alimentam-se commumente de milho e cevada, com os quaes fabricam tambem algumas beberagens. E usam pouco de outros fructos e plantas, a não ser os de algumas grandes palmeiras. Em certos lugares, há mais pedras preciosas do que em outros.

Não me parece fora de proposito explicar o seguinte: a côr negra desse povo é causada pela adustão superficial e depende da maior ou menor vehemencia do sol. Tambem é a temperatura que os faz tão timidos, arre-fecendo-lhes o calor natural do coração e das demais partes do corpo (dahi explicar-se por que são os negros, como tantas outras coisas abrasadas, intimamente frios, apesar de sua tonalidade externa). A acção perseverante e violenta do calor, em qualquer parte onde se exerça, só faz desagregar

<sup>1</sup> Entre certos povos da Uganda as mulheres suicidam-se, principalmente se o marido é um principal da tribu. Cf.: Johnston, *The Uganda Protectorate*, II, p. 610; Westermarck, II, p. 226 (no vol. I, p. 459 sq., os numerosos exemplos de sacrificios humanos em prol da vida do chefe ou do rei).

<sup>2</sup> Entre certos povos da Uganda, as mulheres suicidam-se, principalmente

e dissolver os elementos; de modo que, evaporados aquelles mais subteis, só restarão as substancias de consistencia terrestre. Tal o exemplo da madeira queimada e das cinzas. Em conclusão — na pelle dos negros só fica a parte terrestre do humor, estando as demais dissipadas. Assim a razão de sua côr.

Como já disse, são os africanos timidos. Isso é devido à algidez interna. A audacia requer um coração ardente, como era o dos gauleses e outros povos proximos do septentrião, os quaes, apesar do clima exteriormente frio, mostravam-se ousados, intemeratos e cheios de animo.

Os africanos possuem o cabello crespo, os dentes alvos, os labios grossos e as pernas cambas; não guardam as mulheres continencia, tendo, ainda, varios outros vicios (mas isso é assumpto que deixo aos philosophos, afim de não ultrapassar os limites de meu trabalho).

**Os indianos e ethiopes praticam a magia.** Ethiopes e indianos praticam a magia, dispondo de differentes ervas e materiaes outros proprios para semelhantes acções. E é certo que há, entre as coisas, sympathias ou antipathias occultas, que só a experiencia pode dar a conhecer.

Eis o que me cabia dizer dessa região, por cujo littoral passei antes de attingir o país chamado da Guiné.



## CAPITULO XVII

### DA GUINÉ.

Depois que, no Cabo Verde, refrescaram os navios, tratou-se logo de proseguir adiante. Soprava um nordeste maravilhosamente favorável, mas, à altura da Guiné, situada na Ethiopia, o vento tornou-se contrario. Nessa região, de facto, as correntes aereas são muito inconstantes, acompanhando-se de chuvas, tempestades e trovões<sup>1</sup>, — o que torna perigosa a navegação costeira. Só a catorze de setembro a esquadilha attingiu a Guiné, ficando, porém, bem distante da terra.

A Guiné é habitada por um estranho povo, que vive na idolatria e na mais tenebrosa ou ignorante superstição. Antes de ser descoberta, julgava-se que os seus habitantes possuíam os mesmos costumes e idéias religiosas das populações do Senegal, ou da alta Ethiopia. Mas, foi justamente o contrario, que se viu, pois todas as populações, da Guiné ao cabo da Boa Esperança, são idolatras, desconhecendo a existencia de Deus verdadeiro e dos seus mandamentos. E' tão cega essa gente da Guiné que, encontrando, ao amanhecer, algum passaro, cobra ou qualquer outro animal, domestico ou selvagem, logo

A Guiné, parte da baixa Ethiopia.

Os habitantes da Guiné, até o cabo da Boa Esperança, são todos idolatras.

<sup>1</sup> Ao deixar o Cabo Verde, a expedição foi perseguida, durante seis dias, pela calmaria. Menos à noite, em que os ventos impetuosos, diz N. Barré, varriam os navios, "*joincts avec pluye tant püente que ceulx lesquels estoient mouillez de ladicta pluye, soubdain ils estoient couverts de grosses postules*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 377).

o traz em sua companhia, durante todo o dia, fazendo do dito animal uma como especie de divindade protectora de suas actividades. Por exemplo, se alguém vac à pesca, leva, em sua canoa de casca de arvore, o animal assim encontrado, todo envolvido em folhas, acreditando que isso lhe dará felicidade, quer no mar, quer em terra; ou pelo menos, o livrará de qualquer infortunio.

Os negros da Guiné crêem em um deus immortal, mas, que, por não se dar a conhecer materialmente à humanidade, é desconhecido, — erro pouco differente do dos antigos gentios, que adoravam diversos deuses, sob imagens e simulacros varios. Facto realmente digno de ser contado é o seguinte: esses pobres barbaros preferem adorar coisas sujeitas à corrupção, — antes que alguém possa pensar que não têm Deus.

Diz Diodoro da Sicilia que foram os ethiopes os primeiros povos a adquirir o conhecimento da immortalidade dos deuses, aos quaes offereciam votos e hostias. Isso tambem quis Homero dizer, na *Iliada*, quando conta que Jupiter e algumas outras divindades visitaram a Ethiopia, tanto por causa da amenidade e doçura do país, como por motivo dos sacrificios ali feitos em sua honra. Castor e Pollux, chamados *estrellas brilhantes do mar*, quando acompanhavam, nos navios, o exercito grego, que se dirigia à Troia, sumiram-se no ar e jámais tornaram a ser vistos: acreditou-se que ambos tinham sido arrebatados e conduzidos ao seio das divindades marinhas (motivo por que muitos lhes dão o nome de *estrellas brilhantes do mar*)<sup>1</sup>.

**Usos e costumes dos povos da Guiné.** Os povos da Guiné não conhecem templos, igrejas ou quaesquer lugares dedicados aos sacrificios e às orações. Além disso, são comparativamente muito mais perversos que os povos da Barbaria e da Arabia, tanto que os estrangeiros evitam abordar essas

<sup>1</sup> Thevet refere-se ao *fogo de Santelmo*.

paragens, só desembarcando nellas quando garantidos pelos refens (do contrario poderiam ser assaltados e reduzidos à escravidão). Vive essa gatinha quasi sempre nua, se bem que, após o trafico estrangeiro, uns tantos se vão habituando a vestir certos camisões de palha ou algodão, trazidos de outros lugares.

O commercio de gado não é tão intenso quanto na Barbaria. Há poucas fructas, devido às seccas e ao excesso de calor (pois a Guiné fica na zona torrida). Mas os habitantes vivem longos annos, sem decrepitude, — um homem de cem annos parecendo ter quarenta.

A carne, com que se alimentam os povos da Guiné, é a dos animaes selvagens, mas sem nenhum cozimento ou preparo. Usam-se tambem peixes e ostras em abundancia. As ostras passam de meio pé de comprimento, mas são alimentos mais perigosos do que outros quaesquer peixes, dando um caldo semelhante ao leite; os nativos comem esses mariscos, todavia, sem que lhes aconteça nenhum mal, — tanto os mariscos da agua doce como os da agua salgada.

De ordinario, os povos da Guiné guerreiam outras nações. Suas armas são os arcos e flechas (as mesmas que as dos outros ethiopes e africanos). As mulheres exercitam-se na arte bellica <sup>1</sup>, igualmente aos homens, trazendo, em sua maior parte, largos brincos de ouro fino, ou de outro metal, nas orelhas, nos labios e nos braços.

A Guiné, mal  
arejada. As aguas dessa região são muito perigosas, sendo o ar insalubre. A razão, penso, vem do vento do meio-dia, quente, umido, sujeito a toda putrefacção, o qual é muito familiar nessas paragens (facto que tambem se pode comprovar na Europa). As pessoas, oriundas de outras regiões mais bem temperadas, não podem viver muito tempo na Guiné, pois logo adoecem. Isso aconteceu aos meus companheiros, varios dos quaes morreram,

<sup>1</sup> Sobre a organização militar das amazonas de Dahomey, cf. Ellis, *The Land of the Fetish*, Londres, 1883; Forbes, *Le Dahomey et les Dahomins*, Londres, 1851; Skertchley, *Dahomey as it is*, Londres, 1874,

ficando outros por muito tempo doentes (só difficilmente se curaram), — razão que impediu a permanencia dos navios em taes zonas.

Não quero omittir que, na Guiné, o objecto mais usual do commercio dos navios estrangeiros é a malagueta, **A malagueta, especiaria muito disputada.** a lagueta<sup>1</sup>, a melhor e mais disputada das especiarias. Os portuguezes fazem disso um intenso trafico. A malagueta nasce no campo, semelhantemente à cebola (gostaria de mostrar, em desenho, a pimenta, mas, por falta de tempo e espaço, não me foi possível contentar a curiosidade geral). A malagueta proveniente de Calicut e das Molucas não é tão estimada quanto a da Guiné.

Com os barbaros vizinhos existe o trafico do ouro e do sal. O systema commercial é dos mais estranhos. Os interessados levam suas mercadorias para determinados lugares, os da Guiné o sal e os das terras proximas o ouro amassado. E, sem se communicarem uns aos outros, por causa da desconfiança reciproca, — a exemplo dos turcos com os arabes e de alguns selvicolas americanos com as tribus vizinhas, — cada parte põe, no referido sitio, os objectos trazidos consigo. Se os ethiopes da Guiné acham que o ouro, depositado no lugar apropriado, tem um valor equivalente ao seu sal, a troca está feita; em caso contrario, deixam-no onde se encontra. Mas, percebendo os outros que a quantidade de ouro não satisfaz, augmentam a offerta até que o monte fique a contento dos interessados. Em seguida, uns e outros levam para casa o que lhes pertence<sup>2</sup>.

É preciso não esquecer que os negros da Africa septentrional são mais civilizados que os da Guiné, em vista das

<sup>1</sup> No texto, *Maniguette*. Por muito tempo a zona da malagueta ficou conhecida pelo nome de *Costa da Pimenta*.

<sup>2</sup> Thevet quer referir-se ao *silent trade*, que existia tambem entre os tupis da costa brasileira, mesmo em se tratando de tribus inimigas. Em Léry (p. 51 e seg.) lê-se uma referencia a esse respeito. E' verdade que havia povos primitivos, no Brasil, que nem sequer conheciam tal commercio; a troca só se operava mediante a hospitalidade (Max Schmidt, p. 247), pratica, aliás, cujos vestigios se encontram entre os tupinambás. — Moore (p. 87) confirma a existencia do *silent trade* na Africa.

convivencias com os numerosos mercadores, que por lá costumam andar. Trocam o ouro por quaesquer bugigangas, camisas, panos ordinarios, canivetes e oútras ferragens miudas. Com isso negociam portuguezes e mouros, inclusive

**Trafico de marfim.** com os marfins conhecidos pelo nome de *dente de elephante*. Isso me contou um desses portuguezes, o qual, certa vez, adquiriu doze mil dentes de elephante, sendo que um delles, de maravilhoso tamanho, chegou a pesar cem libras.

A Ethiopia, como já o disse, possui elephantes, que se apanham na caça. O methodo de caçar o elephante é semelhante ao dos javalis, com algumas poucas differenças nos seus ardis e processos. Os negros comem a carne do animal, affirmando ser saborosissima (e prefiro acreditar nisso do que discutir mais longamente a questão, ou tirar do facto a prova experimental).

**O elephante, animal cuja razão se approxima da humana.** Não é meu intento prolongar o assumpto, descrevendo as virtudes e predicados do elephante, — o mais docil e racional dos animaes, o qual já tem sido celebrado pelos antigos e modernos. Plinio, Aristoteles e varios outros tratam d'elle sufficientemente, affirmando que sua carne é medicinal e propria para a lepra. A carne, destinada à cura da lepra, deve ser ingerida; os dentes, ou os marfins, applicados exteriormente na pelle, em forma de pó. Tambem a sua carne conforta o coração e o estomago, assim como favorece a criança no ventre materno. Mas, não quero repetir o que outros já descreveram, afim de não prolongar, repito, o assumpto, ou afim de não me afastar muito de meu proposito.

Todavia, não deixarei de dizer o que vi. Como, por exemplo: os negros, quando apanham os elephantes ainda novinhos, criam-nos e ensinam-lhes mil habilidades, pois são esses animaes muito doces e facilmente domesticaveis.

## CAPITULO XVIII

### DA LINHA EQUINOCCIAL E DAS ILHAS DE SÃO THOMÉ.

Deixando, à esquerda, a Guiné, após uma demora de poucos dias, em virtude, como o já disse, da intemperança do ar, os navios proseguiram viagem. Costeando a região situada à altura de dois cabos, o das Palmas e o das Três Pontas, passei por um bellissimo rio, onde se viam grandes navios, por meio do qual se faz um intenso trafico, em toda a região, de ouro e prata em bruto. Os portugueses desembarcaram nesse lugar, grangeando a amizade de seus habitantes, depois do que edificaram uma fortaleza, Castello da Mina<sup>1</sup>. E havia razões para isso, pois o ouro da Mina é incomparavelmente mais fino que o de Calicut e o das Indias Americanas. O Castello da Mina fica cerca de três graus e meio do equador. Existem, ainda, nessa região, dois rios: um que tem origem nas montanhas do país, chamado Cania; o outro, menor, cujo no-

Rio, com mi-  
na de ouro e  
prata.

Castello da Mi-  
na.

<sup>1</sup> Diz Gaffarel: "*Castel el Mina* foi, a principio, descoberto e colonizado pelos mercadores de Dieppe. Foram elles que primeiro, desde 1364, exploraram a região. Em 1383, fundaram, ali, um estabelecimento permanente, abandonado em 1413, em virtude das guerras civis, que tinham trazido a desolação à França e a paralyisa ao seu commercio. Substituíram-nos os portugueses, tão bem que se perdeu a lembrança dessas expedições francezas à costa africana. D<sup>o</sup>ner (*Description des côtes de Guinée*, 1686), Elbée (*Journal de mon voyage aux îles dans la côte de Guinée*, 1671) e sobretudo Villaut de Bellefonds (*Relation des côtes d'Afrique*, 1669) são unanimes em reconhecer que existiam, ao seu tempo, em *Castel el Mina* e arredores, vestigios materiaes da estadia anterior dos francezes na referida região" (em *Les Singularitez*, ed. de 1878, p. 85 e 86).

**Os rios Cania e Regio.** me é Regio <sup>1</sup>; ambos são rios de excellente peixe, mas possuem, tambem, crocodilos perigosos, a exemplo do Nilo e do Senegal (diz-se que as fontes do Senegal ficam nessa região).

Na areia desses rios vê-se brilhar o ouro em pó; suas populações caçam o crocodilo, cuja carne é uma especie de veação para ellas. Não quero esquecer que, perto do Castello da Mina, se viu, conforme me contaram, um monstro marinho, de forma humana, lançado à praia pelas ondas. E que a femea do animal appareceu tambem no fluxo das vagas, soltando grandes uivos de dor por causa da ausencia do macho (facto realmente digno de toda a admiração). O mar, como se vê, pode criar e nutrir os mais estranhos animaes, tanto quanto a terra.

**Descripção da linha equinoccial.** Como me encontro justamente na linha equinoccial <sup>2</sup>, não quero passar adiante sem dizer della alguma coisa. A linha equinoccial, tambem chamada circulo equinoccial, ou equador, é um traço imaginario do sol, que divide o universo em partes iguaes, passando pelo seu centro duas vezes ao anno, — uma vez a onze de março e outra vez a catorze de setembro <sup>3</sup>. Em ambas as occasiões o sol, indo de oriente para occidente, passa directamente pelo zenith da terra, traçando esse circulo imaginario, paralelo aos tropicos e a outras zonas situadas entre ambos os polos, estando no nadir para os que habitam no lado opposto. Durante todo o anno, a não ser nos dias acima indicados, o sol percorre obliquamente a ecliptica, no zodiaco.

<sup>1</sup> No texto, *Rhegium*. — O rio maior, é talvez, o Volta ou a bacia de Lagos, sendo Cania, ao que parece, uma corruptela de *Kana*, tambem chamada *Kana-Mina*. Regio era uma antiga localidade da bacia do Benim.

<sup>2</sup> N. Barré fixa o dia em que a esquadilha de Villegagnon passou a linha equinoccial: "*Nous passames ledit centre du monde le dixieme d'octobre près les isles de Saint Thomas, qui sont souz l'aequinoccial*" (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 377).

<sup>3</sup> Datas dos equinocios, anteriores à reforma do calendario.

Nos equinoccios, o horizonte é igual, sem que um dos polos esteja mais elevado que o outro. Os dias e as noites são também iguaes, donde o nome *equinoccial*. À proporção, todavia, que o sol se afasta de um ou de outro polo, isto é, à proporção que se eleva um dos dois polos, os dias e as noites vão ficando desiguaes. Mas, deixando o sol, pouco a pouco, a linha equinoccial, quasi que attinge elle, por seu zodiaco obliquo, o tropico do Capricornio. É o solsticio do inverno. Repassando depois, pelo mesmo caminho, até o tropico do Cancer, dá-se o solsticio do verão<sup>1</sup>. Nessa trajectoria, do equador a ambos os tropicos, percorre o sol, de cada vez, seis signos.

**Origem do nome equinoccial.**

**Solsticio do inverno.**

**Solsticio do verão.**

Os antigos acreditavam que a zona situada entre os tropicos, era, por motivo de seu excessivo calor, inhabitavel (assim como as regiões vizinhas dos polos, em virtude do seu frio elevado). Recentemente, porém, depois que os navegadores a descobriram, verificou-se a habitabilidade da zona torrida, não obstante o calor, devido à sua fertilidade e às suas abundantes riquezas — tal como as ilhas de São Thomé e outras, de que falarei adiante.

Comparando o frio das noites com o calor dos dias, alguns autores querem, assim, explicar a razão de ser da boa temperatura dos tropicos. Há outras theorias mais, das quaes presentemente deixo de tratar.

Na zona equinoccial, quando por lá passei, me pareceu ser o calor mais vehemente que o da epocha sanjuanesca, em França. Um calor acompanhado de trovões, chuvas e tempestades. Dahi o motivo por que nas ilhas de São Thomé (e numa outra chamada dos Ratos<sup>2</sup>) há tanta vegetação quanto é possivel existir, sem nenhum signal de seccas.

**Temperatura do ar, na linha equinoccial.**

**Ilha dos Ratos.**

<sup>1</sup> Respectivamente, solsticio do verão e do inverno no hemispherio austral.

<sup>2</sup> Sobre a ilha dos Ratos, cf. o cap. LXVII.



**Ilhas de Santo Homer, ou de São Thomás.** Essas ilhas da linha equinoccial estão indicadas, nas cartas maritimas, pelo nome de São Thomé, ou São Thomás<sup>1</sup>. São habitadas pelos portuguezes. Embora não sejam tão férteis quanto outras, produzem algum açúcar. Mas, os portuguezes mantêm a sua colonização para facilitar o trafico com os barbaros e ethiopes, isto é, o commercio do ouro fundido, das perolas, do almiscar, do rhuibarbo, da cassia, do gado, das aves e mais riquezas peculiares a cada região.

As estações são, ali, muito desiguaes e diferentes das dos outros países, estando as suas populações mais sujeitas a doenças do que nas zonas do septentrião. Tal differença e desigualdade provém do sol, que transmite suas propriedades através do ar, existente entre aquelle astro e a terra. O sol — como todos sabem e repito — passa por essas ilhas perpendicularmente, duas vezes no anno, descrevendo a linha equinoccial. Isto é, em março e em setembro.

**Abundancia, no equador, de diversos peixes.** Na zona equinoccial há numerosos peixes, das mais variadas especies<sup>2</sup>. É maravilhoso o espectáculo delles na tona da agua, como o vi, fazendo um enorme barulho em torno dos navios — difficilmente alguem podia ouvir a voz de outra pessoa. Se é o calor a razão desse facto, ou há outras explicações, — deixo a solução aos philosophos.

**A agua do mar, mais doce no equador.** Resta dizer que, nas cercanias da linha equatorial, a agua do mar, como verifiquei, é mais doce e agradável ao paladar do que em outras zonas; mas há quem affirme justamente o contrario, achando que deve ser mais salgada, por causa do calor excessivo e da sua proximidade em relação à linha

<sup>1</sup> Thevet, como já se viu (nota ao cap. VI), escreve ora *Homer*, ora *Omer*. O autor refere-se à ilha de São Thomé e aos ilheus, que lhe são vizinhos (ilheu das Cabras, ilheu das Rolas, etc.).

<sup>2</sup> Martius observou, na zona do equador, quando de viagem para o Brasil, os seguintes peixes: o *Squalus carcharias*, o *Gasterosteus ductor*, o *Echeneis remora*, o *Exocoetus volitans*, o *Scomber thynnus* e o *Pelamis*. Cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, I, p. 83.

equatorial. Della (dizem estes) é que vem a adustão e a salinidade marinha, sendo naturalmente mais doce a agua das vizinhanças do polo. Creio, entretanto, que, assim como o clima não é uniforme de um polo a outro, pelo mesmo motivo deve tambem ser differente a agua do mar. Mas, acontece que, no equador, a salinidade marinha acompanha a temperatura aerea, vindo dahi a razão de ser de phenomeno <sup>1</sup>.

Transposta a linha equinoccial, na direção do cabo da Boa Esperança, notei que o mar foi ficando progressivamente mais calmo e mais sereno.

<sup>1</sup> Thevet affirma que experimentou a salinidade do mar nas proximidades da linha equinoccial; antes ou depois, não se sabe. De qualquer modo, perto de um dos dois grandes rios, o Niger ou o Congo. Nas vizinhanças das grandes embocaduras fluviaes, a salinidade do mar attinge a cifra media de 32 ou 33 mms.

## CAPITULO XIX

NÃO SÔMENTE É HABITADA A ZONA EQUATORIAL, MAS TODO O MUNDO, AO CONTRARIO DO QUE JULGAVAM OS ANTIGOS.

**Avidez de saber, propria do homem.**

Vê-se, evidentemente, quanto é enorme a avidiez humana, levada, quer pela necessidade de saber, quer pelo desejo de adquirir cabedaes ou fugir à inactividade. Impellida por esse de-

sejo, — assim o diz o Sabio <sup>1</sup> e, após elle, o poeta Horácio em suas *Epistolas*, — a humanidade aventurou-se a todos os perigos e trabalhos, para, afinal, tentando afugentar a pobreza, gozar uma vida mais tranquillã e menos ociosa. Não era bastante ter sciencia de que o universo, criado pelo soberano obreiro, era todo redondo, com as aguas separadas das terras, afim de que mais facilmente pudesse cada qual viver no seu proprio elemento, ou, pelo menos, viver no elemento com o qual tivesse mais affinidades; era preciso, tambem, reconhecer se era o mundo habitado em todas as partes. Por essa diligencia e por esse espirito de curiosidade são os povos antigos tão dignos de estima quanto os modernos escriptores e navegantes, graças aos quaes se deve a solução de tantas questões (questões que, de outro modo, só difficilmente poderiam ser resolvidas).

**Opiniões de alguns philosophos sobre a habitabilidade do mundo.**

Thales, Pythagoras, Aristoteles e varios autores greco-latinos affirmavam não ser possivel que fossem habitadas todas as partes do globo, umas pelo seu exaggerado ou insupportavel calor, outras pela sua excessiva ou vehe-

<sup>1</sup> Thevet refere-se à Aristoteles.

mente frialdade. Autores havia, também, que dividiam o mundo em dois hemisphérios, um dos quaes habitado, que é o septentrional, mas no outro de modo algum existindo gente. E, assim, das cinco partes terrestres excluam três, de modo que só restavam duas realmente povoadas. Explicando melhor (se bem que o assumpto não seja alheio às pessoas illustradas), — os referidos autores, como quisessem provar a inhabitabilidade de grande parte da terra, suppunham o mundo dividido e repartido em cinco

As cinco zonas, duas frias, duas temperadas e uma quente. Agora, se alguém quiser saber como estão collocadas as cinco zonas, aconselho experimentar o seguinte methodo, que é também o de Probo-o-Grammatico: aplicar a mão esquerda de encontro ao sol nascente, recurvando, depois, um a um, os dedos, bem abertos e afastados.

No pollegar fica a primeira zona fria, a primeira zona do norte, a qual, devido ao seu excessivo frio, se diz ser desertica, ao contrario do que a experiencia tem demonstrado. De uns tempos a esta parte se sabe, realmente, que certo povo muito rude, feroz e selvagem vive nas regiões vizinhas do polo norte, onde só há gelo e frio perpetuo, mesmo além do circulo arctico, junto aos montes Hyperboreos, a saber, Escandinavia<sup>1</sup>, Dacia, Suecia, Gothia, Noruega, Dinamarca, Thule<sup>2</sup>, Livonia, Lappia<sup>3</sup>, Prussia, Russia, ou Ruthenia. Assim o affirmou o senhor de Cambray, natural de Bourges, embaixador francês nos países septentrionaes (Polonia, Hungria, Transylvania), homem erudito, conhecedor de muitas linguas, digno de tal missão e empresa. Os antigos nem sempre merecem fé, embora sejam desculpaveis, porquanto falavam mais por conjecturas do que por experiencia.

<sup>1</sup> No texto, *Scavia*. Abreviatura, talvez, de Escandinavia.

<sup>2</sup> No texto, *Thyle*.

<sup>3</sup> No texto, *Pilappe*. Erro, talvez, typographico. Será a península de Lappia? *Lappia*, segundo Pedro Bertius (1606), era a península hoje chamada de Kola, onde viviam os lapões.

**Primeira zona temperada.** O segundo dedo (tornando ao assumpto) indica a zona temperada, habitavel. Estende-se até o tropico de Cancer, se bem que as terras mais proximas desse circulo sejam menos temperadas que as demais regiões situadas no centro da faixa.

**Zona torrida.** O terceiro dedo representa a zona inserida entre os dois tropicos, chamada de torrida por causa da ardencia dos raios solares. A palavra dá a entender que essa zona queima e abrasa tudo, julgando-se, portanto, não ser habitavel.

**Segunda zona temperada.** O quarto dedo mostra a segunda zona temperada, antipoda à outra, collocada entre o tropico do Capricornio e o polo sul. É tambem habitavel.

**Segunda zona fria.** O quinto dedo, o mindinho, marca a segunda zona fria, que os antigos, pelos mesmos motivos allegados em relação à zona opposta, julgavam tambem não ser habitavel.

Por esse methodo, como se vê, facilmente é possivel dizer quaes as partes, que os antigos acreditavam ser ou não povoadas. Plinio reduz o numero das zonas habitaveis, afirmando que não se pode viver em três dellas. Essas três zonas são-as que foram indicadas pelos dedos pollegar, medio e mindinho. Plinio exclue, igualmente, as terras situadas no mar Oceano, accrescentando, em outra parte, que só são habitaveis as regiões situadas abaixo do zodiaco. As causas allegadas em favor de inhabitabilidade das três zonas são as mesmas: nos dois polos, muito frio devido à longa distancia e ausencia do sol; na faixa torrida, ao contrario, insupportavel calor, provocado pela proximidade do sol e sua continua presença. Essa é a opinião de quasi todos os theologos modernos.

O contrario, todavia, se pode demonstrar, pelos escriptos até dos autores acima citados, pela autoridade dos philosophos (especialmente os actuaes), pelo testemunho das Santas Escripturas, e, mais do que tudo, pela experiencia,

como eu proprio o verifiquei. Strabão, Pomponio Mela e Plinio, embora partidarios da theoria das zonas, affirmam que havia povos vivendo na região ethiopica, chamada pelos antigos de peninsula Aurea, assim como, tambem, na ilha de Taprobana<sup>1</sup>, em Malaca, em Sumatra<sup>2</sup>, tudo na zona torrida. Do mesmo modo, na Escandinavia, nos montes Hyperboreos e nas regiões circumvizinhas (das quaes já fallei linhas atrás). E Herodoto colloca os montes Hyperboreos bem na zona polar, differentemente de Ptolomeu, que as localiza a mais de setenta graus do equador.

O primeiro autor, que affirmou a habitabilidade das regiões além das zonas temperadas, foi Parmenides. Assim o diz Plutarcho. E houve mesmo quem dissesse ser a zona torrida, não só habitavel, como, certamente, muito povoada. Pelo menos, foi isso o que provou Averrhoes, com o testemunho de Aristoteles, no capitulo 4.º de seu livro intitulado *Do ceu e do mundo*. Avicenna, igualmente, em sua *Segunda Doutrina* e, afinal, Alberto-o-Grande, no capitulo 6.º da *Naturcza das Regiões*, — ambos se esforçando por demonstrar, à custa de razões naturaes, que as zonas consideradas inhabitaveis são mais adequadas à vida humana do que as restantes. Porquanto se a baixa temperatura é desfavoravel ao corpo humano, o mesmo não se pode dizer do contrario, visto que vida significa calor e unidade, ao passo que morte significa frio e secura.

Eis por que toda a terra é habitada, quer nas zonas quentes, quer nas frias. Só nas regiões estereis não se pode viver, como tive occasião de verificar na Arabia Deserta e em outras regiões. Deus dotou o homem de meios necessarios para occupar qualquer parte do globo, — zonas frias,

<sup>1</sup> No texto, *Taprobane*. A fls. 41 e 111, *Taprobane*. No seculo XVI, era esse toponym applicado à ilha de Ceylão e à de Sumatra. Cf. o *Fac-simile Atlas* de Nordenskiöld, mappas ns. 32, 35, etc.

<sup>2</sup> No texto, *Zamatra*.

quentes ou temperadas. E isso se depreheude das palavras que disse aos nossos primeiros pais — *crescei e multiplicae-vos*.

A experiencia, em suma (como já o tenho dito varias vezes) prova quanto o mundo é amplo e capaz de accomodar todas as criaturas, — experiencia tirada dos resultados das navegações maritimas e das longinquas viagens terrestres.

## CAPITULO XX

### DA MULTIPLICIDADE E VARIEDADE DOS PEIXES DA ZONA EQUATORIAL.

Antes de deixar essas paragens, quero fazer uma referencia especial aos peixes peculiares à zona, que se estende cerca de sete ou oito graus, ao norte e ao sul da linha equinoccial. Esses peixes, de diversas côres, são em tal quantidade que não têm conta. Nem há quem os possa amontoar, a exemplo do que se faz, no celleiro, com os molhos de trigo.

Muitos dos peixes, de que falo, seguiram os navios da esquadilha num percurso de mais de trezentas leguas; principalmente os dourados, de que, adiante, falarei mais a vagar. Os marsuinos, assim que percebiam os navios, nadavam impetuosamente ao seu encontro, indicando aos marujos a orientação dos ventos (pois são animaes que andam, em cardumes de quatrocentos a quinhentos, no sentido opposto ao das correntes aereas). *Marsuino* vem do latim *maris* O **marsuino:** *sus*, isto é, *porco do mar*, por causa de sua origem desse nome. similitude com os porcos terrestres, pois têm os mesmos grunhidos. O focinho é parecido com um bico de pato; na cabeça há um conducto, pelo qual respira, do mesmo modo que a baleia.

Os marujos pescam os marsuinos com instrumentos de ferro ponteagudo e arpoado. Mas não lhes comem a carne, porque há peixes mais gostosos; apenas se servem do fígado, que é muito bom e delicado, tendo sabor aproximado do dos suinos. Quando esse animal é pescado, ou está perto de



morrer, solta altos gemidos, como fazem os porcos ao serem sangrados.

A femea só pare, de cada vez, dois filhotes. Constituiu admiravel espectaculo ver a quantidade desses animaes; o tumulto, que faziam, era comparativamente maior do que o de uma torrente a despenhar-se de alta montanha (asseguro que assisti realmente a esse espectaculo, que a muita gente parecerá estranho e inacreditavel).

Há, nos mares tropicaes, peixes de todas as côres, alguns vermelhos (como os chamados bonitos), outros aureos e recobertos de fino azul (a exemplo dos *dourados*). Ainda existem os esverdeados, os negros, os cinzentos, etc. Penso, todavia, que, fora do mar, esses peixes não conservam, indefinidamente, as primitivas côres assim tão vivas. Conta Plinio que há em Espanha uma fonte, cujos peixes têm a côr do ouro, mas só dentro da agua. E' a agua, como está parecendo, collocada entre o olhar e o peixe, que produz o phenomeno (como um vidro verde torna os objetos da mesma tonalidade).

**Uma fonte, que torna os peixes côr de ouro.**

Varios autores, antigos e modernos, escreveram sobre os peixes, especialmente sobre os *dourados*; mas muitos superficialmente, como que de ouvir dizer, pois não os examinaram pessoalmente. Diz Aristoteles, por exemplo, que os *dourados* têm quatro nadadeiras, duas na parte superior e duas na parte inferior, desovando no verão e passando longo tempo occultos. Mas não termina a descripção: Plinio, acompanhando, nesse assumpto, a Aristoteles (segundo penso), reaffirma que o *dourado* se occulta no mar por algum tempo. E acrescenta — esse facto se dá na epocha do calor excessivo, pois o peixe não o pode supportar. Gostaria de dar uma gravura do *dourado*; mas, por falta de tempo, fica a coisa para outra oportunidade.

**Os dourados, segundo Aristoteles e Plinio.**

**Descrição do dourado.**

Há dourados tão grandes como os salmões; outros menores. Tem esse peixe uma saliência, que vae da cabeça à cauda; toda essa parte inferior tem a tonalidade do ouro de um ducado, donde a origem do seu nome (Aristoteles chama-lhe de χρυσοφρυς, de que os interpretes, na tradução, fizeram *aurata*) <sup>1</sup>.

O dourado é animal de presa, segundo ensina muito bem Aristoteles. Tem soffreguidão pelos peixes-voadores, que persegue na agua, como o cão persegue, no campo, a lebre. Isto é, dá botes no ar para apanhar as presas: se umas se salvam, outras não lhe escapam.

Os dourados seguiram os navios noite e dia, por espaço de mais de seis semanas, sem que os abandonassem jámais, até quando não acharam o mar a seu gosto.

**O dourado, peixe muito reputado nos tempos antigos.**

Foi esse peixe muito reputado entre as pessoas nobres da antiguidade, por causa da delicadeza e sabor de sua carne. Sergio, como se conta, achou meio de enviar um delles a Roma, o qual, tendo sido servido na mesa do imperador, foi extraordinariamente apreciado. E desde então, começou, entre os romanos, a reputação do dourado: não se dava um festim sumptuoso sem que fosse o mesmo servido. O prato era, assim, uma especie de singularidade.

Como não é facil pescar, no verão, o dourado, Sergio mandou construir viveiros, afim de que não faltasse o peixe em nenhuma estação, motivo pelo qual adquiriu aquelle senador o appellido de *Aurata* (como A. Licinio, que criava cuidadosamente o murena, tomou tambem esse nome). Os dourados de mais estimação eram os do lago Lucrino, vindos de Taranto. Assim o diz Marcial, no livro III das suas *Epigrammas*.

<sup>1</sup> O peixe, descripto por Thevet, é o dourado (*Coryphæne hippurus* L.), de dorsal continua, mais elevada anteriormente (começando no preoperculo e terminando perto da cauda), peitoraes e ventraes na mesma vertical, glauco ceruleo ou brilhante no dorso, aureo ou argyreo no ventre (cf. Alipio de Miranda Ribeiro, "Fauna Brasileira — Peixes", em *Arch. do Mus. Nac.*, XVII, 4). Chama-se tambem *dourada*. Não confundir com o *Sparus auratus*.

Os dourados têm melhor sabor no inverno do que no verão, pois todas as coisas dependem do tempo proprio. Cornelio Celso aconselhava-os aos doentes, especialmente aos febris, por ser a sua carne leve, friavel e enxuta, — em summa um alimento sadio. Existem com mais abundancia no mar Oceano do que no do Levante. Como se sabe, nem todas as aguas possuem os mesmos peixes: o esturjão<sup>1</sup>, por exemplo, que é muito singular, só se encontra em Pamphylia; o *ilus* e o *scarus*<sup>2</sup> só no mar Atlantico. E assim por diante.

Estando no Egypto, Alexandre-o-Grande ordenou a compra de duas douradas por um par de marcos de ouro, a fim de verificar se a sua carne era mesmo preciosa, conforme se dizia em seu tempo. Os peixes foram transportados, vivos, do mar Oceano — pois em outra parte não se encontram — a Memphis, cidade onde se achava o monarcha. Tive sciencia dessa historia por intermedio de um medico judeu, quando em visita a Damasco, na Syria.

Eis, leitor, o que sci a respeito do dourado. Para mais alguma informação, queira consultar o que têm escripto varias pessoas eruditas, entre as quaes monsenhor Guilherme Pellicier, bispo de Montpellier. Esse autor trata da natureza dos peixes tão fiel e seguramente como nenhuma outra autoridade moderna.

<sup>1</sup> No texto, *Helops*. Cuvier identificou o *élops* ou *helops* com o esturjão (*Acipenser ruthenus* L.) (cf. a *Histoire Naturelle de Plin*, I, p. 391). Segundo outros naturalistas, o *helops* pertence ao genero *Acipenser pygmaeus* Pall.

<sup>2</sup> No texto, *Ilus et Scarus*. O *scarus* é o nosso bodião (*Scarus croicensis*, *Scarus caeruleus*, *Scarus guacamaia*, etc.). Mas o *scarus* tambem existe nos mares gregos (o *Scarus cretensis* G. Cuv.-Val. ou *Labrus cretensis* L.). Quanto ao *ilus*, penso tratar-se do *labrus* ou *iulus* (por erro typographico *ilus*). Thevet, em summa, refere-se a um lubrideo. *Labrus iulus*, de que fala Plinio (ob. cit., vol II, XXXI, I).

## CAPITULO XXI

### DA ILHA CHAMADA DA ASCENSÃO.

Proseguindo viagem, avistou-se, a vinte de outubro<sup>1</sup>, uma ilha deshabitada, que estava a oito graus da linha equinoccial<sup>2</sup>. À primeira vista, quizeram dar-lhe o nome de *Ilha dos Passaros*, em virtude da enormidade de aves que lá existem; consultando-se, todavia, as cartas maritimas, verificou-se que o ilheu tinha sido descoberto pelos portuguezes e chamava-se Ascensão (por gem do seu nome ter sido nesse dia encontrada)<sup>3</sup>.

O apparecimento de numerosas aves marinhas dera motivo a que os marujos conjecturassem a existencia proxima de algumas ilhas. Quando a ilha foi avistada, innumeras dessas aves, de todas as côres e de todas as plumagens, invadiram os navios, vindas de terra, provavelmente à procura de repasto. Os tripulantes apanhavam-nas com as mãos, livrando-se, aliás, dellas com muito esforço. Se alguém estendia o punho, as aves pousavam-lhe em cima, familiarmente, deixando-se prender pela maneira que a pes-

<sup>1</sup> A ilha da Ascensão foi realmente avistada a vinte de outubro de 1555, num domingo pela manhã. Assim o diz N. Barré (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 378).

<sup>2</sup> A latitude exacta é de 7°52' e 7°58'.

<sup>3</sup> A ilha da Ascensão, que já figura no mappa de Cantino, foi provavelmente descoberta por João de Nova, a 13 de maio de 1501 (Duarte Leite, "O mais antigo mappa do Brasil, em *Hist. da Col. Port.*, II, p. 252).

**Aves de varias especies e em grande numero.**

soa quisesse. E nem sequer fugiam quando se baixava o braço, permittindo-se, como antes, as mesmas liberdades. Nessa multidão de passaros não vi nenhuma especie semelhante às europeias, coisa que há de parecer singularmente incrível.

**O aponar, ave.**

Na ilha da Ascensão existe uma especie de ave, bem grande, a qual ouvi chamar de *aponar*<sup>1</sup>. Tem as asas curtas, a ponto de não poder voar. É grossa e do tamanho da garça real, com o peito branco, o dorso preto como carvão e o bico semelhante ao do corvo-marinho (ou animal semelhante). Ao ser ferida, grunhe qual um porco. Já li a descripção dessa ave, da qual existe

**O cabo da Boa Vista. A ilha dos Aponars; origem do seu nome.**

grande quantidade numa ilha bem na direcção do cabo da Boa Vista, na costa da Terra Nova. O lugar tomou mesmo o nome da ilha dos Aponars<sup>2</sup> e nelle há uma tal abundancia dessas aves, que, de certa vez, três navios franceses, que iam ao Canadá, encheram os escaleres com os taes passaros: bastou que os marujos desembarcassem na praia e tangessem-nas até os botes, como se faz aos carneiros no matadouro. Dahi a oportunidade, que tenho, de falar do *aponar*.

**A ilha da Ascensão, como tantas outras, não é ainda habitada.**

A ilha da Ascensão é, demais, lindissima, tendo, entretanto, apenas seis leguas de circumferencia. Suas montanhas possuem muito bellas arvores, arbustos verdejantes, ervas e flores, sem esquecer, como já o disse, a abundancia de suas aves. Penso que, se essa ilha

<sup>1</sup> Buffon identificou o *aponar*, visto por Thevet na ilha da Ascensão, com o manco (*manchot*). Cf. o *Dict. des Sc. Nat.*, II, p. 296. Seu nome scientifico é *Alca impennis*.

<sup>2</sup> Gaffarel observa que Thevet faz allusão à viagem de Jacques Cartier ao Canadá. Eis a passagem da relação de Cartier (ed. Ramé, p. 3); "*Nonobstant ledit banc, noz deux barques furent à ladite isle pour auoir des ouaiscaulx, desqueulx y a si grand nombre, que c'est une chose increable, qui ne la voyt. . . Nous nommons iceulx ouaiscaulx apponatz desqueulx noz deux barques en chargerent en moins de demye heure, comme de pierres, dont chaiscun de noz nauires en sallèrent quatre ou cinq pippes*".

fosse povoada e cultivada, como tantas outras dos mares de além e aquem equador, — renderia emolumentos iguaes às de Tenedos, Lemos, Mitylena, Negroponto, Rhodes, Candia, as Cyclades e tantas outras situadas no mar de Hellesponto. Pois, no mar Oceano, existem ilhas, umas com menos, outras com mais de oitenta leguas de circuito; mas, na maior parte, estão desertas ou despovoadas.

Após a esquadriha ter deixado a ilha da Ascensão, começaram a ser vistas quatro estrellas de admiravel brilho e grandeza, dispostas em forma de cruz, que ficavam, todavia, bem longe do polo antarctico<sup>1</sup>. Os marujos, que navegam por essas paragens, dão-lhe o nome de *Carro*<sup>2</sup>. Pessoas da expedição julgam que uma dellas é a Estrella do Sul, sendo fixa e immovel como a Estrella do Norte, que se chama de Ursa Menor. A Ursa Menor occultou-se desde que a linha equinoccial foi ultrapassada, do mesmo modo que varias outras estrellas do septentrião.

<sup>1</sup> Trata-se do Cruzeiro-do-Sul, que já era conhecido antes do descobrimento da America. Diz Gaffarel que essa constellação figurava nos planispheros arabes, sendo conhecida dos venezianos e genoveses desde o seculo XIV.

<sup>2</sup> No texto, *chariots*. O nome de *Carro* era dado às constellações da Ursa Maior e da Ursa Menor. A disposição das estrellas, no Cruzeiro-do-Sul, lembrava uma daquellas constellações: "Tambem vimos sobre o mar (diz Cada-mosto) seis estrellas claras, luzentes e grandes, e, tirando-lhes o lugar pela bussola, vimos-las direitas ao sul, figuradas por este modo... E assim julgamos ser o Carro-do-Sul" (*Collecção de noticias ultramarinas*, II, p. 57). Mestre Johannes, na celebre carta de 1500, escripta ao monarcha portuguez d. Manuel, observa: "e estas estrellas principalmente las de la cruz son grandes eazy como las del carro". Como se vê, a semelhança entre o Cruzeiro-do-Sul e as constellações da Ursa, tambem chamadas constellações do Carro, deu lugar à denominação de *chariots*, empregada pelos marujos da frotilha de Villegagnon.

## CAPITULO XXII

### DO PROMONTORIO DA BOA ESPERANÇA E DAS NUMEROSAS SINGULARIDADES NELLE OBSER- VADAS. MINHA CHEGADA ÀS INDIAS AMERI- CANAS, OU FRANÇA ANTARCTICA.

Após a passagem da linha equinoccial e das ilhas de São Thomé, proseguiram os navios pelo littoral ethiopico, conhecido pelo nome de India Meridional, tomando a deliberação de attingir o tropico do Inverno, proximo do qual se encontra esse enorme e famoso promontorio da Boa Esperança, que os pilotos tambem chamam de *Leão do Mar*<sup>1</sup> (tal o temor que desperta a sua grandeza e inaccessibilidade). Por ambos os lados, é esse cabo cercado de altas montanhas, uma das quaes olha o oriente e a outra o occidente.

Encontram-se nessa região numerosos rhinocerontes, assim chamados por causa de um corno que tem no nariz. Alguns autores dão-lhes o nome de *bois da Ethiopia*. Trata-se de um animal bastante monstruoso, que vive em perpetua guerra e hostilidade com o elephante, — motivo pelo qual os romanos gostavam tanto de promover combates entre as duas feras, nos espectaculos de gala, principalmente quando tinha lugar a investidura de um imperador, ou grande magistrado (como sé faz ainda hoje, empregando-se, nas festas, ursos,

<sup>1</sup> Vj. o prefacio, nota correspondente.

touros e leões). O rhinoceronte não é tão grande quanto o elephante, nem tal como em França o pintam. E se falo assim é porque, fazendo a travessia do Egypto para a Arabia, vi um antiquissimo obelisco, onde estavam gravadas algumas figuras de animaes, em lugar de letras, assim como outrora se usava. Entre ellas se percebia um rhinoceronte, embora esse rhinoceronte não tivesse pregas, cornos ou tampouco malhas, taes como os desenham os pintores (razão pela qual achei conveniente que, nesta obra, houvesse uma gravura delle). Conta Plinio, emfim, que o rhinoceronte prepara-se para a guerra aguçando, na pedra, o corno, que consegue sempre enfiar no ventre do elephante, por ser esta a parte mais vulneravel do corpo de seu inimigo.

Há ainda, nessa região, numerosos asnos selvagens, assim como una especie de animal, que se caracteriza por um chifre do comprimento de dois pés, fixo entre os olhos<sup>1</sup>. Vi um dos referidos chifres em Alexandria, cidade do Egypto, que um magnata turco trouxe de Mecca. Affirmava o turco que, a exemplo do chifre do licorne, o do rhinoceronte tinha virtudes até contra os venenos. Aristoteles chama a animal corneo de *asno das Indias*.

Nas proximidades do grande promontorio encontra-se a rota do poente ou levante; pois os que pretendem ir às Indias Orientaes, a saber, a Calicut, a Taprobana, a Melinde, a Canãnor, etc., tomam a esquerda, costeando a ilha de São Lourenço<sup>2</sup> e pondo o beque do navio a oeste, ou melhor a sueste, com o vento do oeste-nordeste à popa. As Indias Orientaes são de tal extensão que muitos as consideram a terça parte do mundo. No dizer de Pomponio Mela e de Diodoro, é preciso quarenta dias, no minimo, assim mesmo com vento propicio, para atravessar o oceano, que circunda

**Extensão das Indias Orientais.**

<sup>1</sup> O animal, de que falla Thevet, é o *hari-beest* ou *hartebeest*, — *Bubalis cama* ou *Bos bubalis* de Linneu (*Dict. des Sc. Nat.*, XX, p. 306 e 307).

<sup>2</sup> Um dos antigos nomes da ilha de Madagascar.



O oceano Indico.

essas regiões. O oceano Indico, por isso assim chamado, estende-se do septentrião ao monte Caucaso. India vem do nome do rio Indus, como a Tartaria provém de Tartar, no país do gran-can.

O rio Indus.  
O rio Tartar.

E é habitada por povos varios, tanto nos costumes, como nas crenças religiosas, alguns submissos a Preste João e adoptando o christianismo, sendo os demais muçulmanos (como já observei quando se tratou da Ethiopia), ou mesmo idolatras. A rota contraria, tomando a direita, é a da America, pela qual proseguimos, favorecidos por um vento bom e propicio. Demorou-se no mar, todavia, bastante tempo, não só por causa da distancia dos lugares, como devido aos ventos contrarios, que, depois, a esquadilha soffreu. Ventos que retardaram os navios e apenas vieram favorecê-los após a passagem da latitude de 18°.

Approximando-se da America cerca de

Signal, aos navegantes, da proximidade da America.

cincoenta leguas, observei um facto digno de memoria e que não quero deixar no esquecimento: comecei a sentir o ar da terra, um ar muito diverso do das marinhas. E a sentir o

suave odor das arvores, ervas, flores e fructos do país, melhor e mais agradável que o de qualquer outra região, mesmo a do Egypto. E deixo-vos imaginar quanta alegria sentiram os miseros navegantes, há tanto tempo privados e desesperançados do uso desses alimentos.

Montanhas de Croistmouron.

No dia seguinte, que foi o derradeiro do mês de outubro, cerca das nove horas da manhã, divisaram-se as altas montanhas de Croistmouron<sup>1</sup>, se bem que não fosse esse o local aonde a esqua-

drada se achava.

<sup>1</sup> As montanhas de Croistmouron foram avistadas no dia 31 de outubro de 1555, approximadamente às nove horas da manhã. Que montanhas seriam essas? A serra do Espinhaço, como julgam Gaffare' e Heulhard? Thevet escreve esse nome geographico de duas maneiras — *montagnes de Croistmouron* (f. 42) e *pointe de Crouest Mouron* (f. 129). Varrhagen, em nota à obra de Gabriel Soares de Sousa (p. 483), diz que o nome indígena da bahia de Todos os Santos era *Quigrigmuré* e acredita que é esse o local a que se refere Thevet, quando fala na *pointe de Crouest Mouron*. "Não andaria, porém, já

drilha pretendia chegar. Mas nelle por nada quixeram os franceses aportar, uma vez que houve informações de que os selvagens dessa região eram firmemente aliados dos portu-

nesse nome a idéia da residencia de Caramurú? — indaga Varnhagen. É bem possível. “*Quimure vel Bahía de Todos los Santos*”, escreve Marcgrave (p. 261), o que Nieuhof repete (p. 11). Também há a hypothese de que o toponymo provenha do nome dos antigos *quimimuras*, ou *quinimuras*, supostos índios que habitavam o reconcavo da bahia de Todos os Santos, a qual não é, aliás, aceita por Plínio Ayrosa (nota à p. XCVII de Marcgrave, ed. de 1942). Num vocabulário da lingua brasilica, ainda inedito, citado por Plínio Ayrosa, lê-se “Bahia de Todos os Santos — *Querigmíre, Paraguçu*”. Thevet, talvez por informações dos nautas, queria referir-se às terras de Caramurú, embora o seu verdadeiro *Crouest Mouron*, provavelmente, fôsseni os contrafortes meridionaes da serra dos Aymorés.

A chronologia de Thevet sobre o assumpto é a seguinte:	
31-10-1555 (às 9 hs. approx.) .....	Avistam-se as montanhas de Croistmouron (f. 42).
2-11-1555 .....	Ancoragem em Macahé (f. 42).
? .....	Demora no Caho Frio, por três dias (f. 46).
10-11-1555 .....	Chegada à bahia de Guanahara (f. 48).

Por outro lado, Nicolau Barré, em sua carta de 23 de julho de 1556, datada da bahia de Guanahara, afirma que só a três de novembro, num domingo, pela manhã, teve conhecimento da *India Occidental*. “*Ce lieu que nous descobrimus est par vingt degrez, appelé des sauvagens Paraybe. Il est habité des Portugois, et d’une nation qui ont guerre mortelle avec ceulx auxquels nous avons alliance*” (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 378). A região *Pararibe* (*Parabe* numa carta de 1581, enviada ao governador de La Rochelle, in Gaffarel, *ob. cit.*, p. 496), Léry assim a descreve (p. 50): “*Vn peu plus avant, & par les vingt degrez habitét les Paraiibes, autres sauvages, en la terre desquels, comme ie remarquay en passant, il se void de petites môtaignes faites en point & forme de cheminecs*”. Hans Staden chama o rio Parahyba do Sul de *Pararibe* (p. 135).

Do exame geral da questão, se podem tirar as seguintes conclusões:

a) A região ao norte do cabo de São Thomé, até perto da latitude 20°, aproximadamente, se chamava genericamente de Parahyba (ainda hoje assim se denomina o maior dos seus rios), devido ao nome dos índios *parahybas*, que peçoavam, sobretudo, o litoral ao norte do rio Itapemirim (“*Vn peu plus avant*”, diz Léry, isto é, um pouco antes de Itapemirim).

b) Provavelmente, data de N. Barré (3 de novembro) indica a estadia em Macahé (2 de novembro, por engano, em Thevet). Barré diz que 3 de novembro era domingo, o que é exacto. Se a ancoragem em Macahé tivesse sido no dia anterior, sabbado, — Barré não teria fallado em *domingo*.

c) A frotilha de Villegagnon gastou, portanto, cerca de três dias, entre Croistmouron e Macahé, — de 31 de outubro (às 9 hs. approx.) a 3 de novembro (pela manhã).

d) Em três dias, os navios da esquadilha de Villegagnon deviam ter percorrido a distancia, que separa Macahé da latitude de 21°, ou 20°50' (aproximadamente).

Em conclusão, as montanhas de Croistmouron, ou Crouest Mouron, deviam ser os contrafortes meridionaes da serra dos Aymorés, que se suppunham ficar

gueses; antes, costeando a terra, distante da costa cerca de três ou quatro leguas, no rumo do destino pre-estabelecido,

**Macahé.** no segundo dia do mês de novembro a expedição ancorou em um lugar chamado Macahé<sup>1</sup>, atrahida pelo desejo de colher algumas noticias das forças armadas do rei de Portugal. Nesse sitio, de facto, arreararam-se os esquifes, mas, quando os tripulantes desembarcaram em terra, só os receberam quatro velhos selvagens, em virtude de os moços se acharem em guerra. É verdade que, no primeiro momento, fugiram os velhos selvagens, julgando tratar-se de seus inimigos, os portugueses; pelo que foi preciso dar-lhes as maiores provas de segurança, para que, afinal, viessem ter ao encontro dos franceses. Nessa região, entretanto, a permanencia durou apenas o espaço de um dia,

**Cabo Frio.** depois do que os navios fizeram vela para o Cabo Frio<sup>2</sup>, distante de Macahé vinte e cinco leguas.

É o Cabo Frio uma região maravilhosa e bella, outrora descoberta e habitada pelos portugueses, antes  
**Gechay.** chamada de Gechay<sup>3</sup>, mas agora com o nome que lhe deram os seus colonizadores. Em virtude da amenidade do clima, erigiram ali os portugueses um fortim, com o animo de fixarem residencia no lugar; poucos tempos de-

nas vizinhanças das terras de Caramurú. E a *pointe de Crouest Mouron* (outra forma de Croismouron) algum cabo, mais ou menos notavel, localizado nessa zona costeira.

<sup>1</sup> No texto *Maquch*. Léry escreve *Maq-hé* (p. 53). Macahé dista do Cabo Frio cerca de 130 kms.

<sup>2</sup> Thevet escreve *cap de Frie*, demonstrando, com isso, ignorar o sentido do toponymo.

<sup>3</sup> O nome geographico não sobreviveu. Será uma corruptela de *yuguy*, que quer dizer *sal*, entre os guaranis ("O caderno da lingua ou vocabulario português-tupí de frei João de Arronches", p. 238)? Tambem temos a forma *jiquie*, *i-iquet*, o covo differente. Cf. Plinio Ayrosa, nota à p. XCIV de Marcgrave, ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942.

**Costume, que têm os selvagens de devorar os inimigos.** pois, porém, — não se sabe porque motivo, — pereceram esses colonos às mãos dos indígenas e por elles, conforme o costume selvagem, foram devorados<sup>1</sup>. Aconteceu mesmo que, à chegada da expedição franceza ao Cabo Frio, pretendiam os selvagens devorar dois portuguezes, aprisionados em uma caravella, à maneira do que haviam feito com sete outros seus companheiros, — factó ainda de recente memoria. E a presença dos franceses foi providencial, pois conseguiram elles, tocados pela piedade, resgatar e livrar os prisioneiros das mãos desses barbaros.

Pomponio Mela chama ao promontorio da Boa Esperança, — ao qual me referi linhas atrás, — a testa ou cabeça da Africa, por causa de sua configuração geographica, ali se estreitando e formando um angulo, que, dobrado, abre novamente caminho para o septentrião. Esse cabo, do qual Ptolomeu jámais teve conhecimento, é o finisterra e cume do continente africano, — dessa nova Africa, que vae terminar, com as montanhas da Habacia e da Gaiacia<sup>2</sup>, no tropico do Capricornio. A planicie vizinha ao cabo é pouco habitada, por causa de sua aspereza, embora não se deva

<sup>1</sup> No mss de 1511, conhecido pe'o nome de *Livro da Nau Bretoa*, consta que, nesse anno, já existia uma feitoria portuguesa em Cabo Frio (Antonio Bayão, p. 345). Assim, a desavença, de que fala Thevet, é posterior à viagem da nau *Bretoa*. Por outro lado, sabe-se que alguns navios franceses foram assignalados na bahia de Todos os Santos e mesmo no Rio de Janeiro (respectivamente em 1518 e 1525) (Gaffarel, p. 61 sq.). Deve, pois, datar dessa epocha a destruição da feitoria portuguesa. "Os franceses (informava Anchieta, em 1584) não desistiram de comercio do Brazil, e o principal foi no Cabo Frio e Rio de Janeiro, terra de tamoyos, os quaes sendo dantes muito amigos dos portuguezes, se levantaram contra elles por grandes agravos e injustiças que lhes fizeram, e receberam os franceses, dos quaes nenhum aggravado receberam e iam e vinham, e carregavam suas naus de pau brasil, pimenta, passaros, bugios e outras coisas da terra, e davam roupa e todo genero de armas aos indios e os ajudavam contra os portuguezes e deixavam moços na terra que apprendessem a lingua dos indios, e homens que fizessem transportar as mercadorias para quando viessem as naus" (*Cartas*, etc., p. 310 e 311)."

<sup>2</sup> *Habacia* deve ser uma variante de *Abassia*, que é a mesma Abyssinia (Humboldt, I, p. 334). A Abyssinia já figura no mappa de Abu-Abdallah-Muhamed al-Edrisi (1154) e no de Fray Mauro (1459), respectivamente, sob as formas *Abash* e *Abassia*. Na carta de Fray Mauro apparece, tambem, *Galla*, donde provém, talvez, o toponymo Gaiacia. Adiante (f. 130), Thevet volta a falar nas *montagnes Arbiciennes*.

acreditar nos monstros humanos ali existentes, como há quem os descreva como se os houvera visto em sonhos. Povos com orelhas que caíam até os calcanhares, ou com um olho na testa, como os arismases. Outros sem cabeça, ou com um só pé, mas tão grande que com elle se resguardavam do ardor do sol. Taes os monomeres, os monosceles, os sciapodos<sup>1</sup>. E ainda outros mais estranhos, dos quaes falam autores, mesmo dos modernos, sem nenhum discernimento ou razão. Embora não queira eu negar de todo a existencia dos monstros sobrenaturaes, de que tratam os philosophos, ou que a experiencia confirma, mas apenas rejeitar factos meramente allegados ou tão distantes das vistas.

Nas regiões circumvizinhas ao promontorio africano — retornando ao assumpto — há diversos animaes perigosissimos, damnhos sobretudo aos pescadores, nativos ou não, da costa maritima, entre os quaes o basilisco. É o basilisco, como todos sabem, um animal venenoso, que mata o homem apenas com o olhar. O corpo mede cerca de nove pollegadas. Tem a cabeça serrilhada<sup>2</sup> e com um signal branco em forma de coroa, as guelas rubras e o restante da face puxando para o negro, segundo pude deprehender do exame de sua pelle, que vi, no Cairo, nas mãos de um arabe. Esse monstro afugenta as demais serpentes apenas com o seu silvo (como diz Luciano), assim o fazendo para tornar-se o senhor absoluto das selvas. Tem na fuinha, segundo Pli-

<sup>1</sup> A. Dembro & J. Imbelloni estudaram, recentemente, as três etapas das doutrinas das deformações do corpo humano; no periodo mais antigo, que é o de Thevet, predominava a crença de que as deformações fossem de natureza physiologica, com a tendencia para relacionar as regiões longinquoas à possibilidade da existencia de monstruosidades naturaes. Esse periodo prolongou-se até os meados do sec. XVII (*Deformaciones*, p. 15 sq.).

<sup>2</sup> No texto, *la teste eleuéc en pointe de feu*. “Os Ferradores chamam *pointe de feu*, um pedaço de ferro comprido, e pontudo, que se aquece para furar a pelle de um cavallo em certas partes” (Emmanuel de Sousa, II, p. 288). Thevet quer referir-se à crista serrilhada dos *iguanideos*. Um dos caracteristicos dos basiliscos, de facto, era a expansão cutanea triangular, elevando-se verticalmente acima do occiput. — especie de aresta escamosa, serrilhada, sustentada pelas apophyses espinhosas da vertebra (C. d’Orbigny, *Dict. d’Hist. Nat.*, II, p. 487).

nio, um mortal inimigo. Pode dizer-se, com Sallustio, que são esses animaes selvagens, na Africa, os principaes responsaveis pelo desaparecimento das populações.

E não queria deixar em silencio tal facto, ao proseguir minha narração.

### CAPITULO XXIII

## DA ILHA DE MADAGASCAR, TAMBEM CHAMADA DE SÃO LOURENÇO

O desejo de nada omittir de util ou necessario ao leitor e, por outro lado, a preocupação, como é do dever de quem escreve, de não esquecer nenhum facto relativo ao assumpto escolhido, — incitaram-me a dar uma noticia dessa notavel ilha, que conta setenta e oito graus de longitude e de latitude onze graus e meio. Essa região vem sendo, de alguns tempos a esta parte, bastante povoada de negros barbaros, que adoptam crenças religiosas quasi iguaes às dos mahometanos (excepção de alguns idolatras de outras religiões).

Fertilidade da ilha de São Lourenço.

Descoberta pelos portuguezes e baptizada com o nome de São Lourenço (anteriormente tinha o nome indigena de Madagascar), é, em virtude de sua maravilhosa situação, rica e fer-

til de todos os bens. Produz a terra, sem que seja preciso plantar e cultivar, arvores fructiferas; as fructas são tão doces e agradaveis quanto as das plantas de enxerto. O que não é commum com as fructas agrestes, em geral rudes e de sabor aspero ou estranho, quando não vêm da terra trabalhada pelo lavrador. Na ilha de Madagascar, entretanto, são ellas melhores do que as do continente, embora continente e ilha estejam na mesma zona e temperatura.

O *chicotin*, fructa a que se dá o nome de “noz da India”.

vulgar de *noz da India*. Os mercadores têm-na em muita conta, porque, além dos lucros do frete, é muito bonita e serve para a fabricação de recipientes. Acredita-se, demais, que o vinho, depois de algum tempo guardado nesses recipientes, adquire melhor gosto, devido ao odor (semelhante ao da noz-moscada) e fragrancia da fructa. Os que têm o costume de beber nos cocos — conforme me contou, quando estive no Cairo, um judeu, que occupava o lugar de medico-chefe do pachá dessa cidade — estão livres de dores de cabeça e de dores nos rins. E, além disso, a fructa tem ainda poder diu-  
 retico. De tudo isso, emfim, mais do que outro qualquer factó, me convenceu a experiencia, mãe de todas as coisas.

O valor dessa planta não passou despercebido de Plinio e outros, os quais affirmam que todas as palmeiras são cordiaes e proprias para varias indisposições. O coco é muito saboroso, sobretudo a sua polpa externa; melhor ainda é o caroço, quando cozido novinho. Quando os ethiopes e indianos adoecem, colhem-no e bebem-lhe o succo, que é branco como leite, sentindo-se logo alliviados. E, quando o têm em abundancia, fazem delle ainda uma especie de alimento, composto de farinha fabricada de certas raizes, ou feita com o peixe, o qual, depois de cozido, comem. Não é a agua do coco de grande duração, mas, quando se pode conservá-la, torna-se comparativamente melhor para a pessoa do que o proprio alimento nelle contido. Para preservá-la bem, fervem-na, em bastante quantidade, guardando-a, depois de fria,

<sup>1</sup> No texto, *Chicorin*; à margem, *Chicotin*. O *chicotin* não é o coqueiro, como supõe Gaffarel, mas uma especie de azebre ou aloés da ilha de Socotora (*Aloés spicata*, *Aloés succotrina* Lamk, *Aloés soccotrina* D. C., *Aloés vera* Mill). O nome, empregado por Thevet, é uma corruptela de *socotrin*.



em vasos para tal fim preparados. Alguns adicionam-lhe mel, com o objectivo de torná-la mais agradável. A arvore desse fructo é tão tenra que, ao menor toque ou talho, distilla um succo suave e capaz de estancar a sêde.

Todas as ilhas situadas na costa ethiopica, taes como a ilha do Principe (localizada na longitude de 35° e na latitude de 2°) <sup>1</sup>, as de Mopata <sup>2</sup>, Zanzibar, Monfia <sup>3</sup>, Santa Apollonia <sup>4</sup> e São Thomé, abaixo do equador, são ricas e fertes, cobertas em geral dessas palmeiras e arvores outras de fructos maravilhosamente bons (dessas palmeiras e de muitas outras especies, embora nem todas sejam como as do Egypto). Nas Indias Americanas e no Perú, tanto em terra-firme como nas ilhas, contam-se sete especies de palmeiras <sup>5</sup>, de fructos todos differentes uns dos outros, entre as quaes algumas que dão tamaras saborosas como as do Egypto, da Arabia Feliz e da Syria.

Na ilha de Madagascar encontram-se, ainda, melões <sup>6</sup> de extraordinarias dimensões, que mal pode um homem abraçar, avermelhados, alguns porém brancos ou amarellos, mais saudios do que os europeus (principalmente os que, com muito prejuizo para a saude publica, são cultivados em Paris e seus territorios). E tambem varias especies de ervas cor-

<sup>1</sup> A latitude N. da ilha é de 1° 32' e 1° 42'.

<sup>2</sup> Mopata é, talvez, algum ilheu da costa de Moubaça, se não é uma corruptela de Moncomopata.

<sup>3</sup> O mesmo que Mafia.

<sup>4</sup> Um dos antigos nomes da actual ilha Mauricia.

<sup>5</sup> Para Léry (p. 188) não existiam mais que quatro ou cinco especies. Gabriel Soares de Sousa (p. 220), que é, approximadamente, da mesma epocha de Thevet, menciona oito.

<sup>6</sup> Trata-se do *voatungue* de Flacourt (há, tambem, as variantes *voantalanghe* e *voatave*). A melancia é a chamada *voamangue*. Cf. *Dict. des Sc. Nat.*, LVIII, p. 305 e 307

**A espadana,**  
uma erva.

diaes, entre ellas uma chamada espadana <sup>1</sup> (semelhante à nossa chicorea silvestre), que os nativos applicam nas chagas e ferimentos, assim como nas mordeduras das viboras ou outros animaes venenosos. Pois essa planta — e muitas outras mais, notaveis, que não possuímos — tem a propriedade de expellir o veneno.

**Abundancia do legitimo sandalo.**

Quanto ao resto, possuem os bosques e mattas da ilha abundante e puro sandalo, com o qual seria de desejar que houvesse um bom trafico. O trafico, pelo menos, teria a vantagem de facilitar a aquisição do legitimo sandalo, dada a excellencia e propriedade que lhe attribuem os autores.

Feras, peixes, passaros — há-os em Madagascar, dos melhores e em quantidade tal quanto lhe é possível. Tratando, em primeiro lugar, dos passaros, reproduzo a figura de um, bastante estranho, da feição de uma ave de rapina, bico aquilino, enormes orelhas pendentes até a garganta, o cume da cabeça ornado de pontas-de-diamantes, pés e pernas, como o restante do corpo, velludos, a plumagem, em geral, puxando para o prateado, excepção da cabeça e das orelhas, que são escuras. Chama-se esse passaro, na

**Pá, estranho passaro.**

língua nativa, *pá*, que quer dizer em persa, *pé* ou *perna*; nutre-se de cobras, de que há, no lugar, muita abundancia e variedade, assim como, tambem, de outras aves (mas aves differentes das da Europa). Em relação às feras, contam-se innumerous elephants. Nótam-se

**O asno indico.**  
**O oryx.**

ainda, duas especies de unicornios: um delles o *asno indico*, que não tem o pé bifurcado como o da Persia; outro, o chamado oryx, que possui, ao contrario, o pé bifurcado. Só em terra firme encontram-se asnos selvagens. Se há licornes, não tive noticias disso, estando nas Indias Americanas, alguns indigenas, vindos de cerca de sessenta ou oitenta leguas dis-

<sup>1</sup> No texto, *spaguin*. Gaffarel confessa que não pôde identificar a planta. Todavia, a espadana (*Butomus umbellatus* L.) já era conhecida, entre os antigos, pelo nome de *sparganium*.

tantes, por mim interrogados sobre diversas coisas, contassem que em suas terras havia numerosos animaes semelhantes às vaccas selvagens, com a differença de que só tinham um chifre na testa, mais ou menos do comprimento de uma braça<sup>1</sup>. Não sei dizer, entretanto, se taes feras eram licornes ou onagros.

Madagascar, que fica bem distante da America, nutre abundantes cobras e lagartos de extraordinarios tamanhos. É facil apanhá-los sem risco de damnos. Comem-nos os negros, a esses sapos e lagartos, do mesmo modo que o fazem os selvagens americanos<sup>2</sup>. Dos lagartos há alguns pequenos, menos grossos que uma perna, de fino e delicado sabor, como se vêem muitos bons peixes e passaros, que os indigenas comem quando bem lhes parece.

Entre outras singularidades escolhidas dentre o enorme numero de peixes, figuram as baleias, das quaes os habitantes do país extrahem ambar, que varias pessoas acreditam ser o ambar-gris, coisa rara e preciosa. O ambar, do qual fazem intenso trafico os mercadores estrangeiros, é, aliás, tambem muito cordial e proprio para reconfortar as mais nobres partes do corpo humano.

O ambar-gris,  
que é muito  
cordial.

<sup>1</sup> Trata-se, segundo parece, do bufalo, ou *bos americanus*, hypothese que vem favorecer a theoria das relações existentes entre as populações indigenas sul-americanas e as do continente arctico.

<sup>2</sup> Léry confirma, a esse proposito, as informações de Thevet: "*Nos Bre-siliens au surplus, prennent des lezards, qu'ils appellent Touous, non pas verds, ainsi que sont les nostres, ains gris & ayans la peau licee... Semblablement nos Tououpinabaou'ts ont certains gros crapaux, lesquels Boucanez avec la peau, les tripes & les boyaux leur seruent de nourriture*" (p. 147 e 148). Do mesmo modo Anchieta (p. 43 e 114). Em sua carta, Nicolas Barré quasi que reproduz Anchieta (cf. Gaffarel, p. 381). Vj. ainda: Marcgrave, p. 273; G. Soares de Sousa, p. 306 *et passim*; Fernão Cardim, p. 165.

## CAPITULO XXIV

### DA CHEGADA DA EXPEDIÇÃO AO LUGAR CHAMADO CABO FRIO, NA FRANÇA ANTARCTICA, TAMBEM CONHECIDA PELO NOME DE AMERICA.

Depois que, por dom da divina clemencia, a expedição aportou em terra firme, mais tarde do que era o desejo e esperança de todos, mas no termo de tão longa navegação, em vez de repousar tratou ella logo de descobrir um local apropriado para o seu estabelecimento (nesse momento, o nosso pasmo e o nosso animo eram iguaes aos dos troianos quando arribaram à Italia) <sup>1</sup>. E assim foi que, mal tendo feito um breve pouso na região, de que já falei precedentemente, de novo se viu a expedição ao mar, com vela para o Cabo Frio, onde, apesar de evidentes mostras de alegria e acolhimento, por parte dos selvagens, não se demorou mais que três dias <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O estylo por vez s confuso de Thevet deu lugar a um engano de Léry. Thevet, como affirma Léry no prefacio de sua *Histoire*, não pretendeu dizer que arribou, no dia 10 de novembro, ao Cabo Frio. Só se pode entender o trecho inicial do capitulo XXIV (f. 46), cotejando-o com o texto do capitulo subsequente (f. 49 e seg.). A phrase "qui fut le dixiesme iour de novembre" foi posta fora do seu devido lugar, motivo por que. a suprimi do presente capitulo.

<sup>2</sup> Na sua *Cosmographie Universelle*, liv. XXI, cap. 4, fl. 913, Thevet affirma que demorou em Cabo Frio alguns meses. Essa contradicção deu lugar a criticas de Léry, no prefacio de sua *Histoire*.

Os indigenas saudaram os franceses, conforme o costume da terra, uns após outros, pronunciando a palavra *caraiubé*<sup>1</sup>, que é o mesmo que dizer “boa viagem”, ou “sêde bem vindos”. E, para os deixar bem informados das maravilhas todas do país, um dos seus maiores morubixabas<sup>2</sup>, isto é, o rei, offereceu-lhes farinha feita de certas raizes e *cauim* (que é uma bebida extrahida do milho chamado *auaty*<sup>3</sup>, fructo cujos bagos são do tamanho de ervilhas). Desse milho, do qual há duas especies, uma negra e outra branca, misturado a umas raizes, faz-se geralmente o vinho, que, depois de cozido, adquire a côr do clarete. Embora espesso como o

<sup>1</sup> “*Ceste premiere salutatiõ ainsi faite de bonne grace, par ces femmes Brasiliennes, le Moussacat, c'est à dire, vicillard maistre de la maison . . . venant lors à vous, usera premicrement de ceste façon de parler: Ere-ioubé? c'est à dire. Es tu venu?*” (Léry, p. 325; cf. tambem a p. 347). O mesmo em C. d'Abbeville (p. 161): “Approximei-me delle, estendeu-me os braços, abraçou-me estreitamente, beijou-me as mãos, e disse — *Éré Ioubé, pay? Chegaste, padre?*” (veja-se tambem a p. 332). E em J. d'Évreux (p. 194): “Escolhendo o francês um compadre, segue-o e vai para a aldeia, e então o hospede com certa gravidade, como se nunca o houvesse visto, lhe estende a mão e lhe diz: *Ere-iup chetiassap?* — Chegaste, meu compadre? — coisa digna de ver-se e de contemplar-se”. Consultar ainda Fernão Cardim (p. 171 e 339).

A palavra empregada por Thevet, deve ser uma variante ou forma errõna de *ere-iu-pe* ou *ere-iupe*. No texto, *Caraiubé*.

<sup>2</sup> No texto, *Morbichaouassoub*. Em Mantoya, *mburubichá*; em Cardim, *Morubixaba*; em Évreux, *Muruichave*; em Abbeville, *Buruichaves*. Há, ainda, as variantes *tubichab* e *ubichab*, origem da palavra *tuxana*. O *Morbichaouassoub* é mais do que qualquer *tuxana*. Os indios davam esse nome aos reis de Portugal e de Espanha (Cardim, p. 253 e 254, nota de Baptista Cactano de Almeida Nogueira).

Sobre mais alguns pormenores a respeito desse morubixaba, que se chamava “*Pinão ou Palmier*”, cf. Herculhard, p. 108.

<sup>3</sup> No texto, *Auty*. É o milho (*Zea mays*, L.), indigena na America. No dizer de Hoehne (*Bct.*, p. 114), são innumeraveis as variedades de coloridos dos grãos. O milho era um complexo indigena dos mais importantes. Servia para a fabricaçãõ do cauim. Reduziam-no os tupinambás à farinha, de que faziam bolos (bolos de milho zaborro, pão de fubá de milho) (*Dialogos*, p. 180). Comiam-no assado, cozido ou ainda em pipocas. De accordo com Rodolpho Garcia, o nome *abati* ou *auati* provém de *aba* (cabello) e *tin* (branco), allusão aos filamentos embranquiçados, que envolvem a espiga (“Glossario”, p. 22). Cf. o cap. LVIII, nota correspondente. Mas Plinio Ayrosa diz que a etymologia proposta por R. Garcia é duvidosa e forçada (nota à p. XC de Marcgrave, ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942).

**Superstição dos silvicolos relativa à fabricação do cauim.**

mosto, os selvagens apreciam-no tanto que com elle se embriagam. Na fabricação, usam os indigenas estranha pratica supersticiosa, que consiste em mastigar algumas moças virgens o milho<sup>1</sup>, cozido em grandes vasilhas de barro, da capacidade de um moio, o qual, depois, transportam para outro recipiente apropriado à operação. Quando é mulher casada quem mastiga o milho, deve abster-se esta, por alguns dias, de relações sexuaes com o marido, do contrario jámais attingiria a bebida a necessaria perfeição. Após a mastigação, vae a mesma novamente ao fogo, até que é purgada, como quando se ferve o vinho nos toneis. Em seguida, decorridos alguns dias, bebe-se o cauim<sup>2</sup>.

O morubixaba, que assim tratou a todos, conduziu os francezes até uma grande e comprida pedra, de cerca de cinco pés, na qual se viam signaes parecendo feitos por golpes de vergasta, ou bastonete, ao lado da impressão de dois pés. Affirmam os silvicolos que esses signaes foram feitos

<sup>1</sup> Sobre a mastigação do milho, cf. Anchieta (p. 330) e Marcgrave (p. 274). Affirma este que a mastigação era feita pelas velhas. H. Staden confirma a observação de Thevet: "As mulheres é que fazem tambem as bebidas. Tomam as raizes de mandioca, que deitam a ferver em grandes potes, e quando bem fervidas, tiram-nas e passam para outras vasilhas ou potes, onde a deixam esfriar um pouco. Então as moças assentam-se ao pé a mastigarem as raizes, e o que fica mastigado é posto numa vasilha áparte" (p. 145). Igualmente Gabriel Soares de Sousa (p. 376). Pero de Magalhães Gandavo, então, não deixa duvidas sobre o assumpto: "e depois de cozida mastigão-na humas moças virgens" (p. 51).

Diz Léry que os francezes procuraram fabricar o cauim sem a mastigação; mas, para falar verdade, "*la experience nous monstra, qu'ainsi fait il n'estoit pas bon*" (p. 138). Em summa, as informações de Thevet a proposito da mastigação do milho por parte das moças virgens são, a despeito de Léry, confirmadas por H. Staden, Gabriel Soares de Sousa e, sobretudo, Gandavo. Se era a mulher casada — o que podia acontecer — devia a mesma abster-se, por algum tempo, de relações sexuaes.

<sup>2</sup> O cauim era a mais importante das bebidas fermentadas dos tupinambás. Fabricava-se com numerosas plantas ou fructas, — o cajú, o milho, a mandioca doce, o abacaxi, a banana, a banana, o aipim, o jenipapo, a mangaba, a jaboticaba. Sobre mais informações, cf. Herbert Baldus & Emilio Willems, p. 45 e 46. Fontes em: Gandavo, p. 51; Cardim, p. 58, 60 e 71; Abbeville, p. 348; Marcgrave, p. 274. A segunda fervura é confirmada por diversos autores, inclusive G. Soares de Sousa (p. 376) e Anchieta (p. 330). Era preciso mexer bem a salsada com um pau. Isso feito, despejava-se a beberagem em vasilhas especiaes, meio enterradas no solo, onde permaneciam durante dois dias (H. Staden, p. 145).



3. O preparo do cauim (Thevet).

pelo maior de seus caraibas<sup>1</sup>, tão reverenciado entre os indios quanto o é Mahomet entre os turcos — o qual lhes ensinou o uso do fogo e o plantio das raizes. Até então, alimentavam-se os selvagens exclusivamente de ervas e caças. Guiados sempre pelo mesmo chefe, procederam os franceses a um cuidadoso reconhecimento da região do Cabo Frio, chegando à conclusão de que não havia nella agua doce senão bem distante. Pelo que ficou resolvido, com pezar geral, que, não obstante a amenidade do clima, era inconveniente o estabelecimento da expedição nesse lugar, ou a permanencia nelle por mais tempo.

Existe nessa região um rio de agua salgada, que corre entre duas montanhas, até cerca de trinta e seis leguas pelo país a dentro<sup>2</sup>.

Não distam as montanhas, entre si, mais do que o alcance de uma pedrada. Contém o rio muito peixe de boa qualidade e de diversas sortes, principalmente grandes bargos ou mugens. Os bargos ou mugens são realmente tantos que, quando estive no Cabo Frio, vi um selvagem pescar mais de mil

<sup>1</sup> “Na cidade de Cabo Frio, distante dezoito leguas do Rio de Janeiro, em altura de vinte e seis graus e um setimo para o sul, no lugar chamado Itajurú, se vê um penedo em que estão esculpidos oito signaes de bordão, como se as pancadas foram em branda cera; e é tradição entre os indios que aquelles signaes são do bordão de Santo Thomé” (Loreto Couto, p. 65). Sobre a mesma lenda, ver ainda: *Dialogos*, p. 266 (em que se affirma ter Santo Thomé ensinado o uso da mandioca, que antes os indios não conheciam); Anchieta, p. 332 (o apostolo é chamado Çumê); Manuel da Nobrega, p. 91 e 101 (Santo Thomé apparece com o nome de Zomê); *Cartas Avulsas*, p. 130; Simão de Vasconcelles, p. 37 et passim. Cf. tambem o estudo de C. Passalqua (p. 138 sq.). A *Nova Gazeta Allemã* (p. 14, 45 e 46) e A. Métraux, *La religion des Tupinamba* (p. 7 sq.). Esses signaes não existiam só em Cabo Frio, mas em São Vicente, nos sertões da Bahia, etc. Trata-se, necessariamente, de inscrições lapidares ou rupestres. Na sua *Cosmographie Universelle*, Thevet deixou-nos a historia de Sumé, o heroe-civilizador (*Heilbringer* dos allemães), que ensinou muitas praticas uteis aos tupinambás. Os antepassados dos guaranis-pausernas (ou itatins), tinham noticias de um *Pai-Cuma*, que lhes ensinara a tonsurar a cabeça e deixara signaes de seus pés. Os omaguas davam o nome de *Zumi-Topana* ao autor supremo da natureza. O deus-civilizador dos tambés, Maira, ensinou a esses indios o plantio da mandioca. Alusão à mesma lenda, em F. Paucke, I, p. 103.

<sup>2</sup> Referencia à lagoa de Araruama, que mede 45 km. de comprimento, muito menos do que julgava Thevet (Moreira Pinto, I, p. 143).



Passaros de plumagens varias. delles, com um laço só da rede. Há, demais, numerosas qualidades de passaros, de plumagens varias, algumas vermelhas, ou de fino escarlate, outras brancas, cinzentas, ou pintadas (como as do esmerilhão). Dessas plumas fazem os selvagens pennachos ornamentaes de diversas sortes, com os quaes se cobrem, quando vão à guerra ou massacram seus inimigos; alguns fazem das plumas mantos ou barretes a seu modo<sup>1</sup>. Fiz presente de um desses mantos, que poderá ser visto por quem o quiser, ao senhor de Troistieux, gentilhomem da casa do reverendissimo monsenhor, o cardeal de Sens<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Os ornamentos, em que as plumas exerciam papel principal, consistiam nos *diademas, sombreiros, colares, braceletes, ligas, gargantilhas, rodellas e mantos*. As aves usadas eram as mais differentes (as araras, os quiruás, os canindés, os guarás, os tucanos, as emas, etc.). Os diademas dos tupinambás são descriptos pelo allemão H. Staden da seguinte maneira: "Têm mais um ornato feito de pennas vermelhas, a que se chamam *kanittare* e que amarram em roda da cabeça" (p. 148). Léry dá-nos uma noticia mais minuciosa da acanitara, à qual se referem também Abbeville, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim e outros. Métraux fez um bom estudo de technica do cocar de plumas, graças a um magnifico exemplar existente no Museu Nacional de Copenhage (*La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, p. 131). Os ornamentos plumarios, que apparecem na gravura da p. 166 da obra de H. Staden (ed. cit.), representam, talvez, alguns desses sombreiros descriptos pelos chronistas classicos.

Os diademas e sombreiros eram ornamentos exclusivamente masculinos; do mesmo modo as rodellas, — enfeites de guerra, construidos com pennas de ema, que se prendiam aos rins por dois cordeis. As rodellas, ou rosetas, chamavam-se *arasoyas* (Staden, p. 71; Léry, p. 109, onde se lê *Araroye*, provavelmente por erro typographico). Os mantos de plumas eram feitos, sobretudo, de pennas de guará (*Eudocimus ruber*, Linn.), ou, na falta, com as pennas de outras aves vistosas. Sobre o assumpto, cf. a erudita nota de Plinio Ayrosa, à recente ed. bras. de Léry, p. 105

Sobre a aracóia e outros ornatos plumarios, leia-se a interessante nota de Eloisa Torres, à p. CII e CIII de Marcgrave (ed. de 1942).

<sup>2</sup> Acha Métraux que o manto de plumas, originario de *Cabinet du Roi*, depois exposto no Trocadero, é o mesmo ornamento offerecido por Thetvet ao gentilhomem da casa do cardeal (cf. Almeida Prado, p. 202). Esse cardeal, Jean Bertrand, ou Bertrandi, chancellor de França (1470-1560), descendia de uma das mais antigas familias do sul do país, tendo occupado dois importantes cargos publicos em Tolosa (capitular e presidente do Parlamento). Nos meados do seculo XV, Bertrand já se encontrava em Paris, exercendo cargos de relevante significação politica, inclusive o de guarda dos sellos reaes, — diz-se que com o amparo de Diana de Poitiers. Ao enviuvar, porém, ingressou na ordem ecclesiastica. Justamente em 1557, isto é, ao tempo da 1.ª edição das *Singularidades*, era Bertrand nomeado cardeal de Sens.

Thetvet, como já se viu, dedicou-lhe a obra. Pensa Gaffarel que foi graças à amizade de dois cardeaes — o cardeal Bertrand e o cardeal Carlos de Lorena — que o nosso franciscano conseguiu algumas boas sinecuras, a saber,

Guarda dos Sellos de França, apreciador de singularidades de tal ordem e amante de todas as pessoas virtuosas. Entre

o numero das aves tão differentes dos do hemispherio europeu, existe uma, que os selvagens chamam *arara*<sup>1</sup>, physicamente muito semelhante à garça real, excepção de sua plumagem, rubra como o sangue-de-dragão.

Vi ainda innumeradas arvores e arbustos, que verdejam durante todo o anno, a maior parte dos quaes produz gomas ou resinas, diversas tanto na côr como em outros aspectos. Tambem se encontram no littoral pequenos caramujos ou burriés<sup>2</sup> (que são uma especie de buzios da grossura de ervilhas), que os selvagens trazem ao pescoço, enfiados à maneira de perõlas, especialmente quando se encontram doentes, pois acreditam que essas conchas estimulam o ventre e lhes servem de purga. Costumam tambem os indios reduzir os caramujos a pó, que depois é ingerido, para o fim, segundo dizem, de incitar o fluxo sanguineo (o que nos parece contrario à sua outra virtude purgativa, embora seja possível, dada a diversidade da substancia, que a efficacia de taes elementos venha a ser mesmo duplice).

Motivo pelo qual as mulheres, mais commumente que os homens, trazem os referidos caramujos ao pescoço e aos braços. Nessa região e em todo o littoral existe abundantemente, na areia, uma espe-

o lugar de çapellão da rainha Catharina de Medicis e o de historiographo e cosmographo do rei.

<sup>1</sup> No texto, *Arat*. A arara é descripta por Léry (p. 158). Foi Americo Vespuccio quem primeiro assignalou essa ave. A respeito das relações entre a arara e certos mythos amerindios, cf. H. Baldus, *Ensaio* p. 223 et *passim*.

<sup>2</sup> No texto, *Vignots*. Talvez a *Littorina littorea* L., descripta por Fischer (p. 708). Léry escreve *Vignol* (p. 112 e 116). Em português tem varios nomes (littorina, burrié, caramujo, burgau, etc.). As costas do Cabo Frio são mesmo ricas de conchas, tanto assim que há um local, perto desse promontorio, com o nome de Buzios. C. F. Hartt, quando lá esteve, colleccionou varias especies, entre as quaes a *Cassia madagascariensis* e a *Cyprara exantha* (p. 63.).

**Favas marinhas.** cic de fructo, que os espanhoes chamam de *favas marinhas*. Essas favas são redondas como o tostão, todavia mais espessas e grossas, de côr avermelhada (dir-se-ia, pelo aspecto, que são artificiaes). Os nativos do lugar não ligam importancia às favas marinhas, ao contrario dos espanhoes, que lhes votam singular estima, levando-as para o seu país, no qual as damas e moças de familia costumam usá-las, ao peçoço, engastadas em ouro ou prata, pelo facto de acreditarem que curam as colicas, as dores de cabeça e outros incommodos.

No interior do Cabo Frio estende-se uma planicie coberta de arvores differentes das da Europa, rica, por outro lado, de bellos rios, cujas aguas são maravilhosamente limpidas e cheias de peixes. Entre estes descreverei um, grande demais para peixe de agua doce, tanto quanto é possível ver e o demonstra a figura ao lado. E' peixe de tamanho e grossura pouco inferior à do arenque, sendo todo protegido, de cabeça à causa, à maneira do animalzinho terrestre de nome *tatú*<sup>1</sup>. Ao peixe, de que falo, chamam os selvagens de *tamoatá*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No texto, *Tatou*. Isto é, a casca dura, a carapaça. Staden (p. 171) deixou um desenho do animal e Gabriel Soares de Sousa (p. 295 e 296) uma longa descripção.

Ao descrever três das variedades brasileiras do genero *Dasytus*, houve um erro de paginação na obra de Marcgrave, que originou confusão ao proprio Cuvier.

<sup>2</sup> No texto, *Tamouhata*. Compare-se o trecho de Thevet com o de Léry (p. 175): "*Le premier que les Sauvages appellent Tamou-ata n'a communément que demi pied de long, a la teste fort grosse, voire monstrueuse au pris du reste, deux borbillons sous la gorge, les dêts plus aiguës que celles d'un brochet, les arêtes picquantes, & tout le corps armé d'escailles si bien à l'espreuue, que comme l'ay dit ailleurs du Tatou beste terrestre, ie ne croy pas qu'un coup d'espee luy fist rien: la chair en est fort tendre, bonne & sauoureuse*".

O *tamoatá* (*Callichthys callichthys*, Linn.) é um peixe de agua doce da familia dos cascudos, com dupla serie de placas lateraes. Thevet não observou um interessante costume dos cascudos — a migração por terra, na qual empregam, às vezes, dias consecutivos, vivendo, durante esse tempo, das reservas armazenadas nas guelras (R. v. Ihering, p. 59 e 60). Inf. em G. Soares de Sousa (p. 335), Gandavo (p. 117), Abbeville (p. 285). Outras formas: *tamboatan*, *tamboatá*, *caboje*, *comboatá*, *cascudo*, *soldado* (c. Alberto Vasconcellos, p. 117). Marcgrave escreve *Tamoata* (p. 151) e refere-se à

Tem a cabeça mais grossa do que o corpo. Possui, ainda, três-ossos no lombo. Serve bem de alimento (pelo menos assim o usam os indigenas).

couraça, que o reveste, composta de longos corpos escamosos. Interessante nota de J. de Paiva Carvalho & P. Sawaya, na nova ed. de Marcgrave, p. LV.  
Perdeu-se, ao que parece, a gravura do tamoatá, à qual faz referencia Thevet.

## CAPITULO XXV

### DO RIO GUANABARA (TAMBEM CHAMADO DE JANEIRO), E DE COMO ESSE PAÍS, ONDE APORTARAM OS FRANCESES, TOMOU O NOME DE FRANÇA ANTARCTICA.

Não havendo vantagem em permanecer no Cabo Frio, pelas razões já atrás mencionadas, a expedição tratou logo de deixar o lugar, velejando com os navios para outras regiões. Embora isso fôsse feito com o pezar dos indios, esperançosos de maior permanencia e alliança, pois assim lhes deram a entender os francezes, quando lá chegaram. De modo que navegámos por espaço de quatro dias, até quando, a dez do mês <sup>1</sup>, foi encontrado esse grande rio, chamado **Gunnabara**, assim chamada por ser semelhante a um lago. de Guanabara pelos do lugar (por ser semelhante a um lago <sup>2</sup>), ou de rio Janeiro, pelos que primeiro o descobriram <sup>3</sup>. O rio de Guanabara dista do Cabo Frio cerca de

<sup>1</sup> No texto, *fourtant nauigames l'espace de quatre jours, jusque au dixiesme*. Thevet quer dizer que chegou à bahia de Guanabara no dia dez do mes, que se sabe ser o de novembro de 1555.

<sup>2</sup> No texto, *Guanabara* (que se pronunciava *ga-na-ba-rá*). "*Guanabara*, ant. *Guanabará*, o rio semelhante ao mar, ou rio da bahia, allusão à barra do grande lagamar" (Theodoro Sampaio, *O tupi*, p. 218). N. Barré repete Thevet: "*la riviere de Ganabara, pour la similitude qu'elle a au lac*" (cf. Gaffarel, *histoire*, p. 379).

<sup>3</sup> Como se sabe, duas importantes expedições visitaram o Brasil no primeiro quinquennio do sec. XVI: a de Fernão de Loronha (1501-1502) e a de Gonçalo Coelho (1503-1505). A de Loronha, que esteve no cabo de São Roque, na foz do rio de São Francisco e na bahia de Todos os Santos, descobrindo, de volta, a ilha de Quaresma (hoje chamada Fernando de Noronha, forma circunêa do nome do descobridor); a de Coelho, que tocou no Cabo Frio, na

trinta leguas<sup>1</sup>. Fortes ventos contrarios retardaram a viagem.

Após a passagem, não só de numerosas ilhotas do littoral marítimo como, também, do estreito, da largura de um tiro de arcabuz, formado por esse rio<sup>2</sup>; achou-se conveni-

ilha de São Sebastião, na de Santo Amaro e na de Cananéia (Duarte Leite, "O mais antigo mappa", p. 253 sq.). De ambas as expedições fez parte Americo Vespuccio, talvez contratado por seus patricios, commerciantes em Lisboa. Na celebre *Lettera* dirigida a Soderini, datada de 4 de setembro de 1504, o florentino affirma que, depois de estar na bahia de Todos os Santos mais de dois meses, desceu a costa brasileira por espaço de 260 leguas, até chegar a um porto, onde foi construída uma fortaleza. Nesse porto ficaram vinte e quatro homens, com mantimentos para seis meses. E logo houve quem supusesse ter Gonçalo Coelho visitado o Rio de Janeiro durante o percurso da expedição, tendo sido a feitoria de que fala estabelecida no Cabo Frio. Também há quem sustente que o descobrimento do Rio de Janeiro data da viagem de Fernão de Loronha.

O mais seguro é que a bahia de Guanabara não foi avistada em nenhuma dessas expedições. Possivelmente, era ella conhecida dos francezes, desde, pelo menos, 1505, — mas nada se sabe de seguro. O nome do Cabo Frio apparece, pela primeira vez, no mappa de Kunstmann III (de 1506, ap.). O do Rio de Janeiro só é consignado muito posteriormente, nas cartas de Reinel, Viegas, Vaz Dourado, Lazaro Luiz e Le Testu (João da Costa Ferreira, p. 182). Só em 1515 é que temos noticias exactas de uma visita ao Rio de Janeiro, — a de João Dias de Solis, mas isso mesmo por Antonio de Herrera, que informa: "*llegaron al rio de Genero en la costa del Brasil, que está a vointe y dos grados y un tercio de la Equinoccial, al Sur*" (I, dec. 2.<sup>a</sup>, liv. 1.<sup>o</sup>, cap. 7). Como esse chronista, além de pesquisador cuidadoso, tinha accesso aos archivos officiaes, sua affirmativa merece toda a fé. Afranio Peixoto encontrou uma referencia a esse toponymio (*rio...de Yaneyro*) em uma carta de 6 de maio de 1523, publicada na colleção *Alguns documentos... da Torre do Tombo* (cf. *Historia do Brasil*, p. 63).

Morales de los Ríos (p. 1047 sq.) pensa que o termo *Genero*, Herrera o foi buscar em documentação de origem franceza: o toponymio não é nome castelhano, nem portuguez, embora se pareça com *janeiro*, approximando-se mais da "denominação *Genevre*, que os francezes, de tempo immemorial, davam à indigenza *Guanabara*".

A palavra *rio* desperta ainda algumas observações. Afranio Peixoto (*Rio de Janeiro*, p. 6) acha que o nome de *rio* tem origem na apparencia de desagadouro, que tem a bahia: "Pela costa do Brasil braços de mar foram chamados *ríos* e *ria*. é também, em portuguez, aguas misturadas, na beira-mar". Apenas tenho a observar que o costume não era só lusitano, mas também francez: "*nous entrasmes au bras de mer, & riviere d'eau salee, nommee Ganabara par les Sauvages*" (Léry, p. 58). E Thevet (f. 47): "*en ce lieu se trouue une riviere d'eau salee*" (referindo-se à lagoa de Araruana).

<sup>1</sup> O Rio de Janeiro fica a 22°23' de lat. S. e dista do Cabo Frio, em linha recta, pouco mais de 75 kms. G. Soares de Sousa approximou-se mais da verdade: "do Cabo Frio ao Rio de Janeiro são dezoito leguas" (p. 87).

<sup>2</sup> A barra da bahia de Guanabara é de 1.825 metros. Cf. a phrase de Thevet com a passagem do codice *Navegaçam q fez p. Lopes de Sousa*, ou *Diario de Pero Lopes*, como é mais conhecido: "a boca nõ he mais q de hü tiro darcabuz" (Jordão de Freitas, p. 144).

ente subir o mesmo, afim de arcarem-se os barcos e tomar-se pé em terra. E assim, de facto, se fez, logo nos recebendo os naturaes tão benignamente quanto lhes era possível, pois, advertidos da vinda dos franceses, construíram em bello edificio ao estylo do lugar, todo atapetado, em seu derredor, por lindas folhas e perfumosas plantas. Congratulando-se, por esse modo, deram mostra os selvagens da mais viva alegria, convidando os recém-chegados a imitá-los. Os mais velhos, sobretudo, que são como os reis ou chefes successivos uns dos outros, vieram visitar os franceses, saudando-os effusivamente, a seu modo e em sua linguagem. Depois do que os conduziram ao sitio adrede preparado, no qual se serviram iguarias de todas as qualidades, a saber, farinha (fabricada de uma raiz, que chamam mandioca <sup>1</sup>), raizes

**A mandioca,** raiz da qual os selvagens se servem e fazem farinha. diversas, de todos os tamanhos, agradaveis ao paladar, assim como outros mais alimentos nativos. De maneira que, sendo assim todos chegados, após os louvores e agradecimentos àquele que apaziguou o mar e os ventos, em summa, àquelle que proporcionou aos navegantes os meios

<sup>1</sup> No texto, *manihot*. Existem tambem as formas *maniot*, *manioch*, *manioc*, *mandiba*, etc. Parece que foi Martyr de Angleria que vulgarizou o nome nos meios scientificos. Martius inclue-a entre as plantas mysticas (*Naturcza*, p. 239 e 240). Cf. a lenda de Mani, muito conhecida através de Couto de Magalhães (p. 166 sq.). A mandioca (*Manihot utilissima*, Pohl) era um dos alimentos mais importantes dos tupinambás. Houve quem a considerasse tão sadia e proveitosa quanto o trigo. Não exigia celceiros, porque suas raizes se conservavam na terra, por longo espaço de tempo (Abbeville, p. 427; Curdim, p. 69; Gandavo, p. 95). Em breve, tornou-se um prato commum no regime alimentar dos proprios colonos (Anchieta, p. 43).

Descascavam os tupinambás as raizes de mandioca com valvas de ostras; era, em seguida, o alimento lavado e ralado na pedra. Espremida a mandioca no tipiti, os selvícolas peneiravam e coziam a massa em cubas ou frigideiras de barro. Durante essa operação, as mulheres mexiam constantemente a vasilha, até que a farinha se tornava enxuta e torrada. Na fabricação da farinha fresca, as raizes eram curtidas em agua corrente: quando perdiam a casca, transformando-se em puba, os índios desfazião a mandioca a mão e premiam-na no tipiti.

Descripção mais completa da mandioca encontra-se em Léry (p. 122 sq.). G. Soares de Sousa (p. 186 sq.) e Gandavo (p. 94 sq.). Em Spix & Martius (III, p. 202) há um excellent vocabulario dos utensilios e demais elementos relacionados com a cultura da mandioca. Interessantes os mappas de Nordenskiöld e de Wissler sobre a distribuição geographica da cultura da man-

de ultimar tão bella viagem — como é do dever de quem é bom christão — tratámos logo de nos recrear e repousar no verde campo à imitação dos troianos quando, em seguida a tantos naufragios e tempestades, se lhes deparou a bondosa Dido. Com a differença de que saborearam os troianos, segundo Virgilio, um bom e velho vinho, ao passo que só dispunhamos de agua pura.

Depois de uma demora de dois meses, em que se exploraram ilhas e terra-firme, baptizou-se o país, assim descoberto, com o nome de *França Antarctica*, evidenciando-se que o local mais commodo para

#### A França Antarctica.

Ilha muito commoda, na qual primeiramente se fortificou Villegagnon.

nelle a colonia estabelecer-se e fortificar-se era uma ilhazinha, de uma legua de circumferencia, situada quasi à foz do rio, do qual se falou. A ilha, pela razão do forte ali erecto, chamou-se Coligny <sup>1</sup>. Era essa ilha muito aprazivel, por ser coberta de enorme quantidade de palmeiras, cedros, arvores do pau-brasil e plantas aromaticas, verdejantes durante todo o anno, embora não contivesse agua doce, que se tinha de buscar bem longe; pelo que o Senhor de Villegagnon, afim de precaver-se

dioca na America do Sul. Idem, as notas de José Honorio Rodrigues, em Nienhof, p. 283 sq.

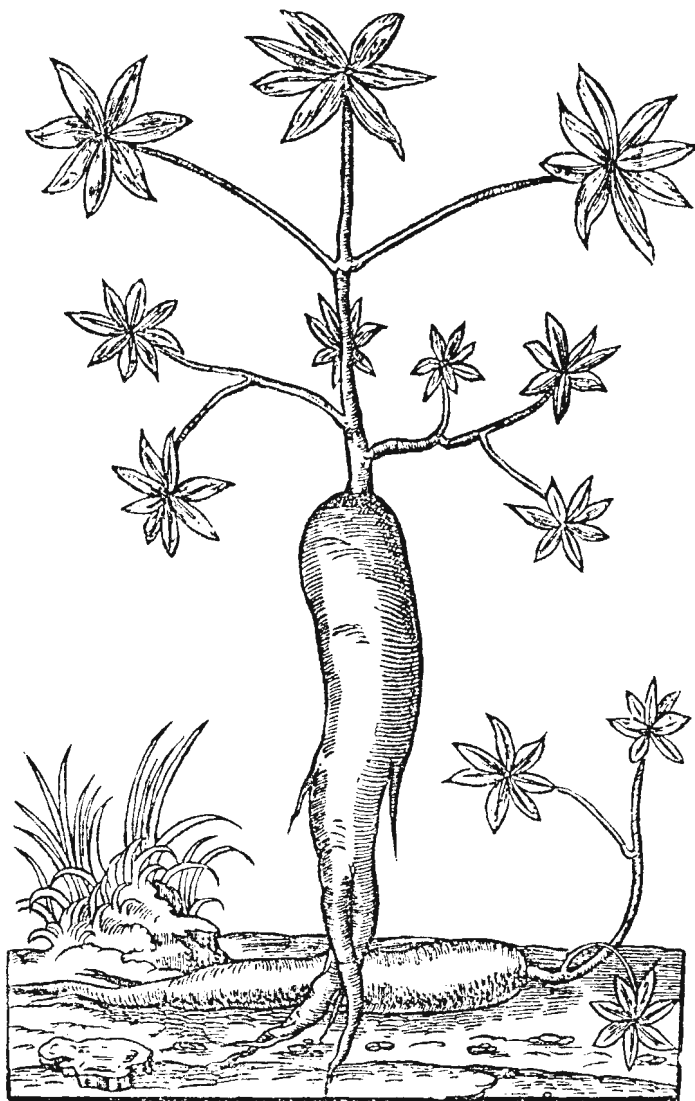
N. Barré escreve "*maniet*" e compara as suas folhas com as da *Pocmias* (?) (cf. Gaffarel, *Histoire*, p. 379).

<sup>1</sup> Da narrativa de Thevet se conclue o seguinte: a) após a passagem de numerosas ilhotas, os franceses penetram na bahia de Guanabara e tomam pé em terra, sendo recebidos festivamente pelos naturaes; b) em seguida, os franceses, explorando o littoral e archipelagos adjacentes, estabelecem-se, finalmente, numa ilha situada quasi junto da costa.

Vejamos, agora, se os documentos existentes confirmam a historia do nosso franciscano.

a) Sobre a passagem dos cachopos oceanicos, cf. as notas anteriores. Thevet, todavia, não diz nada em relação ao desembarque no ilheu chamado *Ratier* (hoje a Lage), a não ser posteriormente, na sua *Cosmographie*, f. 908, o que vem confirmar as informações de Léry: "*Un peu plus avant dans la riviere il y a un rocher, assez plat, qui peut avoir cent ou six vingts pas de tour, que nous appellions aussi le Ratier, sur lequel Villegagnon à son arrivee, ayant premierement posé ses meuples & son artillerie. s'y pensa fortifier: mais le flux & reflux de la mer l'en chassa*" (p. 92). Pensa Morales de los Rios que o desembarque nesse ilheu não foi definitivo, nem Villegagnon pensaria em ali se estabelecer (p. 1082 sq.). A Lage é um rochedo arido, exposto à acção





4. A mandioca (Thevet).

contra qualquer investida por parte dos portugueses, ou mesmo por parte dos selvagens, facilmente susceptíveis de melindres, ali se fortificou do melhor modo que lhe foi possível. Os viveres eram fornecidos pelos indígenas e constavam dos

dos ventos e das marés. Só mais tarde é que se teria nelle construído o *fortim de madeira* — a gaiola de pau — origem talvez do primitivo nome do rochedo. Heulhard, que teve oportunidade de compulsar documentos ainda ineditos, pertencentes à Bibliotheca Nacional de Paris, diz claramente: “*Sur le Ratier, un rocher long de cent pieds et large de soixante, qui barre l’entrée de la baie, il fit (refere-se a Villegagnon) élever un fort de bois où il plaça une partie de son artillerie*”. E acrescenta: “*trois ou quatre mois plus tard (após a chegada da expedição), Villegagnon y ayant fait placer (no Ratier) deux petites pieces de canon pour garder l’entrée de la rivière, la mer, démontée, les coula*” (p. 110).

A meu ver, não houve desembarque, provisório ou definitivo, no ilhéu do Ratier. Thevet, que foi testemunha presencial da viagem, não menciona o facto. Léry não acompanhou a Villegagnon e certamente se refere aos acontecimentos posteriores à chegada da expedição, conforme a lição de Heulhard. Onde, então, se teria dado o desembarque? Na ilha de Serigipe (hoje Villegagnon)? Parece que não, e, nesse particular, estou de accordo com Morales de los Rios. Thevet fala em *herbe verte e belle eau*. Se bem que a actual Villegagnon não seja desprovida de vegetação, nella jámais, até hoje, se encontrou nenhum riacho, nem sequer um olho d’agua. “*Ceste isle (acrescenta Thevet, descrevendo a Serigipe) est fort plaisante, pour estre revestue de grande quantité de palmiers, cedres, arbres de bresil, arbrisseaux aromatiques verdoyans toute l’année: vray est qu’il n’y a eau douce, qui ne soit assez loing*” (f. 49). Não seria lá, pois, o lugar no qual os silvícolas construíram o bello edificio, todo tapetado, em seu derredor, por lindas folhas e perfumosas plantas. Não seria esse o sitio onde os expedicionarios, exauridos de tão longa travessia, se refrigerassem com a lymphá pura, a *belle eau* de Thevet. E Morales de los Rios julga que o trecho do desembarque deveria ter sido a ilha do Governador, ou mesmo a do Paquetá. Lá também teria sido celebrada a missa em acção de graças (*après avoir loué et remercié... celui, etc.*), como era o costume da epocha, — cerimonia religiosa confirmada pela declaração de Heulhard: “*Dès qu’on eut touché terre Thevet célèbre la messe selon le rite catholique*” (p. 109). Resta fixar o local por onde penetraram as naus na bahia. Segundo Jayme Reis foi o canal entre Santa Cruz e a Lage (p. 296).

b) Foi na ilha de Serigipe, hoje de Villegagnon, que realmente se estabeleceram definitivamente os francezes, após as ceremonias passadas na outra ilha onde os receberam festivamente os naturais. Essa ilha era conhecida também pelo nome indígena de *Itamoguaia* (Plínio Ayrosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 95). Léry assim a descreve (p. 92 sq.): “*Vne lieué plus outre, est l’isle où nous demeurions, laquelle, ainsi que j’ay ja touché ailleurs, estoit inhabitable auparavant que Villegagnon fust arrivé en ce pays-la; mais au reste n’ayant qu’environ demie lieué Françoise de circuit. & estand six fois plus longue que large, amuirance qu’elle est de petits rochers à fleur d’eau, qui empeschent que les vaisseaux n’en peuvent approcher plus pres que la portée du canon, elle est merueilleusement & naturellement forte... Au sur plus y ayant deux montaignes aux deux bouts. Villegagnon sur chacune d’icelle fit faire une maisonnette: comme aussi sur un rocher de cinquante ou soixante pieds de haut, qui est au milieu de l’isle, il avoit fait bastir sa maison. De*

alimentos do país, taes como peixes, veação e outras caças selvaticas (pois não se nutrem os indios, como os europeus, da carne dos animaes domesticos), além da farinha extra-hida das raizes, — assumpto de que já tive occasião de tratar.

Não havia pão nem vinho. Os alimentos da terra trocavam os indigenas por objectos de pouco valor, a saber, canivetes, foicinhas e anzoes <sup>1</sup>.

Entre as coisas dignas do lugar figura um alagadiço, ou lagoa, pouco longe da barra do rio; alagadiço que nasce, em grande parte, duma pedra ou rochedo, em forma de pyramide, de base proporcional à sua elevada e maravilhosa altura. O rochedo está exposto, por todos os lados, às vagas e tormentas do mar <sup>2</sup>.

*costé & d'autre de ce rocher, nous avions aplani & fait quelques petites places, esquelles estoient basties tant la salle où on s'assembloit pour faire la presche & pour manger, qu'autres loeis... Voila en peu de mots quel estoit l'artifice du fort, lequel Villegagnon, pensant faire chose agreabl. à messire Gaspard de Coligny Admird de France... nomma Coligny en la France Antarctique".* Segundo Thevet, a ilha de Serigipe veio a ser conhecida pelo nome de Coligny (Villegagnon, em carta a Calvino, datada de 31 de março de 1557, escreve de facto: "*De Coligny en la France Antarctique*"). Conheciam-na, ainda, pelo nome de *ilha dos Franceses* ou *Monte das Palmeiras*. Na referida carta a Calvino, Villegagnon explica porque escolheu a ilha.

<sup>1</sup> O trafico entre os amerindios e os europeus iniciou-se, realmente, com notavel vantagem para os estrangeiros. *Por um guizo davam quantas perolas tinham*, diz Americo Vespuccio, referindo-se aos indigenas do extremo norte do continente antarctico (Vignaud, p. 325). Cf. ainda Léry (p. 182 e 183).

<sup>2</sup> A lagoa, a que se refere Thevet, não é a de Rodrigo de Freitas, como supõe Gaffarel. Morales de los Rios esclareceu o problema e vamos resumir o que esse historiador escreveu a respeito do assumpto (p. 1182 sq.). O monte pyramidal, exposto às tormentas do mar, é o Pão de Assucar, o *Pot de Beurre* dos franceses. E o *lac* ou *maresc*? A bahia de Botafogo, como quer J. da Costa Ferreira (p. 229)? Parece que não. Thevet (diz Heulhard, p. 109) entendia um pouco de desenho e é isso o que empresta certo valor às suas gravuras. Mesmo que as não tivesse feito, deveria ter fornecido aos todos os elementos necessarios para tal. Em ambas as cartas da bahia de Guanabara, — uma vulgarizada por Heulhard e a outra por Gaffarel, — apparece o rio *Cariobe* (*Kariauc* na *Carta Facticia*), a povoação de *Henryville* (cuja existencia nega Léry), o sacco de Botafogo, a *Isle des Margaiats*, etc. Nas duas vê-se nitidamente o Pão de Açucar e ao sopé desse mamelão uma paisagem deprimida, indicando agua, vendo-se nella escritas as palavras *Le lac*. "Esse lago extenso (continua Morales de los Rios) occupa claramente, na estampa,

O rio de Guanabara acha-se situado no tropico do Capricornio, a vinte e três graus e meio da linha equinoccial.

todo o espaço, que hoje abrange o isthmo da Praia Vermelha, tendo apenas, do lado do mar e do lado da enseada de Botafogo, uma pequena faixa estreita, fechando o lago de ambos os lados. A dupla informação, de pena e do lapis de André Thevet, vem demonstrar que em epocha coeva de Estacio de Sá, o actual isthmo, da Praia Vermelha à Praia da Saudade, era um alagadiço impracticavel e incapaz de tentar a idéia de nelle se estabelecer a sede de uma cidade de gente civilizada e zelando suas commodidades. Essa informação melhor prova ainda que, na epocha de Martim Affonso de Sousa, menos ainda que em trinta e cinco annos depois, pouco mais ou menos, o isthmo estava em periodo muito atrasado de formação, muito mais alagadiço e mais facilmente varrido pelas aguas do mar, no fluxo e refluxo das marés". E um argumento a mais para reforçar a theoria de Morales de los Rios é o facto de o Pão de Açucar figurar como uma ilha, na carta intitulada *La France Antarctique*, que publica Heulhard (p. 111). -- embora essa carta seja considerada facticia.

Quanto às origens e fundamentos da cidade do Rio de Janeiro. cf.: J. de A. Azevedo Pizarro e Araujo, *Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, Rio, 1820-1822; Balthazar da Silva Lisboa, *Avacs do Rio de Janeiro*, I, Rio, 1834; Antonio Duarte Nunes, "Mem. do desc. e fund. da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, I, 1839; J. C. Fernandes Pinheiro, "A França Antartica", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XXII, 1.ª parte, 1859, Rio; Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, Rio, 1877; Augusto Fausto de Sousa, *A bahia do Rio de Janeiro*, Rio, 1882; J. M. Pereira da Silva, "A fundação do Rio de Janeiro, na historia e na legenda", *Jorn. do Com.*, 19-V-1894; Jayme Reis, "A primeira fundação do Rio de Janeiro", em *Rev. Bras.*, 2.º trim., Rio, 1897; Felisbello Freire, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1912; A. Morales de los Rios, "Subsidios para a historia da cidade de São Sebastião", etc., em *Rev. do Inst. Bras.*, tomo especial, 1.ª parte, 1915, Rio; J. Vieira Fazenda, "Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 80, Rio, 1917; Carlos Sampaio, *Memoria historica — Obras do Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio, 1924; C. De'gado de Carvalho, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1926; Alfred Agache, *Cidade do Rio de Janeiro*, etc., Rio-Paris, 1926-30; Max Fleius, *Hist. da Cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1928; João da Costa Ferreira "A cidade do Rio de Janeiro e seu termo", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 110, 1931, Rio; Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*, Rio, 1932; Nelson Cesta, *Hist. da cid. do Rio de Janeiro*, Rio, 1935; Seraphim Leite, "Conquista e fundação do Rio de Janeiro", em *O Instituto*, v. 90, Coimbra, 1936; Hermeto Lima, "Historia d's ruas do Rio de Janeiro", em *Bol. do Min. do Trab., Ind. e Com.*, n. 37, anno IV, 1937; Afranio Peixoto, *Rio de Janeiro*, ed. Lello & Irmão, Porto, s/d.

## CAPITULO XXVI

### DOS PEIXES DO RIO GUANABARA.

Não passarei adiante sem fazer particular menção dos peixes, abundantes e de delicado gosto, que existem no bello rio de Guanabara, ou de Janeiro. Nelle se encontram conchas de diversos feitios, tanto grandes como pequenas.

**Ostras, que contêm perolas.** Algumas contêm ostras, que são tão reluzentes quanto finas perolas. Os selvagens comem, geralmente, essas ostras misturadas a certos

peixinhos, que pescam as crianças. Em certas ocasiões se encontram nellas perolas, não sendo o aspecto geral das ostras em nada differente das similares desse genero. As perolas, todavia, são menos preciosas que as de Calicut e de outros pontos do Levante.

**Modo de pescar dos selvagens.** As pessoas mais experimentadas apanham o peixe grado, abundante nesse rio. Mettendo-se nus na agua, quer salgada, quer doce, flecheiam o peixe, no que são muito dextros; após o que puxam-no por uma corda de algodão ou de casca de arvores, quando não acontece o peixe, depois de morto, emergir por si mesmo <sup>1</sup>. Para não tornar o assumpto

<sup>1</sup> Logo que avistavam o peixe, os tupinambás atiravam-lhe a flecha (Léry, p. 173 sq.). Se o animal era ferido, o que quasi sempre acontecia, os indios mergulhavam na agua e apanhavam-no a mão (Staden, p. 138 e 139). Algumas vezes a setta prendia-se a um fio, o qual, por sua vez, estava preso a certa especie de paleta (Porto Seguro, I, p. 34). As flechas possuíam varias pontas, feitas de esquirolas, à moda das dos *Karimé* (Parima) (Georges Salathé, II, p. 298). Os chiriguanos do alto Pilcomayo, da familia linguistica tupi-guarani, usam chluços, ou settas terminadas por diversos espinhos de cactus, que aprisionam mais facilmente o peixe. Assim que o pescado caia em suas

mais longo, mencionarei principalmente alguns peixes monstruosos, a exemplo do *panapaná*<sup>1</sup>, que se assemelha ao cação e tem a pelle tão rude e aspera quanto a da lixa. Tem esse animal seis fendas branchiaes, de cada lado das guelras, dispostas como as de lampreia; a cabeça é tal qual se vê na estampa ao lado, com os olhos bem em cima della, distantes entre si pé e meio. E' peixe, por outro lado, bastante raro, cujo sabor, não muito excellente, tem semelhança com o do cação.

No rio de Guanabara há ainda muita abundancia de arraias, mas de especie diferente das nossas, isto é, duas vezes maiores em largura e comprimento, — a cabeça chata e longa, com os olhos entre dois cornos, cada qual do tamanho de um pé.

As arraias, que os indigenas chamam *ineuonea*<sup>2</sup>, possuem seis fendas sob o ventre, umas perto das outras, sendo a cauda do comprimento de dois pés e fiça como a do rato. Não há quem faça um selvagem provar de sua carne, assini como da carne da tartaruga, pois acredita que esse peixe, por ser vagaroso, torna tambem pouco lesto a quem o come. E não só pouco lesto como incapaz de

mãos, os tupinambás penduravam-no às costas. O arpão empregava-se, principalmente, na pesca de certos mamíferos (Évreux, p. 13; Cardim, p. 81).

Não resta duvida de que Thevet se refere ao processo chamado de pescaria de arco e flecha. O frade não menciona a palavra *arco*, mas parece que o trecho citado assim o indica. No livro de Staden há uma gravura, que não deixa duvida a respeito. A flecha estava ligada a um fio de algodão, ou de fibra vegetal, por meio do qual se podia puxar o peixe para fora da agua.

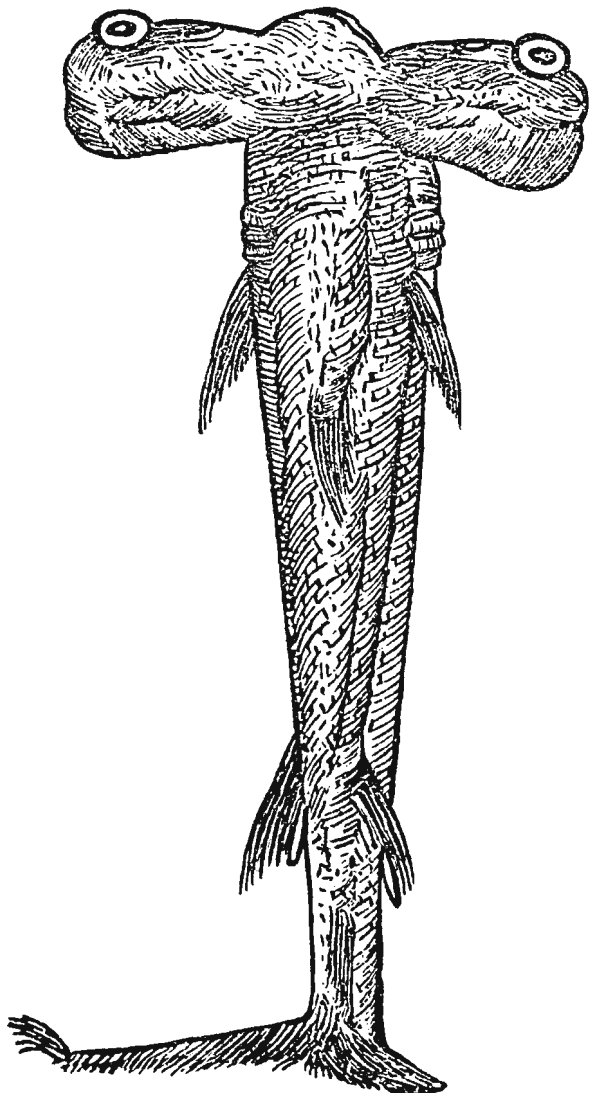
Seria a flecha, descripta por Thevet, do typo da *sararaca*? Penso que sim. A sararaca é uma flecha destacavel, a cuja haste se prende a corda.

Raymundo Lopes, no seu notavel estudo sobre a pesca brasileira do Maranhão (II, p. 154), traça a distribuição geographica da sararaca (flecha-arpão): a arma figura na bahia de Guanabara (sec. XVI).

<sup>1</sup> Sobre o *panapaná*, cf. Léry, p. 175. Em Abbeville, *panapanan* (p. 284). Esse peixe, tambem chamado *cação paná*, *jata* ou *rodella* (*Sphyrna tiburo*), pertence à ordem dos selachios pleurotremados (aberturas branchiaes lateraes).

O nome desse peixe parece ter relação com a raiz *pan*, bater, pois *paná-paná* é o bate-bate das borboletas em migração.

<sup>2</sup> No texto, *Ineuonea*. Segundo Stradelli, o nome generico da arreia, na região amazonica, é *iauirá*. O termo, empregado por Thevet, talvez seja uma corruptela do nome amazonico (*i-nu-u-e-á* = *i-na-u-i-á* = *i-na-u-i-rá*).



5. O panapaná (Thevet).

perseguir o inimigo. Quando não o sujeita a ser facilmente aprisionado. Os demais peixes fluviaes são de bom paladar; igualmente os do littoral marítimo, embora não sejam estes tão delicados quanto os de zona equatorial, ou de outras paragens oceanicas.

A proposito do assumpto, não esquecerei de contar um maravilhoso factó, digno de memoria. Nas terras circumvizinhas ao rio Guanabara, proximas do mar, existem arvores e arbustos, de alto a baixo inteiramente cobertos e sobrecarregados de ostras. Como se sabe, quando sobe a maré, duas vezes no dia, a agua avança de terra a dentro, cobrindo a maior parte dessas plantas, principalmente as de menor elevação; e as ostras, pouco escorregadias, prendem-se-lhes em quantidade incrível, por entre os ramos <sup>1</sup>. De modo que, quando os selvagens querem comer ostras, cortam os galhos assim carregados, como se faz, por exemplo, com a pereira. Commumente, os indigenas servem-se mais desses mariscos do que das ostras graudas, que vivem no mar, allegando que têm melhor gosto, são mais sadias e produzem menos febres que as outras.

<sup>1</sup> Referencia ao mangue vermelho (*Rhizophora mangle*, L.) Nelle realmente se apegam certas especies de ostras. "Nos mangues se criam ostras pequenas, a que os indios chamam *Jerimerim* e criam-se nas raizes e ramos delles até onde lhes chega a maré de preamar; as quaes raizes e ramos estão cobertos destas ostras (G. Soares de Sousa, p. 349).



## CAPITULO XXVII

### DA AMERICA EM GERAL.

Occupando-me, em particular, dos lugares, na America, onde mais tempo me demorei e, sobretudo, da região na qual habitam o Senhor de Villegagnon e outros franceses, sem esquecer, tampouco, esse notavel rio, que já disse chamar-se de Janeiro <sup>1</sup>, com suas terras dependentes ou circumstantes, descobertas ou novamenté achadas nos presentes dias, — resta agora tratar das demais coisas vistas durante a minha permanencia no país.

A America, desconhecida dos antigos. A America certamente jámais foi conhecida dos antigos cosmographos, que dividiam a terra em três partes, tambem pouco conhecidas delles, — a Europa, a Asia e a Africa. Dada a sua grande extensão, — pois é maior que qualquer uma das outras, — é duvidoso que os cosmographos não tivessem chamado de quarta parte ao continente, do qual me occupo. Esse continente com razão se chama de America, do nome de quem primeiro o descobriu, Americo Vespuccio <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No texto, "*ce fleuve notable, que nous avons appellé Ianaïrc*". Parece que Thevet quis dizer o seguinte — *esse notavel rio, chamado, como já o disse, de Janeiro*. Engana-se Gaffarel, quando attribue ao frade outra intenção, como seja, a de pretender que foram os franceses os autores do toponymo. E tanto isso é verdade que Thevet escreve anteriormente (p. 48): "*ceste grande riviere nommé Ganabara de ceux du país, pour la similitude qu'elle a au lac, ou Ianaïre, par ceux qui ont fait la premiere decouverte de ce país*".

<sup>2</sup> Deixo, de lado, o engano de Thevet quanto à superficie da America, por ser justificavel. Do mesmo modo, o erro relativo à prioridade do desco-

pessoa extraordinária por suas empresas e por seu saber na arte de navegar. E' verdade, entretanto, que, após Vespuccio, varios outros descobriram a maior parte do continente, de Temistitan<sup>1</sup> até o país dos Gigantes<sup>2</sup> e o estreito de Magalhães. Não vejo é a razão por que lhe chamam de India, pois a verdadeira India do Levante tomou essa designação do celebre rio Indus, que se acha bem longe do continente americano. Bastaria, pois, dar-

**Situação da America.**

A America está situada, realmente, entre os tropicos, para além do Capricornio, limitando-se: ao occidente, com Temistitan e as Molucas; ao sul com o estreito de Magalhães; a este e a oeste, respectivamente, com o mar Oceano e com o Pacifico<sup>3</sup>. Perto de Dârien<sup>4</sup> e da Furna<sup>5</sup>, a America torna-se muito estreita, pois ambos aquelles mares avançam muito de terra a dentro.

brimento do novo-mundo, por estar esse assumpto, hoje em dia, já bastante esclarecido.

Quanto aos supostos conhecimentos nauticos de Vespuccio, cf. os recentes estudos de Carlos Malheiro Dias, publicados na *Hist. da Col. Port. do Bras.*, I, p. CXVI sq. e II, p. 178 sq., Porto, 1921 e 1923.

<sup>1</sup> Corruptela de Tenochtitlán (cf. W. H. Prescott, p. 17). Adiante (f. 137, por exemplo) Thevet escreve *Themistitan*.

<sup>2</sup> O país dos Gigantes — O *Regio Gigantum* do mappa de Münster (1540) — corresponde ao actual territorio da Argentina, ou melhor da Patagonia (cf. Thevet, f. 130). *Patagões* foi o nome, que Fernão de Magalhães deu aos seus habitantes, por causa do exaggerado tamanho dos seus pés. Knivet chegou a afirmar que os patagões tinham o pé quatro vezes maior que o normal (Pericot y Garcia, p. 683). Pigafetta tambem informa que os patagões eram tão altos que a cabeça de um homem qualquer chegava apenas á cintura delles. Latham, entretanto, diz que a estatura media desses aborígenes é de 1m, 80 (XVI, p. 283).

Estudo completo da estatura dos patagões em R. Verneau, *Les anciens patagons*, p. 17.

<sup>3</sup> Ao que parece, os conhecimentos geographicos de Thevet, em relação á America, ainda eram os do tempo de J. Ruysch (planispherio de 1508), de Lenox (globo de 1510 ou 1511) e de Stobnicza (mappa de 1513).

<sup>4</sup> Darien — nome antigo, que se deve ao golpho de Urabá e a certa parte do isthmo de Panamá. Era um dos lugares tradicionais da epocha da colonização espanhola (como Paria, o golpho das Perolas, o golpho dos Dragões, as ilhas dos Cannibaes, etc.). Thevet escreve o toponymio de varios modos, *d'Ariane*, *destroit d'Ariane* (f. 144), etc.

<sup>5</sup> No texto, *Furne*. Talvez erro typographico, em lugar de *Furna*. Como se sabe, Thevet pouco conhecimento tinha da lingua portuguesa, escrevendo *cap de Fric* (Cabo Frio), etc. *Furne* pertencia ou era vizinho ao Panamá, pois á f. 119 Thevet escreve "*le destroit de Furne et Dariéne*".

E' essa região, na parte mais bem conhecida e explorada (cerca do tropico brumal, ou mesmo mais além), habitada por povos maravilhosamente estranhos e selvagens, sem fé, lei, religião e civilização alguma. Isso sem falar nos christãos, que, após Americo Vespuccio, vieram colonizá-la. Os selvagens vivem à maneira dos bichos, taes como os fez a natureza, alimentando-se de raizes e andando sempre nus, tanto homens como mulheres, pelo menos até que, ao contacto dos europeus, se venham despojando, aos poucos, dessa brutalidade e vestindo-se de um modo mais conveniente. À vista do que devo louvar affectuosamente ao Criador por me ter esclarecido a razão e por não ter permitido que eu fosse um bruto semelhante a um desses pobres selvagens.

Quanto às suas terras, é a America fertilissima em arvores de excellentes fructos. Produzem os campos sem lavoura, nem sementeiras. Não se pode, pois, duvidar de que o solo retribue generosamente o trabalho agricola, visto sua situação, seus montes bellissimos, suas espaçosas planuras, seus rios cheios de bons peixes e a fertilidade de suas regiões continentaes. Actualmente, os espanhoes e portuguezes povoam grande parte da America, — as Antilhas (no mar Oceano), as Molucas (no mar Pacifico), as terras-firmes de Darien, Paria e Palmaria <sup>1</sup>, assim como outras mais ao sul, o Brasil por exemplo. Eis o que é, de modo geral, a America.

**Quem são os habitantes da America.**

**A America, país fertilissimo.**

**Partes da America habitadas, tanto pelos espanhoes como pelos portuguezes.**

<sup>1</sup> A região de Paria era o golpho formado pelo mar das Antilhas, entre a costa da Vanezuella e a ilha da Trindade (cf. G. A. Thompson, IV, p. 35 sq.). Palmaria — *Palmarie* no texto — provém talvez de Palmar, nome que apparece em varias regiões da America, ao tempo da colonização (Colombia, Guatemala, etc.).

## DA RELIGIÃO DOS SELVAGENS AMERICANOS.

Já disse que essa pobre gente vive sem lei e religião, — o que é real. Todavia não existe criatura, por menos racional possível, que, vendo assim em tanta ordem o céu, a terra, o sol, a lua, o mar e as coisas de todos os dias, não imagine logo ter saído tudo isso das mãos de algum grande obreiro estranho à natureza humana <sup>1</sup>. Assim como não há gentio que, por natural instincto, não possua idéias religiosas, ou o conhecimento de Deus, — seja elle o mais barbaro. Todos confessam, pois, existir alguma soberania ou poder extraordinario; mas qual seja esse poder, poucos, a não ser os penetrados pela graça de Nosso Senhor, o podem dizer. E, por isso, tal ignorancia occasionou a diversidade de religiões, uns attribuindo a divindade ao sol, outros à lua e às estrellas. Sem falar nas demais formas religiosas, de que trata a historia.

**Religião dos selvagens americanos.**

Os selvagens (voltando ao assumpto) fazem menção de um grande senhor, chamando-lhe, em sua lingua, de Tupan <sup>2</sup>, o qual — dizem — lá, no alto, troveja e faz chover; mas de nenhum modo sabem orar ou

<sup>1</sup> Cf. esse trecho de Thevet com o de Léry (p. 266 e 267), em muitas coisas semelhante um ao outro.

<sup>2</sup> No texto, *Tupan*. Nenhum mytho tem sido objecto de tanta discussão quanto o de Tupan. Para certo numero de autores, a voz tupica significa o trovão, o raio, o relampago, cabendo aos jesuitas a responsabilidade da deificação desse termo. Nobrega, de facto, diz: "Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhece Deus, sòmente aos trovões chama Tupane; que é como

venerar, nem têm lugar proprio para isso. E se algum lhes fala de Deus, como o fiz, escutam admirados e attentos, perguntando se o Deus, de que se fala, não será, talvez, o

propheta, que lhes ensinou a plantar essas grossas raizes, chamadas por eles de *hetich*<sup>1</sup>.

*Hetich*, uma raiz. Porquanto, segundo a tradição, transmittida por seus avós, alimentavam-se os selvagens, como os ani-maes, de ervas e raizes silvestres, quando lhes

Um carahiba. appareceu um grande carahiba, isto é um propheta, o qual, dirigindo-se a certa moça, deu-lhe algumas raizes grossas, chamadas *hetich*, semelhantes aos nabos de Limousin. Ensinou-lhes o propheta que cortasse as raizes em

quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupane" (p. 99). Nobrega e outros jesuitas esperavam encontrar entre os silvcolas formas religiosas analogas ás do continente europeu; dahi a decepção com que affirmavam — *os indios não conhecem ou adoram nenhum deus...*

Mas não resta duvida de que Tupan era uma entidade superior, uma especie de *nature-god*, isto é, de genio cosmico, cujos movimentos produziam tempestades e cataclysmas meteorologicos. Tupan, como já vimos, tropeja e faz chover (Anchieta, p. 372; Abbeville, p. 331). "Por intermedio do interprete informei-me dos velhos do país se acreditavam que esse Tupan, autor do trovão, era homem como elles. Responderam-no que não, porque, se fôsse homem como nós, seria um grande senhor — e como poderia elle correr tão depressa, do oriente para o occidente, quando tropeja ao mesmo tempo sobre nós e nas quatro partes do mundo, tanto em França, como sobre nós? Demais, se fosse homem, era necessario que outro homem o fizesse, porque todo homem procede do outro homem" (Évreux, p. 248 e 249).

No ponto de vista psychanalytico, Tupan symboliza a *imago* paterna, o demiurgo, a ancestral, o antepassado (*tup*, pai, *ang*, alma, conforme a lícção de Baptista Caetano). *Tupã*, primitivamente, diz Theodoro Sampaio (*O tupi*, p. 9 e 276) significa o *pai alto*, o *pai que está no alto*.

<sup>1</sup> No texto, *Hetich*. Na *Cosmographie Universelle*, porém, Thevet escreve *Yetic*, forma, aliás, mais correcta. Occorre, tambem, a voz *jettica*.

A proposito dos heroes-civilizadores dos tupis-guaranis (no texto, *Charaibe*) veja-se a nota correspondente, no cap. XXIV. Quanto à tradição de que a cultura da mandioca foi transmittida aos indigenas do Brasil por intermedio de um demiurgo, consulte-se, entre outros, Évreux (p. 203) e H. Baldus (*Ensaio*, p. 224). O descobrimento da mandioca foi mesmo, para os nossos selvagens, na phrase de Couto de Magalhães, mais importante do que o descobrimento do trigo o teria sido para os aryas. Chegou até a originar uma verdadeira mythologia.

Há, entretanto, por parte de Thevet, a seguinte confusão: a historia do carahiba e da moça refere-se à mandioca; mas a planta, descripta com o nome de *hetich*, é a *Ipomœa batatas*, Lam. Cf. a f. 113 de *Les Singularitez*. Léry não incorreu nesse erro (vejam-se as pags. 203 e 204).

Commentando o trecho de Thevet, diz Hoehne (*Bot.*, p. 114): "Duas linhas depois, Thevet diz que estas raizes eram para os nativos o pão commum, e que

pedaços, plantando-as depois. E assim o fez a moça, do mesmo modo que, successivamente, todos os seus descendentes, de pais a filhos. Foram os selvagens tão bem succedidos com a cultura dessas raizes que hoje as possuem em abundancia e quasi não comem outra coisa.

Essas raizes, de que há duas especies, da mesma grosura, são tão communs aos indigenas quanto o pão o é entre nós. Uma das especies, cozida, torna-se amarella com o marmello; a outra é branqueada. Ambas têm folhas parecidas com as do manná, mas nunca trazem sementes. Pelo que os indios plantam as raizes cortadas em rodellas, como na Europa se fazem aos rabanetes e como se usam nas saladas. Assim replantadas, multiplicam-se abundantemente.

Achei conveniente reproduzir essa planta em estampa, no natural, uma vez que a mesma é desconhecida dos medicos e arboristas europeus.

as duas especies têm folhas parecidas com u'a mão, mas são distinctas pe'a côr das tuberas, sendo que a primeira as dá amarellas e a segunda brancas; constata-se assim que foi a *batata-doce* que viu ou de que ouviu falar. Elle disse mais que esta planta não produz sementes, porque os nativos apprenderam a multiplicá-las pelos tuberculos cortados em pedaços, e como presumia ser uma especie inteiramente ignorada na Europa, considerava conveniente reproduzi-la em estampa do natural. Nesta estampa, a que nos reportámos mais a cima (refere-se a uma estampa da batata doce inserta no livro de Heulhard, sob o falso nome de *inhame*), as folhas são dadas redondas, com uma incisão na base, portanto, com as da *batata-doce* branca. Isso discorda com a forma de uma mão que elle usou para comparação".

Apenas um reparo a fazer — Thevet não diz que a folha do *hetich* tem a forma da mão. O que Thevet diz é o seguinte (f. 52): "*d'icelle racine s'en trouue deux especes, de mesme grosseur.... Et ces deux especes ont la feuille semblable à la manne*". E *manne* não é mão, mas planta, nome, aliás, tambem empregado por Léry. Pelo nome de *manne* — que Tristão de Alencar Araripe e Monteiro Lobato traduzem por *manná*, — era conhecida uma planta européica, ao tempo de Thevet, de folhas semelhanes às da batata-doce. O *Dict. de Botanique* de H. Baillon, Paris, ed. de 1891, regista duas plantas com esse nome: a *Glyceria fluitans* R. Br. e a *Cantharellus cibarius* Fries. Isso sem falar na planta conhecida, em França, pelo nome de *herbe à la manne* ou *manne de Prusse* (*Poa fluitans* Koel; *Festuca fluitans*). Adoptei, tambem, a forma de *manná*, na tradução de *mapue*, mas sem ter absoluta certeza de que seja esse o nome correspondente, em português, ao da planta designada por Thevet.

Uma descripção erudita das varias especies de plantas ou resinas, conhecidas outrora por esse nome, vem em Lippmann, I, 173 e sg.

Logo que esse continente, como já se disse, foi inicialmente descoberto, no anno 1497<sup>1</sup>, por ordem do rei de Castella, os selvagens, admirados com a vista de homens tão estranhos, como eram para elles os christãos, acreditaram tratar-se de prophetas, assim os honrando como se foram deuses. Quando, porém, essa canalha notou que os europeus adoeciam, morriam e estavam sujeitos às mesmas paixões que elles, deu em desprezar e maltratar os colonos, como aconteceu aos que, depois, espanhoes ou portugueses, foram para a America. A tal ponto que, se alguem offende os selvagens, não hesitam estes em matar e devorar um christão, à semelhança do que fazem com os seus inimigos. Isso, todavia, só occorre em certos lugares, especialmente entre os cannibaes, que não se alimentam de outra carne senão a humana, como os europeus se alimentam da carne de boi ou da de carneiro. Desse modo, os selvagens deixaram de chamar aos europeus de *carahibas*, que quer dizer prophetas ou semi-deuses, designando-os, por desprezo e opprobrio, de *mairs*<sup>2</sup>, voz que tem origem no nome de um dos seus antigos, mas detestados prophetas.

**A America,** inicialmente descoberta em 1497.

**Cannibaes,** povos que vivem de carne humana.

**Mair.**

<sup>1</sup> Léry repete Thevet (p. 44). Nos principios do sec. XVI era opinião corrente (Waldsemüller, Appiano, Camers e outros) de que a *Terra-Firme* tinha sido visitada em 1497, anteriormente aos resultados obtidos por Colombo em sua terceira viagem. Hoje em dia, se sabe que a expedição de Alonso de Hojeda, na qual tomou parte Vespuccio, só attingiu o continente americano em 1499 (Duarte Leite, "Os falsos precusores", p. III sq.).

<sup>2</sup> No texto, *Mahire*. Thevet engana-se ao suppor que o nome *mair* tivesse uma significação peyorativa, muito embora essa interpretação esteja apoiada em Anchieta (p. 332). Candido Mendes de Almeida (p. 71 sq.) resolveu o problema. *Mair* era o apartado, o solitario, o que vivia distante. O apellido davam os selvagens aos franceses e espanhoes, "não só por procederem de longinhas terras, como porque os equiparavam, pelas suas qualidades e superioridade, aos seus feiticeiros, chamados *pagés* ou *carahibas*, os quaes levavam vida solitaria no recesso das mattas, nas cavernas das montanhas distantes" (T. Sampaio, *O tupi*, p. 243). Aliás, o proprio Thevet desmente, na *Cosm. Unv.*; aquella theoria. Mairmunhá, p. c., era um dos heroes civilizadores da mythologia dos tupinambás: O *Maire Humane* de Staden é identificado com *Mair Zunane*, *Mair Zumé* ou simplesmente *Sumé*, heroe-civilizador dos tupis-guaranis.

Veneram muito os indigenas a Tupan, acreditando que, em qualquer lugar onde estejam, esse deus communique aos pagés, seus altos designios. Eis em que consiste a religião desses barbaros, segundo o que pude ver e ouvir por intermedio de um turgimão francês<sup>1</sup>, que no Brasil viveu dez annos e entendia perfeitamente a lingua dos indios.

<sup>1</sup> No tempo de Villegagnon só na bahia de Guanabara existiam uns vinte e cinco turgimões (Gaffarel, *Histoire*, p. 384).



## CAPITULO XXIX

### COMO VIVEM OS SELVAGENS AMERICANOS DE AMBOS OS SEXOS.

Como já tive occasião de dizer, quando tratei da navegação da costa africana, em geral vivem totalmente nus os barbaros, ethiopes e alguns outros povos das Indias, cobrindo apenas, com estojos de algodão ou de pelles, as partes vergonhosas, — o que é, sem comparação, mais toleravel que o costume dos selvagens americanos, os quaes andam todos nus, homens e mulheres, taes como saíram do ventre materno, sem que disso mostrem nenhum pudor ou vergonha<sup>1</sup>.

Como vivem os habitantes da America.

Se me perguntasse o leitor qual a causa desse costume, — se é, por exemplo, a indigencia ou o calor, — responder-vos-ia que os indigenas poderiam confeccionar camisas de algodão tão bem quanto sabem fazer suas redes, ou mesmo roupas de pelles de animaes selvagens, com ellas se vestindo à maneira dos indios canadenses; pois dispõem os indigenas de um numero abundante de feras, que facilmente apanham, embora não conheçam os animaes domesticos. Mas acreditam os selvagens que a nudez, melhor que as vestes, os torna mais ageis e dispostos. Tanto assim que, estando cober-

<sup>1</sup> Sobre a nudez dos tupinambás, cf. Léry, p. 102. Os tupis andavam geralmente nus, "sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas" (segundo a conhecida phrase de Pero Vaz de Caminha), excepção dos carijós e outras tribus das regiões mais frias, que se abrigavam em pelles de veado (Anchieta, p. 329). Staden (p. 132) diz, referindo-se aos carijós: "As mulheres destes mesmos selvagens fazem de ficos de algodão uma especie de sacco, aberto em cima e em baixo, que ellas vestem e que, na lingua delles, se chama *typpoy*".

tos com a mais leve camisa, ganha à custa de enorme trabalho, mal encontram algum inimigo, della se despojam incontinente, antes que tonem as suas armas, isto é, o arco e a flecha, — pois crêem que todo e qualquer traje lhes tiraria a dextreza e agilidade nos combates, ou os impediria de fugir facilmente, ou, ainda, mover-se diante de seus adversarios, — em summa, que se sentiriam aprisionados nas vestimentas<sup>1</sup>. Tal a razão por que logo se despem os selvagens, tão mal advertidos e rudes são. Todavia desejam muito a posse de vèstes, camisas, chapéus e outros atavios, considerando-os tão caros e preciosos que, com receio de damnificá-los, preferem ver essas coisas se gastarem, com o tempo, em suas ocas. Só os usam em determinadas solemnidades, por exemplo, nas cerimonias do massacre de seus contrarios, ou em algumas *cauinagens* (isto é, quando gastam varios dias em beberagens e banquetes commemorativos da morte dos pais ou parentes). E, mesmo quando trazem alguma camisa, ou saíote<sup>2</sup> de pouço valor, despojam-na, ou a suspendem aos ombros, — tudo pelo receio que têm de estragar o panno<sup>3</sup>. Há alguns velhos, entre os selvagens, que occultam suas partes vergonhosas com folhas a mais das vezes por motivo de certas indisposições locaes<sup>4</sup>. Autores existem segundo os quaes a Europa, quando começou a ser povoada, teria sido habitada por homens e mulheres que andavam nus, cobrindo apenas as partes secretas, como se diz que

<sup>1</sup> Lery dá outra razão — a necessidade, que sentiam os selvagens, de banhar-se constantemente no rio (p. 118).

<sup>2</sup> No texto, *hobergeon*. A palavra é *haubergeon*, loriga ou saio, mais curto que o *haubert*. sem mangas, que levavam os escudeiros.

<sup>3</sup> Cf. Lery, p. 48.

<sup>4</sup> “Os homens casados e especialmente os velhos — observava Abbeville — cobrem suas vergonhas com um pedaço de panno vermelho ou azul, que prendem ao redor da cintura com um fio de algodão... A essa panno dão o nome de *carauie* e delle não podem usar de forma alguma os meninos e os rapazes solteiros, nos quaes é permittido apenas amarrar o prepucio com um fio de algodão, ou com uma folha de pingoba” (p. 321). Na verdade, o estojo pñiano era pouco usado, e, quasi sempre, pelos velhos, dando isso impressão a Lery de que estes ultimos tinham o objectivo de occultar alguma enfermidade (p. 103). Usam o estojo pñiano, actualmente, os *apiakás*, os *mundurucús*, os *clitipayas*, os *curuayás*, os *jurunas*; a ligadura do prepucio existe entre os *tembés* e os *manajés*.

viveram os nossos primeiros pais. E, como os homens dessa epocha attingiam uma longa idade e não sofriam tanto de molestias, pretendem taes autores sustentar que deveriamos viver tambem nus a exemplo de Adão e Eva no paraíso terreal. Parece-me, entretanto, que essa nu-

**Os adamitas, hereticos partidarios da nudez.**

dez não é da vontade ou mandamento de Deus. Bem sei que alguns hereticos, chamados adamitas, defendem falsamente tal theoria e vivem seus sectarios nus, à moda dos amerindios,

assistindo e orando em suas synagogas. Mas seu erro é evidente, pois testemunham as Santas Escripuras que só antes do peccado original viviam nus Adão e Eva, cobrindo-se

**Opinião dos turlupins e philosophos cynicos em relação à nudez.**

depois de pelles, tal como o fazem, actualmente, os indios do Canadá. Esse erro tem sido imitado por muitos, taes como os *turlupins* e os philosophos chamados cynicos, os quaes ensinavam, publicamente, que o homem não devia occultar aquillo que lhe proporcio-

nara a natureza. E mostram-se esses hereticos mais imperinentes do que os selvagens americanos, uma vez que já possuíam o conhecimento das coisas. Os romanos embora observassem certas estranhezas em seus costumes, não viam nus. Nuas eram apenas as suas estatuas e imagens, que collocavam nos templos, conforme ensina

**Porque Julio Cesar usava barrete, contra o costume dos romanos.**

Tito Livio. Os romanos, não obstante, não usavam chapéu ou barrete na cabeça<sup>1</sup>, tanto assim que Caio Cesar tinha o costume de cobrir com o cabello posterior a parte calva da frente, tendo mesmo obtido autorização para

usar um leve barrete ou boné.

Eis o que eu tinha a dizer sobre o assumpto, em relação aos selvagens americanos. Vi tambem que os indios do Perú usavam algumas camisolas de algodão, talhadas a seu modo. Conta Plinio (o qual jãmais teve noticia da America) exis-

<sup>1</sup> Engano do autor. Os romanos usavam os mais variados chapéus (*apex, galeus, petassus, pileus*, etc.). Cf. A. Rich, p. 19 et passim.

dr na India oriental, do lado do Ganges, certos povos de pequena estatura, que se vestiam com folhas grandes e largas. Mas não é meu desejo prolongar o assumpto.

Direi mais que esses pobres selvagens possuem um olhar assustador e o falar austero. Algumas vezes repetem as palavras. A linguagem é breve e obscura<sup>1</sup>, todavia, como me ensinou a experiencia, mais facil de ser entendida que a dos turcos e a de outras nações do Levante. Os selvagens mostram muito prazer em falar indistintamente e em louvar as victorias ou triumphos conquistados a seus inimigos. Mantêm os velhos suas promessas e são mais fieis que os jovens; todavia mostram-se elles muito dados ao furto, pilhando qualquer christão que encontram (mas não por ambição do ouro ou da prata alheia, pois não têm nenhum conhecimento desses mataes)<sup>2</sup>. E' verdade, entretanto, que não se roubam uns aos outros<sup>3</sup>.

Quando irritados, os selvagens não se satisfazem apenas em ferir o aggressor; chegam mesmo a ameaçá-lo de morte. São, contudo, muito serviçaes, mesmo rudes como são, guiando um estrangeiro por cincoenta ou sessenta leguas, em terra, com difficuldades e perigos, tudo por mero prazer e em troca de uma ninharia. Afora muitas outras obras

<sup>1</sup> Os nomes tupis são constituídos de raizes geralmente monosyllabicas e inalteraveis. Talvez seja por esse facto que Thevet chama a lingua de breve (Plinio Ayrosa, *Primeiras noções*, p. 34). Quanto ao mais, todos os jesuitas e escriptores, que tiveram necessidade de entrar em contacto com os aborígenes do littoral brasileiro, são unanimes em affirmar que a lingua tupi-guarani era "delicada, copiosa e elegante", com "muitas composições" e maior numero de "syncopas" que a dos gregos (Anchieta, p. 433; Cardim, p. 194; Loreto Couto, p. 48; C. Teschauer, p. 112 e 113). Muito semelhante ao biscainho, na expressão de Nobrega (p. 93), mesmo mais abundante, que o português, em alguns vocabulos, o idioma desse grupo cultural-linguístico estava subdividido em varios dialectos.

<sup>2</sup> Os tupinembás desconheciam, de facto, o ferro, o ouro, a prata, etc. Os objectos de metal encontrados entre os guaranis do Paraguay, seus parentes, eram de procedencia andina ou boliviana; do mesmo modo os dos omaguas, tambem pertencentes ao mesmo grupo cultural-linguístico, os quaes provinham da Colombia ou das Guyannas (Métraux, *La civ. mat.*, p. 256 sp.).

<sup>3</sup> "Nunca roubam uns aos outros" (Évreux, p. 70).

caridosas e honestas, que praticam, — nisso até sobrepujando os christãos.

Os indios americanos têm a tez avermelhada, puxando à côr da pelle do leão<sup>1</sup>. Cabe aos naturalistas explicar a razão disso e por que não é ella tão queimada quanto a dos negros da Ethiopia. No mais, são de membros bem formados e proporcionaes, não obstante seus olhos mal feitos, isto é, negros, tortos, de aspecto quasi que selvagem. Possuem elevada estatura, sendo dispostos, alegres e pouco sujeitos às doenças, a não ser quando recebem alguma flechada em combate.

**Estatura e côr natural dos selvagens americanos.**

<sup>1</sup> A comparação da côr da pelle do indio com a côr da pelle do leão parece ter origem numa carta attribuida a Vespuccio, segundo observa Gaffarel. As descripções dos autores c'assicos estavam longe de fixar o typo do aborigene brasileiro, uma vez que o proprio individuo observado variava de latitude em latitude. Prova disso são as annotações a respeito da côr da pelle: os tupis do nosso littoral eram *vermelhos* (Anchieta, p. 433), *baços* (Gandavo, p. 124 e G. S. de Sousa, p. 306), *castanhos* (fr. V. do Salvador, p. 51), etc. "*Quant à leur couleur naturelle, attendu la region chaude où ils habitent, n'estans pas autrement noirs, ils sont seulement basanez, côme vous diriez les Espagnols ou Prouceaux*" (Léry, p. 102).

Paul Ehrenreich, entretanto, observa que o tom da pelle dos nossos indios varia de accordo com o clima, não havendo motivo para dizer que os mesmos são *vermelhos*: vermelhos são aquelles que se pintam de urucú. Mais geral é o *amarello-cinzeno-claro* (23 da escala Broca) (*Anthropologische Studien*, p. 79). Finalmente, Roquette-Pinto chegou à conclusão de que o typo anthropologico mais parecido com o commum dos nossos selvagens encontra-se, como já o demonstrou Virchow, entre os chamados *amarellos cruzados* da Malasia. Para o mesmo anthropologo patricio é o *amarello-sienna* a côr dominante (*Seixos Rolados*, p. 144 sq.).

Sobre a renovação dos estudos da systematica humana, em relação ao homem americano, cf. J. Imbelloni, *Tres capitulos*, etc., Lima, 1937.

## CAPITULO XXX

### COMO BEBEM E COMEM OS SELVAGENS.

É facil comprehender como essa boa gente não pode ter com os alimentos mais apuro do que com as demais coisas. E, do mesmo modo que não tem nenhuma regra de vida, também se sente ella incapaz de eleger o que é bom e evitar o que é mau. Nesse particular, vivem os selvagens sem discripção, embora sejam assás supersticiosos quanto ao uso da carne de certos animaes, quer terrestres, quer aquaticos, isto é, aquelles que são vagarosos no andar (ao contrario de outros mais rapidos na carreira ou no vôo, taes como os cervos e corças). Tudo porque acreditam que a carne dos animaes vagarosos os tornaria demasiadamente pesados, — condição inconveniente para quem se visse acometido pelo inimigo.

**Os selvagens vivem sem regra.** Os selvagens não apreciam os alimentos salgados e interdizem o uso delles a seus filhos. Tanto que, quando assistem a um europeu comer carne salgada, acham isso um costume estranho. Acreditam que a carne salgada encurta a vida <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> "Não têm o costume de salgar o peixe ou a carne... Aquelles entre os quaes estive prisioneiro comem, às vezes, sal porque viram usar delle os francezes, com os quaes negociam" (Staden, p. 143). Léry (p. 142 e 143) confirma a observação de Thevet.

Se a carne ou o peixe não era salgados, isso não quer dizer que os tupinambás não se servissem do sal. Serviam-se, sim. E o proprio Léry conta como o usavam esses indios: "*Mais quant à nos sauvages, le pñant & broyant* (refere-se à pimenta) *aveç du sel... appellans ce meslange* Ionquet, *ils en usent*

**Alimentos  
communs dos  
selvagens.**

No mais, usam qualquer especie de alimentos, carne ou peixe, assados sempre a seu modo: caças selvagens, ratos de varias qualidades e tamanhos, certas especies de saços maiores que os nossos, jacarés, etc., que põem todo inteiros ao fogo, com pelles e entranhas. E comem, desse modo, os animaes, até mesmo os jacarés, que são lagartos da grossura de um bacorinho novo, proporcionalmente mais longos (vianda, aliás, bastante delicada, como testemunham os que della provaram). São os jacarés tão mansos que não

**Lagarto da  
America.**

temem approximar-se das pessoas, tomando, sem receio ou difficuldade, os alimentos que lhes lançam. Os selvagens matam-nos a flechadas. Sua carne parece com a da gallinha. Só as ostras miudas e outros mariscos marinhos é que vão ao fogo.

Ao alimentar-se, não observam os selvagens horas determinadas. Comem a todo tempo, assim que sentem appetite; mesmo à noite, em seguida ao primeiro somno, levantam-se para comer, depois do que retornam ao leito. Mas, durante as refeições, guardam um estranho silencio, — costume mais louvavel que o dos europeus, que têm o habito de se pôrem muito sem-cerimoniosamente à mesa<sup>1</sup>.

Os indigenas assam muito bem suas viandas<sup>2</sup>, servindo-se dellas compassadamente. Por isso se riem dos france-

*comme nous faisons de sel sur table: non pas toutesfois qu'ainsi que nous, soit en chair, poisson ou autres viandes, ils salent leur morceaux avant que les mette en la bouche: car eux prenans le morceau le premier & à part, pincent puis apres avec les deux doigts à chascune fois de ce Ionquet, & l'avaient pour donner saueur à ce qu'ils mangent*" (p. 206). Ao sal, misturado à pimenta pilada, chamava Gabriel Soares de Sousa de *juquirahy* (p. 204). O *juquirahy* é a mesma *jequitiaia*, pimenta moída, cujo succo, espremido e misturado à seiva da mandioca, constitue um condimento dos nortistas (Hoehne, "A flora do Brasil", p. 145). Cf. ainda: Marcgrave, p. 273; Abbeville, p. 354; Evreux, p. 12. Occorrem tambem as formas *juquytai* e *juquytai*.

<sup>1</sup> "Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como tem que comer não o guardam muito tempo, mas logo com m tudo o que têm e repartem com seus amigos" (Cardim, p. 164 e 165; Marcgrave, p. 273). Léry quasi que repete o fradco (cf. p. 134 e 135).

<sup>2</sup> No texto, *Ils cuisent fort bien leur viande*. O alimento não era propriamente cozido, mas moqueado na grelha. *Le tout rosti à leur mode*, como diz Theyet, na mesma folha,

ses, que à mesa devoram mais do que comem. Só usam os alimentos quando os mesmos se acham sufficientemente frios. E têm um exquisitissimo habito — quando comem jãmais bebem, a qualquer hora que isso seja: ao contrario, quando se entregam à bebida, não comem nada, mesmo que a beberagem dure o dia inteiro<sup>1</sup>. Assim acontece, por exemplo, nos banquetes e outras sollemnidades, taes como as que acompanham os massacres. As bebidas são extrahidas do milho, — o branco e o negro, que na lingua dos selvagens tem o nome de *avati*. Depois que assim bebem, separam-se uns dos outros, comendo, então, indifferentemente, tudo o que encontrarem.

**A bebida feita com o *avati*.**

Os pobres vivem mais dos peixes do mar, das ostras e de outros semelhantes alimentos do que da carne. Os que vivem longe do mar pescam nos rios.

Dispõem os indios das mais variadas fructas, proporcionadas pela natureza. Vivem longos annos, sãos e dispostos. E note-se que os antigos se alimentavam, commummente, mais de peixe do que de carne (assim como affirma Herodoto dos babilonios, que só se serviam de peixe). As leis de Triptolemo, segundo Xenophonte, prohibiam aos athenienses o uso da carne. Não é, pois, estranho que se possa viver sem o uso de tal alimento. Mesmo no começo do povoamento da Europa, antes de a terra ser cultivada e colonizada, viviam os homens ainda mais austeramente, sem carne, nem peixe, nem tendo meios para isso; todavia eram robustos e longevos. E não effeminados, como os de hoje. Pelo que creio que tanto mais são os homens tratados delicadamente, tanto mais são elles debeis

**Modo de viver dos antigos.**

**Tanto mais os homens são nutridos delicadamente, tanto menos são robustos.**

e sujeitos às doenças.

Ora, os selvagens, como já o disse, usam de carnes e peixes. E da maneira que se vê na gravura ao lado<sup>2</sup>. Al-

<sup>1</sup> Loreto Couto, p. 65; fr. Vicente do Salvador, p. 53; G. Soares de Sousa, p. 375.

<sup>2</sup> Perdeu-se, ao que parece, a gravura.





6. A colheita (Thevet).

guns estiram-se na rede para comer, ou, pelo menos, nella se sentam. Os chefes-de-familia, especialmente, põem-se na rede, com as outras pessoas ao seu pé, às quaes serve<sup>1</sup>. Como se a natureza houvesse ensinado aos indios a prestar honras à velhice.

Os indigenas guardam ainda o seguinte e honesto costume: se alguem apanha uma grande presa, em terra ou na agua, a carne logo é distribuida aos presentes, principalmente aos estrangeiros (se os houver). Todos são assim convidados, liberalmente, a provar da vianda, que lhes Deus proporcionou. E é injurioso recusar o convite.

Logo que algum visitante entra em qualquer uma das suas cabanas, indagam os selvagens o nome do visitante — *Marabissere*<sup>2</sup>, isto é, *Como te chamas?* E podeis ficar certo de que, assim que os indigenas ouvem o nome, não o esquecem jãmais, tão boa memoria têm. Memoria, que se pode comparar à do rei dos persas, Cyro, à de Cyneas, legado de Pyrrho, à de Mithridates, ou, enfim à de Cesar, segundo diz Plinio. E, só depois de lhes responderdes a determinadas questões, perguntam os selvagens o que quer o visitante — *Marapipo*<sup>3</sup> — seguindo-se, a isso, as affabilidades do costume.

<sup>1</sup> Fr. V. do Salvador, p. 56; G. Soares de Sousa, p. 375.

<sup>2</sup> Em Léry vêem-se as duas formas: *Mara-pé-déréré* (p. 347) e *Marape-sere* (p. 365). De *maibê*, ou *maram*, como?, *c* ou *ce*, dêle, *cera* ou *er*, nome. Diz Plinio Ayrosa que as palavras correctas são *marape* (*marã-pe*) *nde vera*, qual o teu nome? (cf. Léry, nota à recente ed. bras., p. 212).

<sup>3</sup> De *marám reportar*, isto é, "que coisas queres"?

## CAPITULO XXXI

### CONTRA A OPINIÃO DOS QUE CONSIDERAM OS SELVAGENS PELLUDOS.

Muitas pessoas pensam, por inadvertencia, que esses povos, a quem chamamos de selvagens, pelo facto de viverem quasi como animaes, nos bosques e campos, têm, semelhantemente, o corpo todo pelludo, à maneira dos ursos, dos cervos e dos leões. E assim o pintam essas pessoas em suas ricas telas. Em summa, quem quiser descrever um selvagem lhe deve attribuir abundante pello, dos pés à cabeça, — característica sua tão inseparavel quanto o é do corvo a côr negra.

Tal opinião é inteiramente falsa, embora alguns individuos, como já tive occasião de ouvir, se obstinem em affirmar e jurar que os selvagens são cabelludos. Se têm tal facto como certo é porque nunca viram selvagens. E desse jaez é a geral opinião.

Eu, porém, que já os vi, sei e affirmo seguramente o contrario. Os indigenas, não só os da India Oriental, mas tambem os da America, saem do ventre materno tão bellos e limpos quanto as crianças nascidas na Europa. Se, com o decorrer do tempo, lhes nasce o cabello em algumas partes do corpo, assim como succede com qualquer pessoa — arrancam-no às unhas, conservando apenas o pello da cabeça. É esse um costume que têm em muita honra, tanto os homens quanto as mulheres.

As sobrançellas, que crescem em medida nos homens, tonsuram-nas e raspam-nas as mulheres, por intermedio de uma planta afiada que só uma navalha<sup>1</sup>. Essa planta assemelha-se ao junco, que nasce nas proximidades das aguas. O pello amatorio e a barba do rosto, arrancam tambem os indios, do mesmo modo que extrahem o cabello do resto do corpo. De uns tempos a esta parte, os selvagens acharam até um meio de fazer umas especies de pincinhas, com as quaes extirpam bruscamente o pello, porquanto, depois que estiveram em contacto com os europeus, já apprenderam um tanto a malhar o ferro<sup>2</sup>. Pelo que, doravante, não se deve, nesse particular, seguir a opinião commum, nem crer nos pintores (assim como aos poetas é permittido criar contos, aos pintores se concede licença para desenhar as coisas segundo a sua imaginação).

Se, às vezes, nasce entre os indios alguma criança pelluda e augmenta-lhe o pello por todo o corpo, à proporção que cresce, como já aconteceu em França, é isso um accidente natural. Nada menos do que se alguém nascesse com duas cabeças, ou outra coisa semelhante. Esses factos não são assim tão admiraveis, uma vez que os medicos e philosophos explicam a razão delles. Na Normandia, por exemplo, vi um ser humano revestido de escamas, qual se fôra uma carpa. São imperfeições da natureza.

<sup>1</sup> A proposito da planta, afiada como navalha, escreve Hochne (*Bot.*, p. 115): "A planta referida como semelhante ao junco, nativa da beira da agua, que fornecia o material usado pelos aborigenes para a sua depilação, não é facil de identificar. Mas no Pará encontrou recentemente o dr. Herbert Baldus uma graminea, cujos fructos são pelos indios tapirapés, descendentes da tribu tupi, empregados no mesmo mister. Mais tarde recebemos da America do Norte material completo da especie em apreço e conseguimos identificá-la como *Streptogyne crinita*, P. B. Os tapirapés a denominam *capim-flecha*. Os fructos têm junto à base, de um lado, uma aresta rija, que prende os pellos sem deixar escapá-los, quando se passa os mesmos sobre a pelle".

Outros instrumentos da tonsura eram a taquara e uma pedra chamada *crystal*. Cf. G. Soares de Souza (p. 368 e 369) e Staden (p. 70).

<sup>2</sup> Não é possível que os tupinambás já soubessem malhar o ferro, ao tempo de Villegagnon. As pinças deviam ter sido fornecidas pelos franceses. Cf. Léry, p. 102.

**Monstro de  
forma humana,  
coberto de es-  
camas.**

Confesso — mesmo de accordo com a glosa 13 do livro de Isaias — que existem certos monstros de forma humana. Os satyros por exemplo, que habitam os bosques e são pelludos como os animaes ferozes. E disso

estão cheios os escriptos dos poetas, -- desses satyros, faunos, nymphas, dryades, hamadryades, oreades e outras sortes de monstros que desappareceram com o tempo, quando então o espirito maligno, tomando mil aspectos, porfiava, por todos os meios, em illudir a humanidade. Mas, hoje, que Nosso Senhor houve por compaixão de comunicar-se à humanidade, taes espiritos malignos foram rechassados. Deus transmittiu ao homem o poder contra os mesmos, conforme o testamento das Santas Escripturas. Entretanto, ainda se encontram na Africa certos monstros disformes, pelas razões allegadas no começo deste livro e por outras mais, que, no momento, deixarei passar ao largo.

Os selvagens americanos, de resto, trazem os cabellos da cabeça aparados acima das orelhas, à maneira dos monges. É verdade que os raspam na parte dianteira da cabeça, afim de evitar, segundo me informou um regulo do país, a possibilidade de cairem nas mãos dos seus inimigos, que os poderiam segurar pelo cabello, se, accaso, o deixassem crescer no frontal ou no mento<sup>1</sup>. E isso foi o que lhes ensinaram os seus ancestraes, a saber, que a rasura empresta a seu dono um extraordinario denodo.

<sup>1</sup> Os tupinambás usavam as mais variadas formas de tonsura, distinctivas da nacionalidade, no dizer de Fernão Cardim. Dois typos de tonsura, sobretudo, atrahiam a attenção: o *corcêlo* (tambem chamado *coroa-de-frade*) e a *meia-lua*. No penteado à meia-lua, raspava-se a parte anterior e alta da cabeça.

Seguido Ehrenreich, a tonsura chamada coroa-de-frade era genuino penteado tapuyo ("Sobre alguns retratos", p. 31). E parece que tambem era peculiar aos tupis-guaranis, pois vamos encontrá-la entre as mais differentes familias desse grupo linguistico-cultural (M. Fernandez de Enciso, p. XXIV; F. R. Ewerton Quadros, p. 250; Anthony Knivet, p. 254; Taribio de Ortiguera, p. 373; O. Canstatt, p. 82).

Por occasião de sua viagem ao Xingú, K. v.d. Steinen encontrou, entre os indios dessa região, duas especies de tonsuras: os suyás usavam a tonsura do apostolo São Paulo; os do Culisheu a tonsura do apostolo São Pedro (*Entre os aborigenes*, p. 216) Cf. ainda: Cardim (p. 168); Staden (p. 147), Gandavo (p. 53) e G. S. de Sousa (p. 369).

Se os silvicolas americanos conhecessem a Asia, era de crer que tivessem adquirido esse costume

**Os abantes,** com os abantes. Os abantes, do mesmo modo, raspavam a cabeça, com o objetivo (diziam) de tornarem-se mais ousados e mais bellicosos. Conta tambem Plutarcho, quando trata da vida de Theseu, que existia entre os athenienses o costume de os ephoros, isto é, os tribunos da republica, offerecer, em Delphos, a cabelleira aos deuses. De modo que Theseu, tendo raspado a parte dianteira da cabeça, à moda dos selvagens americanos, foi a isso levado pelos abantes, povos asiaticos. E, de facto, sei que Alexandre, monarcha da Macedonia, ordenou à sua gente que se apoderasse dos macedonios, segurando-os pelos cabellos e pelas barbas. Seu costume era trazerem-nos longos, pois não havia ainda barbeiros que os soubesse tosar ou raspar. Os primeiros barbeiros chegados à Italia eram originarios da Sicilia.

Eis o que eu tinha a dizer a respeito do pello dos selvagens americanos.

## CAPITULO XXXII

### A ARVORE, CHAMADA NA LINGUA DOS SELVAGENS DE JENIPAPO, DA QUAL OS INDIOS EXTRAHEM UMA TINTA.

A arvore e o fructo do jenipapo.

O jenipapo é uma arvore muito estimada pelos selvagens americanos, por causa de seu fructo do mesmo nome. Não que o fructo seja bom de comer, mas por causa de uma outra utilidade, que delle tiram os indios. Em tamanho e côr, assemelha-se ao pessego. Do seu succo extrahem os selvagens certa tinta, com a qual, algumas vezes, pintam todo o corpo.

Como se faz a tinta do jenipapo.

Da seguinte maneira conseguem os selvagens americanos a tinta, uma vez que de outros processos não dispõem esses miseros seres: primeiramente, mastigam os fructos, como se os quisessem comer, depois do que os espremem nas mãos, com o fim de extrahir-lhes o summo (tal qual se tira o liquido da esponja); depois, passam o succo por todo o corpo, isto é, quando se entregam às solemnidades do massacre, ou quando se visitam reciprocamente, ou, em outras cerimoniaes. O succo do jenipapo é tão claro quanto a agua da fonte, mas, ao ser empregado, à proporção que secca se torna mais vivo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> No texto, *Genipat*. O succo do jenipapo, quando passado na pelle, torna-se intensamente negro, durando, segundo Staden, por espaço de uns nove dias (p. 175). E' tambem Staden quem dá o nome da arvore — *Junipappceywa*, do tupi *genipayba* (*Genipa americana* L.). O jenipapo servia para "seccar as

A tinta do jenipapo é de côr quasi indizível, ou melhor, entre o negro e o azulado. Entretanto, só depois de dois dias de uso, ou depois de tornar-se bem secca, adquire a sua tonalidade natural. Assim pintados, os selvagens andam tão contentes quanto os europeus com os seus cetins e veludos festivos. Tingem-se as mulheres com o jenipapo mais commumente do que os homens.

**Como os selvagens pintam o corpo.**

Se os indios são convidados, por seus amigos, a tomar parte em alguma cauinagem, a dez ou doze leguas de distancia, descascam, antes de partir da aldeia, certas arvores, cujo amago deve ser vermelho, amarello ou de outra qualquer côr, fazendo pedaços de tudo, após o que extrahem uma gomma de outra planta chamada *usub*<sup>1</sup>. Por fim, passam os indigenas essa gomma viscosa pelo corpo (aliás é a pomada boa para as chagas, como tive occasião de experimentar) e só então espalham sobre tal pasta a tinta de jenipapo. É verdade que alguns

hostellas das boubas" (G. Soares de Sousa, p. 215). Refs. em Léry (p. 105), Gandavo (p. 128) e Abbeville (p. 254).

Foi Thevet, dentre todos os autores antigos, quem nos deixou a primeira e melhor descripção do processo de fabricar a tinta do jenipapo.

*Janipaba* ou *ienipapo* em Marcgrave, p. 92, ed. do Museu Paulista.

<sup>1</sup> No texto, *usub*. Hoehne identificou-a com o urucú, *Bixa orellana* L. (*Bot.*, p. 116). Synonymia: *rucú* ou *rocú* (Guyanna e Venezuela), *achote* ou *achiott* (lingua *nahuatl*), *bixa*, *bija*, *biché* (indios das Antilhas, donde o costume de os chronistas lhe chamarem de *embijalos*), *arnotto* ou *annotto*, açafraão, etc. É uma arvore neotropica, cujas sementes foram estudadas por Chevreuil em 1833. Sobre as propriedades therapeuticas dessa planta e a protecção por ella exercida na pelle contra os raios solares, cf. Martius (*Natureza*, p. 244, sq., notas de Pirajá da Silva) e A. Osorio de Almeida (p. 3).

A especie de pomada, ou substancia untuosa para friccionar o corpo, era preparada com gorduras ou azeite de origem animal, como a banha do jacaré, do iguano, ou com o lambary (*tetragonopteros*) da capivara. Essas gorduras misturavam-se, ainda quentes, ás substancias corantes, dando-se consistencia necessária ao oleato resultante á custa do accrescentamento de gorduras mais densas, taes como a da *icica* (*Protium heptaphyllum*) (R. Pardal, p. 98). Observa Hoehne que a pasta tirada das sementes do urucú é, ainda hoje, o cosmetico de preferencia dos aborigenes do Matto Grosso, do Amazonas e do Pará. Em nossos dias, a *Bixa orellana* serve de objecto comensal (para corar o arroz, para dar a côr amarella da manteiga).

A universalidade dos corantes vermelhos deu lugar ás mais variadas hypoteses. Que seu uso é ritual ou magico, não resta duvida (cf. Gilberto Freyre, p. 74 e 75). Sempre que recebiam valiosos presentes, os tanganis untavam-se de urucú, como signal de homenagem áquelle de quem tinham recebido o obsequio



indios, em lugar dessa tinta, usam penninhas de todas as tonalidades, de modo que os vereis tão vermelhos como se estivessem revestidos do mais fino escarlata. Ou revestidos de outro qualquer tecido, se as côres são differentes. Altos pennachos, bellos e maravilhosos, adornam a cabeça.

Eis o que sei sobre o jenipapo, arvore de folhas semelhantes às da nogueira, cujos fructos nascem  
 O jenipapo, outra arvore. quasi na extremidade dos ramos, uns singularmente por cima dos outros. Há, na America, outra arvore do mesmo nome, mas seu fructo, além de agradável ao paladar, é maior.

Outra singularidade americana é uma  
 A erva *petun*. Como é ella usada. erva, que os indios, chamam *petun*<sup>1</sup>. Trazem-na os selvagens ordinariamente comsigo, em virtude do maravilhoso proveito que tiram della. Parece-se com a nossa buglossa e os indigenas colhem-na cuidadosamente, fazendo-a secçar à sombra, em suas choupanas.

Os silvicolos americanos usam-na do seguinte modo: envolvem certa porção da planta, já secca, numa grande fo-

(Roulett: Pinto, *Rondonia*, p. 241). Raphael Karsten, p. e., já aventou a possibilidade de ser o urucú um substituto do sangue (p. 41). Knivet, de facto, informa que os nossos indios só se pintavam de urucú quando executavam um prisioneiro; cf. ainda o interessante costume dos chamacocos, quando vão à guerra ou se inimizam com as esposas (Balduis & Willems, p. 229).

Minuciosa descripção em Marcgrave, p. 61 e 62, ed. do Museu Paulista.

<sup>1</sup> No texto, *Petun*. — Outras formas: *pytyma*, *betun*, *hittin*, *petigma*, *petume*, *petim*, *pitima*. *Pitar*, *pitada*, *pito* parece que se originam do nome tupi do tabaco (Arthur Neiva, p. 194 sq.). A proposito da etymologia da palavra *petun*, cf. a nota de Valle Cabral (in Nobrega, p. 112). Os *petiguaras* devem seu nome ao uso do fumo ("Autores há que escrevem *potiguaras*, que vale dizer — comedores de camarões; mas Duarte Coelho, donatario primeiro de Pernambuco, escreveu *pitiguaras* e Antonio Knivet, que viu esse gentio, descreve-o como tendo o habito inveterado de trazer uma folha de fumo entre o labio e os dentes, donde lhe descia a baba pelo furo do beijo, dahi o nome *petinquara*, que quer dizer *mascador de fumo*" — T. Sampaio, "Os naturalistas", p. 592).

Relação de algumas importantes monographias sobre o assumpto: Mac Guire, "American aboriginal pipes", *Rep. U. S. Nat. Mus.*, Washington, 1887; Günther Stahl, "Der Tabak im Leben Südamerikanischer Völker", *Zeit f. Ethn.*, LVII, Berlin, 1925; R. B. Dixon, "Words for tobacco in american indian languages", *Amer. Anthrop.*, Lancaster, 1921. Há um mappa da distribuição geographica do tabaco e do cigarro, em Clark Wissler, *The American Indian*, 3.<sup>a</sup> ed. de 1926, Nova York.

lha de palmeira, formando, assim, um canudo da grossura de um cirio; depois disso, põem fogo a uma das pontas do canudo, aspirando-lhe o fumo pelo nariz e pela bocca <sup>1</sup>.

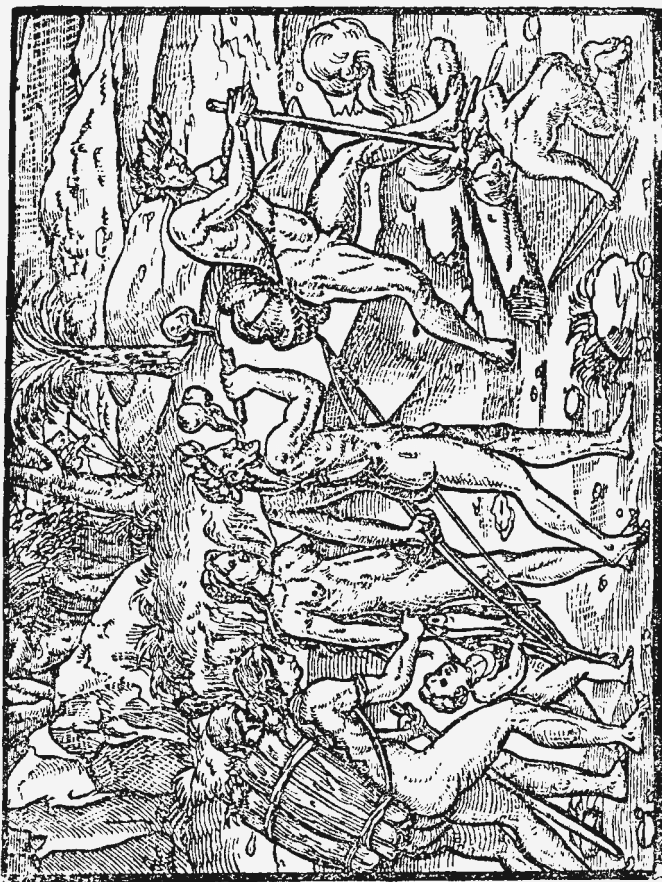
O *petun* é muito saudavel (dizem), por destilar e consumir os humores superfluos do cerebro. Além disso, aspirado dessa maneira, mitiga, por algum tempo, a fome e a sede, — motivo pelo qual os indios usam com frequencia essa planta, sobretudo quando têm algum assumpto a tratar entre si (tiram as fumaradas e, depois, falam). E assim o fazem repetida e successivamente, uns após outros, quando estão em guerra, achando que o fumo, nessa occasião, é muito conveniente. As mulheres é que não usam o *petun*.

Essa erva, empregada excessivamente, na realidade atordoa e embriaga, como faz o espirito de um vinho forte. Os europeus, que entre os indios vivem, sentem-se estranhamente attrahidos por tal planta e perfume. Se bem que no começo seu emprego não seja sem perigo. Isso antes de a pessoa acostumar-se com ella. Pois o fumo causa suores e frios, produzindo até syncopes (eu mesmo tive occasião de experimentá-lo). Circumstancia que, como pode parecer, não é estranha, porquanto existem muitos outros fructos que offendem o cerebro, embora sejam delicados e agradaveis ao paladar. Diz Plinio que há, em Lyncestida, uma fonte, cuja agua embriaga as pessoas; do mesmo modo, uma outra em Pamphlagonia.

**A fonte de Lyncestida e sua propriedade.**

Haverá quem pense ser totalmente falso o que eu disse a respeito dessa erva, como se a natureza não pudesse dar tal poder a alguma coisa sua, de accordo com cada uma das regiões do globo terrestre. Por que, então, estaria a

<sup>1</sup> "A canguera, como instrumento de fumar ou beber fumo, especie de cigarro monstro, é desconhecida dos dictionarios tupis, onde vem apenas com as accepções de osso, espinha, quiçá devido à semelhança entre os objetos" — escreve Rodolpho Garcia (Cardim, p. 134). A descripção de G. Soares de Sousa (p. 233) é muito semelhante à de Thevet. O uso do tabaco em forma de cigarro ou charuto é peculiar aos auctós, jurunas, apiacás, mundurucus, chiriguanos, tembés, pausernas, guarayús, amanajés, payás, cocamas e oyampyá.



7. O fumador de tabaco e a fabricação do fogo (Thevet).

America privada desse beneficio, uma vez que é um país de clima mais temperado que varios outros? Se alguem não se contentar com o meu testemunho, é só ler Herodoto, o qual, em seu *Segundo Livro*, refere-se a uma população africana, que vive exclusivamente de vegetaes. Segundo Appiano, os parthas, banidos e expulsos de sua patria por M. Antonio, foram viver de certas ervas, que lhes embotavam a memoria. Mas os parthas julgavam que a planta os estivesse alimentando, embora, com o seu uso, morressem pouco tempo depois.

Pelo que não deve a historia do *petun* ser considerada sobrenatural.

## CAPITULO XXXIII

### DA ARVORE CHAMADA *PACOVERA*<sup>1</sup>

Já que se me offerece oportunidade, descreverei agora outra arvore, mais pelo interesse de sua excellente virtude e incrível singularidade do que mesmo pelo proposito de tornar mais extenso meu thema. E esta é das taes que não existem na Europa, na Asia, ou na Africa.

**Descrição da arvore chamada *pacovera*.**

Trata-se da planta, que os selvagens chamam *pacovera*, por ventura a mais admiravel das arvores até hoje vistas. Primeiramente direi que a arvore, do chão aos ramos, não ultrapassa approximadamente a altura de uma braça, não sendo a sua grossura, quando attinge a planta o crescimento normal, tão grande que não possa um homem empunhar o caule, com ambas as mãos empalmadas. E esse caule é tão tenro que se pode cortar com um golpe de faca; as folhas têm a largura de dois pés e, de comprimento, uma braça, um pé e quatro dedos (como posso realmente asseverar).

Vi uma especie, muito semelhante à *pacoveira*, no Egypto-e em Damasco, quando de volta de minha viagem a Jerusalem; suas folhas, todavia, não se approximavam da

<sup>1</sup> No texto, *Paquouera*. Em Léry (p. 192) *Paco-aire* e em G. Soares de Scusa (p. 207) *pacobeira*.

A planta, descripta por Thevet, é a *Musa paradisiaca* L., var. *Normalis* O. Kuntze. Léry e G. Soares de Sousa tratam de outras variedades, que devem ser subordinadas à sub-especie *sapientum*. A observação é de Hoehne, que acrescenta ser a planta, vista pelo frade no Egypto e em Damasco, outra especie de *Musa* (*Bot.*, p. 121).

K. v. d. Steinen, quando affirma que nenhum dos primeiros descobridores menciona a banana (*Entre os aborigenes*, p. 261), não diz a verdade e demonstra, com isso, que desconhecia as obras de Thevet, Léry e outros.

metade sequer das da planta americana. A differença das fructas ainda é maior, pois as da arvore de que falo têm um bom pé de comprimento, isto é, as mais crescidas, sendo tão grossas como o pepino, com o qual, aliás, se parecem muito.

A fructa dessa arvore, que na lingua dos selvagens se chama *pacova*<sup>1</sup>, estando madura é muito saborosa e de boa concocção. Colhem-na os indios, quando está de vez, levando-a para as suas choças, como em regra se faz na França. As pacovas crescem em cachos de trinta a quarenta, bem juntas umas das outras, em penquinhas quasi pegadas ao tronco (como se poderá ver na gravura que vai adiante).

O admiravel é que a arvore não produz mais do que uma vez. Quasi todos os indigenas, até há alguns tempos passados, alimentavam-se dessa fructa durante uma boa parte do tempo, assim como de uma outra, que existe nos campos, chamada *hojriri*<sup>2</sup>. Esta, por seu feitio e porte, era de pensar que proviria de alguma grande arvore: mas nasce, entretanto, em certa planta, cujas folhas são semelhantes à da palmeira, tanto em extensão como em largura. E a fructa tem o comprimento de um palmo e a feição de noz de pinheiro, se não é maior, crescendo no meio das folhas, na ponta de uma haste redonda. Dentro se encontram umas especies de nozozinhas, cujo caroço é branco e gostoso, embora, comido em quantidade, offenda o cerebro (como, aliás, acontece a todas as coisas). O mesmo succede, por exemplo, com o coriandro, se não é devidamente preparado. É possivel que, submettido ao mesmo processo do coriandro, perdesse aquella fructa o seu vicio.

<sup>1</sup> No texto, *Pacona*. Talvez erro typographico, em lugar de *pacova*.

<sup>2</sup> Arthur Neiva (p. 67) dá-nos uma infinidade de synonymos dessa fructa. Descripção em Abbeville (p. 256) e em G. Soares de Sousa (p. 222). Hoehne identifica com o *Diplothemium maritimum*, Mart. (*Bot.*, p. 121), que possui varios nomes communs (buri da praia, coqueiro da praia, c. guriry, imbury, etc.). Cf. M. Pio Correia, I, 338. Se não é que se trata do *arikury* (*C. schizophylla* M.), tambem chamado ouricury ou urucury.

Os selvagens, todavia, não deixam de servir-se da referida fructa, principalmente as crianças. Estão cheios della os campos a duas leguas do Cabo Frio, nas proximidades das lagoas, que atravessei, ao voltar da viagem, quando pus pé em terra.

Direi, de passagem, que, além das fructas encontradas nas margens das lagoas, vi um jacaré, do tamanho de um vitello, proveniente dos brejos proximos, nos quaes havia sido morto. Como acontece com os lagartos, de que já falei, os indios tambem comem da carne do jacaré. Os nativos dão-

**O jacareaçú.** -lhe o nome de *jacareaçú*<sup>1</sup> e são maiores do que os do Nilo. Affirmam os indigenas que, em uma lagoa de cinco leguas de circumferencia, do lado de Pernomeri e da região dos Cannibaes<sup>2</sup>, distante dez graus do equador, há certos crocodilos, maiores do que bois, que lançam um vapor mortal pela garganta. Quem delles se approxima arrisca-se a morrer, — assim o ouviram os indios de seus avós.

**Uma especie de coelho.** No mesmo lugar onde cresce essa fructa, existem numerosos coelhos, semelhantes aos nossos, excepto no porte e na côr. E lá tambem se encontra outro animalzinho, chamado *cutia*<sup>3</sup>, do ta-

<sup>1</sup> No texto, *Jacareabsou*. O jacareaçú da região amazonica attinge quatro metros de comprimento (R. v. Ihering, p. 67). Segundo K. P. Schmidt, os jacarés brasileiros até hoje conhecidos comprehendem seis especies, repartidas em dois generos, o jacareaçú (tambem chamado jacaré-una) é o *Caiman niger* Spix. Cf. a nota de Oliverio Pinto, em Wied Neuwied (p. 118).

Paulo Sawaya (nota à p. LXXXV da recente ed. de Marcgrave) observa que o jacaré, collocado na especie *Alligator*, está hoje incluido na especie *C. sclerops* Schn.

<sup>2</sup> Alguma formação lacustre com o nome de *Pernomeri*, ou *Paranamirim*, *Paramirim*, *Parnamirim*, etc., talvez nas costas de Venezuela, "*tirant aux Cannibales*", diz o texto original, isto é, para o lado da região dos Cannibaes, nome por que eram particularmente designados varios trechos ou ilhas de parte do littoral sul-americano banhado pelo mar das Anti'has. Todavia, Thvet designava tambem por pals dos Cannibaes as terras continentes situadas acima do cabo de Santo Agostinho. Cf. o cap. LXI, nota correspondente. *Paranamiri*, diz Thompson (IV, p. 53), é um rio da "*province and country of Las Amazonas*".

<sup>3</sup> No texto, *Agoutin*. — Léry, p. 144 e 145: "*Passant donc outre aux autres Sauvages de nos Bresiliens, ils ont une beste rousse qu'ils nomment*

A cutia, um animal. manho de uma lebre mesclada, tendo della a bocca e as orelhas e sendo o pello, qual o do javali, duro e em pé, — mas a cabeça igual à da ratazana e o rabo do comprimento de uma pollegada. É inteiramente glabro no dorso (da cabeça à cauda), tendo o pé bifurcado como o do porco.

A cutia vive de fructas. Os selvagens alimentam-na, não só porque a estimam como por causa do sabor de sua carne.

*Agouti, de la grandeur d'un cochon d'un mois, laquelle a le pied fourchu, la queue fort courte, le museau & les oreilles presques comme celle d'un lieure*". Cf. ainda G. Soares de Sousa, p. 297; Cardim, p. 37 e 38; Abbeville, p. 291. Diz Rodolpho Garcia que, nas republicas platinas, prevaleceu a forma *aguti* ou *acuti*. Etymologia do nome em T. Sampaio, *O tupy*, p. 198. Esse roedor (*Dasyprocta aguti*, Linn.), que Thevet foi o primeiro a descrever, — tal é a opinião de Rodolpho Garcia, — tem, realmente, unhas fortes, comparaveis aos casos dos unguifados.

Paulo Sawaya chama a attenção para o informe de A. Couto de Magalhães (p. 254), a saber, que a cutia é a tambem responsavel pela disseminação das sementes de castanha na região amazonica.

Um erro nos caracteres anatomicos desse roedor, commettido por Marcgrave — os seis dedos das patas posteriores — foi repetido por numerosos naturalistas, até que Brisson pôde rectificar o engano. Cf. Eustachio Duarte, "Os primeiros estudos de medicina", p. 175.



## CAPITULO XXXIV

### DE QUE MODO FAZEM, OS SELVAGENS, INCI-SÕES NO CORPO.

Não basta ao selvagem americano andar totalmente nu, pintar o corpo de varias cores e arrancar-lhe o pello. Para tornar-se ainda mais disforme, perfura, quando ainda jovem, os labios, empregando, nessa operação, certa planta afiadissima. O orificio augmenta com o crescimento do corpo, enfiando nelle os indios uma especie de caramujo, — que é um marisco comprido, de casca dura e semelhante às contas de rosario <sup>1</sup>.

Os indigenas mettem essa cunha (quando o marisco deixa a casca) no labio inferior, à maneira do que se faz com o batoque, ou o espicho do moio de vinho, ficando a ponta mais grossa para o lado de dentro e a mais fina para

<sup>1</sup> Os *botoques*, *metaras* ou *tembetás* são adornos labiaes de uso exclusivamente masculino. Encontram-se em quasi todas as tribus da familia tupi-guarani. Os também, que são tupis puros, devem seu nome ao uso exaggerado desses ornamentos (Cart Nimuendajú, p. 287).

Conhecem-se três typos principais de botoques, a saber:

a) Os botoques cylindricos ou conicos, de cerca de duas pollegadas, no dizer de Pigafetta (*apud* J. F. de Almeida Prado, p. 178), ou mesmo maiores. Cf. ainda Abbeville, p. 314; Evreux, p. 37; Staden, p. 148; Cardim, p. 174. Ladislau Netto (p. VIII) e H. v. Ihering (ests. XXI e XXIII) dão-nos algumas reproduções desses typos de adornos, encontrados nas regiões meridionaes do Brasil.

b) Os botoques semelhantes a rolhas de garrafa. E' o typo descripto por Staden (*ib.*).

c) Os botoques da feição de discos, rodellas ou cuias, ovaes ou redondos, tão longos "como o concavo da mão" (Evreux, *ib.*; G. Soares de Sousa, p. 371).

Dembo & Imbelloni (p. 154 *sq.*) estudaram as consequencias morpho-histologicas dos processos deformatorios dos botoques.

o lado de fora. E, logo que a pessoa attinge a idade do matrimonio<sup>1</sup>, trocam-se as conchas por grossas pedras, de côr puxando à êsmalda, às quaes guardam os indios tal estima que difficilmente é possível alguém conseguir um desses objectos, mesmo em troca dos mais altos obsequios, pois são coisas raras no país. Seus vizinhos e amigos trazem taes pedras de uma alta montanha, que fica na terra dos cannibae, polindo-as tão bem, com outra pedra para isso adequada, que o mais habil ourives não o faria melhor. Na montanha, de que falo, talvez se encontrem algumas esmeraldas, pois uma dessas pedras me pareceu realmente verdadeira<sup>2</sup>.

É assim que os selvagens americanos se desfiguram, isto é, à custa de orificios e grossas pedras no rosto; mas

<sup>1</sup> As cerimoniaes preliminares do uso do botoque começavam no verdor da idade (aos quatro, cinco ou seis annos) (cf. Abbeville, p. 313 e 314; Staden, p. 148; G. Soares de Sousa, p. 371; Barleu, p. 281). Eis a referencia de Léry (p. 103 e 104): "*Ovtreplus. ils ont crste coustume, que dès l'enfance de tous les garçons, la leure de dessous au dessus du menton, leur estant parsee, chascun y porte ordinairement dans le trou un certain os bien poli, aussi blanc qu'ivoire, . . . tellement que le bout pointu sortant un pouce ou deux doigts en dehors, cela est retenu par un arrest entre les gêcines & la lêure, & l'ostent & remettent quand bon leur semble. Mais ne portans ce poinçon d'os blanc qu'en leur adolescence, quand ils sont grans, & qu'on les apelle Conomi-quassou (c'est à dire gros ou grand garçon)*", etc.

Os pais ferviam o cauim e convidavam os parentes e amigos; nessa occasião, com chifrezinhos ou ossos de veado, perfuravam o labio inferior do menino e, no orificio, introduziam o rolete de pau ou de pedra, ou um caracol. Se o paciente chorava, era isso prenuncio de pouco valor. Na puberdade, substituia-se a metara inicial pela pedra verde symbolica, e, quando o guerreiro praticava grandes feitos; abriam-se mais orificios na face. Cf. Simão de Vasconcellos, p. 51; Nobrega, p. 98; G. Soares de Sousa, p. 371 (affirma existir indigenas que perfuram o labio superior); Staden, p. 148.

<sup>2</sup> O material para a fabricação dos botoques era variado (ossos ou madeira; buzios; pedras de cores varias — calcedonia, quartzo, beryllo, feldspatho, nephryte, com chifre, etc.). A nephryte era, realmente, a mais estimada das pedras, por constituir, no dizer de alguns autores, uma especie de *muirakitã* ou amuleto. Cf. Léry, p. 104; Abbeville, p. 313; Évreux, p. 36 e 37; fr. V. da Salvador, p. 59; *Dialogos*, p. 286. A respeito do assumpto, leiam-se ainda: J. Barbosa Rodrigues, *O muirakitã e os idolos symbolicos*, Rio, 1899; Camillo Torrend, "O culto das pedras verdes entre os aborigenes do Brasil", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. da Bahia*, n. 45, São Salvador, 1919; F. R. Simch, "Tembetás", em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul*, anno I, 3.º e 4.º trim., Porto Alegre, 1924; Raymundo Moraes, *Paiz das Pedras Verdes*, Manaus, 1930. *Tembetã* não é simplesmente o botoque, mas todo enfeite pendente do beijo inferior, explica Affonso A. de Freitas (p. 135).

Intéressante nota de Basilio de Magalhães, à obra de Martius, *Viagem*

nisso experimentam tanto prazer como um alto fidalgo francês, quando traz os seus ricos e preciosos collares. E de tal modo que é tanto mais honrado e tido como senhor ou morubixaba quem mais exhibe pedras, nos labios, na bocca e nas faces. As pedras, que trazem os homens, são da espessura de um dedo grande e, às vezes, tão largas quanto um duplo ducado, senão mais, impedindo-lhes, por isso, a palavra. Quando estão assim adornados, difficilmente se pode entendê-los, pois é como se estivessem com a bocca cheia de farinha.

A cavidade produzida pela pedra torna o labio inferior do tamanho de um punho e, segundo a sua grossura, é possível estimar a capacidade de resistencia do orificio. Quando, entretanto, querem os indios falar, retiram a pedra. E, então, se vê a saliva correr pelo conducto, — aspecto hediondo à vista<sup>1</sup>. Essa gentinha, enfim, quando pretende zombar de alguém, costuma estirar a lingua pelo buraco destinado ao adorno.

As mulheres não são tão disformes, embora tragam certos brinco às orelhas, semelhantes às velas de um *liard* de largura e comprimento; são feitos com os grandes buzios<sup>2</sup> e conchas marinhas. Os homens, demais, conduzem ao pescoço crescentes do tamanho de um pé (commummente as crianças de dois ou três annos)<sup>3</sup>. E tambem alguns collares

pelo Brasil, III, p. 205-206. Outra não menos interessante, a de Luiz da Camara Cascudo, à p. 334 das *Viagens* de Koster, ed. de 1942.

<sup>1</sup> Léry, p. 104: "*quand ces pierres sont ostées, nos Tououpinambaults pour leur plaisir font passer leurs langues par ceste fente de la leurre, estant lors aduis à ceux qui les regardent qu'ils ayent deux bouches*".

<sup>2</sup> Sobre o assumpto, consultar: Léry, p. 115 e 116; Staden, p. 149; Cardim, p. 174; Abbeville, p. 313 e 314; Dobrizhoffer, I. p. 71; J. B. Fernandes Gama, I, p. 32.

<sup>3</sup> O crescente (*jacy*) era um collar symbolico, em forma de meia-lua, "branco como neve" e feito, algumas vezes, de "grandes buzios marinhos" (Staden, p. 148; Léry, p. 105). Os otolithos de certos peixes serviam, tambem, de pendentos ou placas peitoraes (Cardim, p. 82).

**Collares de bu-  
zios. Especie  
de contas  
brancas.**

brancos, fabricados com outras especies de bu-  
zios<sup>1</sup>, apanhados no mar, aliás muito caros e  
estimados. As contas de rosario, que se ven-  
dem actualmente em França, quasi tão brancas  
quanto o marfim, procedem das regiões ame-  
ricanas e são os proprios indigenas que as fabricam. São  
transportadas pelos marinheiros, que a adquirem por preços  
vis. E, quando começaram a ser usadas em França, acre-  
ditava-se tratar do coral branco; só depois se viu que a  
materia de que são feitas é a porcelana. É permitido ben-  
zê-las, assim o queira o dono.

**Braceletes de  
escamas de  
peixes.**

Vi, ainda, braceletes de ossos de peixe;  
são dispostos à maneira dos braçoes dos gen-  
darmes. Os selvagens, finalmente, apreciam  
muito as nossas contas de vidro.

**Deformidade  
dos selvagens  
americanos.**

O que desfigura os indigenas, sobretudo, são as tintas  
de certas côres, que usam homens e mulheres,  
extrahidas, como já se disse, dos fructos. Os  
selvagens pintam-se e adornam-se reciproca-  
mente, mas são as mulheres que tingem os  
homens, desenhando mil primores, taes como linhas, ondas  
e coizas assim semelhantes, em traços tão miudos que mais  
não é possível.

Não diz nenhum livro que existam outros povos com o  
mesmo costume. É exacto que os scythas, quando iam visitar  
seus amigos, por occasião da morte de alguem, pintavam  
as faces de preto. As mulheres da Turquia esmaltam as  
unhas com uma especie de tinta vermelha ou persa, julgando,

<sup>1</sup> O nome desse collar é *hou-re*, diz Léry (p. 106), cujo termo, restauração,  
é *mboyr*, *boyra* (cf. Plinio Ayrosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 103).

Os tupinambás fabricavam collares de ossos (dentes de pirambá, dentes  
humanos, dentes de animaes ferozes). Eram os *aiucarás*, especies de condecora-  
ções que ninguem, diz o padre J. Daniel, se atrevia a usar sem o merecer  
(*iaurapora* era o nome tambem dos collares de ossos, diz E. Stradelli, p. 450).  
Havia-os ainda de madeira preta, "luzente como azucviehe". Alguns desses  
ornamentos attingiam seis braças de comprimento. Traziam-nos os homens, tanto  
ao pescoço como nos braços; mas as mulheres preferentemente nos braços (cf.  
Staden, p. 77 e 148; G. Soares de Sousa, p. 372; Cardim, p. 174; Simão de  
Vasc., p. 55).

desse modo, que se tornam mais bellas; mas não tingem o resto do corpo.

As mulheres americanas não tingem o rosto e o corpo de seus filhos apenas de negro, mas de varias outras côres, especialmente de uma que se assemelha ao *boli* armenio. Essa ultima tinta é fabricada de uma terra gorda como a argilla, que dura por espaço de quatro dias. As indias pintam-se as pernas com uma tinta de côr igual ao *boli* armenio, de modo que, ao vê-las de longe, julgar-se-á que estão mettidas em bellas calças de fina estamenha preta.

## DAS VISÕES, SONHOS E PHANTASIAS DOS SELVAGENS. E DE COMO SÃO PERSEGUIDOS PELOS ESPIRITOS MALIGNOS.

Porque os selvagens americanos são sujeitos à perseguições do espirito maligno.

É admiravel que essa pobre gente, embora privada da verdadeira razão e do conhecimento de Deus, seja sujeita não só a muitas phantasias, como à perseguição do espirito maligno. Entre nós já houve casos semelhantes, antes do advento de Nosso Senhor, uma vez que o espirito maligno só tem um objectivo, que é seduzir e depravar as criaturas privadas da revelação divina.

Os selvagens americanos vêem, muitas vezes, um mau espirito, que se lhes apresenta sob varias formas. Chamam-lhe de *agnan*<sup>1</sup>. *Agnan* persegue-os frequentemente, noite e dia, não só à alma como ao corpo, castigando os indios, ou ultrajando-os em excesso; de tal modo que, em certas occasiões, vê-los-eis proferir espantoso grito, supplicando, se houver algum christão por perto, — “Não vês (dizem, em sua lingua) que *agnan* me bate? Defende-me,

<sup>1</sup> No texto, *Agnan*. *Anhan* ou *anhanga* tem sido objecto de varias interpretações. Métraux encontra em *anhanga* natureza identica à de jurupari. Segundo a maioria dos autores, *anhanga* é um espirito mau, tennido pelos indigenas (Léry, p. 271 sq.; Staden, p. 138; Cardim, p. 162; Simão de Vasconcellos, p. 72), ou, pelo menos, uma sombra, visão, vulto, consciencia (Plínio Ayrosa, Os “Nomes das partes do corpo humano na lingua do Brasil” de Pero de Castilho, etc., p. 68). Luiz da Camara Cascudo considera-o um mytho de confusão verbal: *anga*, alma dos mortos, é o espirito errante, o maleficio, a diabrura, o pesadello, “o medo sem forma e sem nome possivel”; o *anhanga* “um nune protector da especie, superstição indigena, mytho local”. “O arga assombrador... parece-me ser o *ur-mythus*, a *crendice inicial*” (p. 79-80).

Que o mytho de *anhanga* tem relação com a *alma dos antepassados*, não resta duvida. Os actuaes chiriguanos temem sair à noite, receosos dos maus

se desejas que te sirva e que te corte madeira” — porque, em determinados tempos, trabalham os selvagens, em troca de ninharias, no corte do pau-brasil.

Por conseguinte, evitam os indigenas sair à noite de suas choças sem levar fogo consigo, que acreditam ser um soberano remedio e defesa contra os seus inimigos<sup>1</sup>. E, quando me contaram esses factos, acreditei tratar-se de fabulas; mas a historia é pura verdade, pois tive ensejo de ver um christão expulsar os maus espiritos só ao invocar e pronunciar o nome de Jesus Christo. O mesmo acontece no Canadá e na Guiné, onde os indigenas têm varias visões e são atormentados, sobretudo nos bosques, por um espirito chamado *grigri*<sup>2</sup>.

Demais, os selvagens americanos, por serem desprovidos de razão e do conhecimento da verdade, estão facilmente sujeitos a cair em varias loucuras e erros. Por isso, notando e observando diligentemente as coisas, acreditam que tudo o que vêem em sonhos deve, na realidade, acontecer<sup>3</sup>. Se, por

**O que pensam os selvagens dos sonhos.**

espiritos, que afugentam, à maneira dos tupinambás, por meio do fogo. Os chiriguanos chamam precisamente de *anã* às almas dos mortos.

Os tupinambás acreditavam que *anhanga* devoraria o cadaver, se não encontrasse este, na cova, alimentos adrede preparados. Quando morria um guerreiro, sua alma voava para as altas montanhas, ao contrario da dos poltrões, que caia em poder de *anhanga*. Passando por uma evolução, *anhanga* toma a forma de um mytho relacionado com o genio protector da caça, symbolizado no veado, animal aguil e arisco (Affonso A. de Freitas, p. 77 sq.). *Anhanga*, diz J. Barbosa Rodrigues, apparece communmente ao homem sob a forma de um veado avermelhado, de cornos velludos, de olhos de fogo, de cruz na testa, conhecido pelo nome de *suaçu-caatinga*, ou ainda, veado catingueiro. *Anhanga* (ensina Stradelli) é o espectro, o phantasma, o duende, a visagem: “Há *mira-anhanga*, *tatú-anhanga*, *suaçu-anhanga*, *taçyra-anhanga*, — isto é visagem de gente, de tatú, de veado, de boi”. Conhecida é a lenda de Couto Magalhães, na qual um indio tupi, perseguindo uma veada, que ainda amamentava, acabou soffrendo o mais negro castigo. Nessa lenda, quando o caçador vae apanhar o animal abatido, tem a desdita de deparar com a propria mãe, que jazia morta, no chão, varada pela flecha (p. 162 e 163). Tinha sido victima de *anhanga*.

<sup>1</sup> Léry, p. 327. Cf. o cap. LIII, nota correspondente.

<sup>2</sup> Aliás, *gris-gris*, quasi sempre synonymo de fetiche. L. Tauxier (p. 89) acredita que a forma *gri-gri* provém do adjectivo bambara *guri*, poderoso. De onde *guri-guri*, *gri-gri*, muito poderoso.

<sup>3</sup> Os sonhos exerciam importante papel nas expedições hellicas do silvicola, para quem o mundo visível como que se identificava com o mundo invisível.

exemplo, sonham que derrotam os inimigos, em que serão por elles vencidos, — não há quem os possa dissuadir do contrario, acreditando nisso tanto quanto os christãos depositam fé nos Evangelhos. Os philosophos, é verdade, pensam existirem sonhos, que naturalmente se podem tornar reaes, de accordo com os humores e disposições do corpo. Tal o caso de sonhar alguem com o fogo, com a água, ou com objectos negros, ou coisas semelhantes; mas, proceder, nesse sentido, à maneira dos selvagens americanos, é tudo o que há de mais impertinente e contrario à religião. Macrobio, falando de Scipião, diz que os sonhos se realizam, alguns porque são incitados pela vaidade, outros porque correspondem aos desejos. Os lacedemonios, os persas e outros povos emprestam fé aos sonhos, do mesmo modo que os selvagens americanos.

Os indigenas têm ainda uma outra estranha e abusiva crença, isto é, consideram a alguns dentre elles como verdadeiros prophetas. São os *pagés*, a quem contam os sonhos e a quem encarregam de interpretá-los. Pensam os selvagens que os *pagés* só dizem a verdade.

Aqui caberia dizer que Plinio foi o primeiro a traduzir os sonhos, tendo sido Trogus Pompeu, posteriormente,

O sonho é uma realidade; a *alma* deixa momentaneamente o corpo e vae aconselhar-se com os mortos (sobre o assumpto, cf. Lévy-Bruhl, *La mentalité primitive*, p. 94 sq.).

Entre os tupinambás e demais tribus do littoral brasileiro, o sonho tambem occupava notavel função nessa ordem da vida collectiva do amerindio. Thevet informa-nos que esses aborigenes consultavam o *pagé*, o qual lhes recommendava prestar especial attenção aos sonhos. Se alguem, p. e., sonhava com a carne do inimigo estendida no moquem, podia partir confiadamente para a guerra (Staden, p. 157 e 158). Todo acontecimento insolito era presago: o encontro do jaguar ou da cobra, o uivo dos animaes, o pio das aves agoureiras, uma flecha que tombava, uma corda que se rompia. “Já aconteceu (diz Gandavo) terem uma aldeia quasi vencida e por um papagaio que havia nella falar umas certas palavras, que lhe elles tinham ensinado, levantarem o cerco, e fugirem sem esperarem o bom successo que o tempo lhes promettia, crendo sem duvida que se assi o não fizeram morrerão todos a mãos de seus inimigos” (p. 133).



Amphitryão, o primeiro interprete dos sonhos.

quem mais se tornou excelso nessa sciencia. Plinio, todavia, opina que foi Amphytryão o primeiro interprete dos sonhos. Poderia ainda acrescentar varias coisas a proposito dos sonhos e adivinhações, dizendo quaes os verdadeiros ou não, as suas modalidades e causas, — tudo de accordo com o que ensinam os antigos autores. Esse assumpto, todavia, repugna à religião christã, que não manda crer senão no que ensinam as Santas Escripturas, — motivo pelo qual nada mais direi. Mesmo porque, embora se possam colher alguns resultados, nem por isso se vem a estar livre de muitos erros.

Os selvagens americanos (tornando ao assumpto) reverenciam altamente aos seus prophetas, a quem chamam pagés, ou carahibas, ou seja, o mesmo que semi-deuses. São os indios, realmente, idolatras, não menos que os antigos gentios.

## CAPITULO XXXVI

### DOS FALSOS PROPHETAS E MAGOS DO PAÍS. COMO FALAM AOS ESPIRITOS MALIGNOS. E TAMBEM DE UMA ARVORE CHAMADA *AHOUI*

Esse povo assim afastado da verdade, — além das perseguições que soffre do espirito maligno e além dos seus sonhos erroneos, — mantem-se ainda tão fora da razão que adora o diabo, por meio de seus ministros, chamados pagés<sup>1</sup>, dos quaes já fallei. Esses pagés, ou carahibas, são gente de má vida, que se applica a servir ao diabo com o objectivo de tirar partido de seus companheiros. Taes impostores, para encobrir sua malicia e fazerem-se honrar pelos demais, commummente não permanecem muito tempo

<sup>1</sup> No texto, *Paqê*. Outras formas — *pajë*, *païé*, *paé*, *piajé*, *payni*, *païri*, *piacê*, *piaché*, *pauché* (entre os tapirapés), *piaga* (neologismo empregado, como se sabe, por A. Gonçalves Dias, proveniente, segundo já demonstrou Baptista Cantano, de um erro typographico). Cf. Martius, *O direito*, p. 58. Acredita-se que a instituição do pagé teve uma base mais ampla do que a da cultura chamada *amazonica*, como o demonstra o nome *piaché*, peculiar às Antilhas e o nome *payni*, que é o feiticero mexicano. “*De qué origen racial fuera este hombre de medicina y dónde se elaboraron sus conocimientos y sistemas, no está definitivamente averiguado, pero de seguro no nació en el ambiente Tupi, dentro del cual fué nombrado Pay o Caraibe*” — diz Imbelloni (cf. Ramon Pardal, p. 17 e 18).

O pagé surgiu com o *velho*, isto é, com a classe dos individuos experimentados nos segredos e vicissitudes da vida (Roquette-Pinto, *Seiras Rolados*, p. 155). E, embora commum a todos os grupos cultural-linguisticos sul-americanos, em nenhum delles adquiriu essa entidade uma expressão tão característica quanto entre os tupis-guaranis.

Nascia como que predestinado. Não se improvisava. “Só os fortes de coração (diz Stradelli)... os que têm o folego necessario podem esperar a ser pagé” (p. 585). Évréux enumera as provas, que elevavam um homem à categoria de pagé, — *v.g.*, curar os doentes com o sopro ou prenunciar as chuvas (p. 254); Hans Staden criou fama de mago por ter tido a boa sorte

no mesmo sitio. Assim se tornam vagabundos, errando, cá e lá, pelos mattos e outros lugares, não tornando, juntamente com seus companheiros, senão raras vezes e em determinadas horas.

Os pagés fazem crer que se entretêm com os espiritos a proposito do interesse da communidade. Ou que será preciso agir desse ou daquelle modo. Ou, ainda, que acontecerá isso ou aquillo. Com o que são recebidos e amimados com todas as honras, sendo nutridos e sustentados sem nada fazerem. Há mesmo quem se julgue feliz em perdurar na graça dos pagés, ou poder offerecer-lhes presentes.

Se acontece que algum selvagem se toma de indignação, ou vem a ter querella com o seu proximo, é costume procurar-se o pagé. O fim é conseguir que o feiticeiro promova, por meio de venenos, a morte daquelles a quem se deseja mal. Para que o pagé se serve, entre outras coisas, de uma arvore chamada, em sua lingua, de *ahouai*<sup>1</sup>, que produz fructas venenosas e mortaes.

de fazer crer aos tupinambás que impedira, certa occasião, a queda de uma tempestade (p. 114 e 115). E' verdade que, algumas vezes, o feiticeiro ignora o seu poder magico, que só se revela insolitamente.

O pagé, além das curas e outras praticas magicas, presidia às ceremonias religiosas em geral. E, se seus sortilegios cresciam de fama, viamo-lo transformado em homem-deus (*pagé-açú, carahiba, santidade*): por onde transitava, grave, pouco communicativo, seguiam-no todos. Nada lhe faltava e dispunha de quantas mulheres quisesse. Era acolhido com dansas, cantos e yinhos (Abbeville, p. 376). E limpava-se o caminho por onde o mesmo tinha de passar (Nobrega, p. 99).

<sup>1</sup> No texto, *Ahouai*. Em Léry, *Aouai*, com descripção à p. 189 e 190. Os indios davam o mesmo nome à liga feita com taes fructas (Abbeville, p. 319). "*Ex fructus Aguay, qui triangularis est, corticibus, quos filo annectunt etiam menilia faciunt, quae cruribus infra suras circumligant, qui cortices inter saltandum sonum quandam edunt*" (Marcgrave, p. 271).

A planta é a *Thevetia ahouai* DC., conhecida tambem pelo nome de *chapu-de-Napoleão*. "Além de Linnæu (commenta Hoehne, *Bot.*, p. 123), Plumier se occupou da sua descripção botanica e depois disto ella tem sido mencionada a miudo pelos phytologos. Analyses chemicas della e de affins conhecidos como *jerro-jorro* existem muitas. Veja-se para isto o trabalho *Flora Medica Brasiliæ* (1913), pag. 148, de Alfredo Augusto da Matta. Nas Antilhas existê a *Thevetia nerifolia* L., com o mesmo nome vulgar mencionado por Thevet, o que nos demonstra que naquella parte da America os aborigenes a usavam e conheciam na mesma epocha em que aqui no Brasil cultivavam aquella. De Vrij a estudou e extrahiu della uma glycoside toxica que denominou *Thevetina*. Acreditamos que a *Thevetia bicornuta* Muell Arg., — que Spencer Moore affirmou ter encontrado em Matto Grosso, — é a mesma *T. ahouai* L. "Tambem é conhe-

Essa fructa, da grossura de uma castanha commum, é realmente venenosa, sobretudo o seu caroço. Os homens empregam-no contra as suas mulheres, quando com ellas se zangam pelos mais futeis motivos. E as mulheres contra os homens (mas essas infelizes mulheres, quando estão gravidas, se o marido as aborrece, preferem, em lugar do *ahouaï*, certa erva abortiva).

A fructa branca do *ahouaï*, inclusive o caroço, tem a forma de um  $\Delta$  grego. Della os selvagens, quando tirado o caroço, fazem campanulas, que prendem às pernas. Essas campanulas produzem tanto ruido quanto as nossas campainhas. Jámais os indigenas dariam dessa fructa aos estrangeiros, quando colhidas de fresco, prohibindo mesmo que seus filhos lhes toquem antes da saída do caroço. É o *ahouaï* arvore quasi da altura da pereira. Tem folhas de três a quatro metros de comprimento e dois de largura, verdejantes durante todo o anno. A casca é esbranquiçada. Quando se decepa algum dos seus galhos, deita um succo tambem branco, quasi da côr do leite. A arvore, cortada, exhala um cheiro estranhamente fetido. Como os selvagens não na usam, de modo algum, tambem com ella não fazem fogo. Deixo para melhor oportunidade a descripção da propriedade de varias outras plantas, de fructos maravilhosamente bellos, tanto ou mais venenosos do que o *ahouaï*, do qual dou, ao lado, um desenho ao natural.

Têm os selvagens em tanta honra e reverencia os pagés que chegam a adorá-los, ou mesmo a idolatrá-los. Quando os feiticeiros retornam de alguma parte, o povareu vae buscá-los no caminho, prosternando-se e rogando: — *Não nos deixeis cair doentes; não nos deixeis morrer nunca, nem a nós nem aos nossos filhos.* E assim, outras coisas mais. Ao que responde o pagé: — *Nunca morrereis, nunca vos*

cida pelas nomes de *agahy*, *aguahy*, *cascavelleira*, *tingui de leite* (cf. M. Pio Correia, *Diccionario*, I, 34). A f. 121, Thevet emprega outra forma graphica — *Houanay*.

O louro-rosa amarello, conhecido em Marajó pelo nome de "mamã de cachorro", tambem tem o nome scientifico de *Thevetia amazonica* Ducke,

Perdeu-se o desenho original, de que fala Thevet,

*sentircis doentes*. Mas, se acontece que os pagés não dizem a verdade, ou que os factos não correspondem ao presagio, os selvagens não têm difficuldade em dar-lhes a morte, por considerá-los indignos do titulo e dignidade de feiticeiro.

Cada aldeia, segundo a sua população ou tamanho, manteu um ou dois desses veneráveis. Quando se trata de saber alguma coisa nova, de importancia, usam os indigenas de certas cerimoniaes e innovações diabolicas, a saber: levantam, primeiramente, uma choça nova, jãmais habitada, estendendo dentro della uma rede branca e limpa; em seguida, transportam para a referida oca grande quantidade de viveres, inclusive o cauim (que é a sua bebida ordinaria, mas fabricada por uma donzella de dez ou doze annos) e a farinha de raizes (que os indios usam em lugar do pão); finalmente, depois de tudo assim preparado, o povo, reunido, conduz esse gentil propheta à cabana, onde o mesmo permanece sôzinho, depois que uma das moças lhe der agua para lavar-se. É preciso notar, entretanto, que, antes do mysterio, o pagé deve abster-se de relações sexuaes com a sua esposa. Isso por espaço de nove dias.

Em seguida, quando fica só na cabana e quando todo o povo já se tem afastado do local, estende-se o feiticeiro no leito e começa a invocar o espirito maligno. A invocação dura toda uma hora, havendo ainda outras cerimoniaes do costume, mas que não podem ser percebidas; de tal modo que, no final do rito, o espirito acaba por chegar, silvando e assobiando (como dizem). Affirmam mesmo alguns indios que esse espirito apparece, em certas occasiões, na presença de toda a gente. Ninguem o vê, mas todos percebem qualquer coisa semelhante a um ruido ou uivo. Ao que todos exclamam, a uma só voz: — *Rogamos-te dizer a verdade ao nosso propheta, que te aguarda lá dentro.*

**Quaes são as perguntas, que se fazem ao espirito maligno.**

coisas, que o

*Houioulsira.*

seu propheta lhe havia predito a chegada dos francezes. Chama-se o espirito *houioulsira*<sup>1</sup>. Isso e outros factos me affirmaram alguns christãos, que há longos tempos vivem entre os silvicolas. E, principalmente, que os selvagens americanos não se lançam a nenhuma empresa sem ouvir aos seus prophetas.

Ao terminar o mysterio, sae o pagé da palhoça e, sendo logo cercado pelo povo, discorre sobre tudo o que pôde entender. E sabe Deus os obsequios e presentes, que lhe faz cada um.

Não foram os selvagens americanos os primeiros a praticar a magia abusiva; antes delles a magia já era familiar a varios povos, mesmo ao tempo de Nosso Senhor, que destruiu e aboliu o poder, exercido por Satan sobre o genero humano. Dessa magia há duas

**Duas especies de magias.**

principaes especies: uma, pela qual pode o homem communicar-se aos espiritos malignos; e outra, que desvenda as coisas mais secretas da natureza. Ambas revelam uma grande curiosidade, embora seja mais viciosa uma do que a outra. Em verdade, quando o homem possui tudo quanto precisa e de tudo entende até a medida permittida por Deus, — por que, então, essa necessidade de pesquisar os segredos da natureza, que Nosso Senhor só a si se re-

<sup>1</sup> No texto, *Houioulsira*. Confronte-se a terminação *ira* (pron. *irá*) com *andirá* (morcego), *quirá* (passaro). "Há tambem certos passaros nocturnos que não cantam, mas têm um piado queixoso, enfadonho e triste, que vivem sempre escondidos, não saindo dos bosques, chamados ne'os indios *uirá jeropari*, *passaros do diabo*", etc. (Évreux, p. 250). Os tupinambás temiam muito certa especie de passaro, que Métraux identifica com o *matim tapirera* (*Cuculus cayanus* L.). Affirmam os mundurucús que é sob essa forma que os mortos vêm caçar na terra. Sobre o assumpto, cf. Métraux, *La rel. des Tup.*, p. 69.

O *matinta-perceira* é, realmente, uma ave da familia dos cuculideos (*Tapera naevia*, L.), talvez parente da alma-de-gato (*Piaya cayana*, L.).

servou conhecer? Tal curiosidade indica mentalidade atrasada, ignorancia e falta de fé ou de boa religião. E ainda mais iludida é a gente simples, que acredita em impostores desse feiticeiros.

Não me canso de admirar como, em um país policiado e civilizado, deixem-se pullular tantas torpezas, com um sem numero de velhas feiticeiras, que põem ervas nos braços, penduram escriptos ao pescoço e sabem innumerous mysterios ou cerimoniaes proprias para a cura de febres, — tudo verdadeira idolatria, digna de seria punição. E note-se: hoje em dia, são as pessoas de maior importancia, entre as quaes deveria existir mais razão e entendimento, as primeiras atingidas por essa cegueira, não sendo, pois, de pasmar que a gente simples empreste fé, mesmo levemente, àquillo que vê acceto por outros tidos por mais avisados.

Oh, cega brutalidade! De que servem as Santas Escripturas, as leis e outras boas sciencias, das quaes Nosso Senhor deu conhecimento à humanidade, se vivem todos em erro e ignorancia, tanto quanto esses tristes indios e mais selvagememente que os brutos animaes? E pretende o homem, todavia, professar a virtude. E pretende saber muito! Não é de admirar, pois, que os antigos, ignorantes da verdade (embora a procurassem por todos os meios), tenham caido em erro. Finalmente, muito menos é de admirar que os selvagens americanos tenham tambem caido em erro. O certo é que cessará a vaidade humana quando Deus o quizer.

Há uma damnada magia (como ia dizendo) que se chama *theurgia* ou *goecia*, cheia de encantamentos, palavras, ritos e invocações. Algumas outras mais especies existem, ligadas à *theurgia*, de que se diz ter sido inventor Zabulus. Mas, a verdadeira magia, que consiste em buscar e contemplar as coisas celestes, que consiste em honrar a

**Theurgia, magia damnada.**

**Zabulus.**

Qual é a verdadeira magia.

O que significa *magus* na lingua persa.

em a nossa,

Zamolxis e Zoroastro.

Deus, — essa foi sempre louvada por muitas altas personagens. Magos eram os três reis, que visitaram Nosso Senhor. Tal magia sempre foi considerada perfeita sapiencia. Assim, os persas não admittiam no throno do imperio senão aquelles que se tinham educado nessa magia, isto é, aquelles que eram sabios. Porquanto, *magus*, em sua lingua, é o mesmo que sabio σοφός, em grego e *sapiens* em latim, tendo sido inventores da sciencia dos persas Zamolxis e Zoroastro (este ultimo não o celebre, mas filho de Oromase).

Diz Platão, no seu *Alcibiades*, que a magia de Zoroastro não é mais do que o conhecimento e louvor de Deus. Tanto que, para estudar e conhecer essa sciencia, atreveu-se, ultrapassando mares e terras, a ir a um país estranho: Como tambem o fizeram Pythagoras, Empedocles e Democrito. Sei que Plinio e varios outros autores esforçaram-se por tratar da magia persa, assim como dos lugares onde a mesma era acceita ou professada, ou dos que a criaram ou praticaram, mas sem precisar assás claramente qual dellas, visto existirem tantas especies.

Eis o que achei conveniente dizer sobre o assumpto, que veio a proposito das crenças e costumes dos selvagens americanos.



CAPITULO XXXVII

IDÉIAS DOS SELVAGENS A RESPEITO DA  
IMMORTALIDADE DA ALMA.

**Contra os** Essa pobre gente, por maior que seja o  
**atheistas.** seu erro ou ignorancia, é, sem comparação,  
muito mais toleravel do que os condemnaveis  
atheistas dos tempos actuaes; os quaes, embora feitos à ima-  
gem e semelhança de Deus eterno (pois não deixa de ser  
o homem a mais perfeita das criaturas), pretendem despo-  
jar-se de seus predicados, como que se equiparando aos ani-  
maes selvagens. Isso, apesar dos milagres. Isso, não obs-  
tante o ensinamento das Escripturas.

Esses atheistas deviam ser tratados como bichos, pois  
não há animal irracional que não renda obediencia ao homem,  
— imagem de Deus, — ou não lhe preste serviço (facto que  
se verifica frequentemente). De certo, virá o dia em que  
os mesmos hão de saber se existe alguma coisa depois da  
morte. Mas, praza a Deus levá-los ao bom caminho, ou  
que cedo venham a desaparecer da face da terra, afim de  
evitar maiores damnos ao proximo.

Os selvagens julgam que a alma, a quem  
chamam de *cherepicouare*<sup>1</sup>, seja immortal. Ou-  
vi essa opinião, quando lhes perguntei em que  
se tornaria o espirito após a morte. As almas  
dos que valorosamente lutaram contra seus ini-  
migos (dizem) seguem, em companhia de va-

<sup>1</sup> No texto, *Cherepicouare*. Na *Cosm. Univ.*, Thevet escreve *Cherippy couares* (pl.). Métraux chama a attenção para a sua variante — *cheripiconare* (*La rel. des Tup.*, p. 231).

rias outras, para os lugares deliciosos, — os bosques, os jardins, os vergeis; as dos que, ao contrario, não defenderam bem o torrão natal, vão viver ao lado de *agnan*. Tendo interrogado, a esse respeito, um dos principaes chefes do país, que havia viajado trinta leguas para visitar os franceses, respondeu este, assás furiosamente, em sua lingua, confirmando as informações anteriores: — *Não sabes, que, após a morte, as almas vão para uma longinqua região, vivendo ali, todas juntas, em lindas paragens, conforme nos dizem os pagés, que as têm visitado frequentemente e com ellas têm conversado?* Os selvagens acreditam nessas coisas com segurança, sem nenhuma vacillação.

De outra feita, tendo ido visitar um outro morubixaba do país, chamado Pindahucú<sup>1</sup>, o qual se achava em seu leito, acommettido por uma febre rebelde, começou o mesmo a interrogar-me, perguntando, entre outras coisas, o que aconteceria, após a morte, às almas dos *mairs*. Respondi-lhe que iriam para a companhia de Tupan, no que acreditou facilmente. E, em contemplação a isso, replicou-me: — *Vem cá. Ouvi tua grande historia a respeito de Tupan, que é todo poderoso. Pois bem. Fala, por mim, a Tupan. Roga-lhe que me cure. Se, de facto, eu vier a curar-me, dar-te-ei bellos presentes. Quero honrar a Tupan. Quero andar com roupas iguaes às tuas e, do mesmo modo, trazer a barba crescida.* Realmente, ao restabelecer-se, o senhor de Villegagnon deliberou batizá-lo e, para esse fim, o reteve consigo.

Os selvagens mantêm outra crença estranha, a saber, quando navegam, no mar ou no rio, à procura de seus inimigos, acreditam, se surge alguma tempestade, como sempre succede, — que a

<sup>1</sup> No texto, *Pindahousou*. Deve ser, talvez, o mesmo Pindobucú, de que fala Anchieta (p. 204).

mesma tem relação com as almas dos parentes e amigos. A razão disso não sabem, mas, para apaziguar a tormenta, lançam alguma coisa na agua, a titulo de offerenda. E, por esse meio, esperam acalmar os elementos<sup>1</sup>.

Quando morre algum dos selvagens, seja morubixaba ou não, todo aquelle, que possui um dado objecto pertencente ao morto, evita retê-lo, antes devolvendo-o publicamente. O objecto deve ser enterrado com o defuncto, porquanto, não sendo restituído, acreditariam que a alma os viesse a molestar<sup>2</sup>.

Quisera Deus que muitos dentre nós tivessem semelhantes idéias (digo-o sem receio de errar). Só assim se evitaria que tanta gente porfiasse em guardar o bem alheio, como hoje acontece, sem nenhum receio ou pudor.

Finalmente, depois que os selvagens restituem ao morto aquillo que lhe pertencia, ligam-no e amarram-no com algumas cordas, feitas de algodão ou de casca de certas arvores, de tal modo que, segundo a opinião dos indios, não seja possível ao defuncto retornar ao mundo, — coisa, aliás, que muito temem. Dizem os selvagens que isso já aconteceu, outrora, aos seus maiores e ancestraes, motivo pelo qual re-

<sup>1</sup> A f. 75, Thevet refere-se à mesma pratica magico-religiosa dos tupinambás. Dessa vez menciona o objecto, que os selvagens atiravam na agua — pennas de perdiz. De um rito semelhante fala Anchieta (p. 331): "Nenhuma criatura adoram por Deus, sòmente os trovões cuidam que são Deus, mas nem para isso lhes fazem honra alguma, nem communmente tem idolos, nem sortes, nem comunicação com o demonio, posto que têm medo delle, porque às vezes os mata nos mattos a pancadas, ou nos rios, e, porque lhes não faça mal, em alguns lugares medonhos e infamados disso, quando passam por elles, lhe deixam alguma flecha, ou pennas, ou outra coisa como por offerta" (cf. tambem a p. 128). Eram esses actos cerimoniaes symbolicas, que E. Kagarov classificaria entre as "*apophœuistiques*" (II, p. 50).

Sobre os demais ritos magico-religiosos dos tupi-guaranis, cf. Estevão Pinto, II, p. 239 sq.

<sup>2</sup> Cf. Cardim (p. 178): "mas se o defuncto tinha alguma peça, como espada, etc., que lhe havião dado, torna a tirar do que lhe deu, e a torna a tomar onde quer que a ache, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinham dado".

solveram tomar a deliberação de enlaçar o cadaver <sup>1</sup>. Tão bem avisada e engenhosa é essa pobre gente.

<sup>1</sup> Em geral o cadaver tomava a posição fetal (encolhido em si mesmo), ou a de quem está sentado. De um ou de outro modo, sempre o morto descia, enleado, à tumba. Acredita H. Obermaier (p. 106) que a atadura, tão commum nos corpos pertencentes aos tumulos do paleolithico superior (Europa), tinham por objectivo impedir que o morto andasse e movesse os braços, ou que sua *alma* ou *espírito* viesse inquietar os sobreviventes. Isso é, tambem, como vimos, o que diz Thevet.

Todavia se sabe que os tupinambás punham alimentos na cova e acreditavam que o morto delles se servisse ("aonde todos os dias lhe levão de comer, porque dizem que, como cançam de bailar, vem ali comer", explica o padre Cardim). Ainda mais. Os tupinambás, no dizer de Évreux, accommodavam os alimentos à mão direita do morto, assim de que este pudesse pegar em tudo com *facilidade* e, à mão esquerda, os machados, as foices, os arcos, as flechas. Uns (acrescenta o mesmo autor) dão-lhe "presentes para levarem a seus amigos e outros lhe recommendam, entre varias coisas, muito animo no decorrer da viagem", — que não deixe o fogo apagar-se, que nunca se esqueça de seus machados e foices, quando tiver de dormir em algum lugar... (p. 114). Certa vez esse mesmo capuchinho encontrou uma velha india tupinambá, que chorava amargamente na cova do marido, espalhando por sobre ella algumas espigas de milho. Indagando o frade a razão do seu acto, respondeu-lhe a velha que "estava perguntando ao seu marido se elle já tinha partido, porque receava haverem amarrado muito as suas pernas".

## CAPÍTULO XXXVIII

### COMO OS SELVAGENS AMERICANOS GUERREIAM OS VIZINHOS, PRINCIPALMENTE OS MARGAJÁS e TABAIARAS. E DA ARVORE DE NOME *HAYRI*, DA QUAL FABRICAM OS SEUS TACAPES DE GUERRA.

Os selvagens, de que falo, são muito dados à guerra com os vizinhos, sobretudo com os margajás<sup>1</sup> e os tabaiaras<sup>2</sup>. Como não têm outro meio de apaziguar suas que-relas, batem-se valente e firmemente. Nesses embates reu-nem-se seis mil homens, algumas vezes dez mil e, outrora, até doze mil, isto é, aldeias contra aldeias. Ou, também, se batem quando, casualmente, há encontros entre uns e outros. Do mesmo modo procedem os naturaes do Perú e os índios chamados cannibae.

Antes de emprehenderem algum grande commettimento, quer bellico ou não, os selvagens convocam-se em assem-bléias, principalmente os mais velhos, nas quaes não tomam

<sup>1</sup> No texto, *Morgageas*. *Markayas* escreve Staden (p. 76 e 121). Os maracayás, por outra forma maracajás, habitavam os fundos da bahia de Guanabara e para os lados do Espírito Santo, sendo inimigos dos tupinambás, ou tamoyos. No mappa de Staden (p. 120), lá estão localizados os maracayás. Do mesmo modo na carta de Thevet, — "*Isle de Margaiats*". Affirma Léry que os maracayás também se chamavam *Tou-aiat* (p. 359) — Devem pertencer a um dos numerosos grupos dos tupiniquins e, segundo a observação de Plinio Ayrosa (Léry, p. 37, nota à ed. bras. da Livraria Martins, coleção dirigida por Rubens Borba de Moraes), eram, provavelmente, o mesmo "gentio do Gato", do qual nos fala Nobrega.

<sup>2</sup> No texto, *Thabaiarcs* e à f. 130 *Tabaiarcs*. Sob o nome de *tobajaras*, ou *tobajeras*, cu ainda, *tabaiaras*, designavam-se os tupis das seguintes regiões: o Mearim, o alto Gurupy, a serra de Ibiapaba, a zona a oeste dos potyguaras, parte da costa de Pernambuco, trechos do littoral do Espírito Santo e de São Vicente, etc.

parte as mulheres e crianças. Nesses conclaves, tão originaes e singelos, os participantes arengam uns após outros, ouvidos sempre attentiosamente. Cada orador, depois que fala, deixa o lugar ao seu successor. E assim continuamente, enquanto os auditores estão todos sentados por terra, ou no meio dos que, em virtude de sua hierarquia, provenientes da linhagem ou de outro qualquer motivo, se conservam sentados em suas redes<sup>1</sup>. Maneiras que me fazem lembrar o louvavel costume dos governadores de Thebas, antiga cidade da Grecia, os quaes, quando deliberavam sobre assumptos da republica, permaneciam sempre sentados em terra. Parece mesmo que tal habito se apoia em um prudente argumento, segundo o parecer dos philosophos, a saber que, estando o corpo assentado e em repouso, torna-se o espirito mais prudente e mais livre, por não estar occupado com os movimentos physicos.

Não menos estranho é o facto de os selvagens americanos jãmais assignarem treguas, ou pactos, qualquer que seja o grau de inimizade entre si, como fazem as demais nações, mesmo as mais crueis e barbaras, a exemplo dos turcos, mouros e arabes<sup>2</sup>. E julgo que Theseu, a quem se deve o primeiro armistício entre os gregos, se estivesse entre os selvagens americanos, ver-se-ia mais embaraçado do que era de crer.

Os indigenas conhecem alguns ardis de guerra, tão bons quanto os de quaesquer outros povos. E, inimizados perpetuamente contra aquelles seus vizinhos, procuram-se, frequentes vezes, uns aos outros, batendo-se com tanta furia quanto lhes é possivel. Por isso, todos se vêem constrangidos a proteger suas aldeias com armas e guerreiros.

Os ataques são feitos geralmente à noite, quando, então, se reúnem em massa. Mais do que durante o dia. As-

<sup>1</sup> Cf. Léry (p. 209): "*les vieillards... doivent estre respectez... eux se proumenans, ou estans assis dans leurs lits de cotton pendus en l'air, exhortent les autres de telle ou semblable façon*".

<sup>2</sup> Léry (p. 209) confirma a observação de Thevet: "*leurs haines sont tellement inueterées qu'ils demeurêt perpetuellement irreconciliables*".

sim que são advertidos, ou suspeitam da vinda dos contrarios, plantam em terra, em redor de seus tugurios, a cerca de um tiro de arco, numerosos paus agudissimos, cujas pontas, embora saindo à flor da terra, quasi que não se vêem

(comparaveis em tudo aos estrepes), nos quaes **Estrepes dos selvagens.** os inimigos ferem os pés descalços, ou mesmo outra qualquer parte do corpo<sup>1</sup>. Esperam os selvagens, por esse meio, destroçar os inimigos, isto é, trucidar parte delles, fazendo prisioneiros os sobreviventes.

Constitue excelsa honra assaltar o inimigo no proprio solo deste, trazendo, de volta, captivos. Quem mais victimas fizer, será tanto mais honrado e celebrado por seus compa-  
nheiros, qual se fôra um monarcha ou illustre senhor.

Afim de surprehender a aldeia rival, empregam os indios a tactica de occultar-se, à noite, pelos mattos, à semelhança de raposas, ali permanecendo o espaço de tempo necessario e conveniente para o assalto. E, quando alcança a aldeia, usam o artificio de lançar fogo às cabanas dos adversarios, afim de obrigá-los a sair do abrigo, juntamente com sua bagagem, suas mulheres e seus filhos.

Arrojando-se uns aos outros, os selvagens descarregam, copiosamente, flechas, maças e espadas de pau, a ponto de não haver mais bello espectaculo do que tal refrega. Isto é, agarram-se em todos os sitios possiveis, mesmo com o bo-  
toqué nos labios, mostrando, algumas vezes, com o objectivo de intimidar os inimigos, os ossos daquelles que venceram em combate. Em summa, empregam os indigenas todos os meios destinados a amofinar os seus contrarios. Como é de esperar, os prisioneiros são amarrados e garrotados,

<sup>1</sup> Mais outra observação, que Léry confirma (p. 217): "*Bien est vray, qu'alentour de quelques villages frôtiers des ennemis, les mieux aguerris plantent des paux de palmier de cinq ou six pieds de haut: & encores sur les advenues des chemins en tournoyant, ils fichent des chevilles pointues à fleur de terre: tellement que si les assaillans pensent entrer de nuict (comme c'est leur coustume) ceux de dedans qui sauent les destroits par où ils peuvêt aller sans s'offenser, sortans dessus, les rembarrent de telle façon, que, soit qu'ils venient fuir ou combatre, parce qu'ils se piquent bien fort les peds, il en demeure tousiours quelques uns sur la place, desquels les autres font des carbonnades*". Vj. ainda Staden (p. 159).

como se foram ladrões. E, então, em torno dos que regressam, vitoriosos, aos lares, ninguém pode imaginar quantas festas e alaridos fazem.

Seguem as esposas a seus maridos na guerra, não porque vão combater, a exemplo das amazonas, mas porque precisam carregar os alimentos e d'elles cuidar, assim como transportar outras munições necessarias á guerra (pois, algumas vezes, emprehendem viagens, que duram de cinco e seis mezes). E, quando partem para essas longas guerras, os selvagens lançam fogo às suas palhoças, occultando, na terra, os bens de maior valor, que só tornam a buscar quando regressam da empresa.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> A proposito das operações bellicas dos tupinambás e demais tupis da costa, cf. Léry, p. 207 sq.; Anchieta, p. 329; *Cartas Avulsas*, p. 265; Staden, p. 34, 35 e 157 sq.; Gandavo, p. 50; G. Soares de Sousa, p. 389 sq., *Dialogos*, p. 273; fr. V. do Salvador, p. 64 sq.; Évreux, p. 21; Abbeville, p. 335 sq.

Com as notas fornecidas por Thévet e os demais autores citados podemos chegar às seguintes conclusões:

a) O acto preliminar da guerra é o conselho dos anciãos guerreiros da tribo, no qual se expressa "cada um de per si"... brindando-se, entretanto, algumas vezes com o fumo da erva santa". Os velhos falam de suas redes. O local da reunião é o centro da aldeia (*carpe*, segundo o autor dos *Dialogos*; *carbet*, segundo Léry, Abbeville, etc.). Essa arenga dura, em alguns casos, "mais de seis horas". As mulheres não tomam parte na cerimonia.

b) Se os maiores manifestam-se favoraveis á empresa, a ordem de mobilização é immediatamente levada a todas as casas da aringa. Nessa ocasião, tambem se determina o tempo da partida, que coincide com o da safra do cajú ou o da desova da tainha ou do paraty. Ao pagé, do mesmo modo, cabe aprovar ou desaprovar o projecto, praticando certos actos magicos (mostrar, p. e., uma rede de pescar, significando que o inimigo acaba por ficar manietado).

c) Construidas as canoas, aceradas as flechas, cozida a farinha, consulta-se novamente o pagé, que aguarda o designio dos sonhos. Se os sonhos são favoraveis, partem os guerreiros, após as danças e libações rituaes do costume. As plumas e adornos em geral fazem parte do material bellico.

d) No acto da partida (tambem em todas as occasiões em que levantam acampamento), os "roncadores" fazem soar a *inubia*, especie de oboé destinado a alvoroçar e a incentivar os guerreiros.

e) Cada guerreiro transporta suas armas (o pavez, o arco, as flechas, o tacape, o escudo), a rede e a "paquevira" de farinha. Aos principaes, acompanham as mulheres.

f) Marcham uns após outros, "porque não sabem andar de outra maneira", os mais valentes na dianteira. No mar, não se afastam muito da costa. Assim que se attingem terras alheias, o espiá trata de abrir o caminho ao exercito.

g) Duas jornadas antes da aldeia inimiga, alojam-se; mas não fazem fogo, afim de evitar que sejam presentidos pelos contrarios.

h) Os ataques são desferidos, preferentemente, á noite, ou então ao raiar do dia.

i) Se os indios encontram as aldeias dos adversarios protegidas de caixaras, erguem outra cerca de ramos e espinhos, proxima dos acampamento inimigo, e,



Quem é maior entre os índios, mais mulheres tem a seu serviço. Os viveres de guerra são os alimentos communs do país, as farinhas de raízes (essas farinhas, delicadas quando novas, depois que envelhecem são tão agradáveis ao gosto quanto o podem ser a cevada ou a aveia), as caças silvestres, o peixe, tudo torrado ao moquem<sup>1</sup>.

**Farinha de raízes, — viveres dos selvagens.**

Transportam-se, também, as redes de algodão. Carregam os guerreiros somente as armas, levando as flechas na mão.

**Armas dos selvagens.**

As armas consistem em grossas espadas, de madeira muito massuda e pesadas<sup>2</sup>; quanto ao mais, arcos e flechas. Os arcos

de reconstrucção em reconstrucção, em breve estão juntos sitiantes e sitiados. Ao lado dos reductos, abrem-se buracos no chão e constroem-se estrepes.

j) Nos sitios ou cercos, usam-se flechas inflammadas e asphyxiam-se os contrarios com fumo de pimenta.

k) Quando os tupis combatem, movem-se "duma parte para outra com muita ligeireza"; as mulheres apanham as flechas, que põem, em seguida, na mão dos combatentes.

l) Um dos meios de intimidar o inimigo é mostrar-lhe os ossos dos individuos devorados de accordo com o ritual costumeiro.

m) Porfiam os índios em quebrar a cabeça dos inimigos, ainda mesmo quando os encontram já mortos, com o objectivo de conquistarem novos nomes.

n) Quando a guerra é duradoura, ou longinquo o país inimigo, os selvagens lançam fogo às suas palhoças, occultando, na terra, os bens de maior valor.

o) O objectivo principal das guerras é a vingança ou a captura dos inimigos. Por isso, levam os archeiros cordas apropriadas, com as quaes cingem a cintura.

Para o estudo geral da guerra entre os povos elementares, cf. Maurice R. Davie, *La guerre dans les sociétés primitives*, Paris, 1931.

<sup>1</sup> No texto, *le tout seiché à la fumée*. Thetvet quer referir-se ao processo de moquear a carne ou o peixe.

<sup>2</sup> O tacape era a arma como que sagrada dos tupi-guaranis, lavrada em madeira rija, negra ou vermelha, "ordinariamente do comprimento de cinco a seis pés", oval ou redonda na extremidade. Léry (p. 211) observou que o tacape cortava tão bem quanto um machado.

A maça das execuções capitães tinha a cabeça "quasi triangular", com os punhos recobertos de palha entrançada (*aterabebé*, segundo Abbeville, p. 340), diz F. Cardim (p. 181); davam-lhe o nome de *tangapema*, ou *tacapema*. No momento de usarem-na, os tupinambás adornavam a mesma com casca de ovos (Staden, p. 162; Abbeville, p. 273). Em viagem, os selvagens trazem o tacape atado ao pescoco. "por detrás".

W. Schmidt (*Ethnologia*, p. 28) acha que as clavas espalgadas, com maior alongamento nas extremidades, parece constituir uma das influencias da cultura exogamo-matrilinear, transmittidas com as migrações de tribus tupis vindas das montanhas andinas.

são metade mais compridos que os dos turcos<sup>1</sup>; as flechas, igualmente, umas feitas de cannas marinhas<sup>2</sup>, outras feitas de madeira extrahida da arvore chamada *hayri*.

A arvore *hayri*.

O *hayri* tem folhagem semelhante à da palmeira e a côr do marmore negro, pelo que muitos dizem ser ella o ebano, embora tal não me pareça<sup>3</sup>. O ver-

O ebano, arvore.

dadeiro ebano é mais luzente e, por outro, sua arvore differe da do *hayri*, que tem espinhos por todos os lados. Demais, o legitimo ebano é extrahido na região de Calicut e na Ethiopia.

O *hayri* é tão pesado que, como o ferro, vae ao fundo da agua. Dessa arvore fabricam os selvagens suas espadas de guerra. O fructo tem a grossura de uma pella, embora algum tanto pontudo em sua extremidade; den-

<sup>1</sup> Entre as madeiras empregadas na fabricação dos arcos, figuravam a ubirapariba, o jacarandá e a sapucaia. Lixava-se o pau com folhas de embaýba. Do algodão ou do tucum teciam-se as cordas, depois tingidas de verde ou vermelho. O padre Schmidt divide os arcos tupi-guaranis em quatro categorias: a) arcos de secção circular (carijós, aueiós, etc.); b) arcos de secção plano-concava ou concavo-concava (tupinambás, pausernas, parintintins, etc.); c) arcos de secção convexo-plana ou convexo-concava (murdurucús); d) arcos de secção quadrangular ou abatida (chiriguanos, guarayus, jurunas).

<sup>2</sup> Thevet refere-se, provavelmente, à canna-ubá (*Gynerium sagittatum* Aubl.). Cf. Hochne, *Bot.*, p. 124.

A descrição das flechas dos tupinambás vem em Léry, p. 211 e 212. Quasi sempre escolhiam-se canniços sem nos (Abbeville, p. 337). A emplumação, a que se refere Léry, é a conhecida pelo nome de *brasileo-oriental* (*East Brazilian feathering*), ou *tupinã*, actualmente usada pelos caingás, jurunas, murdurucús, etc. (A. Métraux, *La civ. mat.*, p. 73). H. Meyer divide as flechas brasileiras em varios grupos: a) o de *emplumação brasileiro-oriental* (pennas inteiras, presas com fibras); b) o de *emplumação guayannense* (penna fendida no meio, longitudinalmente); c) o de *emplumação do Xingú* (pennas fendidas, como na emplumação guayannense, mas presas diferentemente); d) o de *emplumação das araras* (duas meias pennas, presas, de espaço em espaço, por aneis); e) o de *emplumação do maués* (duas meias pennas, presas no apice e na base); f) o de *emplumação peruana* (ligadura com fibras, ou pennas amarradas em helice sobre a base). Cf. Roquette-Pinto, *Rondonia*, p. 268 e 269.

As pontas de flechas usadas pelos tupinambás eram constituídas por taquaras, ou tallos de madeira dura, por ossos de peixes ou, preferentemente, por dentes de tubarão (Cardim, p. 86; Saaden, p. 159).

<sup>3</sup> "Vu autre arbre que les Sauvages appellent Airy... est à mon avis une espece d'hebene" (Léry, p. 188). A arvore é o *Astrocaryum ayei* Mart. Hochne salienta a descrição de Thevet e o facto desse cosmographo não confundir a planta com o ebano, como, erradamente, o fez Léry (*Bot.*, p. 124 e 125). O ayri tambem é conhecido pelo nome de *brejauba*. Cf. cap. LVII, nota correspondente

tro existe um caroço da brancura da neve. Desse fructo trouxe numerosa quantidade. Os selvagens fazem, da madeira do *hayri*, bellos collares. As flechas com ella fabricadas atravessam o melhor corselete, tão forte e tão duro é esse pau, como já o disse atrás.

A terceira peça do armamento é o escudo<sup>1</sup>, que usam os indios na guerra. E' muito comprido e feito de pelles de um animal, cuja côr é igual à das vaccas, todavia diverso no tamanho. Esses escudos são tão fortes e solidos quanto os barceloneses, de modo que resistem a um tiro de arcabuz, e, consequentemente, a arinas menos poderosas.

A proposito de arcabuzes, é factó que varios selvagen possuem alguns delles, por lhes terem sido offerecidos pelos colonos, logo depois que os conheceram<sup>2</sup>. Os indios, entretanto, não sabem manejar essa arma. Atiram, algumas vezes, com enorme difficuldade, mas apenas com<sup>o</sup> fim de espantar os seus inimigos.

<sup>1</sup> A f. 26., Thevet fala, como já se viu, em escudos feitos de cascas de tartarugas. Geralmente, porém, os escudos eram feitos de couro de tapir. Cf. Léry, p. 141.

<sup>2</sup> Hans Staden (p. 93 e 105) conta que o cacique, em poder do qual caíra prisioneiro, possuía um arcabuz; embora fôsse muito orgulhoso da arma, esta lhe era inteiramente inutil, pois não sabia servir-se della. Todas as vezes que surgiam inimigos, o cacique entregava o arcabuz ao seu escravo, o europeu, ordenando-lhe que descarregasse a arma contra aquelles.

## CAPITULO XXXIX

### COMO COMBATEM OS SELVAGENS, TANTO EM AGUA COMO EM TERRA.

Se perguntar alguém por que se guerreiam reciprocamente os selvagens, — visto não haver, entre elles, potentados e excessivas riquezas, ou visto conceder-lhes a terra incomensuravel tudo o de que necessitam, — bastará saber que

**Motivo por que se guerreiam os selvagens.**

a causa de suas guerras não se apoia em nenhuma razão, a não ser o desejo de vinganças gratuitas, tal como fazem os animaes ferozes.

Assim, incapaz de chegar a um honesto entendimento, allega essa gente, em forma de justificativa, simplesmente que aquelles a quem combatem são os seus contrarios de longa data. Pelo que, como já o disse em outro lugar, partem, reunidos em grande numero, no encalço dos adversarios (sobretudo tendo havido alguma injuria recente), trocando golpes, quando se encontram, com as armas ou com as mãos, até que se agarram uns aos outros pelos braços e pelas orelhas. Nesses prelios, nenhum guerreiro está montado a cavallo, como se poderia pensar que assim estivessem alguns dos mais destacados.

**Os selvagens são obstinados e valorosos.**

São os selvagens americanos obstinados e valorosos, a tal ponto que, antes de se juntarem e baterem (como já se viu no precedente capitulo), algumas vezes se collocam na liça, afastados os contendentes, uns dos outros, cerca de um tiro

de arcabuz, passando todo o dia a ameaçarem-se, — caras mais cruel e espantosamente possível, urros e gritos (com confusão tal que não se poderia ouvir uma trovoadá), braços e mãos elevadas para o ar, — todos armados de maças e espadas de pau. — *Valentes somos* (dizem)! *Já devoramos vossos pais: agora chegou a vez da vossa vingança!* E outras frivolidades semelhantes (veja-se a estampa ao lado) <sup>1</sup>.

Nisso observam os selvagens, parece, a tactica dos romanos, os quaes, antes do inicio da peleja, lançavam espantosos gritos e empregavam grandes ameaças. O que, posteriormente, foi do mesmo modo praticado pelos gauleses, em seus combates, conforme o diz Tito Livio. Costumes muito diversos dos dos acheus, descriptos por Homero, os quaes, na iminencia da batalha e assalto ao inimigo, nenhum ruido faziam, nem sequer falando.

**Costumam os selvagens devorar seus inimigos.** A vingança mais injuriosa e cruel, usada pelos selvagens, consiste em devorar o inimigo. Desse modo, se capturam alguém em combate e não têm meios para conduzi-lo à aldeia, cortam, antes do novo ataque, os braços e as pernas do prisioneiro, quando não o devoram antes de abandonar a luta. Acontece mesmo, algumas vezes, que cada guerreiro transporta comsigo o seu quinhão, uns maiores, outros menores. Também, se conseguem arrastar o prisioneiro às suas tabas, do mesmo modo o devoram.

**Um dito.** Os antigos turcos, mouros e arabes possuíam costumes quasi identicos (dahi o dito *quisera comer o teu coração*, que ainda actualmente se emprega), usando armas muito semelhantes às dos selvagens americanos; após o contacto dos povos christãos, forjaram-lhes estas armas com as quaes são hoje aquelles povos atacados. Não vá acontecer outro tanto aos selvagens americanos.



8. Encontro entre tupinambás e maracajás (Thevet).

**Os índios do rio de Janeiro são inimigos dos de Morpion.** Os indígenas, demais, atrevem-se a viajar por água, seja doce ou salgada, em busca de seus inimigos — como fazem os do rio de Janeiro aos de Morpion<sup>1</sup>. Em Morpion habitam os portugueses, adversários dos franceses, sendo os naturaes dessa região, do mesmo modo, rivaes dos do Rio de Janeiro.

**Almadias feitas com cascas de arvores.** As barcas usadas pelos índios são almadiazinhas, ou canoas feitas de cascas de arvore, sem pregos ou cavilhas, do comprimento de cinco ou seis braças e três de largura. Os selvagens não querem embarcações mais massiças, julgando que, de outro modo, não poderiam vogar à vontade, quando tivessem de perseguir o inimigo, ou fugir d'elle. Quando despojam as arvores de suas cascas, guardam os índios americanos uma tola superstição, a saber, no dia desse trabalho (a planta é descascada da raiz à copa) não bebem, nem comem, temendo, segundo dizem, que, se fizessem o contrario, algum mal lhes aconteceria em viagem.

Nas expedições, os selvagens chegam a conduzir perto de cem ou cento e vinte dessas embarcações, assim construidas; cada uma dellas transporta entre quarenta e cincoenta pessoas, homens e mulheres. Encarregam-se as mulheres de esvaziar e lançar fora a água, que entra nas canoas, servindo-se de uma vasilhazinha fabricada com certa especie de coco. Bem abrigados, nos barcos, estão os homens, com as

<sup>1</sup> A f. 128, informa Thevet que Morpion dista do rio da Prata duzentas e cincoenta leguas por mar e trezentas por terra. Morpion era o nome indígena da ilha ou região de São Vicente, segundo Staden (que aliás, escreve *Urbioneme*) (p. 48). Há a variante *Orpion* (Varnhagen, I, p. 154). Esse toponymio apparece no mappa de Cornelis de Jode (1593) e tambem na carta *Bassília* de P. Bertius, *Tabularum Geographicarum contractarum libri quinque*, 3.ª ed., Amsterdão, 1906. O Morpion de P. Bertius abrange uma vasta região, que comprehende terras de Santa Catharina, Paraná e, talvez, São Paulo. Alguns estudiosos, como observa Plinio Ayrosa (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 184), pensam que essa voz é estranha ao idioma tupi-guarani.

suas armas<sup>1</sup>. Navegam. os índios sempre perto da costa, desembarcando, quando se sentem bem fortes, nas aldeias porventura encontradas no caminho, as quaes atacam e saqueiam.

Antes da chegada da expedição franceza ao Brasil, os selvagens haviam aprisionado um navio portuguez (que se achava atirado a qualquer sitio da praia), apesar da resistencia que offereceram os tripulantes, empregando até a artilharia. Apresada a embarcação, foram os homens devorados<sup>2</sup> excepto alguns delles resgatados pelos franceses. Os

**Índios amigos dos franceses.**

selvagens amigos dos portuguezes, como se vê, são inimigos dos selvagens aliados dos franceses. E vice-versa<sup>3</sup>. De resto, combatem os índios tanto em terra, como no mar. Mas, se advem, algumas vezes, que o mar esteja furioso, lançam na agua uma penna de perdiz, ou outra qualquer coisa, pensando, por esse meio, apaziguar as ondas. Do mesmo modo

**Tola. superstição dos selvagens.**

fazem os mouros e turcos, quando se vêem em igual perigo, banhando-se com a agua do mar e à mesma pratica querendo constringer seus companheiros da viagem, quaesquer que sejam elles, como já me aconteceu uma vez.

<sup>1</sup> Évreux descreve a operação de cortar, rachar e cavar a canoa (p. 21). Sem levar em conta o exaggero desse chronista, é certo que as *igaras* podiam conduzir um numero approximado de cincoenta remadores; Pigafetta informa que os indigenas do Rio de Janeiro possuam canoas, nas quaes remavam trinta a quarenta homens. No *Diario de Pero Lopes de Sousa* a cifra é elevada a sessenta (índios da Bahía). A *igara* existe entre os tupinambás, os guaranis, caingús, chipayas, tambés, tec. As pás cortavam a água "a pique e não de travessa".

O typo de embarcação, construida com a casca ou cortiça das arvores, é a *ubá*. Affirma o padre Anchieta que as *ubás* acolhiam "vinte e vinte e cinco e mais pessoas, com suas armas e victualhas". Staden informa como se fabricavam as canoas com a casca das arvores (p. 156). Observa G. Soares de Sousa que os remadores se conservavam em pé (p. 380; Jaboniam, I, p. 16) — observação exacta, confirmada por J. de Léry.

Outros dados em A. Alves Camara, p. 24 sq.

<sup>2</sup> Thevet narrou esse massacre (informa Gaffarel) no seu livro *Les vrais portraits et vies des hommes illustres*, II, *in finis*.

<sup>3</sup> Em sua *Cosmographie Universelle*, f. 916, que Gaffarel consultou, Thevet conta como quasi perecia ás mãos dos índios, por ter pretendido salvar uma jovem prisioneira portuguesa. "*Peu s'en fallut que je ne passasse le pas aussi bien que les autres qu'on massacroit en ma présence*".



Tamboris, flautas e outros excitantes instrumentos.

Quando os selvagens tornam, victoriosos, às suas choças, mostram, todos, signaes de alegria, fazendo soar as flautas e tamboris, ou, então, cantando a seu modo. Coisa, aliás, agradável aos ouvidos. Fabricam-se os instrumentos com uns certos cocos, ou com ossos de animaes, ou ainda, com os proprios ossos dos inimigos. As armas de guerra são ricamente forradas e decoradas com alguns bellos penachos, — o que ainda hoje fazem os indios, não sem razão, uma vez que esse foi sempre um costume de longos annos. Flautas, tamboris e outros instrumentos<sup>1</sup> parecem despertar os animos adormecidos, ou excitá-los, a exemplo do que faz o folle com o braseiro meio extinto. E não há, segundo penso, melhor meio de inflammarm o espirito do que o som desses instrumentos, pois não sòmente os homens, mas tambem os cavallos (sem querer comparar uns aos outros) dão a idéia de que, jubilosos, estremecem. Isso sempre se observou em todos os tempos.

É facto que os selvagens americanos usam commumente, em seus assaltos, dessa pratica de dar espantosos urros e gritos, como narrarei, mais adiante, a proposito das amazonas.

<sup>1</sup> A respeito dos instrumentos musicaes dos tupinambás, cf. Léry, p. 215. A corneta de osso humano dava-se o nome de *memi* ou *membí*. Staden fala de trombetas feitas de cabaços (p. 158), talvez semelhantes às dos jurunas. Mais inf. em G. Soares de Sousa (p. 290), Cardin (p. 38 e 339, o qual se refere às trombetas feitas com o craneo das onças) e Évreux (p. 39).

O tambor era outro instrumento conhecido dos tupinambás; a toada desse instrumento devia ser um pouco monotona, observando G. Soares de Sousa que os indios não *dobravam as pancadas* (p. 383). Julga Métraux que o tambor é, entre os tupinambás, de origem andina (*La civ. mat.*, p. 224).

## CAPITULO XL

### COMO ESSES BARBAROS MATAM E DEVORAM OS PRISIONEIRO DE GUERRA <sup>1</sup>.

Como já se disse, os selvagens todos da America, terminado o combate, conduzem às tabas os seus prisioneiros. Resta, agora, descrever as scenas, que se seguem ao aprisionamento.

**Tratamento dos prisioneiros selvagens por seus contrarios.** É o escravo (um, dois, ou mais) excellentemente tratado, sendo-lhe offerecido, cinco dias após a captura, uma jovem, porventura a propria filha do dono, a qual se encarrega de prover as necessidades daquelle, na cabana ou em outro qualquer lugar <sup>2</sup>. Nesse interim, é o homem servido das melhores viandas que se possam achar, tudo com o fim de engordá-lo, à maneira do que se faz com o capão em ceva, até que chegue o dia de se lhe tirar a vida.

<sup>1</sup> Para o estudo do cannibalismo entre os tupinambás e varias outras tribus tupi-guaranis, consultar Léry, p. 225 e 266; Staden, p. 160 sq.; Gandavo, p. 51 sq.; Anchieta, p. 46, 47, 161, 243 e 329; *Cartas Avulsas*, p. 98-100; Nobrega, p. 100; Cardim, p. 181 sq.; *Dialogos*, p. 279 sq.; G. Soares de Sousa, p. 392 sq.; Knivet, p. 247 sq.; Évreux, p. 42 sq.; Abbeville, p. 328 sq.; fr. V. do Salvador, p. 67 sq.; S. de Vasconcellos, p. 53 sq.; F. Gama, I, p. 36 sq.; Loreto Couto, p. 61 sq.; Métraux, *La Rel. de Tupi*, p. 124 sq. — Sobre os povos em geral, que praticam a anthropophagia, cf. E. Westermarck, I, p. 398 sq. e II, 352, sq. Em Baldus & Willems (p. 38-41), há um estudo das relações entre as palavras *cannibal* e *carahiba*.

<sup>2</sup> Léry (p. 225) confirma a observação de Thevet. Os tupinambás davam ao prisioneiro, por esposa, a moça "mais formosa e honrada da aldeia", muitas vezes filha do cacique ou sua irmã, a qual, em alguns casos, tomava amor pelo marido e promovia-lhe a fuga; "em tanto que, se desejou a mulher do principal, ... não se lhe nega" (*Dialogos*, p. 279; *Cartas Avulsas*, p. 98 e 99). Todavia, ao prisioneiro não era permitido ter relações sexuaes com a mulher do seu senhor.

Conhece-se, facilmente, o tempo que deve durar a ceva, por causa de um collar de fio de algodão, no qual os índios, quaes se foram as contas de um rosario, enfiam certos fructos redondos; ou, então, em lugar dos fructos, ossos de peixe ou de outros animaes. Se os selvagens desejam conservar a vida do prisioneiro por espaço de quatro ou cinco luas, tantas são as contas enfiadas no collar, que se põe ao seu pescoço, as quaes são, depois, retiradas, uma em cada lua. Quando já não existe nenhuma conta, é que chegou o tempo de acabar com o prisioneiro.

Algumas vezes, os indigenas envolvem o pescoço do prisioneiro com diversos collarezinhos, em lugar de um só; os collarezinhos são em numero igual ao das luas, que o homem tem de viver. E, a proposito, quero chamar a attenção do leitor para o seguinte factó; os selvagens só sabem contar até cinco<sup>1</sup>, não marcando o tempo de accordo com as horas, dias, meses e annos, mas apenas pelos cyclos lunares. Aliás, esse modo de contar foi, outrora, estabelecido por Solon entre os athenienses, isto é, a contagem do tempo tendo-se em vista o curso da lua.

Se algum filho nasce da união entre o prisioneiro e a moça, os indigenas alimentam, por algum tempo, a criança, depois do que a devoram, recordando ser o mesmo um re-

<sup>1</sup> Outro pormenor tambem confirmado por J. de Léry (p. 348): "*mais s'ils ont passé le nombre cinq, il faut que tu môstres par tes droigts & par les doigts de ceux qui sont aupres de toy, pour accomplir le nôbre que tu leur voudras donner à entendre, & de toute autre chose semblablement*". Cf. ainda fr. V. do Salvador, p. 59 e 60. Entre os povos em estado elementar, cinco significa geralmente mão (Lavrador, Greenlandia, Patagonia; macuxis, tapuyas, esquimós, etc.). *Dez* é representado por duas mãos (entre os cayús, *ningi-te-lp* quer dizer duas vezes a minha mão). *Vinte*, em tupi, traduz-se por minhas mãos e meus pés (em numerosos outros povos primitivos, esse numero tem o sentido de homem, homem inteiro).

Os meses, de facto, contavam-se de accordo com a lua; os annos por qualquer acontecimento meteorologico (tempo das chuvas, p. e.), que coincidissem com alguma actividade importante do grupo (epoca do milha, safra do cajú).

Há um recente estudo de Herbert Baldus sobre o conceito do tempo entre os indigenas do Brasil (*Rev. do Arch. Pub.*, LXXI São Paulo, 1940).

bento de seus inimigos<sup>1</sup>. E dão muito apreço a que o prisioneiro seja bem nutrido e cevado.

Por ocasião das solemnidades do massacre, os selvagens convidam seus longinquos amigos, afim de que estes venham assistir às festas e participar do banquete<sup>2</sup>. No momento preciso, depois que o deitam na rede e o acorrentam bem (com os ferros que os proprios colonos lhe deram a usar), canta o prisioneiro, durante todo o dia e toda a noite, as suas canções: "Meus amigos, os margajás (diz), são honrados, fortes e possantes guerreiros. Aprisionaram e devoraram numerosos dos seus inimigos. Quanto a mim, matei e devorei parentes e amigos dos que me conservam prisioneiro, e, por isso, é justo que me devorem tambem, no dia que melhor lhes agradar". E assim por diante. Donde

**Os selvagens  
não temem a  
morte.**

se conclue que os selvagens não fazem conta da morte, ou a temem muito menos do que é possível imaginar. Já tive ocasião de perguntar, por curiosidade, a alguns desses prisioneiros, homens bellos e possantes, na vespera da execução, se não temiam ser trucidados; ao que me responderam elles, entre risos e mofas, que seus amigos os vingariam (esses e outros semelhantes discursos são ditos num tom arrogante e cheio de segurança). Mesmo quando se falava em resgatá-los das mãos dos seus inimigos, isso era levado em troça pelos prisioneiros.

**Tratamento  
das mulheres  
prisioneiras.**

As mulheres aprisionadas na guerra, casadas ou solteiras, são tratadas de maneira igual à dos homens. Apenas não lhes dão marido. Tambem não vivem tão captivas quanto os homens, tendo liberdade de locomover-se, isto é, podendo trabalhar nos campos ou pescar ostras.

<sup>1</sup> Gandavo, p. 52. O filho, nascido do connubio entre o prisioneiro e a esposa eleita, chamavam os indios de *marabá*.

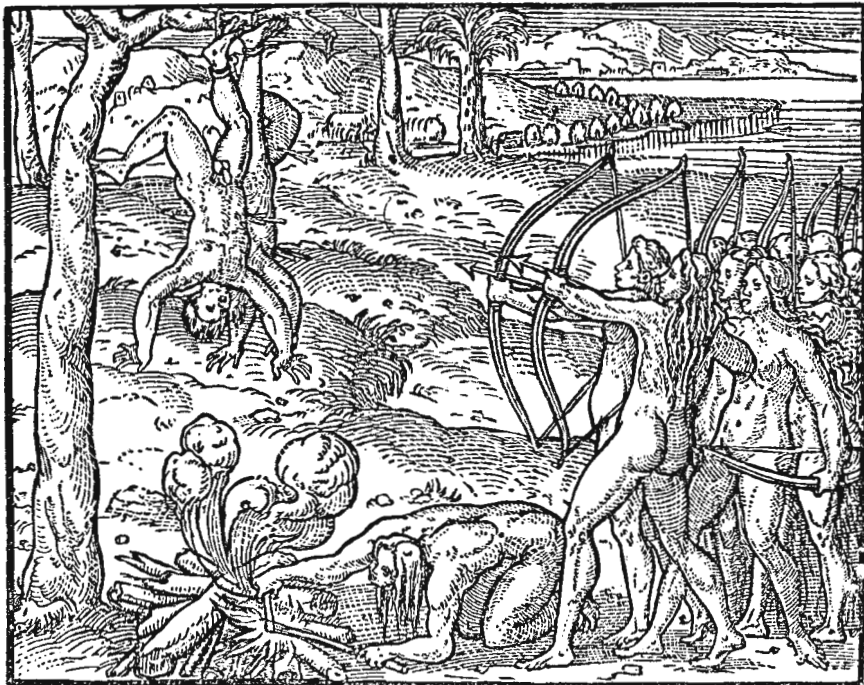
<sup>2</sup> Léry, p. 225 e 226: "*Premierement apres que tous les villages d'alentour de celuy où sera le prisonnier auront esté aduertis du iour de l'executio, hōmes, femmes & enfans y estans arriues de toutes parts, ce sera à danser, boire & caouiner toute la matinee*".



9. A festa do cauim (Thévet).



10. Scena de cannibalismo (Thevet).



11. Massacre de prisioneiros (Thevet).

**Cerimonias do massacre dos prisioneiros. O cauim, bebida.** O dono do prisioneiro (voltando ao assumpto), como já disse, convida seus amigos a tomar parte nos despojos, que são servidos com muito cauim, bebida feita de milho ou de certas raizes. No dia da solemnidade, todos os assistentes se paramentam com plumas de varias côres, ou pintam-se o corpo. A pessoa encarregada do golpe mortal, sobretudo, cobre-se com a sua melhor equipagem, não esquecendo a espada de pau ricamente guarnecida de pennas.

É o prisioneiro (cuja alegria augmenta à proporção que se aceleram os preparativos funebres) conduzido à praça publica, todo manietado e garroteado com as cordas de algodão<sup>1</sup>. Acompanham-no dez ou doze mil selvagens da região, seus inimigos. Lá chegando, concluidas varias ceremonias, abatem-no os indios, tal qual se o prisioneiro fosse um porco. E logo o corpo do executado fica reduzido a postas, tendo-se o cuidado de aparar o sangue e com elle banhar os meninos, afim de torná-los, como dizem, bravios (nesse momento, os selvagens concitam os filhos a tomar o exemplo dos maiores, sendo de crer que de igual modo procedem os seus contrarios). Finalmente, o corpo, assim reduzido a pedaços e assado à moda indigena, passa a ser distribuido por todos, ficando cada um com o seu quinhão, qualquer que seja o número dos presentes<sup>2</sup>. É verdade que as entranhas são communmente comidas pelas mulheres; quanto à cabeça, espetam-na os selvagens na ponta de uma vara, collocada na oca, como signal de triumpho e victoria<sup>3</sup> (especialmente mostram os indios prazer em espetar as dos portuguezes).

<sup>1</sup> Essa corda, que Thevet, em um dos seus mss. ineditos, chama de *musarana*, era fabricada especialmente para essas execuções, estando sujeita a complicadas ceremonias mysticas. Cf. Métraux, *La rei. des tup.*, p. 138 sq. *Mussurana* em Staden (p. 90).

<sup>2</sup> Cf. Léry, p. 234 e 235.

<sup>3</sup> Léry, p. 235: "*la premiere chose qu'ils font quand les François les vont voir & visiter, c'est qu'en recitant leur vaillance, & par trophee leur montrant ces tects ainsi descharnez, ils disent qu'ils feront le mesme à tous leurs ennemis*". — Sobre a *cabeça-trophéu*, cf. J. Imbelloni, *La esfinge*, p. 229 sq.



É preciso notar que a companheira do morto não deixa de tomar luto, embora leve<sup>1</sup>.

Os cannibae, inimigos acerrimos dos espanhoes. Os cannibae e indigenas do littoral do rio do Maranhão<sup>2</sup> são ainda mais crueis em relação aos espanhoes, excedendo os da Guanabara em atrocidade, quando se entregam a essas mesmas cerimoniaes. A historia não fala de nenhum povo, por mais barbaro, que use de tão excessiva ferocidade. Apenas se sabe (por Josephus) que, quando os romanos, invadiram Jerusalem, a fome, depois de já não haver um só alimento, constrangeu as mães a matar e a devorar os filhos. Tambem se sabe que os anthropophagos, que habitam a Scythia, vivem de carne humana, à semelhança dos selvagens americanos.

O matador (proseguindo a narração) logo se retira para a sua choça, onde permanece na rede, sem comer nem beber, durante algum tempo, não pondo o pé em terra por espaço de três dias<sup>3</sup>. Mesmo quando este tem necessidade de ir a alguma parte, faz-se carregar, acreditando que, em

<sup>1</sup> Léry, p. 231: "*Or si tost que le prisonnier aura esté ainsi assommé, s'ü avoit une femme . . . elle se mettait aupres du corps fera quelque petit dueil: ie di nommément petit dueil, car suyvant vrayemēt ce qu'on dit que fait le Crocodile: assouir que ayant tué un homme il pleure aupres ouāt que c'e le mägera. aussi apres que ceste femme aura fait ses tels quels regrēts & iette quelques feintes larmes sur son mari mort, si elle peut ce sera la premiere qui en mägera*".

<sup>2</sup> No texto, *Marignan*. Parece tratar-se do rio Amazonas, conhecido entre os castelhanos pelo nome de Marañon (J. Caetano da Silva, I, p. 434 sq.). Ou, pelo menos, assim denomina Thevet a um trecho do Amazonas (f. 122).

<sup>3</sup> Commentando a obra de G. Friederici ("*Über eine als Couvade Wiedergeburtzeremonie bei den Tupi*", em *Globus*, LXXXIX, p. 59 sq., Braunschweig, 1906), Alfredo de Carvalho escreveu uma importante nota sobre o "resguardo do matador" (*Rev. do Inst. Arch. Pern.*, XII, p. 112 sq., Recife, 1907). Nos *Ind. do Nord.*, II, p. 291 sq., fiz tambem uma descripção do ritual do resguardo.

G. Friederici interpreta o costume da renominação, inherente ao resguardo, como um meio empregado pelo matador para illudir a *vendetta* do morto. O recio do carrasco era, realmente, grande. Quando os tupinambás matavam uma onça, praticavam as mesmas cerimoniaes usadas no ritual anthropophago (Cardim, p. 38): só assim poderia o caçador appacar a cholera do animal. Quando os apopouwas adoeciam, mudavam de nome. Seria consequentemente, a renominação o processo mais habil de subtrahir-se o matador à revanche da victima.

caso contrario, de certo lhe succederia algum infortunio, ou estaria sujeito a morrer. Depois do que, com a ajuda de uma lancetinha, feita com os dentes do animal chamado cutia, faz varias incisões e furos no corpo, — ao peito e em outras partes, — de tal modo que parece inteiramente espicaçado.

A razão de tão estranha pratica, segundo me foi possível saber, é a satisfação e honra, que a morte do inimigo dá ao seu matador<sup>1</sup>. Replicam os indios, quando se lhes censuram essa crueldade, ser uma vergonha perdoar os inimigos, aprisionados em combate; demais, era preferivel destruir os contrarios, afim de evitar que os mesmos incitassem novas guerras. Eis como se porta essa gente brutal.

Tambem as moças praticam incisões no corpo, nos três dias seguintes ao do primeiro fluxo menstrual<sup>2</sup> a ponto de

<sup>1</sup> Léry, p. 236: "*Quant à celui ou ceux qui ont commis les meurtres. repütans cela à grand gloire & honneur, dès le mesme iour qu'ils auront fait le coup, se retirans à part, ils se feront non seulement inciser iusque au sang, la poitrine, les bras, les cuisses, le gras des iambes. & autres parties du corps: mais aussi à fin que cella paroisse toute leur vie, ils frottent ces taillades de certaines mixtions & pouldre noire, qui ne se peut iamais effacer: tellement que tât plus qu'ils sont ainsi deschiquetez, tant plus cognoist-on qu'ils ont beaucoup tué de prisonniers, & par consequent sont estimez plus vaillans que les autres*".

Richard Lasch (p. 16) é da opinião que se deve procurar na superstição e na vingança os motivos principais do cannibalismo. Essa explicação, entretanto, não satisfaz plenamente. A complexidade da cerimonia na anthropophagia, entre os tupinambás, acompanhada do resguardo do matador, da renominação, das incisões, etc., abre margem a outras theorias. O desejo de incorporar-se o valor, o animo, as qualidades masculinas do morto é patente. A vingança, por outro lado, não explica o *endocannibalismo*. Cf. Montandon, p. 689 sq.

<sup>2</sup> Léry, p. 310: "*car i'ay ven des jeunes filles, en l'aage de douze à quatorze ans, lesquelles les meres ou parentes faisoins tenir toutes debout, les pieds ioints sur une pierre de gray, leur incisoyent iusques au sang, avec une dent d'animal trenchante comme un couteau, depuis le dessous de l'aisselle, tout le long de l'un des costez & de la cuisse, iusque au genouil; tellement que ces filles avec grandes douleurs en grinçant les dents saignoyent ainsi une espace de temps*". Emquanto se submettia à operação, a moça se conservava em pé, numa pedra. Tambem fazia parte do ritual da menstruação o corte da cabelleira. Depois disso, punham-se ao pescoço da donze'la collares de dentes de capivara; nos braços e na cintura, azorcas de fios de algodão. Seguia-se, então, o recolhimento, com jejum que durava três dias, ou mesmo até o segundo fluxo, embora um tanto attenuado.

se tornarem, algumas vezes, bem doentes. Durante esse tempo, abstêm-se ellas de certos alimentos, não saindo de casa, não pondo o pé no chão (como faz o matador, de que já falei), sentando-se apenas em alguma pedra ali collocada para esse fim.

## CAPITULO XLI

### COMO OS SELVAGENS SÃO EXTRAORDINARIAMENTE VINGATIVOS.

**A vingança não é permittida ao christão.** Não é de admirar que essa gente, vivem-do por desconhecer a verdade, nas trevas, não só appeteça a vingança como, tambem, empregue os maiores esforços em executá-la; uma vez que os proprios christãos, a quem os mandamentos divinos expressamente prohibem a vingança nem sempre assim o fazem. Nesse particular, os christãos como que pretendem imitar a Mellicio, segundo o qual ninguem deve perdoar ao inimigo, — erro que perdurou longos tempos no Egypto e só foi abolido, posteriormente, por um imperador romano. Amar a vingança é o mesmo que odiar o proximo, o que totalmente repugna à lei.

Deixa de ser, pois, estranho que os selvagens, os quaes, como já disse, vivem sem fé, nem lei, ponham na vingança, embora gratuita e desarrazoada, a causa de suas guerras. Loucura que mantêm e manterão por muitos annos, caso não mudem. Esse povo tem tão pouco entendimento que é capaz de pôr o mundo abaixo por causa do roubo de uma mosca<sup>1</sup>. Quando, por exemplo, se espetam nos espinhos, ou se ferem nas pedras, os indigenas fazem mil pedaços o objecto, causador do mal, como se o mesmo tivesse entendi-

<sup>1</sup> Por causa de um pato quasi perdia a vida o calvinista Léry (p. 334 sq.). E' muito conhecida a historia contada por Simão de Vasconcellos (p. 37) a proposito de um papagaio falador, que deu lugar à divisão da família tupi do Cabo Frio.

mento <sup>1</sup>. É a falta de boa razão o responsavel que essa mentalidade. Devo dizer, embora a contragosto, mas a bém da verdade, que os selvagens, por vingança, esmagam nos dentes piolhos e pulgas; — coisa mais de brutos que de racionaes.

Por menos ultrajado que seja, jâmais se conseguirá reconciliâr o offendido com o offensor. Essa obstinação adquirem e conservam os indios, de pais a filhos. Vê-los-eis ensinar ás crianças, de três ou quatro annos de idade, a manejar o arco e a flecha, e, de vez em quando, a exhortá-los à valentia, a vingar-se dos inimigos, ou a morrer, de preferencia a perdoar a quem quer que seja. Assim, quando caem prisioneiros, de modo algum tentam fugir, inteiramente resignados com o dia da morte, que têm em muita gloria e honra. E dahi a razão por que tanto escarnecem e censuram acremente os franceses, quando estes resgatam com dinheiro, ou por outros meios, os seus inimigos. Reputam esse costume indigno de guerreiros. “Nós (dizem os selvagens) jâmais fazemos tal”.

Aconteceu que, certa vez, um prisioneiro português julgasse poder salvar a vida à custa de bellos discursos, isto é, supplicando o perdão com as mais humildes e doces palavras; todavia nem assim conseguiu salvar a vida, pois, de repente, foi morto a flechadas por aquelles em mãos de quem caira captivo. — “Não mereces que te matemos honradamente e em boa companhia, como fazemos aos outros” (explicou o selvagem). De outra feita — mais um facto

**Historia de um português prisioneiro dos selvagens.**

Aconteceu que, certa vez, um prisioneiro português julgasse poder salvar a vida à custa de bellos discursos, isto é, supplicando o perdão com as mais humildes e doces palavras; toda-

via nem assim conseguiu salvar a vida, pois, de repente, foi morto a flechadas por aquelles em mãos de quem caira captivo. — “Não mereces que te matemos honradamente e em boa companhia, como fazemos aos outros” (explicou o selvagem). De outra feita — mais um facto

<sup>1</sup> “Et au surplus comme s'ay, dit quelquepart, qu'ils sont vindicatifs, voire foreenez contre toutes choses qui leur nuisent, mesmes s'ils s'acheurtent du pied cõtre une pierre, ainsi que chiens enragez ils la mordront à belles dents; aussi recherchant à toutes restes les bestes qui les endormagent, ils en despeuplèt leur pays tant qu'ils peuvent” (Léry, p. 171). Cf. ainda G. Soares de Sousa, p. 379; Nobrega, p. 91; Staden, p. 150.

digno de memoria — alguns mercadores normandos trouxeram consigo um meninozinho da região e familia dos tabajaras, inimigos mortaes dos indigenas entre os quaes vivem os franceses. Foi o menino baptizado e criado, casando-se, depois, em Ruão, onde vivia honradamente. Quando já tinha cerca de vinte e dois annos, atreveu-se a tornar ao Brasil, em um dos navios franceses, e, lá chegando, aconteceu que alguns colonos desvendaram a sua identidade. Isso foi o bastante para que seus antigos inimigos, incontinente, quaes cães enraivecidos de fome, assaltassem o navio francês, na occasião desfalcado de tripulantes, ali reduzindo a postas o indio, a quem a sorte abandonara impiedosamente. Isso sem tocar nas demais pessoas, que por perto se achavam. E morreu o pobre rapaz como lhe permittiu Deus, qual bom christão, isto é, supportando o triste massacre com a fé em Jesus Christo, — Deus em trindade de pessoas mas uno em essencia, conforme lhe recordavam os presentes (na realidade, porém, os selvagens não o devoraram, segundo o costume commum).

Que idéia de vingança será mais contraria às leis humanas, não obstante existirem, entre nós, pessoas tão obstinadas nesse proposito quanto os selvagens americanos?

Pensam ainda os indigenas, que, se alguem bate em outro, ou o fere, deve o offensor receber, sem

**Honestidade dos selvagens entre si, mas não em relação aos europeus.**

demora, golpe por golpe, senão mais. E é um bello espectáculo vê-los querelar, ou bater-se.

No mais, são muito fieis uns aos outros, se bem que a respeito dos europeus se mostrem os mais affectados e subtis ladrões possível, muito embora andem nus. E consideram excelsa virtude poder subtrahir dos franceses seja o que for. Digo-o por experiencia propria. Por volta do Natal, por exemplo, veio um cacique do país visitar o Senhor de Ville-gagnon. Nessa occasião, seus companheiros furtaram-me

as roupas, aproveitando-se de que me achava, no momento, doente<sup>1</sup>.

Eis uma amostra da honestidade e dos costumes desses selvagens, quando fazem visitas, em complemento ao que já se disse de sua obstinação e apetite vindicativo.

<sup>1</sup> Na *Cosmographie Universelle*, Thevet dá outros pormenores sobre esse furto. Um morubixaba conseguiu abrir o bahú do franciscano, roubando-lhe, entre outras coisas, um precioso astrolábio de cobre trazido de Alexandria. O instrumento foi visto, tempos depois, no pescoço do indio, que só o restituiu em troca do chapéu de um colono escocês, pouco antes fallecido. Cf: Heulhard, p. 115.

## CAPITULO XLII

### DO MATRIMONIO ENTRE OS SELVAGENS AMERICANOS

Não deixa de ser digno da maior commiseração o facto de haver gente que viva à maneira dos animaes, embora sendo capaz de raciocinar. Donde se conclue que é o homem quem traz essa animalidade do ventre materno, só não permanecendo nella quando Deus, por sua bondade, lhe illumina o espirito.

Por isso, não se deve esperar que os selvagens sejam mais avisados nos seus casamentos do que nas demais coisas. Assim se unem uns aos outros, sem quaesquer ceremonias <sup>1</sup>. O primo com a prima, o tio com a sobrinha, indistintamente e sem reprovação, mas não o irmão com a irmã <sup>2</sup>. Quanto mais se notabiliza o homem na guerra, por suas proezas e valentias, tanto mais lhe é permitido ter mu-

<sup>1</sup> Léry (p. 301) confirma a ausencia de ceremonias ou ritos matrimoniaes entre os tupinambás. Do mesmo modo Staden (p. 152), Anchieta (p. 329), G. Soares de Sousa (p. 367), Gandavo (p. 128), Abbeville (p. 324 e 325), Teschauer (p. 197), A. M. Gonçalves Tocantins (p. 113). Cardim, todavia, informa que nenhum mancebo contrahia matrimonio antes de apressiar um inimigo (p. 164). Algumas vezes, a façanha guerreira podia ser substituida por qualquer outro esforço: pres'ar, por exemplo, serviços aos pais da donzella (*Dialogos*, p. 269). São ainda de Cardim as informações de que os casamentos eram acompanhados de libações. Aos nubentes offerciam, então, os velhos da tribo a primeira cuia de vinho e, nesse momento, amparavam-lhes a cabeça "para que não arreesasse". A prestação de serviços era muito commum entre os aborígenes da America Antarctica. Max Schmidt (p. 243) nota que tal costume não tinha, primitivamente, caracter de uma prestação economica, mas constituia a prova de o pretendente achar-se prompto para preencher seus deveres de chefe-de-familia. Com o decorrer dos tempos, porém, os serviços tomaram forma de prestação economica.

<sup>2</sup> Entre os indígenas observados por Thivet encontramos vestigios do systema familiar de classificação, estudado por Lévy-Bruhl. Nos tupinambás, o



lheres para o seu serviço<sup>1</sup>. Pois, a falar verdade, trabalham ellas comparativamente muito mais a saber, colhem raizes, fabricam farinhas e bebidas, recolhem as fructas, lavram os campos, — fora os outros misteres relativos à economia domestica; ao passo que os homens sòmente, em determinados tempos, pescam, ou apanham caças no matto, para a sua alimentação, quando não se encontram occupados no fabricação dos arcos e flechas. Tudo o mais é feito por suas mulheres.

Os selvagens autorizam a filha a servir-

**Defloramento das moças, antes do casamento.** -vos, durante o tempo em que permanecceis entre elles, ou durante o tempo que quizerdes. Depois, tendes liberdade de restituir-lhes a moça, quando assim achardes conveniente, con-

forme o costume geral. Assim é que, quando alguém vaé visitar esses indios, logo o dono da casa interroga o recém-chegado, em sua lingua: — *Vem cá. Que me vaes dar em troca de minha bella filha, que te entregarei, afim de servir-*

systema está complicado pela distincção dos dois ramos parentaes, o agnatico e o uterino. Os tupinambás (diz Anchieta, p. 329) “todos os filhos e filhas de irmãos têm por filhos e assim os chamam; e desta maneira um homem de cincoenta annos chama pai a um menino de um dia, por ser irmão de seu pai”. A base do systema classificador pode variar, de tribu para tribu. Um exemplo typico é o dos tapirapés, que se subdividiám em agrupamentos chamados por Baldus de “clans ou grupos de comer” (*Ensaio*, p. 86 sq.).

O trecho de Thevet precisa de uma explicação; o irmão mais velho do morto é obrigado a casar com a cunhada viuva e o irmão da viuva é obrigado a casar com a sobrinha, filha daquelle, se o houver. Por outras palavras, o tio paterno casa com a cunhada, mas não com a sobrinha (G. Soares de Sousa, p. 374 e 375; tambem Anchieta, p. 330). Em summa, era incestuoso a filiação agnatica e permittida a uterina, visto a idéia que tinham os indios da primazia do homem na concepção (nota de A. Peixoto, à p. 335 das *Cartas Avulsas*; cf. tambem a p. 328). Esse assumpto, como se vê, estava ligado ao problema do avunculado (cf. Baldus & Willems, p. 29 sq.).

<sup>1</sup> Embora alguns autores dêem a entender que a polygamia estava generalizada, por ser uma affirmação dos dotes varonis ou da classificação social do homem, os tupinambás, em sua maioria, contentavam-se com uma esposa (Léry, p. 301 sq.; Nobrega, p. 90; *Cartas Avulsas*, p. 97 e 484; Staden, p. 151; Abbeville, p. 324). Essa monogamia, entretanto, dependia mais da situação economica dos conjuges do que de qualquer motivo outro de ordem moral. Cumpre notar, entretanto, que, na organização familiar dos tupinambás, a primeira mulher era geralmente considerada a *verdadeira esposa*, a quem as demais deviam obediencia.

O Senhor de Villegagnon proíbe que os francezes se unam aos selvagens.

-te, fazendo farinha e cuidando de outras necessidades? E foi para obviar tal inconveniente que o Senhor de Villegagnon prohibiu, logo ao chegar, os ajuntamentos entre francezes e selvagens, sob pena de morte, uma vez que se tratava de coisa indigna de christãos<sup>1</sup>.

Quando a mulher, entretanto, é casada, não deve prevaricar, pois, se se deixa surprehender em adulterio, não perde vasa o marido de matá-la. É esse um dos seus pontos de honra<sup>2</sup>, embora não toquem no culpado, porquanto, se assim o fizessem, a vingança acarretaria uma perpetua guerra e separação<sup>3</sup>. Todavia, não temem os selvagens repudiar a esposa, o que é licito quando se trata de adulterio, esterilidade e mais outros motivos.

Os indigenas, durante o dia, não têm relações sexuaes com as suas mulheres, mas só à noite<sup>4</sup>; nem o fazem nos lugares publicos, assim como muitos acreditam que ocorre entre os cris, povos da Thracia, ou entre certos barbaros de algumas ilhas do mar de Magalhães, — pratica singularmente detestavel e indigna de gente christã, para a qual podem servir de exemplo os selvagens americanos. As mulheres, es-

<sup>1</sup> Léry (p. 76 e 77): "*Villegagnon, par l'aduis du conseil fit deffense à peine de la vie, que nul ayant titre de Chrestien n'habitast avec les femmes des Sauvages. Il est uray que l'ordonnance portoít, que si quelques vnes estoient attirées & appellees à la cognoissuncc de Dieu, apres qu'elles seroyent baptizees, il seroit permis de les espouser*".

<sup>2</sup> Léry, (p. 303) confirma a observação de Thevet, a saber, que o adulterio, por parte das mulheres, era considerado falta grave, capaz de acarretar a morte da culpada. Em certas tribus, todavia, o adulterio era tido como peccado venial (Anchieta, p. 449; A. de Saint-Hilaire, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, p. 186; Teschauer, p. 197). Ou variava, de nação em nação, como observou A. d'Orbigny, p. 170 sq.

Sobre o adulterio entre os povos primitivos em geral, cf. J. G. Frazer, *L'avocat du diable*, p. 79, sq.

<sup>3</sup> A respeito da responsabilidade collectiva, cf. Martius, *O direito*, p. 126 sq. E ainda Léry, p. 311 e 312.

<sup>4</sup> Muito embora os tupinambás fizessem "os seus ajuntamentos às occultas", conforme testemunham numerosos autores, não devia haver muito resguardo nesse acto: quando o marido se quer juntar com qualquer mulher "vae-se lançar com ella na rede", diz G. Soares de Sousa (as malocas, como se sabe, não dispunham de divisões interiores). A respeito das formas do coito entre alguns indios do Brasil, cf. H. Baldus, *Ensaíos*, p. 143 sq.

tando grávidas, não transportam fardos pesados, nem se occupam de tarefas penosas. Evitam, do mesmo modo, toda e qualquer actividade que as possa molestar e, quando dão à luz, suas companheiras banham a criança no mar ou no rio, restituindo-a, depois, aos braços maternos.

A parturiente não guarda o leite mais do que vinte e quatro horas. É o pai quem corta o umbigo do menino, com os dentes, conforme tive oportunidade de assistir<sup>1</sup>. No mais, tratam os índios a mulher parida tão cuidadosamente quanto qualquer pessoa civilizada.

Nutre-se a criança com leite materno, embora a alimentem também, após o decurso de alguns dias, com certas comidas pesadas (farinha mastigada, fructas)<sup>2</sup>. Logo que o filho nasce, fabrica-lhe o pai o seu arco e a sua flecha<sup>3</sup>, — signal e grito de guerra ou vingança contra os seus inimigos. Há um facto, entretanto, que arruina tudo: antes de casar as moças, entregam-nas os pais ao primeiro que apparece, em troca de ninharias, sobretudo aos europeus, como já o disse, quando estes por lá andam e consentem em servir-se dellas.

<sup>1</sup> Léry (p. 304) confirma, mais uma vez, a observação de Thevet. Sobre os ritos do nascimento, cf.: G. Soares de Sousa, p. 370 e 371; Cardim, p. 169-171; Staden, p. 150 e 151; fr. V. do Salv., p. 58; Évreux, p. 81 sq.; Abbeville, p. 311; José Cardús, p. 74.

<sup>2</sup> O leite materno era, realmente, o principal alimento da criança tupi-nambá, assim como o milho assado, mastigado pela mãe, reduzido a bolo, posto na bocca dos lactentes, "como costumam fazer os passaros com a sua prole, isto é, passando-o de bocca em bocca" (Évreux, p. 72). O periodo da gestação, algumas vezes, prolongava-se até os sete ou oito annos (fr. V. do Salvador, p. 58). "*Pour l'esgard de la nourriture, ce sera quelques farines naschees, & autres viandes bien tédres, avec le lait de la mere*" (Léry, p. 305).

<sup>3</sup> Léry (p. 305): "*si c'est un mosle, il luy fera une petite espee de bois, un petit arc & de petites flesches empennees de plumes de Perroquets: thús mettant le tout auprès de l'enfant, en le baisant, avec une face riante, luy dira: Mon fils, quãd tu seras venu en age, à fin que tu te venges de tes ennemis, sois adextre aux armes, fort, vaillant & bié aguerrri*". Sobre a educação da criança entre os povos atrasados, cf.: Alex. Francis Chamberlain, *The Child and childhood in Folk-Thought*, Nova York, 1896; F. C. Spencer, "Education of the Pueblo Child", em *Columbia Univ. Cont. to Philosophy, Psychology and Education*, VII, n. 1, Nova York, 1899; W. H. Furness, *Home Life of Forneo Head Hunters*, Philadelphia, 1902; B. Malinowski, *The Family among the Australian Aborigènes*, Londres, 1913; W. D. Hamly, *Origins of education among primitive peoples*, Londres, 1926.

Alguns povos, ao que narra a historia, approximam-se, nesse particular, dos selvagens americanos. Seneca (em suas *Epistolas*) e Strabão (em sua *Cosmographia*) ensinam que os lydios e armenios tinham o costume de enviar as filhas para as praias, onde as moças, que queriam contrahir casamento, se entregavam a qualquer viandante. Do mesmo modo, segundo Justino, faziam as virgens da ilha de Chypre, se desejavam obter matrimonio e dote, offerecendo, depois de assim quites e justificadas, algumas offereudas à Venus. Possivelmente existem, em França, muitas moças, tidas como pias e virtuosas, que procedem do mesmo modo, ou ainda peor, demais sem permuta de offereudas ou votos. E isso, que acabo de contar, é a pura verdade.

Quanto à consanguinidade, escreve Santo Jeronymo que tinham os athenienses o costume de casar os irmãos entre si, mas não as tias com os sobrinhos. Entre os selvagens americanos, dá-se o contrario. Na Inglaterra, igualmente, a mulher tinha, outrora, liberdade de casar com cinco homens; mas não o homem com cinco mulheres. Sabe-se que os turcos e arabes tomam varias mulheres, embora isso não seja honesto nem permittido entre os povos christãos.

Em summa, são esses os costumes dos selvagens americanos, de tal modo que difficilmente casa uma criatura ainda virgem. Estando, porém, casada, a mulher não ousa prevaricar, pois o marido a vigia de perto, como se della estivesse cioso. É verdade que a esposa pode deixar o marido, quando por elle maltratada (o que frequentemente acontece), — como era costume, em tempos antigos, entre os egypcios, quando estes ainda não possuíam leis escriptas.

Apesar da polygamia, há sempre uma esposa, entre os selvagens, que é a mais favorecida e a mais approximada do dono da casa, não tendo, além disso, tão sujeita ao trabalho quanto as outras. Nisso ella está mais ao nivel das pessoas

Antigos costumes dos lydios, armenios e habitantes de Chypre.

Têm os selvagens varias esposas.

livres. Todos os seus filhos são reputados legítimos, acreditando-se que o principal autor da geração é o pai e não a mãe<sup>1</sup>. Motivo pelo qual, muitas vezes, os índios matam os filhos dos seus prisioneiros, quando do sexo masculino, uma vez que taes crianças se originam de seus contrarios.

<sup>1</sup> Essa crença está relacionada com o *choco* ou *covada*, de que não fala Thevet, costume tão característico da civilização indígena do Brasil, segundo a phrase de R. K. Schuller (p. 368). Logo que a mulher paria, jejuava o marido. Apenas lhe era permittido provar um mingauzinho de farinha e beber agua purá, "porque o filho lhe saiu dos ombros" e a mulher não fez mais do que guardar "a semente no ventre" (G. Soares de Sousa, p. 370; Anchieta, p. 329 e 452; Nobrega, p. 90; Teschauer, p. 198).

## CAPITULO XLIII

### DA SEPULTURA E DE MAIS CERIMONIAS MORTUARIAS DOS SELVAGENS.

**Como os selvagens sepultam os corpos.**

Proseguindo a descripção dos usos e costumes dos selvagens americanos, tratarei, agora, de suas cerimonias funerarias e de seus processos de inhumação. Quando a alma se separa do corpo, os selvagens, não obstante a rudeza natural, sepultam o cadaver no proprio sitio em que a criatura tinha, em vida, satisfação de estar. Segundo dizem, não há lugar mais nobre para o defuncto do que a terra. É a terra que gera o homem. A terra que produz tantos bellos fructos, tantas riquezas uteis e necessarias ao uso de todos.

Outrora, existiu gente muito mais irreverente do que esses pobres indios. Gente a quem pouco importava o que pudesse acontecer ao corpo, preferindo mesmo expô-lo aos cães e às aves. Tal como Diogenes, que re-

**Opinião de Diogenes a respeito da sepultura do corpo humano.**

commendou servisse o seu cadaver de alimento aos passaros e outros animaes. Acreditava Diogenes que, após a morte, o corpo já não podia sentir nenhum mal, sendo preferivel que o mesmo servisse antes para nutrir do que para corromper. Opinião igual tinha Lycurgo, legislador lacedemonio, o qual, no dizer de Seneca, ordenou expressamente fosse o seu cadaver lançado ao mar. E houve quem pedisse que, depois de morto, se mandassem queimar seus restos mortaes e reduzi-los a cinzas.

Os selvagens, muito embora rudes e ignorantes, são mais racionaes do que os parthas em relação aos parentes



12. Sepultamento de um índio tupinambá (Thevet).

e amigos mortos, porquanto estes, em vez de adoptarem o costume legal de dar honrosa sepultura ao corpo, expõem-no, qual presa, aos cães e às aves. Do mesmo modo os taxilas, que atiravam os mortos às aves do ceu, como os caspianos o atiram às feras. Os ethiopes jogavam os cadaveres nos rios e os romanos queimavam-nos e reduziam-nos a cinzas, a exemplo de varios outros povos. Por onde se vê que os selvagens americanos não são destituídos de toda decencia, isto é, embora sem fé, nem lei, têm, ao menos, até onde os pode induzir a natureza, isso de bom — enterram seus mortos, como já se disse<sup>1</sup>, sentados, em fossos, tal qual o faziam antigamente os nasamões.

A inhumação do corpo e suas cerimonias connexas são praticas approvadas pelas Santas Escripturas, tanto a velha como a nova, se são devidamente observadas, uma vez que o corpo humano foi o vaso e orgão da alma divina e immortal. Por outro lado, a sepultura corresponde à esperanza de futura resurreição e permite que o corpo aguarde esse dia terrivel em segura guarda. Outras coisas mais se podiam dizer a respeito do assumpto, — o mau emprego que alguns fazem da sepultura, quer de um modo, quer de outro, etc., — mas a necessidade de proseguir a narrativa me obriga a passar adiante.

Entre os selvagens americanos, se morre algum chefe-de-familia, seus parentes proximos e amigos conservarão um estranho luto, que não dura o espaço de três ou quatro dias, mas de quatro ou cinco meses. Há um luto fechado, todavia, que se guarda apenas nos quatro ou cinco primeiros dias após o fallecimento. Nessa occasião, ouvi-los-eis levantar tal ruido e harmonia quaes os que fazem os cães e os gatos. Isto é, homens e mulheres, alguns estendidos em suas redes, outros acocorados em terra

<sup>1</sup> Thevet não tratou anteriormente, como affirma, da posição do morto, mas apenas do processo de enlaçar o cadaver. Cf. o cap. XXXVII.



e abraçados uns aos outros (como se vê na estampa ao lado) <sup>1</sup>, exclamam em sua lingua: — *Como nosso pai e amigo foi um homem de bem! Como combateu na guerra! Como destruiu tantos inimigos! Como era forte e possante, trabalhando bem os campos e apanhando caças ou peixe para o nosso alimento! Morreu! Nunca mais o veremos, senão após a morte, junto aos nossos amigos, na região onde já os viram os pagés, segundo nos contam!* E dizem outras palavras mais nesses mesmo tom, que repetem, em seus lamentos, mais de dez mil vezes, dias e noites, por espaço de quatro ou cinco horas cada vez.

Só no fim de um mês é que os filhos do morto celebram algumas festas e solemnidades em honra deste, para o que convidam os seus amigos. Reunem-se todos, recobertos de pinturas de diversas côres, de plumas e de outros adereços característicos, nessa ocasião praticando mil entretimentos e cerimoniaes (a proposito do assumpto, desejo mencionar certa

especie de passaro <sup>2</sup>, cujo pio, um tanto melancholico, se assemelha ao do mocho e pelo qual os selvagens têm tanta reverencia que não ousam tocar-lhe; dizem os indios que esse passaro deplora a morte de seus amigos, avivando-lhes a memoria dos mesmos).

Assim, como dizia, reunidos e paramentados de côres varias, os selvagens americanos entregam-se a dansas, jogos, batucadas, ao som de instrumentos, peculiares ao país, inclusive flautas fabricadas com os ossos dos braços e pernas dos inimigos, emquanto

<sup>1</sup> Eis como Thevet descreve o amortalhamento, em sua *Cosmographie Universelle*: “*Quand donques le mary ou la femme . . . sont morts, ils le courbent en un bloc et monceau, dans le lict ou il est decedé: tout ainsi que les enfans sont au ventre de leur mere, puis ainsi envelopé, lié, et garroté de cordes de cotton, ils le mettent dans un grand vase de terre, qu'ils couvrent d'un plat aussi de terre, où le deffunct souloit se laver. . . . Ce fait ils le mettent en ceste fosse ronde comme un puits, et profonde de la hauteur d'un homme ou environ, avec un peu de feu et de farine, de peur, disent-ils, que le maling esprit n'en approche, et que si l'ame a faim qu'elle mange: puis après couvrent le tout de la terre qui a esté tirée de ceste fosse*” (Métraux, *La rel. des Tup.*, p. 116 e 117). Refere-se Thevet à estampa n. 12.

<sup>2</sup> Vj. o cap. XLVIII, nota correspondente.

os mais velhos não cessam de beber e comer, servidos pelas mulheres e demais parentes do defuncto. Esse costume, segundo fui informado, tem por objectivo elevar o animo dos jovens, commovê-los, incitá-los à guerra e encorajá-los contra os seus adversarios.

Os romanos tinham costumes muito semelhantes. Pois, em seguida ao fallecimento de algum cidadão muito prestimoso à republica, organizavam jogos, pompas e cantos funebres em louvor e honra ao morto, os quaes serviam, ao mesmo tempo, para animar os mais jovens a dedicar-se à liberdade e protecção do país. Conta Plinio que foi um tal Lycaon o criador das bellas danças, jogos, cantos, pompas e exequias, que se usavam nas cerimoniaes mortuarias.

Do mesmo modo, os argivos, povos da Grecia, faziam jogos funebres em memoria do furioso leão derrotado por Hercules. E Alexandre-o-Grande, após ter visitado o sepulcro do bravo Heitor, ordenou, em memoria de suas proezas, que se lhe fizessem muitos louvores e se lhe prestassem solemnidades.

Poderia trazer à balha numerosas observações a respeito dos variados costumes mortuarios dos antigos. Isso de accordo com os lugares. Mas, afim de evitar a prolixidade, contentar-me-ei com o que disse sobre os selvagens americanos<sup>1</sup>. Tantos os antigos, como os actuaes, emfim, exce-

<sup>1</sup> Sobre os costumes mortuarios dos tupinambás e tribus afins, cf.: Léry, p. 338 sq.; H. Staden, gravura à p. 83; G. Soares de Sousa, p. 401 sq.; Gandavo, p. 55; Cardim, p. 177 sq.; Abbeville, p. 380; Évreux, p. 111 sq.; fr. V. do Salvador, p. 62 e 63; Nobrega, p. 91 e 100; Fernandes Gama, I, p. 34; Loreto Couto, p. 62; *Dialogos*, p. 53 et passim; Simão de Vasconcellos, p. 57; Gonçalves Tocantins, p. 117; Francisco de Paula Ribeiro, p. 195 e 196; Antonio Serrano, p. 126; A. Métraux, *La rel. des Tupi.*, p. 113 sq.

O ritual funerario dos tupinambás (sec. XVI e XVII) era constituído dos seguintes elementos:

a) O *pranto*, com estranhos lamentos, mais intensos nos dois, ou mesmo cinco dias, que se seguiam ao traspasse (*luto principal*, diz Thevet). Cardim affirma que durava um dia; outros mais. Muitas vezes, o choro era acompanhado de terriveis "baques".

b) O elogio do morto.

dem-se, em materia de fastos funebres, mais por vã e mundana gloria do que mesmo por outra causa. São, todavia, louvaveis as festas celebradas em honra do morto, ou de sua alma, pois é um meio de declarar a sua immortalidade e confirmar a resurreição futura.

c) A *ornamentação*, que consistia, tratando-se de algum principal, ou chefe de familia, em lavar, pintar, untar de mel e cobrir o cadaver de penas, carapuças e outros adornos.

d) O *amortalhamento*, na rede em que ordinariamente dormia o defuncto; quando não era o corpo amortalhado na rede, os tupinambás manietavam-no com fios de algodão ou de outras materias. No amortalhamento, o cadaver tomava a posição fetal (como observou A. M. Gonçalves Tocantins); mas a posição mais commum era a de quem estava sentado nos calcanhares. Algumas vezes tambem se dobrava o corpo de tal modo que os pés tocavam na cabeça.

e) A *inhumação do corpo no pote* (igaçaba ou camucim), que depois se enterrava na cova. A cova tinha a bocca oval ou redonda e a profundidade de quatro a cinco pés (a altura de um homem). Abria-se na propria oca do morto (quando se tratava de um principal ou chefe de familia), ou no pateo da taba. No caso de fallecer uma criança, cavava-se a fossa atrás da casa. Algumas pessoas eram enterradas nos campos, longe da taba. Da abertura de cova encarregava-se o parente mais chegado do morto. Em certas occasiões, dispensava-se a igaçaba; mas, nesse caso, construia-se o tumulo de modo a permittir que a terra não tocasse no cadaver (estacadas de pau, uso de um cuia na cabeça, etc.).

f) A *collocação, na cova, dos materiaes necessarios ao morto* — à direita, a cabaça de agua, o pote de cauim, o alguidar de comida (farinha, carne assada, peixe, aves) e, à esquerda, as armas e instrumentos agrarios. Não faltava mesmo a cangocira e o macinho de tabaco.

g) A *restituição, em acto publico, dos objectos*, com os quaes o morto havia presenteado aos seus amigos ou parentes.

h) A *construcção da chocinha de palha* (pindoba), no alto da cova, junto a qual se accendia o fogo.

i) O *jejum* (no dia do traspasse, ou do enterro, os parentes só se alimentavam à noite).

j) O *luto*. No dia seguinte ao do enterro, a viuva cortava o cabello bem rente ao couro, o mesmo fazendo todas as parentas e amigas que a iam visitar. Ao contrario do viuvo, ou dos homens, que o deixavam crescer.

k) A  *festa da tirado do luto*, realizada geralmente um mês após o traspasse, com dansas, jogos, musicas e vinhos. As mulheres pintavam-se de jenipapo e os homens voltavam a tosquiarse.

#### CAPITULO XLIV

### QUE TRATA DAS *MORTUGABAS* E DA URBANIDADE COM QUE OS SELVAGENS RECEBEM OS ESTRANGEIROS.

Como estou occupado em falar dos selvagens americanos, direi ainda alguma coisa a respeito dos seus costumes.

Na região habitada pelos selvagens não existem cidades, ou fortalezas de importancia, senão as que os portuguezes e outros colonos ali edificaram para sua propria commodidade.

*Mortugabas*, cabanazinhas dos selvagens. Como são edificadas.

As casas onde moram os indios são cabanazinhas, chamadas em sua lingua *mortugabas*<sup>1</sup>, reunidas em lugarejos ou aldeias, tal como acontece em alguns dos lugares francezes. Essas choupanas têm de comprimento duzentos ou trezentos passos e de largura mais ou menos vinte<sup>2</sup>; são feitas de madeira e cobertas de palmas, dispondo-se tudo tão simplesmente quanto é possível. Os tetos das choças são variados e bellos, embora tão baixos que é preciso curvar-se a cabeça para entrar em casa, como qualquer pessoa teria de fazer para passar através de um postigo.

<sup>1</sup> No texto, *Mortugabas*. Segundo Theodoro Sampaio (*O tupi na geographia*, p. 250), o termo é corruptela de *mora-tocaba* ou *mora-togaba*, a morada do povo, habitação, rancharia, povoação.

<sup>2</sup> As malocas dos tupinambás eram quadrangulares, com "duas braças de altura", "mais ou menos catorze pés de largura e uns cento e cincoenta de comprimento" (Staden, p. 135).

As dimensões variam com os autores: "*longues cependant pour la plupart de quatre vingts à cent pas*" ou "*bastimans ordinairement longs de plus de soixante pas*" (Léry, p. 217 e 312); "casas mui cumpridas, de duzentos, trezentos ou quatrocentos palmos, e cincoenta em largo" (Cardim, p. 306); "26 a 30 pés de largura, e 200, 300, 400 ou 500 de comprimento" (Abbeville, p. 211).

Varias familias habitam a mesma cabana, cada uma dellas occupando o espaço de três braçadas<sup>1</sup>. Essas habitações são mais toleraveis que as dos arabes e tartaros, que jámais constroem casas permanentes, errando cá e lá como vagabundos; embora se governem arabes e tartaros por certas leis, ao contrario dos selvagens americanos, que só conhecem as da natuteza.

Assim, pois, vivem os selvagens nessas choupanas, varias familias em conjuncto, e, no meio do lanço de cada uma, suas redes suspensas a fortes e poderosos pilares, as quaes são feitas de algodão, pois os indios o possuiam em abundancia (o algodão é extrahido de certa arvorezinha<sup>2</sup> da altura de um homem e seu fructo assemelha-se a um grosso botão, à feição do da bolota, differindo, todavia, do de Chypre, de Malta e da Syria). Essas redes não são mais expessas do que um dos nossos lençoes e os selvagens dormem nellas como geralmente vivem, isto é, inteiramente nus (rede, na lingua indigena, se chama *iny*<sup>3</sup> e o algodão de que é feita *manigot*). As mulheres mantêm o fogo continuamente acceso em ambos os lados da rede do chefe-de-familia, pois as noites são, algumas vezes, frias.

A arvore de algodão.

*Iny.*  
*Manigot.*

<sup>1</sup> Erigiam os tupinambás primeiramente a armação, constituida de grossos esteios, atravessados por tirantes, que ligavam com cipó, cobrindo os intervallos com palha ou "taipa de mão" (a taipa devia ser um elemento cultural posterior à chegada dos europeus). Vinha, por fim, o tecto, abaulado, feito de ripas e palhas de pindoba, ou de outra qualquer palmeira (extrahida quando ainda bem tenra). Penetrava-se na casa por "duas ou três portas muito pequenas e baixas", que se fechavam com anteparos de palha; dentro não existia nenhuma divisão notavel. Cada familia occupava o seu "lanço", marcado pelos "tirantes", deixando no centro um corredor livre ao transito. — Cf. Gonneville (*apud* Almeida Prado, p. 173); Staden, p. 135; Nobrega, p. 99; Gandavo, p. 126; Léry, p. 217 e 312; G. Soares de Sousa, p. 366; Cardim, p. 169 e 307. Ainda hoje os tapirapés conservam a forma do tecto concavo, typico dos tupis (H. Baldus, *Ensaio*, p. 282).

<sup>2</sup> O algodoeiro é descripto por J. de Léry, à p. 196. Ao algodão propriamente dito, diz esse autor que os tupinambás chamavam "*Ameni-iou*" (*Manigot*, em Thevet). *Aminiiú* em Maregrave (p. 59 da recente ed. de 1942).

<sup>3</sup> A respeito da rede, veja-se a descripção de Léry (p. 315). A rede dos tupinambás foi um elemento cultural usado muito cedo pelos colonos. "*Nous ne dormons point en d'autres lits*", diz Barré.

Cada familia guarda e reserva para si uma especie de fructo do tamanho do ovo de avestruz (da côr das cabaças ou aboboras de agua), atravessado, de um lado a outro, por um bastão de ebano, com pé e meio de comprimento. Uma das extremidades do bastão fica plantado no solo, ao passo

que a outra extremidade é guarnecida por bellas pennas arrancadas de uma ave muito vermelha, chamada *arara*. Tem esse fructo muita honra e reputação entre os selvagens, que o consideram mesmo como o seu Tupan. E os taes prophetas, quando apparecem, fazem-no falar lá de dentro, surpreendendo o segredo dos inimigos ou, como affirmam, recebendo noticias das almas dos mortos queridos<sup>1</sup>.

#### Gallinhas.

Os selvagens não criam, em torno da casa, animaes domesticos, a não ser algumas gallinhas; mas essas aves são assim mesmo raras e só existem em certos lugares, trazidas pelos portuguezes (pois antes não tinham dellas nenhum conhecimento). Todavia, não dão muito apreço a essas criações, pois, por uma faquinha de nada, quem quiser pode obter duas das aves. E de modo algum

Cf. sobre o assumpto a importante nota de Eloisa Torres à p. CIII de Marcgrave (ed. do Museu Paulista, São Paulo, 1942). Segundo W. Schmidt, *Ethnologia*, p. 124, a rede é um elemento característico da cultura do arco.

<sup>1</sup> O maracá era, realmente, a representação mystica do pagé. A cerimonia, de que fala Thevet, é minuciosamente descripta por H. Staden (p. 153 e 154).

Esse instrumento magico-religioso, especie de chocalho feito de cabaça, assemelha-se, no tamanho, a um ovo de avestruz, ou a um melãozinho ôco (cheio de milho miudo, de grãos negros, ou de pedras), atravessado por um pau. O pau servia de cabo; pintavam-no, os indios, de vermelho, nas festas religiosas, adornando-o de plumas multicores. As vzes, abria-se na abobora um orificio, que imitava uma bocca (Léry, p. 110; G. Soares de Sousa, p. 383; Évreux, p. 384; Abbeville, p. 48). Diz Hoehne que a vareta era feita com a brejauba (*Astrocaryum Ayri*, Mart.). Mais adiante (f. 104), Thevet faz referencia a uma especie de cabaça, ou cuyetê, chamada *cohyne*, com a qual os indios faziam seus maracás. A *cohyne* é a *Crescentia cuyete*. L. (cf. a nota correspondente, no cap. LIV).

Além da bocca, pintavam os indios, no coité dos maracás, cabellos, olhos e narizes (*Cartas Avulsas*, p. 97; Anchieta, p. 331 e 332; Nobrega, p. 99). Nesse costume de dar forma humana ao chocalho percebemos os primeiros indios da idolatria, de influencia, a principio europeia, depois africana. Évreux, de facto, afirma que conheceu certo pagé, possuidor de uma boneca, cujo maxilar inferior era movel. Concitava o feiticeiro a que as mulheres tupinambás trouxessem legumies afim de serem mastigados pela boneca: a semente, assim triturada, tinha o poder magico de reproduzir-se facilmente.

as com as mulheres, mostrando até desagrado quando vêm os francezes servir-se, nas refeições, de quatro ou cinco ovos

*Arignane.* (que chamam *arignane*)<sup>1</sup>, pois dizem que cada ovo corresponde a uma gallinha, isto é, alimento sufficiente para satisfazer a dois homens. Além das galli-

*Papagaios.* Os indios tambem criam papagaios, que traficam com os europeus por algumas ferramentas.

Os selvagens não conhecem o ouro, ou a prata amoedada, nem usam de nenhum modo esses metaes<sup>2</sup>. Aprisionando, certa vez, um navio portuguez, onde havia numerosas mbedas de prata, que tinham sido trazidas de Morpion, deram os indios todo esse dinheiro a um francês em troca de quatro machados e algumas faquinhãs. Constituem esses instrumentos as coisas que mais estimam os selvagens. E não sem razão, pois as ferramentas são proprias para cortar madeira. Anteriormente, eram os indios constringidos a cortar, ou abater as arvores, com o auxilio de pedras, ou à custa de fogo; assim como, tambem, não usavam de outro material na fabricação dos arcos e flechas.

<sup>1</sup> No texto, *Arignane*. — Léry (p. 156): "*Et mesmes estimans entr'eux que les oeufs qu'ils nomment Arignantopia, soyent poisons: quand ils nous en voyoient humer, ils en estoient non seulement bien esbahis, mais aussi disoyent-ils, ne pouans auoir la patience de les laisser couuer, C'est trop grande gourmandisse à vous, qu'en mangeant un oeuf, il faille que vous mangiez une poule*". Cf. nota de Plinio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 133.

Entre os tupinambás, a domesticação dos animaes estava, por assim dizer, no seu periodo incipiente. Isso por diversos motivos. Primeiramente, por causa de certos aspectos de mentalidade de selvagem: as aves e os porcos criados em casa eram tabús. Em seguida, porque não existiam no Brasil animaes como o cavallo, o boi, o carneiro, que o homem muito cedo aproveitou para a tracção ou a carga, ou dos quaes extrahia alimento (cf. J. R. de Sousa Fontes, p. 509 sq.). Todavia, observa G. Soares de Sousa que os tupinambás amestravam cachorros para a caça e criavam "gallinhas e outros passaros" (p. 379). E' verdade, porém, que esses especimens da fauna domestica eram destinados à industria dos adornos, ou reservados ao trafico usual, taes como o quiruá, o tucano, a arara, o papagaio, etc., ou constituíam o que se chamavam os *xerimbabos*, isto é, os animaes de estimação.

<sup>2</sup> Já dizia Staden (p. 152): "Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são pennas de passaros; e quem tem muitas é que é rico". Cf. ainda a carta do padre Balthazar Fernandes: "buzios e contas, que é o dinheiro que corre nesta terra" (*Cartas Avulsas*, p. 485).

São os selvagens mais generosos do que lhes é possível permittir a natureza. É verdade que, em relação às coisas recebidas das mãos dos colonos, denotam muita avareza; quanto, porém, às riquezas naturaes do país, a saber, caças, fructas e peixes (pois não têm outra coisa),

mostram-se elles muito liberaes, não só entre si, como de tribu para tribu. Comtanto que a tribu seja sua alliada. Assim, mal apparece

**Liberalidade dos selvagens para com os outros.**

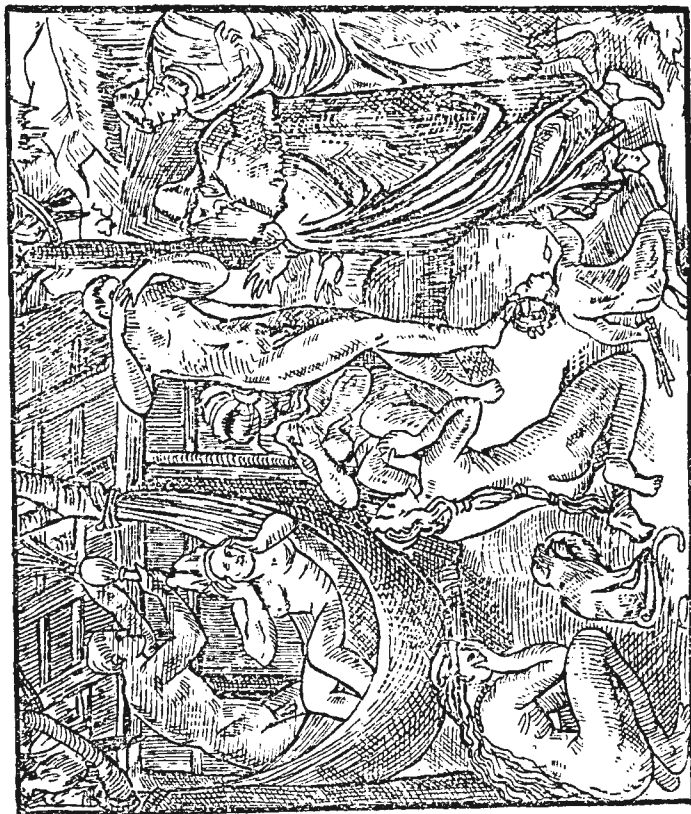
alguem em visita á aldeia, os indios dão-lhe alojamento e presenteiam-no com viveres, offerecendo-lhe, ainda, uma das filhas para o serviço do hospede (como já o disse em outro lugar). Nesse momento, sentam-se as mulheres e moças em torno do peregrino, e, em signal de alegria, gritam e choram<sup>1</sup>, exclamando, se o hospede o permite: — *Sê bemvindo! És um dos nossos bons amigos! Quanto soffreste para vir visitar-nos!* E outras caricias mais do mesmo jaez. Nesse interim, o chefe-da-familia, na sua rede, acompanha o choro feminino.

Chegando alguem de uma viagem de trinta ou quarenta leguas, feita por agua ou por terra, é certo encontrar abrigo, excepto se outro hospede já estiver occupando a cabana. Nesse caso, o dono da casa annuncia aos demais companheiros a vinda do forasteiro, pois pode ser que haja pessoas interessadas na sua hospedagem. Assim procedem os indios em relação aos estrangeiros.

Quanto mais pobre é essa gente mais curiosidade e pasmo demonstra pelas coisas novas ou desconhecidas (diz o

<sup>1</sup> A saudação lacrimosa é um rito de polidez vastamente diffundido na America Antarctica. Cf.: Léry, p. 323; Gandavo, p. 127; Anchieta, p. 435 e 436; G. Soares de Sousa, p. 382; Cardim, p. 171 e 308 sq.; Loreto Couto, p. 62; *Dialogos*, p. 270; S. de Vasconc., p. 58; Évreux, p. 34, 83 e 195; Abbeville, p. 331 e 332; fr. V. de Salvador, p. 65. — A saudação lacrimosa foi objecto de estudo por parte de varios ethnographos. Só em 1906 surgiram três trabalhos a respeito desse traço cultural: o de Georg Friederici ("Der Tranengruss der Indianer", em *Globus*, Braunschweig, LXXXIX), o de Rudolph R. Schuller ("El origen de los Charrúa", em *Ann de la Univ. de Chile*, CXVIII, Santiago) e o de Alfredo de Carvalho ("A saudação lacrimosa dos indios", em *Rev. do Inst. Arch. Pern.*, XI). Uma revisão geral do problema realizou Métraux, *La religion des Tupinamba*, p. 180-188, com uma carta de distribuição à p. 186.





13. A saudação lacrimosa (Thevet).

**Proverbio.** proverbio que a *ignorancia é mãe da admiração*); não são apenas esses, entretanto, os sentimentos que animam os índios, mas, também, a ambição de adquirir presentes por parte dos estrangeiros, pois sabem tão bem agradar que ninguém pode recusar-se aos seus desejos. Os homens, logo que são visitados em suas cabanas, chegam-se ao visitante com a maior segurança e familiaridade, tomando-lhe o chapéu, que põem na cabeça, uns após outros. E assim se olham e admiram, convencidos de que estão mais bonitos<sup>1</sup>. Quando não se apoderam da espada ou outra qualquer arma, que porventura possua o hospede, ameaçando com ella seus inimigos. Ameaças em que tomam parte, também, as palavras e os gestos. Em summa, os selvagens correm inteiramente o visitante, não sendo conveniente que se lhes negue nada, pois, do contrario, não será o mesmo servido, ou não usufruirá o forasteiro os favores e amizade dos indigenas. É verdade, todavia, que os índios restituem os objectos pertencentes ao hospede.

Os mesmos agrados fazem as moças e as mulheres casadas, tudo com o objectivo de tirar dos estrangeiros algum proveito, embora se contentem com muito pouco. Approximam-se do visitante, a exemplo dos homens, com fructas e outras coisas, que se costumam dar de presente, dizendo-lhe: *Agatouren eori asse pia*, isto é "Como és bomzinho! Mostra-me o que tens" (isso tudo por adulação). São desejosas, sobretudo, de novidades, taes como espelinhos, contas de vidro, etc. As crianças, do mesmo modo, gritam em bando: — *Hamabe pinda*, ou seja, "Dê-me alguns anzoos" (pois empregam o anzol na pesca do peixe). E são bem ensina-

<sup>1</sup> Eis como Léry descreve o modo pelo qual foi recebido entre os tupi-nambás da bahia de Guanabara (p. 318 e 319): "*& au reste l'un ayant prins mon chapeau qu'il mit sur sa teste, l'autre mon cöpee & ma ceinture qu'il ceignit sur son corps tout nud, l'autre ma casaque qu'il vestit: eux dié, m'esturdissans de leurs crieries & courans de ceste façon parmi leur village avec sens hardes, non seulement ie pensois auoir tout perdu, mais aussi ie ne sauois où i'en estois*". A respeito da hospitalidade entre os indigenas brasileiros, cf. Martius, *O direito*, p. 85 sq. Quanto às populações primitivas em geral, veja-se Westermarck, I, p. 567-593 e II, 651 sq.

das no uso da palavra *agatourcn*, cujo significado já se sabe, seguras de que não lhes negareis o que tiver. Do contrario, fecham a cara e exclamam: — *Hippochi dangããpa aiouga*<sup>1</sup>, o que quer dizer “Vai-te! Não vales nada. Merecias que te matassem”. Isto tudo acompanhado de muitas ameaças e injurias.

Os selvagens, em resumo, não dão nada sem que também recebam. E assignalam bem a quem lhes fizer uma recusa, nunca mais esquecendo esse facto.

<sup>1</sup> “De agatorem, amabe pinda: *c'est à dire, Tu es bon, donne moy des haïns: car Agatorem en leur langage veut dire bon: Amabe, donne moy: & Pinda, est en hameçon. Que si on ne leur en baille, la canaille de despit tournant soudain la teste, ne faudra pas de dire, Deengaiipa-aiouca, c'est à dire, Tu ne vaux rien, il te faut tuer*” (Léry, p. 180). Cf. Plinio Ayrosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 109 e 151. *Angaturã*, alma boa; *emeê abbé*, dá-me mais; *pindá*, anzol. *Nae angatpá ajuka*, és mau, eu mato.

## CAPITULO XLV

### DESCRIÇÃO DA DOENÇA CHAMADA *PIANS*, À QUAL ESTÃO SUJEITAS AS POPULAÇÕES AMERICANAS, TANTO NAS ILHAS QUANTO EM TERRA-FIRME.

Nada existe, como se sabe, no perimetro entre a terra e o primeiro ceu, que não esteja mais ou menos sujeito a uma continua mutação e desenvolvimento. Não sendo simples o ar, que nos envolve, mas antes composto, por isso mesmo não se conserva elle inalteravel no tempo e no espaço; assim são tambem as doenças, as quaes, no dizer dos doutores, provêm quer da atmospherá, quer das condições de vida. Pelo que achei conveniente descrever uma doença muito diffundida nas regiões, recentemente descobertas, da America e do Occidente.

*Pians*, doença  
dos selvagens.  
Sua origem.

Essa doença, chamada entre os selvagens de *pians*<sup>1</sup>, não se origina, todavia, dos vicios do ar, que, na America, é bom e temperado, como provam os fructos produzidos pela terra com o seu beneficio (mesmo porque nada se pode fazer, natural

<sup>1</sup> No texto, *Pians*. Thevet foi quem primeiro descreveu a doença, que os tupinambás chamavam de *pians* (descripção analogá em Léry, p. 339); com o nome de *bouba*, a mesma doença apparece na *Tratado* de G. Soares de Sousa (p. 386 sq.). Évreux achava que o *pians* excedia, em sordidez, ao mal de Napoles (p. 109). O padre Labat encontrou a bouba nas Antilhas (*Nouveau Voyage*, II, p. 120) Cf. ainda: Bernardino Antonio Gomes, "Memoria sobre as boubas", em *Hist. e Mem. da Ac. Real das Scien. de Lisboa*, IV, parte I, 1815; Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844; G. Levacher, "*Histoire du Pian*", em *Guide Medical des Antilles*, Paris, 1847 (3.ª ed.); O. da Silva Araujo, *Contribuição para o estudo da bouba* (Rio, 1911) e *Subsidios para o estudo da framboesia trópica* (Rio, 1928); Waldemir Miranda,

ou artificialmente, sem o auxilio do ar, sendo certo, tambem, que as molestias, quando provenientes do vicio d'elle, offendem moços e velhos, ricos e pobres, tendo-se em vista, todavia, as disposições internas). Parece, portanto, ser o *pians* proveniente de certa malversação, com origem, por sua vez, no tracto sexual entre machos e fe-

meas, visto que esse povo é muito luxurioso, carnal e excessivamente bruto. Especialmente as mulheres, que procuram e empregam todos os meios no sentido de arrastar os homens ao prazer. E isso me faz pensar e affirmar ser mais verosimil que a dita molestia não seja outra coisa senão a syphilis<sup>1</sup>, hoje tão vulgar na Europa (mas falsamente attribuida aos

Os selvagens são muito luxuriosos e carnaes.

*A boubá no nordeste brasileiro*, Pern., 1935; Octavio de Freitas, *Doenças africanas no Brasil*, São Paulo, 1935. "Quanto à origem das boubas (escreve Rodolpho Garcia, em nota aos *Dialogos*, p. 122), acreditam alguns autores que fossem ellas importadas com os negros da Africa; mas, contra esse parecer, há o testemunho de varios viajantes, que affirmam que os indigenas do Brasil tambem eram sujeitos ao mal, desde os primeiros tempos da colonização. Da confusão entre as boubas e a syphilis deve ter-se originado a lenda de que esta foi levada da America para a Europa".

A opinião de que essa entidade nosographica seja nativa na America é, actualmente, acatada pelos nossos maiores especialistas no assumpto. No fim do presente livro, em appenso, transcrevo uma erudita nota, ainda inedita, que me foi gentilmente cedida pelo dr. Eustachio Duarte, da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

O termo *pians* é, provavelmente, de origem túpica, não devendo ser levada em conta a etymologia de Levacher, que foi buscar a origem da palavra na lingua celtica.

Os indigenas do Rio de Janeiro já possuíam um termo proprio para designar essa doença. Já estavam mesmo, como diz Eustachio Duarte, traquejados na luta contra o mal. Não era possivel que os tupinambás, decorridos apenas alguns poucos anos de tracto com os colonos europeus, fossem adoptar um nome estranho para o *pians*, contra o qual tinham até seus medicamentos tropicaes.

<sup>1</sup> No texto, *verolle*. Littré inclue essa palavra entre as velhas denominações populares da syphilis, em França, esclarecendo que o termo, no seu sentido vulgar, não se applicava à explosão inicial da doença, nem tambouco às suas formas geraes de evolução, mas apenas a determinados signaes secundarios: as syphilides pustulosas ou as erupções papulosas, nas suas multiplas variedades cutaneas. Lanereaux (p. 732) pensa do mesmo modo.

Os franceses do tempo de Thevet emprestavam a mesma designação às boubas, facto que originou, entre os tratadistas, lamentaveis confusões. Outras doenças de caracter eruptivo e ulceroso tambem eram conhecidas pelo mesmo nome. Ainda hoje, tanto em França como nas colonias francesas da Africa, o povo adota as expressões *grosse-vérolle* para a boubá, *vérolle* para a syphilis e *petite-vérolle* para a variola.

O termo *viruela* é a expressão popular correspondente em Espanha, Cf. Doct. Cabanés (p. 30, comentario do trad. Francisco Carayaca).

franceses, e, por isso, chamada entre os estrangeiros de *mal francês*, como se os outros também não estivessem a ella sujeitos).

**Verdadeira  
origem da sy-  
philis.**

Todos sabem, entretanto, que a syphilis assola a França tanto quanto outros países e adveio, originariamente, de Napoles, para onde a levaram alguns soldados espanhoes, chegados das ilhas occidentaes. Assim, embora fosse essa doença primitivamente descoberta pelos espanhoes e aos mesmos contaminada, ninguem faz menção disso em França, na Grecia e em qualquer outra parte da Asia. ou da Africa. Lembro-me que ouvi commentarios a esse respeito do fallecido doutor Sylvius<sup>1</sup>, medico dos mais doutos dos actuaes tempos. Por isso, em virtude de sua origem, acho mais conveniente e razoavel chamar-lhe de *mal espanhol*, em lugar de

**A vérolle. Por-  
que é assim  
chamada entre  
os franceses.**

outro qualquer nome: uma vez que em francês já existe nome proprio — *vérolle* (assim chamada porque, frequentemente, segundo o tempo e a constituição do doente, se manifesta à flor da pelle em *postulas*, às quaes se dão também o mesmo nome)<sup>2</sup>.

O *pians* (tornando ao mal dos selvagens e aos seus remedios) ataca os indigenas americanos e os europeus só pelo contacto ou toque, tal qual a syphilis. Desse modo, apresenta os mesmos symptomas e perigos, sendo mais difficil de curar à medida que é mais antigo. E, às vezes, afflige os indios até nos seus ultimos instantes.

Se algum colono, na America, se junta às indias, não escapa do mal. Mais depressa ainda do que os nativos. Para a cura, ou para evitar as complicações, que, quasi sempre, se seguem à manifestação da doença, — fazem os selvagens decocção

<sup>1</sup> Thevet refere-se ao dr. Jacques Dubois, também conhecido pelo nome de Del Boë ou Sylvius, natural de Amiens (1478-1555).

<sup>2</sup> Trocadilho, só comprehensivel em francês: "*car en Français est appelée verole pour ce que... elle se manifeste au dehors à la peau par pustules, que l'on appelle veroles*" (f. 87).

da casca de certa arvore chamada *hivourahé*<sup>1</sup>,  
 O *hivourahé*, de tão bom ou melhor effeito que o guaiaco.  
 uma arvore. São os indigenas, aliás, mais facilmente cura-  
 veis que os europeus, a meu ver em virtude de sua consti-  
 tuição menos corrompida pelos vicios.

Eis o que me pareceu conveniente dizer a proposito do assumpto. É, quem se sentir pouco inclinado a acreditar em minhas informações, que peça a opinião dos mais illustres sabios a respeito da origem dessa doença, procurando indagar quaes as partes internas mais facilmente sujeitas à affecção, ou procurando saber quaes os elementos de que se nutre esse mal, — pois há, hoje, muitas controversias frivolas a respeito de tal assumpto, sendo raros os que estão de accordo sobre o mesmo ponto, principalmente em materia de cura. Está visto que não me refiro aos doutores. Emfim, existem algumas pessoas tão ignorantes que causam muitos transtornos aos pacientes: em lugar de curá-los, precipitam-nos na voragem e abysmo das maiores afflicções.

Há certas opthalmias (das quaes já falei)  
 Selvagens que provêm do abuso da fumaça<sup>2</sup>. Assim  
 acommetidos de opthalmias. acontece entre os selvagens, que accendem fogo  
 em varias partes e sitios de suas cabanas, —  
 aliás bem vastas, pois nellas se reúnem e hos-  
 pedam numerosas pessoas. Sei, entretanto, que  
 toda opthmia, entre os indios, não provém,

<sup>1</sup> No texto, *Hivourahé*; à f. 96 e 97, *Hivourahé*. Léry assim descreve essa planta (p. 190): *Hivourahé, ayant l'escorce de demi doigt d'espais, & assez plaisante à manger, principalement quand elle vient fraîchement de dessus l'arbre, est une espèce de Goïata, insi que lie l'ay ouy affermer à deus Apoticaïres*. — O *Hivourahé* de Thevet é o mesmo *Ymiracem* de Martius. Trata-se, provavelmente, da *casca-doce* ou *buranhem* — *Pradosia glycyphloca* (Mart. & Eichl.), ou *Pradosia lactecens* (Radlk). Cf. Hoehne, p. 125 sq. Thevet volta a tratar da mesma planta à f. 94, 96 e 97. O *gaiac*, de que fala o frade, é a *Schotia speciosa* Jacq. ou o *Fraxinus excelsior* L.

Aliás, Marcgrave assim descreve a planta (p. 71): "*Indigenae Ibraeae, id est, Lignum dulce, non autem Hiouraeae, ut Leriuss & Thevetus prodiderunt appellanti*". Na traducção de mons. José Procopio de Magalhães (ed. do Mus. Paulista, 1942, p. 101), esse trecho, por um lapso, não menciona o nome de Thevet.

<sup>2</sup> Trata-se, sem duvida, da conjunctivite catarrhal simples, tão disseminada entre os indios. Évreux (p. 111) ensina que essa doença se curava, facilmente, com algumas instillações de um collyrio a base de vitriolo.

da fumaça; mas, seja como for, sempre se origina dos vícios do cerebro, por qualquer meio que tenha sido offendido.

Nem toda  
doença dos  
olhos é oph-  
thalmia.

Também, nem toda doença dos olhos é ophthalmia, como acontece mesino entre os habitantes da America, de que falo, porquanto muitos selvagens têm perdido a vista sem que tivessem soffrido nenhuma inflammação nos olhos.

Trata-se, certamente, de algum humor do nervo optico, impedindo que o espirito da vista chegue até os olhos.

Vento austral  
doentio.

Parece-me ainda que esse excesso de materia no cerebro advem do ar e vento austral, que o torna facilmente sobrecarregado. Vento quente e umido, muito commum na America. Assim o diz, com acerto, Hippocrates. Eu mesmo o experimentei, sentindo o corpo mais pesado, sobretudo a cabeça, em particular quando o vento sopra ao meio-dia.

Cura das oph-  
thalmias.

Para curar esse mal dos olhos, os selvagens cortam ramos de certa arvore muito bran- da semelhante à palmeira. Levam-nos à ca- bana e lá espremem o seu succo vermelho nos olhos do pa- ciente <sup>1</sup>.

Direi, finalmente, que os índios jâmais são sujeitos à lepra <sup>2</sup>, à paralyisia, a ulceras e a outros males externos ou superficiaes, como acontece aos europeus. Quasi sempre se sentem sãos e dispostos, marchando audaciosamente, de ca- beça em pé, como os cervos.

Eis o que, de passagem, me cabia dizer sobre a mais perigosa molestia da França Antarctica.

<sup>1</sup> Hoehne identifica essa planta com o *piná-paná*, *urtiga-de-mamão*, ou *cansação* (*Jatropha urcns* L.), tambem conhecido, em algumas localidades, pelo nome de *queimadeira-do-digbo* (p. 126 e 127). As folhas, profundamente lobu- ladas e grandes, accrescenta esse botânico, fizeram nascer em Thevet a idéia de uma palmeira, com que a comparou, tendo sido mais feliz na explicação do caule extremamente molle. Descripção em Pio Correia, I, p. 496.

<sup>2</sup> Thevet offerece, aqui, importante subsidio aos investigadores da noso- graphia primitiva do Brasil. A lepra, endemia generalizada na Europa quinhen- tista, era desconhecida entre nós, ao seu tempo. Piso, quasi um seculo depois, notaria ainda a inexistencia dessa entidade morbida no Brasil: "*lepro et scabies incognitae sunt*".



## DAS DOENÇAS MAIS FREQUENTES NA AMERICA E QUAL O METHODO OBSERVADO NA CURA DAS MESMAS.

Ninguem, mesmo por mais rude, ignora que os povos americanos são formados pelos quatro elementos, à semelhança de todas as coisas da natureza. E, por esse motivo, sujeitos às mesmas affecções das demais raças humanas (à dissolução da materia, por exemplo). Mas é também verdade que as molestias podem tomar differentes aspectos, de accordo com o clima, ou de accordo com o modo de vida de cada pessoa.

Os habitantes da America, perto da orla maritima, estão sujeitos a doenças corruptivas, febres catarrhaes e a outros males. Pelo que são os selvagens ludibriados e explorados por seus prophetas (já falei delles em outra parte), os quaes são chamados a soccorrer os indios, mal se sentem estes doentes. Não se pode comparar melhor

**Falso juizo dos selvagens em relação aos seus prophetas e às suas molestias.** esses velhacos senão aos numerosos impostores e charlatães de feira, que, em França, conseguem illudir facilmente as pessoas ingenuas, fazendo crer que podem sarar todos os males curáveis e incuráveis, — no que eu acreditaria

perfeitamente se a sciencia fosse feita ignorancia e a ignorancia sciencia. Pois taes prophetas dão a entender aos brutos dos selvagens que falam aos espiritos de seus antepassados; assim como os convencem de que nada lhes impede de communicar-se à alma contida no corpo.

Assim, quando um doente extertora, sentindo qualquer humor no estomago, ou nos pulmões, não podendo expelli-lo, por debilidade ou por outra qualquer motivo, dizem os prophetas ser a alma do doente, que se queixa.

**Methodo de curar as molestias, observado pelos selvagens.**

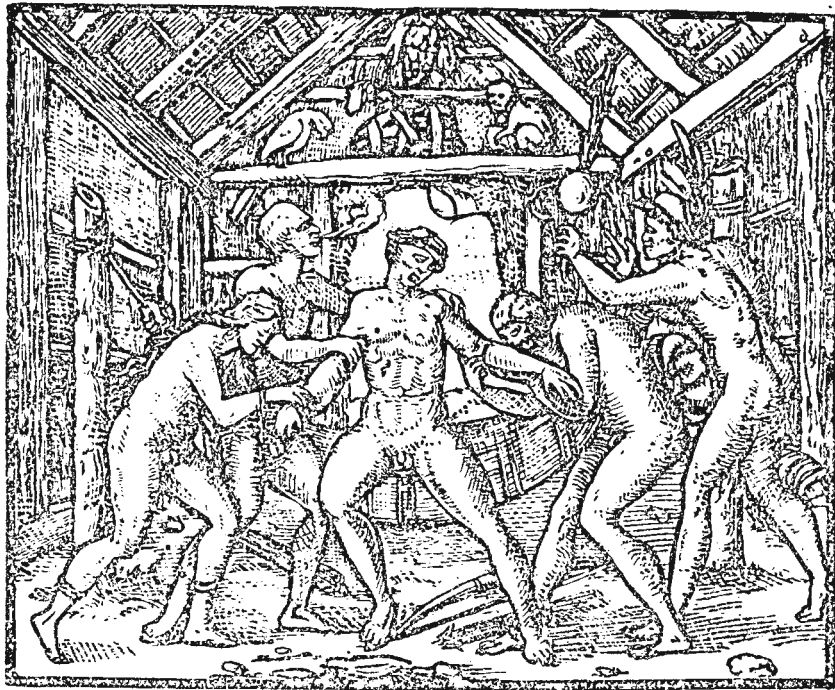
E, para curar o mal, chupam a parte dolorida, julgando, desse modo, extrahir della o incommodo<sup>1</sup>. Tambem os selvagens em geral, é certo, se sugam reciprocamente, mas não com a mesma fé e animo dos pagés.

As mulheres procedem de modo diverso. Põem um longo fio de algodão, de uns dois pés, na bocca do paciente, por meio do qual servem e pensam que estão expellindo o mal. E, se alguem fere outrem, de proposito ou não, tambem se encarrega o offensor de chupar a chaga do ferido, até que este se cure (nesse interim, abstem-se o doente de certas viandas, consideradas prejudiciaes à cura).

Usam os selvagens, ainda, outro differente methodo de cura, a saber, fazem incisões nas espaduas, por meio das quaes retiram certa quantidade de sangue. Fazem as incisões com uma especie de planta muito afiada, ou com os dentes de certos animaes<sup>2</sup>. Finalmente, os indigenas ame-

<sup>1</sup> A sucção representava um papel importante na therapeutica tupi-guarani. "*S'il advient donc qu'aucuns d'eux tombe malade, après qu'il aura monstré, & fait entendre où il sent son mal, soit au bras, iambes ou autres parties du corps: cest endroit la sera succé avec la bouche par l'un de ses amis: & quelques fois par une maniere d'abuseurs qu'ils ont entr'eux nommez Pagés... lesquels non seulement leur font accroire qu'ils leur arrachent la douleur, mais aussi qu'ils leur prolongent la vie*" (Léry, p. 338 e 339). Cf. ainda Anchieta (p. 332) e Cardim (p. 162). Com mais vivacidade, descreve Évreux a scena de sucção: "vós os vêdes puxar pela bocca, como podem, o mal... do paciente, fazendo-o passar para a bocca e garganta delle, inchando muito as bochechas, e deixando dellas sair de um jacto o vento ali contido, causando estampido igual ao de um tiro de pistola, e escarrando com grande força, dizendo ser o mal, que havia chupado e fazendo-o acreditar ao doente" (p. 273 sq.). Algumas vezes, como diz Thevet, fingia o curandeiro extrahir do corpo do doente pedacinhos de pau, espinhos, ossos, etc. Cf. ainda G. Soares de Sousa (p. 388) e Abbeville (p. 374 e 375). Sobre a extracção magica do *quid* maligno, por sucção, veja-se finalmente R. Pardal, *Medicina*, p. 69-73.

<sup>2</sup> "Curam estes indios algumas postemas e bexigas com summo de ervas... e, quando se sentem carregados da cabeça, sarjam nas fontes, e aos meninos sarjam-nos nas pernas, quando têm febre, mas em secco; o que fazem as velhas com um dente de cutia muito agudo" (G. Soares de Sousa, p. 387).



14. Tratamento de um doente (Thevet).

ricanos nunca alimentam os doentes, a não ser quando os mesmos o solicitam, preferindo deixá-los enlanguescer durante todo um mês<sup>1</sup>.

As doenças, como tive occasião de observar, não são tão frequentes na America quanto na Europa, embora, noite e dia, vivam nus os selvagens. Também é certo que os indios não se excedem na bebida ou comida. Por exemplo não se servem de nenhuma fructa corrompida, ou que não esteja perfeitamente madura. As carnes, por outro lado, devem ser bem assadas.

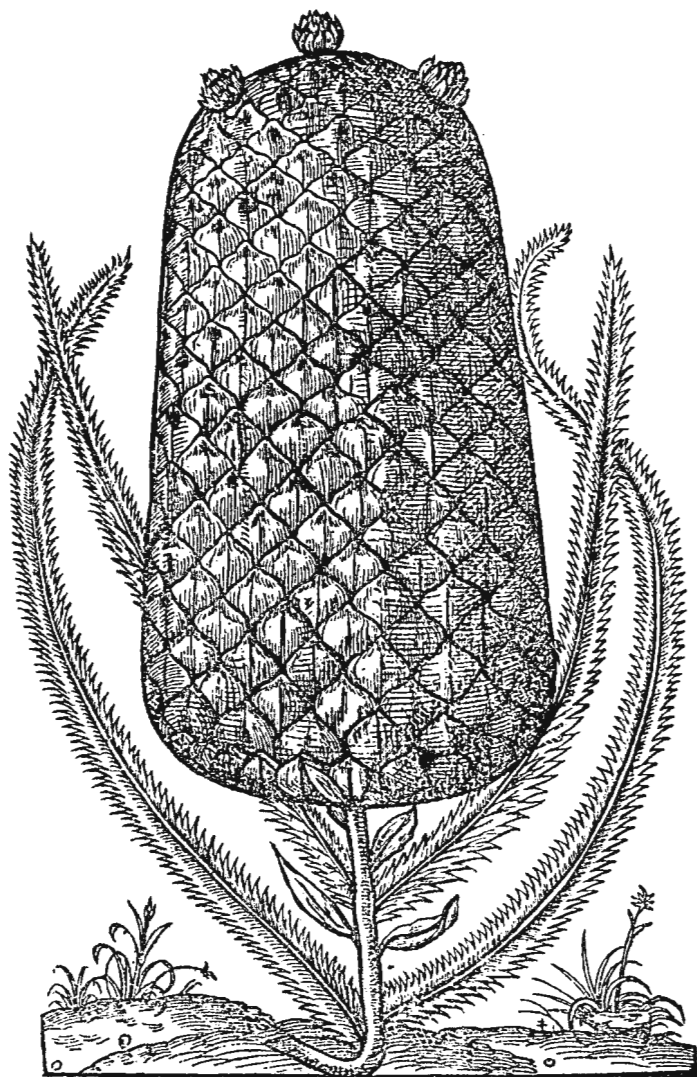
São os selvagens, dema... muito curiosos no exame das arvores e fructas, afim de conhecer-lhes as propriedades medicinaes<sup>2</sup>. E a fructa, que mais commumente usam em suas molestias, é a chamada *ananás*<sup>3</sup>. O ananás é da grossura de uma abobora media, sendo semelhante, exteriormente, à pinha, como se poderá verificar na gravura ao lado. Quando amadurecido, se torna amarello. É maravilhosamente excellente, não só por sua doçura, como por seu sabor, sendo assim como o mais delicado açúcar, senão melhor. Não se pode transportar essa fructa para a Europa, a não ser em conserva, pois, quando sazoadada, não tem muita duração. Além disso, não possui

<sup>1</sup> "si celuy qui est detenu au lict devoit demeurer un mois sans manger, ou ne luy en donnera jamais qu'il n'en demãde (Léry, p. 340).

<sup>2</sup> Admiravelmente reconheciam os tupinambás as especies uteis da flora brasilica. Desse modo, sabiam descobrir a propriedade medicinal de certas plantas, como sejam, o ananás, "cujo summo come todo o cancer"; a caburehyba, milagrosa na cura das "feridas frescas"; as folhas do caraobuçú, que, pisadas, curavam as houbas; a ubiracica, da qual se faziam "emplastros para defensivo da frialdade"; as raizes de jeticuçú, que eram "maravilhosas para purgar"; a copahyba, de que se extrahia um "balsamo mui salutifero", etc. Cada um, diz Loreto Couto, "é medico de si mesmo e da sua familia". Cf. Soares de Sousa, p. 225 sq.; veja-se ainda Anchieta, p. 126 e 127; Gandavo, p. 99 e 100; Cardim, p. 61 sq. Sobre o assumpto, ler mais uma vez Martius, *Natureza*, p. 224.

<sup>3</sup> No texto, *nana*. Essa é tambem a forma usada por Barré (Gaffarel, *Histoire*, p. 379), Anchieta (p. 430) e Cardim (p. 71). Em Gandavo *ananazes* (p. 97), em Léry *Ananas* (p. 199), em G. Soares de Sousa *ananás* (p. 225), em fr. V. do Salvador *ananazes* (p. 32) e em Abbeville *ananás* (p. 262). Todos comparam o ananás à pinha.

*Naná* diz Hoehne (*Bot.*, p. 107) é ainda hoje o nome empregado por muitas tribus indigenas. E acrescenta que, há alguns lustros passados, o dr. Moisés



15. O ananás (Thevet).

nenhum caroço, reproduzindo-se por intermedio dos renovos, como se faz em França com os enxertos. Antes, todavia, de amadurecer, é o ananás tão aspero que pode ferir a bocca. A folha dessa planta, quando crescida, assemelha-se à de um junco bem grande.

Não quero esquecer um singular e estranho incommodo, causado por certos vermezinhas que se introduzem nos pés. Esses vermezinhas tem o nome de *tom*<sup>1</sup> e não são maiores do que os ouções. Penso que taes bichos se criam e reproduzem nos proprios pés, elevando-se algumas vezes, a tão grande numero, que formam tumores grossos como favas,

Bertoni tentou aggrupar as especies do genero *Ananas sativus* Schultz e "organizou um trabalho, pelo qual se constata que não uma, mas muitas especies ou sub-especies representam as formas originarias do abacaxi de cultura que tanto interesse tem conseguido despertar em todo o mundo".

A f. 104, Thevet volta a falar do *naná*. Convem notar que o nome ananás é mais reservado à especie silvestre, "cujos syncarpos possuem sabor mais picante e côr mais avermelhada externamente."

A phrase de Léry, muito semelhante à de Thevet, é a seguinte: "*Elle croist aussi non seulement emmoncelee comé un grand chardon, mais aussi son fruit, qui est de la grosseur d'un moyen Melon, & de façon comme une pomme de Pin*" (p. 199).

<sup>1</sup> No texto, *Tom*. Outras formas: *thon, ton, tum, tung, attun, tum bira, tinga, tunga*, etc. Cf. a analogia entre a descripção de Staden e a de Léry (p. 168): "*petite verminette... laquelle... n'est pas du commencement si grosse qu'une petite puce: mais néanmoins se fichât, nommément sous les ongles des pieds & des mains, où tout soudain, ainsi qu'un ciron, elle y engendre une demanaison, si on n'est bien soigneur de la tirer, se fourrant tousiours plus avant, elle deviendra dès peu de tēps aussi grosse qu'un petit poix*" *Tunga* diz G. Soares de Sousa (p. 326). *Bicho*, simplesmente, o autor dos *Dialogos* (p. 111). A proposito desse acaso, escreveu Arthur Neiva (p. 230-240) interessante estudo.

O bicho de pé, na phase de renascimento das sciencias naturaes, foi objecto de innumeradas discussões, devido à sua confusão com a pulga (origem da denominação *pulex penetrans* L.). Hoje, já não se discute a sua existencia na America pre-colombiana, depois que Roy L. Moodie descobriu na ceramica dos incas representações de bichentos (cf. Ramon Pardal, "A Medicina e a Cirurgia na ceramica do antigo Perú", p. 276). Toda a velha chronica das conquistas está cheia de referencias à *tunga* (Oviedo, Rochefort, Ulloa, etc.). No Brasil, a mais antiga referencia parece ser a de Staden (p. 173 e 174), vindo depois a de Thevet. Os holandeses, em Pernambuco, dedicaram particular estudo ao inseto.

O europeu já encontrou o aborigene experimentado no tracto do parasito e o proprio indio apontou ao colono a etiologia animal dos pequenos e estranhos tumores, que lhe cresciam nos pés, ensinando igualmente os meios de cura: processo cirurgico da extracção (com espinhos da macahybeira ou de outras palmeiras), ou therapeutico (oleo de mamona, summo de cajú, etc.). Acredita Scaliger que o bicho-de-pé foi o responsavel pela origem e uso das

com dor e comichão na parte affectada. Quando estive na America, aconteceu mesmo que fui attingido pelo *tom*, de modo que os pés me ficaram cobertos de pequenas bossas. Quando essas bossas são furadas, só se encontra dentro dellas um verme todo branco, com um pouco de pus.

Afim de curar-se do *tom*, os selvagens fabricam oleos de uma fructa chamada *hiboucouhu*, uma fructa. *couhu*<sup>1</sup>, que se assemelha à tamara, mas não serve de alimento. O oleo é guardado em cuias-zinhas, que fazem dos fructos chamados *caramenos*<sup>2</sup> e com

redes entre os selvagens, que se agasalham dessa forma, suspensos entre paus ou arvores, com o objectivo de fugir à praga dos acaros. Cf. Eustachio Duarte, "Uma pagina de entomologia medica" (em *Diário da Manhã*, 17-IV-938. Recife) e o curioso estudo de Fernando, São Paulo (II, p. 339-340).

Parece que foram Piso e Marcgrave os primeiros a observar essa ectoparasita com o auxilio de vidros de aumento (microscopio).

<sup>1</sup> Esse nome, acredita Hochne (*Bot.*, p. 129) ser uma forma afrancesada de *boucouba*, mais conhecido actualmente pelo de *uucuuba* (*Myristica officinalis* Mart., ou *Myristica sebifera* Sw., ou, ainda, *Myristica bicakya* Schott). Pela descripção que Léry faz da planta (p. 169), à qual dá o nome de *couroq*, não resta duvida a Hochne de que se trata mesmo da *uucuuba*.

Thevet, em um dos seus mss ainda ineditos, deixou outra descripção do bicho-de-pé, que F. V. Raspail transcreveu em sua *Histoire Naturelle de la Santé et de la Maladie* (I, n. 405): "*Lorsque les Espagnols arrivèrent en Amérique, ils devinrent malades de petits vers nommés toms. par plusieurs tumeurs qui s'élevèrent sur leur pieds: et quand ils ouvraient ces tumeurs, ils y trouvaient un petit animal blanc. Les habitants du pays s'en guerissent par le moyen d'une huile qu'ils tirent, d'un fruit nommé chibou, cachibou, lequel n'est bon à manger. Ils en mettent une goutte sur les tumeurs et le mal guérit en peu de temps*".

O *chibou*, fructa que não servia como alimento e de cujo oleo os antigos amerindios faziam medicina efficaz contra a parasitose, Raspail identificou com a *Bursera grumifera* L., cuja resina tinha largo uso entre os incas. Mas, se vê que *chibou*, ou *cachibou*, não é mais do que uma corruptela de *hiboucouhu*, planta, como já se viu, que Hochne affirma ser a *uucuuba*.

Relata Mouffet (cit. em Raspail) que Thevet observou tambem o bicho-de-pé no Perú. "*Thevet, lui-même* (diz Mouffet), *fut atteint de ce mal dans la province du Perou*".

Occorre, tambem a forma *bicuiba* (Spix & Martius, II, p. 204).

<sup>2</sup> "*Caramenos de bois* (ainsi nomment-ils les tonneaux & autres vaisseaux)", diz Léry (p. 137). Hochne (*Bot.*, p. 129) identifica o fructo, do qual os indios fabricavam as cuias, com a *Lecythis Blanchetiana* Berg. Tambem os *caramenos* eram feitos com a cabaceira, ou *Crescentia cuyeté* (ou *cuyete*) L., segundo informações de Martius, *Natureza*, p. 244. Outras formas: *caramemoa* (Marcgrave), *caramenguá*, etc. *Caraminguá* "ainda chamam os sertanejos nortistas ao sacco ou alforge da matalotagem e os rio-grandenses-do-sul, por natural extensão do termo, que pluralizam, aos cacareus, badulaques coisas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem" (R. Garcia, "Glossario", p. 26 e 27).

elle untam as partes offendidas, — remedio efficaç, como dizem, contra os vermes. Tambem os indigenas passam esses unguentos por todo o corpo, quando se sentem fatigados. O oleo, por outro lado, é proprio para as chagas e ulceras, como pessoalmente verifiquei.

Eis algumas doenças e remedios, usados pelos selvagens americanos.



## CAPITULO XLVII

### COMO TRAFICAM OS SELVAGENS. A AVE CHAMADA *TUCANO*. A ESPECIARIA AMERICANA.

Embora haja, na America, silvicolas de familias ou facções varias, continuamente em guerra umas com as outras, todavia não deixam os mesmos de traficar com as riquezas nativas, sobretudo os que habitam o tracto costeiro. Esse commercio é feito não só entre os proprios indigenas, como entre os indigenas e os estrangeiros. O trafico **Trafico dos selvagens.** mais notavel consiste em pennas de avestruz<sup>1</sup> ou de outros exquisitos passaros; commercio tambem importante é o das guarnições de tacapes feitas com o mesmo material.

Tudo isso é trazido dos sertões do país, de lugares distantes entre cem e cento e vinte leguas, inclusive muita quantidade de collares brancos e negros, ou, ainda, certas pedras verdes, com as quaes, como já se viu, os indios adornam os labios. As populações da costa maritima, onde prepondera o trafico europeu, recebem machados, facas, adagas, espadas, ferramentas diversas, contas de vidro, pentes, espelhos e outras mais bugiangas. Os indios recebem essas mercadorias e trocam-nas com os seus vizinhos, objecto por objecto,

<sup>1</sup> No Brasil não existiam avestruzes propriamente ditos. "*Ema* ou *nhandú* é o verdadeiro nome do *avestruz americano*, bem menor que o seu parente africano, que attinge dois metros e meio de altura" (cf. R. v. Ihering p. 75). Em Marcgrave, *Nhandugnacu*, em cuja nota à p. LXV (ed. de 1942), Oliverio Pinto diz que o nordeste é a patria typica da *ema*.

pois não usam outro systema commercial. — *Dá-me aquillo, que te darei isto*, — tudo feito em poucas palavras.

No referido littoral, a mercadoria mais commum é a que consta das pennas de uma ave, que chamam de *tucano*<sup>1</sup>. Como vem a proposito, vou descrever summariamente o tucano. Essa ave é do tamanho do pombo. Há uma outra especie, semelhante à pega, porém com a mesma plumagem do tucano, isto é, toda negra, à excepção da cauda (onde se vêem algumas pennas vermelhas entremeadas com as negras) e do papo (amarello numa extensão de cerca de quatro dedos, tanto em largura como em comprimento, mas um amarello cuja tonalidade não tem igual). Algumas pluminhas da rabadilha são vermelhas como sangue. Da parte amarella do papo fazem os selvagens os ornamentos de seus tacapes, mantos, sombreiros e outros objectos. Trouxe para a Europa um sombreiro, feito com essa bella e rica plumagem, o qual, por se tratar de um objecto singular, dei de presente ao rei.

Só na America, na região situada entre o Prata e o Amazonas, existem taes aves. É verdade que se vêem algumas no Perú; mas não tão corpulentas quanto aquellas. Em Nova Espanha, na Florida, no Mexico, em Terra Nova, não se encontra nenhuma dessas aves, por causa de seu clima frio, que temem estranhamente. O tucano vive nos bosques, onde só se alimenta de certas fructas indigenas no país (posso affirmar, por sciencia propria, que não se trata de

<sup>1</sup> No texto, *Toucan*. Léry (p. 162) observa que o frouxel amarello do papo era de cerca de "*quatre doigts de longuer & trois de largueur*". O ornamento feito com esse papo chamava-se *Toucan-tabouracé*. Cf. ainda: Cardim, p. 54; G. Soares de Sousa, p. 264; Abbeville, p. 274. A referencia à dimensão do bico, que poderá parecer exaggero para certas pessoas, é confirmada pelas observações de Emilio Goeldi, "o longo bico corneo, que em algumas especies maiores é quasi do tamanho do corpo". Cf. Agenor Couto de Magalhães, p. 163.

Em nota à p. LXXVII de Marcgrave (ed. de 1942), Oliverio Pinto afirma que já há uma referencia ao tucano em Oviedo, *Summario de la Natural Historia de las Indias* (Toledo, 1527).



16. O tucano (Thevct.)

nenhuma ave aquatica, como alguém poderia pensar). De resto, é um animal maravilhosamente disforme e monstruoso, cujo bico por pouco não é mais grosso e mais largo do que o proprio corpo. Levei commigo um, que, na America, me offereceram, cujas plumas eram de côres varias, algumas vermelhas como o escarlate, outras amarellas, azues, etc. Como já se disse, a plumagem do tucano serve de trafico e é muito estimada pelos selvagens americanos.

**Permuta de coisa, antes do uso da moeda.**

**Utilidade do trafico.**

**Em que consiste o trafico dos europeus com os selvagens americanos. A especia-ria do país.**

É certo que, antes do uso da moeda, o trafico consistia na troca de uma coisa por outra. E as riquezas de um homem, fosse elle rei, eram constituidas de animaes, taes como camellos, carneiros e outras mais especies. Há numerosos exemplos disso, tanto em Beroso como em Diodoro, autores que narriam o modo — pouco differente dos selvagens americanos e de outros povos barbaros — pelo qual os antigos permutavam as mercadorias, trocando-se a ovelha pelo trigo, ou a lã pelo sal. Considerando-se bem, é o trafico extremamente util, por ser um meio de manter a cohesão dos laços sociaes, motivo pelo qual tem sido celebrado por todas as nações. Plínio, no livro VII de sua *Historia Natural*, attribue a invenção e inicio do commercio aos phenicios.

Em troca das coisas, de que já falei, dão os selvagens americanos macacos, pau-brasil, papagaios e algodão. E certa especiaría, — o grão de uma erva, ou arbusto da altura de três ou quatro pés<sup>1</sup>, cujo fructo se assemelha ao morango, na côr e em outros mais aspectos. Quando maduro, encontra-se nelle uma sementezinha parecida com a do funcho. Os mer-

<sup>1</sup> Thevet refere-se à pimenta (*Capsicum* L.). Descripção tambem em Léry (p. 205 e 206). Staden affirma que essa planta era objecto de commercio entre os tupinambás (p. 88). G. Soares de Sousa descreve algumas das suas

cadores europeus sobrecarregam-se dessa sorte de especiaria, embora não seja ella tão boa quanto a malegueta da costa da Ethiopia e da Guiné, nem se possa comparar à de Calicut ou à de Taprobana. E note-se, de passagem, que

**A especiaria de Calicut.**

a especiaria de Calicut, apesar do seu nome, não é toda originaria desse lugar, mas também

de regiões distantes de lá cincoenta leguas (de umas ilhas não sei bem onde, principalmente a chamada Corchel<sup>1</sup>). Calicut, todavia, é o principal mercado e emporio de todo o trafico da Índia do

Levante, donde a origem daquella denominação.

A especiaria de Calicut é melhor que a da America. O rei de Portugal, como todos sabem, recolhe vultosos emolumentos desse commercio, embora em quantidade menor do

**A ilha de Zebut.**

que outrora, isto é, desde que os espanhoes descobriram a rica e extensa ilha de Zebut<sup>2</sup>, no caminho além da passagem do estreito de Magalhães. A ilha de Zebut possui ouro, gengibre e abundante

porcellana branca. Depois della se encontrou a de Aborney<sup>3</sup>, a cinco graus da linha equinoccial, assim como innumeradas ilhas habitadas por negros,

**Aborney.**

antes de se chegar às Molucas, a saber, Atibore, Terrenate, Mate e Machian<sup>4</sup>. Formam as Molucas um archipelago, semelhante ao das Canárias.

**As ilhas das Molucas e suas especiarias.**

variedades (p. 203-206). A pimenta constituia o principal tempero do indio, que della se servia misturada à farinha. "Mais gostosa que todas", no dizer de G. Soares de Sousa, era a *cumarú* (*Caps. baccatum* L.). Sobre a pimenta há um estudo interessante de Marcgrave (p. 39 e 40 da ed. de 1942).

<sup>1</sup> Talvez Cochim, como suppõe Gaffarel.

<sup>2</sup> A actual Cebú (antigamente Sogbú), descoberta por Fernão de Magalhães a 7 de abril de 1521.

<sup>3</sup> Berneo, segundo pensa Gaffarel. Essa ilha fica entre 7° 3' e 4° 5' de lat. S.

<sup>4</sup> Respectivamente, Tidore, Ternate, Motir (ou Mortir) e Makian (cf. Molinari, p. 116).

Todas essas ilhas estão localizadas muito longe da França, bem no poente, numa distancia de mais de cento e oitenta graus. Produzem muitas boas especiarias, melhores que as da America.

Eis o que eu tinha a dizer das Molucas, uma vez que estou tratando do commercio dos selvagens americanos.

## CAPITULO XLVIII

### DAS AVES MAIS COMMUNS NA AMERICA.

Entre as multiplas variedades de aves, que produz a terra, todas com as suas characteristics proprias, diversas entre si e dignas da nossa admiração, — existe uma que excede as demais em perfeição e belleza, tanto a natureza porfiou em revesti-la da mais pulchra e excelsa plumagem. Essa variedade, tão common na America, os selvagens designam pelo nome de *canindé*<sup>1</sup>. O canindé não excede o tamanho de um corvo. O frouxel, do ventre à garganta, é amarello como ouro puro, sendo as asas e a longa cauda do mais fino azul. Outra ave há que se lhe assemelha em tamanho, mas differe na côr: a plumagem, em lugar de amarella, é de um vermelho escarlata, com o restante azulado<sup>2</sup>.

Pertencem ambas ao genero dos papagaios, pois têm delles a cabeça, o bico e os pés. Os selvagens apreciam-nas bastante e, três ou quatro vezes ao anno, tiram-lhes as pen-

<sup>1</sup> No texto. *Carinde*. *Canindé* em G. Soares de Sousa (p. 263), em Gandavo (p. 112), nos *Dialogos* (p. 218), em Évreux (p. 181), em Abbeville (p. 370). O canindé (*Ara ararauna* Linn.) faz parte da fam. dos *Psittacideos*. Léry (p. 159) confirma que os tupinambás desplumam essa ave três ou quatro vezes ao anno, assim como se refere ao seu modo de vida, ora nas mattas, ora nas ocas. A descripção, que esse autor faz da plumagem da ave, é quasi igual à de Thevet: "*le plumage sous le ventre & à l'entour du col aussi iaune que fin or: le dessus du dos, les aisles & la queue, d'un bleu si naif qu'il n'est pas possible de plus*" (p. 158). Cf. a nota de Plinio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 136.

<sup>2</sup> Talvez a arara-piranga, ou arara-canga (*Ara macao* Linn.).

nas<sup>1</sup>, com as quaes guarnecem os escudos, os tacapes, os mantos e outras coisas exquisitas do seu uso commum.

Os canindés são tão mansos, que passam todo o dia nas arvores, em derredor das choupanas indigenas; à noite, alguns se recolhem às ocas, outros à matta (estes todavia, não deixam de retornar ao lugar de costume, na manhã seguinte, à semelhança dos pombos domesticos, quando fazem ninhos nas casas).

Possuem os selvagens americanos muitas outras espécies de papagaios, todas diferentes quanto à plumagem.

Uns papagaios são mais verdes do que os demais, — o *ajurú*<sup>2</sup>, por exemplo; outros têm na cabeça pennugens azues e verdes, sendo conhecidos pelo nome de *maracanãs*<sup>3</sup>. Não existe, porém, nenhum papagaio cinzento, como acontece na Guiné e na alta Africa.

Os selvagens criam essas aves em suas ocas, sem necessidade, como se usa em França, de gaiolas, porque, segundo julgo, as amansaram quando ainda novinhas. Os antigos

<sup>1</sup> Os tupinambás e demais indios do littoral brasileiro conheciam alguns processos para apanhar, vivas, as aves. Simão de Vasconcellos fala mesmo de uma vara, com laço armado na ponta, com que os indios caçavam os periquitos (p. 53). Nieuhof chegou a distinguir três espécies de laços armados na ponta da vara (p. 219; 312 na recente ed. da Liv. Martins, 1942). Usam essa arma os guaranis (Pedro Lozano, I, p. 327).

Évreux (p. 181) descreve o modo pelo qual os tupinambás do Maranhão apanhavam vivas as araras e canindés, escondendo-se debaixo das arvores, onde essas aves tinham por habito passar a noite e atirando nellas, na occasião propicia, um projectil, que as punha atordoadas. Cf. tambem J. B. Ambrosetti (p. 729).

<sup>2</sup> No texto, *Aiouroub*. O *ajurú* (*Amazona aestiva aestiva* L.) pertence tambem, como o canindé, à fam. dos psittacideos. Cardim descreve o *ajurucauru*, da mesma familia (p. 51). *Iuruue* em Abbeville (p. 271).

<sup>3</sup> No texto, *Marganas*. Id. em Léry (p. 161), que acrescenta não ser essa ave de muita estima entre os tupinambás. *Marcanãos* em Gandavo, p. 113; *marcaná* em G. Soares de Sousa, p. 267; *Margana* em Abbeville, p. 271. O *maracanã* ou *maracanã* (*Ara maracana* Vieill.) parece, entretanto, ter relação mystica com os selvagens (cf. Métraux, *La rel. des Tup.*, p. 234 — trecho da *Cosmographie* de Thevet), donde, talvez, a sua natureza tahú, que Léry tomou por pouca estima.



**Quem foi o primeiro a prender os passaros em gaiolas.**

assim tambem o faziam, como diz Plinio no livro III de sua *Hitoria Natural*, pois, tratando da aves, afirma que foi Strabão o primeiro a ensinar como se prendiam os passaros em gaiolas. Antes, tinham esses animaes liberdade de locomoção.

As indias, especialmente, criam algumas aves, semelhantes, em tamanho e côr, aos verdelhões de França; têm-nas em tal estima que lhes chamam, na lingua nativa, de *seus amigos* <sup>1</sup>. Demais ensinam-lhes a falar, isto é, a pedir farinha (da que se faz com raizes), ou, então, a incitar os homens à guerra, afim de aprisionar inimigos e, depois, devorá-los. E outras coisas mais. Evitam os selvagens alimentá-las com frutas, seja qual for a sua idade, as quaes, segundo acreditam, produziriam vermes capazes de roer o coração dessas aves.

**Abundancia de papagaios na America.**

Há uma infinidade de outros papagaios silvestres, criados nos bosques, que os indigenas matam a flechadas, em grande quantidade, para seu alimento. Esses papagaios fazem os ninhos no pinaculo das arvores, de forma totalmente redonda, receosos das picadas dos animaes <sup>2</sup>.

Houve tempo em que os papagaios eram desconhecidos dos antigos romanos e de outros povos europeus os quaes só os vieram a conhecer (de accordo com as informações de algum autores) depois que Alexandre-o-Grande enviou seu lugar tenente Onesicrito à ilha de Taprobana. O militar trouxe alguns dessa ilha, que se multiplicaram promptamente, tanto nos países orientaes como na Italia, sobretudo em

**Desde quando os europeus conheceram os papagaios.**

<sup>1</sup> Thevet refere-se aos *xerimbabos*, isto é, aos animaes de estimação dos tupinambás. Segundo Gandavo (p. 112), um papagaio ensinado valia dois ou mesmo três escravos. Léry (p. 161) mostra como as mulheres estimavam os seus xerimbabos: "*Aussi ceste femme Sauvage l'appellant son Cherimbaue, c'est à dire, chose que v'aime bien, le tenoit si cher que quand nous luy demandions à vendre.... elle respondoit par moquerie, Moca-ouassou, c'est à dire, vne artillerie: tellement que nous ne le sceusmes iamais avoir d'elle*".

<sup>2</sup> Léry (p. 162) nega essa facta, affirmando que os papagaios fazem seus ninhos nas cavidades dos troncos.

Roma. Segundo diz Columella, — no III<sup>o</sup> Livro dos *Antigos*, — Marcus Porcium Catão (cujas obras e idéias constituíam um exemplo para o povo romano), sentiu-se tão escandalizado que chegou a exclamar, no Senado: — *Oh, país de conscriptos! Oh infeliz republica! Já não sei em que tempo estou, à vista das monstruosidades existentes em Roma. Isto é, à vista de homens que carregam papagaios nos dedos e mulheres que alimentam cães e com elles se deliciam!*

Mas vou retornar ao assumpto das aves americanas, tão diferentes e estranhas quando comparadas às do hemisphero europeu, como é o tucano, por exemplo, que já descrevi anteriormente (algumas dessas aves poderão ser examinadas através das gravuras deste livro, ou, então, nos proprios especimens, nunca vistos em França, os quaes, em virtude mesmo de sua singularidade, foram dados de presente ao rei, — aves de plumagens amarellas, vermelhas, verdes, purpuras, azuladas e de outras cores mais); porquanto me resta descrever alguns outros exemplares assás raros e exquisitos.

O *panú*,<sup>1</sup> ave estranha, tamanho e tonalidade do corvo, menos no papo encarnado como sangue. Tem o bico cinzento e só se alimenta de uma especie de palmeira chamada ja-

<sup>1</sup> No texto, *Panou*. A ave deve ser o tiê-sangue, diz Hochne (*Bot.*, p. 130). O tiê-sangue (*Tanagra brasilia* L.) tem, realmente, uma plumagem vermelho-cochonilha, mas só o macho. "Tiêpiranga são passaros vermelhos do cropo, que têm as asas pretas, e são tamanho como pintarroxos; criam em arvores, onde fazem seus ninhos; aos quaes os indios esfolam os peitos para forrarem as carapuças, por serem muito formosos" (G. Soares de Sousa, p. 274). Léry (p. 163) faz uma descripção dessa ave, que muito se assemelha à de Thevet.

*Jerahuva*, especie de palmeira.

*Quiapian*, uma ave.

O anú.

Os selvagens chamam-lhe de *anú*<sup>3</sup>.

Outra especie de ave.

O *hivourahé*, uma arvore.

*Gonambuch*, passaro muito pequeno.

*rahuva*<sup>1</sup>. Outras aves existem do typo dos melros europeus; têm o nome de *quiapian*<sup>2</sup> e são vermelhas como sangue-de-dragão.

Ave estranha é a tem a grossura de um pardalzinho, de plumagem toda negra. Quando se farta de alimentar-se de formigas, ou de outros quaesquer bichinhos, trepa às arvores, onde não faz mais do que voejar de cima para baixo e de ramo em ramo, sem um instante de repouso.

Entre as aves americanas, uma existe de pio estridente e merencoreo como o das nossas corujas<sup>4</sup>.

Diz essa pobre gente que o seu canto lhes recorda os amigos mortos, acreditando que são estes que lh'as enviam, — para boa sorte delles e infelicidade dos inimigos. Não é maior que um pombo trocaz, sendo de côr acinzentada e vivendo das fructas de uma arvore chamada *hivourahé*<sup>5</sup>. Não quero esquecer outro passaro de nome *gonambuch*<sup>6</sup>, que não é maior que um escarvelhozinho, ou de uma varejeira. Embora

<sup>1</sup> No texto, *Jerahuua*. Talvez, a brejauba (*Astrocaryum*), ou a jerivá (*Cocos batryophora* Mart.). Cf. Hochne (*Bot.*, p. 130).

<sup>2</sup> *Quiapian* no texto e *Quiapiã* à margem do mesmo. *Quiampian* ou *Quiãpian* em Léry (p. 163). Talvez, diz Plínio Ayrosa, a *guyrá-pyrã* (*Fregata aquila* Spix) ou a *arapirã*. Nota à p. 140 de Léry, ed. bras. de 1941, São Paulo.

<sup>3</sup> No texto, *Anou*. Cf. G. Soares de Souza (p. 277). O anú, ou anum (*Crotophaga ani* Linn.) era considerado, entre os tupinambás, uma ave agoureira (Oswaldo Orico, *Vocabulario*, p. 25.)

<sup>4</sup> O passaro, como já vimos, é a matinta-pereira. Cf. a nota respectiva, no cap. XXXVI

Interessante a analogia de algumas expressões de Léry com as de Thevet:

THEVET (f. 94) LÉRY (p. 164)

*Il n'est pas plus grand qu'un pigeon...*

*...n'est pas plus gros qu'un Pigeon...*

*...couleur cédrée*

*...plumage gris cendré...*

*...voix fort eslatâte et piteuse, côme*

*...voix penetrante & encores plus piteuse que celle du Chahuant...*

*celle de nostre Chathuant...*

E assim por diante.

<sup>5</sup> Cf. Thevet, fs. 87, 96 e 97. E nota respectiva, no cap. XLV.

<sup>6</sup> *Goñabuch* no texto e *Gonambuch* à margem do mesmo. *Gainambi* em G. Soares de Sousa (p. 274). *Gonambuch* e *Gonambuch* em Léry (p. 163),

minúsculo, não é possível existir outro mais delectável aos olhos. Seu bico é comprido e delgado e o corpo tem a côr, pardacenta. E, se bem que seja, como julgo, um dos menores passarinhos do ceu, possui um canto maravilhoso e agradável aos ouvidos.

Deixo de parte as aves aquáticas, do mar ou da agua doce, todas diferentes das da Europa, tanto na estatura quanto na plumagem. E não duvido que os modernos autores de livros de ornithologia se surprehendam muito com as minhas descrições e gravuras de aves. Tudo porque, — não há desdouro em dizê-lo — ignoram e jámais visitaram as regiões estrangeiras.

E aqui termino a mais summaria relação possível das aves da França Antárctica, que pude observar durante a minha permanencia nessa região.

que mostra uma ingenua admiração por essas avezitas: ninguém acreditaria, ao vê-las voejar sobre os milharais, que de um corpo assim minúsculo pudessem sair cantos tão sonoros e fortes.

Há, ainda, as formas *guanumby* (Theodoro Sampaio, *O tupi na geographia*, p. 218), *guainumbi* ou *guinambi* (Marcgrave, p. 196), etc. Sobre o beija-flor, leiam-se as eruditas notas de Oliverio Pinto às ps. LXVII e LXVIII da recente ed. de Marcgrave (1942).

Thevet tem sido muitas vezes indicado como o primeiro a descrever o beija-flor (pois é desse passaro que se trata); Oviedo, todavia, cuja *Historia General de las Indias* remonta a 1525, já faz referencia ao beija-flor, ao qual chama de *pájaro mosquito*. Cf. *The Encyclopædia Britannica*, XIII, p. 885.

Vj. ainda a nota de Plínio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 140.

## CAPITULO XLIX

### DAS VEAÇÕES OU CAÇAS SELVATICAS, QUE APANHAM OS INDIGENAS.

Parece-me não ser fora de proposito tratar, agora, dos animaes existentes nas mattas e montes da America. E tambem dos meios, de que se servem os selvagens, para a caça dessas veações.

Lembro-me de ter dito, alhures, que os selvagens americanos não se servem de nenhum animal domestico, alimentando-se, porém, de innumerous outros que vivem nas mattas, taes como, os veados, as corças, os javalis, etc. Quando os animaes perambulam, à procura de alimentos, são apanhados nos fossos disfarçados por folhagens, que constroem os selvagens nos lugares por elles mais frequentados. São essas armadilhas feitas com tanto artificio e habilidade que as feras difficilmente se lhes escapam: apanhadas vivas, chegam os indios e massacram-nas, algumas vezes a flechadas<sup>1</sup>.

**O javali americano.** O javali<sup>2</sup> dá mais trabalho para ser caçado. É um bicho semelhante em tudo ao nosso, menos na furia e no poder aggressivo.

<sup>1</sup> Cf. Léry (p. 150), Abbeville (p. 354) e G. Soares de Sousa (p. 286 e 287).

<sup>2</sup> Léry (p. 144) chama ao javali americano de *Ta-iassou*. Esse autor, à semelhança de Thevet, faz referencia à glandula secretora da região renal, que possui o animal, comparando-a à do marsuino. Em G. Soares de Sousa (p. 292) — tajaçú; em Cardim (p. 37) — porco-montês; em Abbeville (p. 289) — tayaçú. O tayaçú (*Tayaçú albirostris* Cuv.) é conhecido ainda pelo

Tem os dentes mais longos e mais expostos. Totalmente negro e sem cauda, traz no dorso um conducto, semelhante em tamanho ao do marsuino, por meio do qual pode respirar dentro da agua. Esse porco selvatico lança espantosos silvos, e, quando come ou faz outra qualquer coisa, ouve-se-lhes o ranger dos dentes. Certa vez, me trouxeram os indios um delles, enlaçado, mas a fera conseguiu escapar em presença de todos.

**O cervo da America.** Os cervos e corças<sup>1</sup> da America não possuem o pello tão liso e solto quanto os da Europa, mas bastante unido e embaraçado, embora longo. Os chifres dos machos são pequenos em relação aos dos nossos. Os selvagens estimam muito taes chifres, pois é com um fragmento delles que enchem o orificio recentemente aberto nos labios das crianças, para augmentá-lo, acreditando que esse osso não é venenoso e impede qualquer consequência funesta à operação.

**Propriedade dos cornos do veado.** Plinio affirma que os cornos do veado constituem um remedio e antidoto contra qualquer veneno. Por isso os incluem os medicos entre os medicamentos cordiaes, ao lado do marfim e de outros objectos, aos quaes se conferem certas propriedades robustecentes e reconfortantes para o estomago. O fumo, produzido pelos chifres queimados, tem o poder de afugentar as serpentes.

Acreditam algumas pessoas que o veado muda annualmente de cornos; nesse momento se occultam, coisa que fazem quando os chifres ameaçam cair. Consideravam os an-

nome do *gucirada*. Thevet não esqueceu de observar o batido rapido dos dentes da fera, quando assanhada.

Parece que há duas especies distinctas de porcos selvagens, na America do Sul, — o chamado "porco de queixada branca" e o "caitetú". Cf. Wied Neuwied, p. 234 e 235.

<sup>1</sup> Thevet refere-se aos *suaçú-etês* (*Seou-assou* em Léry, p. 144). Occorrem, tambem, as formas *sugoacú*, ou apenas *suaçú*. Descrição em G. Soares de Sousa (p. 288). Cf. Plinio Ayrosa, nota á recente ed. bras. de Léry, p. 125.

tigos de mau presagio o encontro de um veado<sup>1</sup> ou de uma lebre; julgo, entretanto, que tudo isso não passa de tola superstição, aliás contraria às idéias religiosas christãs. Turcos e arabes ainda hoje guardam esse preconceito.

**Illusão dos selvagens americanos.** Uma illusão mantida pelos selvagens americanos e difficil de se lhe tirar da cabeça é a seguinte, que vem a proposito do assumpto: quando os indios apanham um veado ou corça, primeiramente, antes que tornem à cabana, cortam as pernas dianteiras e traseiras da caça, acreditando que, se assim não o fizessem, isso lhes tiraria o poder, a si e aos filhos, de capturar os inimigos em suas correrias. E mais outros desvarios, que lhes atordoam o cerebro.

É verdade que não sabem a razão desse costume, senão que o mesmo lhes foi indicado por seu principal carahiba, motivo pelo qual os pagés e curandeiros conservam a superstição.

Os selvagens americanos assam as veações, peça por peça, mas com o pello<sup>2</sup>. Depois de assada, é a carne distribuída entre as familias, que occupam a mesma habitação, à maneira da distribuição das merendas nos collegios.

Não se servem os indios de carne dos animaes de rapina, ou dos que se nutrem de coisas impuras, por mais familiares que sejam os mesmos. Assim, evitam aprisionar o *coati*<sup>3</sup>, por exemplo, que é do tamanho da raposa, tendo tambem della as orelhas: o focinho, do comprimento de um pé,

**Descrição do coati, animal estranho.**

<sup>1</sup> Sobre as lendas em que há encontros com veados magicos, cf.: Couto de Magalhães, p. 162 e 163; Antonio Brandão de Amorim, p. 463 sq.; E. Stradelli, p. 370; Oswaldo Orico, *Contos e lendas do Brasil*, p. 55 sq.

<sup>2</sup> O moquem (*boucan*) é caracteristico da cozinha dos tupinambás: quatro forquilhas de pau, em quadro, na altura de dois pés e meio, com varas atravessadas, nas quaes se punha o peixe ou a carne, que ficava, assim, conservada por varios dias. O fogo lento assava o alimento, que se virava, de meio em meio quarto de hora, diz Léry (p. 142). Cf. Staden (p. 144). A palavra *boucaner* ou *boucanier*, isto é, fribusteiro, vem de *moquem, moqaem* (cf. J. B. v. Spix & C. F. P. v. Martins, III, p. 245; A. Neiva, p. 218 sq.) Etymologia em Baldus & Willems, p. 155.

Segundo Roquette-Pinto, o moquem quadrangular é empregado apenas pelos grupos culturalmente mais avançados (*Rond.*, p. 305).

<sup>3</sup> No texto, *Coaty*. Cf. Léry (p. 154) e Cardim (p. 43). Gaffarel faz confusão entre o *coati* e o *aguti*.

negro como o da toupeira e delgado como o do rato; o resto do pello rude e côr de fumaça; o rabo espigado e igual ao do gato selvagem; o corpo sarapintado de branco e de preto. O coati é animal rapinante e vive das presas apanhadas à beira dos regatos.

**Uma especie de faisão.** Ainda existe na America certos faisões da grossura do capão; têm a plumagem negra, com excepção da cabeça (que é cinzenta) e possuem uma cristinha vermelha, parecida com a da gallinha da India. Os pés tambem são vermelhos. Assim como existem perdizes, chamadas na lingua selvagem de *macuacannás*<sup>1</sup>. São maiores do que as nossas.

**O tapir, um animal.** Finalmente se vê ainda na America muita quantidade de certo animal de nome *tapir*<sup>2</sup>, cubiçado e recommendavel por causa da sua deformidade.

**Descrição do tapir.** Os selvagens perseguem continuamente o tapir, uma vez que a sua carne é saborosissima e a pelle serve para a fabricação dos escudos, de que usam na guerra. A pelle desse animal, tão caçado quanto o veado e o javali, é tão forte, de facto, que difficilmente um tiro de besta pode atravessá-la. É a fera do tamanho de um grande asno, de collo todavia mais grosso, cabeça qual a de um touro novo, dentes áfiados e agudos. Mas não é perigosa, pois, quando perseguida, a

<sup>1</sup> No texto, *Macuacanna*. *Macacoia* em Léry (p. 157). Descrição em G. Soares de Sousa (p. 261) e Abbeville (p. 274). A perdiz, de que fala Thevet, era a macucaguá ou macaguá (*Herpotheres cachinnans* Sharpe). Ocorrem ainda, as formas *macuá*, *macaná*, *acauá*, etc. Cf. nota de Plínio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 135, assim como a de José Honorio Rodrigues (em Nienhof, p. 42).

<sup>2</sup> A anta (*Tapirus terrestris*, Linn.) chamavam os tupinambás, tambem, de *tapiruçu* (G. Soares de Sousa, p. 285). Outras formas: *tapyretê*, *tapiretê*, etc. Apesar de a sciencia só reconhecer uma especie indigena, diz Oliverio Pinto (em Wied Neuwied, p. 256) ser plausivel a existencia de varias raças geographicas, em sua patria typica, que é Pernambuco. No texto, *Tapihire*.

Léry levou do Brasil alguns dos broqueis feitos com o couro do tapir, que serviram, depois de tostados na brasa, de alimento à tripulação acoçada pela fome.



sua unica resistencia é a fuga para qualquer lugar onde possa esconder-se. Corre mais rapidamente que o veado. O tapir só tem um rabinho de nada, do comprimento de três ou quatro dedos, liso como o da cutia (desses bichos sem rabo existem, aliás, innumerados na America). O pé é angulado, com um dos dedos mais desenvolvido, tanto para a frente como para trás. O pello avermelhado, à semelhança do de algumas das nossas mulas ou vaccas, donde chamarem os colonos americanos a esses animaes de vaccas. O tapir não é, realmente, muito differente da vacca, a não ser quanto à falta de chifres; julgo mesmo que elle participa tanto do asno quanto da vacca, pois não existem animaes que, sendo de differentes especies, se pareçam tanto. Como é o caso, tambem, de um peixe do littoral americano, que possui a cabeça igual à do vitelo e tem exquisitissimo corpo<sup>1</sup>.

**Especie estranha de peixe.**

Com os exemplos acima apontados, poder-se-á avaliar o engenho da natureza, que criou tão variados animaes, não só aquaticos como terrestres.

<sup>1</sup> Trata-se, parece, do peixe-boi (*Trichechus inunguis* Pelz e seus affins). "Goaragoá é o peixe que os portuguezes chamam boi — tem o corpo tamanho como um novilho de dois annos, e tem dois cotos como braços, e nelles uma mão sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo à feição do peixe e a cabeça e focinho como boi" (G. Soares de Sousa, p. 332). Goaragoá, diz Theodoro Sampaio (*O Tupi*, p. 219) que é corruptela de *guara-guara*, o comilão. *Iauaraú* é outro nome indigena do peixe-boi (Stradelli, p. 285). Há uma interessante descripção desse animal em Cardim (p. 79 sq.). A sua occorrença na Bahia e no Espirito Santo é testemunhada, respectivamente, por G. Soares de Sousa (p. 332 e 333) e Anchieta (p. 107).

Na opinião de C. de Mello Leitão, a descripção antiga mais perfeita do peixe-boi é a de Acuña, nenhuma havendo que se lhe avantege, até Wallace (p. 228-230).

## CAPITULO L

### DE UMA ARVORE CHAMADA *HYVOURAHÉ*.

Em virtude de sua excellencia e singularidade, não esquecerei de descrever uma arvore, que os selvagens chamam *hyvourahé*<sup>1</sup>, — que é o mesmo que dizer *coisa rara*. Essa arvore tem a estatura alta e a casca argentea (mas, por dentro, meio vermelha). Seu sabor sente alguma coisa do sal, ou lembra o do alcatruz, conforme tive occasião de provar varias vezes. É semelhante ao guaiaco, havendo mesmo quem o julgue ser tal (com o que não concordo, pois, embora tenha a sua propriedade, nem por isso se pode dizer que seja aquella planta). E goza a sua casca, entre os selvagens, de muita reputação, sendo de propriedade maravilhosa entre muitas. Os europeus servem-se do *hyvourahé*, em lugar de guaiaco, mas con- vem dizer que os indios não são tão sujeitos a essa doença commum, da qual tratarei mais amplamente em outra parte.

**Uso da casca dessa arvore.** O modo de usar a arvore é a seguinte: tira-se um pouco de sua casca (aliás leitosa, quando é logo arrancada do cerne), que, depois de cortada em pedacinhos, é cozida em agua durante três ou quatro horas, até que a decocção adquira o tom do cla-

<sup>1</sup> No texto, *Hyuourahé*. Vj. a nota respectiva, no cap. XLV. Trata-se de buranhem, — *Pradosia glyciplawa* (Mart. & Eichl.) Kuhl., ou *Pradosia lactescens*, Radlk.

Arvore alta; casca vermelho-escura, lactescente, de sabor amargo-adstringente; fructo baga oblongo-obtuso, externamente recommendavel para a cura das ulceras e ophthalmias purulentas. A forma *ivuranhê* apparece em M. Pio Correia I, p. 337.

rete. Em seguida, a beberagem é tomada por espaço de quinze ou vinte dias, consecutivamente, acompanhada de um pouco de dieta. E é o remedio, conforme se diz, proveitoso, isto é, proprio não só para a referida affecção<sup>1</sup>, como para todas as doenças frias e pituitosas, servindo para alliviar e reduzir os humores. Delle usam os selvagens americanos em seus males. Não sendo mesmo caso de doença, o cõzimento é recommendavel.

**Excellencia do fructo do *hyvourahé*.** Coisa estranha é o fructo dessa arvore. Tem a grossura da ameixa commum e a cõr aurea como a de ouro de um ducado. Seu caroço, suave e delicado, serve maravilhosamente para as pessoas doentes e enfastiadas. Não menos estranho, sendo até incrivel para quem não o tenha visto, é o facto de a planta só produzir de quinze em quinze annos ou, de vinte em vinte, como alguém já me quis convencer (cheguei, porém, à conclusão, por informações mais seguras fornecidas pelos anciãos do lugar, não ser isso verdade). Todavia pedi para ver um desses fructos, affirmando a pessoa, que mo mostrou, não ter provado delle, em toda a sua vida, senão três ou quatro vezes.

**O lodão homérico.** O *hyvourahé* fez-me lembrar o lodão, cujo fructo é tão precioso que, segundo affirma Homero em sua *Odisséia*, bastou à gente de Sci-pião saboreá-lo para esquecer de retornar aos navios, afim de servir-se de seus antigos alimentos.

Na America existem ainda algumas arvores de canna-fistula<sup>2</sup>, mas não tão excellentes quanto às do Egypto ou da Arabia.

<sup>1</sup> Thevet refere-se ao *pians*.

<sup>2</sup> A verdadeira canna-fistula, como observa C. de Mello Leitão, é uma arvore indiana, hoje muito cultivada no Brasil. Thevet queria referir-se a uma das varias cassias, talvez a *Cassia amazonica* ou a *Cassia spruceana* (notas ao *Descobrimento do rio Amazonas* de G. de Carvajal & outros, p. 190).

## CAPITULO LI

### DA ARVORE CHAMADA *VHEBEHASOU* E DAS ABELHAS QUE NELLA VIVEM.

Indo certa vez a uma aldeia, distante de minha habitação perto de dez leguas, em companhia de cinco selvagens e de um trugimão, pus-me a observar as diferentes arvores, que nos rodeavam de todos os lados. E nisso me deparei com uma, que vou descrever em seguida.

**Descrição da arvore chamada *vhebehasou*.** Essa arvore, que parece mais obra do artificio do que da natureza, é maravilhosamente alta, saindo os ramos uns de dentro dos outros. As folhas são semelhantes às da couve e o fructo, que brota de alguns dos seus galhos, tem o comprimento de um pé. Perguntando, a uma pessoa da companhia, que fructo era aquelle, logo me chamaram a atenção para as abelhas agrupadas em torno d'elle, que, aliás, ainda estava bem verde<sup>1</sup>. As abelhas alimentam-se do re-

<sup>1</sup> No alto do capitulo, *Vhebehasou*; à margem do texto *Vebehasou*. Hoehne não conseguiu identificar a arvore (*Bot.*, p. 130 e 131). Penso tratar-se de *enviroçú*, de que fala G. Soares de Sousa (p. 246), — arvore grande, de madeira molle, da qual se tirava e envira para calafetar (a gomma vermelha, a que se refere Thevet). O *enviroçú*, *embiroçú* (ou *imbirussú*) é uma bombacea (talvez a *Bombax cyathophorum* Schumann ou a *Bombax retusum* Mart.). Spix & Martus, *Viagem pelo Brasil*, II, p. 47 e seg., assim a descrevem: tronco de substancia lenhosa, pouco firme, onde predomina o desenvolvimento da medulla; casca armada de verrugas ou fortes aculcos; folhas grandes, lobuladas. Dos seus galhos (acrescentam os referidos autores) pendem tufos de parasitas, crvas de passarinho (*Loranthus*); outras trazem agarradas a elles espheras negras, listadas: são os ninhos ou labyrinthos de formigas e de maribondos... "Os fructos assemelham-se a pequenas aboboras; ao se abrirem, sae delles uma paina branca. Raramente se reproduz a arvore semcada ao pé com esses frocos, porque as sementes se espalham até longe, envolidas na paina".

ferido fructo, tendo-se retirado muitos desses insectos de um oco da arvore, no qual fabricavam mel e cera.

Há duas especies de abelhas<sup>1</sup>. Uma das especies não differe da européia, a não ser quanto à cera, que não é tão amarella. Produz excellente mel e vive exclusivamente das flores odorantes. A outra tem a metade do tamanho da primeira; é o seu mel, que os selvagens chamam *hira*<sup>2</sup>, todavia melhor. Estas ultimas não vivem como as anteriores, do mesmo pasto, pois a sua cera é negra como o carvão. Há muita abundancia dellas, sobretudo nas proximidades de dois rios, o das Vasas e o de Prata.

Nessa arvore se encontra um animal chamado *irara*<sup>3</sup>, que quer dizer tanto quanto *bicho-do-mel*, uma vez que vive sempre a procura do mel existente na mesma. A *irara* é um animal de pello bruno, do tamanho do gato; tem por costume extrahir o mel com as garras, sem tocar nas abelhas e sem que as abelhas lhe toquem.

O mel das abelhas é muito estimado entre os selvagens americanos<sup>4</sup>, que o empregam em suas doenças, de mistura com farinha fresca commumente fabricada de raizes. Usam os indios a cera, entretanto, em outros misteres, — para grudar as plumas em torno da cabeça,

<sup>1</sup> Cf. Léry (p. 167). Staden menciona três especies (p. 174 e 175); G. Soares de Sousa nove (p. 279 e 281). Curiosa descripção de Évreux (p. 169 e 170).

<sup>2</sup> No texto, *Hira*. Em Abbeville (p. 296), Eyre. *Eira* ou *ira*, tambem significa abelha, observa Rodolpho Garcia ("Glossario", p. 35). *Ira* é, segundo Plinio Ayrosa, alteração de *eira*, cera, mel, doce (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 142).

<sup>3</sup> "*Eirera*. — Este animal se parece com o gato de Algalia; ainda que alguns digam que o não he, são de muitas côres, sc. pardos, pretos e brancos: não comem mais que mel", etc. (Cardim, p. 41). Trata-se da *irara* (*Tayra barbara* L.), tambem chamada *papa-mel*, mustelideo que corresponde à marta européia. No texto, *Heyra*.

Descripção tambem nos *Dialogos* (p. 246).

<sup>4</sup> O mel, como observa Léry, era um dos principais productos da colheita dos tupinambás. A extracção devia ser feita à maneira dos mambiquaras (Roquette Pinto, *Ron.*, p. 229).

ou para tapar as tabocas grossas de canna, nas quaes guardam suas pennas (o maior thesouro dos selvagens).

Os antigos arabes e egypcios usavam e empregavam tambem o mel em suas doencas mais do que outro qualquer medicamento. Assim o diz Plinio. Os selvagens do rio do Maranhão, ao ordinario, comem só mel, misturando algumas raizes cozidas, o qual escorre das arvores e penhascos, como se fôra um manná do ceu. É um excellente alimento para esses barbaros.

Lactancio, no primeiro livro das *Instituições Divinas*, conta, a proposito, se não me falha a memoria, que Melisso, rei de Creta, do qual se diz ter sido o primeiro a sacrificar aos deuses, tinha dois filhos Amalthéia e Melissa. Ambos alimentaram Jupiter, quando o mesmo era criança, com mel e leite de cabra.

Pelo que, dahi em diante, começaram os cretenses a nutrir seus filhos com o mel, em vista dos resultados que deu esse alimento. E, por isso, dizem os poetas que as abelhas voaram na bocca de Jupiter. O sabio Solon, que conhecia o seu valor, permittiu a exportação, para fora de Athenas, de todas as fructas e de varias victualhas, menos o mel.

Solon.

Os turcos, do mesmo modo, têm o mel na mais alta estima, esperando, como uma coisa do destino, que após a morte, irão para um lugar de delicias, onde abundem todos os alimentos, sobretudo o mel.

O *vhebehasou* (tornando ao assumpto) é arvore muito procurada pelas abelhas, embora seu fructo não seja tão agradável como tantos outros da America, talvez pelo facto, que observei, de jámais atingir o mesmo à maturidade. Antes disso comem-no as abelhas. Produz, de resto, uma gomma vermelha, propria para varios fins, como tão bem o sabem empregar os selvagens.

Gomma vermelha.

Uma interessante carta da distribuição geographica da criação das abelhas na America, por parte dos indios, traçou E. Nordenskiöld. Pode ser consultada na obra citada de Roquette Pinto, 3.<sup>a</sup> ed.

## DE UM ESTRANHO ANIMAL CHAMADO HAÜT.

Aristoteles (e alguns outros autores após elle) esforçaram-se muito por desvendar a constituição dos animaes, arvores, ervas e outras coisas da natureza; não é admissivel, porém, que tivessem conhecido a America, ou a França Antartica, no seu tempo ainda não descoberta, embora nos sirva de muito auxilio os escriptos que sobre tal assumpto deixaram esses philosophos. Se, pois, me encarrego de descrever alguns animaes raros e desconhecidos, não se tome isso em outro sentido senão o de satisfazer ao leitor, amante das coisas raras e singulares, as quaes a natureza não aprouve distribuir igualmente por todas as partes.

O animal de que falo, é, em poucas palavras, tão disforme quanto seria possivel crer ou imaginar. Chamam-lhe de *haii* ou *haiüthi*<sup>1</sup>. Tem o tamanho de uma bugia grande da Africa e o ventre quasi arrastando por terra. A cabeça assemelha-se muito à de uma criança. E a face tambem, como se poderá ver da gravura, adiante, feita à vista do natural. Quando é apanhada, solta suspiros que só um menino grande, ao sentir alguma dor. A pelle é acinzentada

<sup>1</sup> Como se vê, Thevet escreve de três modos a palavra. Em Anchieta e em S. de Vasconcellos, *aig*; em G. Soares de Sousa, *ahy*; em Abbeville, *unaü*; em Maregrave, *unáu*. Explica Tschudi que *ai* é voz onomatopaica. Cf. nota de Antonio de Alcantara Machado (em Anchieta, p. 137) e a de José Honorio Rodrigues (Nieuhof, p. 37). Thevet refere-se à especie *Bradyptus tridactylus* L., que descreve magistralmente. *Unau* é a designação habitual do *Choloepus* ou *preguiça dos dois dedos*. Cf. as notas de Paulo Sawaya, em Maregrave,

e velluda como a de um urso ainda novo. Os pés, compridos, têm quatro dedos, mas só três unhas, feitas à maneira de espinhas de carpa, com as quaes trepa às arvores, onde vive mais do que em terra. Sua cauda é do comprimento de três dedos e pouco pelluda.

Outra coisa digna de memoria é que ninguem jámais viu comer a esse animal, muito embora os selvagens, conforme me affirmaram, o tenham tido sob observação por longo tempo. Nunca acreditaria nisso se não acontecesse

o seguinte: os capitães De l'Espiné e Mogneville (aquelle da Normandia), passeando, certo dia, por entre as altas arvores de um bosque, atiraram, com o arcabuz, em duas de taes feras, que se achavam trepadas no cimo de uma

dessas arvores; ambas cairam em terra, uma seriamente ferida, mas a outra apenas aturdida. Tendo-me sido feito presente da ultima, verifiquei que esta não quis comer ou beber por espaço de vinte e seis dias, permanecendo sempre no mesmo estado, quando, afinal, foi estrangulada por alguns dos nossos cães, que os franceses tinham levado para a America.

Acreditam algumas pessoas que esse animal vive somente das folhas de certa arvore, chamada na lingua dos

p. LXXIX da ed. de 1942. P. Sawaya refere-se a uma critica de Laet à preguica de Thevet.

Verifique-se a semelhança entre o trecho de Thevet e o de Léry (p. 153 e 154), a comparação entre a preguica e o guenon, a face humana, a pelle como a do urso, etc.: "*Le plus gros que les Sauvages appellent Hay, est de grandeur d'un gros chien barbet, & a la face ainsi que le Guenon, approchante de celle de l'homme, le ventre pendant comme celui d'une truie pleine de cochés, le poil gris enfumé ainsi que laine de mouton noir, la queue fort courte, les jambes velues comme celle d'un Ours, & les griffes fort longues. Et quoy que quand il est par les bois il soit fort farouche, tant y a qu'estant prins il n'est pas mal-aisé à apprivoiser. Vray est qu'à cause de ses griffes si aigues nos Tououpinambaults, toujours nuds qu'ils sont, ne prennent pas grand plaisir de se iouer avec luy. Mais au demeurant (chose qui semblera possible fabuleuse) s'ay entendu non seulement des Sauvages, mes aussi des truchemens qui auoyent demeuré long-temps en ce pays-la, que iamais homme, ni par les champs, ni à la maison ne vid manger cest animal: tellement qu'aucuns estiment qu'il vit du vent*".

Interessante estudo de Lüderwaldt (*Rev. do Mus. Pau.*, X, p. 793-812 e XIV, p. 393-396). Cf. a nota de Plinio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 131.





17. A preguiça (Thevet).

índios de *amahut*<sup>1</sup>. Trata-se de uma árvore' mais alta que todas as outras da região, de folhas, entretanto, pequeninas e delicadas. E porque o referido animal só ordinariamente vive nessas árvores, deram-lhe os selvagens o nome de *haüt*.

O *haüt*, quando domesticado, torna-se muito amigo do homem, a cujos ombros procura subir constantemente, como se fora de sua índole estar sempre montado em coisas altas, — o que penosamente suportam os indígenas, uma vez que andam nus e esses bichos são providos de unhas mais longas e agudas do que as do leão, ou qualquer outro animal feroz, por maior que seja.

**O camaleão.** Tive, a propósito do assumpto, ocasião de ver, em Constantinopla, certos camaleões engaiolados; affirmava-se que viviam exclusivamente do ar. Motivo pelo qual penso ser verdade o que dizem os selvagens a respeito do *haüt*. Demais, aconteceu que o animal permanecesse noite e dia ao vento e à chuva (à qual essa região está sempre sujeita), conservando-se, todavia, sempre enxuto, como dantes.

**Indústrias e obras admiráveis da natureza.** Eis algumas admiráveis obras da natureza e de como ella se compraz em engendrar coisas grandes, diversas e estranhas, as mais das vezes incompreensíveis ao homem. Pelo que é impertinencia buscar a causa ou razão desses factos, como muitos se esforçam diariamente em fazê-lo.

Tudo isso é segredo da natureza, que só ao Criador é dado conhecer. Como a muitos outros mais, de que deixo de falar para que me seja possível ir mais brevemente ao fim do meu trabalho.

<sup>1</sup> No texto, *Amahut*. E' a embaida (imbauba, ambauva, umbauva, imbaiba), conhecida tambem pelo nome de árvore-da-preguiça (*Cecropia carbonaria* Mart. e Miq., *C. peltata* Vell., etc.). Cf. J. M. Caminhoá (p. 2.249), P. Le Coite (p. 196) e Spix & Martius, (*Através da Bahia*, p. 34),

## CAPITULO LIII

### COMO FAZEM FOGO OS SELVAGENS AMERICANOS. O DILUVIO. DAS FERRAMENTAS QUE USAM.

Depois de falar das plantas e animaes, que, segundo julgo, são singulares e desconhecidos, tanto na Europa quanto no resto do mundo, pois a America só recentemente foi descoberta e vem sendo explorada, tratarei agora, afim de concluir esse assumpto, do processo realmente estranho pelo qual os selvagens fazem fogo.

**Processo pelo qual os selvagens fazem o fogo.** Emquanto aqui se faz o fogo com a pedra e o ferro, — invento na verdade celestial, transmittido divinamente ao homem para as suas necessidades, — os selvagens americanos empregam um methodo ignigeno quasi inacreditavel e bem differente daquelle. E, antes de descrevê-lo, convem notar que os indigenas usam frequentemente o fogo, não só nos misteres identicos aos dos povos civilizados, como tambem para o fim de resistir ao espirito maligno, que os atormenta. Motivo pelo qual os selvagens americanos jãmais dormem em qualquer lugar sem accender uma fogueira ao pé da rede<sup>1</sup>. Assim, quer em casa, quer nas mattas (nas quaes são forçados a permanecer demoradamente), quer, ainda, quando vão à guerra ou à caça, — transportam ordinariamente com elles seus instrumentos de fazer fogo.

<sup>1</sup> Observação confirmada por Léry (p. 327): os indigenas accendiam o fogo, sobretudo à noite, afim de evitar que o espirito maligno os atormentasse.

De accordo com o seu processo, tomam os índios dois bastões desiguacs: um menor, de madeira muito secca, do comprimento de dois pés, pouço mais ou menos; o outro um tanto mais longo. E, quando alguém quer fazer fogo, põe o bastão menor, perfurado no centro, em terra, segurando-o com os pés, enquanto introduz a ponta do outro instrumento no orificio do primeiro, juntamente com um pouco de algodão ou palha secca. Em virtude de rotação e attricção

*Thata.*

*Thatatin.*

do pau, produz-se tal calor que a chamma apparece e queimam-se o algodão e as folhas. E assim accendem os selvagens as suas fogueiras.

Fogo na lingua dos selvagens, é *thata*; *thatatin* é a fumaça <sup>1</sup>.

Esse processo tão sagaz de fazer fogo, dizem os indígenas que ensinou o maior de seus carahibas aos ancestraes; assim como muitas outras coisas das quaes dantes não tinham conhecimento <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No texto, *Thata* e *Thatatin*. Em Léry, *Tata* e *Tatatin* (p. 326). A p. 327-328, vem a descripção, mais minuciosa que a Thevet: "...au lieu que nous nous serions à cela de la pierre & du fusil, dont ils ignorent l'usage, ayans en recompence en leur pays deux certaines especes de bois, don l'un est presque aussi tendre que s'il estoit à demi pourri, & l'autre au contraire aussi dur que celuy dequoy nos cuisiniers fant des lardoires: quand ils veulent allumer du feu, ils les accômodent de ceste sorte. Premierement apres qu'ils ont apprimé & rendu aussi pointu qu'un fuseau par l'un des bouts un baston de ce dernier, de la longueur d'environ un pied, plantât ceste pointe au milieu d'une piece de l'autre, que, l'ay dit estre fort tendre, laquelle ils couchent tout à plat contre terre, ou la tiennent sur un tronc, ou grosse busche, en façon de potence renuerce: tournant puis apres fort soudainement ce baston entre les deux palmes de leurs mains, comme s'ils vouloyent forer & percer la piece de dessous de part en part, il aduient que de ceste soudaine & roide anitation de ces deux bois, qui sont ainsi comme entrefechez l'un dans l'autre, il sort non seulement de la fumce, mais aussi une telle chaleur, ou'ayans du cotton ou des feuilles d'arbres bien seiches toutes prestes.... le feu s'y emprend si bien".

George Montandon (p. 261 e seg.) descreve-nos os diversos processos primitivos de fabricar o fogo. O dos tupinambás da bahia de Guanabara, visto por Thevet, era o mais espalhado e universal: o de fricção (*Feuerreiben*), de movimento rotativo, feito com duas peças. Pericot y Garcia (p. 135) vulgariza um mappa de distribuição dos instrumentos ignigenos usados pelos índios sul-americanos, da autoria de E. Nordenskiöld; em Frazer, *Mythes sur l'origine du feu*, p. 265-266, encontra-se a mais vasta bibliographia sobre o assumpto. Os demais processos eram muito raros no Brasil, como por exemplo, o da serragem, praticado pelos cainguás (Rengger, p. 130).

A madeira mais branda, que se punha no chão, usada pelos indígenas do nordeste brasileiro, era a tataiba, ambaiba, ou caraguatá-guaçu (Marcgrave, p. 273).

<sup>2</sup> Cf. Thevet *Les Singularites*, f. 47.

Varios mythos há a respeito da origem do fogo. Acreditam alguns que foram certos pastores os primeiros a inventá-los, produzindo o fogo à maneira dos nossos selvagens, isto é, sem pederneira e ferro, mas empregando apenas certa madcira. Dahi se dizer que o fogo não provem do metal, nem da pedra, como muito bem sustenta Aphrodiseu em seus *Problemas* e igualmente a annotação dessa passagem, da autoria de quem, há poucos tempos, verteu tal obra para o francês (confira o leitor tal passagem). Mas diz Diodoro que Vulcano foi o seu inventor, elegendo-o rei, por isso, os egypcios. As mesmas idéias têm os selvagens americanos, os quaes suppõem que, antes do conhecimento do fogo, eram as carnes assadas ao fumo<sup>1</sup>. O conhecimento do fogo, como já se disse, lhes foi transmittido pelo grande carahiba, em sonhos, durante a noite, pouco depois do diluvio<sup>2</sup>.

Do diluvio têm sciencia os silvicolas americanos, não através dos documentos escriptos, mas por tradição oral, conservada de geração em geração; de tal modo que conseguem per-

**A invenção do fogo.**

**Vulcano, inventor do fogo.**

**O que pensam os silvicolas do diluvio.**

<sup>1</sup> Léry leva ao ridiculo Thevet pela phrase (p. 328), pois não poderia haver fumaça sem fogo. A phrase original é a seguinte: "*Aussi sont presque en mesme opinion nez Sauvages, lesquels parauant l'inuention du feu, mangéient leurs viandes seichées à la fumée*" (f. 101). Dei a esse trecho o sentido que me pareceu mais exacto, pois Thevet, erudito, cosmographo, não cometteria tal disparate. Foi o desarranjo da phrase — o nosso frade, como se sabe, não era lá tão bom escriptor — que deu lugar à anecdota.

A respeito da origem do fogo entre os silvicolas sul-americanos, há um vasto repertorio, que Frazer, *Mythes*, p. 152-166, resumiu: quase sempre são os animaes (e não nenhum carahiba) o portador da invenção. Cf. Krappe, p. 300 sq.; Steinen, *Entre os aborigenes da Brasil central*, 481; Métraux, *La religion*, p. 48.

<sup>2</sup> Sobre o diluvio universal, existem numerosas tradições transmittidas pelos selvagens aos primeiros chronistas e povoadores. Na obra de Thevet há noticias de *Tamendónare*, salvo numa palmeira (Métraux, *La religion*, p. 44-45 e 228-229). O frade descreve o diluvio em sua *Cosmographie*. Há allusões a esse mytho em Cardim, Staden, Marcgrave, Nieuhof, Simão de Vasconcellos, etc. No *Compendio Narrativo do Peregrino da America* (p. 29-30), lê-se uma referencia a respeito. Tambem em Léry (p. 286-287), os homens se salvam numa arvore. Baldus, *Ensaio*, p. 176 et passim, colleccionou varias lendas do diluvio na America do Sul.

petuar a lembrança dos factos passados há três ou quatro seculos. — o que é certamente admiravel. Conservam os selvagens, de facto, o costume de transmittir a seus filhos os acontecimentos dignos de memoria. E nisso passam os vellos a maior parte da noite, depois que despertam, contando historias aos mais novos. Vendo-os, julgarcis que são pregadores, ou mestres em suas cathedras.

Ainda a proposito do diluvio, affirmam os indios que a agua foi tão excessiva que chegou a cobrir as mais altas montanhas do país, ficando toda a população submersa e perdida. Crêem nisso com tanta convicção quanto a que têm os christãos relativamente à doutrina das Santas Escripturas (todavia é claro que estão facilmente sujeitos a errar, visto como não possuem nenhum meio graphico para guardar

**Como contam os selvagens.**

a memoria dos factos passados, a não ser, como já se viu, a tradição oral transmittida de pais a filhos). Desse modo, contam os numeros pelas pedras, ou por outros meios, não sabendo sommar senão até cinco; igualmente, contam os meses de accordo com as luas (disso já fiz menção em outra parte), dizendo, “há tantas luas que nasci”, “há tantas luas houve esse diluvio”<sup>1</sup>.

O diluvio, por exemplo, occorreu há bem uns quinhentos annos, facto que affirmam e sustentam constantemente; se alguém põe em duvida esse acontecimento, procuram os indigenas sustentar sua veracidade com determinados argumentos.

**Origem dos selvagens.**

Assim que baixaram e se retiraram as aguas, dizem os indios que appareceu um grande carahiba, o maior até então visto, conduzindo comsigo o povo de um país remotissimo. Andava esse povo nú, à maneira de como vivem ainda hoje os selvagens. Desde então se multiplicaram tanto que os actuaes indigenas acreditam que são originarios daquelle mesmo povo.

Parece-me não ser de todo admissivel que tivesse havido outro diluvio, diverso do de Noé. Todavia, abstenho-me de

falar nisso, porquanto não existe nenhum documento escripto do facto.

Do fogo — retornando ao thema anterior — fazem os selvagens varios usos, taes como cozer os alimentos e abater as arvores (depois acharam os indios um meio de cortar a madeira, a principio com enchadas de pedra, em seguida com ferramentas trazidas pelos euro-

peus) <sup>1</sup>. A respeito desse assumpto, não duvido de que, na Europa e em certos lugares, os homens desconhecessem, outrora, o uso das ferramentas. Segundo diz, de facto, Plinio, no capitulo VII de sua *Historia Natural*, foi Dedalo o inventor da forja, com a qual fabricou pessoalmente os seguintes instrumentos — a machadinha, a serra, a lima e o prego. Ovidio, entretanto, no capitulo VIII das *Metamorphoses*, conta que Pedris, sobrinho de Dedalo, inventou a serra, servindo de modelo a espinha de um peixe de dorso elevado (ao passar pela linha equinoccial, de volta da viagem à America, pescou-se um desses peixes, que tinha a espinha dorsal do comprimento de um pé; em outra occasião mais opportuna, darei uma reproducção do referido animal, o que não me é possivel fazer agora).

Alguns selvagens, finalmente, desejosos do uso das ferramentas, apprenderam a forjar os metaes, sem que tivessem recebido nenhuma instrucção dos colonos. Como se vê, sou constrangido a mudar frequentemente de assumpto, tudo pelo desejo de tornar mais vâriada a leitura.

<sup>1</sup> Léry, p. 183: "car auparavant ainsi qu'il y eut des vieillards, ils n'avoient presque autre industrie d'abatre un arbre, sinon mettre le feu au pied".

## CAPITULO LIV

# DO RIO DAS VASAS, DE ALGUNS ANIMAES EXISTENTES EM SUAS VIZINHANÇAS E DA TERRA DE MORPION.

**Situação do rio das Vasas.** O rio das Vasas<sup>1</sup>, na America tão celebrado quanto o é entre nós o Charente, o Loire ou o Sena, situado a vinte e cinco leguas do chamado rio de Janeiro, no qual aportaram e se encontram, ainda hoje, os franceses, — é muito frequentado, não só por causa das necessidades da navegação, como, tambem, pelo seu bom pescado e por outras vantagens. Banha esse

<sup>1</sup> Gaffarel encontrou difficuldade em identificar o rio das Vasas, que supõe ser, talvez, a lagoa dos Patos. Sergio Milliet (nota à recente ed. bras. de Léry, p. 98) acha plausível que esse rio seja a enseada de São Vicente.

Léry assim o descreve (p. 100): "*A vingthuit ou trente lieues plus outre, tirant à la riviere de Plate, & au destroit de Magellan, il y a un autre grand bras de mer appellé par les Français la riviere des Vases, en laquelle semblablement en voyagens en ce pays-lo, ils prennent port; ce qu'ils font aussi au Haure du Cap de Frie*".

Os dados que possuímos a respeito desse rio, ou braço de mar, são os seguintes:

- a) Distancia da bahia de Guanabara (25 leguas, ou entre 28 a 30 leguas);
- b) Os indios da região são vizinhos de São Vicente e de Piratininga.
- c) Nas montanhas do interior encontram-se minas de ouro ou de pedras preciosas.

Embora o lagamar de Santos seja formado de terras baixas, mais ou menos insulares, sou inclinado a ver no rio das Vasas qualquer uma das barras formadas pela Ribeiro do Iguape e por Cananéia. Em primeiro lugar, porque o nome desse rio está sempre ligado às terras do Prata, isto é, à ideia de que elle fica situado mais para o sul, mais proximo das terras platinas; em segundo lugar, porque a região de Cananéia sempre teve fama de possuir ouro. Martim Affonso de Sousa, como se sabe, mandou a Pero Lobo, acompanhado de oitenta homens, em busca do ouro e prata dessa região. Cf. Jordão de Freitas, p. 144.

A interpretação, que Heulhard (p. 112) dá à palavra *vase*, não é absolutamente accetavel.



rio uma bella e vasta região, toda em planuras e em montanhas, nas quaes existem algumas jazidas de ouro (as minas, todavia, não dão muito resultado ao seu dono, porque o ouro, quando passa pelo fogo, quasi que se volatiliza). Em suas

**Marcassitas e outras pedras da França Antartica.**

terras circumvizinhas (como acontece em varios outros lugares da America), encontram-se numerosas rochas, que contêm muita quantidade de marcassitas brilhantes como ouro fino e, do mesmo modo, outras pedrinhas luzentes, embora menos preciosas que as do Levante. Rubis, diamantes e outros ricos mineraes é que não existem.

Nesses mesmos sitios abundam o marmore e o jaspe, esperando-se ainda descobrirem-se nelles minas de ouro e de prata, — emprehendimento que tem sido retardado em virtude da proximidade dos inimigos. E as montanhas são povoadas de animaes rapinantes, taes como, leopardos e lynces<sup>1</sup>. Não existem leões, nem lobos.

**Especie de mono, chamado cacuycu.**

Vê-se ainda, nas montanhas, uma especie de mono, que os selvagens chamam *cacuycu*<sup>2</sup>. Sua estatura é a commum dos outros, dos quaes differê apenas por trazer uma barbicha semelhante à da cabra. É animal muito dado à luxuria. Nesses

**O animal chamado saguim.**

lugares e em varios outros mais existem certos animaezinhos amarellados, com o nome de *saguins*<sup>3</sup>. Os saguins, quando acoçados, põem-se em fuga, levando seus filhos no collo. São caçados pelos indios, que delles se servem como alimento.

<sup>1</sup> No texto, *leopards lous-cerviers*. Thevet refere-se às onças (jaguetês), aos gatos mouriscos, aos guarás, etc.

<sup>2</sup> No texto, *Cacuycu*. *Aquigquig* em Cardim (p. 41). *Acka Key* em Staden (p. 171). *Cay* em Léry (p. 151). Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, III, p. 233 e 234, numera as differentes especies desses mammiferos.

<sup>3</sup> Léry, p. 152 e 153: "*Il se trouve aussi en ceste terre du Bresil, un marmol, que les Sauvages appellent Sagouin, non plus gros qu'un escurien, & de semblable poil roux: mais quant à sa figure, ayant le muffle, le col, & le devant, & presque tout le reste ainsi que le Lion: fier qu'il est de mesme, c'est le plus ioli petit animal que l'aye veu par-dela... encor est-il si glorieux que pour peu de fascherie qu'on luy face, il se laisse mourir de despit*". Descrição em Gabriel Soares de Sousa (p. 298) e outros.

Os macacos dessa familia são negros e cinzentos na Barbaria e, no Perú, da côr da raposa. Na America não se acham simios do typo dos da Africa e da Ethiopia. Em compensação, possui a America innumerous *tatús*<sup>1</sup>, que são animaes encouraçados, de carne maravilhosamente saborosa, alguns do tamanho de um leitão, outros menores.

As populações dessa região são mais bellicosas do que quaesquer outras da America, uma vez que a vizinhança dos inimigos os constrange a um continuo estado de guerra. Seu rei se chama Quoniambec<sup>2</sup> e é, por seus instinctos estranhamente marciaes e guerreiros, o mais atemorizante dos principaes do país. E penso até que Menelau ao conduzir o exercito hellenico, jãmais foi tão receado entre os troianos quanto o é Quoniambec entre os seus contrarios. Os portuguezes temem-no mais que a qualquer outro, uma vez que muitos delles têm perecido em suas mãos. A casa real é uma construcção adornada, como as demais, com os cranios dos portuguezes, pois se tornou costume cortar a cabeça dos inimigos e expô-las no alto das choças<sup>3</sup>.

Esse rei, avisado da chegada dos franceses, veio visitá-los, incontinentemente, hospedando-se entre elles por espaço de

<sup>1</sup> Léry (p. 145 e 146) descreve o tatú com mais pormenores, acrescentando que seu casco resiste aos golpes de espada e serve para o fabrico dos caramemos. Cf. Staden (p. 171), G. S. de Sousa (p. 295) e Cardim (p. 40).

<sup>2</sup> Algumas variantes: *Quoniam beguc* ou *Kouam-Bebe* (Léry), *Konyan-bébe* (Staden), *Cunhambebe* (Simão de Vasconcellos). O *Cunhambebe* ou *Cunhãbêba* de Anchieta (p. 213 e 449) não deve ser confundido com o de Thevet. O famoso Cunhambebe foi victimado p la peste logo após a chegada de Villegagnon ao Rio de Janeiro, como observa Capistrano de Abreu, fundado numa infomação de Heulhard (p. 114).

Hoje se sabe que Cunhambebe tinha em sua aldeia seis canhões tomados a duas caravelhas; se as peças não eram de grande tamanho, é bem possível que o celebre morubixaba realizasse a façanha de carregar duas dellas em seus ombros nus, — motivo de troça para Léry. Heulhard, aliás, observa que, hoje em dia, basta ir a um circo para ver-se a repetição da façanha do celebre tuxaua.

Thevet traduziu para Cunhambebe a *Oração Dominical*, a *Saudação Angelica* e o *Symbolo dos Apostolos*. Por muitos annos, o nosso frade conservou em sua casa o tocape de Cunhambebe, "*capable d'assommer un bauf*".

<sup>3</sup> Observação confirmada por Léry (p. 235).



18. Cunhambebe, celebre morubixaba tupinambá (Trevet).

dezoito dias; durante a visita passou a maior parte do tempo, principalmente pelas manhãs, durante três horas, a narrar os rasgos guerreiros e suas victorias contra os adversarios, sobretudo em ameaças aos portuguezes — aos *Perós*. quaes chama de *perós* — acompanhadas de certas gesticulações. Quoniambec é o mais notavel e illustre morubixaba de todo o país. Sua aldeia, com os territorios correspondentes, é vasta, sendo fortificada, em derredor, por bastiões e plataformas de terra, aos quaes protegem algumas peças tomadãs aos portuguezes, semelhantes aos falconetes. Embora as choupanas sejam longas e espaçosas, como já o disse, não se vêem entre os indios nenhuma cidade ou casa-forte de pedra. Nos seus primordios, a humanidade levava uma existencia ainda mais simples, sem nenhum cuidado ou preocupação pela segurança collectiva, de modo que não possuia povoações muradas ou amparadas por fossos e baluartes; enfim, uma vida errante e vagabuunda, como a dos animaes, sem lugar certo e determinado para o repouso, dormindo, sem temer os ladrões, no proprio sitio em que era surpreendida pela noite (o que não fazem os indigenas americanos, embora sejam tão rusticos).

Em conclusão, esse morubixaba se julga tão poderoso que passa o tempo a contar suas grandezas, considerando ser uma elevada honra e gloria ter dizimado e, ao mesmo tempo, devorado a numerosas pessoas — umas cinco mil, como affirmava. E não há memoria humana de uma tal crueldade.

Conta Plinio que Julio Cesar destruiu, em batalha, noventa e dois mil e cento e dez inimigos<sup>1</sup>. Tem-se noticia, ainda, de muitos outros combates e pilhagens. Mas é certo que nenhum dos antigos guerreiros tinha o costume de devorar o seu adversario.

Quoniambec (tornando ao assumpto) e seus subditos vivem em perpetua guerra e hostilidade com

<sup>1</sup> *Histoire Naturelle*, II, p. 294: "undecies centena et XCII M<sup>o</sup> hominum occisa præliis ab eo".

**Descrição do lugar chamado de Morpion.**

os portugueses de Morpion e outros selvagens do país. Morpion é um lugar para a banda do rio da Prata, ou do estreito de Magalhães. Distante da linha equinoccial vinte e cinco graus e está sob o poder dos portugueses<sup>1</sup>. Lá se mantém um capitão-general, acompanhado de numerosa gente de todos os estados sociaes, inclusive escravos, de modo que o monarcha lusitano tira da colonia consideraveis emolumentos. Logo de inicio, esses colonos plantaram muitas cannas-de-açúcar, cujos cultivos foram, depois, negligenciados, entregando-se a população a outras actividades mais rendosas (pois se haviam encontrado minas de prata).

**Fertilidade de Morpion.**

Morpion possui boa quantidade de fructas, das quaes se fazem conservas, empregando-se os processos do lugar, — principalmente de uma chamada *ananás*, de que já falei anteriormente. Entre as plantas fructíferas dessa região quero falar de uma, que os nativos chamam de *cohyne*<sup>2</sup>.

**O ananás.**

As folhas são semelhantes às do loureiro e o fructo tem o tamanho de uma abobora media (no mais, sua forma é a de um ovo de avestruz). Essa fructa não é boa de gosto, embora, quando a planta se acha carregada, seja esta tão agradável à vista.

Os selvagens fazem do *cohyne* vasos de beber. E tambem um certo objecto, tanto quanto possivel estranho e mysterioso. Assim, esvasiando o coco, enchem-no de grãos de milho ou de outros vegetaes, atravessando-o com uma vareta toda adornada de bellas plumas, da qual fincam uma das extremidades no solo. Cada oca, cada familia possui dois ou

<sup>1</sup> Cf. o cap. XXXIX, nota correspondente.

<sup>2</sup> A *Crescentia cuyete* ou *Crescentia cujete*, conhecida pelo nome popular de *cueira*, *cabaceira*, *cuiteseira* (cf. Pio Correia, II, p. 463 e 464).

Eis a descrição de Léry (p. 190 e 191): "*L'arbre que les sauvages appellent Choyne, est de moyenne grandeur, a les femilles presque de la faço, & ainsi vertes que celles du laurier; & porte un fruit aussi gros que la teste d'un enfant, lequel est de forme comme un oeuf d'Austruche, & toutesfois n'est pas bon à manger*". E na descrição é em tudo muito semelhante à de Thevet, até na comparação do ovo de avestruz.

Nota muito boa de L. da Camara Cascudo, a proposito do coité, cabaço, ou cabaceira, em Koster, p. 224.

três desses objectos, a que prestam grande reverencia, acreditando os pobres idolatras, quando manejam e fazem soar o coco, que é Tupan quem lhes fala. Esperam assim, por esse meio, principalmente os pagés, receber a revelação divina. Julgam os selvagens que existe, nesse fructo, alguma coisa de sobrenatural, motivo pelo qual o adoram sensivelmente, saculejando o instrumento e fazendo-o chocalhar <sup>1</sup>.

Consegui subtrahir occultamente um desses instrumentos, que trouxe para a França, juntamente com algumas pelles de aves multicores, por se tratar de singularidades. Dei o instrumento ao senhor Nicolas de Nicolai, geographo da corte, homem engenhoso, cheio de virtudes e amante das coisas antigas, o qual o mostrou ao rei, quando este foi á sua casa para examinar a obra, que o referido geographo estava imprimindo (relativa aos habitantes do Levante) <sup>2</sup>. É o rei, segundo me affirmou o sr. de Nicolai, mostrou muita satisfação em ver taes singularidades, visto que não tinha tido, até então, nenhum conhecimento dellas.

Morpion possui, ainda, muitas laranjas, limões e canas-de-açúcar. É, em summa, lugar agradabilissimo. Banha-no um rio não pouco volumoso, no qual se pescam algumas perolazinhas e abundante peixe (de uma especie a que se dá o nome de *pira-ipouchi*, que quer dizer “peixe mau”) <sup>3</sup>.

*Pira-ipouchi.* O *pira-ipouchi* é um peixe estranhamente disforme, que vive no dorso da lixa, a quem segue, quando novo, como se esta fosse a sua tutora.

Em Morpion, que é povoado, como o disse atrás, pelos portuguezes, existem, demais, numerosas especies de animaes domesticos, para lá transportados pelos colonos. Facto que veio enriquecer mais ainda a essa região, já de si excellente. — isso sem fallar em suas plantações, diariamente ali cultivadas e accrescidas.

<sup>1</sup> O commentario sobre o *maracá* já foi feito no cap. XLIV.

<sup>2</sup> Trata-se, segundo Gaffarel, de Nicolas de Nicolai (1517-1583), militar, di'p'mata e geographo.

<sup>3</sup> No texto, *Pira-Ipouchi*. Léry, p. 174: “*Vn autre qu'ils appellent Pira-ypochi, qui est long comme une aiguille, & n'est pas bon: aussi Ypochi en leur langage veut dire cela*”.

## DO RIO DA PRATA E REGIÕES CIRCUMVIZINHAS.

Já que o assumpto é opportuno, quero dizer algumas palavras a respeito desse bello rio americano, que os espanhoes chamam da Prata, quer por causa da sua vastidão, quer por causa das minas argenteas descobertas em seu leito (prata é o nome castelhano do referido metal). É verdade, todavia, que os selvagens da região o denominaram de Paranagaçú, — isto é, o mar, ou grande volume de aguas.

O rio da Prata tem de largura vinte e seis leguas, estando distante da linha equinoccial trinta e cinco graus. Fica a seiscentas e setenta leguas do cabo de S. Agostinho. Esse nome lhe foi dado pelos que primeiro o descobriram, tendo em vista a razão atrás mencionada. Logo que o encontraram, os espanhoes experimentaram uma viva alegria, julgando que o rio tão vasto fosse o estreito de Magalhães, que estavam procurando e através do qual pretendiam passar para o outro lado da America. Depois, reconhecendo o engano, deliberaram saltar em terra. E assim o fizeram.

Os selvagens da região ficaram estupefactos, uma vez que jámais tinham visto nenhum europeu abordar em suas paragens; com o decorrer do tempo, entretanto, os espanhoes, à custa de presentes e outros agrados, conseguiram a confiança dos índios, principalmente a dos mais velhos, que habitavam na zona ribeirinha. De modo que, percorrendo os lugares com mais liberdade, encontraram varias minas de

O rio da Prata. Porque é assim chamado.

Primeira viagem dos espanhoes ao rio da Prata.

prata e, após o reconhecimento do lugar, regressaram em seus navios, carregados de pau-brasil.

**Segunda via-gem.** Alguns tempos depois, os espanhoes, cubiçosos dessas minas de prata, equiparam três grandes navios de gente e de munição, tornando ao mesmo lugar. E, assim que arribaram ao local primitivo, desceram os esquifes, afim de alcançar a terra. Iam nos botes o capitão e cerca de oitenta soldados, os quaes eram destinados a enfrentar os selvagens, se estes offerecessem qualquer resistencia. Aconteceu, porém, que, ao approximar-se a tripulação, logo esses barbaros se evadiram em todas as direcções, sendo isso uma astucia dos indios (pois pretendiam estes surprehender os espanhoes e vingar-se das offensas soffridas por occasião da visita anterior).

**Massacre dos espanhoes.** Realmente, pousando os europeus em terra, caíram-lhes em cima cerca de trezentos a quatrocentos selvagens, furiosos e enraivecidos como leões famintos; num momento, foram os espanhoes trucidados, fazendo os indigenas, como é seu costume, um gordo banquete de seus despojos. Em seguida, mostraram, aos restantes membros da tripulação dos navios, as coxas e outras partes assadas, dos companheiros, como se lhes quisessem dar a entender qual a sorte que os esperava, caso persistissem nos seus propositos. Essa historia me foi contada por dois espanhoes, que, na occasião do massacre, estacionavam nos navios. E os selvagens do país, assim que têm oportunidade, não se cansam de narrar o acontecimento, como se isso fosse um factio digno de memoria.

**Terceira via-gem.** Uma terceira expedição tornou ao rio da Prata. Era composta de uns dois mil homens e de numerosos navios. Mas os tripulantes, accommettidos por molestias, nada puderam fazer, tendo sido estrangidos a retornar aos seus países. No anno de 1541 o capitão Arnal, apenas acompanhado de duzentos homens e cerca de cincoenta

**Quarta via-gem.** cavallos, foi ter ao rio da Prata, empregando taes artificios



que derrotou terrivelmente os selvagens. Assim, em primeiro lugar, aterrorizou-os com os seus cavallos, que os indigenas desconheciam e julgavam ser animaes de rapina; em seguida vestiu sua gente de armas polidos e reluzentes. Esses soldados estavam recobertos, ainda, de mascaras espantosas, de diversos typos, taes como cabeças de lobos, de leões, de leopardos, ou levavam fauces hiantes e figuras de diabos chifrudos, — coisas que espantaram e afugentaram os pobres selvagens. E, desse modo, conseguiram os invasores assenhorear-se do país e mesmo, com a successão dos tēpos, de suas terras circumvizinhas, conquistas que se estenderam até as Molucas, no mar do Oceano, ao poente, ou seja, da outra banda da America <sup>1</sup>.

Actualmente, dominam os espanhoes a região em todo o derredor desse bello rio, na qual levantaram cidades e portos, catechizando, alem disso, algumas das suas populações indigenas mais proximas. É verdade, porém, que, cerca de

<sup>1</sup> A historia do descobrimento e exploração do rio da Prata e regiões circumvizinhas, foi revista por F. M. Esteves Pereira, III, p. 351, *sq.* Das noticias relativas a d. Nuno Manuel (almotacé-mor do rei de Portugal), ao pi-oto João de Lisboa, Christovam Jacques, ou do estudo da *Newen Zeytung auss Presilg Landt*, resultou como muito provavel o descobrimento do rio da Prata, em 1514, por uma armada composta de dois navios. Era seu piloto João de Lisboa. João de Lisboa atingiu o cabo de Santã Maria (onde tomou a altura do sol, que achou ser de 35°) e reconheceu o estuario patino. A viagem de Christovam Jacques (1516 a 1519?) não está bem comprovada. Em 1515 o rio da Prata foi redescoberto por João Dias de Solis, outro piloto português, este, porém, a serviço de Castella. Desejando conhecer a terra, So'is desembarcou, com alguns companheiros, tendo sido massacrado pelos naturaes (fevereiro de 1516): "Saiu em terra com os que pod am caber no batel; os indios, que tinham emboscados muitos freche'ros, quando viram os castelhanos a'gum tanto desviados do mar deram nelles, e cercando-os os matavam sem lhes aproveitar o soccorro da artilharia da caravella; e tomando às costas os mortos, e afastando-se da ribeira, até onde os navios os pod'am ver, cortando as cabeças, braços e pés, assaram os corpos inteiros e os comeram".

Já na *Newen Zeytung* há noticias de que o rio da Prata era muito rico de ouro, prata e cobre, assim como do machado de prata, que o capitão de um dos dois navios, pilotado por João Lisboa, trouxe para Portugal.

Posteriormente ao seu descobrimento, as expedições mais importantes que visitaram o rio da Prata foram a de Sebastião Caboto (um dos companheiros desse piloto, ao explorar o "rio da Traição", foi massacrado pelos indigenas) e a de Diego García de Moguer. Ambas são de 1527. A colonização, todavia, só foi iniciada com Pedro de Mendonza (1536), com onze velas e oitocentos homens, da qual resultou a fundação de Santa Maria del Buen Aire, com as subseqüentes explorações de Ayolas e Irala. Em seguida, vem a expedição de

cem leguas distante do rio da Prata, vivem outras especies de indios, excessivamente bellicosos, de talhe quasi como de uns gigantes<sup>1</sup>, que movem guerra aos espanhoes e vivem à maneira dos cannibaes, exclusivamente de carne humana. É gente que anda a pé com tanta ligeireza, que pode alcançar, a correr, os proprios animaes selvagens. Esses silvicolas attingem idade mais avançada que quaesquer outros, até uns cento e cincoenta annos<sup>2</sup>, ou pouco menos; mas são sujeitos à luxuria, peccado mortal e enorme perante Deus (assumpto que deixarei à margem, por considerar mais importante o que tenho a dizer de outras regiões americanas), entregando-se a uma continua guerra com os espanhoes e demais indigenas das vizinhanças.

**Riqueza das regiões ao redor do rio da Prata.**

O rio da Prata (tornando ao thema principal) e seus territorios circumstantes são, presentemente, muito ricos, tanto em prata como em pedras preciosas. Suas aguas crescem em determinados dias do anno, como acontece, no Perú, ao Orellana e, no Egypto, ao Nilo. Em sua embocadura encontram-se numerosas ilhas, algumas habitadas, outras não. O país é muito montanhoso, desde o cabo de Santa Maria ao cabo Branco, principalmente na parte que fica para a ponta de Santa Helena (a qual dista do rio sessenta e cinco leguas e trinta da referida ponta às Areias Gordas). Mais além, ficam as chamadas Terras Baixas, por causa das gran-

Alvar Núñez Cabeça de Vaca (1540-1544), possivelmente o Arnal de Thevet e não um dos seus companheiros, como supõe Gaffarel. Cabeça de Vaca partiu de Cadiz, em dezembro de 1540, com quatro navios, quatrocentos homens e uns cincoenta cavallos. Cf. L. Ulloa Cisneiros, p. 312 sq.

Sobre a origem do nome do rio da Prata, veja-se A. A. Lafone Quevedo, *El nombre "Río de la Plata"*, Buenos Aires, 1897.

*Paranagaçu* ou *Paranaguaçu* era o nome pelo qual os indios designavam os grandes braços de mar, os vastos estuarios, os caudaes imensos.

Outras noticias em Molinari, p. 76 sq.

<sup>1</sup> Referencia aos antigos patagões. Cf. o cap. XXVII, nota correspondente.

<sup>2</sup> Há quem ponha duvida, hoje em dia, à longevidade dos indios americanos. Cf. Roquette-Pinto, *Rondonia*, p. 189 e 190. Todavia, conhecem-se algumas testemunhas antigas (Anchieta, Léry, Abbeville, *Dialogos*, Marcgrave), que attestam essa longevidade.

des planícies que nellas existem; das Terras Baixas à bahia da Vasante correm setenta e cinco leguas. As regiões restantes não são visitadas pelos colonos europeus, — até os cabos de São Domingos e Branco. Vem, em seguida, o promontório das Onze Mil Virgens, cincoenta e dois graus e meio além do equador <sup>1</sup>. Perto fica o estreito de Magalhães, do qual falarei mais adiante.

As planícies do Prata são, presentemente, muito apropriadas para numerosas culturas. Possuem ainda, fontes e rios de agua doce, nas quaes abundam muitos peixes de primeira. Também frequentam esses rios uns animaes, que os selvagens chamam *saricouienne* <sup>2</sup> cuja significação, na lingua dos indios, é a de *beste friande*. Trata-se de um amphibio, que vive mais na agua do que em terra. Tem a estatura pouco maior do que a de um gatinho e a pelle fina como velludo, com malhas cinzentas, brancas e negras. Seus pés parecem com os de uma ave fluvial. A carne da *saricouienne*, finalmente, é bem delicada e agradável ao paladar.

O *saricouienne*, animal amphibio.

<sup>1</sup> Segundo Gaffarel, ainda existem as denominações dos cabos de Santa Maria e das Onze mil Viagens, mas a ponta de Santa Helena e o cabo Branco já não apparecem. Quanto às Areias Gordas e à bahia da Vasante, hesita-se entre o porto Desejado, o porto de São Julião, ou São Juliano e o porto de Santa Cruz, — accrescenta Gaffarel.

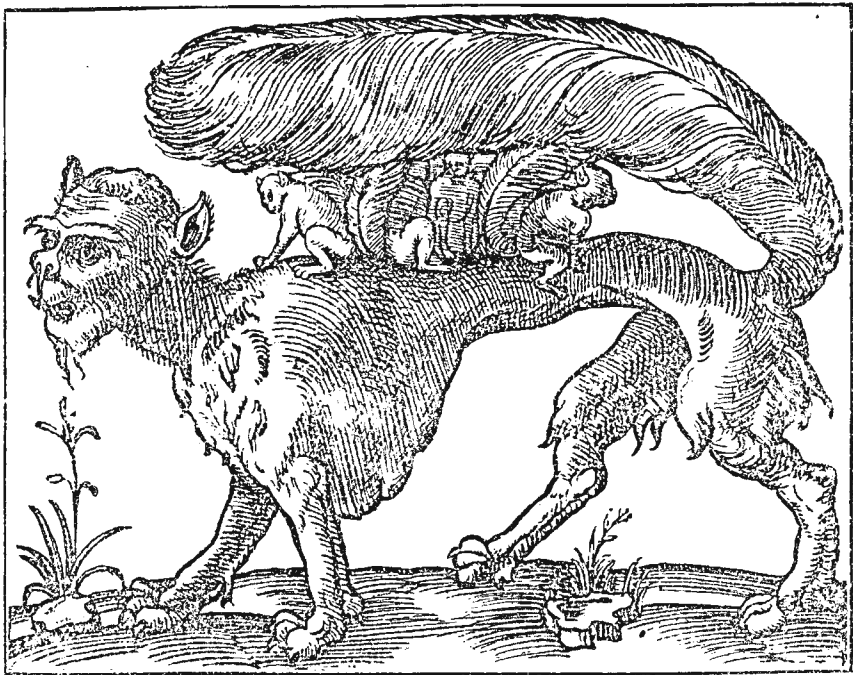
*Ponta de Santa Helena, Arenas Gordas*, no mappa de Diego Ribeiro (1529) e em muitas outras cartas antigas. A *abbaie de Fonde* talvez possa ser identificada com a *B. sin fundo* da carta de Pedro Bertius (1606).

<sup>2</sup> No texto, *Saricouienne*. Léry, (p. 145) dá-lhe o nome de *Sarigoy*. Em Marcgrave, *Carigueya* (p. 222). Gandavo (p. 105) assim o descreve: "Outro genero de animaes há na terra, a que chamão Cerigoês, que são pardos e quasi tamanhos como raposas: os quaes têm huma abertura na barriga ao comprido, de maneira que de cada banda lhes fica hum bolço onde trazem os filhos metidos". Mais pormenorizada é a descripção de G. S. de Sousa (p. 290 e 291); Hans Staden, além da descripção, deixou-nos ainda o seu retrato (p. 172). Cf. tambem Cardim (p. 39 e 113).

Rodolfo Garcia explica que esse nome vem de *coó-r-iguê*, animal de sacco ou bolsa. Trata-se do *gambá* (*Didelphys marsupialis*). *Gambá* tambem quer dizer *ventre aberto, barriga oca* (cf. Plinio Ayrosa, nota à recente ed. bras. de Léry, p. 127).

Thevet não só se enganou na interpretação do nome, como não examinou um dos caracteres mais interessantes do animal, ou seja, a sua bolsa marsupial. Provavelmente, o nosso frade viu uma das especies que são mais dadas à vida aquatica, como por exemp'lo, a "cuica d'agua", que vive nos rios, tem quatro faixas transversaes no dorso e membranas natatorias entre os dedos das patas traseiras, — justamente como a descreve o autor das *Singularidades*.

Nessa região se encontram animaes muito estranhos e monstruosos, na parte que fica para o estreito; mas, não tão crucis quanto os da África. Em summa, o país está, actualmente, tão transformado que já não parece o mesmo: porquanto os selvagens, de alguns tempos a esta parte, apprenderam, por intermedio dos europeus, tantas praticas engenhosas, que, até, envergonhariam muitos povos da Asia e mesmo da Europa (refiro-me aos povos que seguem a doutrina insana e diabolica de Mahomet).



19. O sariguê (Thevet).

## CAPITULO LVI

### DOS ESTREITOS DE MAGALHÃES E DE DARIEN.

Já que o assumpto nos levou a tão perto desse notavel lugar, nada mais opportuno que dizer, embora summariamente, alguma coisa a seu respeito.

Situação do estreito de Magalhães.

O estreito de Magalhães (estreito é em grego *πέρθμος*, - o que quer dizer *mar entre duas terras*, assim como *ιστιός* significa *terra entre duas aguas*), à semelhança do do Darien, confina, no meio-dia, com a America, separando-a de outra região inteiramente desconhecida e deshabitada, semelhantemente aos estreitos de Gibraltar e de Constantinopla, os quaes separam a Europa, respectivamente, da Africa e da Asia. Esse estreito é assim chamado por causa do nome do seu descobridor e está situado a 52 graus e meio do equador<sup>1</sup>. Tem de largura duas leguas, em toda a sua extensão de este a oeste, distando de Venecula<sup>2</sup> duzentas leguas (na direcção sul a norte); demais, do cabo Desejado<sup>3</sup>, que é sua entrada à direita, até o outro mar, chamado Oceano do Sul, ou Pacifico, conta uma extensão de setenta e quatro leguas, isto é, do cabo Desejado ao promontorio localizado no Oceano Pacifico, aos 40 graus.

O estreito de Magalhães foi cubiçado e procurado num percurso de mais de duas mil e oitocentas leguas, afim de

<sup>1</sup> Como já se viu no cap. XII, nota correspondente, o estreito de Magalhães tem, de facto, a latitude sul de 52° 22' (em sua saída para o Atlantico).

<sup>2</sup> A Venezuela, segundo Gaffarel.

<sup>3</sup> No texto, *cap d'Esscade*. Trata-se do cabo Deseado, hoje chamado dos Pilares.

se encontrar um caminho que conduzisse, através do mar Magalhânico <sup>1</sup>, também conhecido pelo nome de Oceano Pacifico, às ilhas das Molucas. Americo Vespuccio, um dos mais habéis pilotos antigos, navegou o littoral americano, a serviço do monarcha português, no anno de 1501, partindo da Irlanda e alcançando o cabo de Santo Agostinho <sup>2</sup>. Depois d'elle, outro capitão, no anno de 1534 <sup>3</sup>, attingiu a região dos Gigantes, que está localizada entre o rio da Prata e o referido estreito. Na dita região habitam indigenas possantes, chamados em sua lingua de *patagões* e conhecidos por sua elevada estatura. Os primeiros exploradores dessa região conseguiram, por astucia, prender um patagão, que tinha doze palmos de altura e uma proporcional robustez. Foram precisos vinte e cinco homens para dominá-lo, assim mesmo à custa de muito esforço, e, como o quisessem conservar, tiveram de atar pés e mãos do indio, no navio. Apesar de tudo, o gigante durou

<sup>1</sup> O Oceano Pacifico. Cf. Thevet, f. 122. No globo de Orontio Fineo (1531), realmente, o Oceano Pacifico, também chamado Mar do Sul, tem o nome de *Mare Magellanicum*.

<sup>2</sup> Americo Vespuccio (cf. cap. XXV, nota correspondente) fez parte de duas expedições ao Brasil — a de Fernão de Loronha (1501-1502) e a de Gonçalo Coelho (1503-1505). Mas Thevet se refere à viagem de Vicente Yañes Pinzón, que não atravessou, em 1500, o equinoccial, embora se gabasse de o ter feito. "E' certo que então não visitou o Amazonas; o seu *Santa Maria del Mar Dulce* era o Orinoco, e *Santa Maria de la Consolación* um cabo situado entre os dois rios, porventura o de Orange. A lenda, que o erigiu em descobridor da faixa do littoral, comprehendida entre o cabo de Santo Agostinho e o delta do Orinoco estriba-se parte no depoimento de Pinzón, em 1513, quando affirma ter tocado nesse cabo, e, por outra, nos textos de Martir (1516) e de Oviedo (1526 e posteriormente). O capitão espanhol, porém, ignorava qual era o cabo de Santo Agostinho, conhecido na Espanha não somente pelo que d'elle dizia Vespuccio" (Duarte Leite. "Os falsos precusores", p. 199).

Nenhuma dessas expedições teve por ponto de partida a Irlanda.

<sup>3</sup> Gaffarel pensa que Thevet se refere à viagem de Pedro de Mendoza. Mas Mendoza só arribou ao rio da Prata em 1536 e não consta que tivesse visitado a região dos Gigantes. A expedição que visitou o país dos Gigantes, logo após Fernão de Magalhães foi a de Garcia Joffre de Loyasa; em fevereiro de 1526 tempestades arrojaram um dos buques — o *San Lesmes*, capitaneado por Francisco de Hoces — até os 55° de lat. S., descobrindo-se, assim, novamente, o estreito de Magalhães. Quando Loyasa penetrou no estreito, só lhe restavam quatro navios, dos sete da esquadriha Cf. Sophus Ruge, p. 600 e 601.

Em 1540, temos notícia também de uma expedição de Alonso de Camargo, que explorou o littoral chileno até o estreito de Magalhães.

pouco tempo, pois, segundo se conta, deixou-se morrer de fome, abatido pelo pezar e pelo desgosto<sup>1</sup>.

Esse país possui, talvez, a mesma temperatura do Canadá e de outras paragens proximas do Polo; daí o facto de os habitantes se cobrirem de pelles de um certo animal, que chamam de *su*<sup>2</sup>, ou seja, *agua*, devido, segundo penso, ao costume de viver elle a maior parte do tempo à margem dos rios. É animal rapinante e muito estranho, razão pela qual quis deixar um desenho delle. Ainda uma observação: quando os indios desse lugar, como é de seu costume, perseguem tal bicho, com o objectivo de adquirir-lhe a pelle, este toma os filhotes às costas e, cobrindo-os com a sua grossa e longa cauda, se escapole e se salva. Os selvagens, não obstante, empregam certa astucia para apanhá-lo: fabricam uma profunda fossa no local onde o mesmo costuma estar, cobrindo-a de folhagem verde, caindo nella o pobre animal, ao correr, com as suas crias, sem suspeitar sequer de tal emboscada. Diremos ainda que, vendo-se preso, a fera, enraivecida, mutila e mata os filhotes, soltando tão espantosos uivos que torna os indigenas amedrontados. Finalmente, é o animal morto a flechadas, depois do que o esfolam.

O capitão, de que falamos atrás, de nome **V i a g e m de Fernão de Magalhães.** Fernão de Magalhães, homem bravo, tendo tido informações das riquezas possivelmente existentes nas Molucas, taes como abundantes especiarias, gengibre, canellas, noz-moscada, ambar gris, myrbalano, rhuibarbo, ouro, perolas e outras preciosidades mais, sobretudo nas ilhas de Matel, Mahian, Tidore e Terrenate<sup>3</sup>, situadas muito proximas umas das outras, — achou que esse estreito era o caminho mais curto e commodo para lá che-

<sup>1</sup> Cf. o cap. XXVII, nota correspondente.

<sup>2</sup> No texto, *Su*. Thevet refere-se, talvez, ao *Otaria jubata*, ou leão marinho da terra do Fogo. Os *tehuélches*, outrora, tinham effectivamente uma vida muito semelhante à dos onas, "*assommant les otaries l'été sur la côte*" (Paul Deschamps, p. 158).

<sup>3</sup> A. f. 92, Thevet grapha differentemente o nome de três dessas ilhas — *Mate*, *Machian* e *Atidore*. Cf. o cap. XLVII, nota correspondente. Trata-se, como já vimos, das ilhas Motir (ou Mortir), Makian, Tidore e Ternate.



gar. E assim o fez, partindo das ilhas Afortunadas e, depois, do archipelago do Cabo Verde, seguindo directamente ao promontorio de Santo Agostinho (a oito graus além do equador) e costeando o continente durante cerca de três me-

ses, até attingir o cabo das Virgens, que dista da linha equinoccial 52 graus e se acha localizado nas proximidades do mencionado estreito; depois do que o capitão, atravessando o estreito, de este para oeste, numa viagem de cinco dias, com as velas enfunadas pelo vento do Oceano do Sul, afinal alcançou o outro lado <sup>1</sup>, — o que lhe proporcionou uma extraordinaria alegria, muito embora soffresse a perda da melhor parte de sua tripulação, victimada pela intemperança das maresias e, sobretudo, pela fome e pela sêde.

Nesse estreito encontram-se varias bellas ilhas, que não são, entretanto, habitadas. E a região circumvizinha é muito arida e montanhosa, não se encontrando nella senão animaes rapinantes, aves de muitas variedades (principalmente aves-truzes) e diversas arvores (como, por exemplo, cedros e certos especimens, que dão um fructo quasi semelhante à nossa ginja <sup>2</sup>, porém mais delicado ao paladar. E foi assim que se descobriu o estreito. Depois, encontrou-se outro caminho para as Molucas, navegando-se através de um caudaloso rio do littoral do Perú, na costa chamada de Nome de

<sup>1</sup> A flotilha de Fernão de Magalhães partiu de Sevilha, a 1.º de agosto de 1519, estacionando em San Lúcar de Barrameda cerca de dois meses. Em Tenerife houve aguada. A arrbado ao sul de Santo Agostinho teve lugar a 8 de dezembro e o descobrimento do cabo das Virgens se deu a 21 de outubro de 1520, dia de Santa Ursula ou das Onze Mil Virgens. Esse cabo está localizado, realmente, a 52º e 20' de lat. S. A travessia durou três semanas, na realidade doze dias, descontando-se o tempo perdido à espera do navio desertor, ou em sua busca. Quando, entretanto, não houve mais noticias do navio, F. de Magalhães deu ordem, a 23 de novembro, para prosseguir a viagem. E realmente, cinco dias depois, isto é a 28, o navegador avistava o Oceano Pacifico.

A duração da travessia de Magalhães faz-nos lembrar que Loyasa necessitou, em 1526, de três meses para percorrer o estreito; Byron, 51 dias (1767); Wallis, 116 dias (1767); Bougainville, 60 dias (1768).

Sobre a viagem de Magalhães, Cf. Pastells, *El descubrimiento del estrecho de Magallanes*, Madrid, 1920.

<sup>2</sup> No texto, *guines*. *Guin*, *guigne*, *guinie*, fructo do *guignier* (*Cerosus Juliana* DC. ou L) — a *ginjeira*.

Deus, no país de Chagres<sup>1</sup>, a quatro leguas do Panamá<sup>2</sup> e a vinte e cinco do golpho de São Miguel.

Realmente, em seguida à viagem de Magalhães, outro capitão, tendo navegado por alguns tempos pelo rio acima referido, atreveu-se a visitar a região. E recebeu-o, com a

**Therca.** maior urbanidade, o rei dos barbaros desse lugar, chamado em sua lingua de Therca, presentando ao capitão com ouro e perolas (como assim nos contaram alguns espanhoes, que estavam em sua companhia), embora essa exploração terrestre não fosse isenta de muitos perigos, tanto por causa dos animaes ferozes, como por outras causas. Nessa viagem, o capitão deparou-se com outros povos mais selvagens e temiveis que os anteriores, muito embora, por menos confiança que merecessem, tivessem asse-

**Atorizo.** gurado sua amizade e seus serviços ao rei principal, chamado de Atorizo. Deste recebeu o capitão varios bellos presentes, taes como grandes peças que pesavam cerca de dez libras, retribuindo-lhes os obsequios com o que dispuham, no momento, de mais agradável e estimado aos indigenas, a saber, ferragens miudas, camisas e outras roupas de pouco valor. Finalmente, servido por alguns bons guias, o capitão alcançou Darien.

**O estreito de Darien.** Nessa occasião foi descoberto o mar do Sul, que fica da outra banda da America, em cujas aguas estão as Molucas. E, como a travessia dessa peninsula viesse abreviar consideravelmente o caminho das Molucas, sem que fosse necessario passar pelo estreito de Magalhães, com vantagem para o trafico e outras commodidades, — foram levantadas fortificações à beiramar da mesma<sup>3</sup>. Desde então, começou o

**As ilhas das Molucas.** commercio das ilhas das Molucas, as quaes são grandes e presentemente habitadas, estando

<sup>1</sup> Do nome do rio Chagre, na Terra Firme (Panamá).

<sup>2</sup> No texto, *Paunmana*.

<sup>3</sup> Gaffarel julga que Thevet se refere, provavelmente, à expedição de Vasco Núñez Balboa (1513).

Pelo nome de *Perú* se designava, na primeira metade do seculo XVI, às regiões americanas situadas ao norte do Amazonas e à parte da America Central.

os naturaes reduzidos à fé christã. Os naturaes das Molucas eram, outrora, gente muito mais cruel que a da America, vivendo cegos e ignorantes das riquezas produzidas por esse archipelago.

É verdade que, nessa mesma região, banhada pelo mar do Poente, há quatro ilhas desertas, apenas habitadas, segundo se affirma, pelos satyros (donde o seu nome de ilhas dos Satyros) <sup>1</sup>. No mar do Poente se encontram, ainda, dez outras ilhas, chamadas Manioles <sup>2</sup>, habitadas por povos selvagens e privados de toda equalquer crença religiosa. Proximos dellas se encontram altos rochedos, que attrahem os navios, por causa das suas ferragens. De tal modo que os traficantes dessa região são levados a pregar as suas embarcações com cavilhas de madeiras, para assim evitarem aquelle perigo <sup>3</sup>.

Eis o que tinha a dizer sobre o estreito de Magalhães. A chamada Terra Austral, que fica à sinistra do estreito, ainda não foi explorada pelos europeus, embora me affirmasse certo in-

**Terra Austral,  
ainda não des-  
coberta.**

O porto de *Nombre de Dios* está, de facto, ligado à historia da viagem de Balboa. A referenciã aos guias tambem é exacta, assim como a referencia ao ouro abundante e às perolas recebidas dos caciques, ou conquistadas aos mesmos. Balboa chamou ao Oceano Pacifico de *Mar do Sul*, por estar este precisamente ao sul do isthmo, que havia atravessado de occidente para oriente. Os nomes dos caciques estão, naturalmente, adulterados, como, por exemplo, o de Torecha, morubixaba de Cuaracuá. Torecha, ao contrario do que diz Thevet, resistiu ao invasor, perecendo no combate, com seiscentos dos seus subditos. Os sobreviventes submetteram-se e serviram de guias ao capitão espanhol.

A crença de que, na região panamenha, havia uma passagem maritima ou fluvial para o Oceano Pacifico, perdurou por muito tempo, — o *detroit de Dariène* de Thevet. Nas cartas ou globos de Ruysch (1508), de Le Lenox (1510 ou 1511), de Leonardo da Vinci (1514), de Johannes Schöner (1515 e 1520), etc., a America do Sul se acha sectionada da America Central. No planispherio de Sebastião Caboto, que remonta a 1544, ainda persiste a idéia do estreito, convertido agora num vasto rio, ou reentrancia maritima, noção que ainda vamos encontrar, renitente, no mappa de Joan Martines (1587).

<sup>1</sup> O archipelago dos Satyros, segundo Gaffarel, corresponde ao da Sonda. Os navegadores, que descobriram as ilhas da Sonda, suppunham ter reencontrado as *Insulae Satyrides* de Euphemos de Caria.

<sup>2</sup> Identificadas, por Gaffarel, com as Filipinas.

<sup>3</sup> O monte magnetico, que attrahia o ferro, faz parte do cyclo de legendas antigas, que a cartographia medieval registou, juntamente com o passaro Roca, com a arvore do Sol e da Lua, com o Ararat da arca de Noé, com os animaes fantasticos, com os monstros humanos, etc. Cf. Kretschmer, p. 52.

glês ter desembarcado nella. Esse piloto era um homem dos mais experimentados em assumptos de navegação. Perguntando-lhe eu, por curiosidade, se era a mesma habitada, respondeu-me o inglês que sim e por uma raça possante e negra, — o que não parece verosimil, pois, como já se disse, a Terra Austral tem quasi o mesmo clima da Inglaterra e da Escocia, pois é terra de um alvor offuscante e perpetuamente immersa no gelo e no inverno <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A Terra Austral é a mesma Terra do Fogo, que não era deshabitada, pois foi Magalhães quem lhe deu tal nome justamente por ter avistado, à noite, nessas regiões, fogueiras accesas pelos naturaes.

Se o inglês, de que fala Thevet, não pertenceu à expedição de Loaysa, devia ter viajado em algum nav'io solitario, de cuja viagem não se conhece a relação. A informação do frade, todavia, não é de ser desprezada, pois os fuoguinos realmente borram o rosto de carvão, como observa Gaffarel, dando, ass.m, a impressão de que eram negros.

## CAPITULO LVII

OS QUE HABITAM A REGIÃO ENTRE O RIO DA PRATA E O ESTREITO DE MAGALHÃES SÃO NOSSOS ANTIPODAS.

Embora existam, tanto nos mares quanto nos rios, diversas ilhas separadas dos continentes, é a terra, que se nos apresenta em toda a sua grandeza e amplitude, realmente um só e mesmo corpo. Esse corpo constitue a propria superficie e redondeza do globo. Tal era a opinião de Thales de Mileto (um dos sete sabios da Grecia) e tambem a de outros philosophos, conforme o diz Plutarcho. Segundo ensina esse notavel philosopho pythagorico, é a terra formada de duas partes, a saber: uma, na qual habitamos, isto é o hemispherio propriamente dito; a outra, a dos antipodas, que chamamos, semelhantemente, de hemispherio inferior. O

historiographo Theopompeu, refutando Hermogenes, diz, apoiado em Tertuliano, que Sileno affirmara, outrora, ao rei Midas, existir um mundo ou globo terrestre differente do nosso. Macrobio, aliás (para terminar com as citações), trata amplamente desses dois hemispherios e partes terrestres, podendo o leitor recorrer a esse autor, se quiser conhecer mais de perto a opinião dos sabios. O que importa conhecer, todavia, é se essas partes terrestres estão totalmente separadas e divididas, como se foram terras e mundos differentes. E isso é que não parece verosimil, considerando-se que a terra é um só elemento, embora interrompidas em duas par-

Importa saber se há ou não dois mundos.

tes pelo mar, tal como escreve Salino, em seu *Polyhistor*, ao tratar dos povos hyperboreos.

Penso, na verdade, que o universo é dividido em duas partes iguaes, pelo circulo imaginario chamado equador. Demais, basta olhar a imagem do mundo, em um globo, ou carta qualquer, para reconhecer claramente que o mar divide a terra em duas partes, não de todo iguaes, — as quaes são os dois hemispherios assim designados pelos gregos. Uma das duas partes constitue a Asia, a Africa e a Europa; a outra, a America, a Florida, o Canadá e demais regiões designadas pelo nome de Indias Occidentaes. Nestas, segundo a opinião de varios autores, habitam os antipodas.

**Diversas theorias sobre os antipodas.**

Sei que há varias theorias sobre os antipodas. Acreditam alguns que não existem antipodas; outros que, se existem, habitam elles outro hemispherio, occulto para nós. Quanto a mim, penso não errar ao dizer que os habitantes dos dois polôs (pois já mostramos que estão povoados) são verdadeiramente antipodas uns em relação aos outros. Os que vivem no septentrião, por exemplo, ao contrario dos que moram no polo opposto, se encontram tanto mais elevados quanto mais proximos do polo, de modo que é forçoso que uns e outros sejam necessariamente antipodas, como menos o são os povos que se encontram mais perto do equador.

**Quaes os povos antipodas e antichtones, uns em relação aos outros.**

Assim, creio que são verdadeiramente antipodas os habitantes dos dois polos, ou os das duas regiões oppostas, isto é, o Levante e o Poentes; os das partes intermediarias são, porém, antichtones.

Não há duvida de que os povos do Perú (isto é os habitantes de Lima, Cuzco e Cariquipa) são antes antichtones do que antipodas em relação aos povos que vivem ao redor desse vasto rio Indus (na região de Calicut, na ilha de Ceilão e em outras terras asiaticas). E os habitantes das ilhas das Molucas, donde nos vêm as especiarias, aos da Ethiopia, hoje chamada Guiné. Donde a referencia de

Plinio à *Taprobana dos Antipodas*, confundindo, como tantos outros, antipodas com antichtones<sup>1</sup>, pois, certamente, os que vivem naquellas ilhas são antichtones dos que vivem nessa parte da Ethiopia (comprehendendo a região a começar das fontes do Nilo à ilha de Meroë). Do mesmo modo, os povos do Mexico são directamente antipodas dos povos da Arabia e dos habitantes dos confins do cabo da Boa Esperança.

**Differença entre antipodas e antichtones.**

**Antecos.**

**Periecos.**

Os gregos davam o nome de antipodas aos que andavam com os pés oppostos uns aos outros, isto é, planta com planta, segundo os exemplos apontados; davam, porém, o nome de antichtones aos que habitavam terras contrariamente situadas. Antichtones são ainda, por exemplo, os chamados antecos (espanhoes, franceses e allemães), embora estes sejam, por sua vez, antipodas dos povos do rio da Prata e dos patagões, vizinhos do estreito de Magalhães, dos quaes já tratei no capítulo antecedente. E se denominam de periecos os povos que habitam uma mesma zona, — taes como os franceses e os allemães, — ao contrario dos antecos.

Os periecos e antecos não são propriamente antipodas, mas, no commum, assim são designados e confundidos. E, por isso observei que os habitantes de cabo da Boa Esperança não são, na realidade, nossos antipodas. São antes os chamados antecos, pois vivem numa região não opposta, embora diversa, como o são tambem os que moram além da linha equinoccial, — em relação a nós, que vivemos aquém della, quasi a tocar nos antipodas.

<sup>1</sup> Gaffarel observa que Thevet confunde antipodas e antichtones. Embora a palavra antichtone tivesse sido, realmente, empregada como synonymo de antipoda, é certo, porém, que aquelle termo se applicava propriamente aos povos de igual latitude, mas de hemispherios oppostos, de modo que uns estariam no verão e outros no inverno. Mas, enquanto os antichtones possuem o mesmo meridiano, o meridiano dos antipodas é sempre opposto. Donde se conclue que os antichtones eram possivelmente os mesmos antecos dos gregos. Entretanto é verdade que Thevet não dá uma noção exacta de antecos e periecos, e, na realidade, não sabemos bem o que elle queria entender por antichtone.

**A theoria que pretende explicar o modo de andar dos antipodas não foi bem comprehendida e approvada pelos antigos.**

Acredito que varias pessoas difficilmente pudessem comprehender a theoria que pretende explicar como andam os antipodas, — o que foi causa de ser tal theoria desapproveda por muitos dos antigos, inclusive Santo Agostinho (*Cidade de Deus*, liv. XV, cap. IX). Mas, com algum esforço, será facil a qualquer um comprehendê-la. Se é verdade que a terra é um globo todo redonda, suspenso no centro do universo, necessariamente está cercada de ceu por todos os lados. Logo, os habitantes do hemispherio superior, como nós o somos, vêem uma parte do firmamento, que lhes é propria; e os habitantes do hemispherio inferior, — vêem outra parte do firmamento particularmente aos mesmos reservada. Há uma razão igual e analogica para uns e outros. E, todavia, ambos os hemispherios têm um centro commum.

Eis, de passagem, algumas considerações sobre os antipodas.



## CAPITULO LVIII

### COMO OS SELVAGENS EXERCEM A AGRICULTURA E FAZEM PLANTAÇÃO DE UMA RAIZ MANIHOT. E DA ARVORE, A QUE DÃO O NOME DE *PENO-ABSOU*.

**Occupações  
communis dos  
selvagens.**

Em tempo de paz os silvcolas americanos não se occupam senão de suas plantações e, só na estação propicia, são arrastados à guerra.

É verdade que certos indios, como já o disse, algumas vezes se entregam ao trafico; todavia, a contingencia os constringe a laborar a terra, para, com isso, se sustentarem, como o fazem os europeus.

Nisso os selvagens quasi que repetem os costumes dos antigos povos, os quaes nutrindo-se, a principio, dos fructos silvestres, se viram, por não serem estes suficientes, levados à necessidade de apropriarem-se de terras, que, depois, cercavam ou limitavam. E dahi começaram a surgir os governos populares e as republicas.

**Lavoura dos  
selvagens.**

Os selvagens, do mesmo modo, aprenderam a lavar a terra, embora não usassem, como nós, bois e outros animaes domesticos (os lanigeros ou outras quaesquer especies), pois não os possuem

nenhum<sup>1</sup>. A lavoura é fructo apenas do suor e esforço puramente humano, costume que existe tambem em certos lugares da Europa. E suas plantações são de pouca monta, ou seja, algumas hortas afastadas das habitações ou aldeias,

<sup>1</sup> Cf. o capitulo XLIV, nota correspondente.

cerca de duas ou três leguas, nas quaes semeiam quasi que sòmente grãos de milho, ou nas quaes plantam algumas raizes.

A colheita é feita duas vezes por anno: ao Natal (que é o tempo de verão, quando o sol está no Capricornio) e por ocasião dos Pentecostes. O milho, de **Milho branco e milho preto.** que falo, é do tamanho das ervilhas communs, existindo do branco e do preto, mas sendo a planta grande e à semelhança dos canhões marinhos<sup>1</sup>.

O processo agrario dos selvagens é o seguinte: primeiramente, cortam sete ou oito geiras de mato, ficando em pé apenas os troncos, à altura de um homem; depois ateiam fogo ao mato, deixando tudo raso; em seguida, vem o trabalho de esgaravatar o solo com estacas de pau<sup>2</sup> (ou com instrumentos de ferro, quando d'elle tiverem conhecimento),

*Hetich:* no qual as mulheres plantam o milho e as taes raizes, chamadas de *hetich*<sup>3</sup>, fazendo um sulco na terra com os dedos, como aqui se faz ao plantarem-se ervilhas ou favas.

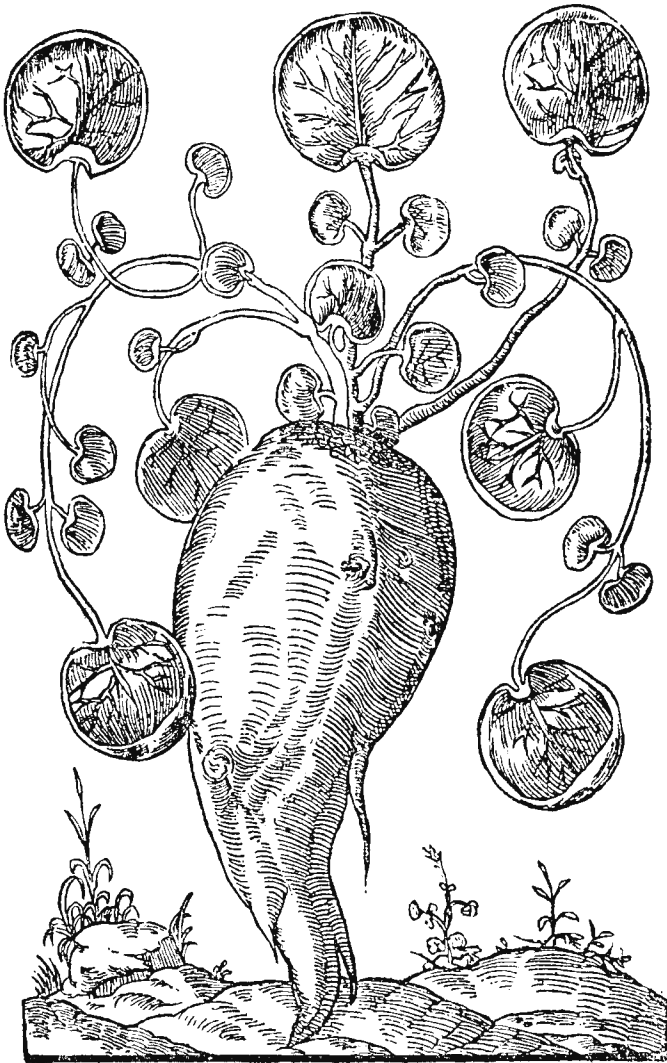
Os indigenas não têm nenhum conhecimento do adubo e amanho da terra, que, aliás, é bastante fertil e ainda não está, como a nossa, cansada. Todavia, admira como lá não

<sup>1</sup> Cf. o capitulo XXIV, nota correspondente. *Negro*, isto é, escuro, quer dizer Thevet. Léry (p. 127) define melhor a côr: "*deux especes de gros mil, assavoir blanc & rouge, que vulgairement ou appelle en France bled Sarrazin*".

<sup>2</sup> No texto, "*certain instruments de bois*". São as estacas-de-cavar (*digging stick, Grabstock*), um dos mais antigos instrumentos de lavoura (Balduş & Willems, p. 136). Thevet refere-se à *coivara*, que consistia em roçar e queimar o mate, quando este, após doze ou quinze dias, se tornava secco (Abbeville, p. 329). Cf. Bernardino José de Sousa, p. 140.

<sup>3</sup> Cf. o capitulo XXVIII, nota correspondente. Léry assim descreve a batata-doce (p. 203-204): "*Quant aux racines... encore en ont-ils d'autre qu'ils appellent Hetich, lesquelles non seulement croissent en aussi grande abondance en ceste terre du Bresil, que font les raves de Limosin, & en Savoye, mais aussi il s'en trouve communément d'aussi grosses que les deux poings, & longues de pied & demi, plus ou moins... d'autant qu'en cuisant les unes deviennent violettes, como certaines fastenades de ce pays, les autres iaunes comme cains, & les troisieme blancheastres... Quant à leurs fueilles, lesquelles traissent sur terre, comme Hedera terrestris, elles sont fort semblables à celles de concombres, ou des plus larges espinars... non pas toustefois qu'elles soyent si vertes, car quant à la couleur, elle tire plus à celle de Vitis alba*".

A descripção, que Thevet faz da *hetich*, na *Cosmographie Universelle*, f. 921, é muito semelhante à de Léry.



20. A batata (Thevet).

medra o trigo, que levamos connosco, pois eu mesmo o semeiei, por experiencia, sem nenhum proveito<sup>1</sup>. Mas esse facto, segundo penso, não é devido às imperfeições do solo, mas, talvez, a um certo vermezinho que ataca os grãos (com o tempo, os colonizadores poderão realizar uma prova mais segura).

**Na America não se usa o trigo.**

**Antiguidade da agricultura.**

**Como se veio a usar o trigo.**

Não é de admirar que os selvagens não conheçam o trigo, pois, mesmo na Europa e em outras partes, a principio vivia-se apenas das fructas naturaes produzidas pela terra. É verdade que a agricultura é muito antiga, como se vê das Escripturas; mas, se a humanidade teve conhecimento do trigo, não soube logo fazer uso d'elle.

Diz Diodoro que o pão foi introduzido na Italia por intermedio de Isis, rainha do Egypto. Isis ensinou a moer o trigo e a cozer o pão, sendo que antes só se comiam os fructos da terra lavrada ou não. Entretanto, é mais fabuloso do que real dizer que a humanidade vivia, primitivamente, como os animaes selvagens. Os poetas é que têm essa opinião, que alguns autores acolhem, como se vê em Virgilio, na primeira de suas *Georgicas*. Creio antes nas Santas Escripuras, onde se faz menção dos trabalhos de lavoura de Abel e das offerendas que este fazia a Deus<sup>2</sup>. E, assim, ainda hoje, fazem os selvagens farinha com as raizes chamadas de *manihot*, as quaes são da grossura de um braço e do comprimento de um pé e meio, ou de dois pés, communmente obliquas ou tortas. Tais raizes nascem de um arbusto, que

<sup>1</sup> Essa experiencia agricola, que data de 1555, é muito interessante. Anchieta diz que os campos de Piratininga eram propicios á cultura da vinha, da cevada, dos marmellos, inclusive do trigo (p. 320), facto que é confirmad' por frei Vicente do Salvador (p. 36).

<sup>2</sup> Como se vê, Thevet pode ser considerado um dos precursores da escola cultural-historica, da qual são modernamente principaes interpretes Graebner, Foy, Schmidt, Koppers e outros. A tendencia filosofica actual, de facto, propende para o relativismo das culturas, ou seja para o d'scôntinuo das formas em que se processa a evolução historico-social. A agricultura deixou, assim, de ser uma etapa, um meio de classificação social; os nambiquaras, v. g., cuja civilização é tão primitiva, são emeritos agricultores (Roquette-Pinto, *Rond.*, p. 244 e 245).

se eleva acima do solo cerca de quatro pés e cujas folhas são quasi iguaes às do *pataleonis*<sup>1</sup> (como demonstrarei nos desenhos, que são em numero de seis ou sete); no fim de cada ramo está uma folha do tamanho de meio pé e da largura de três dedos.

**Como se faz a  
farinha das  
raizes.**

A farinha é fabricada da maneira que se segue: começa-se por resmagar ou raspar as raizes seccas ou verdes, com uma grossa casca de arvore, toda guarneçada de pedrinhas durissimas, à semelhança do que se faz, aqui, com a noz-moscada; depois, a massa é levada ao fogo, num pote, addicionada a certa quantidade de agua, que os selvagens mexem, de modo a reduzi-la a farellos parecidos com os do manná granulado<sup>2</sup>. Quando a farinha é nova nutre, muito bem e tem um maravilhoso sabor. E é preciso notar que, no Perú, no Canadá, na Florida e em todo o continente situado entre o mar Oceano e o mar de Magalhães, isto é, na America propriamente dita e na terra dos Cannibae, até o estreito, — os indigenas servem-se dessa farinha. Tal alimento é muito commum nas referidas regiões, apesar de sua extensão superior a duas mil leguas terrestres, usando-o os indios com a carne ou o peixe, como o fazemos com o pão.

**Estranho modo de vida dos selvagens.**

O methodo de alimentar-se dos selvagens é muito estranho, pois jãmais levam a mão à bocca; lançam-lhe o alimento de longe, a distancia de um bom pé, mostrando-se nisso particularmente dextros e rindo-se da maneira de comer dos europeus<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Sanicula liberta* Cham (Baillon, III, p. 517).

<sup>2</sup> Sobre o processo da fabricação da farinha de mandioca, cf.: Léry, p. 123 e 124; Gandavo, p. 95; Staden, p. 141 e 142; Gabriel Soares de Sousa, p. 164; *Dialogos*, p. 176.

Para descascar o fruto, também usavam os tupinambás valvas de ostras. Thevet esqueceu de referir-se ao *tipiti*. Vj. ainda Estevão Pinto, II, p. 78 e 79.

<sup>3</sup> A pratica de atirar o bolo farinaceo à bocca foi também observada por Léry (p. 125) O mesmo costume entre os indios chiriguanos, da familia tupi-guarani (Métraux, "Études sur la civilisation des indiens Chiriguano", p. 360). Cf. ainda Marcgrave, p. 273.

Tudo o que diz respeito ao preparo dessas raízes pertence às mulheres, porquanto acreditam não ser própria dos homens tal ocupação<sup>1</sup>.

**Especie de favas brancas.** Plantam os ameríndios, ainda, certa especie de favas, totalmente brancas, muito chatas, maiores e mais largas que as nossas. Também têm os índios certos legumes brancos, abundantes, pouco diferentes dos que se vêem na Turquia e na Italia; cozinham-nos e comem-nos ao sal<sup>2</sup>. O sal é feito com a agua do mar, reduzida à metade na fervura e, depois, submettida a outros processos. Com o sal e certa especiaria pisada fazem, então, bolos de pão do tamanho de uma cabeça humana, que comem com a carne ou o peixe, sobretudo as mulheres. Também misturam, algumas vezes, a especiaria com a farinha, tal qual como é colhida, isto é, sem ser pulverizada. Finalmente, os indígenas preparam farinha de peixe bem secco, que é muito agradável ao paladar quando experimentada com uma certa mistura que sabem fazer<sup>3</sup>.

**Nenufar, que é uma especie de couve.**

Não quero esquecer uma sorte de couve, externamente parecida com essa planta aquatica, a que damos o nome de nenufar<sup>4</sup>, como também, não quero esquecer uma outra erva

<sup>1</sup> A respeito da agricultura como actividade primitivamente feminina, cf. Westermarck, J, p. 130, 631 e 633.

<sup>2</sup> Hoehne identifica as favas brancas, descriptas por Thevet, com as do *Phaseolus lunatus* L., que são nativas no Brasil e conhecidas pelo nome de "favas de Belem". Quanto aos feijões, também brancos, pensa Hoehne tratar-se de alguma variedade do *Phaseolus vulgaris* L. ou da *Vigna vexillata* Benth (*Bot.*, p. 132).

<sup>3</sup> Cf. o cap. XXX, nota correspondente. O sal, empregado de mistura com a pimenta pilada (*juquirai*), era tomado, alternativamente, em pitadas, com os pedaços de alimento. Cf. Abbeville, p. 354 e Évreux, p. 12.

Sobre a farinha de peixe, vj.: Léry (p. 143), Staden (p. 140) e G. Soares de Sousa (p. 293). Os índios amazonicos conhecem o processo da *mizira*, que é o preparo do peixe a fogo lento (Stradelli, p. 527).

<sup>4</sup> Trata-se da tapaoba (*Colocasia antiquorum* Schott), segundo Hoehne, que acha muito boa a comparação de suas folhas com as do *Nuphar* (*Bot.* p. 133).

de folhas iguaes às da sarça. Estas crescem como se foram grandes sarças espinhosas.

Resta falar da arvore, a que os indios dão *Peno-absou*, o nome de *peno-absou*<sup>1</sup>. O fructo é redondo como uma pella e grosso como uma maçã, sendo tão bom de comer quanto é, por seu veneno, perigoso; contém seis sementes parecidas com amendoas, embora um pouco mais largas e achatadas lateralmente: em cada uma dellas há um miolo, que serve, segundo se affirma, de excellente medicamento para as chagas (pelo menos assim o usam os selvagens, quando são flechados na guerra, ou feridos por outros meios). Trouxe commigo certa quantidade desse remedio, quando de volta ao meu país. Reparti-o com os amigos. Os indios fabricam-no extrahindo o azeite de tal caroço, bem pisado; depois, applicam-no na parte offendida.

A casca dessa arvore rescende a um odor muito exquisito; as folhas, sempre verdes, têm a espessura de um tostão e assemelham-se às da beldroega.

Frequenta ordinariamente a arvore um *Passaro admiravel e de estranha belleza.* passaro do tamanho do picanço, atrás de certos bichinhos que vivem na madeira. Tem um comprido topete à cabeça — como se pode ver na pagina ao lado — e é amarello como ouro fino, sendo negro na cauda e em parte da plumagem. Na plumagem se notam, tambem, raias de varias côres. É de notar ainda que, nas faces, as pennas são vermelhas, tornando-se escarlates na parte situada entre o bico e os olhos.

<sup>1</sup> No texto, *Peno-absou*. Hoehne (*Bot.* p. 133) identificou-o com a *Carapa guianensis* Aubl. que Martius pretendia ser a penaíba e conhecia vulgarmente pelo nome de jandiroba ou andiroba (*cachipu* da Guyana, *carapa tree* dos ingleses, *carapo* da ilha da Trindade). O fructo é uma capsula ovoide, contendo numero variavel de sementes vermelhas, achatadas lateralmente. A casca é ton'ca e febrifuga, succedanea da quinina. Das sementes se extrahem um oleo amargo, insectifugo, usado na conservação das cabeças mumificadas (tropheos da guerra dos mundurucús), util tambem nas ulceras e picadas de insectos (M. Pio Correia, p. 113 e 114).

**Variedade das palmeiras.**

Deixando, de parte, varias especies de plantas, direi, em resumo, que existem lá cinco ou seis especies de palmeiras, que não produzem tamaras, como as do Egypto, mas outras especies de fructos, uns grandes como pellas, outros menores. Entre as palmeiras, uma tem o nome de *gerahuva*; outra, de *gerahuva* e fructo differente, se chama de *iry*<sup>1</sup>. Há ainda uma terceira cujo fructo, bem redondo, tem a grossura da ameixa e a sua côr (quando maduro). Seu gosto, ao primeiro momento, lembra o de certa especie de uva preta<sup>2</sup>. Tem o caroço, que os selvagens comem e é grosso como o da avelã, totalmente branco.

Eis o que queria contar, o mais summariamente possível, da America, depois de lá ter observado as mais singulares coisas. É provavel que ainda virei a escrever mais amplamente sobre essa região, inclusive a respeito de suas numerosas arvores e plantas medicinais, com as respectivas propriedades descobertas pelos naturaes. Não o faço agora para evitar prolixidade.

Demais, era meu proposito não deixar de dizer algumas palavras sobre o assumpto, relativamente à terra do Brasil.

<sup>1</sup> *Pour suyvant doncques à parler des arbres de ceste terre du Bresil, il s'y trouue de quatre ou cinq sortes de Palmiers, dont entre les plus communs, sont un nommé par les Sauvages Geraiü & un autre Yri... l'Yri porte un fruit rond comme prunelles serrees & arrengées ensemble, ainsi que vous diriez un bien gros roisin... mais encor n'y a'il que le noveu, nō plus gros que celui d'une cerise*" (Léry, p. 188).

No texto, *Gerahuva* e *Iry*. Tratam-se ambas da mesma arvore, a *Astrocaryum ayri* Mart. Thevet tambem escreve ora *Hayri* (f. 70), ora *Hairi* (f. 72). Cf. o cap. XXXVIII, nota correspondente. Tambem Léry, repetindo Thevet, diz que nenhuma das palmeiras produz tamaras. A *iry* é a mesma *airy* dos outros autores. Léry recaiu no erro de Thevet, ao descrever três palmeiras, quando na realidade, se referia apenas a uma.

<sup>2</sup> No texto, *verius*. Parece tratar-se de *vérot* ou *verrot*, que M. P. Joigneau & M. C. Moreau dizem ser uma especie de uva da Burgonha (p. 646).

Thevet possivelmente refere-se a alguma variedade do *A. ayri* Martius. Observe-se, por exemplo, que Léry compara o fructo da *Yri* a "un bien gros roisin" (p. 188).



## CAPITULO LIX

### COMO SE DESCOBRIU A AMERICA E SE ENCONTRARAM O PAU-BRASIL E OUTRAS ARVORES NÃO CONHECIDAS NA EUROPA.

**Terra do Brasil, descoberta pelos portugueses.**

Temos como certo que foi Americo Vespuccio<sup>1</sup> quem descobriu esse vasto continente, cercado por dois oceanos, embora não tivesse visitado toda a região, mas a sua melhor parte.

Depois vieram os portugueses, os quaes, não satisfeitos com as suas conquistas, esforçaram-se, cada vez mais, por encontrar novos países, — tudo com o fim de apoderar-se das riquezas ou coisas singulares, das quaes lhes davam noticias os naturaes. Visitando, pois, a America, tal como fizeram os troyanos no territorio cartaginês, — conheceram os portugueses certos objectos de plumas, que logo foram introduzidos no trafico. E, procurando informar-se de como os indigenas pintavam essas plumas (commumente tintas de vermelho), mostram-lhes estes a arvore do pau-brasil.

**O *oraboutan*, arvore do pau-brasil.**

É o pau-brasil, que na lingua selvagem tem o nome de *oraboutan*<sup>2</sup>, arvore de muito bella apparencia; a casca é toda acinzentada, mas a madeira interna vermelha, sobretudo o

<sup>1</sup> Sobre a prioridade do descobrimento de Vespuccio, cf. o cap. XXVII, nota correspondente.

<sup>2</sup> Léry tambem fala da arvore do pau-brasil, que escreve ora *Araboutan*, ou *Arabotã* (p. 181), ora *Arabotã* (p. 184). Trata-se da *Casalpina echinata* L., que conta com uma vasta synonymia (pau-brasil, brasilete, ibirapitanga, pau-de-tinta, etc.). *Brasileiro* se chamava o mercador que se dedicava

cerne; que é dos mais excellentes, — motivo pelo qual augmenta sempre a sua procura.

Desde então, os portuguezes carregam cada vez mais uma crescente quantidade de pau-brasil. Esse trafico ainda hoje continua e é feito tambem pelos franceses, depois que estes vieram a conhecer tal mercadoria. Verdade é, todavia, que os portuguezes não supportam, de bom grado, a concorrência dos franceses, que lá traficam em varios lugares, sob o argumento, aliás verdadeiro, de que são os proprietarios dessa região, uma vez que foram elles os primeiros a descobrirem e della tomarem posse<sup>1</sup>.

A arvore do pau-brasil (retornando ao assumpto) é dotada de folhas semelhantes às do buxo e, como as do buxo, miudas, embora espessas e abundantes. Não produz nenhuma gomma, como algumas outras, nem, tampouco, fructos. Outrora ainda era mais estimada do que actualmente, sobretudo no Levante: acreditou-se a principio que essa madeira é a mesma de nome *dalmagin*.

ao commercio do pau-brasil e *fazer brasil ora*, uma expressa corrente nos séculos XVI e XVII. *Brasil, braxilio, verzill, versino...* são nomes correntes muito antes do descobrimento do Brasil (cf. Pedro Calmon, I, p. 80). Já no planispherio de Cantino (1502) se vê um *rio de brasil*, identificado com o actual rio Pitanga (Antonio Bayão, p. 319-320). Brasil veio a ter, nos primordios da colonização, varias accepções: *brasil* (a madeira), *Brasil* (a terra), *brasil* (a gente), *brasil* (a lingua). Cf. *Cartas Avulsas*, nota de Alfredo do Valle Cabral, p. 211.

A costa brasileira rica do pau-de-tinta abrangia os tractos costeiros situados entre o cabo de São Roque e o Cabo Frio. Gandavo (p. 99) dá a distribuição geographica do *Casalpina echinata* L. e observa que não havia tal planta na capitania de São Vicente, nem dahi para o sul.

O estudo economico dessa madeira corante foi feito por Roberto S. Simonsen (I, p. 99. sq.). Uma revisão completa do assumpto deve-se a Bernardino José de Sousa, *O Pau-Brasil na Historia Nacional*, São Paulo, 1939, ed. da Companhia Editora Nacional. Tambem há um estudo exhaustivo de A. L. Pereira Ferraz, *Terra da Ibirapitanga*, Rio, 1939, contendo um eschema da propagação do nome *brasil*, vindo dos confins do levante.

<sup>1</sup> No commercio inicial das feitorias, os portuguezes soffreram, de facto, a competência dos franceses (es quaes tinham a vantagem de não pagar quintos e levar os generos de resgate directamente aos mercados consumidores). As reclamações foram inuteis, pois se, de um lado, os portuguezes argumentavam com o descobrimento, a prioridade da occupação, as doações pontificias, de outro lado, os franceses se escusavam com a liberdade dos mares e o direito de livre navegação. É conhecida a celebre phrase de Francisco I: "*Le soleil luit pour moi comme pour les autres; je voudrais bien voir le clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde*". Cf. A. Bayão & C. Mulheiro Dias, III, p. 63 e 64.



21. Corte e embarque de pau-brasil (Thevet).

*gin*<sup>1</sup>, referida no livro primeiro dos *Reis*, a que a rainha de Sabá levou a Salomão. O grande capitão Onesicrito trouxe, de sua viagem à ilha de Taprobana, situada no Oceano Indico, ao Levante, enorme quantidade dessa madeira, assim como outras coisas muito exquisitas, — o que foi muito apreciado por Alexandre, seu chefe.

O pau-brasil do littoral do rio de Janeiro, de Morpion e do Cabo Frio é melhor que o das costas da região dos Cannibaes e do Maranhão<sup>2</sup>. Quando os europeus, franceses ou espanhoes vão a esses lugares carregar o pau-brasil, os proprios naturaes o cortam e decepam, trazendo-o, algumas vezes, de mattas distantes, três ou quatro leguas, até o local onde se encontram os navios. E é facil imaginar com qué trabalho fazem isso, só pelo gosto de conseguirem uma pobre camisa, ou qualquer atavio de pouco valor.

Nesse país, há tambem um pau amarello, do qual os indios fabricam seus tacapes<sup>3</sup>. E ainda uma certa madeira côr de purpura, a qual, segundo penso, se prestaria para o fabrico de bellos lavoires, — não seja esse lenho o mesmo de que nos fala Plutarcho, quando diz que Caio Mario Rutilio, primeiro dictador da ordem popular, entre os romanos, reconstituiu uma scena de combate com personagens, que não tinham mais que três dedos de altura, feitos de madeira de purpura. A madeira tinha sido trazida da alta Africa, tanto eram os romanos avidos pelas coisas raras e singulares.

<sup>1</sup> No texto, *Dalmagin*. É a *Almug-tree*, ou *almuggim*, tambem conhecida pelo nome de *madeira de thyno*. John D. Davis (p. 591 e 592) informa que o nome vem do sanskrito (*valgu*, *valgum*, seg. Lassen e Max Müller). A madeira foi empregada nas harpas e psalterios e, no dizer de Josephus, se parece com a da figueira. E' communmente identificada com o sandalo, *Santalum Album* dos britann'cos.

<sup>2</sup> Thevet escreve ora *Marignan* (f. 166), ora *Marignã* (f. 119).

<sup>3</sup> Cf. Léry, p. 189. Hochne identifica a madeira purpurea, isto é, roxa, com o guarabú (*Peltogyne confertiflora* Benth.) (*Bot.*, p. 135).

Há, também, outras arvores, cujo lenho é, além de tenro, branco como o mais fino papel <sup>1</sup>. Os selvagens não as têm em conta. Não me foi possível saber qual a sua propriedade, mas lembrou-me a betula, madeira, do mesmo modo branca e tenra, da qual fala Plinio. Com a betula se fabricavam as varas, que se conduziam diante dos magistrados romanos. Assim como há diferentes arvores e diferentes fructos, na forma, côr, tamanho e outras, propriedades, — assim, do mesmo modo, existem as mais variadas regiões terrestres, umas mais ferteis, outras menos (como, por exemplo, os barros resistentes, com os quaes os indios moldam, tal qual o fazemos, vasilhas de comer e beber).

Eis o que eu queria dizer da America, não de tanto quanto tive opportunidade de ver, mas apenas daquillo que me pareceu digno de ser transmittido. Tudo na boa intenção de corresponder à curiosidade do leitor, se tem este a mesma paciencia que me foi preciso para escrever minhas observações, — após todos os trabalhos ou perigos supportados em tão difficil e longinqua viagem.

Muitos julgarão minha obra muito succinta; outros demasiadamente prolixa. Motivo pelo qual adoptei o meio termo, afim de agradar a ambas as partes.

<sup>1</sup> Hochne identifica-a com o pau-cetim ou marfim, *Baifourodendron Riedelianum* Engl. (*Bot., ib.*).

## CAPITULO LX

### PARTIDA DA FRANÇA ANTARCTICA, OU AMERICA.

Já tendo amplamente falado das nações, cujos costumes e particularidades nunca descreverem ou celebraram, por não os conhecerem, os antigos historio-graphos; e como quer que permanecesse algum tempo na America, attrahido pelo lugar e por tantas coisas mais agradaveis ao espirito, só me veio uma preocupação, a de partir, pois não era meu proposito demorar por mais longo tempo naquella colonia. E assim, de facto, o fiz, estando entregue a direcção dos navios a Bois-le-Comte<sup>1</sup>. Bois-le-Comte, capitão da esquadra real na França Antarctica, era um homem tão magnanimo e tão instruido em assumptos navaes, que parecia não ter feito

**Regressa o autor da America.**

<sup>1</sup> O regresso de Thevet se deu, pois, a 31 de janeiro de 1556 (segundo N. Barré a 14 de fevereiro), tendo o frade viajado na esquadilha chefiada pelo sobrinho de Villegagnon, *M. de Boissy, seigneur de Bois-le-Comte* (Cf. Heulhard, p. 119).

Quanto tempo se demorou, pois, Thevet no Brasil? Uns três meses, ao todo, isto é, o espaço comprehendido entre 10 de novembro de 1555 (ou um pouco antes, data da ancoragem em Macahé) e 31 de janeiro de 1556. E, assim, teria razão Léry quando nota que, em um tempo tão exiguo, não era possivel ao nosso franciscano observar e descrever tantas coisas, — as plantas exoticas, os animaes americanos, os costumes dos selvagens, etc.

Todavia, creio que Thevet fez duas viagens ao Brasil. "*Nos meilleures sources on ce qui concerne les croyances religieuses de ces Indiens sont sans contredit les œuvres de Thevet qui, en 1550 et en 1554, fit deux voyages au Bresil*", — diz Métraux (*La religion des Tupinamba*, p. 2). Métraux consultou a *Histoire d'André Thevet Angoumoisais, cosmographe du Roy, de deux voyages par luy feicts aux Indes Australes et Occidentales*, etc., mss da Bibliotheca Nacional de Paris (na opinião desse americanista há um erro: o da segunda data da viagem, que occorreu em 1555).

Heulhard (p. 91), referindo-se ao assumpto, nota que Thevet, ao escrever o mss acima referido, já estava em idade avançada, motivo pelo qual sua memoria o induzia frequentemente a cahir em erros e em contradicções. Sobre a data mesmo de sua primeira viagem, por exemplo, embora a que menciona com mais frequencia seja a de 1550:... *l'an mil cinq cens cinquante, sous*

outra coisa em toda a sua vida. Isso sem falar nos demais predicados ou virtudes desse capitão.

A partida ocorreu no derradeiro dia de janeiro, às quatro horas da manhã, quando os navios fizeram velas, deixando o rio de Janeiro, rumo do alto mar, isto é, de um mar situado abaixo da outra costa, a do poente, a qual, na viagem de vinda, fôra acompanhada de perto e agora, em deixando a dextra, — por um caminho, pois, inteiramente contrario. E tomou-se essa rota tendo em vista a direcção dos ventos, muito embora não haja duvida de que ella augmentaria de mais de quatrocentas ou quinhentas leguas a viagem de retorno, ou torná-la-ia mais difficil.

No começo da navegação foi o vento bastante propicio, não obstante sua pouca duração, pois logo sobrevieram outros ventos, furiosos, do norte e do noroeste, fustigando-nos o rosto — com o que, juntamente à instabilidade e à insegurança dos mares dessas regiões, foram as embarcações jogadas em todas as direcções. E, só após muitas difficuldades,

*la conduite de ce valeureux pilote et capitaine Testu (refere-se a Guilherme-le-Testu) qui depuis a fini ses jours en la terre continente du Péru. Depuis, l'an cinq cinquante cinq je feis un autre voyage et accompagnay le seigneur de Villegagnon, avec lequel je demeuray quelques années. Je scay bien que ce menteur Léry s'est persuadé que je retourney en France la même année que j'arrivay là. Et per son propre témoignage et pour plus illustrer sa lourde menterie, il confesse en un autre endroit (f. 101) que je party de ce país là et pris congé de la compagnie pour retourner en France l'an mil cinq cens cinquante huit. Depuis, estant ce golond adverty par queques-uns de mes amis de la faute par lui faite, à la seconde édition imprimée à Genève, pour se justifier, s'est contredit".*

Há quem pretenda que Villegagnon, antes da sua expedição official, apprehendeu uma viagem de reconhecimento ao Brasil. Assim o diz Heullhard (p. 93 e 94), facto tambem confirmado por Balthazar de Silva Lisboa (cap. II, § 3.º) Da mesma opinião é Antonio Duarte Nunes (p. 97). "A logica, antes de tudo (escreve A. Morales de los Rios, p. 1.074), admite facilmente a idéia de uma expedição pessoal, de reconhecimento, antes de um capitão aventurar-se por mares que dantes elle não navegou. Além disso, Léry não é infallivel e elle apenas aqui chegou depois do acontecimento de 1555".... E conclue (p. 1.076 e 1.077): "Se a data dessa primeira viagem é ainda hoje incerta, pode, no entanto, ser estabelecida, com certa approximação, entre os annos de 1552 e 1554. Effectivamente, em julho de 1552, André Thevet voltava a Dieppe de sua primeira expedição feita em companhia de Guilherme-le-Testu e é certo e positivo que o mesmo franciscano acompanhou Villegagnon na expedição de 1555, que este ultimo commandava e à qual elle soube incorporar o experimentado cosmographo, cuja reputação crescia depois de cada nova viagem e que sem duvida bastante influenciou nas decisões de Villegagnon, pelas narrações que este, na sua volta, não deixaria de fazer entre os

se avistou o Cabo Frio, no qual desembarcou a expedição em sua viagem anterior.

No Cabo Frio estiveram as naus paradas por espaço de oito dias até que, ao nono, o vento do sul soprou pela poupa e conduziu-as a umas noventa leguas de mar a dentro. Deixou-se, pois, atrás, o país, evitando os perigos da costa de Mahouac, visto que nella estacionam os portuguezes e os selvagens seus alliados, ambos, como já se disse em outra parte, inimigos dos franceses (dois annos antes, realmente, os portuguezes encontraram em Mahouac minas de ouro e de prateiras, aos quaes distribu'u bellos presentes de pennas e pennachos que daqui levou. Essa primeira viagem de Thevet parece ter sido muito mais longa que a segunda".

Assim o diz Moraes de los Rios. Penso, todavia, que o anno de 1550 é o mais indicado para ser o da primeira viagem de Thevet ao Brasil. Referindo-se a ella, observa Heulhart (p. 92 e 93): "*Malgré les contradictions de Thevet, il semble positivement que l'année 1550 fut celle de son premier voyage avec Le Testu. L'inscription de Nane, Tourangeau, étant de décembre 1551, et Thevet n'étant rentré qu'environ juillet à Dieppe, il se confirmerait bien que ce voyage fut, comme il le dit, le plus long des deux. Sur ce premier voyage Thevet nous conte un peu tout ce qu'il veut. Il prétend avoir habité chez les Tapouys, lizes: Tupis, et au village de Margariampin. De cette région, il nous dit mille horreurs, des raffinements de cannibalisme qui font frémir: une vieille femme vampire coupe la tête de son petit-fils âgé de sept ans, et pour ce trou lui boit la cervelle et le sang. C'est à ce voyage qu'il vit ces sacrifices de prisonniers promenés dans tout le village, coiffés de bonnets, ornés de bracclets et de robes de plumes, celles-ci de couleur si magnifique qu'il en rapporte une au president Bertrandi, depuis cardinal. Bertrandi en fit ensuite present à Henri II: elle était de plumes "arrasoit ou arait assoja-boucou, touapuap et autres". Il se vante d'être allé à cent quarante lieus dans les terres, en avant du cap Frio au delà des montagnes, sur la rivière du Parai. Ici la nudité des habitants était absolue, irrémédiable même, car, émerveillés des robes rouges, vertes ou jaunes qu'on leur donna't après la coupe du Brésil, ils n'osaient les porter et les laissaient s'abîmer dans leurs cabanes. Assis par terre, les genoux contre les yeux, dans leurs assemblées, ils posaient leurs chemises sur les épaules de peur de les gêner. Thevet prétend également qu'il a recouvert une île à laquelle il a donné son nom. Il en est question au chapitre IV du 23<sup>e</sup> livre de la Cosmographie. Au Grand Insulaire, manuscrit du même Thevet, est annexée une carte gravée de l'île. Cette île est située sous le pays des Margageats à l'embouchure de la rivière du Plantin. Thevet la découvrit après avoir passé la rivière de Morfion et celle des Vases. Il en fait une description digne du paradis terrestre. C'était un pays immense, puisque quelques-uns de la troupe y coururent plus de cent lieues. On sait ce qu'il faut entendre par une île: c'est une terre où on aborde du côté de la mer et dont on ne connaît pas les limites. Il est donc bien difficile de savoir à quoi correspond l'île de Thevet".*

Em summa, Thevet teria vindo ao Brasil em 1550. Há, porém, uma importante circumstancia, que lança duvida sobre a viagem de 1550. E' que Thevet, em sua obra *Les Singularitez de la France Antarctique*, não faz nenhuma referencia a essa mysteriosa expedição de Le Testu, — facto realmente extranhavel e desconcertante.



ta, motivo pelo qual lá se estabeleceram e construíram habitações) <sup>1</sup>. E, sempre assim navegando, attingiu-se, à custa de muitos sacrificios, a altura do cabo de Santo Agostinho; para dobrá-lo e vencê-lo (tanto esse enorme cabo se lança de mar a dentro) os navios gastaram cerca de dois meses, jogando de um lado para outro <sup>2</sup>, embora tal facto não seja para admirar, porquanto me lembra ter havido navios que gastaram três ou quatro meses. Se o vento, realmente, não nos tem favorecido, correríamos o risco de demorar muito mais, ou passar por outros precalços.

**O cabo da Boa Esperança: porque se chama "Leão do Mar".**

O cabo de Santo Agostinho tem cerca de oito leguas de extensão e dista do rio, de onde partimos, trezentas e duas leguas. Lança-se de mar a dentro no mínimo umas nove ou dez leguas. É tão temido dos navegantes quanto o da Boa Esperança, na costa da Ethiopia, por esse motivo chamado de Leão do Mar, conforme já o disse. Ou tanto quanto o de Santo Angelo <sup>3</sup>, no mar Egeu ou de Achaia (hoje chamada de Moréia).

**Outro cabo perigoso: o de Santo Angelo.**

**Descobrimen- to do país, feito pelo capitão Pinzón.**

Foi assim chamado pelo que primeiro o descobriu, isto é, o espanhol Pinzón, de accordo com as indicações das cartas marinhas. Pinzón e seu filho descobriram varias regiões desconhecidas e das quaes antes ninguem tinha

notícia.

<sup>1</sup> Thevet ora escreve Mahouac (f. 118), ora Mahouac (f. 129). Gaffarel identifica Mahouac com Macahé. Cf. o cap. XXII, nota correspondente. Mas é possível que Thevet queira referir-se à costa do Espirito Santo, chamada pelos indios de Moah ou Mboab (Porto Seguro, I, p. 216) *Moaba* ou *poaba*, isto é, o presidio, a fortaleza (nota de Plinio Ayrosa à recente ed. bras. de Léry, p. 70), pois à f. 42 Thevet, referindo-se a Macahé, escreve *Maquéh*.

Sobre os primordios ou origens da capitania da Parahyba do Sul, vd. C. Malheiro Dias ("O regime feudal das donatarias", III, p. 237 sq.).

<sup>2</sup> Léry, no cap. XXI, confirma as difficuldades, que teve de supportar o navio *Jacques* em sua viagem de volta para a Europa. O *Jacques*, tendo deixado a bahia de Guanabara a 4 de janeiro de 1558, em fins de fevereiro ainda se achava a três graus da linha equinocc'al.

<sup>3</sup> No texto, *Saint Ange*. O cabo de Santo Angelo não é o Matapan actual, comq suppõe Gaffarel, mas o Malia. Cf. V. de Saint-Martin, III, p. 587.

No anno de 1501, o monarcha portuguez d. Manuel enviou três grandes navios à America do Sul, em busca do estreito de Furna e de Darien e, desse modo, encontraram uma passagem para as Molucas mais facil que a de Magalhães<sup>1</sup>. Navegando-sê, então, por essa costa, descobriu-se o bello promontorio, acima referido, no qual desembarcaram os portuguezes: o lugar era tão bom e temperado, embora estivesse situado a 340 graus de longitude e a oito graus de latitude — minutos 0 — que os descobridores lá se estabeleceram, seguindo-se-lhes muitos outros portuguezes, com os seus numerosos navios e colonos. E, com o decorrer dos tempos, já agora familiarizados com os naturaes, edificaram o fortim chamado Castelmaring<sup>2</sup>, ao qual se seguiu um outro, muito proximo, de nome Pernambuco.

<sup>1</sup> Thevet, como observa Gaffarel, esquece que, ao tempo do Pinzón, o estreito de Magalhães ainda não tinha sido decoberto. A viagem de 1501 é a de Fernão de Loronha (nome hoje corrompido para Fernando de Noronha), da qual tomou parte Vespucci.

O descobrimento do cabo de *Santa Maria da Consolación*, geralmente identificado com o promontorio pernambucano, remonta a 1500. Mas, é provavel que o *S. M. de la Consolación* seja o cabo de Orange, como bem o demonstrou o prof. Duarte Leite, "Os falsos precursores", II p. 126, sq.

<sup>2</sup> Staden assim descreve a sua passagem pelo littoral pernambucano: "Continuámos a viagem através do oceano, com bom vento. A 28 de janeiro [1548] houvemos vista de terra, vizinha de um cabo chamado Sanct Augustin. A oito milhas dali, chegámos a um porto denominado *Prannenbucke*. Contavam-se oitenta e quatro dias que tinhamos estado no mar sem ter avistado a terra. Ahi os portuguezes tinham estabelecido uma colonia chamada Marim" (p. 32). A colonia era a villa de Olinda, a que o gentio dava o nome de *Mairy*, a saber, a *cidade* ou *povoação* (nota de Theodoro Sampaio, *ib.*), citando Hans Staden até o nome do governador da colonia, Arto Koslio, isto é, Duarte Coelho. A f. 129, Thevet escreve *Chasteaumarin*.

Trata-se, pois, do Castello de Marim, que, realmente, era, em seus primeiros tempos, um *blockhouse* artilhado, ou fortim. Todavia o Castelmaring de Thevet não deve ser confundido com a "*petite forteresse de bois, qui sert d'asile à quelques Portugais exilés*", de que nos fala Gaffarel (*Histoire du Brésil Français*, p. 63) e do qual tratam alguns antigos documentos (J. F. de Almeida Prado, *Pernambuco e as Capitánias do Norte do Brasil*, I, p. 46 e 47).

Em ambos há muito trafico. Os portuguezes levam dalli algodão, pelles de animaes, especiarias, e, entre outras coisas, prisioneiros. Isto é, os selvagens captivados em guerra, por seus inimigos, os quaes os portuguezes vendem em Portugal <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Curiosa referencia de Thevet ao trafico de escravos brancos. Desde muito cedo, realmente, o indigena incorporou-se, como escravo, ao systema economico do explorador europeu. A frota de Pinzón levou consigo trinta e seis escravos, "para não tornar sem ganho". Pouco mais do que isso é o numero de peças pertencentes a uma das cargas da nau *Bretoa*, que traficava, de preferencia, na feitoria do Cabo Frio (1511). A *Neuen Zeytung* fala-nos dos escravos, que iam na coberta dos dois navios, capitaneados possivelmente por Christovão Jacques e João de Lisboa, sendo que essa carga humana pouco custara aos portuguezes, pois os naturaes, julgando partir para a terra da promissão, entregavam-se, na maior parte, por livre vontade (Clemente Brandeburger, p. 40). Diz Gandavo, de facto, que, cubiçando os nossos indios coisas vindas do reino, a saber, camisas, pelotes, ferramentas, "vendiam-se a troco delles". Demais, existindo a escravidão dentro do proprio regime politico-social das comunidades indigenas, era natural que os sévicolas cedessem aos colonos os seus prisioneiros de guerra, os chamados generos de resgate.

DOS CANNIBAES. — TANTO OS DA TERRA-FIRME QUANTO OS DAS ILHAS. E DA ARVORE CHAMADA ACAIOU.

Dobrado e vencido, muito embora difficilmente, o enorme promontorio, era preciso tentar a sorte e avançar, tanto quanto possivel, pelo nosso caminho, mesmo porque os ventos se mostravam alguma coisa favoraveis. Isso sem nos afastar demasiadamente da terra-firme, sobretudo, de uma ilha chamada de São Paulo<sup>1</sup> e de outras pequenas, deshabitadas, proximas do continente, isto é, da região onde vivem os cannibaes, a qual, como explicarei adiante, serve de divisa entre as terras pertencentes ao rei de Espanha e as terras pertencentes ao rei

<sup>1</sup> Começa Thevet dizendo que era intenção da esquadriha não afastar-se muito da terra-firme e, sobretudo, de uma ilha chamada de São Paulo, assim como de outras, pequenas e deshabitadas, proximas da *terra dos cannibaes*. Thevet designava pelo nome de *terra dos cannibaes* as regiões do cabo de Santo Agostinho para cima (até a Venezuela) e por *ilhas dos cannibaes* todas as insulas vizinhas do continente, sobretudo as Antilhas. *Canibalar Terra*, ou simplesmente *Canibali*, são duas nomenclaturas, que apparecem na região à margem direita da foz do Amazonas (J. Schöner, 1520; S. Münster, 1540). As *ilhas dos cannibaes* eram propriamente as Pequenas Antilhas (*Insule Canibalar sive Antigie* é como está na carta de J. Schöner, a de 1520; por *y de los Canibales* se designavam tambem as Bahamas, conforme se vê no mappa de Canerio, 1505-1506), embora por *Canibales I* fôsse tambem conhecida uma ilha perto da foz do Orinoco, possivelmente a Trindade (J. Ruysch, 1508; J. Schöner, 1508).

Aproveitando, então, a oportunidade, o nosso frade conta algumas historias dos cannibaes. Em seguida, escreve: "*Le país au surplus est trop millieur qu'il n'appartiet a telle canaille: car il porte fruits en abondance, herbes, et racines cordiales, avec grande quantité d'arbres qu'ils nomment Acaïous*", etc. A margem do texto, onde se encontra essa descripção, lê-se:

*Fertilité du  
païs des  
Canibales.*

Em nota à p. 316 (*Les Sing.*, ed. de 1878), Gaffarel suppõe que a ilha de São Paulo seja o penedo mais conhecido pelo nome de São Pedro e que



22. O cajueiro (Thevet).

de Portugal. E, já que estamos à vista dos cannibaes, direi, a proposito delles, algumas palavras.

as outras ilhazinhas deshabitadas, proximas do continente, a que se refere o autor das *Singularidades*, são a da Trindade, a de Martins Vaz e a de Fernando de Noronha. E, commentando o trecho acima, observa Hoehne (*Bot.*, p. 135) que Thevet não se refere ao cajú como nativo do Brasil, citando-o, entretanto, na ilha de Fernando de Noronha, — engano que repete J. F. de Almeida Prado, *Pernambuco e as Capitánias do Norte do Brasil*, I, p. 108.

E bem possível que a ilha de São Paulo, a que se refere Thevet, seja a península solitaria do mesmo nome, à qual as cartas britannicas dão o nome de *St. Paul Rocks*, situadas a 0° 55'28" de latitude N. e 29°22'32" de longitude W. G. (tambem conhecida pelo nome de *Rochedos de São Pedro e de São Paulo*). As outras ilhazitas deshabitadas, proximas da terra-firme, são, talvez, as *Rocas*. Faz-se preciso, porém, esclarecer o seguinte: Thevet não diz que avistou a ilha de São Paulo, mas apenas que era proposito da esquadriha não afastar-se muito della. Essa parece ser a boa interpretação do texto, porquanto, mais adiante, a esquadriha aborda a ilha dos Ratos, que identifiquei, sem nenhuma duvida, com a Fernando de Noronha. Não era possível que os navios de Boisle-Comte tivessem attingido a lat. de 0°55', para, depois, descerem à de 4°, que é onde está localizado o archipelago de Fernando de Noronha.

Tambem há outra coisa, que é preciso esclarecer: Thevet, ao descrever a ilha dos Ratos (incontestavelmente a Fernando de Noronha), não fala no cajueiro. Por outro lado, esse autor refere-se aos cajueiros existentes na região, que elle chama *dos cannibaes*, do cabo de Santo Agostinho ao Maranhão (Amazons), isto é, a região de uma gente cruel e deshumana, que usava botoques de nephrite, mas vivia numa terra abundante de fructos dos melhores, inclusive de cajus. Em summa, Thevet, na realidade, descreve o cajueiro do norte ou, talvez, o cajueiro gigante (*Anacardium giganteum*, Hance) das mattas hydrophilas do valle do Amazonas e do Pará. É possível, porém, que o franciscano se referisse mesmo ao cajueiro do nordeste, que, embora indigena nas regiões litteraneas de todas as zonas quentes e temperadas, é tipicamente halophilo (Hoehne, "A flora do Brasil", p. 153). O *Anacardium occidentale* L., nos bons terrenos, chega a attingir a altura de vinte metros (M. Pio Correia, I, p. 401), — o que está de accordo com a observação de Léry.

Que o cajú devia ser uma planta caracteristica da zona do nordeste, não resta duvida, pois era a safra dessa planta que marcava o movimento deambulatório dos tupuyas (Elias Herckmans, p. 279). Barlet menciona-o (p. 77) e Nieuhof (p. 291) observa que o cajú existia em todo o territorio brasileiro, mas especialmente na ilha de Itamaracá. As "chuvas dos cajueiros" marcam a "estação verde", em contraposição à "estação secca" (A. J. de Sampaio, p. 117). "Chuva de cajú" se chama no Ceará às chuvas peculiares aos meses de setembro e outubro (Bernardino José de Sousa, *Diccionario*, p. 136). No vocabulario pernambucano, colligido por F. A. Pereira da Costa, figuram expressões como estas: *Quantos cajús tem você?* — *Eu não sou cajú.* — *Cara de castanha mandinga.* — *Quebrar a castanha* (p. 156 e seg.).

Em que ponto da costa do norte do Brasil Thevet teve oportunidade de observar o cajueiro, — não se sabe. Em Fernando de Noronha é que não o foi, pois a ilha estava deshabitada e a gravura do cajueiro mostra um índio trepado à arvore e três outros, que recolhem os cajús e espremem-lhes o succo em um vaso.

Um estudo interessante de João Peretti, lê-se nos *Archivos*, publicação da Prefeitura Municipal do Recife, 2.º Recife, 1942, p. 145-150, a qual, sob a orientação e direção do prefeito Novaes Filho, já vae no seu segundo volume. Nesse particular, como em muitos outros aspectos, o prefeito Novaes Filho tem realizado uma boa administração.

Esses povos, do cabo de Santo Agostinho até perto do Maranhão, são mais crueis e deshumanos que quaesquer outros da America<sup>1</sup>, comendo ordinariamente carne humana, assim como a gente come carneiro (senão com maior prazer ainda).

**Deshumanidade dos cannibae.** E assevero-vos que é difficil, quando se apoderam de algum prisioneiro, livrá-lo das suas mãos, pois têm a avidéz dos leões famintos. Não há animal feroz, nos desertos da Africa ou da Arabia, que appetença tão ardentemente o sangue humano quanto esses mais que brutae selvagens. Por isso, ninguem pôde ainda harmonizar-se com elles, quer os europeus, quer os demais povos americanos.

Quando alguém quer traficar com os cannibae, ou visitar o seu país, deve, preliminarmente, enviar-lhes refens, tanto são desconfiados. Do contrario não será recebido. Não há confiança que sirva a nenhum desses indios, mesmo em se tratando dos mais dignamente collocados. E eis a razão por que, espanhoes e portuguezes, algumas vezes têm feito aos cannibae represalias, em lembrança das quaes, quando lhes é possível, Deus sabe a vingança que tiram (pois os selvagens tambem devoram os europeus). Há, pois, perpetua inimizade entre uns e outros, sendo os indios, em certas occasiões, bem castigados (de tal modo que vivem o mais possível afastados dos europeus).

Os cannibae usam, nos labios, pedras verdes e brancas, como os demais indígenas do continente, porém comparativamente muito maiores, algumas chegando-lhes até os

<sup>1</sup> Thevet, quando menciona a America, refere-se à região continental abaixo do equador, ou melhor à sua França Antárctica. O Maranhão (no texto *Marignã*) é o rio Amazonas. Mas é tambem certo que Thevet, mais adiante, confunde o Orinoco com o Amazonas.

V., sobre a palavra *Marignã*, o cap. XL, nota correspondente.

**Fertilidade da terra dos canibaes.**

peitos. A terra, de resto, é das melhores que possui essa gentalha, dando fructos em abundancia, hervas e raizes cordiaes, inclusive grande quantidade das arvores chamadas *acaious*<sup>1</sup>.

O fructo do *acaïou* é da grossura de um punho e tem a forma de um ovo de pato. Alguns fazem delle certa beberagem, se bem que não tenha muito bom sabor, pois o seu gosto é o da sorva meio madura. Da ponta desse fructo pende uma especie de noz da grossura das castanhas e da feição dos rins da lebre; o caroço é muito saboroso, mas precisa ser levado brandamente ao fogo, sendo a casca muito oleosa e acidulada. Os selvagens poderiam recolher essas castanhas em maior quantidade do que o fazemos com as nossas nozes. As folhas da arvore, avermelhadas no apice, são semelhantes às da pereira, embora mais alongadas. Tambem um tanto avermelhada é a casca e bastante amarga. Os selvagens, finalmente, não empregam a madeira dessa arvore, por ser um pouco branda, a não ser as das ilhas, onde há muita quantidade, assim mesmo para fazer fogo (pois, a não ser o guaiaco, não possuem outra mais apropriada). Eis o que

**Arvores mor-  
tas. O ha-  
ounay.**

eu queria dizer do *acaïou*, accrescentando à descripção o desenho ao lado. Outras arvores há ainda, em tais regiões, mas cujo fructo é venenoso, entre as quaes uma de nome *haounay*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No texto, *Acaïous*. Léry grapha *Aca-iou* (p. 192) e, acompanhando Thevet, compara o cajueiro à sorveira européia e o receptaculo carnoso, na forma, ao ovo da gallinha.

*Acajú* é tambem a maneira de escrever de Anchieta (p. 430) e de Cardim (p. 57), sendo que Cardim tambem diz que a madeira serve para o fogo. Rodolpho Garcia observa que o termo *acajú* é, hoje em dia, reservado à *Cedrela guyanensis* J., da familia das meliaceas, que vegeta na região amazonica (nota à p. 122 da obra de Cardim). Abbeville menciona as suas diversas variedades, o *caju-ête*, o *caju-pirau*, etc., tambem observando a forma de rim de castanha: a utilidade desta ninguem a mostrou melhor do que Gabriel Soares de Sousa (p. 206 e 207). Interessante o vocabulario colligido por Arthur Neiva, p. 73 sq.

<sup>2</sup> No texto, *Haounay*. O "Aouai... put et sent fort les aulx, que quand on le coupe ou qu'on en met au feu, on ne peut durer aux près", diz Léry (p. 189 e 190), repetindo Thevet ("L'arbre sent mal, et a l'odeur merueilleusement puante quand on le coupe: qui est cause qu'ils n'en usent aucunement en leur mesnage", em *Cosm. Univ.*, f. 922).



O país é muito montanhoso, sendo, aliás, rico de algumas minas de ouro. Em uma dessas altas e ricas montanhas, os selvagens extraem as pedras verdes<sup>1</sup>, que trazem nos lábios, acreditando eu ser possível que nella se encontrem esmeraldas e outras riquezas (assim esse terrível povo permittisse a sua exploração segura); ou, semelhantemente, marmores brancos e negros, jaspe e porphyro.

**Riqueza da terra dos cannibaes.**

Em toda essa região, do promontorio de Santo Agostinho, que passámos, ao rio do Maranhão, os selvagens têm um meio de vida igual aos dos demais indigenas do Cabo Frio. O rio do Maranhão, que separa a terra do Perú da dos cannibaes, conta, mais ou menos, quinze leguas de embocadura, com algumas ilhas povoadas e ricas de ouro, tendo os selvagens apprendido o processo de fundir o metal. Assim, do ouro fabricam anneis grandes como argolas e pequenos crescentes, que penduram, por galanteria ou pompa, nas narinas e nas faces. Affirmam os espanhoes que o rio

**O rio de Maranhão separa o Perú da terra dos cannibaes.**

**O Orellana, rio do Perú.**

chamado Orellana, oriundo do Perú, se une ao do Maranhão.

**A ilha da Trindade, que é muito rica.**

No Maranhão existe ainda outra ilha, de nome Trindade, que dista dez graus do equador; tem de comprimento cerca de trinta leguas e oito de largura, sendo tão rica quanto a que mais for, porquanto possui todas as especies de metaes. Mas, os espanhoes, desembarcando lá varias vezes, com o objectivo de conquistar o país, maltrataram de tal modo os naturaes que foram rudemente repellidos. A melhor parte

<sup>1</sup> Trata-se do agahy, *Thevetia Ahouai* DC. (*Cerbera Ahouai* L.), em que pese à opinião contraria de Hoehne (*Bot.*, p. 135). As folhas do agahy, como se sabe, são ichtyocidas.

<sup>1</sup> Cf. o cap. XXXIV, nota correspondente.

**Especie de arvore semelhante à palmeira.** da ilha já foi saqueada. A ilha da Trindade, enfim, produz abundantemente certo fructo, cuja arvore lembra a palmeira. Do fructo fabrica-se uma especie de bebida<sup>1</sup>. E, ainda, incenso muito bom, assim como o hoje celebrado pau de guaia-co (como, tambem, acontece em outros archipelagos proximos da terra-firme).

Entre o Perú e a terra dos indigenas, de que falo, há umas ilhas chamadas dos Cannibae. Ficam bem perto da terra de Zamana<sup>2</sup>, estando a principal distante da Espanhola perto de trinta leguas. Estão todas sob a jurisdicção de um rei, a que dão o nome de *cacique*<sup>3</sup> e ao qual obedecem estritamente. A maior das ilhas dos Cannibae tem de comprimento sessenta leguas e de largura quarenta e oito, sendo tão rude e montanhosa quanto a da Corsega. Nella é que vive, quasi sempre, o cacique. Seus habitantes são inimigos tão mortaes dos espanhoes que estes, de maneira alguma, podem lá traficar. Tal é esse espantoso, arrogante e intrepido povo, todavia dado à pilhagem.

Direi ainda que existem nas ilhas dos Cannibae varias arvores de guaiaico; assim como outra especie de planta, cujo fructo tem a grossura de uma pella, de boa apparencia, mas venenoso. Com o succo<sup>4</sup> desse vegetal, os indios embebem suas flechas, reservadas para os inimigos. Mais uma arvore venenosa se encontra na região: o liquido, que se extrahê da planta sarjada, é mortifero como o do rosagal; mas a raiz é comestivel, pelo que os silvicolas fazem farinha, da qual se alimentam, embora seja a arvore, quanto ao tronco, aos ramos e às folhagens, differente da planta similar da Ame-

<sup>1</sup> Trata-se do *cumarú* (*Coumarouna odorata* Aublet), que toma o nome de *sarapáia* em Venezuela.

<sup>2</sup> *Zamana*, no texto. Xamana, Samaná, bahia e cabo da costa oriental da Republica Dominicana.

<sup>3</sup> No texto, *Cassique*. Cacique é palavra de origem haitiana.

<sup>4</sup> Sobre as flechas envenenadas, cf. J. Nipgen, p. 141. Interessante nota de Spix & Martins à p. 255-257 da sua *Viagem pelo Brasil*, vol. III.

rica. A razão pela qual uma mesma planta é, ao mesmo tempo, venenosa e alimenticia, os philosophos que o digam.

O modo de guerrear dos indios, de que trato, é o mesmo dos demais cannibae e indigenas americanos, já descriptos, excepto no que diz respeito ao uso das fundas<sup>1</sup>, feitas com pelles de animaes, ou de cascas de arvores. E' nisso são tão dextros quaes os baleares, que, como diz Vegecio, foram os inventores dessa arma e os mais excellentes fundibularios do mundo.

<sup>1</sup> Thetvet trata, possivelmente, dos caralibas. Mas, a funda só existia esporadicamente na planicie amazonica, sendo frequente no littoral do Pacifico, do México à Terra do Fogo. Sabe-se que a funda era, em geral, usada no exercito incasico. Cf. Montandon, p. 396 e 397.

As fundas, ou armas semelhantes, eram tambem empregadas por a'gumas tribus tupi-guaranis do Chaco (ou chiriguanos) e do Brasil meridional, contrariamente ao que suppõe Métraux (*La civilisation materielle*, p. 80), pois Cardim menciona as "bolas de arremesso" dos carijós (p. 36). H. v. Ihering ("Archeologica comparativa", p. 572) e Carlos Teschauer (p. 213) confirmam a existencia de bolas de jacto em regiões do actual Estado do Rio Grande do Sul.

## CAPITULO LXII

### DO RIO DAS AMAZONAS, TAMBEM CHAMADO DE ORELLANA, PELO QUAL SE PODE NAVEGAR ATÉ O PAÍS DAS AMAZONAS E ATÉ A FRANÇA ANTARCTICA.

Já que estou com a penna na mão, escrevendo sobre as regiões descobertas e habitadas de além equador, entre o meio-dia e o poente, tudo com o objectivo de illustrar e vulgarizar taes acontecimentos, occorreu-me relatar uma viagem ardua e longinqua, ousadamente emprehendida por alguns espanhoes, através de oceanos e terras,

**O mar Pacifico ou Magalhânico.**

até as regiões banhadas pelo Pacifico (tambem chamado mar Magalhânico), nas quaes se acham as ilhas das Molucas e outros archipelagos. E, para melhor comprehender minha narrativa, é preciso notar que o principe espanhol mantém sob a sua jurisdicção uma vasta extensão continental, nas Indias Occidentaes, constituida tanto por ilhas como por terras-firmes, no Perú e na America; com o decorrer dos tempos todas essas regiões foram pacificadas, de modo que hoje dão as mesmas apreciaveis rendas e emolumentos.

Assim, esse capitão espanhol<sup>1</sup>, estando no Perú a serviço de seu rei, delibrou, certo dia, sair a explorar o conti-

<sup>1</sup> Thevet refere-se à viagem de Francisco de Orellana (1541-1542). A narrativa do frade é falha e truncada e as annotações de Gaffarel, em grande parte, já hoje não têm muito valor diante dos recentes estudos realizados sobre o assumpto.

**Situação do rio da Prata.** nente, por mares e terras, até o rio da Prata (que dista do cabo de Santo Agostinho, para lá da linha equinoccial, setecentas leguas e do referido cabo às ilhas do Perú perto de trezentas), — isso sem levar em conta nem a longitude dos caminhos, ou inacessibilidade das montanhas, nem a hostilidade das populações ou dos animaes ferozes. Esperava o seu autor, com a execução de tão alta empresa, adquirir, não só incomensuraveis riquezas, como, tambem um nome immortal, cuja gloria se perpetuaria pela posteridade afora. E, de facto, tendo posto tudo em boa ordem, como o merecia a empresa, isto é, estando munido de sufficiente equipagem e de mercadorias necessarias para trocar, em caminho, por viveres e outras munições, partiram, em algumas pequenas caravellas, das margens do rio de Orellana. Acompanhavam-no cinquenta espanhoes, certo numero de escravos para os serviços pesados e alguns insulares, já christianizados, destinados a servir de guias e de interpretes<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A respeito da expedição de Orellana, cf.: C. B. Ramusio, *Primo volume, & seconda edizione delle navigatione et viaggi in molti luoghi*, etc., Venezia, 1554; Agustín de Zárate, *Historia del descubrimiento y de la conquista del Perú*, Madrid, 1886 (a 1.ª ed. é do seculo XVI); F. López de Gomara, *Historia general de las Indias*, Madrid, 1877 (a 1.ª ed. é do seculo XVI); Garcilaso de la Vega, *La Florida del Inca*, Madrid, 1723 (a 1.ª ed. é de 1605); Antonio Herrera, *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas i tierra firme del Mar oceano*, Madrid, 1601; Simão Estacio da Silveira, *Relação sumaria das cousas do Maranhão*, Lisboa, 1624; Christoval de Acuña, *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, Madrid, 1641; La Condamine, *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridional, depuis la côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la Rivière des Amazones*, Paris, 1745.

A obra de Gaspar de Carvajal, que é um relatório sincero e fiel da expedição de Orellana, foi aproveitada por G. F. de Oviedo (cf. *Historia General y Natural de las Indias*, IV, p. 541 sq., Madrid, 1855) e publicada integralmente por José Toribio Medina (cf. *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*, etc., Sevilha, 1894). Recentemente, a narrativa de Carvajal foi traduzida por C. de Mello Leitão e publicada na collecção "Brasiliana", São Paulo, 1941, Companhia Editora Nacional, acompanhada do *Novo Descobrimiento* de Acuña e de uma relação anonyma attribuida ao jesuita Alonso de Rojas.

**Situação e admirável grandeza do rio de Orellana.**

**Origem do Nilo.**

**O rio de Orellana ou das Amazonas.**

O Orellana, posso assegurar, é o maior e mais largo rio do mundo, pois tem, de margem a margem, cincoenta e nove leguas e excede de mil em comprimento<sup>1</sup>. Muitos o denominam de Mar Doce. Procede das fraldas das altas montanhas de Moullubēba<sup>2</sup>, juntamente com o rio Maranhão, com o qual se associa, a cerca de seiscentas leguas de continente a dentro, muito embora suas embocaduras distem, uma da outra, cento e quatro leguas. A maré invade o rio por umas quarenta leguas, o qual cresce em dadas epochas do anno (como acontece com o Nilo, que banha o Egypto e nasce, segundo a opinião possivelmente exacta de alguns, nas montanhas da Lua)<sup>3</sup>. Seu nome provém daquelle que primeiro tentou tão longa navegação, pois antes tinha o nome de rio das Amazonas, dado pelos seus descobridores e assim registado nas cartas geographicas.

A navegação do Orellana é assombrosamente difficil, por causa da correnteza, perenne em todas as estações, sem falar de alguns altos penedos situados na foz, que só arduamente se pode evitar. Quando se sobe bastante, de rio acima, surgem algumas bellas ilhas, umas povoadas, outras não. De resto, é o Orellana perigoso em todo o percurso, por estar com suas aguas e margens repletas de differentes povos, barbaros e deshumanos, os quaes, temendo o saque dos estrangeiros, hostilizam-nos há longos tempos: quando os

<sup>1</sup> As dimensões estão, naturalmente, exaggeradas, excepto quanto ao seu comprimento, que é, de facto, de mais de 6.000 kms. A respeito desse assumpto, cf. Spix & Martius, *Viagem pelo Brasil*, III, p. 434 sq.

<sup>2</sup> Moyobamba é como está escripto na obra de G. A. Thompson, III, p. 354. Sobre as controversias e recentes estudos a respeito das nascentes do rio Amazonas, cf. Gilberto Osorio de Andrade, p. 38 sq.

A referencia ao *Mar Doce* é exacta. Cf. Duarte Leite, "Os falsos precursores", p. 159 sq.

<sup>3</sup> Thevet parece que trata do phenomeno da pororoca, que se faz sentir até 960 kms. da linha ideal do estuario. O regime do rio Amazonas é sujeito, realmente, ás enchentes periodicas (epocha das chuvas torrencias e do degelo dos Andes).

barbaros têm a sorte de apanhar algum europeu, matam-no sem remissão, devorando-o assado e cozido, como outra qualquer carne.

Partidos, pois, de uma dessas ilhas do Perú, chamada de Santa Cruz, no grande mar, à procura de uma passagem para o rio, os navegantes, aproveitando o vento maravilhosamente propicio, velejaram por bem perto da costa, afim de reconhecer-lhe, preliminarmente, o povo, os costumes, etc.<sup>1</sup> E, percorrendo assim o littoral, de um lado para outro, segundo lhes era possível, avistaram numerosos selvagens nas praias, os quaes davam mostras de admiração por aquella estranha equipagem de pessoas, navios e munições adequadas para a guerra e a navegação. Mas, é verdade que, por sua parte, não menos admirados se mostravam os navegantes, diante dessa população brutal e aggressiva, cujo ar, em summa, era o de quem os desejava abater. De maneira que a expedição proseguiu a viagem por um longo espaço de tempo, sem encontrar opportunamente de ancorar e descer em terra.

Sòmente quando apertou a fome e outras necessidades, os navegantes se viram, finalmente, constrangidos a fechar o panno e lançar ancoras. O que fizeram perto da costa, à distancia de um tiro de arcabuz, não lhes restando outra coisa senão solicitar dos naturaes, por meio de signaes amistosos e outros expedientes, alguns viveres e o consentimento para a tripulação repousar em terra. Pelo que alguns indigenas, attrahidos assim de longe, ousaram approximar-se, em canoazinhas de cascas de arvore, que usam ordinariamente nas

<sup>1</sup> A expedição começa propriamente com o avanço de Pizarro até o rio Coca, tributario do Napo. Ia atrás do chamado País da Canela. Nessa occasião, começaram a faltar os viveres. Francisco de Orellana, um dos principaes tenentes de Pizarro, offereceu-se, então, para ir em busca de provisões, que os indios informavam existir, em abundancia, na confluencia do Coca com o Napo. Pizarro, que havia mandado construir um bergantim em Coca, entregou o barco a Orellana, assim como numerosas canoas tomadas aos indios.

Orellana levou em sua companhia 57 homens. Só a 9 de janeiro de 1542 os expedicionarios puderam descer em terra e satisfazer a fome, que os forturava. O encontro com os omaguas, os incessantes combates com os indios, o episodio das amazonas, etc., — tudo vem minuciosamente narrado na relação de Car-

bacias fluviaes, embora meio receosos, porquanto jãmais tinham visto gente dessa especie tão proxima de suas margens. E, como dessem signaes de crescente temor, mostraram-lhes os espanhoes algumas facas e outras reluzentes ferramentas, que tanto cubiçavam.

Com isso, isto é, depois de recebidos os pequenos presentes, os selvagens empenharam-se em buscar os alimentos pedidos, trazendo, de facto, de accordo com as possibilidades do lugar, muito peixe de qualidade e muitas fructas de excellente sabor. Succedeu mesmo que um desses selvagens, tendo massacrado, no dia anterior, quatro dos seus inimigos, os cannibaes, veio trazer aos visitantes dois membros humanos assados, — alimento esse que foi recusado.

Os indios, nessa occasião avistados (como **Estatura dos selvagens.** affirmaram os espanhoes), eram de alta estatura e de boa compleição, andando todos nus, como os demais silvicolas. Traziam ao peito largos crescentes de fino ouro, bem polidos, em forma de espelhos redondos. E não é preciso indagar se os espanhoes adquiriram tão bellas preciosidades, que — creio firmemente — não lhes escaparam (pelo menos, não pouparam elles esforços para conseguí-los).

Assim, reconfortados e providos de alimentos (sem falar das reservas que levavam), os navegantes só pensaram em desfraldar as velas, proseguir viagem e abrir caminho. Antes, entretanto, fizeram nova distribuição de presentes.

Continuando, realmente, a viagem, a expedição percorreu mais de cem leguas, sem descer em terra, observando-se, nas margens do rio, selvagens dos mais variados aspectos, como os que foram vistos em sua segunda abordagem (adiante contarei esse encontro, afim de evitar que a presente dissertação fique muito longa).

vajal. Em fins de agosto, Orellana entrou atrevidamente no mar e a 11 de setembro arribava á ilha de Cubagua.

Carvajal rehabilitou o nome do grande aventureiro da pecha de traidor e de transfuga, que lhe lançaram Oviedo, Zárate e outros, pois, segundo o testemunho imparcial e honesto do frade, Orellana tentou, mais de uma vez, voltar ou enviar noticias a Pizarro, no que foi obstado pela tripulação.



## CAPITULO LXIII

### ABORDAGEM DOS ESPANHOES EM UMA REGIÃO ONDE HABITAVAM AS AMAZONAS.

Tantas jornadas fizeram os espanhoes que foram ter, enfim, a uma região habitada pelas amazonas, cuja existencia, aliás, jámais ninguém imaginara, pois os historiographos, visto não conhecerem os países recém-descobertos, nenhuma referencia tinham feito dessas guerreiras.

Ao contrario da opinião de alguns autores, quero crer que são essas mulheres realmente amazonas, porquanto têm os mesmos costumes de suas homonymas da Asia. E, antes de ir adiante, é preciso notar que as amazonas, das quaes falo, vivem seggregadas em certas ilhotas, as quaes lhes servem tambem de fortaleza. Demais, quasi não têm outra actividade senão a das guerras perpetuas contra os seus inimigos, — justamente como as amazonas descriptas pelos historiographos. De facto, essas ilhas são frequentemente acomettidas pelos inimigos, que lhes vão ao encontro, em canoas ou em outras embarcações, atacando-as a flechadas, embora se defendam estas por si mesmas, corajosamente, com ameaças, urros e os mais espantosos gestos.

As amazonas fabricam os seus escudos com os cascos das grandes tartarugas<sup>1</sup>, como o leitor poderá observar na gravura seguinte. E, já que chegou a oportunidade direi al-

<sup>1</sup> A f. 26, Thevet já se referiu aos escudos fabricados com as carapuças de tartarugas, usados pelas amazonas, acrescentando que chegou a ver uma dessas armas.

gumas palavras a respeito dessas rudes e bravias mulheres, junto às quaes os pobres selvagens não encontram lá tão grande consolo.

**Antigamente havia três especies de amazonas.**

Há, segundo ensina a historia, três especies de amazonas, em tudo semelhantes umas às outras, inuito embora a differença do meio em que viviam. As mais antigas existiam na Africa, entre as quaes as gorgonas, que tinham Medusa por sua rainha. As duas outras especies de amazonas habitavam em Scythia, perto do rio Tanais, indo dominar, depois, uma parte da Asia, proximo das aguas do Thermoponte. A quarta especie de amazonas são as de que trata a presente narração.

**Variiedade de opiniões sobre o nome e etymologia da palavra amazonas.**

Variam as opiniões a respeito da origem de seu nome. A mais commum era a de que essas guerreiras, ainda na juventude, queimavam os proprios seios; o objectivo dessa pratica era torná-las mais dexas na guerra.

Acho estranho, entretanto, que isso seja verdade — embora a maior parte seja dessa opinião. E digam os medicos se taes partes do corpo podem ser, desse modo, cruelmente decepadas, sem causar isso a morte, visto que são tão sensiveis e vizinhas do coração. Se assim é, por uma que conseguisse escapar da morte, perder-se-iam cem.

Explicam outros a etymologia pela significação da particula *a* (negativa) e do nome *maza* (pão), tendo em vista que as amazonas não viviam do pão, mas de outro qualquer alimento, — hypotese não menos absurda, porquanto teriamos de chamar de amazonas a muitos antigos povos, que não conheciam o pão, a exemplo dos troglodytos. E até mesmo a alguns dos da actualidade, como os selvagens americanos.

Um terceiro grupo ensina que as amazonas (de *a*, negativa, e de *mazos*) quer dizer *mulheres criadas sem o leite materno*. Essa é, de facto, a etymologia mais razoavel, de accordo com a licção de Philostrato. Se é que a origem não provém de Amazonida, nome de certa



23. As amazonas (Thevet)

**As amazonas,** nympha, ou de uma outra chamada Amazonas, mulheres bellicasas. sacerdotiza de Diana e rainha de Epheso. Essa é também a etymologia que eu considero melhor; dispute o contrario quem o quizer. Seja como for, as amazonas são mulheres bellicasas.

Para completar, lembro que, quando os scythas, também chamados tartaros, foram expulsos do Egypto, subjugaram a melhor parte da Asia, reduzindo-a à obediencia e tornando suas populações delles tributarias. É verdade que os scythas consumiram muito tempo nessa expedição e conquista, devido à resistencia dos soberbos asiaticos; tanto que as suas mulheres, aborrecidas por tão longa demora (com a boa Penelope de seu esposo Ulysses), através de varias graciosas missivas, advertiram-nos a retornarem aos penates, do contrario essa longa e intoleravel ausencia as forçaria a contrahir novas allianças com os povos vizinhos, estando, em perigo de desaparecer a antiga linhagem dos scythas. Mas,

**A Asia, tribu-  
taria dos scy-  
thas por espa-  
ço de quinhen-  
tos annos.**

os scythas, sem levar em conta os doces requestos das esposas, absteriveram-se corajosamente, por espaço de quinhentos annos, em manter a sujeição da altiva Asia, até que Nino a livrou dessa miseravel servidão. E, durante esses longos tempos, as mulheres scythas não contrahiram nenhuma alliança matrimonial, pela razão de que o casamento não seria para ellas um meio de liberdade, mas, antes, de sujeição e servitude. De modo que deliberaram todas, por virtuoso accordo, tomar armas e exercitarem-se na arte bellica, porquanto os scythas se reputavam descendentes do celebre Marte, deus da guerra.

**L a m p e d o e  
Marthesiã, as  
primeiras rai-  
nhas das ama-  
zonas.**

Tal proposito executaram virtuosamente as mulheres scythas, sob a direcção ora de Lampedo, ora de Marthesia, suas rainhas. E não só defenderam seu país das invasões inimigas, mantendo-o em liberdade e magnitude, mas, ainda, realizaram bellas conquistas, tanto na Europa quanto na propria Asia (até o rio de que falei

atrás), edificando nessas regiões, sobretudo em Epheso, varios castellos, cidades e fortalezas. Feito o que, muitas dellas foram reconduzidas ao seu país, com os ricos despojos dos inimigos, permanecendo o restante na Asia. Finalmente, as guerreiras, para perpetuação da especie, prostituíram-se voluntariamente com os povos vizinhos, sem todavia, contra-hirem matrimonio, matando os filhos do sexo masculino e criando, com a maior diligencia e cuidado, as do sexo feminino, as quaes reservavam para as armas.

As mulheres scythas davam preferencia aos exercicios bellicos e cynegeticos, antes que a qualquer outra actividade. Suas armas eram o arco e a flecha, assim como certos escudos, de que trata Virgilio na *Eneida*, quando, ao descrever o cerco de Troia, conta o socorro prestado por ellas aos troianos, contra os gregos. E julgam alguns (pois já é tempo de voltar às amazonas americanas) que foram as mulheres scythas que primeiro iniciaram os combates a cavallo.

As amazonas americanas<sup>1</sup> vivem em caba-

Maneira de viver das Amazonas da America.

nazinhas, ou nas cavernas rochosas, alimentando-se de peixes e veações outras, assim como de algumas excellentes fructas produzidas em suas terras. Matam os filhos machos, assim

que nascem, devolvendo-os a seus provaveis pais; quanto às meninas, guardam-nas consigo, justamente como faziam as

<sup>1</sup> Spix & Martius (*Viagem pelo Brasil*, III, p. 198 e 199) assim resumem os factos, que deram origem à lenda das amazonas americanas: a) Orellana foi avisado, por um cacique, acerca de uma commuidade de mulheres guerreiras, que os indios chamavam de *cunhá-puñara*, talvez pertencentes à familia das omaguas, e, no rio Cunuris, hoje Trombetas, encontrou, entre os homens, mulheres combatentes (Herrera); b) Fernando de Ribeira depòs, sob juramento, ter ouvido falar de um reino de amazonas, existente em 1542, por occasião de sua expedição ao oeste do Paraguay, abaixo do 12º de latitude sul; c) o missionario Baraza, em 1700, na mesma região visitada por Ribeira, regista uma notavel lenda sobre o povo das amazonas; d) La Condamine ouviu contar que se avistaram amazonas, vindas do rio Caiamé, em Cuchinara, uma das embocaduras do Purús (segundo outras noticias, citadas por esse viajante, parece que as amazonas habitavam às margens do rio Irijó, affluente do Amazonas, e, tambem, a oeste das cataractas do Oyapoc). "A crença cega e sonhadora dos indios (continuam Spix & Martius) facilmente espalhou essa lenda por vastos territorios... A esse caracteristico do indio, de admittir o prodigio, accrescentou-se ainda o pendor dos descobridores europeus, que se esforçavam por apresentar ao Velho Mundo, espantado, as suas façanhas, com os reflexos de taes phantasmagorias. Talvez quisessem impressionar Orellana com a feição

antigas amazonas da Asia. Ordinariamente, guerreiam algumas outras nações e tratam com muita deshumanidade os que caem em seu poder. Isto é, penduram-nos pelas pernas a um galho alto de arvore, onde os deixam por algum tempo; se, porém, quando tornam ao lugar do supplicio, os prisioneiros ainda estão, por accaso, vivos, atiram-lhes milhares de flechas. É verdade que não devoram os inimigos, como os demais selvagens, mas deitam-nos ao fogo, até os mesmos fiquem reduzidos a cinzas. No combate, as amazonas avançam lançando horriveis e espantosos gritos. Isso para amedrontar os contrarios.

**E' incerta a origem das amazonas americanas.** Não é facil saber qual a origem das amazonas americanas. Crêem alguns que, após a guerra de Troia, na qual, como já se disse acima, as primitivas amazonas tomaram parte, sob a direcção de Pentésiléia, — dispersaram-se ellas por todos os lados. Outros acreditam que as amazonas, vindo de certos lugares da Grecia para a Africa, dalli foram expulsas por um cruel monarcha. Existem ainda muitas outras noticias semelhantes, inclusive as das proezas bellicas das amazonas e de outras mulheres, conforme se leem nos

bellicosos de certa tribu, contando que até as mulheres pegavam em armas e a de algumas dessas mulheres, que combatiam ao lado dos maridos, na refrega à beira do rio Cumaris (ou Canuris?), veio completar a fabula". Realmente (concluem) os mundurucús, conforme explica Ribcira, costumavam acompanhar-se de suas mulheres, quando iam à guerra: estas tinham por mister fornecer aos guerreiros as flechas de combate.

O facto de a palavra *cunhá-puara* pertencer à lingua geral, confirma a opinião de Métraux, a saber, de que o mytho das amazonas foi grandemente espalhado pelos tupinambás, ou melhor, pela familia tupi-guarani (*La religion des Tupinamba*, p. 179). As informações, aliás magras, que Évreux deixou das amazonas, foram-lhes fornecidas pelos tupinambás (p. 23 e 24), como tambem as de Acuña (II, p. 175). Os apapocuvás, segundo Curt Nimucndajú (p. 364), ainda se recordam das lendas das mulheres nitsogamas.

Mas, não só entre os tupi-guaranis. Os carajás, por exemplo, possuem, como os tupi-guaranis, suas lendas de mulheres guerreiras (H. Baldus, *Ensaio de Ethnologia Brasileira*, p. 265). Sabe-se que Jules Crévaux encontrou, em 1878, nas ourelas do rio Parú, uma aldeia exclusivamente habitada por mulheres separadas de seus maridos (Sophus Ruge, p. 580). Mulheres guerreiras sempre existiram em todos os tempos, como, v. g., se pode ver no systema militar da Dahomay (A. B. Ellis, *The Ewe-speaking Peoples*, p. 183). Em Cueba (America Central), as mulheres tomam parte activa nas operações de guerra (Bancroft, I, p. 764). O mesmo entre os *ainous* (Batchelor, p. 288), na Australia (Smyth, I, p. 155), etc.

antigos autores gregos e latinos (embora alguns tratem o assumpto muito descuidadamente), — os quaes deixo de parte para proseguir minha narrativa.

Como ia dizendo, mal desembarcaram os espanhóes à procura de repouso e de alguns viveres, as amazonas, admiradas com aquella estranha equipagem, reuniram-se, incontinentemente. Em menos de três horas, contavam doze mil, no minimo, mulheres e crianças, todas nuas, mas de arco e flecha em punho, hurrando como se estivessem diante de seus inimigos. E algumas flechadas mesmo chegaram a ser atiradas, pelo que os espanhóes, não querendo resistir, retiraram-se a salvo, — ancoras levantadas e vellas despregadas.

Verdade é que, no momento da partida, à guisa de adeus, os navegantes saudaram-nas com alguns tiros de canhão. E a isso se seguiu debandada geral, sendo provavel, todavia, que as guerreiras não se salvassem assim tão facilmente.

Antes disso, deveriam ter sentido o effeito dos tiros.

A. amazonas são, assim, de todos os tempos.

Carvajal conta, realmentê, que, por duas vezes, Orellana fôra avisado acerca das *cunhá-puiaras* (no texto, *conihpuiara*). Afinal, após varios dias de tortuosa viagem, deram de chofre "na boa terra e senhorio das amazonas", cujo começo é situado, geralmente, nas cercanias da embocadura do Trombetas-Jamundá. Logo se travou uma encarniçada peleja, na qual tomaram parte tambem as mulheres (muito altas e alvas, com o cabello comprido entrançado e enrolado na cabeça). Mais tarde, deu, então, informações a respeito dessas amazonas: não são casadas, vivem em casas de pedra, dentro de aldeias fortificadas, cobrando impostos de barreira; de vez em vez, emprehendem uma *razzia* contra as populações circumvizinhas, raptando os homens, com as quaes cohabitam por alguns tempos; matam as crianças do sexo masculino, enviam-nas depois aos pais, ao passo que filhas, ao contrario, são criadas cuidadosamente na arte da guerra; a rainha vive numa grande cidade, em meio de uma classe nobre, que usa baixellas de ouro e veste finas roupas de lã. E' com o padre Alonso de Rojas que apparece, pela primeira vez, a referencia à falta de um seio. Em Acuña vem o nome de *ycamiaba*, isto é, as mulheres sem seio, dada às amazonas (G. de Carvajal, p. 24, 30, 58 *sq.*, 111 e 267).

Sobre a explicação do termo *ycamiaba*, cf. Oswaldo Orico, *Vocabulario*, p. 120 e 122.

Curioso o facto de serem identicos os sentidos originarios de ambos os nomes, *amazonas* e *ycamiaba*. *Amazonas* quer mesmo dizer, em grego, *sem mamas*.

Há uma explicação moderna da origem da lenda americana, em *Historia de América*, III, por E. de Gandia & R. Levent, Buenos Aires, 1940, p. 158 *sq.*

## CONTINUAÇÃO DA VIAGEM. MORPION E O RIO DA PRATA.

**Continuação da viagem dos espanhoes à terra de Morpion.**

Percorrendo cerca de oitenta leguas, em proseguimento à sua viagem, os espanhoes tomaram, com o astrolabio, a latitude do lugar e, assim, reconheceram o local onde se achavam. Esse instrumento é muito necessario à navegação, principalmente para aquelles que visitam os países longinquos, sem o que ninguem estaria em segurança. A arte de medir a altura do sol, na verdade, excede a todas as outras, sendo uma sciencia largamente reconhecida e praticada pelos antigos, sobretudo por Ptolomeu e outros notavcis mestres. E, desse modo, os espanhoes abandonaram as caravellas, que foram postas ao fundo, cada um dos tripulantes se encarregando, em seguida, dos viveres, munições e mercadorias (principalmente os escravos, aos quaes estava affecto tal mister). Depois do que marcharam, por espaço de nove dias, através de montes cobertos de todas as especies de arvores, arbustos, flores, fructos e verduras.

Nessa marcha, abordaram os viajantes um enorme rio, cujas fontes nasciam de altas montanhas. Nelle viviam alguns selvagens, muitos dos quaes, temerosos, fugiram ou refugiaram-se nas arvores. Aos velhos, unicos que permaneceram nas choças, os espanhoes offertaram facas e espelhos, — coisa muito do seu agrado. E os bons velhos, então, se esforçaram por chamar os companheiros, fazendo-lhes ver que os estrangeiros recém-chegados eram nobres senhores,



vindos sem nenhum intento de incommodá-los e, antes, desejosos de presenteá-los com as suas riquezas. Ao que os selvagens, commovidos por essa liberalidade, se julgaram no dever de angariar-lhes viveres, a saber, peixes, caças silvestres e fructos do país.

À vista desses factos, os espanhoes decidiram, então, passar o inverno no referido lugar, aguardando a estação seguinte e, simultaneamente, explorar a região, na expectativa do descobrimento de minas de ouro ou de prata, ou na expectativa do encontro de qualquer preciosidade, da qual pudessem tirar algum proveito. E lá estacionaram, realmente, sete longos meses, embora as coisas não correspondessem às suas esperanças: os tempos passaram e os espanhoes a andar de um lugar para outro, guiados por oito dos selvagens, com os quaes percorreram não menos de oitenta leguas e em cujos caminhos encontraram-se, sempre, com numerosos outros indigenas, todavia mais rudes e mais intrataveis (no que os guias lhes foram de muito proveito).

Nesse interim, descobriram os espanhoes achar-se na altura de Morpion, no momento povoado pelos portuguezes. Alguns, nessa occasião, foram de aviso que se tomasse a direcção de tal lugar, emquanto os restantes perseveraram em

seguir o caminho do rio da Prata, distante ainda, por terra, cerca de trezentas leguas. E, de facto, assim se fez, de accordo com a resolução de seu chefe e capitão. Aliás, perto de Morpion, os nossos peregrinos exploraram toda a região, na esperança de possiveis riquezas, até

que realmente encontraram, na encosta dos montes, um rio; quando nelle bebiam agua, perceberam algumas pedras, reluzentes como prata. Levaram, então, os espanhoes certa quantidade dessas pedras para Morpion, que distava do rio dezoito leguas. Afinal, examinadas as pedras, verificou-se que se tratava, na verdade, de uma mina de prata, da qual, depois dos devidos preparativos e sondagens, tirou o rei de Portugal muitos proveitos.

Divide-se a  
companhia, se-  
guindo uma  
parte para o  
rio da Prata.

Após se repousaram e restabeleceram em Morpion, em companhia de seus vizinhos os portugueses, os espanhoes resolveram seguir atrás dos companheiros, que tinham tomado o caminho do rio da Prata. O rio da Prata fica, por mar, a duzentas e cincoenta leguas de Morpion e, por terra, a trezentas. Nesse local os espanhoes descobriram varias minas de ouro e de prata (donde a origem do nome daquelle rio), pelo que, com a intenção de lá se estabelecerem, construíram algumas fortificações. Em seguida, uns poucos de exploradores, seguidos de outros espanhoes recentemente chegados à região platina, não satisfeitos com a sua fortuna, ousaram navegar até o estreito de Magalhães, assim chamado por causa do nome do seu descobridor.

O estreito de Magalhães confina a America, ao meio-dia. Por esse estreito, os espanhoes penetraram no mar Pacifico, da outra banda da America, onde existem varias bellas ilhas, attingindo, afinal, as Molucas, as quaes ainda hoje mantêm e habitam. E disso tudo tira o principe de Espanha apreciaveis tributos em ouro e em prata.

Eis, em summa, o que foi essa expedição, da qual me propus dizer algumas palavras. E, — devo accrescentar, — a presente narrativa chegou ao meu conhecimento por uma pessoa que, segundo assevera, tomou parte na viagem<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O episodio do desembarque e demais scenas subsequentes, com pouca differença, occorreu, de facto, no decurso da viagem acçidentada de Orellana. Mas, não a dispersão dos expedicionarios, um grupo para Morpion e outro para o rio da Prata. Não era possivel attingir, por terra, Morpion (as terras da capitania de São Vicente, no minimo). Entretanto, é possivel que o castelhano, narrador da historia, tivesse tomado parte na expedição de Orellana e, depois, em outras viagens ao littoral do sul do Brasil.

## CAPITULO LXV

### SEPARAÇÃO DAS TERRAS DOS REIS DE ESPANHA E DE PORTUGAL.

Os reis de Espanha e de Portugal, depois que consolidaram, em commum, suas victorias e felizes conquistas, tanto no levante como no poente, por terras e mares nunca dantes conhecidos ou descobertos, convencionaram, para maior segurança, dividir e limitar as respectivas possessões. O objectivo era impedir futuras querelas, como aconteceu com a mina de ouro do cabo das Três Pontas (na Guiné), com o archipelago do Cabo Verde e com tantas outras povoações: todos devem imaginar que nenhum reino pode estar sujeito, simultaneamente, a dois monarchas, do mesmo modo que um mundo não recebe a luz de dois soes.

A partir do rio do Maranhão, entre a America e as Antilhas, numa extensão que vai do Perú à Florida (proxima da Terra Nova), — tudo ficou sob o dominio do monarcha espanhol, ao qual pertence, ainda, uma vasta parte do continente americano, a começar das regiões meridionaes do Perú, na costa oceanica, até, como já se disse, o rio do Maranhão. Ao rei portuguez coube o territorio desde o mencionado rio do Maranhão até o do Prata, que fica a trinta e seis graus além da linha equinoccial<sup>1</sup>: a partir do estreito de Magalhães a

<sup>1</sup> A f. 106, Thevet diz que o rio do Prata dista da linha equinoccial trinta e cinco graus.

primeira praça<sup>1</sup> é Morpion, a segunda Mahouhac<sup>2</sup> (onde se encontram minas de ouro e de prata), a terceira Porto Seguro (perto do cabo de Santo Agostinho), a quarta a ponta de Crouest Mouron<sup>3</sup>, o Chasteaumarín<sup>4</sup> e Pernambuco (que confinam com a região dos cannibaes da America)<sup>5</sup>. Mas, não me é dado, no momento, declarar todos os lugares, de rio a rio, juntamente com a sua situação e demais particularidades, — à exemplo de Curtana, das Caribas (proximas do rio Doce e do rio Real<sup>6</sup>), etc., bastando saber que todos esses locais estão sob o dominio português. Os portugueses, aliás, sabem bem como tratar os selvagens, vivendo elles pacificamente e com elles trocando varias mercadorias. Demais, levantaram por lá habitações e fortins, afim de assegurarem-se contra os seus inimigos.

O rei de Espanha não fez por menos, em seus territorios, os quaes, como já o disse, vão do rio Maranhão, ao ponte, até as Molucas, abrangendo regiões banhadas pelos dois oceanos, inclusive suas ilhas, assim como a terra-firme do Perú. De tal modo que todo o conjuncto forma uma ad-

<sup>1</sup> No texto, *place*, isto é, estabelecimento, fundação, quasi sempre uma feitoria.

<sup>2</sup> Cf. o cap. LX, nota correspondente.

<sup>3</sup> Cf. o cap. XXII, nota correspondente.

<sup>4</sup> Cf. o cap. LX, nota correspondente.

<sup>5</sup> Referencia ao tratado de Tordesilhas (7-VI-1494), por meio do qual os dominios portugueses e castelhanos ficaram divididos por um meridiano imaginario, que passava a oeste das ilhas do Cabo Verde, numa distancia de 370 leguas. Na realidade, como observa Pedro Calmon (I, p. 36), nunca foi determinado, "em virtude de meudas e multiplas divergencias, quanto à contagem dos graus, à ilha que seria fonte de partida, à applicação da linha abstracta na geographia sul-americana". Basta observar o graphico de H. HARRISSE, *The diplomatic history of America*, Londres, 1897, por onde se vê que o meridiano, de accordo com os criterios adoptados por Cantino, Oviedo, Enciso e outros, percorreu a escala entre os 42°30' e os 49°45' W. G.

Valioso estudo sobre o assumpto acaba de fazer José Carlos de Macedo Soares, *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, Rio, 1939.

A foz do Amazonas (o Maranhão de Thevet) era, de facto, o marco tradicional divisorio das possessões luso-castelhanas.

<sup>6</sup> No texto, *Curtane, Caribes... riviere douce*, etc. Thevet accumula nomes, muitos dos quaes difficilmente identificaveis. *Caribes*, p. c., é uma referencia às ilhas dos Carahibas; nas cartas britannicas uma parte das Antilhas tem o nome de *Caribbee Islands*. O rio Doce era o Essequibo (Navarrete, III, p. 5).

Regiões ainda  
não explora-  
das.

miravel extensão, sem levar em conta o que futuramente se poderá explorar — Carthagena, Cate, Palmaria, Parise (a grande e a pequena), etc.

Ambos os reis, principalmente o de Portugal, descobriram varios países do levante. Esses descobrimentos tinham por objecto o trafico, embora ainda não existente em muitos lugares, mesmo na America e no Perú, porquanto, para reinar nessas regiões, faz-se mister angariar a amizade dos nativos, pois, de outro modo, os mesmos se rebellam e atacam, frequentemente, os europeus que lhes caem ao alcance. Antes de tudo, é preciso considerar as alianças, querelas, amizades ou rivalidades de selvagens para selvagens.

Não se julgue que taes descobrimentos se fizeram sem muita effusão de sangue, especialmente o dos pobres europeus, os quaes expuseram a vida sem olhar difficuldades, ou sem levar em conta a crueza e deshumanidade desses povos. Sabemos, por exemplo, como os romanos, querendo ampliar seu imperio, — comparativamente muito pequeno em relação ao que conseguiram, depois, numa campanha de sessenta annos, — derramaram tanto sangue, não só o delles, como o dos inimigos.

Quantas violações da lei, da disciplina e dos honestos costumes evitar-se-iam, se não foram as guerras civis de Sylla e de Mario, de Cinna e de Pompeu, de Brutus, de Antonio e de Augusto, — todas mais prejudiciais que quaesquer outras? Assim sobreveio a ruina da Italia pelos godos, hunos e vandalos, que, antes, tinham invadido a Asia e destruido o imperio dos gregos. E vem a proposito o seguinte verso de Ovidio: “Todas as coisas, como vemos, mudam: | Domina hoje, por exemplo, um povo, | Que antes nada era. E o, que em tudo | Tinha poder, agora lhe obedece”.

Todas as coisas humanas, em summa, estão sujeitas à mutação, umas mais facilmente, outras não, seguindo o seu maior ou menor poderio.

## CAPITULO LXVI

### DIVISÃO DAS INDIAS OCCIDENTAES EM TRÊS PARTES.

Antes de proseguir na descripção do país, hoje (por legitimo direito, segundo penso), chamado de França Antartica, mas anteriormente de America, — já expliquei as razões desse nome, — achei que, em vista de sua extensão, era conveniente dividir o mesmo em três partes. O assumpto, assim, tornar-se-á mais facil de ser comprehendido pelo leitor.

Após o seu recente descobrimento, a America propriamente dita, o Perú, a Florida, o Canadá e outros lugares circumvizinhos (até o estreito de Magalhães) vêm recebendo a denominação geral de Indias Occidentaes. Isso porque os povos americanos, barbaros e rudes, andam nus, ou possuem quasi os mesmos costumes das actuaes populações das Indias do Levante, país que, como já o disse em outro lugar, tira legitimamente esse nome do rio Indus<sup>1</sup>. O rio Indus, desaguando do mar do Levante, ou mar Indico, por sete boccas, — como faz o Nilo no Mediterraneo, — provém das montanhas arabicianas e becianas<sup>2</sup>; emquanto o Ganges, penetrando, do mesmo modo, no referido mar, por cinco braços, divide e separa a India em duas partes.

Estando a India tão longe da America, porquanto esta fica no occidente e aquella no oriente, os primeiros desco-

<sup>1</sup> Thevet volta a repetir um assumpto já versado duas vezes, nos caps. XXII e XXVII.

<sup>2</sup> Cf. p. cap. XXII, nota correspondente.

bridores, vendo a selvageria e crueldade de uma gente assim tão barbara, tão sem lei e tão sem fé, quasi semelhante a diversos povos indianos, asiaticos e ethiopicos, dos quaes fez menção Plinio em sua *Historia Natural*, — os primeiros descobridores, dizia eu, impuseram àquella região o mesmo nome da outra. E eis que — pois não sei de outro motivo — a America tornou o nome da India, isto é, por causa da similitude dos habitos, ferocidades e barbaria (como algures já expliquei) dos nossos selvagens com os de certos povos levantinos.

A primeira parte do continente comprehende a extensa região do meio-dia, a começar pelo estreito de Magalhães, localizado a 52°30' de latitude austral (não inclue a terra mais ao sul, por ser desconhecida e não estar ainda habitada, mas apenas territorios existentes entre o estreito e o rio da Prata). Dahi, para o poente, ficam as provincias de Patalia, Paranaguacú, dos Margajás, dos Patagões (ou região dos Gigantes), de Morpion, dos Tabajaras, dos Tupinambaús, das Amazonas, o país do Brasil (até o cabo de Santo Agostinho, aos oito graus além do equinoccial)<sup>1</sup>, do país dos Canibaes, ou Anthropophagos, todos situados na America e banhados, de um lado, pelo mar Oceano e, do outro, pelo mar do Sul ou Pacifico (tambem chamado de mar Magalhânico). Em summa, termina essa terra indica no rio das Amazonas, o qual, à semelhança do Ganges, que no levante divide a India em duas, tambem, por sua vastidão (pois tem cincoenta leguas de largura) separa a chamada India Americana do Perú.

<sup>1</sup> Que entendia Thevet pelo *país du Bresil*? A successão em que estão collocados os toponymos dá a entender que o Brasil do nosso franciscano era o tracto costeiro ao sul do cabo de Santo Agostinho, embora a palavra *Amazonas* esteja, ahi, arbitrariamente intercalada. O *rio de Brasil* apparece abaixo de Porto Seguro, no mappa de Caerrio (1505-1506), no de Kunstmann II (1506?) e no de Waldseemüller (1507), identificado com o rio Pitanga, ou de Frade. Na carta de P. de Vaux, que é de 1613, o nome do Brasil está situado bem em frente mesmo da região, que comprehendia, outrora, as capitancias de Ilhéus e de Porto-Seguro.

Quanto à segunda parte, começa esta no rio das Amazonas e abrange, com os seus diversos reinos e provincias, todo o Perú, o isthmo de Darien, a Furna, Popayan, Auzerma, Carapa, Quimbaya, Cali, Paste, Quito, Canarias, Cusco, Chile, Patalia, Parias, Themistitan, o Mexico, Catay, Panuco, a terra dos Pigmeus e a Florida (aos 25º de latitude norte) <sup>1</sup>. Deixo de parte as ilhas, embora sejam ellas tão vastas quanto as da Sicilia, Corsega. Chypre ou Candia, terminando, assim, essa parte na Florida.

Resta, finalmente, descrever a terceira parte, que começa pela Nova Espanha e alcança todas as provincias de Anauac, Yucatão, Culhuacan, Xalixe, Chalco, Mixtecapan, Fezenco, Guzanes, Apalaches, Xancho. Ante o reino de Micuacan, — ou seja, da Florida à terra do Bacalhau <sup>2</sup> (enorme região, da qual fazem parte o Canadá e a provincia

<sup>1</sup> Outro amontuado de toponymos. Curiosa a denominação de *Toupinambau*, dada aos tupinambás (Léry escreve *Tououpinambaults*), que quer dizer, segundo a explicação de Baptista de Almeida Nogueira, "tupinambá" escuro ou "preto", ou *tupinambá ai*, "esses taes tupinambás" (Cardim, p. 273 e nota de Plinio Ayrosa à p. 71 da recente ed. bras. de Léry). Popayan (Colombia) apparece em varias cartas antigas (no atlas de P. Bertius, n. e.). Como tambem Auzerma (*Aucerma*, no citado atlas de P. Bertius), Panuco (mappa de Sebastião Münster, 1540), etc.

Alguns nomes estão naturalmente corrompidos, como, por exemplo, Culhuacan (aliás Cubiacán).

No texto, *Canares*. Aliás, Canarias, provincia do antigo reino de Quito

<sup>2</sup> No texto, *la terre des Baccalles*. *Bacalicu*, outrora *Bacalhau*, diz V. de Saint-Martin (I, p. 298) que era o nome dado a uma ilha da costa oriental da Terra Nova. *y. dos bacalhas* é o nome, de facto, que apparece junto a uma especie de península da costa oriental da Terra Nova, entre os 52º e 53º de lat. N., segundo a carta de Pedro Reinel (1505). Vj., tambem, a carta da Terra Nova extrahida de um *Atlas Portugiês da Bibliotheca Ricardiana de Florença* e reproduzido por Kretschmer, fls. XXXIII. Adiante, à f. 148, Thevet escreve *Baccalos* e diz que essa região avança de mar a dentro duzentas leguas, distando da linha equinocial 48 graus.

A Terra Nova foi, realmente, conhecida pelo nome de *Terra Nova dos Bacalhans*, ou *Ilha dos Bacalhans*, sobretudo a parte hoje chamada de península de Avalon. Esse nome, escripto de diversos modos, se encontra no planispherio de Cantino (1502), no de Palestrina (1503-1504), no mappa já mencionado de Reinel (1505), no mappa-mundi do Ruysch (1508), no portulano do visconde de Maggiolo (1511), etc.



de Chicora <sup>1</sup>, aos 33° graus acima do equador), ao Labrador, a Terra Nova (toda rodeada pelo mar Glacial), tudo para o norte.

As Indias Occidentaes, assim succintamente divididas e descriptas, isto é, do estreito de Magalhães, por onde se começou, até o fim da ultima terra indica, estendem-se por mais de quatro mil e oitocentas leguas de comprimento. E por ali se pode avaliar quanto é larga, excepto no mencionado isthmo de Paria. Por isso mesmo, é o continente americano chamado, geralmente, de Indias Maiores, pois são, de fato, mais vastas que as do Levante.

Concluo pedindo ao leitor receber de bom grado essa divisão, esperando que Deus me conceda tempo para levar a cabo melhor estudo e, consequentemente, uma descripção mais bem acabada do país. De qualquer modo, incluindo-a aqui, foi minha intenção dar maior brilho ao presente trabalho.

<sup>1</sup> Trata-se de uma região fabulosa, situada ao norte da Florida, mais ou menos em terras da actual Carolina do Sul, da qual deu noticias ao ouvidor Lucas Vázquez Ayllón um indigena capturado no rio Jordão. Ayllón, autorizado por um *real cédula* de 1523, partiu, nesse mesmo anno, em busca da ambicionada Chicora, percorrendo a costa norte-americana até perto do cabo Fear. Sophus Ruge (p. 539) localiza essa região entre os 32 e 33 graus de lat. N. Chama-se, tambem, Gualdape.

## CAPITULO LXVII

### DA ILHA DOS RATOS.

Deixando, breve, a região dos Cannibae, pelo pouco proveito que della se pôde tirar, vagámos, levados pelo vento do sul, até uma bellissima ilha, distante da linha equinoccial quatro graus. Não é sem grande perigo que se pode abor-dá-la, tanto quanto se fôra um grande promontorio, não só porque essa ilha avança de mar a dentro, como por causa dos recifes circumvizinhos, ou emersos à beira mar.

A ilha, de que falo, foi descoberta casualmente e com muitos danos para quem o fez. Certo navio portugûes,

**Naufragio de um navio portugûes.** navegando imprudentemente por essas paragens, chocou-se, por falta de bom governo, contra um escolho, que lhe ficava proximo.

O navio arrounhou e foi para o fundo do mar, refugiando-se na ilha, a salvo, vinte e três dos seus homens, que ali permaneceram por espaço de dois annos, morrendo quasi todos, excepto dois: estes sobreviveram à custa de ratos, aves e outros animaes. Passando, depois, por lá um navio da Normandia, que voltava da America, os trioulantes, em busca de repouso, tomaram o escaler e seguiram para a ilha. E assim encontraram os dois miseros portugueses, unicos sobreviventes do naufragio, os quaes foram reconduzidos para bordo.

Os referidos naufragos deram àquella terra o nome de ilha dos Ratos, em virtude da abundancia e variedade desses

A ilha dos Ratos. Porque é assim chamada. animaes, lá existentes: seus companheiros — segundo affirmaram — tinham morrido, em parte, do asco que lhes causavam taes bichinhos. E ainda hoje isso succede a quem salta na ilha, sendo que só muito difficilmente pode qualquer pessoa defender-se delles.

Os ratos vivem dos ovos da tartaruga, que encontram nas praias<sup>1</sup>, assim como dos das aves ali abundantes. Realmente, quando lá estivemos, em busca de agua doce, da qual tinhamos tanta necessidade (pois alguns dos nossos tripulantes se viram forçados a beber a propria urina, durando esse estado de coisas três meses e a fome quatro), vimos innumeradas aves, tão mansas que facilmente poderiamos carregar com ellas os navios. Agua foi que não se encontrou, pois não penetramos muito de terra a dentro<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> "Bandos de aves marinhas recohem-se na ilha para procrear e as tartarugas do mar, em grandes bandos, põem seus ovos nas areias da costa durante certos meses" (C. F. Hartt, p. 476).

<sup>2</sup> Gaffarel confessou-se incapaz de identificar a ilha dos Ratos acrescentando que Thevet, em sua *Cosmographie Universelle*, descreve novamente a ilha e acompanha a descrição com uma planta.

Como já o disse, em nota ao cap. LXI, a ilha dos Ratos é a Fernando de Noronha. O erro de Gaffarel foi identificar o rochedo de São Paulo, de que fala Thevet no referido capitulo, com a mencionada insula. Provavelmente foi F. de Noronha a ilha avistada por Léry quando regressava de sua viagem ao Brasil, ilha verdejante, com bandos de aves que vinham pousar nos mastros e cordoalhas do navio, na qual se viam rochedos em forma de sinos.

Fernando de Noronha fica situada a 3° 56' 20" de latitude sul, segundo Alfredo Moreira Pinto (II, p. 15; esse tambem é o calculo de Beaurepaire Roban, p. 156). Cf. tambem F. A. Pereira da Costa (*A Ilha de Fernando de Noronha*, p. 7), 3° 35' 30" é o calculo de Ridley (H. von Ihering, "As ilhas oceanicas do Brasil", em *Revista Brasileira* IV, Rio, 1895, p. 102), estando o seu ponto mais saliente, o morro do Pico, a 3° 50' 37", 6 (*Dic. Hist. Geog. e Estat. do Brasil*, I, p. 42). Thevet, adoptando a cifra 4°, foi, para a epocha, de uma admiravel precisão. Tambem o *Esmeraldo de Situ Orbis* indica a latitude de 4° (Duarte Leite, "A exploração do littoral", p. 416) e, do mesmo modo, Abbeville (p. 49) e Nieuhof (p. 7).

A historia do naufragio é contada por Vespuccio na *Lettera* a Soderini, de 4 de setembro de 1504: "Navegando dali para o sudoeste... e quando tinhamos andado bem 300 leguas através do monstruoso mar, estando já da linha equinoccial para o sul bem 3 graus, se descobriu uma terra de que podiamos estar distantes umas 22 leguas, de que ficámos maravilhados e achámos que era uma ilha no meio do mar, coisa de grande altura, verdadeira maravilha da natureza, pois não tinha mais de duas leguas de comprido e uma de larga e nunca habitada por gente nenhuma. Foi esta ilha para a armada malfazeja: porque saherá V. M. que por mau conselho e regimento do nosso capitão mor aqui elle perdeu a sua nau, dando com ella em um escolho, e se arrombou... della se não salvou coisa alguma senão a gente. Era uma

A ilha dos Ratos, embora proxima da linha equinoccial quatro graus, é lindissima e recoberta de arvores, que verdejam a maior parte do anno, dando a impressão de um verde prado em mês de maio. Não é difficil seja ella habitavel, como tantas mais da mesma zona (as ilhas de São Thomé e outras). E, assim que estiver povoado, creio realmente na possibilidade de tornar-se uma das mais bellas e ricas do mundo. Poderá produzir muito bom açúcar, especiarias e tantos outros productos de grandes rendimentos.

**Vantagens da ilha dos Ratos.**

nau de 300 toneladas... e como toda a esquadra trabalhasse por lhe achar algum remedio, o capitão mandou-me que fosse com a minha nau a dita ilha em procura de um bom surgidouro onde pudessem surgir todos os navios: e porque o meu batel, tripulado por 9 dos meus marinheiros, estivesse em serviço e ajuda de ligação entre os navios não quis que o levasse commigo... Fomos à dita ilha, que distava cerca de 4 leguas, na qual encontrámos um excellente porto onde bem seguramente podiam surgir todos os navios, onde esperei bem uns 8 dias pelo meu capitão e a frota, que não vieram. De modo que estavamos muito descontentes, e a gente que tinha ficado commigo mostrava um tal terror que não conseguia consola-la. Estando assim, avistámos no oitavo dia uma nau, e receando que não nos visse, fizemo-nos à vela com o nosso navio e fomos ao seu encontro, pensando que nos trazia o batel e os meus homens, e quando estavamos borda com borda e depois de nos termos saudado, disseram-nos que a capitanea afundara, salvando-se a tripulação, e que o batel e os seus homens tinham ficado com a prata... Tornando à ilha, provimo-nos de agua e lenha com o batel da minha conserva. Esta ilha é deshabitada, com muitas aguas doces e correntes, infinitas arvores, e tantas aves marinhas e terrestres que eram innumeraveis e tão familiares que se deixavam apanhar à mão, e assim caçámos tantas que carregámos um batel dellas. Não vimos outros animais senão ratos grandes, lagartos de duas caudas e algumas serpentes" (C. Malheiro Dias, "A expedição de 1503", II, p. 289-291).

Que a ilha de Fernando de Noronha, além dos seus varios nomes (Quaresma, São Lourenço, São João, etc.), também foi designada pelo de ilha dos Ratos, — não resta duvida. Ainda por muito tempo um dos ilheus componentes do archipelago tinha a denominação de ilha dos Ratos (hoje, por corruptela, ilha Rata). Cf. Ayres do Casal, II, p. 194 e Milliet de Saint-Adolphe, I, p. 364. E também, ainda hoje, o que não faltam lá são os ratos (Ayres do Casal, II, p. 194; H. v. Ihering, *ibidem*, p. 102; John C. Branner, p. 143). É sabido que os holandeses abandonaram a colonização da ilha devido à praga dos ratos, que aniquilaram as culturas incipientes (H. Wätjen, p. 128 e Nieuhof, p. 7).

O lagarto de duas caudas, de que fala Vespuccio, é uma especie de *Amphisbaena*, conhecida também pelo nome de "cobra de duas cabeças". Os três principaes reptis da ilha são o *Amphisbaena Ridleyi*, o *Mabouia punctata* Grey e o *Hemidactylus mabouia* Mor.

Quasi cem annos depois de Thevet, o missionario capuchinho Abbeville encontrou, na ilha de Fernando de Noronha, a mesma abundancia de aves, tão mansas que facilmente se deixavam apanhar à mão (p. 50). Eram ellas o alcatraz, o chique-chique, o maria-já-é-dia, o rabo-de-junco, etc.

Numa das cartas, que acompanham as *Œuvres* manuscritas de Jacques de Vaulx, a ilha dos Ratos apparece um pouco acima do cabo de São Roque.

Sei que varios cosmographos acreditavam na inhabilidade da zona inter-tropical, por causa do seu excessivo calor; todavia, a experiencia vem demonstrando justamente o contrario, sem necessidade de mais discussões. Do mesmo modo, as zonas polares. Herodoto e Solino àffirmam que os montes Hyperboreos são habitaveis e, semelhantemente, o Canadá, que fica muito perto do septentrião. Mesmo algumas regiões mais proximas, cerca do mar Glacial, do qual já tratei.

A ilha dos Ratos, — voltando ao assumpto, pois não há mais necessidade de proseguir nessa discussão, — é com razão assim chamada devido, como já se disse, à abundancia dos ratos, que lá vivem e são de varias especies. Entre as quaes se conta o *sohiatan*<sup>1</sup>, que os selvagens americanos comem. Tem a pelle acinzentada e a carne, boa e delicada, lembra a do lebracho. Há uma outra chamada *hierousou*<sup>2</sup>. É maior que a anterior, mas não tem bom sabor. Esses animaes são do tamanho dos do Egypto, isto é, dos chamados *ratos de pharaó*. Mas existem alguns maiores, do

Em outra obra, Thevet diz que descobriu essa ilha em 1551, tendo, nella, escalado um monte pyramidal, ao qual deu o nome de *Mont Angoumoisín* (Heulhard, p. 209).

Beaurepaire Rohan, na sua completa e rara descripção da ilha de Fernando de Noronha, tambem observou, justamente como Thevet e Vespuccio, a falta de agua, a dificuldade do accesso, a abundancia dos ratos e a cobra de duas cabeças (p. 158 sq.).

O monte da ilha de Fernando de Noronha, que aparenta a forma mais approximada de uma pyramide, é o Pico, rochedo inacessivel em sua parte septentrional; mas Thebet talvez se refira a outros relevos de menor imponentia, como, por exemplo, o morro do Francês.

<sup>1</sup> No texto, *Sohiatan*; à margem, *Sohiatã*. Talvez se refira Thevet ao *saviá*, de que nos fala Gabriel Soares de Sousa (p. 299), ou *saviá*, como observa Varnhagen, que, com os seus compostos *S. tinga* e *S. coca*, são especies dos generos *Mus* e *Kerodon* de Wied Neuwied, isto é, uma especie de pequena cutia, o *Cavia aguti* Linn. O *S. tan* seria tambem uma das variedades conhecidas por Thevet. E Stradelli regista o termo *saviá*, rato d'agua (p. 309).

Os *saviás* (tambem conhecidos pelo nome de *torós*, *corós* ou *cururuás*) são roedores do feitio de ratos, mas que pertencem ao grupo dos hystricomorhos, familia dos echiniideos.

<sup>2</sup> No texto, *Hierousou*.

porte das fuinhas, que os indigenas não comem, porque, conforme já vi, quando mortos exhalam mau cheiro.

Na ilha dos Ratos se encontram, também, muitas variedades de cobras, chamadas *jararacas*<sup>1</sup>. Não são agradáveis

ao paladar, tanto estas quanto as que têm o nome de *theirab*<sup>2</sup>. Há varias especies de co-

bras que não são venenosas, nem se parecem com as da Europa. De modo que a sua mordedura não é mortal, nem, tampouco, perigosa. Existem cobras vermelhas e encarnadas, mas de diversas tonalidades; outras, como observei, verdes, — de uma côr tão verde quanto seria possível encontrar nas folhas do loureiro<sup>3</sup>. De corpo, não são mais grossas que os ratos, embora mais longas. Portanto, não é de admirar que os selvagens dessas redondezas comam esses ratos e cobras, sem nenhum perigo, assim como o fazem com os lagartos, segundo já o disse em outra parte.

Perto da ilha dos Ratos e, também, em toda a costa americana, vive ainda uma qualidade de peixe. É peixe muito perigoso e temido pelos selvagens, porque é tão voraz quanto um leão ou lobo esfaimado. Tem o nome de *uperú*<sup>4</sup>.

O *uperú* devora os outros peixes, menos um, que tem o tamanho de uma carpazinha, como se houvesse qualquer *sympathia* ou occulta atracção entre os dois, o qual peixinho o segue a toda parte, como quem requer defesa e garantia contra os demais. Quando os selvagens pescam, nus como o fazem ordinariamente,

<sup>1</sup> No texto, *Gerara*. A jararaca propriamente dita é a *Bothrops jararaca* Wied; outra especie, muito conhecida no nordeste pelo nome de "caiçara", notavelmente semelhante à anterior, é a *Bothrop atrox* Linn.

<sup>2</sup> No texto, *Theirab*. Talvez a *taraiboia* de Gabriel Soares de Sousa (p. 307). Occorre também a forma *Tarehuboy* (Abbeville, p. 293).

<sup>3</sup> Trata-se da *burra*, arvore da familia dos *cnphorbiaceas*, que, segundo Branner (p. 148), é uma especie de loureiro de succo venenoso.

<sup>4</sup> No texto, *Houperou*. O *uperú*, ou *iperú*, é o mesmo tubarão ou cação. Cf. A. Vasconcellos, p. 27. "Uperú é o peixe a que os portugueses chamavam tubarão" (G. Soares de Sousa, p. 331.).

Os inseparáveis companheiros do tubarão, observados por Thevet, são o *Gasterosteus ductor*, o *Echnei's remora*, etc., conhecidos vulgarmente pe' os nomes de "agarrador", "pegador", "piólho de tubarão", "piraquiça", "upe-ruquiça".

têm muito medo do uperú. E não sem razão, pois este, assim o pode, arrasta-os e estraçalha-os, ou lhes arranca um pedaço do corpo. Os indios, enfim, evitam comer desse peixe, mas, se o apanham vivo, matam-no, por vingança, a flechadas.

Demorando-me ainda, por lá, certo espaço de tempo, de um lado para outro, observei alguns peixes estranhos, que não existem na Europa. Entre os quaes dois muito monstruosos, que têm, abaixo da garganta, duas especies de tetas de cabra e, demais, uma papada no queixo dando a idéia de barbas (para o resto do corpo, ver a gravura adiante).

**Especie de  
peixe mons-  
truoso.**

Eis como a natureza, obreira maxima, se compraz em variar as suas obras. Tanto no mar, como em terra. Igualmente aos grandes artistas, que não se contentam com a tradição commum, antes enriquecendo sua obra de côres e imagens.

## CAPITULO LXVIII

### CONTINUAÇÃO DA VIAGEM. DESCRIÇÃO DO ASTROLABIO NAUTICO.

Como não se encontrassem muitos recursos na ilha dos Ratos e afim de não prolongar nella a nossa estadia, proseguimos viagem, com vento bastante propicio, em direcção à linha equinoccial, em cujas immediações o mar e as cor-

rentes aereas são muito variaveis. O ar, nessas regiões, é, de facto, sempre inconstante, ora sereno, ora ameaçador, com frequentes chuvas e tempestades, que não deixam de

ser um perigo para os navegantes. Por isso, antes de alcançar a linha equatorial, os pilotos e marujos experimentados sempre consultam os astrolabios, afim de reconhecerem a distancia e a latitude dos lugares. Como vem a proposito, dirci alguma coisa desse instrumento tão necessario à navegação e à instrucção dos que seguem o mister de marujos, — sciencia tão vasta que só muito difficilmente pode ser entendida pela intelligencia humana. E, ao falar do astrolabio, não se deve esquecer a bussola, ou agulha-de-marear, por meio da qual tambem é possivel guiâr correctamente o navio.

A bussola é tão singular e simples que, com um pouco de papel, ou pergaminho, do tamanho da palma da mão (onde se traçam linhas indicativas dos ventos) e um ferriinho apropriado, mostra ella, — sem ninguem lhe tocar e só



pela natural influencia de certa pedra, — o oriente, o occidente, o septentrião e o meio-dia. Do mesmo modo, marca a bussola os trinta e dois ventos da navegação, em qualquer ponto do globo onde esteja a mesma collocada, assim como têm outras mais applicações, que, no momento, prescindindo de mencionar. Pelo que resulta, claramente, ser admiravel a perfeição e habilidade do astrolabio, da bussola e das cartas-de-marcas. Basta ver como o

O que representa o astrolabio. incommensuravel mar se reflecte em tão pequeno espaço. Tanto assim que são esses instrumentos os guias da navegação através do mundo.

O util e precioso astrolabio não é outra coisa que a esphera achatada e representada em um plano, em cuja orla circular estão indicados os trezentos e sessenta graus correspondentes aos da circumferencia terrestre, sub-divididos em quadrantes. Cada um dos quadrantes contém noventa graus, marcados, por sua vez, de cinco em cinco. Suspendendo-se o instrumento pelo anel e elevando-o ao sol, de modo que os raios penetrem pela abertura da alidade, e, observando-se, em seguida, pela declinação, a posição do anno, do mês e do dia, é tomada a altura do sol, subtrahindo-se della tantos graus quantos forem os em que esse astro se afasta, ao sul, da linha equinoccial, — isto é, se o observador estiver collocado diante do norte e o sol no meio-dia, que é o lado por onde se estende a America. Se, todavia, ao tomar a altura do sol, o observador estiver no meio-dia, além do equinoccial, com o sol ao norte, a subtracção dos graus é feita relativamente ao declinio do sol para o polo norte. Por exemplo: estando o sol entre a linha equinoccial e o observador, este, ao tomar-lhe a altura, deve, afim de reconhecer o lugar em que se encontra, quer no mar, quer em terra, pôr em concordancia os graus de

afastamento do sol com os graus da altura. E assim é encontrado o que se pretende. O mesmo processo, quer o sol esteja no polo arctico, quer no antarctico<sup>1</sup>.

Eis, aqui, leitor, algumas palavras a respeito do astrolabio, deixando aos mathematicos, que d'elle fazem profissão commum, explicar as demais applicações e usos desse instrumento. Pareceu-me sufficiente dar uma breve noção de sua utilidade em materia de nautica, feita especialmente para os poucos letrados ou menos entendido no assumpto.

<sup>1</sup> A descripção, que Thevet faz do astrolabio, é um tanto obscura. Para tomar a altura do sol com o astrolabio nautico, suspendia-se o instrumento de uma das mãos, estendendõ-se o braço para a frente; o observador devia collocar-se de modo a orientar a roda no plano vertical do sol. O astrolabio, assim mantido em frente, o observador dirigia a medecina com a outra mão, da maneira que a sombra da pinnula mais alta viesse a cobrir a pinnula inferior. Nesse momento, a leitura do limbo dava a altura do sol. Cf. Luciano Pereira da Silva, II, p. 40 *sq.*

## CAPITULO LXIX

### PASSAGEM DO EQUADOR, OU LINHA EQUINOCCIAL.

Toda pessoa letrada penso que sabe ser o equador um circulo ou linha imaginaria. Essa linha divide o mundo, do levante ao poente, em duas partes iguaes, de modo que dista de ambos os polos, igualmente, noventa graus. Isso já expliquei em outro lugar, mas falta tratar agora do clima equatorial e dos seus mares ou peixes, — assumpto que omitti na descripção anterior.

Cruzámos a linha equinoccial a primeiro de abril. Os ventos eram tão propicios que mantivemos facilmente a direcção do norte, sem despregar as velas um só momento, embora molestados, dia e noite, por incessantes chuvas. Molestados é um modo de dizer, pois as chuvas vieram a proposito, considerando-se que há dois meses e meio soffriamos falta de agua, visto não ter sido possivel fazer, em caminho, aguada. Bebemos, pois, a fartar e à guella solta, visto que o excessivo calor nos requeimava todo. É verdade, porém, que as aguas fluviaes, nessas regiões, são corrompidas, em virtude da impureza dos ares, donde ellas procedem ou donde são formadas. De maneira que, quando se lavavam as mãos com taes aguas, tínhamos, na pelle, erupções e

Passagem do autor pela linha equinoccial.

Aguas pluviaes viciadas.

pustulas<sup>1</sup>. Crêem os philosophos que as aguas de chuva não são sadias, sendo differentes das demais. E dão suas razões, que deixo de parte afim de evitar a prolixidade. Mas, por maiores vicios que contivessem as aguas, era preciso bebê-las, mesmo com riscô de morte. Notei ainda que, quando as chuvas caiam em algum panno ou fazenda, deixavam manchas difficilmente lavaveis.

Assim que deixámos a linha equatorial, começaram os pilotos a contar os graus, — medida que é preciso tomar até as proximidades da Europa, ou quando se faz a viagem da Europa para o equador.

Os antigos, segundo ensinam Plinio, Strabão e outros, adoptaram três unidades para a medição da terra — o *estadio*, o *passo* e o *pé*. Essas unidades ainda hoje poderiam ser adoptadas, mas agora a medida empregada é o grau.

Foi Ptolomeu quem inventou o grau, para medir em commum terras e mares, — pratica muito mais facil. Anteriormente, a medição dos mares e terras não se fazia em commum. Demais, dividiu o universo em graus, que são, tanto de largo como de comprido, trezentos e sessenta, valendo cada um setenta milhas, ou seja, dezeseite leguas e meia, conforme me affirmaram os pilotos franceses, gente muito experimentada na arte nautica. Desse modo, o

<sup>1</sup> “*Av surplus (diz Léry), la pluye qui tombe sous & és environs de ceste ligne, non seulement put & sent fort mal, mais aussi est si contagieuse que si elle tombe sur la chair, il s’y levera des pustules & grosses vassies: & mesme tache & gaste les habillements*” (p. 36). A f. 32, Thevet já affirmara que as aguas da região da Guiné eram insalubres e perigosas. Do mesmo modo, os ares.

As chuvas equatoriaes, suppostamente corruptiveis, foram observações que não escaparam tambem a Paulmier de Gonneville (“*pluyes puantes qui tachoient les habits: cheutes sur la chair, faisoient venir bibes*”) e a Nicolau Barré (“*pluye tant puante, que ceulx lcsquels estoient mouillez de ladicte pluye, soul-dain ùs estoient couverts de grosses pustules*”). Ambas as referencias são citadas por Gaffarel, em nota à p. 357 de *Les Singularitez*, ed. de 1878, Paris.

Hoje sabemos que as erupções cutaneas, de que falam quasi todos os viajantes do seculo XVI, eram manifestações evitamínicas, produzidas pela alimentação deficitaria dos viajantes (carencia de fructas e verduras frescas).

universo contém trezentos e sessenta graus, aos quaes correspondem os doze signos, tendo cada signo trinta graus (doze vezes trinta fazem justamente trezentos e sessenta).

O grau, por sua vez, contém sessenta minutos, o minuto sessenta terços, o terço sessenta quartos, o quarto sessenta quintos. E assim por diante, até os decimos, sendo que as dimensões do ceu também podem ser divididas de accordo com o criterio acima indicado.

Como se pode conhecer a latitude, a longitude e a distancia dos lugares. Pelos graus, acha-se a longitude, a latitude e a distancia dos lugares. A latitude é contada a partir da linha equinoccial, sendo de noventa graus até o polo norte e de outros tantos até o polo sul; toma-se a longitude a partir das ilhas Afortunadas<sup>1</sup>, no Levante. Em conclusão, o piloto, ao navegar, deve ter em mira três coisas: a) a altura do grau em que se encontra e a altura do lugar para onde se dirige; b) a distancia entre os dois pontos; c) os ventos que lhe serveriam nessa navegação. Tudo isso pode o piloto logo saber através de suas cartas e instrumentos nauticos.

Quero agora dizer que, continuando o nosso caminho, sempre com a proa ao norte, aos quinze de abril estavamos a seis graus acima do equador. Nesse tempo o sol se via directamente sob o zenith, pelo que, como se pode imaginar, tivemos que supportar um excessivo calor, levando-se em conta, relativamente, a temperatura da Europa, na qual habitamos, isto é, quando o sol se encontra no Cancer, mas, ainda assim, distante do zenith. E, antes de ir adiante, tratarei de alguns peixes-voadores, circumstancia que omitti ao falar dos peixes existentes na zona equatorial.

Cerca de dez graus ao norte e de dez graus ao sul da linha equinoccial, encontram-se abundantes peixes. Esses

<sup>1</sup> Isto é, da ilha do Ferro (Canarias). Vj. o cap. VII.

Um a especie de peixe que voa. peixes, quando perseguidos pela voracidade de outros, voam, alto, acima do mar. E, pela quantidade dos peixes-voadores, pode-se facilmente imaginar a quantidade dos peixes rapi-nantes. Entre estes ultimos está a dourada (da qual já falámos atrás). A dourada, mais que qualquer outro, persegue o peixe-voador, attrahida pela sua carne muito delicada e gostosa<sup>1</sup>.

Há duas especies de peixes-voadores. Uma dellas tem o tamanho do nosso harenque e é essa, justamente, a mais perseguida. O peixe-voador possui quatro asas, duas grandes (do feitio das do morcego) e duas, menores, collocadas perto da cauda. A outra especie parece-se algum tanto com uma grossa lampréia. Ambas as especies não se encontram além dos quinze graus, tanto ao norte como ao sul, — segundo penso porque dahi em diante já não existem os seus inimigos, estando, assim, livres dos mesmos.

#### *Pirauene.*

Os selvagens americanos chamam ao peixe voador de *pirauene*<sup>2</sup>. Seu vôo é muito seme-

<sup>1</sup> "Bandos de peixes-voadores se erguiam de ambos os lados do navio, acima da superficie das aguas; quanto mais proximo do equador, mais numeros se tornam; são mais raros antes de chegar ao tropico" (notou o príncipe de Wied Neuwied, p. 23, ao atravessar o equador, no primeiro quartel do seculo XIX). Os peixes-voadores não voam propriamente, mas saltam, sendo a sua nadadeira peitoral, como observa Agassiz, uma especie de vela, que os transporta com o vento (Luis Agassiz & Elisabeth Cary Agassiz, p. 35).

Os principaes inimigos dos peixes-voadores são os atuns (*Thynnus thynnus*) e os bonitos (*Gymnosarda palamys*).

Ha, entre nós, varias especies de peixes-voadores — o voador-do-alto, ou tainhota (*Cypsilurus heterurus*), o voador hollandês (*Cypsilurus cyanopterus*), o voador cascudo, ou coiô, também chamado cajaleô (*Cephalacanthus volitans*), etc., mas, em geral, são ellas designadas pelo nome scientifico de *Exocoetus volitans*. E, ainda, innumeradas outras variedades, como o testilhão, o feijão-de-leite, a trigla, a cabrinha. A comparação das nadadeiras peitoraes do peixe-voador com as "asas" do morcego, também vem em Staden (p. 30) e em Cardim (p. 86).

<sup>2</sup> No texto, *Pirauene*. *Pirabebe* é também o nome indigena do peixe-voador, conforme se verifica em Marcgrave. Ou melhor *pirabebê* (de *pirá* + *bebê* ou *pirá* + *ueué*, o peixe que voa, o voador). Cf. Barleu, notas de Claudio Brandão à p. 402. Thevet registou uma das suas formas, apenas ligeiramente corrompida (*pirauene*, cuja ultima letra tem o som do nosso *é*, em lugar de *piraeué*).

lhante ao da perdiz, sendo que os de pequenas dimensões voam melhor e mais alto que os de grandes dimensões. E, algumas vezes, quando são perseguidos e caçados nas aguas, voam em tal quantidade, sobretudo à noite, que frequentemente se vêm chocar contra as velas dos navios, por lá ficando.

Há ainda outro peixe chamado *albacora*<sup>1</sup>, muito maior do que o marsuino. O *albacora*, outro peixe. faz, tambem, perpetua guerra ao peixe-voador, do mesmo modo que o dourado, sendo saborosissimo e melhor que os demais peixes do mar, quer os do Poente, quer os do Levante. Demais, é peixe que difficilmente se pode apanhar; mas os pescadores fazem, de certo panno, peixinhos brancos, que arrastam à tona da agua, à maneira de iscas, conseguindo, assim, quasi sempre pescá-los.

<sup>1</sup> As albacoras os ind'os chamavam de *caraoatá*. Cf. Gabriel Soares de Sousa, p. 338.

## CAPITULO LXX

### DO PERÚ E SUAS PRINCIPAES PROVINCÍAS.

Proseguindo viagem, com ventos favoraveis, costeámos a terra do Perú e as ilhas do mesmo nome, no mar Oceano, até a altura de Espanha, da qual se falará mais adiante. O

**O Perú, uma das três divisões das Indias Occidentaes.**

**A região do Perú: origem de seu nome.**

Perú, segundo a divisão já feita, é uma das três partes das Indias Occidentaes. De norte a sul, tem de comprimento setecentas leguas e cem de largura, de levante a poente, começando por Themistitan (em terra continental) até o isthmo de Darien, entre o referido mar Oceano e o Pacifico. É assim chamado por causa do seu rio de igual nome<sup>1</sup>, largo de cerca de uma pequena legua: do mesmo modo, muitas regiões africanas, asiaticas e europeias tomaram o nome de seus rios mais famosos, a exemplo do Senegal.

O Perú é, desse modo, cercado pelos citados oceanos. Possue, de resto, espessas florestas e montanhas, que tornam o país, em muitos trechos, quasi inacessivel, pelo que só difficilmente se pode, allí, conduzir um carro ou animal de

<sup>1</sup> Observa Gaffarel que *Perú* não é propriamente nome indigena, mas um corruptela da palavra "rio". Apparentemente, o toponimo provém de Birú, nome de um riozinho da costa da Colombia, visitado por Pizarro. E o padre Valera, de facto, assegura que Perú significa "rio" na lingua indigena (V. de Saint-Martin, IV, p. 713). Todavia, alguns autores acreditam na origem patronymica da palavra (S. A. Thompson, IV, p. 109). Baiboa, segundo outros autores, ao chegar a Tumaco travou relações com um cacique, que se referiu a certo fabuloso país, cujo nome era *Virú*, *Pirú*, ou *Perú*.



karga, como fazemos em nossas planicies, sendo a principal ou mais renomada a de Quito, que se estende, do levante ao poente, por umas sessenta leguas e, de norte a sul, por trinta. Depois de Quito vem a das Canarias, que se limita, a leste, com o rio das Amazonas e possui varias montanhas e povos assás barbaros, tanto assim que ainda não foi possível civilizá-la. E, em seguida, é a vez da que os espanhoes chamam de Santiago do Porto Velho. Começa um grau acima da linha equinoccial.

A quarta provincia peruana é aquella que os indigenas chamam de Taxamilca. Confina com a grande cidade de Tongille<sup>1</sup>, na qual, após o envenenamento do seu rei Atabalyba<sup>2</sup>, Pizarro, attrahido pela fertilidade do lugar, mandou erigir e construir uma villa e castello. Há, ainda, outra provincia chamada Cuzco, onde reinaram, por longo tempo, os poderosos incas (*inca* é palavra assim como rei). O reino dos incas era, ao seu tempo, tão vasto, que abrangia mais de mil leguas, de ponta a ponta.

Certo castelhano, que lá permaneceu por algum tempo, contou-me, quando com elle estive no cabo Finisterra de Espanha, que, no reino de Cuzco — assim chamado devido ao nome de sua principal cidade, como aconteceu, tambem, a Rhodes, Mitylena, Candia e outros países — existem povos de orelhas pendentes até as espaduas<sup>3</sup>. As orelhas estavam ornadas, por extravagancia, com grandes peças de

<sup>1</sup> Provavelmente Truxillo.

<sup>2</sup> Atabalyba, corruptela de Atahualpa. Cf. *The Americana — A Universal Reference Library*, vol. XIV, Nova York, s/d. Atahualpa, porém, não morreu envenenado.

<sup>3</sup> Thevet refere-se aos membros dos primeiros clans de Cuzco, de cuja linhagem saíam os soberanos, os quaes se distinguíam pelo costume de alargar desmesuradamente o lobulo das orelhas por meio de pendentes. Os espanhoes chamavam-lhes de *orejones*. Cf. Luis Ulloa Cisneiros (VI, p. 115) e A. Dembo & J. Imbelloni (p. 141).

ouro puro, luzentes e bem polidas. Eram esses povos mais ricos que quaesquer outros do Perú, acreditando eu mais nessa informação do espanhol que em muitas das dos historiographos da actualidade, os quaes, como certos galantes observadores, escrevem mais por ouvir dizer. Lembro-me, a proposito, de que já houve quem me quisesse convencer da existencia de um povo da alta Africa, povo esse portador de orelhas pendentes até os calcanhares, — coisa manifestamente absurda.

Canar, região  
muito fria.

A quinta provincia peruana é a de Canar, banhada pelo mar do Sul, região extraordinariamente fria, com neves e gelos que duram todo o anno. E, se bem que em outros territorios peruanos o frio não seja tão violento, havendo, nessa epocha, abundancia dos mais ricos fructos, todavia nelles não se nota, no estio, uma tão baixa temperatura. Pelo contrario. Algumas regiões do Perú soffrem até um clima excessivamente quente e mal temperado, o que causa a deterioração, sobretudo, das fructas. Do mesmo modo, os animaes venenosos não se encontram tanto nas regiões frias quanto nas quentes. Donde se conclue, tudo assim considerado, que não se deve julgar, de antemão, qual o país preferivel à vida: não há commodidade que não tenha tambem, as suas inconveniencias.

A provincia de  
Callao.

Outra provincia, a sexta, tem o nome de Callao. Por causa do seu intenso trafico é muito mais povoada que qualquer outra. Limita-se, a oeste, com a cordilheira dos Andes e a este com a montanha Nevada<sup>1</sup>. Suas populações têm varios nomes — são os *xulis*, os *chilenos*, os *acos*, os *pornatas*, os *cepitas*, os *trianguanachos*<sup>2</sup> — as quaes, embora selvagens e barbaras, são muito doces. Creio que essa docilidade é devida ao trafico ou commercio, lá existente, do contrario seriam os mes-

<sup>1</sup> No texto, *montagnes des Nauados*.

<sup>2</sup> No texto, *Xuli, Chilane*, etc. Ainda hoje, alguns nomes podem ser identificados. Acos, Cepita e outros são nomes geographicos, que figuram no dictionario historico e geographico de S. A. Thompson.

mos tão rudes quanto os demais povos americanos. No Perú há um grande lago, chamado na lingua nativa de Titicaca, isto é, *a ilha das plumas*<sup>1</sup>, porque, nesse lago, se encontram varias ilhotas nas quaes abundam numerosas aves de todos os tamanhos e especies, — coisa que parece incrível.

Resta falar, finalmente, da ultima região, de nome Carcas<sup>2</sup>, vizinha do Chile. Nella existe a mais bella e opulenta cidade de La Plata<sup>3</sup> — lugar riquissimo, por causa de seus lindos rios e minas de ouro ou de prata. Comprehende, pois, o reino e país do Perú todo o territorio, que vai da cidade da Prata a Quito, como já se disse, com as oito principaes provincias ou regiões atrás mencionadas, — continente amplo e espaçoso, tendo a configuração de um triangulo equilateral; muito embora alguns autores lhe chamem de ilha, sem levar em conta a differença entre ilha, peninsula e continente, pois não há duvida, realmente, de que estamos diante de uma terra-firme. Essa terra-firme se estende desde o estreito de Magalhães (aos 52°30' de latitude sul e 363° de longitude até mais de 68° de latitude norte). Se tal continente, cuja largura, na junção entre Nova Espanha e o Perú, não contem mais de dezeseite leguas (do mar Oceano ao mar do Sul), fosse, realmente, separado pelos dois referidos mares, o Perú seria, de facto, uma ilha, — o que não se dá devido ao isthmo de Darien (assim chamado por causa do rio de igual nome).

<sup>1</sup> Sobre a etymologia da palavra Titicaca, cf. J. Imbelloni, *La esfinge indiana*, p. 235 e 236.

<sup>2</sup> Gaffarel identifica-a com a cidade de Caracas, notando, todavia, que Caracas não fica perto do Chile.

<sup>3</sup> Chuquisaca, na Bolivia, segundo Gaffarel. La Plata foi, realmente, a capital da provincia de Charcas (G. A. Thompson, I, p. 469) e esse nome significa "montanha de prata". Hoje, Sucre.

**Superstição de alguns povos peruanos.**

Quanto à religião, — pois quero dizer mais alguma coisa sobre o Perú — os indígenas ainda não christianizados têm uma estranha crença. Acreditam, por exemplo, que o mar, com todas as suas aguas e peixes, saiu, outrora, de um grande vaso. Guardam esse vaso, como coisa muito rara<sup>1</sup>. Pensam, tambem, que de outro vaso saíram o sol, a lua e o primeiro casal humano.

**Os bohitis, sacerdotes.**

Semelhantes crenças lhes foram transmitidas por seus maus sacerdotes (chamados *bohitis*<sup>2</sup>) e duraram até a epocha dos espanhoes, os quaes conseguiram dissuadir a maior parte das populações peruanas desses devancios e imposturas.

**Idolatria desses povos.**

Os peruanos são mais idolatras que quaesquer outros povos. Uns adoram aquillo que mais lhes agrada (os pescadores, por exemplo, a um peixe de nome *liburon*<sup>3</sup>); outros a feras e a aves. Os que trabalham nos campos adoram, porém, a terra. Todavia, têm o sol como uma grande divindade e, semelhantemente, a lua e a terra. Todas as actividades terrestres são dirigidas e governadas por aquelles dois corpos celestes. E, assim, quando juram, olham para o sol e tocam a terra com a mão.

Guardam os peruanos a tradição do diluvio, à semelhança dos demais silvícolas americanos, falando de um propheta, que lhes veio do septentrião. Esse propheta realizava maravilhas, pois, apesar de o *matarem*, ainda pôde *sobreviver*.

<sup>1</sup> Mytho talvez originado de certas festas e cerimoniaes rituaes. Na chamada "festa do sol", por exemplo, o inca, isto é, o rei em pessoa, levantava em direcção ao astro um vaso de ouro (*aquilla*), cheio de *aka* (bebida feita com milho especial), fazendo, nesse momento, uma libação. A respeito das demais crenças religiosas, vj. Arturo Capdeville, p. 83 sq.

<sup>2</sup> Os *bohitis* eram os sacerdotes ou curandeiros dos primitivos habitantes de Haiti.

<sup>3</sup> No texto, *Liburon*. Erro typographico por *tiburón*, tubarão, voz carahiba.

Os espanhões são senhores de todo o Perú.

Os espanhões occupam todo o Perú, desde o rio do Maranhão até a Furna e Darien. Dominam mesmo as regiões aquém da costa occidental, isto é, o lugar mais estreitô da terra-firme, por onde se podem alcançar as Molucas.

E estenderam-se, ainda, até o rio da Palma. Assim, povoaram e erigiram fundações em todo o territorio, que é hoje como o dilatado reino de onde tiram innumeradas riquezas, sobretudo das minas de ouro e prata existentes em quasi todas as ilhas, ou das suas minas de esmeraldas e turquezas (estas não têm, entretanto, uma côr tão viva quanto as da Malacca ou de Colicut).

Riquezas das ilhas do Perú.

Os incas, povo muito rico e bellicososo.

Os mais ricos povos do Perú são os *incas*. Em bellicosidade excedem às nações vizinhas. Criam bois, vaccas e outros animaes domesticos<sup>1</sup>, mesmo em maior quantidade do que na

Europa, devido às condições propicias da região. Por isso, há entre os incas um intenso trafico de couros de todas as qualidades, acontecendo mesmo que esses indios matam os animaes sòmente para extrahir-lhes a pelle. Mas os animaes domesticos já vão se tornando selvagens, pois são em tal quantidade que os incas foram constringidos a deixá-los soltos, dia e noite, nos mattos. E assim não lhes é possível recolhê-los e abrigá-los em casa.

Os incas caçam os animaes acoçando-os, ou usando determinados ardis, como, na Europa, se faz na caça aos cervos e a outros animaes selvagens.

O trigo e o vinho não se usam nos países occidentaes.

O trigo, segundo ouvi dizer, não nasce no Perú, quer nas ilhas, quer em terra-firme. Do mesmo modo, na America. Pelo que, todas as pessoas, qualquer que seja a sua classificação social, vivem de certo alimento, chamado *cassava*<sup>2</sup>. A *cassava* é como um bolo que se faz

<sup>1</sup> Os animaes domesticados pelos incas eram o guanaco, a alpaca, a vicunha, o lhama, etc.

<sup>2</sup> No texto, *Cassade*.

A cassava, especie de alimento. da raiz de nome *manihot*. Milho e peixe, há, porém, em abundancia. A videira tambem não dá ali, de modo algum. Em lugar do vinho, usam-se outras bebidas. Eis o que é a região continental do Perú.

O Perú, que presentemente é quasi uma outra Europa. O Perú, inclusive suas ilhas, das quaes tarei adiante, foi de tal modo colonizado, que, hoje em dia, lá se contam povoados, villas, cidades, castellos, sedes episcopaes, municipios e uma porção de costumes muito semelhantes aos da Europa. E assim se vê quanto é grande o poder e bondade de Deus, ou a sua providencia em relação ao genero humano. Pois, enquanto turcos, mouros e barbaros, inimigos da fé, porfiam em aniquilar e destruir a nossa religião, esta cada vez mais se robustece e espalha por outras comarcas.

Em minha viagem de volta, naveguei com o Perú à mão esquerda. Tambem à esquerda ficou a Africa, em minha viagem de ida para a America.

## CAPITULO LXXI

### DAS ILHAS DO PERÚ E, SOBRETUDO, DA ESPAÑHOLA.

Depois de tratar da parte continental do Perú, quero, agora, descrever, do mesmo modo, algumas das suas ilhas, situadas no mar Oceano. Essas ilhas, que foram costeadas

A ilha Espanhola, antes chamada de Haiti e Quisqueya.

na viagem de retorno, são chamadas, por estarem proximas daquelle país, de ilhas do Perú.

E, a proposito, chegámos à altura de uma dessas ilhas, — a chamada outrora pelos nomes de Haiti (isto é, a *terra áspera*) e Quisqueya (ou seja, a *grande*). — à qual os seus descobridores baptizaram de Espanhola <sup>1</sup>.

A Espanhola é realmente bellissima e vasta, pois conta, de levante a poente, cincoenta leguas de comprimento e mais de quatrocentas de circuito. Está situada a dezoito graus de latitude norte, tendo, à oriente, a ilha de São João <sup>2</sup> e outros insignificantes archipelagos, muito temiveis e perigosos para a navegação. No oeste ficam Cuba e Jamaica, ao norte as ilhas dos Cannibae e ao sul encontra-se, já em terra-

<sup>1</sup> "A esta otra gran isla, a la que unos indigenas denominaban Haiti y otros Quisqueya, Colom la nombró la Isla Española... El vocativo Española envuelve el concepto de un homenaje conjunto a los reinos de Aragón y Castilla, no de uno exclusivo a este último" — Luis Ulloa Cisneiros, VI, p. 192. — Quisqueya era a "grande terra"; os indigenas chamavam-lhe tambem de Bohío, isto é, a "terra onde há muitas aldeias". Haiti vem do velho carahiba e significa a "região montanhosa", a "região alta". Cf. V. de Saint-Martin (II, p. 606 sq.) e E. Regnault, *Histoire des Antilles*, p. 2.

No texto, *Haiti* e *Quisqueia*.

<sup>2</sup> A *San Juan Bautista*, Boriquén, hoje Porto Rico.

Os três promontórios da ilha Espanhola: o do Tubarão, o de Higuey e o dos Lobos.

-firme, o cabo de Vela. A Espanhola lembra um tanto a Sicilia, que, primitivamente, por causa de seus três salientes promontórios, se chamava Trinacria. A ilha, de que falo, possui, do mesmo modo, três cabos: o primeiro é o do Tubarão, o segundo o de Higuey e o terceiro o dos Lobos (este ultimo para os lados da ilha Beata, que está cheia de bosques de

guaiaco).

O rio Orane.

Na Espanhola correm preciosissimos rios. O mais conhecido, isto é, o Orane, passa nas vizinhanças da principal cidade da insula, à qual os espanhoes chamam de Santo Domingo. Os outros

Santo Domingo, capital da ilha Espanhola.

Rios mais notáveis da ilha Espanhola.

rios são o Nequée, o Hatibonice e o Haqua<sup>1</sup>, todos maravilhosamente ricos de excellentes peixes, — o que é devido à temperança do clima e à bondade da terra ou da agua. Esses rios, lançando-se, quasi todos, na costa oriental, reúnem-se e formam uma corrente mais volumosa e navegavel.

Antiga religião dos insulares.

Antes de ser descoberta, a Espãhola era habitada por selvagens, que idolatravam o diabo. O diabo mostrava-se-lhes sob diversas formas, correspondentes aos seus numerosos idolos, de accordo com as visões e delirios nocturnos desses indigenas (ainda hoje assim succede em numerosas ilhas e terras-firmes dessa região). Tambem se adoravam varios deuses, sobretudo a um que os indios tinham na conta de dirigente de todas as coisas; este era representado por um idolo de madeira, que guarneciam de folhagens e pennas, elevando-o em certa arvore<sup>2</sup>. Além disso, adoravam

<sup>1</sup> O Orané é talvez o Ozama; o Nequée, o Neiba; o Hatibonice, o Artibonite; o Haqua, o Yaque.

<sup>2</sup> Sobre a religião dos *tainos* (aruaques), cujos espiritos protectores tomavam a forma de figuras humanas, ou de animaes, vj. Luis Ulloa Cisneiros, VI, p. 72 sq.



os selvagens ao sol e a outros corpos celestes. Hoje, porém, a não ser alguns raros e em numero muito pouco importante, — conforme se vem verificando há alguns tempos, — os nativos já não mantêm esses costumes religiosos, visto que foram civilizados à fé christã. Caio Calígula, imperador romano, por maior desprezo que tivesse pela divindade, trenia horrivelmente ao menor signal da ira de Deus.

Antes que a ilha Espanhola fosse submettida à obediencia dos colonos, os selvagens, como me contaram alguns espanhoes que haviam tomado parte na conquista, dizimaram entre dez a doze mil europeus, antes que estes se podessem fortificar em terra, e, depois, viessem a destruir e a escravizar seus inimigos. Do mesmo modo procederam os espanhoes em Cuba, em São João, na Jamaica, em Santa Cruz, nas ilhas dos Cannibaes e em varios outros archipelagos e regiões do continente. É verdade que, a principio, espanhoes e portugueses, para mais facil dominio dos silvicolas, adaptaram-se ao modo de viver destes, alimentando, por meio de presentes e outros obsequios, a sua amizade; assim, porém, que, com o decorrer do tempo, se sentiram mais fortes, tomaram a offensiva, fazendo de alguns indios escravos e constringindo outros a cultivar a terra (pois, de outra maneira, jãmais teriam chegado ao fim almejado). Os reis mais poderosos dessa região são os de Casco e de Apina, ilhas ricas e famosas, não só por causa da fertilidade do solo como por suas minas de ouro e de prata. Os indigenas só se adornam com ouro, — largas argolas pesando duas ou três libras, pendentas das orelhas, de tal modo que o peso dilata estas, alongando-as meio pé (dahi os espanhoes chamarem-lhes de *orelhudos*<sup>1</sup>).

<sup>1</sup> Confusão de Thevet. Os *orejones*, como já vimos (cap. LXX, nota correspondente), eram os membros dos clans incasicos donde saíam os soberanos.

**Fertilidade e  
riqueza da ilha  
Espanhola.**

A Espanhola é riquissima de minas de ouro, como, aliás, varias outras ilhas da região, sendo certo que só em poucas não se encontra esse metal, ou a prata. Demais, é muito povoada de animaes de chifre, — bois, vaccas, carneiros, cabras, numerosos porcos, bons cavallo. Os animaes, como já se disse que aconteceu em terra-firme, na sua maior parte se tornaram selvagens. Não existe trigo, nem vinho, a não ser o que vem de fora. Em lugar do trigo, come-se cassava, feita com farinha de certas raizes; o vinho é substituido por algumas bebidas boas e doces, que se extrahem das fructas, tal qual a cidra da Normandia.

Peixes excellentes há em infinidade, sendo que alguns muito exquisitos, como acontece com o de

**Descripção do  
manati, um es-  
tranho peixe.**

*manati*<sup>1</sup>. O *manati* é peixe de rio de mar, sendo, todavia, mais encontrado na agua doce. Parece-se com um odre cheio de azeite ou de vinho e tem, nas espaduas, dois pés, com os quaes nada. Sua grossura diminue a partir do embigo. A cabeça se assemelha à do boi, embora a face seja menos cheia e o queixo mais carnoso e mais grosso. Para o corpo, que conta dez pés de grossura e vinte de comprimento, os olhos parecem pequenos. Sua côr é pardacenta, estando recoberto de um pelozinho espesso como o do boi (tanto assim que os nativos fazem do couro umas especies de calçados). Os pés são, de resto, arredondados, semelhantes aos do elefante, guarnecidos, nada um delles, por quatro unhas bastante alongadas. É o mais disforme peixe, que jámais se viu nesses

<sup>1</sup> No cap. XLIX (vj. a nota correspondent), Thevet já se referiu ao manati das costas sul-americanas, que diz ter a cabeça igual à do vitello, ignorando, todavia, que se tratava do mesmo animal.

Designando o peixe-boi — goaragoá dos nossos selvagens — M. de Wied Neuwied (p. 147 e 205) usa tambem a forma *manati* (em outros *manatim*). A referencia às pedras, reputadas beneficas na cura dos calculos, encontra-se em Gabriel Soares de Sousa (p. 333) e em Fernão Cardim (p. 80).

O peixe-boi das Antilhas (*Manatus australis*) é conhecido, realmente, desde a epocha da colonização; Gonçalo Fernández de Oviedo affirma que levou carne do *manati*, salgada, para a cidade de Avila, tendo a imperatriz de Espanha achado o seu sabor excellent. Cf. F. Ortiz & Rafael A. Fernandes p. 148.

países, tendo, não obstante, uma excellente carne, cujo gosto sabe mais ao do vitello. Os habitantes da villa fazem muitas reservas do oleo desse peixe, que applicam nos couros de cobras, das quaes fabricam muitos bons morroquins. Com esses oleos os negros escravos untam commumente o corpo, afim de torná-lo mais disposto e lesto, justamente como fazem os africanos com o azeite de oliveira. Na cabeça do *manati* encontram-se certas pedras, muito estimadas, que foram experimentadas, com exito, na cura do calculo dos rins ou da visicula (as pedras, por suas propriedades occultas, dissolvem os calculos). As femeas desse peixe parem os filhos já vivos, sem o ovo, igualmente como a baleia e o lobo-marinho. Por isso mesmo, as femeas tem duas tetas iguaes às dos animaes terrestres, por meio das quaes amamentam suas crias. Certo espanhol, que viveu longos tempos na ilha acima referida, me affirmou que houve quem alimentasse o *manati*, em um tanque, por espaço de trinta annos, tornando-se o animal tão manso a ponto de quasi deixar-se acariciar. Os selvagens, finalmente, pescam esse peixe perto da terra, assim que o mesmo vae à procura das ervas.

Deixo de parte a descripção de muitas lindas aves, revestidas de variadas e ricas plumagens, das quaes os indigenas confeccionam mantos adornados de figuras humanas, de feras, de passaros, de arvores, de fructas, sem empregar nellas outro material senão as proprias côres e ornamentos plumarios, applicando-as, entretanto, numa especie de tecido. Tambem os indios guarnecem de plumas os chapéus, barretes e roupas, — coisa muito agradavel à vista.

**Pedras, que dissolvem os calculos.**

**Diversos trabalhos, que os selvagens fazem com as plumas das aves.**

*Hulias e caris*,  
duas especies  
estranhas de  
animaes.

*ris*. Ambos são saborosos.

A ilha de San-  
tiago.

to-Domingo. Há, ainda, outra bella ilha, chamada Boriquén<sup>2</sup>, na lingua nativa, mas figurando, nas cartas maritimas, com o nome de São João. Acha-se localizada a

A ilha de São  
João.

oriente da de Santa Cruz. Beriquén tem, de levante a poente, cincoenta e duas leguas e acha-se a trezentos graus de longitude.

Nessa região vêem-se mais algumas ilhas, em parte habitadas e em parte desertas. Embora sejam em grande quantidade, deixo de falar dellas por não as conhecer particularmente.

Terminando, quero observar que em todos esses archipelagos não existem animaes rapinantes. O mesmo acontece na ilha da Inglaterra e na de Creta.

<sup>1</sup> Aliás, *hutia* ou *jutia* (*Capromys pilorides* ou *C. melanurus*), da ordem dos murideos. Desse animal contam-se apenas três especies. O *caris* é, talvez, o *S. paradoxus*.

<sup>2</sup> Boriquén não é uma corruptela de Porto Rico, como dá a entender Gafarel, mas, realmente, o nome indigena dessa ilha. Occorrem, ainda, as formas *Borinquén* e *Burichena*. Cf. Sophus Ruge, XIX, p. 431.

No texto, *Bouriquan*.

## CAPITULO LXXII

### DA ILHA DE CUBA E DO ARCHIPELAGO DAS LUCAYAS.

**Descrição da ilha de Cuba.** Resta, para terminar a descrição das ilhas do Perú, falar de algumas das singularidades de Cuba e de outras insulas circumvizinhas, embora, na verdade, quasi nada se possa dizer destas que já não tenha sido attribuída à da Espanhola.

Cuba é mais larga e mais longa que qualquer das outras ilhas do Perú, pois conta, do promontorio oriental ao promontorio occidental, trezentas leguas, tendo de norte a sul setenta. Sua temperatura nem é excessivamente quente, nem fria. Nella existem ricas minas de ouro, prata e outros metaes. Do lado do mar, estendem-se altas montanhas, das quaes procedem bellissimos rios de excellentes aguas, cheios de peixes. Ao tempo do descobrimento era muito mais povoada que qualquer das outras. Hoje, os espanhoes são os senhores ou donos da terra. O centro de Cuba passa por duzentos e noventa graus de longitude e vinte graus de latitude norte.

**Montanha de sal.** Cuba possui certo monte, proximo do mar, todo de sal, mais alto que o de Chipre, assim como infindas arvores do algodão, do brasil e do ebano. Isso sem falar no sal terrestre, que se extrahê do monte acima referido. Esse sal é da mesma especie do da ilha de Chipre (e tem em grego o nome de *δρύκτος*), o qual tambem é retirado de um monte situado perto do mar. E possui

ainda, em abundancia, lazulita, vermelhão, pedra-hume, salitre, galena, etc., que se tiram das entranhas da terra. Quanto às aves, vê-se, em Cuba, uma especie de perdiz, pequenina, de plumagem de côres varias, externamente avermelhada, cuja carne é muito delicada. Os montanhezes criam, em suas casas, grande quantidade dellas, tal qual fazemos com as gallinhas.

Em Cuba há outras coisas mais dignas de memoria. Em primeiro lugar, releva notar que existe nella um valle de cerca de três leguas, no qual se encontra uma infinidade de seixos, redondos como pellas — pedras que, embora de formação natural, parece terem sido feitas artificialmente. Algumas pedras são tão grandes que difficilmente podem ser carregadas por quatro homens; mas há, tambem, outras de tamanho medio e mesmo tão pequenas quanto umas pelotinhas.

Uma segundã coisa digna de nota, na ilha de Cuba, é a existencia de um monte, vizinho da praia, donde sae

**Admiravel liquido saído de um monte.**

**O breu, uma especie de oleo.**

**Por que, outrora, as muralhas da Babilonia eram tão resistentes.**

titan e para os lados da Florida.

**As ilhas Lucayas.**

certa substancia semelhante ao breu, fabricado, como já se disse, nas ilhas Afortunadas. Esse liquido escorre do monte e perde-se no mar. Quinto Curcio, ao narrar as façanhas de Alexandre Magno, diz que este, ao chegar a uma cidade chamada Memi<sup>1</sup>, foi ver, por curiosidade, determinada fossa ou caverna, cuja fonte lançava grande quantidade de resina extraordinariamente forte, propria, até, para ser applicada nas construcções. Dahi julgar esse autor que teria sido tal materia a causa da robustez das muralhas da Babilonia. O liquido, de que falo, tambem se encontra no país de Themis-

As Lucayas<sup>2</sup>, assim chamadas por serem muito numerosas, são ilhas situadas ao norte de Cuba e de Santo Domingos. Excedem de

<sup>1</sup> Aliás, Mennis, cidade da Assyria, que possui minas de asphalto, perto do lugar hoje chamado Dus-Chur-Malu.

<sup>2</sup> Cayas, yucaios, etc., era o nome que se dava aos indigenas do archipelago das Bahamas. O toponymio *los Yucaios* figura no mappa, de origem

quatrocentas, todas de pouca superficie e deshabitadas, menos uma, a Lucaya, que dá o nome às demais. Seus habitantes traficam, geralmente, com os indigenas da terra-firme e dos demais archipelagos da região e, quanto à côr, são mais alvos que os restantes selvagens.

Já que estou tratando das riquezas das ilhas do Perú, não quero olvidar a do Potosi. Potosi é o nome de certa montanha, que tem de altura uma legua e de circuito meia; quanto à forma, assemelha-se a uma pyramide. Essa montanha é maravilhosamente rica, por causa das suas minas de prata, cobre e estanho, descobertas quasi ao cume della. As minas do Potosi são tão boas que, por um quintal de materia, se pode extrahir meio de pura prata. Os escravos não têm outro trabalho senão transportar a materia para a principal cidade da região, localizada ao sopé da montanha e ali edificada pelos espanhoes.

Eis o que desejava dizer do Perú e das suas ilhas, aliás povoadas por selvagens, os quaes andam tão nus quanto os seus semelhantes da America.

espanhola, publicando na 1.<sup>a</sup> das *Decadas* de Pedro Martir de Anghiera. *Yucayo*, simplesmente, no planispherio de S. Caboto (1544). Os yucayos das ilhas Bahamas eram parentes dos ciboneyes (araucos). Cf. Pericot y García, p. 575 e 576. Occorre tambem a forma *lukayan* (Jorge Bartolaso Stella, p. 54).

## CAPITULO LXXIII

### DESCRIPÇÃO DE NOVA ESPANHA E DA GRANDE CIDADE DAS INDIAS OCCIDENTAES, DE NOME THEMISTITAN.

Como a nenhum ser humano é possível, em sua existência, ver, pessoalmente, todos os bens terrestres, não só porque o universo vive em perfeita transmutação, como, também, devido à vastidão do mesmo, — Deus concedeu-nos os meios de tornar essas coisas accessiveis aos nossos olhos, quer através dos escriptos ou gravuras, quer através das obras ou industrias dos que dellas tiveram conhecimento. Assim, muitas antigas fabulas (por exemplo, as de Jasão, de Adonis, de Acteon, de Enéias, de Hercules) são representadas por figuras, creio que só para a satisfação humana; ao passo que podemos ver, sem necessidade de representação, varias outras coisas, como é o caso das numerosas especies de animaes diariamente ao alcance da nossa vista. Dahi a resolução de descrever, da mais simples maneira possível e nos limites das minhas possibilidades, a grande e vasta cidade de Themistitan<sup>1</sup>. Raros dentre vós tiveram a oportunidade de vê-la e em numero muito menor são aquelles que ainda a poderão visitar, tendo em vista a longa, maravilhosa e difficil viagem que, para tal, é preciso emprehender.

<sup>1</sup> Alíás, Tenochtitlán. Cf. o cap. XXVII, nota correspondente. Conforme os dados mais seguros, Tenochtitlán foi fundada no ano de 1325.



Themistitan está situada em Nova Espanha, que começa no estreito de Darien (limitrophe do Perú) e termina, ao norte, no rio Panuco. Esse país foi, outrora, chamado Anahuac<sup>1</sup>, tomando, depois de ser descoberto e colonizado, o nome de Nova

A Nova Espanha, outrora Anahuac.

Espanha; entre as suas provincias mais cedo habitadas figura a de Yucatão. O Yucatão possui uma ponta de terra avançada, como a Florida, para o mar (se não apparece nos mappas é porque os nossos cartographos esqueceram de illustrar o seu trabalho com o melhor das coisas).

Nova Espanha é toda rodeada pelo mar Oceano, menos ao norte, por onde se liga ao novo-mundo, o qual, embora povoado, possui regiões ainda desconhecidas dos povos modernos, — motivo porque sou forçado a não proseguir na descripção do mesmo.

Themistitan, cidade forte, vasta e riquissima desse país, está situada ao centro de um grande lago. O caminho, que conduz até lá, não excede à largura de duas lanças. Foi assim chamada por causa do nome daquelle que primeiro lançou os seus fundamentos, appellado de Tenuth<sup>2</sup>, filho mais moço do rei Iztacmircoatz. A cidade tem apenas duas portas, uma por onde se entra e outra por onde se sae. Não longe della se vê uma ponte de madeira, da largura de dois pés, construida para attender à alta e à baixa das aguas (pois o lago cresce e vasa à semelhança do mar). Assim como outras varias pontes, destinadas à defesa da cidade, por ser Themistitan edificada, como Veneza, no mar.

Nova Espanha é toda cercada de altas montanhas; no planalto, cujo circuito mede cerca de cincoenta leguas, há dois lagos, que occupam grande parte do territorio, porquanto sua circum-

Theoria sobre os dois lagos.

occupam grande parte do territorio, porquanto sua circum-

<sup>1</sup> No texto, *Anauach*; adiante (f. 146), Thevet escreve *Anahuac*. Anahuac era o nome com que se designavam varias regões do México, inclusive a metá central desse país, considerada o centro do antigo imperio azteca. Cf. Carlos Pereyra, p. 95 e 96.

<sup>2</sup> Os aztecas, de facto, estabeleceram-se em Tenochtitlán e em Tlatelolco, tendo por chefe Tenuchtzin (Tenuth em Thevet).

ferencia estende-se por cincoenta leguas. Um desses lagos é doce e possui innumerous peixinhos de delicado sabor; o outro é salgado, sendo a agua, além de amarga, venenosa e incapaz de nutrir os peixes, — factó que, por si só, inutiliza a theoria da unidade dos dois lagos. A planicie acha-se separada dos referidos lagos por alguns montes e a extremidade destes termina em um estreito, por onde se vae, em barcos, até a cidade. Themistitan fica no lago salgado, sendo distante da terra-firme, do lado da calçada, quatro leguas: por sua grandeza não é possível compará-la senão a Veneza.

Com que se  
pode comparar  
Themistitan.

Para alcançar essa cidade tomam-se quatro caminhos, revestidos artificialmente de pedras; nos caminhos correm conductos da largura de dois passos e da altura de um homem: por uma passa a agua doce da população, a qual, correndo a cinco pés por sobre o do solo, chega ao centro da cidade. Essa agua bebem os habitantes e della usam em todas as suas necessidades. Há, ainda, outro conducto, que sempre se acha vazio, pois, quando a população quer limpar o conducto de agua doce, é por aquelle que descarregam os dejectos resultantes desse serviço. Como os canaes passam por cima das pontes e nos locaes por onde entra e sae a agua salgada, a agua doce é conduzida por canaes da altura de um passo.

No lago, que rodeia a cidade, os espanhoes construíram varias vivendas e casas de recreio<sup>1</sup>, algumas edificadas em rochedos, outras em esteios de madeira.

Themistitan, demais, fica situada a vinte graus acima da linha equinoccial e a duzentos e setenta e dois graus de longitude, tendo sido conquistada por Fernando Cortés, capitão espanhol, no anno da graça de 1521<sup>2</sup>. Contava, então, setenta mil fogos, en-

<sup>1</sup> Essas casas de recreio foram mesmo imitadas dos aztecas. F. Cortés, Bernal Díaz del Castillo e outros referem-se, com a maior admiração, às vivendas campestres dos indigenas. Cf. Luís Ulloa Cisneiros, p. 37.

<sup>2</sup> Cortés entrou em Themistitlan a 8 de novembro de 1519; porém a conquista definitiva da cidade só se deu realmente em 1521. Existem de F. Cortés cinco relações por elle escriptas e endereçadas ao monarcha castelhano.

**Mutueczuma.** tre grandes e pequenos. O palacio do rei Mutueczuma<sup>1</sup> e os dos principaes da cidade eram muito bellos, grandes e espaçosos. Os índios, que então viviam nessa cidade, reuniam-se, de cinco em cinco dias, em uma praça especialmente escolhida para o seu mercado<sup>2</sup>. Os objectos do trafico consistiam em pennas de aves (com as quaes confeccionavam varias lindas coizas), tapetes e outras mercadorias. Desse commercio se encarregavam sobretudo os velhos, quando vão estes adorar o seu principal idolo, erecto no centro da cidade em um majestoso templo<sup>3</sup>. Um dos costumes religiosos era matar e devorar os inimigos capturados na guerra, sacrificando-os, assim, aos seus idolos<sup>4</sup>. Viam-se, ainda, no mercado, pelles de animaes, com as quaes os indigenas faziam roupas, calçados e umas especies de capellos destinados a resguardá-los do frio e de certas moscas muito picantes.

A primeira (1519) foi publicada por Navarrete em sua *Colección de documentos inéditos*; a segunda (1520) e a terceira (1522) foram ambas impressas em Sevilha, respectivamente, nos annos de 1522 e 1523; a quarta (1524) appareceu em Espanha, no anno de 1525; a ultima (1526) publicou-se em Madrid (1844).

<sup>1</sup> Aliás, Montecuzoma.

<sup>2</sup> Eis como Cortés a descreve, em sua carta de 1519 ao imperador Carlos V: "*Tiene esta ciudad muchas plazas donde hay continuos mercados y platos de comprar y vender. Tiene otra plaza tan grande como dos veces la de la ciudad de Salamanca, toda cercada de portales alrededor, donde hay cotidianamente arriba de sesenta mil ánimas comprando y vendiendo, donde hay todos los generos de mercaderias que en todos las tierras se hallan, asi de mantenimientos como de vituallas, joyas de oro y de plata, de plomo, de latón, de cobre, de estaño, de pedra, de huesos, de conchas, de caracoles y de plumas.... Hay calle de caza, donde venden todos los linajes de aves....*"

<sup>3</sup> Thevet refere-se ao templo (*teocalli*) de Huitzilopochtli, deus da guerra, "o colibri do sul".

<sup>4</sup> Os principaes sacrificios humanos propiciatorios eram dedicados ao deus da guerra, Huitzilopochtli. Os aztecas conduziam os prisioneiros, feitos em combate, com grande pompa, ao *teocalli*, estendendo-os em uma pedra, geralmente de jaspe, denominada *techcatl*. Ali, o sacerdote abria o peito da victima, de um só golpe, com a faca ritual (de sílex ou de obsidiana). O cadaver, depois, era recolhido por outros sacerdotes e servia, à noite, para o banquete macabro. O sangue, misturado à farinha de milho, formava tambem parte do festim.

Cf. F. Rock, "Der Sinn der astekischen Menschenopfer", em *Völkerkunde*, I, p. 86, Vienna, 1925.

As cruéis populações de Themistitan tornaram-se, com o decorrer dos tempos, menos barbaras, e, presentemente, abandonaram seus maus costumes, como sejam, o de matarem-se uns aos outros, o da anthropophagia e o da incontinnencia social (isto é, o homem cohabitar com a mulher sem nenhuma consideração pelos impedimentos do sangue ou de parentesco)<sup>1</sup>. Assim como outros vicios e defeitos semelhantes. Suas casas estão magnificamente construidas, salientando-se o bello palacio onde se guardam as armas da cidade. As ruas e praças de Themistitan são tão rectilineas que, de portã a portã, as pessoas se podem ver mutuamente.

Em summa, Themistitan está, hoje em dia, fortificada, circulando-a baluartes e possantes muralhas iguaes às das cidades européias. Trata-se de uma das maiores, mais formosas e mais ricas praças das Indias Occidentaes, em toda a sua extensão, que começa no estreito de Magalhães (aos cincoenta e dois graus abaixo da linha equinoccial) e termina nos confins da terra do Labrador (aos eincoenta e um graus de latitude norte).

<sup>1</sup> O matrimonio entre os aztecas era exogamico e, em geral, monogamico.

## CAPITULO LXXIV

### A PENINSULA DA FLORIDA.

Como já fiz referencia à Florida<sup>1</sup>, acho opportuno dizer alguma coisa dessa região. Embora não me tivesse approximado bastante della, — pois a rota a seguir não exigia tal desvio, — é verdade que o navio rumou para lá afim de apanhar o vento do este. E quero tambem falar dos territorios do Canadá, que ficam no septentrião e estão separados da Florida apenas por algumas montanhas.

Navegando, pois, na altura da Espanhola, que ficava à dextra, afim de alcançar a Europa, encontrei, todavia não tão cedo e nem tão precisamente quanto era do desejo de todos, — um mar bastante favoravel. E tendo, **Um mar la-meiroso.** por accaso, posto a cabeça de fora para contemplá-lo, vi-o — até onde poderia alcançar a miuha vista — todo coberto de ervas e mesmo, em alguns trechos, de flores. À primeira vista, essas plantas, algum tanto semelhantes ao zimbro *commun*<sup>2</sup> da Europa, deram-

<sup>1</sup> Observa Gaffarel que a Florida comprehendia, então, a península e grande parte do territorio dos actuaes Estados-Unidos.

<sup>2</sup> No texto, *geneures*, forma variante de *genièvre*. A *geneure* é o *Juniperus communis* L., ou zimbro *commun*. Cf. H. Baillon, II, p. 684 e Caminhoá, p. 929. A comparação é boa, pois as algas lembram mesmo o zimbro; menos feliz foi Léry, comparando-lhe as folhas com as da arruda, embora accrescentando que as suas favas ou sementes eram parecidas com as do zimbro.

Eis como Léry descreve o mar de Sargaço (p. 398 e 399):

*“Davantage nous fusmes en ces endroits-la, l'espace d'environ quinze iours entre des herbes, qui flotoyent sur mer, si espesses & en tel'e quantité, que si pour faire voye ao nauire, qui auoit peine à les rompre nous ne les eussions coupées avec des coignes, le croy que nous iussions demeurez tout court. Et parce que ces herbages rendoyent la mer auncuncment trouble, nous estans aduis que nous fussions dans des marcs-*

me a impressão de que o navio estivesse perto de terra, visto o mar não apresentar o mesmo aspecto em nenhuma outra parte; mas, logo, reconheci meu erro: as plantas procediam do proprio mar. Por espaço de quinze a vinte dias as aguas estiveram sempre recobertas das referidas ervas. E ali não existem peixes, pois essa região parece antes um lameiro ou brejo, do que mesmo outra coisa.

Foi em seguida a isso que se avistou uma **Uma estrela de cauda.** estrela de cauda. Sua posição era de levante para sul. Pareceu a todos como um novo signal ou presagio (facto que deixo ao exame dos astrologos e outras pessoas entendidas na materia) <sup>1</sup>. Finalmente, — o que foi peor, — fomos agitados por um vento fortemente contrario; tal situação durou nove dias, isto é, até que atingimos a altura da Florida.

**Situação da Florida.** A Florida é uma ponta de terra, que se projecta de mar a dentro nada menos de cem leguas, tendo vinte e cinco de quadrado. Está a vinte e cinco graus acima da linha equinoccial e a cem do cabo da Baixa <sup>2</sup>. Essa vasta região é assás perigosa para

*cages fangeux, nous coniecturames, que nous deuious estre pres de quelques Isles; mais encorcs qu'on iettast la sonde auec plus de cinquante brasses de corde. si ne trouua-on ny fond ny rine, mains descourismes nous aucune terre: surquoy ie reciteray ce qui l'historien Indois a aussi escrit à ce propos. Christofie Colomb, dit-il. au premier voyage qu'il fit au descouurement des Indes, qui fut l'an 1492, ayât prins rafraichissement en vne des Isles des Canaries, apres auoir singlé plusieurs iournees, recontra tant d'herbes qu'il sembloit que ece fust un pré: ce qui luy donna vne peur, encorcs qu'il n'y eust aucun danger. Or pour faire la description de ces herbes marines desquelles i'ay fait mention: s'entreteneans l'vne l'autre par longs filamens, comme Hodera terrestris, floitans sur mer sans aucunes racines, ayant les feuilles assez semblables à celles de ruc de iardins, la graine ronde & non plus grosse que celle de Geneure, elles sont de couleur biefarde ou blâchastre côme foin fené"...*

<sup>1</sup> Referencia ao chamado *cometa de Carlos V*. Os cometas, realmente, eram considerados, outrora, um signal de mau presagio. Cf. Suetonio, II, p. 40.

<sup>2</sup> No texto, *cap de Baza*. No planispherio de Sebastião Caboto lê-se o toponimo *rio bazo*, approximadamente à altura do actual rio Altamaha. Adiante (f. 148), Thevet escreve *promontoire de Baze*, que Gaffarel identifica com o cabo Whittle, ao sul de Labrador. Parece-me, entretanto, que o *promontoire de Baze* é o mesmo *cap de Baza*, que o franciscano escreve, como frequentemente faz, ora de um modo, ora de outro.

os que navegam nas costas, onde se encontram Cathay, as ilhas dos Cannibae, Panuco e Themistitan. De longe, lembra antes uma ilha em pleno oceano. E é perigosa principalmente por causa das longas e impetuosas correntes e dos seus habituaes ventos e tempestades.

À oriente da terra-firme propriamente dita, encontram-se a provincia de Chicoma e as ilhas chamadas Bahamas ou Lucayas; a oeste fica Nova Espanha, confinando, ahi, com Anahuac, da qual já tratei anteriormente. Seus territorios mais ferteis e melhores são os Paunac, tambem limitrophes de Nova Espanha.

Os indigenas desse lugar mostram um aspecto muito possante e cruel. E, assim que as suas plantações e raizes, das quaes se alimentam quotidianamente, sentem falta de agua ou de sal, — prosternam-se diante dos idolos, pois são todos idolatras. Esses idolos têm forma de homens ou de animaes. Acresce que são povos mais dissimulados e sagazes, nas artes bellicas, do que os do Perú. Assim, quando vão à guerra, o rei veste pelles de animaes e é carregado por quatro homens todos vestidos e ornamentados de ricas plumagens, permanecendo, até o final, no meio do combate. E, se, ao sentirem-se fraquejar, o rei tenta escapulir, é este morto, — costume ainda hoje observado por alguns países e raças barbaras do Levante. Suas armas são o arco, a flecha envenenada e a lança (cuja ponta é feita com ossos de animaes selvagens, ou ossos de peixes, mas bem agudas). Alguns desses povos devoram os prisioneiros, semelhantemente aos demais selvagens americanos, de que já falei.

Embora idolatras, os indigenas da Florida crêem na immortalidade da alma. Tambem acreditam que há um lugar muito frio e reservado aos maus, punindo os deuses as faltas ou crimes commettidos pelos mesmos. Julgam, por outro lado, que há numerosos homens, vivendo tanto no ceu como no seio da terra. E mil outros desatinos, só comparaveis aos das *Metamorphoses* de Ovidio, — idéias que só servem de motivo para rir. Mas estão persuadidos de que tudo

isso é pura verdade, tanto quanto os turcos e arabes dão fé aos escriptos do *Corão*.

A Florida é menos fertil nos trechos banhados pelo mar, sendo as populações mais rudes do que as do Perú ou da America, por falta de contacto com a gente civilizada. Seus

**Porque a Florida tomou esse nome.**

descobridores deram aquelle nome ao promontorio no anno de 1512, por encontrá-lo todo verdejante e revestido de numerosas flores de todas as especies e tonalidades<sup>1</sup>. Entre a Florida e o rio da Palma se encontram varias sortes de animaes

**Touros selvagens.**

monstruosos, entre os quaes certos grandes touros, guarnecidos de cornos de um pé de comprimento; o dorso desses animaes é saliente como o de um camello e o pello, cuja côr se assemelha muito ao fulvo da mula, alongado, em todo o corpo, sendo ainda mais longo sob o queixo. Já se levaram para a Espanha dois dos tais touros selvagens, vivos, de um dos quaes vi sómente o couro. Não puderam viver lá muito tempo. O touro selvagem, segundo se diz, é inimigo perpetuo do cavallo. Não se pode conservar um perto do outro<sup>2</sup>.

**O cabo da Baixa.** Para o lado do cabo da Baixa, encontra-se um riozinho, onde os escravos pescam ostras que contêm perolas. E já que estou no assumpto, não quero esquecer de contar como se faz a extracção das perolas, — processo que é

**Ostras com perolas.**

o mesmo em ambas as Indias, as Orientaes e as Occidentaes. Assim, como os chefes de familia possuem numerosos escravos, mandam-nos, à falta de outra occupação, à pesca das ostras. E estes, trazendo os balaios cheios de taes mariscos, põem-nos em

<sup>1</sup> E' tradição que o descobridor da Florida foi Juan Ponce de León. Em fins de março de 1512, no dia da Paschoa da Resurreição (chamada, na Espanha, de *Paschoa Florida*), tocou Ponce de León, pela primeira vez, em um trecho da costa proxima da foz do rio de São João, ao norte da Florida. Por essa razão e tambem por causa da abundancia e encanto de flora indigena, o descobridor deneminou a região de *Florida*.

<sup>2</sup> O touro selvagem descripto por Thevet é o bisão.





24. O bisão (Thevet).

determinadas vasilhas, que enchem, a meio, de agua; succede, então, que as ostras, após conservadas ali alguns dias, abrem-se e, assim, o liquido despoja-as das perolas. Ou melhor os escravos retiram as ostras das vasilhas e deixam escorrer a agua por um furo, sob o qual collocam pannos (afim de que as perolas não se percam). Essas ostras, finalmente, são muito differentes das nossas, quer quanto à côr, quer quanto às conchas, possuindo certos orificios que parecem artificiaes. É na parte interna dos ditos orificios que as perolas ficam colladas, — eis o que eu queria dizer, de passagem.

No Perú há tambem dessas perolas, assim como um bom numero de outras pedras; as mais finas, entretanto, encontram-se nos rios da Palma e do Panuco, que distam entre si trinta e duas leguas. É verdade que em taes lugares não se pode pescar a vontade, por causa dos selvagens ainda não catechizados, — selvagens que adoram os corpos celestes e consideram a respiração como alguma coisa de origem divina (tal qual alguns povos do passado, inclusive os scythas e os medas).

Costeando a Florida, que deixámos à nossa esquerda, por motivo dos ventos contrarios, aproximamo-nos do Canadá e de uma outra região chamada do Bacalhau; aliás, com pezar nosso, tendo em vista sobretudo o excessivo frio, que nos molestou por espaço de dezoito dias. A terra do Bacalhau avança, em forma de ponta, pelo mar a dentro bem umas duzentas leguas. Fica no septentrião e dista da linha equinoccial sòmente quarenta e oito graus. Tomou esse nome por causa de um certo peixe, ali existente, chamado *bacalhau*. Entre tal ponta e o cabo do Gado existem diversas ilhas povoadas,

**O país do Bacalhau.**

**A ponta do Bacalhau.**

**O bacalhau, um peixe.**

**As ilhas de Cortés.**

difficilmente abordaveis em virtude dos numerosos penhascos adjacentes. Chamam-se de ilhas de Cortés<sup>1</sup>, mas há quem as julgue terra-firme ligada à ponta do Bacalhau.

A terra do Bacalhau foi descoberta pelo inglês Sebastião Caboto<sup>2</sup>, o qual persuadiu ao rei da Inglaterra, de nome Henrique VII, ser facil attingir Catay<sup>3</sup> pelo norte e, assim, adquirir as especiarias e outras riquezas, do mesmo modo como o monarcha portuguez as vae buscar nas Indias. Caboto tambem propôs uma viagem ao Perú e à America, afim de povoar essas regiões com gente nova e lá estabelecer uma outra Inglaterra.

Sebastião Caboto, na verdade, não executou seus planos, embora tivesse deixado cerca de trezentos homens em terras situadas para o lado da Irlanda, ao norte, nas quaes o frio, apesar de ser o mês de julho, dizimou quasi todos os colonos. Depois de Caboto, Jacques Cartier emprehen-

<sup>1</sup> Gaffarel identifica as ilhas de Cortés com o archipelago de Terra Nova e a ponta do Bacalhau com o rochedo isolado ao norte da bahia da Conceição. Thèvet, entretanto, designava pelo nome de *pointe de Baccales* a actual península de Avalon, ou mesmo toda a Terra-Nova. Cf. o cap. LXVI, nota correspondente.

<sup>2</sup> Gaffarel observa que não foi o veneziano Sebastião Caboto (no texto *Sebastian Babate*) quem descobriu a chamada Terra do Bacalhau, pois essa região foi visitada, anteriormente, pelos normandos e pelos bascos. E lembra, a proposito, que os toponymos de origem basca abundam na Terra Nova (Bacalhau; Raye, que lembra *arraico*; Rognouse, que recorda Aurongue, localidade proxima de Saint-Jean-de-Luzy; Ylicillo, que significa *o buraco das moscas*; Ophorportu, isto é, *a vasilha de leite*; Portuchoa, ou seja, *o pequeno porto*).

Estudos modernos, não obstante, levam à conclusão de que a Terra Nova dos Bacalhaus foi provavelmente visitada pelos Cortes Reaes. O *Atlas hydrographique* de 1511 (de d'Avezac), assignala, ao sul da *Terra do Lavrador de rey de Portugall*, uma região denominada *Terra de Corte Reale de Rey de Portugall*; na *Carta Portuguesa Anonyma*, de 1520, publicada por Kunstmann, a região do Lavrador ostenta a legenda *Terram istam Portugalensis viderunt, tamen non intraverunt* e a do Bacalhau *Terra istam Gaspar Costerealis Portuga-lensis primo invenit*, etc.; a carta de Diogo Ribeiro (1529) traz a legenda *Tierra de los bacallaos la qual descubrieron los corte reales*, etc. Cf. a vasta bibliographia sobre o assumpto no quadro appenso ao estudo de C. Malheiro Dias, em *Hist. de Col. Port. do Bra.*, I.

<sup>3</sup> Catay, ou Cathay, isto é, a China.

deu duas viagens à mesma região, isto é, nos annos de 1534 e 1535<sup>4</sup>, conforme elle proprio me contou.

<sup>4</sup> Cartier fez três viagens à America, entre 1534 e 1542. Na primeira (1534) attingiu a embocadura do São Lourenço, à qual deu o nome de "*golfe de la Chaleur*", depois *bahia dos Calores*, assim chamada por causa da alta temperatura ali sentida, apesar de achar-se o descobridor no mês de julho; na segunda (1535-1536) remontou o curso do São Lourenço até a aldeia india de Hochelaga (Montreal); na terceira e ultima (1541-1542) chegou até o territorio de Quebec.

CAPITULO LXXV

DO CANADÁ, ANTES CHAMADO TERRA DO BACALHAU, DESCOBERTO NOS TEMPOS ACTUAES.  
COMO VIVEM SEUS HABITANTES.

Viagem de  
Jacques Car-  
tier ao Canadá.

Como essas regiões do septentrião foram recentemente descobertas por Jacques Cartier, mestre-piloto de origem bretã e capitão experimentado em sciencia nautica, o qual se achava a serviço do fallecido rei Francisco, I, que Deus abençoe, — é opportuno escrever algumas linhas sobre as coisas de maior merito de tal país, embora essa descripção devesse ter feito parte do capitulo anterior. Levou-me sobretudo à semelhante proposito o facto de ninguem, até hoje, ter ainda tratado do assumpto <sup>1</sup>, se bem que a materia não seja pouco meritoria. Demais, estas informações me foram fornecidas, directamente, pelo referido descobridor, o piloto Cartier.

Localização do  
Canadá.

O Canadá, estando quasi situado no polo arctico zenithal, confina: no occidente, com a Florida e as ilhas do Perú, sendo banhado pelo mar Oceano até a região já dita do Bacalhau; no oriente com o mar que fica logo abaixo do Glacial ou Hyperboreo; ao sul, finalmente, com a terra-firme de nome *Campestre de Berge*. Mas, penso que a Terra do Bacalhau é o mesmo

<sup>1</sup> Não é exacta essa affirmatiya de Thevet, porquanto, como nota Gaffarel, desde 1545 já tinha sido publicada a primeira relação da 2.ª viagem de Cartier: *Brief récit, et succincte narration de la navigation faicte es ystes de Canada, Hochelage et Saguenay et autres, etc.*, Paris, Ponce Rosset et Authoic Leclerc, in-8.º, 48 fls.

Canadá, pois acontece que muitas vezes dá-se nome a um lugar sem esse facto chegar ao conhecimento de outrem.

No Canadá há um cabo, o dos Bretões<sup>1</sup>, segundo o nome que lhe deram os seus descobridores, — proximo da Terra Nova, onde hoje se pesca o bacalhau. Entre a Terra Nova e a terra alta dos Bretões, a que se dá tambem o nome de cabo de Lorena, medeiam de dez a doze leguas. No nordeste fica uma assás espaçosa e longa ilha, entre ambos os ditos lugares, cujo circuito mede cerca de quatro leguas. Começa o Canadá no cabo dos Bretões, ao sul, cujas terras bordeja na direcção este, nordeste, oeste e sudoeste, a maior parte da qual se estende para a Florida, formando, ao limitar-se com Themistitan, um, semi-circulo.

A ponta de Lorena, de que acabo de falar, situa-se à terra pelo norte, sendo esta cercada por um mar mediterraneo (como já se disse); tal qual a Italia, que fica situada entre o mar Adriatico e o Ligustico<sup>2</sup>. Do referido cabo, em direcção a oeste e a sudoeste, correm umas duzentas leguas de praia arenosa, sem nenhum porto ou enseada. Nessa região vivem povos varios, muito corpulentos, perversos, que trazem ordinariamente o rosto mascarado ou rajado por traços vermelhos e verde-gaios, — tintas que os indigenas extrahem de certos fructos. Foi ella descoberta, repito, inclusive seus mares interiores, no anno de 1535, por Cartier, piloto natural de Saint-Malo. Com a frota, de que usou nessa expedição, accrescida de algumas embarcações carregadas de sessenta a oitenta homens, Cartier ladeou territorios até en-

<sup>1</sup> A denominação de *terre des Bretons, coste aux Bretons*, etc., é muito antiga. Vj. a nota, endereçada por Catharina de Medicis ao embaixador francês em Espanha, de 28 de novembro de 1565 (*apud* Gaffarel). O cabo de Lorena é, possivelmente, o Sable.

<sup>2</sup> Isto é, da Liguria, que ainda hoje conserva o nome (Mar Ligurio).

A **baía do** tão desconhecidos, alcançando um grande e  
**Calor, um rio.** espaçoso rio, ao qual deu o nome de *baía do*  
*Calor*<sup>1</sup> e onde encontrou, em abundancia, ex-  
 cellentes peixes, principalmente salmões. Nessa occasião tra-  
 ficou em varios lugares circumvizinhos, dando hachas, facas,  
 anzoës, etc., em troca de pelles de veados, de lontras e de  
 outros animaes silvestres, os quaes os indios possuem em  
 bastante quantidade. Os barbaros fizeram-lhe mesmo um  
 bom acolhimento, mostrando-se muito contentes com a sua  
 vinda e firmando amizade com o descobridor.

Passando adiante, Cartier encontrou outros povos, mui-  
 to differentes dos primeiros, tanto na lingua quanto nos cos-  
 tumes. Diziam ter descido o grande rio Ho-  
 chelaga<sup>2</sup> para fazer guerra àquelles, — segun-  
 do informações que foram fornecidas ao pro-  
 prio piloto por sete indios, apprehendidos e conduzidos, na  
 qualidade de refens, ao rei de França<sup>3</sup>. Ambos, depois, vol-  
 taram ao Canadá, por occasião da segunda viagem de Cartier,  
 adoptando o christianismo e, nessa religião, fallecendo em  
 França. Até então, ninguem tinha ouvido falar do país, da  
 religião e de como vivem esses indigenas, pois, anteriormente,  
 não havia nenhuma communicação ou trafego com o Canadá.

<sup>1</sup> Cf. o cap. LXXIV, nota correspondente.

<sup>2</sup> No texto, *Chelagua*, que Thevet escreve, tambem, *Ochelagua* (f. 155).

<sup>3</sup> A relação de Cartier — nota Gaffarel — só menciona cinco homens.  
 Os dois hurões (iroqueses), que partiram com o celebre piloto, chamavam-se  
 Taiguragni e Domagaya.

CAPITULO LXXVI

NO QUAL SE TRATA DE OUTRA REGIÃO DO  
CANADÁ.

**Outra região do Canadá descoberta por J. Cartier.** A outra região do Canadá, descoberta depois por Cartier, a mandado do rei de França, onde vivem habitualmente os selvagens atrás mencionados, fica acima do rio Hochelaga umas trezentas a quatrocentas leguas. Como aconteceu em sua primeira navegação, o piloto também encontrou, na segunda, o país bastante povoado.

**Costumes amáveis dos Canadenses.** Os canadenses têm costumes tão amáveis e pacíficos quanto possível. Por seus hábitos familiares dão a impressão de que sempre viveram em perfeita communidade, sem odios nem asperezas. Ali erigiu Cartier um fortim e se estabeleceu, para nelle invernar juntamente com os seus companheiros e, do mesmo modo, defender-se contra as injurias do clima frio e rigoroso, tendo sido bem tratado pelos naturaes, os quaes lhe traziam, diariamente, canoas carregadas de peixes (enguías, lampréias, etc.) e de veações, no lugar tão abundantes.

**Umhas especies de raquetas.** Os indigenas do Canadá são grandes monteiros ou caçadores, — isso tanto no inverno como no verão, — empregando, nessas operações, engenhos e instrumentos varios. Assim, usam umas especies de raquetas<sup>1</sup>, de cordas entrelaçadas como as de uma

<sup>1</sup> A raqueta canadense provém da região dos Grandes Lagos. A mais perfeita é a dos hurões, justamente a que foi vista por Cartier. Em Montandon (p. 583) pode ver-se uma boa gravura da raqueta dos hurões.



peneira, tendo o comprimento dê dois pés e meio e a largura de um; trazem-nas adaptadas aos pés, especialmente quando vão à caça dos animaes ferozes, pois as raquetas evitam que os caçadores se enterrem na neve.

Os canadenses vestem-se com pelles de cervo<sup>1</sup>, confeccionadas e preparadas a seu modo. Para apanhar esses animaes, dez ou doze indios se juntam, armados de lanças de quinze a dezesseis pés, cujas pontas são guarnecidas de ossos do dito animal, ou de outro qualquer,

do comprimento de um pé, ou mais (em lugar de ferro) e de arcos e flechas (tambem providas de ossos); em seguida, acompanhando o rasto profundo deixado, na neve, pelo animal, descobrem-lhe a pista, na qual se occultam por trás de galhos de cedro, que, naquella região, verdejam todo o anno, plantados e dispostos à maneira de tarrafas. E logo o cervo, attrahido pela vegetação e pela trilha aberta, lança-se na armadilha, sendo, então, à custa de flechadas e golpes de lança, estrangido a correr para a neve, onde se afunda até o ventre e é, ahi, uma vez que não pode correr, facilmente abatido. Isso feito, é a caça esfolada e esquartejada no proprio local, envolvendo-se as peças, depois, no couro do animal. Finalmente, carne e pelle é tudo arrastado até a cabana do caçador e, em seguida, conduzido para o fortim francês, as quaes trocam os indios por algumas ferragenzinhas e bugigangas da mesma especie.

<sup>1</sup> Trata-se da caça ao caribú. Gaffarel transcreve um trecho de Nicholas Perrot, no qual se faz a descripção da caça à renna, ou rangifer do Canadá, muito semelhante à de Thevet.

Os habitos familiares, que deram a impressão de que os hurões viviam em perfeita communidade, são devidas, em grande parte, às actividades cynegeticas. É a vida economica, é a necessidade de caça colectiva que explica, como observa Westermarck (II, p. 194), a existencia gregaria dos indios de certas regiões canadenses.

A obra de N. Perrot é a *Mémoire sur les moeurs, coutumes et religion des sauvages de l'Amérique septentrionale*, Leipzig & Paris, 1864.

**Beberagem so-  
berana no tra-  
tamento de  
certas doen-  
ças, usada pe-  
los canadenses.**

Não quero omittir, aqui, mais um singular costume dos canadenses, a saber, quando esses silvicolas são acommettidos de febres e outras doenças internas, recolhem elles as folhas de certa arvore, — muito semelhante ao cedro, que existe em abundancia nas montanhas de Tarare, no Lyonnais, — das quaes extrahem o succo e que servem de bebida<sup>1</sup>. Não há doença, por mais pertinaz, que tal beberagem não cure no espaço de vinte e quatro horas. Os proprios franceses já experimentaram, varias vezes, o medicamento, trazendo a planta para a Europa.

<sup>1</sup> A arvore tinha o nome de *aneoda*, sendo identificada, segundo Gaffarel, ora com o abeto (*Abies canadensis*), ora com o berberis ou pilriteiro (*Crataegus oxyacanthus*), que os ingleses chamam de *berberry*. As folhas do *aneoda*, em decocção, têm propriedades anti-escorbüticas.

CAPITULO LXXVII

COSTUMES E IDÉIAS RELIGIOSAS DOS POBRES CANADENSES. QUE FAZEM ESSES INDIOS PARA RESISTIR AO FRIO.

Quando aos seus costumes e relações sociaes, vivem os canadenses segundo a lei da natureza <sup>1</sup>. No casamento, por exemplo, toma o homem duas mulheres, sem quaesquer cerimoniaes, justamente como o fazem os selvagens sul-americanos, de que já falei. Do mesmo modo no que diz respeito à religião, não havendo nenhum rito, para orar ou reverenciar a Deus, pois só fazem contemplar a lua crescente, à qual dão o nome de *Osannah*: é *Andouagni* <sup>2</sup> (dizem) quem, de tempos em tempos, chama e envia a lua crescente, do que resultam as enchentes e vassantes. E *Andouagni*, segundo crêem firmemente, é o grande Criador todo poderoso, maior que o sol, a lua e as estrellas, não havendo, porém, como já o disse, nenhum rito de adoração (não obstante, em algumas regiões, adorarem os indigenas a idolos, havendo, algumas vezes, nas cabanas, quarenta ou cincoenta delles, conforme

Casamentos dos canadenses.

*Osannah*.

*Andouagni*, deus dos canadenses.

<sup>1</sup> Sobre a organização politico-social dos iroqueses (*sibs* e outras unidades sociaes), especialmente a respeito da *maternal family*, cf. Alexandre Goldenweiser, p. 334-337 e 361-366. Os contractos matrimoniaes são bem complexos, ao contrario do que suppunha Thevet.

<sup>2</sup> Citando Sagard (*Histoire du Canada*, § 30), Gaffarel nota que o nome dessa divindade variava (*Coudouagni*, *Youskeka*).

me contou um piloto português, que os visitou em duas ou três aldeias).

**Opinião dos canadenses sobre a immortalidade da alma.** Os canadenses acreditam na immortalidade da alma. Se alguém procede mal, ao morrer uma grande ave arrebatá-lhe a alma; em caso contrario, vae a alma para um lugar recoberto de bellas arvores e povoado de maviosos passaros. E essas informações foram fornecidas por Donnacona<sup>1</sup>, *agahanna*<sup>2</sup> ou rei do Canadá, que viveu em França quatro annos, chegando a falar francês e lá morrendo como muito bom christão.

**Donnacona, rei do Canadá.**

**O extremo frio do Canadá.** Os pobres canadenses — encurtando a historia — vivem perpetuamente atormentados pelo rigor do clima, devido, como é facil comprehender, à ausencia do sol. Moram em villarejos ou aldeias, cujas choças são semi-circulares, longas de vinte a trinta pés e largas de dez. E só Deus sabe o frio que nellas penetra, pois são mal construidas e cobertas, com os pilares e caibros inseguros: ao peso da neve, acontece que muitas vezes desabam as palhoças. Cumpre dizer, entretanto, que, apesar desse excessivo frio, são os índios fortes, bellicosos e incansaveis no labor.

**As choças dos canadenses.**

**Porque os povos do septentrião são mais bravos que os do meio-dia.**

Os povos do septentrião são todos mais ou menos destemidos, ao contrario dos que habitam nos tropicos ou no equador. A estes a vehemencia da temperatura lhes tira e dissipa o calor natural, que, naquelles, é conservado pelo frio. • Como se sabe, a força e as faculdades do corpo dependem do calor natural. Tambem

<sup>1</sup> Donnacona, diz Gaffarel, foi realmente levado para a França por Cartier, em sua segunda expedição, lá fallecendo em menos de dois annos. Os três unicos selvagens sobreviventes foram baptizados na igreja de Notre-Dame de Saint-Malo (1538). Cartier serviu de padrinho a um delles.

<sup>2</sup> No texto *Aguanna*; à margem, *Aguaña*. Adiante, porém (f. 155), Thevet adapta a graphia *Agahanna*.

**Mar Glacial.** o mar, em derredor do Canadá, é glacial, estendendo-se para o norte. Isso porque as aguas se acham muito afastadas do sol, que passa, embora obliquamente, pelo centro do universo, no seu movimento, de oriente para occidente. E, quanto maior é o calor natural, tanto melhor se faz a cocção e digestão dos alimentos, sendo o appetite, portanto, tambem maior. Por esse motivo, as populações do septentrião comem mais do que as das terras oppostas, — vindo, dahi, a frequente fome por que passam os povos do Canadá, onde, por outro lado, por espaço de três ou quatro meses, param os rios e gelam as raizes e fructos alimenticios.

**A terra do Labrador, descoberta pelos espanhoes.** Os canadenses cobrem suas choças com cascas de arvores, das quaes tambem fabricam canoas para as pescarias no mar ou nos rios. Os povos do Labrador, vizinhos dos primeiros, — descobertos pelos espanhoes em suas viagens à procura de uma passagem para as Molucas, o país das especiarias, — estão, do mesmo modo, sujeitos aos rigores do clima frigido e cobrem suas choupas, â maneira dos demais canadenses, com a pelle dos peixes<sup>1</sup> e dos animaes selvagens.

**Vida communal dos indios canadenses.** Vivem os indios canadenses em commumidade, como os demais selvagens sul-americanos, cada qual occupado em seu trabalho: alguns fabricam potes de barro, outros pratos, escudellas e colheres de pau; estes arcos, flechas, cestos, aquelles as roupas de pelles, com as quaes se defendem do frio.

**Modo de lavar a terra. O milho, um legume.** São as mulheres que lavram a terra. Remoem-na com certos instrumentos compridos, de pedra, nella semeando sementes, sobretudo as de milho do tamanho da ervilha, de varias

<sup>1</sup> Thevet quer dizer *com a pelle de certos cetaccos ou sireneos.*

côres, igualmente como se plantam os legumes na Europa. O talo desse milho <sup>1</sup> cresce como o da canna-de-açúcar, dando três ou quatro espigas, uma sempre maior que as restantes; suas folhas lembram, por sua disposição, a alcachofra. Também plantam os índios umas favas achatadas, da alvura da neve, aliás muito boas. Há de taes especies na America <sup>2</sup> e no Perú.

**Como os índios comem as aboboras.**

**Uma especie de erva.**

No Canadá existem, ainda, muitas aboboras ou melões, que os índios comem assadas em brasas, como se faz em França às peras. E certas sementezinhas, miudas, semelhantes às da manjerona <sup>3</sup>, que produzem uma erva bastante avantajada <sup>4</sup>. Essa erva, extraordinariamente estimada, seccam-na os índios ao sol, em molhos, trazendo-a, depois, de ordinario, nas suas bolsinhas de couro, com os respectivos canudos. É em taes canudos que os selvagens põem a erva secca, esfregando-a nas mãos e aspirando o fumo pelo orificio opposto ao do fogo.

**Uso dessa erva perfumada.**

Os índios canadenses levam horas inteiras aspirando esse perfume, a ponto de saírlhes o fumo pelos olhos e pelo nariz.

<sup>1</sup> Os iroqueses distinguíam cerca de quinze ou dezeseis variedades de milhos. Cf. F. W. Waugh "Iroquois Foods and Food Preparation", em *Memoir* 86, n. 12, *Anthropological Series, Geological Survey, Canadá*

<sup>2</sup> Isto é, na America do Sul.

<sup>3</sup> No texto *graines de Mariolaine*. Trata-se do *Origanum Majorana* L.

<sup>4</sup> Referencia ao tabaco, que os indigenas chamavam de *hoïan-hoïan* (Sagard, *apud* Giffarel). A descrição de Cartier é quasi identica à de Thevet. O tabaco era sagrado entre os cheroquis (Cherokees), do grupo iroquês. Cf. James Mooney, p. 439.

Sobre os iroqueses em geral, descriptos por Thevet, vj. F. X. de Carlevoix, *A voyage to North America*, trad., Dublin, 1766; L. H. Morgan, *League of the Ho-de'-no-sau-nee, or Iroquois*, Rochester, 1851; G. Sagard, *Le Grand voyage au pays des Hurons*, Paris, 1865; E. A. Smith, "Myths of the Iroquois", *Ann. Rep. Bur. Ethn.*, II, Washington, 1883; W. M. Beauchamp, "The Iroquois White Dogs Feast", *American Antiquarian and Oriental Journal*, VII, Chicago, 1885; J. N. B. Hewitt, "Ethnology of the Iroquois", *Smiths Mus.*, LXVIII, n. 112, Washington, 1918; E. Starr, *History of the Cherokee Indians and their Legends and Folklore*, Oklahoma, 1921; R. B. Orr, "The hurons", *Am. Arch. Rep.*, XXXIII, Toronto, 1922; A. C. Parker, "Analytical history

Os selvagens sul-americanos<sup>1</sup>, como já o disse em outra parte, também têm um costume semelhante.

of the Seneca Indians", *Researches and transactions of the Nova York State Arch. Assoc.*, VI, Nova York, 1926; F. Houghton, "The migrations of the Seneca nation", em *Am. Anthr.* XXIX, 1927; W. R. L. Smith, *The story of the cherokees*, Cleveland, 1928.

<sup>1</sup> No texto, *Ameriques. Thevet*, como já observei, refere-se aos indígenas por ele visitados no Brasil.

## TRAJE DOS INDIOS CANADENSES. SUAS CABELLEIRAS. COMO CRIAM OS FILHOS.

**O traje dos indios canadenses.**

Em materia de vestes, os indios canadenses estão acima dos aborígenes sul-americanos, pois se cobrem com pelles de animaes selvagens, confeccionadas, segundo já o disse, à sua maneira. Os pellos são conservados. Esse costume é, talvez, oriundo da necessidade de precaver-se o indio contra o frio e não de qualquer sentimento ou idéia moral. Como os demais indigenas americanos não se vêem abrigados por tal necessidade, andam todos nus, sem mostras de nenhum pudor.

É verdade que os indios canadenses, isto é, os homens, não se vestem totalmente, mas apenas se cobrem com um couro pelludo, cortado à maneira de avental. A peça cobre-lhes o peito e as partes vergonhosas, prendendo-se, entre as coxas, por botões. Também os indios envolvem o ventre com uma cinta, que lhes aperta o corpo, deixando os braços e as pernas nuas. Por cima disso tudo, um grande manto, também de pelle, de tal modo costurado e preparado como se fôra obra de algum habil pelleiro. Taes mantos são feitos do couro de varios animaes, a saber, lontras, ursos, martas, pantheras, raposas, lebres, coelhos, ratos, etc., curtidos com o pello, — donde, segundo penso, advem o costume dos que affirmam, por ignorancia, serem os selvagens pelludos.

Dizem certos escriptores que Hercules da Lybia, ao chegar a França, encontrou uma população vivendo à maneira



dos selvagens da America ou das Indias Orientaes, isto é, sem nenhum grau de civilização, homens e mulheres quasi nus alguns, outros apenas cobertos de pelles. Essa devia ter sido mesmo a condição primitiva do genero humano, rude e inculta, até que, com o decorrer dos tempos, a luta pela conservação da vida levou-a a inventar varias utilidades. E, assim, ainda hoje vivem os miseros selvagens da America, admirando as nossas vestes e indagando, como já me succedeu, de que arvore era extrahido o material das roupas europeias (pois julgavam que a lã, como o algodão, vem de alguma arvore).

**O uso da lã.** O uso da lã foi por muito tempo ignorado e teria sido, de accordo com o dizer de varios autôres, uma invenção dos athenienses. Há quem a attribua a Pallas, visto ser a lã empregada anteriormente à existencia dos athenienses e à edificação de sua cidade, — motivo pelo qual estes tinham aquella deusa, de quem haviam recebido o beneficio, em grande estima e reverencia. Mas é verosimil que os athenienses e outros povos da Grecia se cobrissem de pelles, à moda dos indios canadenses. Ou melhor, à semelhança do primeiro homem, o qual, com esse exemplo (di-lo São Jeronymo), ensinou à posteridade a pratica de evitar a nudez. E, por isso, é de louvar a Deus a sua particular affeição pela Europa, — de todas as partes do mundo a unica favorecida por esse costume.

**Como os indios canadenses usam a cabelleira.** Cabe, agora, tratar da maneira pela qual os indios canadenses usam o cabello. Nesse particular, differem elles dos selvagens sul-americanos. Homens e mulheres conservam seus cabellos negros bem crescidos. Há apenas uma differença: os homens os usam enfeixados (à maneira do que se faz à cauda do cavallo), atravessando-os com cavilhas de madeira; por cima desse tope, uma pelle de tigre, de urso ou de outra qualquer fera. Assim adornados, dão os indios idéia de que vão apparecêr em scena, lem-

brando a figura de Hercules<sup>1</sup>, tal qual, para a delicia dos antigos romanos, era elle representado (ainda hoje, Hercules é desenhado do mesmo modo). Alguns indios tambem costumam envolver a cabeça com pelles de zibellina, uma especie de murta commum às regiões do norte, a qual, na Europa, é, por sua raridade, muito apreciada, — donde o costume de ser essa pelle reservada para o ornamento dos príncipes e dos grandes senhores. A raridade da zibellina iguala à sua belleza.

Semelhante aos indios do Brasil, os homens não usam barba, arrancando-a logo que ella nasce. As mulheres tambem envolvem o corpo, mas com pelles de veado, preparadas como as dos homens (é artigo esse melhor que o existente em França); e empregam uma cinta, que dá três ou quatro voltas no corpo, presa, na espadua, como o boldrié dos peregrinos, embora deixem a descoberto um dos braços e um dos seios. Usam as mulheres, ainda, umas especies de calçados de couro curtido, muito bem trabalhados, que tingem com certo succo extrahido de determinadas ervas e fructas, ou extrahido de umas terras de côr, ali tão abundantes. O sapato propriamente dito é do mesmo material, inclusive os ornatos<sup>2</sup>.

Os indios canadenses observam rigorosamente os deveres matrimoniaes, evitando, sobretudo, a pratica do adulterio. Mas é verdade, como já se disse, que cada homem mantém duas ou três mulheres. Agahanna, morubixa-

<sup>1</sup> Gaffarel transcreve um trecho de Marc Lescarbot, extrahido da *Histoire de la Nouvelle France*, VI, 9 (Paris, 1613). Interessante é o facto de Lescarbot comparar, tambem, o traje do indio canadense, descripto por Thevet, com o de Hercules. "Et ne le scauroy mieux comparer qu'aux peintures que l'on fait de Hercule".

<sup>2</sup> Thevet refere-se ao *mocassin* dos iroqueses. Cf. Montandon, p. 344. No texto, *cadetwre*, palavra antiga, inusitada, que deriva de *cadeler*, "enjoliver (des majuscules) de traits, d'ornements" (Adolphe Harsfield & Arsène Darmesteter, I, p. 325).

**Agahanna.** ba do Canadá, pode ter tantas quanto lhe appetça. A moça não perde a estima por ter servido, antes de casar, a algum mancebo; o mesmo succede entre os selvagens sul-americanos. E, para esse fim, possuem, na aldeia, determinadas cabanas, nas quaes os adultos travam relações sexuaes, afastados dos menores.

**A viuvez é muito honrada entre as mulheres canadenses.** As viúvas jãmais tornam a contrahir matrimonio, qualquer que seja o numero dellas, guardando luto para o resto da vida. E, por isso, conservam o rosto besuntado de pó de carvão e oleo de peixe, tendo, por cima, os cabellos esparsos e desgrenhados (e nunca atados para trás, como as demais mulheres).

**Como as indias educam as crianças.** As indias canadenses tratam as crianças do seguinte modo <sup>1</sup>: ligam-nas e envolvem-nas em quatro ou cinco pelles de marta, cosidas umas nas outras; depois, prendem-nas em uma prancha ou tabua de madeira, perfurada, de modo que a criança dispõe, entre as pernas, de uma especie de funil ou gotteira, feita de casca de arvore, bem branda, pela qual urina sem molhar ou manchar nenhuma parte do corpo ou do seu envoltorio.

**Superstição dos turcos.** Se o Canadá fosse uma região vizinha da Turquia, era de crer que os indigenas canadenses tivessem apprendido tal costume com os turcos. Ou vice-versa. Todavia, os selvagens canadenses têm esse habito como uma medida hygienica, — o que os colloca acima dos demais indigenas (e mesmo acima daquelles povos em matéria de civilidade); os supersticiosos turcos,

<sup>1</sup> Sobre as praticas relacionadas com a saude, a conservação e modo de viver das crianças, entre os povos primitivos da America, of F. C. Spencer, "Education of the Pueblo Child", em *Columbia University Contributions to Philosophy, Psychology and Education*, VII, n. 1, Nova-York, 1899; Alexandre Francis Chamberlain, *The Child and Childhood in Folk-Thought*, Nova-York, 1896; W. D. Hamby, *Origins of Education among Primitive Peoples*, Londres. 1926.

ao contrario, consideram maleficio a criança molhar-se na propria urina.

Direi, finalmente, que as indias plantam em terra a referida tabua, por sua ponta inferior, ficando, ali, a criança a dormir, em pé, com a cabeça inclinada ou pendente.

## COMO GUERREIAM OS INDIOS CANADENSES.

Os canadenses, povos bellicosos.

Os tontanianos, inimigos dos indios canadenses.

O Hochelaga e o Saguenay, rios do Canadá.

Quanto aos habitos bellicosos, são os canadenses, com pouca differença, em tudo iguaes aos demais silvicolos. Os *tontanianos*, os *gualdapes* e os *chicorins*<sup>1</sup> fazem, ordinariamente, guerra aos indios do Canadá e a outros diversos povos, originaes dos rios Hochelaga e Saguenay<sup>2</sup>, ambos majestosos e bellos, cheios de excellentes peixes, pelos quaes os canadenses podem subir umas trezentas leguas, até os territorios inimigos, em canoas, pois, em virtude dos saltos, não são, por outra forma, navegaveis.

Dizem os antigos povos dessa região que, em poucas luas, — de accordo com o seu modo de contar o tempo, — é possível, subindo os dois rios, alcançar terras das mais variadas populações, nas quaes abundam o ouro e a prata. Os referidos rios, a principio separados, encontram-se em determinado sitio (como o Rhodano e o Saône em Lyon) e, assim reunidos, vão ter a Nova Espanha — pois Nova Espanha e Canadá são ambas confins, tal qual a França e a Italia.

<sup>1</sup> Os *chicorins*, como já vimos (cf. cap. LXVI, nota correspondente), habitam uma região ao norte da Florida, que Sophus Ruge localiza entre os 32 e os 33 graus de latitude N. Justamente nessa região habitam os *cheroquis*, cujo nome parece proceder da palavra *chiluk-ki*. Cf. C. Royce, "The cherokee nation", em *Annual Report of Bureau of American Ethnology*, V, 1883-1884. Penso que *chicorius* é, pois, uma corruptela de *cheroqui*. Os *gualdapes* (no texto *Gualdapes*) eram seus parentes ou affins. Os *tontanianos* lembram os *tetons* (da familia dos *siur* ou *syús*).

<sup>2</sup> No texto, *Saguené*. O Saguenay é um affluente da margem esquerda de São Lourenço.

**Preparativos bellicos dos canadenses.** Quando os canadenses estão em guerra, o seu *agahanna*, isto é, o grande rei, commanda os demais caciques, a elle sujeitos, os quaes, nesse sentido, estão na mesma dependencia das aldeias para com os seus maioraes. E, assim, os taes caciques reúnem-se ao rei, acompanhados de sua gente devidamente equipada de viveres e munições, conforme o costume geral, esforçando-se os guerreiros por obedecer aos seus chefes e por nada faltar à empresa.

Chegados, por agua, em suas compridas canoas de cascas de arvore — em tudo semelhantes às dos selvagens sul-americanos — ouvem a deliberação da assembléia e, depois, vão, em ordem de combate e assalto, à procura dos inimigos, empregando, nisso, uma infinidade de **Estratagema de guerra usado pelos canadenses.** estratagemas e artimanhas. E estes, então, fortificados em suas choupanas, accendem fogueiras, cujo fumo grosso e negro, perigoso à inalação em virtude de seu extremo mau cheiro, envenena e cega os atacantes. Os indios sabem mesmo dispor as fogueiras, de modo a que o vento leve a fumaça para os lados onde se encontram os adversarios. Outro **Outro estratagema.** estratagema, usado pelos indigenas, é o de pôr, nos ramos ou lenha da fogueira, veneno extrahido de algumas folhas, plantas ou fructos, previamente resequidos ao sol. O fogo é ateado logo que os indios percebem, ao longe, a aproximação do inimigo.

Aconteceu, mesmo, que, afim de defender-se dos europeus, os quaes vinham em busca de descobrir ou explorar o seu país, os indios procuraram atear fogo aos navios surtos na praia, usando, para isso, de certas graxas ou oleos. Mas os espanhoes, avisados, impediram tal intento. Estou entretanto informado de que os miseros selvagens canadenses só machinaram essa empresa em justa e legitima retribuição aos damnos por elles soffridos. Realmente, tendo os europeus desembarcado, alguns mancebos brincalhões, mas inconsequentes e depravados, só por mera barbaridade, de-

ceparam braços e pernas dos pobres índios, com o fito de experimentar (como diziam) se suas espadas estavam bem afiadas, — isso sem consideração à mansidão e hospitalidade com que tinham sido recebidos. E, desde então, prohibiu-se que os europeus desembarcassem nessa região e nos territórios vizinhos, ou mantivessem com as suas populações qualquer especie de trafico.

**Marcha dos índios canadenses, quando estão em guerra.** Os índios canadenses, em resumo, marcham, quando em guerra, de quatro em quatro, soltando espantosos gritos e hurros assim que avistam o inimigo (igualmente como as amazonas). O objectivo é aterrorizar ou amedrontar os contrarios. Levam, nessa occasião,

varias insignias, feitas com ramos de betulas ornados de penas ou plumagens de cysnes. As pelles dos

**Seus tamborins. Como os índios os transportam.** tamborins são esticadas e presas, à maneira do pergaminho, no bastidor, sendo esses instrumentos carregados por quatro homens, dois de

cada lado: o tocador vae atrás, rufando, com duas varetas, tão impetuosamente quanto lhe é possivel. Das tibias do veado, ou de qualquer outro animal selvagem, fabricam-se as flautas.

**Como pelejam.** Flechas, clavas roliças, tacapes de quatro faces, lanças, chuços de pau com pontas de ossos (em lugar de ferro), — são as armas com que combatem os índios canadenses. Os escudos, recobertos de plumas, pendurados ao pescoço, os índios trazem ora ao peito, ora às costas, conforme julgam melhor. Põem os indigenas, ainda, um capacete de pelle de urso, muito espessa, para defender a cabeça.

**Maneira de combater dos antigos.** Os povos antigos tambem combatiam do mesmo modo que os selvagens, golpeando-se com os punhos ou os pés, mordendo-se, agarando-se ao cabello do inimigo, etc. Depois

foi que veio o uso de atirar pedras, uns nos outros, segundo ensina a santa *Biblia*. Diz Herodoto, no livro 4.<sup>o</sup>, que certo

**Combate das virgens, nas festas de Minerva.**

1.º, conta que as armas proprias de Hercules eram a pelle de leão e a maça, pois não se conheciam, até então, outras armas. Quem consultar Plutarcho, Justino e outros auto-

**Antigo costume de guerra dos thebanos e lacedemonios.**

res verá que os antigos romanos combatiam inteiramente nus. Os thebanos e os lacedemonios vingavam-se dos inimigos a golpes de barras e fortes clavas de madeira. E é de crer que esses povos primitivos tenham sido tão valorosos quanto os actuaes; sobretudo se considerarmos que andavam totalmente nus, ao contrario dos indios canadenses, cujas grossas pelles são para elles como uma especie de protecção e de arma de guerra. Poderia ainda indicar, a proposito da arte bellica dos antigos, muitos outros autores, mas, como quero retornar ao assumpto principal do presente capitulo, acho que já são sufficientes os exemplos dados.

**Como tratam os indios canadenses a seus prisioneiros.**

Os indios canadenses não devoram os seus inimigos — ao contrario de muitos outros povos da America — costume realmente mais toleravel. É verdade, porém, que, quando saem vencedores do combate e apanham alguns delles, arrancam-lhe a pelle da cabeça e da face<sup>1</sup>, pondo-a, depois a seccar. Em seguida levam essa pelle para as suas terras, mostrando-as, como signal de victoria, aos amigos, isto é, às mulheres e aos velhos incapacitados, pela idade, de tomar parte na guerra. Todavia, não são os indios canadenses tão inclinados à guerra quanto os do Perú e os do Brasil. E talvez isso seja devido às difficuldades causadas pela neve e por outros impecilhos da região.

<sup>1</sup> Thevet refere-se ao costume de arrancarem os indios a pelle do craneo, juntamente com a cabeleira (escalpo, de *scalp*). Cf. Montandon, p. 644-646.



## CAPITULO LXXX

### DAS MINAS, PEDRARIAS E OUTRAS PRECIOSIDADES DO CANADÁ.

**Benignidade da região canadense.**

A região canadense é bella, bem situada e muito benigna, excepto, como se pode imaginar, quanto à inclemencia de seu céu.

**Succo de uma arvore, com o sabor de vinho.**

O Canadá possui varias arvores e fructas, que na Europa não são conhecidas, entre as quaes uma<sup>1</sup> da grossura e do aspecto da nogueira. As propriedades dessa arvore foram por longo tempo desconhecidas até que, ao ser

casualmente cortada, produziu um succo tão saboroso e delicado quanto o melhor vinho de Orléans ou de Beaune, conforme o verificaram os proprios franceses, isto é, Cartier e outros gentishomens de sua companhia. Em um instante,

**O couton, arvore.**

recolheram-se do referido liquido quatro ou cinco jarras. A planta, cujo nome na lingua nativa é *couton*, vive hoje, como se suppõe,

<sup>1</sup> A arvore, descripta por Thevet, é, segundo Gaffarel, uma especie de faia. Identificando essa planta, Gaffarel transcreve o seguinte trecho da *Cosmographie Universelle* (f. 1014) do referido franciscano: "*Le capitaine Jaques Cartier avec lequel me suis tenu cinq mois, en sa maison à Saint Malo en Bretagne, et autres capitaines et gentils hommes dignes de foy, mesmes un chanoine de la ville d'Angers qui assista à l'embarquement, m'assenerons tous la chose estre veritable: Les Canadeës, n'oubiiront pas l'excellence de ceste liqueur, et se souviendront tousiours de ceux qui en trouuerent l'usage.*"

Today, penso que se trata do *Juniperus communis* L., cujas "bagas" entram na composição da famosa aguardente chamada *genebra* e na do *gitt*, originaria do hemispherio septentrional (norte da Europa, Alaska, Estados Unidos). Cf. M. Pio Carrea, II, p. 174 e 175.

ciosamente resguardada pelos indios canadenses, devido à soffreguidão que têm por essa bebida.

**Videiras nativas no Canadá.** Outra coisa que parece incrível a quem não o viu, são as bellas videiras existentes em varias regiões do Canadá. Nascem por si proprias, sem necessidade de cultivo, dando enorme quantidade de uvas bem nutridas e deliciosas. Não há noticia, porém, de que o vinho seja da mesma qualidade da fructa. E é de suppor como isso pareceu estranho e admiravel aos nossos descobridores.

**Pedrarias da côr de ouro nativo.** É o Canadá todo cheio de montanhas e planaltos. Nas montanhas mais altas se encontram certas pedras, em peso e côr muito semelhantes ao ouro nativo, embora se reduzem a cinzas quando submettidas ao calor do fogo. Se, acaso, a terra fosse escavada mais profundamente, talvez lá se descobrissem minas tão preciosas quanto as das ilhas do Perú. Ferro e cobre, contam-se em abundancia. E, tambem, certas pedras à feição das pontas-de-diamante, originarias tanto das montanhas como dos planaltos. Os franceses, ao descobrirem esses falsos diamantes, pensaram logo que estavam ricos e por isso trouxeram para a Europa grande quantidade do mineral. Dahi o conhecido dicto da actualidade: *é diamante do Canadá*. A pedra, de facto, tem muita apparencia com o diamante de Calicut e das Indias Orientaes, sendo que alguns a consideram uma especie de crystal de primeira.

**A phrase: ó diamante do Canadá.**

**Theorias sobre a origem dos crystaes.** A respeito do assumpto não posso tirar nenhuma conclusão, a não ser a de que o crystal, segundo o dizer de Plinio, provém da neve ou da agua excessivamente gelada. Assim, nos lugares sujeitos à neve, ou ao gelo, este, com a successão dos tempos, solidifica-se e forma um corpo brilhante e transparente. Mas, Solino considera tal theoria erronea, pois, se o crystal proviesse exclusivamente da neve, esse mineral

só existiria em regiões muito frias, — como o Canadá e outras similares; a experiencia, entretanto, vem provando o contrario, uma vez que foi o mesmo encontrado em Chypre, em Rhodes e em varios lugares do Egypto ou da Grecia (realmente assim é, porquanto, quando estive nesses países encontrei lá bastante crystal). Donde a seguinte conclusão: o crystal não é agua congelada, visto serem as referidas regiões, ao contrario do Canadá, mais sujeitas ao calor do que ao frio. Diodoro affirma, todavia, que o crystal provém da agua pura; não da agua congelada pelo frio, mas da agua solidificada pelo calor excessivo.

**O crystal do Canadá.** O crystal canadense, não obstante, é muito scintillante e dá melhor idéia de uma pedra fina do que o de Chypre e o de outros lugares.

**Como os antigos estimavam o crystal.** Os antigos imperadores romanos apreciavam muito o crystal de qualidade, do qual mandavam fabricar taças ou estatuetas, que guardavam cuidadosamente em seus camarins e erarios. O mesmo faziam os reis egypcios, ao tempo do esplendor de Thebas-a-Grande, ornamentando as sepulturas com objectos de um precioso crystal importado da Armenia Maior e das regiões para o lado da Syria. E com esse material eram esculpidas, em tamanho natural, as imagens reaes, para assim perpetuar-se a memoria dos monarchas.

**Qual a sua applicação.**

Eis de que modo os antigos estimavam o crystal, ou d'elle faziam uso. Ainda hoje, é o crystal empregado na fabricação de vasos e copas, — costume realmente apreciavel, se não fôra a sua fragilidade.

**Jaspes e cassidonias.**

No Canadá, afinal, existe uma boa quantidade de jaspes e de cassidonias.

DOS TREMORES DE TERRA E DAS SARAIVAS,  
MUITO FREQUENTES NO CANADÁ.

O Canadá é muito sujeito a os tremores de terra. Causa desse phenomeno.

As regiões do Canadá são excepcionalmente sujeitas aos tremores de terra e às saraivas. Mas as populações, ignorando as causas dos phenomenos naturaes, embora frequentes (sobretudo os phenomenos celestes), ficam tão aterrorizados que os attribuem aos seus deuses, por qualquer motivo irritados ou offendidos. Os tremores de terra, todavia, originam-se dos ventos encerrados nas cavidades da terra, os quaes, agitando-se, produzem movimentos, iguaes, pelo mesmo motivo, aos das arvores e aos de outros objectos. Assim o explica Aristoteles nos *Meteoros*. Também não é de admirar que a saraiva appareça, ali, igualmente amiude, dado a intemperança e inclemencia do clima, sempre frio em qualquer trecho do seu territorio, pois o sol jãmais se approxima tanto do Canadá quanto das regiões situadas nos tropicos. E, assim, a agua, devido à baixa temperatura, cae do céu sempre congelada, isto é, em forma de neve ou de granizo.

A saraiva, tambem frequen- te no Canadá.

Os selvagens, logo que se sentem attingidos por essas calamidades, recolhem-se, afflictos, às proprias cabanas, inclusive os animaes criados domesticamente, entregando-se, logo, ao culto dos seus idolos, — umas figuras semelhantes, no aspecto, à fabulosa Melusina do Lusignan, metade serpente, metade mulher. Realmente, a cabeça dos referidos

ídolos, com sua cabelleira, é, de accordo com a mentalidade primitiva, a representação tosca da mulher, tendo o resto do corpo em forma de serpente, — imagem que poderia dar motivo aos poetas para fazer de Melusina a deusa dos selvagens canadenses, porquanto, segundo esse romance, guardado commumente em casa pelos narradores ou cantadores, foi voando que aquella fada desapareceu.

**Os tremores de terra são perigosos.**

Embora conheçamos suas causas evidentes, os tremores de terra são realmente perigosos. E, já que vem a proposito, lembrarei as theorias de alguns philosophos naturalistas sobre esses phenomenos e suas consequencias ou effeitos.

**Theorias de alguns philosophos sobre os tremores de terra.**

Thales de Mileto, um dos sete sabios da Grecia, ensina que a agua foi o começo de todas as coisas e, fluctuando a terra nos mares, qual um navio em pleno oceano, soffreu ella perpetuos tremores, uns maiores, outros menores. Da mesma opinião era Democrito. A agua (acrescenta Democrito), infiltrando-se, por meio das chuvas, de solo a dentro, chega a um tal excesso que não cabe nas veias e intersticios da terra. Dahi os tremores; dahi os mananciaes e fontes. Já Anaxogoras pensa que os tremores de terra são devidos ao fogo. Impulsionado para o alto, isto é, para as suas fontes originarias, o fogo causa o dito phenomeno, abrindo, em certos lugares do globo, frinchas, sorvedouros, etc. Tanto isso é verdade — observa — que há fogo em varios trechos de sua crosta. Diz Anaximenes, por sua vez, que é a propria terra a causa do phenomeno, pois, estando a principio aberta, o ar, impellido pelo ardor forte do sol, penetrou em seu interior excessiva e violentamente e de lá já não pôde mais sair: a crosta terrestre se tinha ajustado e comprimido. São os movimentos do vento, ali preso, que produzem os tremores de terra.

A theoria de Anaximenes é, segundo me parece, a mais acertada, porquanto, de accordo com Aristoteles, o vento não é mais do que o ar impetuosamente agitado. Mas tambem é certo que os tremores de terra podem ser explicados por outras razões, estranhas a todas essas theorias. A simples vontade do Senhor, de todos nós desconhecida, pode muito bem justificar a causa do dito phenomeno.

**Consequencias dos tremores de terra.**

As consequencias dos tremores de terra são a destruição de villas e cidades. Assim aconteceu, por exemplo, a sete cidades da Asia, ao tempo de Tiberio Cesar e à metropole da Bithynia, durante o reinado de Constantino. Varias povoações tambem foram tragadas pela terra ou submersas pelas aguas, a saber, Helice e Bura, proximas de Corintho. Os tremores de terra, em resumo, são, algumas vezes, de tal vehemencia que, além da destruição de cidades, faz dos continentes ilhas (como aconteceu à Sicilia, a certos lugares da Syria, etc.), ou une as ilhas aos continentes (tal foi, segundo Plinio, o caso de Dromisco<sup>1</sup>, de Perna, de Mileto). Succedeu mesmo que, na velha Africa, diversas planicies e campos estão, hoje em dia, transformados em lagos. Conta Seneca, finalmente, que um rebanho de quinhentas ovelhas (fora as aves e outros animaes), desapareceu, certo momento, em consequencia dos tremores de terra. E dahi, a razão por que esses animaes, levados mais pela experiencia, buscam, preferentemente, os littoraes ou ribeiras, por serem taes lugares menos sujeitos aos tremores de terra. Attendendo-se às causas acima indicadas, facil é imaginar a razão desse facto<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> No texto, *Doromisce*.

<sup>2</sup> Thevet refere-se aos movimentos *tectonicos*. Mas há, tambem, *tremores vulcanicos* e os tremores denominados de *desabamento* ou *derrubamento*, estes produzidos pela filtração das aguas. Cf. Sigmund Günther, p. 38, *sq.*

O Canadá não é zona de vulcões, nem está situado em nenhum dos onze grandes focos ou hypocentros, delimitados por Montissur de Ballore, donde partem os movimentos sismicos ou terremotos. Todavia, posteriormente aos estudos de Montissur de Ballore, isto é, em 1925, foram verificados abalos mais ou menos fortes na zona da bacia do São Lourenço.

O templo de Diana, em Epheso.

Como foi edificado em um lugar alagadiço.

Os tremores de terra, no Canadá, são muito violentos.

Para evitar a destruição produzida pelos tremores de terra, o celebre templo de Diana, em Epheso, foi edificado sobre estacas fincadas num sitio alagadiço. O templo de Diana, considerado, por sua sumptuosidade, uma das maravilhas do mundo, durou dois seculos, até que foi destruido por certo louco chamado Helvidio, ou, como pretendem outros, Eratosthenes<sup>1</sup>. Esse louco, para perpetuar o seu nome, pôs fogo no templo e reduziu-o a cinzas, pelo que os romanos levantaram outro magnifico templo, o de Hercules, perto do Tibre, fazendo nelle seus sacrificios e orações.

Os tremores, no Canadá, são, algumas vezes, tão violentos que, a cinco ou seis leguas das aldeias indigenas, encontram-se umas duas mil arvores caidas no chão, assim como rochedos subvertidos e terrenos afundados. E tudo isso, que tambem pode acontecer a outros países, é devido às agitações do globo.

Eis o que são os tremores de terra.

<sup>1</sup> Aliás, Erostrato, conforme lembra Gaffarel.

## CAPITULO LXXXII

### DA REGIÃO CHAMADA DE TERRA NOVA.

Deixando a altura do golfo do Canadá, rumámos para o norte e afastámo-nos da terra do Lavrador, das ilhas dos Diabos<sup>1</sup> e do cabo do Marco<sup>2</sup> (o qual dista da linha equinoccial cincoenta e seis graus). E, assim, costeámos, à nossa esquerda, o país conhecido pelo nome Terra Nova.

A Terra Nova é uma região extraordinariamente frígida, motivo por que os seus descobridores nella não se estabeleceram definitivamente; os traficantes também lá não permanecem muito tempo. Prolongando uma das extremidades do Canadá, possui um rio, que, por sua amplitude e largura, quasi se confunde com o mar. Esse rio, chamado dos Três Irmãos, dista do archipelago dos Açores quatrocentas leguas e da França novecentas, separando aquelle país do Canadá<sup>3</sup>. Algumas pessoas, hoje em dia, consideram-no

<sup>1</sup> As ilhas dos Diabos figuram, segundo Gaffarel, em todas as cartas geographicas do seculo XVI: "*La carte de l'Atlantique* (observa esse historiadór) *inséréc dans le Ramusio* (II, 336) *place au nord de Terre-Neuve l'île dos Diablos, dont on voit, en effet, une légion voltiger à l'entour. Cortereal* (Ramusio, III, 127) *donnait à une île sur la côte du Labrador le nom d'Isola de los Demonios. Ruysch dans son Atlas de 1507-1508 insère encore dans ces parages une insula dæmonum. Thevet dans sa Cosmographie Universelle et Ortelius dans son Theatrum mundi l'enregistrent avec soin. Ces îles paraissent correspondre aux nombreux îlots qui entourent Terre-Neuve*".

<sup>2</sup> O cabo do Marco apparece, realmente, no mappa de Diego Ribeiro (1529) e em duplicata, desde 1505, na carta de Reinel.

<sup>3</sup> Trata-se, na realidade, do estreito de Belle-Isle, ou, talvez, do golfo de São Lourenço.



uma especie de estreito, semelhante ao de Magalhães, servindo de communicação entre o mar Oceano e o mar do Sul, ou Pacifico: Gemma Frisius, de facto, embora perito em assumptos de geographia mathematica, caiu nesse engano, querendo persuadir que o referido rio é um estreito, ao qual dá o nome de Septentrional (e, assim, o desenhou em seu *Mappa-mundi*). Mas, se isso fosse verdade, em vão espanhoes e portuguezes não teriam procurado outra passagem para o mar do Sul, em busca das especiarias das Molucas, distante daquelle nada menos de três mil leguas.

A Terra Nova está povoada de povos barbaros, que se vestem, como os do Canadá, de pelles de animaes selvagens. São muito cruéis e indocéis, segundo puderam observar os que vão ali pescar o bacalhau, peixe que serve de alimento aos europeus. Essas populações maritimas só vivem de peixes, que apanham em grande quantidade, especialmente, os lobos-marinhos, cuja carne é muito sabo-rosa. Da gordura do lobo-marinho fabricam os indigenas certa especie de azeite, que, depois de derretido, torna-se amarellado e é bebido, às refeições, tal qual o vinho e a agua. Da pelle desse peixe, a qual, em dureza e tamanho, iguala a de qualquer outro animal terrestre, dos grandes, fazem os indios, a seu modo, mantos e roupas. E admira, realmente, como de elemento tão umido quanto o mar, — essencialmente umido mesmo, — possam nascer animaes de pelle secca e consistente. Nos mares da Terra Nova existem, ainda, muitos peixes revestidos de couro endurecido (os marsuinos e as lixas), ou recobertos de placas ou conchas resistentes (as tartarugas, as ostras e os mexilhões). Isso sem fallar nos demais peixes, de todos os tamanhos, tão abundantes, que servem de alimento commum aos nativos. Admira-me como os turcos, gregos, judeus e diversos povos mais do Levante não comem o golfinho, nem varios outros peixes desprovidos

**Azeite fabrica-  
do da gordura  
do lobo-mari-  
nho.**

**Superstição peculiar a diversos povos do Levante.**

arabes.

**De que peixes se alimentam as baleias.**

de escamas, quer os do mar, quer os da agua doce. E nesse particular, isto é, na escolha dos alimentos mais delicados, os selvagens da região acima referida são mais intelligentes do que essa mixórdia supersticiosa de turcos e arabes.

Na Terra Nova encontram-se baleias (ou melhor, no alto mar, pois esse peixe jámais se aproxima do littoral). A baleia vive dos peixes miudos, os quaes, ordinariamente, não são maiores do que as carpas, — coisa realmente incrível, tendo-se em vista a estatura da baleia. A explicação, segundo alguns, está na sua garganta proporcionalmente estreita, pela qual, portanto, não podem passar bocados muito grandes. Essa particularidade, realmente admiravel, passou despercebida a todos os autores, antigos e modernos, que trataram ou descreveram os peixes. A femea da baleia, ao contrario dos demais peixes oviparos, pare à maneira dos animaes terrestres, um filhote de cada vez, amamentado-o, — o que é ainda mais estranho, — logo que este nasce (no ventre da femea vêem-se mesmo as mamas, abaixo do embigo). Nenhum outro peixe do mar, ou da agua doce, a não ser o lobo-marinho, amamenta as suas crias. Tal é, tambem, a opinião de Plinio.

**O encontro da baleia, no mar, é perigoso.**

O encontro da baleia, no mar, é muito perigoso, como, por experiencia propria, o sabem os pescadores bayonneses. Quando estive na America, aconteceu, por exemplo, que o barco de certo flibusteiro, ao navegar de um porto a outro, virou com a carga e tudo, só por ter soffrido a rabanada de uma baleia.

**Um peixe, inimigo natural da baleia.**

Na região onde vive a baleia, tambem se encontra o seu perpetuo inimigo. Esse inimigo é um peixe, que, approximando-se della, ataca-a no ventre, — a parte mais fragil do animal. A lingua de tal peixe é cortante e aguda como a

lanceta de um barbeiro: quando assim ferida (segundo dizem os habitantes da Terra Nova e os pescadores em geral), só difficilmente se pode salvar a baleia.

Na Terra Nova há outros peixes de escamas, entre os quaes um, a que os selvagens dão o nome de *hebec*<sup>1</sup>. Tem a bocca semelhante à do papagaio. Tratando ainda dos peixes, mencionarei, finalmente, os mexilhões (dos grandes) e os golfinhos, ambos ali abundantes. Os golfinhos apparecem frequentemente, à flor das vagas, ou à tona da agua, aos saltos e aos rodopios. A sua presença é, na opinião de algu-

mas pessoas, presagio de tormenta, acompanhada de ventos impetuosos partindo do lugar donde surgem esses peixes. Assim o ensinam

Plinio, Isidoro (nas *Etymologias*), etc., e, mais do que todos esses autores antigos, a minha propria experiencia. Sem o proposito de afastar-me do assumpto, quero lembrar que, no dizer de certos escriptores, há, para quem viaja no mar, cinco especies de presagios ou prognosticos, conforme diz Polybio, companheiro de Scipião Emiliano na Africa.

Os animaes terrestres são, do mesmo modo, muito numerosos, selvagens e perigosos. Taes como os grandes ursos, quasi todos brancos. Outro tanto direi das aves, cuja côr é também, em geral, quasi branca. A côr branca dos animaes é devida ao clima excessivamente frio do país.

Os ursos, noite e dia, importunam os selvagens, indo às suas cabanas à cata das reservas de peixe e de azeite. Pelo que os indigenas, afim de evitá-los (já contei isso na minha *Cosmographia do Levante*), abrem profundos fossos, cobrindo-os, em seguida, levemente, de ramos e folhas. Os fossos são abertos perto das arvores ou rochas, ou melhor, nos sitios onde existem enxames de abelhas, — alimentos que os ursos procuram com avidéz e do qual são muito gulosos, principalmente, segundo julgo, para a cura dos olhos e da cabeça (partes do animal, por sua propria natureza,

<sup>1</sup> Talvez o papagaio (*Holacanthus tricolor*), especie de parú-tucano.

pouco resistentes e que, quando picadas pelas abelhas, sobretudo a cabeça, deitam sangue). O mel traz aos ursos bastante allivio.

Na Terra Nova existe uma especie de animal como o bufalo, de cornos assás possantes e de pello acinzentado. Desse couro fazem os indios roupas. E mais diversas outras feras de pelles muito preciosas e singulares. Essa região é montanhosa, porém pouco fertil, não só por causa da intemperança do clima, como porque se acha incompletamente habitada e, por consequencia, mal cultivada.

Os passaros não são tão numerosos e bellos quanto os da America e do Perú. Há duas especies de **Duas especies de aguias.** aguias, uma das quaes aquatica, vivendo quasi que só de peixes e de certos grossos molluscos. Essas aves, levando os molluscos para o alto, deixam-nos cair em terra; com a queda, estes partem-se e, assim, as aguias os podem facilmente comer. As aguias, de que falo, nidificam nas grossas arvores existentes no littoral maritimo.

Regam a Terra Nova varios bellos rios, cheios de excellente peixe. As populações só appetecem o necessario para a sua substancia; de modo que não mostram interesse por comidas estranhas, nem as vão procurar em países longinquos. Os alimentos usados são os mais sadios, vivendo todos em duradoura saude e paz, sem ambição pelas coisas alheias, — visto que há igualdade quanto aos bens patrimoniaes. Tambem não se vêem dissensões a respeito do emprego da justiça, uma vez que ninguem procura cometter nenhum acto reprovavel, embora, como acontece entre os selvagens da America e de outras partes do continente, suas unicas leis sejam as da natureza.

Os habitantes da faixa maritima vivem communmente de peixe, como já se disse; os do interior de fructos, que a terra produz, na maior parte sem ser preciso nenhuma cultura ou trabalho, isto é, à maneira dos antigos, segundo a lição de Plinio. Pois é verdade que a terra ainda hoje

produz sem o auxilio do labor humano. Diz Virgilio que a agricultura começou com o facto de a floresta de Dodone já não poder satisfazer às necessidades de população crescente, talvez por causa da sua idade, — o que a constrangeu a laborar o solo para d'elle retirar os proventos. E eis o que eu tinha a dizer quanto à agricultura dos povos da Terra Nova.

**Maneira de guerrear dos selvagens da Terra Nova.** Os selvagens dessa região não são muito dados à guerra, excepto se os inimigos os vão provocar, defendendo-se, nesse caso, à maneira dos indios do Canadá. Flautas de ossos de veados e tambores redondos, feitos de pelle esticada, — são os seus instrumentos excitantes. As flautas assemelham-se às dos silvicolos canadenses.

Logo que os indigenas da Terra Nova percebem, ao longe, o adversario, preparam-se para combatê-lo com os seus arcos e flechas. Antes do encontro, o rei, principal guia dos guerreiros, apparece à frente de todos, revestido de bellas pelles e plumas e montado às espaduas de dois possantes selvagens, — afim de que os combatentes o reconheçam e mais facilmente lhe prestem obediencia. E só Deus sabe como é esse chefe festejado, se a victoria o favorece.

**Pendões estranhos.** Finalmente, assim que os guerreiros retornam, contentes, às suas cabanas, exhibem seus pendões desfraldados. Taes pendões consistem em ramos adornados de pennas de cysnes, que esvoaçam no ar: na ponta dos ramos, em signal de triumpho, trazem os indios a pelle do craneo<sup>1</sup> dos inimigos, esticada e formando uma especie de rodella, — tal qual como se vê na gravura precedente.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> No texto, *la peau du visage*. Mas, Thevet quer referir-se propriamente à pelle do craneo, arrancada com o cabello (*scalp*).

<sup>2</sup> Essa gravura, ao que parece, perdeu-se.

CAPITULO LXXXIII

DAS ILHAS DOS AÇORES.

**O archipelago dos Açores.**

Origem do seu nome. Por que é temido pelos navegantes.

Da nossa viagem resta apenas tratar de algumas ilhas, chamadas dos Açores, que, ao bordejar, deixámos à dextra, com serio perigo de naufragio, porquanto, ao norte e ao sul desse archipelago, numa extensão de três ou quatro graus, sopra o mais frio, violento e assonbroso vento possível. Dahi o temor e respeito, que os pilotos ou navegantes têm pelas referidas ilhas, as quaes constituem, realmente, uma perigosa rota quer para a America.

Nessas regiões, o mar jãmais se acha tranquillo, mas, ao contrario, levanta-se frequentemente, formando turbilhões ou redomoinhos, — tal qual faz ao pó e à palhinha secca da terra, — isto é, uma especie de pyramide de fogo, que, conforme já vi varias vezes, attrahe a agua para o alto, parecendo que o vento tem, tambem, movimentos circulares de baixo para cima (sobre esse particular, já tratei alhures). E dahi a origem do nome dessas ilhas, porquanto é o vento, ali existente, quem causa esse impeto do turbilhão (note-se ainda, que *essorer* que fizer seccar ou enxugar ao vento) <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O archipelago dos Açores deve seu nome às numerosas aves de rapina (falcões, milhafres), que os portuguezes chamavam de *açores*. Cf. D'Avezac, 2.<sup>a</sup> parte, p. 42.

No texto, *Essores*. Dahi o trocadilho de Thevet, "*pourquoy elles sont ainsi nommées pour le grand essor que cause le vent esdites isles*" (f. 165).

Os Açores distam da França cerca de dez graus e meio, sendo em numero de nove. As mais importantes estão hoje povoadas pelos portuguezes, que para lá transportaram muitos escravos destinados à lavoura. Devidamente trabalhadas, as terras se tornaram férteis, produzindo todos os bons fructos necessarios à existencia humana, sobretudo o trigo, cuja abundância é sufficiente para supprir a metropole.

**Fertilidade das Ilhas dos Açores.**

O transporte do trigo é feito em magnificos navios, juntamente com varios outros productos da região açoriana e das demais colonias, inclusive uma a que dão o nome de *hirci*<sup>1</sup>. O *hirci* foi trazido das Indias, pois, antes, não existia em nenhum desses archipelagos, quer nos Açores, quer nas ilhas Afortunadas, — nem mesmo na Europa, onde, anteriormente ao cultivo da terra e à plantação ou sementeira dos fructos, contentavam-se os homens apenas com o que lhes fornecia a natureza (bebida, a agua pura das fontes; roupas, as cascas das avores, as folhagens, algumas peles, como já se disse). Por onde se pode perceber claramente a admiravel providencia divina, semeando os mares, — o mar Oceano, o mar Mediterraneo, etc., — de numerosas ilhas, umas maiores, outras menores; ilhas que, sem soffrer o menor abalo, ou sem incommodo para os naturaes, supportam a investida das vagas e das tempestades (pois o Senhor, como dizia o propheta, tendo traçado os limites do mar, este não os poderá ultrapassar), estando algumas habitadas, quando outrora eram desertas, outras, ao contrario, desertas, quando, antigamente, eram habitadas, — como, por exemplo, aconteceu a numero-

<sup>1</sup> No texto, *Hirci*; à margem, *Hircy*. Gaffarel identifica-a com a canna-de-açúcar.

Henri Cassini (*Dict. des Sc. Nat.*, XXVIII, p. 199) registra o *hirci-barbula* e diz que esse era o nome antigo do *tragopogon*. As *tragopogonoides* são as mesmas plantas, que Linneu reuniu às *salsifis*. A *hirci*, de que fala Thevet, talvez seja a escorcioneira (*Scorzonera hispanica* L.), também chamada *Salsifi negro* ou *Salsifis d'Espagne*. As raízes da escorcioneira constituem um "legume" bastante apreciavel. Cf. M. Pio Correia, II, p. 566 e 567.

sas villas e cidades do Imperio Grego, de Trebizonda e do Egypto. Em summa, as coisas terrestres, segundo os designios do Criador, são de natureza varia e mutavel, — pelo que os cosmographos modernos, reconsiderando o problema, accrescentaram às tabuas de Ptolomeu as indicações novas, que vieram ao nossos conhecimento após ellas terem sido feitas.

Os Açores eram, pois, desertos<sup>1</sup>, anteriormente à colonização portugueza, estando recobertos de madeiros de todas as sortes, entre os quaes, uma especie de cedro que os indigenas chamam de *oracantin*<sup>2</sup>, com o qual se fabricavam varias lindas obras (mesas, cofres, barcos). Essa madeira é maravilhosamente odorante e não está sujeita, como as demais, à corrupção, quer esteja em contacto com a terra, quer com a água. Plinio, realmênte, observa que, ao seu tempo, em Roma, foram descobertas, em certo sepulcro, entre duas pedras, alguns livros de philosophia, guardados num cofre de cedro, que tinha estado enterrado por espaço de quinhentos annos. Recordo-me, tambem, ter lido que Alexandre-o-Grande encontrou um navio de cedro, que havia permanecido submerso, no mar, por duzentos annos. A madeira estava perfeita. E dahi vem a phrase

**Oracantin,**  
uma especie de  
cedro.

**Cofre de ce-**  
**dro.**

**Navio de ce-**  
**dro.**

<sup>1</sup> Observa Gaffarel que os Açores já eram conhecidos dos marujos e geographos europeus, muito antes dos portuguezes. "*Le père Cordeyro, auteur d'une histoire de l'archipel (accrescenta), raconte qu'un Grec y fut jeté par la tempête en 1370. Sur toutes les cartes du XIV<sup>e</sup> siècle, en remontant jusqu'au Partulan Médecien de 1351, sont figurées les îles avec une remarquable exactitude dans leur groupement, elles portent toutes des noms italiens (L'Ovo, Cabrera, Brazil, de Colombis, de la Ventura, San Zorzo, de Corvis marinis, etc.). Le hasard des courses maritimes avait donc révélé l'existence de cet archipel longtemps avant 1431, époque de l'arrivée des Portugais*".

Dados mais completos sobre o assumpto no *Diccionario de Geographia Universal por uma "Sociedade de Homens de Letras"*, I, p. 16 (sob a direcção de Tito Augusto de Carvalho).

<sup>2</sup> Talvez o *if blanc* (*Taxus baccata* L.).



Uma phrase latina. latina *digna cedro*, isto é, digno de merecer eterna memoria.

Parece-me que os cedros dos Açores não são tão elevados quanto os do estreito de Magalhães, nem, do mesmo modo, tão odoríficos, embora não haja muita differença na estructura de ambos. Nessas ilhas existem, ainda, varias outras arvores e arbustos, de excellentes fructos, sobretudo na principal e mais povoada, de nome

A ilha de São Miguel. São Miguel. Em São Miguel há uma bella cidade, com seu forte, construida em tempos passados, onde ancoram, em busca de repouso, os navios espanhoes ou portuguezes, que retornam das Indias.

Em certa ilha do archipelago dos Açores vê-se um monte quasi tão elevado quanto o Teneriffe, de que já tratei em outra parte. Na referida ilha existem, em abundancia, pastel e açúcar, assim como um pouco de vinho<sup>1</sup>. Nella não se encontra nenhum animal de rapina, mas apenas algumas cabras selvagens e, nos bosques, innumeradas aves.

O cabo Finisterra. Deixando o archipelago dos Açores, ancorámos no cabo Finisterra, situado em terras da costa espanhola, afim de conseguir, embora tardiamente, os viveres, dos quaes havia, à bordo, tanta indigencia e, em seguida, continuamos o nosso caminho para a Bretanha, territorio sob a jurisdicção do rei de França.

Epilogo do autor. Eis, ahi, leitores, a narração de minha longa viagem ao Poente, que fiz, não só para tornar-me util, como porque ninguem ainda a descreveu, até o presente, em termos o mais summariamente possivel, todavia não tão precisos quanto o merece a delicadeza dos vossos ouvidos, ou quanto possa satisfazer ao vosso juizo critico apurado. Peço-vos excusas por Deus não ter permittido que eu consumasse a mocidade no estudo das bellas-lettras, em vez de gastá-la em viagens, com o que só assim poderia adquirir a perfeicção de tantos outros escripto-

<sup>1</sup> O frade refere-se à ilha do Pico. Nos Açores, realmente, existiam todas as culturas, de que fala Thevet, inclusive a do pastel (*Isatis tinctoria* L.).

ies. Se, todavia, receberdes de bom grado o meu trabalho, elaborado tumultuariamente, em virtude das tempestades e outras afflicções passadas tanto em terra, como no mar, —

**Cartas do autor contendo a localização e distancia dos lugares.**

isso me animará, após o devido repouso e sossego de espirito (esse espirito como que diffundido ou esparso), a escrever mais amplamente sobre a distancia e situação geographica dos lugares, por mim observados pessoalmente, no oriente, no sul e no occidente, das quaes pretendo ainda dar uma idéia através das mais vivas estampas ou paginas.

As cartas geographicas modernas (ouso dizer, sem offensa de ninguem) são, em muitos aspectos, defeituosas, por falta, talvez, de desenhistas ou artistas que taes. Demais, é penoso e mesmo impossivel projectar, com precisão, os lugares e as regiões notaveis, localizá-los, indicar-lhes as distancias. etc., sem os ter observado visualmente, — pois é essa, como todo o mundo sabe, a melhor maneira de adquirir-se o seu conhecimento. Basta lembrar quanto, por longos tempos, viveu a humanidade na ignorancia da existencia de varios países, — ilhas ou continentes, — não indo além do que haviam visto ou escripto os antigos. Até quando, de certos tempos a esta parte, com a ousadia dos navegantes, descobriu-se todo o nosso hemispherio. Esse hemispherio, que estava habitado, Ptolomeu e os demais geographos só o conheciam pela metade.

Appenso



## NOTAS SOBRE O "PIAN"

Pelo dr. EUSTACHIO DUARTE

(Da Sociedade de Medicina de Pernambuco)

A mais antiga referencia ao *pian* na America, dentro do periodo historico, não data, como se pretende, de 1535, com o apparecimento da *Historia Geral das Indias Occidentaes*. Alguns annos antes de Oviedo e de Valdés, notava Díaz del Castillo (1519), chronista da expedição de Cortés ao Mexico, que as boubas haviam infestado o exercito da conquista antes mesmo da invasão do imperio tolteca.

Através desses primeiros relatos, pode-se concluir que o mal era velho entre as populações primitivas das Antilhas. Mas a chronica primaria não fixou a sua designação indigena; registou a denominação vulgar de *bouba*, peculiar aos países ibericos, dando margem à suspeição de que a doença já era conhecida do europeu antes de suas aventuras por terras da America.

Os vestigios do *pian* se perdem nos tempos mais recuados da historia do mundo. Segundo López Benzoni e Pedro Cieza de León (*Chronica del Perú*), os incas conheciam e tratavam as boubas. Pusey (*History of Dermatology*) informa que o mal infestara os hebreus do tempo de Moysés. E Levacher, cujas pesquisas remontam ao anno de 46 A. C. (*Histoire du Pian — Origine des ses differents noms*, Paris, 1847) testemunha que a doença existia entre os exercitos de Julio Cesar. Essa referencia coincide com as dos pesquisadores D'Alibert e Swediaur (*Maladies Venériennes, t. II*) sobre a existencia da bouba entre os povos antigos da Escocia e os primitivos celtas, a qual era commum na Gallia à epocha da invasão da Irlanda. Embora affirme este ultimo autor não haver encontrado vestigio algum do *pian* nos velhos livros gregos e latinos, a historia da queda do imperio romano assignala a presença do mal entre os barbaros.

As chronicas da epocha dos descobrimentos vão dando noticia da bouba, como doença peculiar às populações selvagens das mais distanciadas regiões continentaes. Para Koeniger, a doença é autochthone em Samoa. Os que navegaram a Oceania, como o famoso

explorador Cook, encontraram o *pian* nas tribus polynesianas. Smith, igualmente, observou a doença entre certas tribus dos mares do sul, isentas ainda de contacto com outros povos (*Voyages aux isles de Java, Sumatra et dans celles de l'Archipel des Molusques*, 1761).

Não se pode afirmar a inexistencia do mal no continente africano antes do nosso periodo historico. Mas D'Alibert, que dirigiu as suas pesquisas nesse sentido, chegou a dizer que a boubá não existia na Africa "antes dos séculos da Idade Media" (*Dictionnaire des Sciences Médicales*, vol. XVI, *apud* Levacher). Sem embargo, há indícios que levam à crença de que a boubá já infestava a faixa occidental africana ao tempo das primeiras expedições portuguezas. Gomes d'Azurara (*Chronica do Descobrimento da Guiné*), que enriqueceu a botanica medica no sec. XV com subsidios valiosos, refere-se a certa planta africana com applicação sobre a doença, cujos signaes coincidem com os da treponemose.

Os depoimentos sobre as conquistas castelhanas no sec. XVI enriquecem o documentario historico da boubá na America. Nicolau Monardes, celebre medico sevillhano, mostrava, em 1565, como os indigenas americanos combatiam a doença (*De Simplicibus Medicamentis ex-Occidentali India delatis*, 2.<sup>a</sup> ed., Antuerpia, 1574). Fr. Bernardino de Sahagun, que viveu cinco lustros entre populações toltecas, divulgava, em 1569, a therapeutica mexicana primitiva, na sua *Histoire Générale des choses de la Nouvelle Espagne* (ed. de 1880). Francesco Hernández, medico do rei Philline e por este enviado ao Mexico após a conquista, publicava, em 1575, a primeira narrativa espanhola do seu classico *Rerum Medicarum Novæ The-saurus*, onde se acham indicados os medicamentos vegetaes dos amer-índios contra as boubas. O padre Barnabé Cobo (*Historia del Nuevo Mundo*), Pedro Cieza e Antonio Herrera falam do emprego tradicional da salsaparrilha contra o mal no antigo Perú.

\* \* \*

Não há duvida de que as boubas eram tambem doença familiar às populações aborigenes do Brasil. Já as modernas pesquisas afastam de vez a hypothese de importação do mal.

Todas as chronicas da nossa primeira idade colonial alludem às boubas como doença particular ao gentio. Desde Thevet (1557) até Piso (1648), não se encontra entre os annotadores da nossa velha historia qualquer referencia tendente a explicar o exotismo da epidemia. Occupam-se della, nesse periodo, entre outros, Jean de Léry, Pero Gandavo, Gabriel Soares, José de Anchieta, Brandonio, Yves d'Évreux, Vicente do Salvador e Fernão Cardim. Mas só o medico

hollandês, na *Medicina Brasiliensis*, fala, pela primeira vez, da presença de boubas em pelle de negro.

O trafico africano para o Brasil começou na segunda metade do seculo XVI. Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*) fixa em 1549 a entrada das primeiras levas de negros no país. Pedro Calmon (*Espirito da Sociedade Colonial*) calcula-a em 1548. João Ribeiro (*Historia do Brasil*), Calogeras (*Formação Historica do Brasil*) e Renato Mendonça (*A influencia africana no português do Brasil*) informam que aqui chegaram, no terceiro decennio de vida da colonia, os primeiros punhados de escravos da Guiné. Com base nestes depoimentos não se pode responsabilizar o negro pela expansão das boubas entre as tribus do país. Porque já então o mal grassava endemicamente entre o gentio de toda a nossa faixa atlantica.

Convém notar que o colono encontrou aqui o indio traquejado na luta contra o *bian*. "*Elle se guerit promptement par les remèdes indiens*", registava, admirado, o chronista. E esses serviram prodigiosamente aos povoadores brancos.

A therapeutica vegetal indigena contra as boubas era antiga, experimentada e varia: a tinta do *jenipapo* (Gandavo, Gabriel Soares e outros), a *cotahyba* (Gandavo), as folhas do *camará* e do *carobuçú* (Gabriel Soares), a *caroba* especifica (Vicente do Salvador, Fernão Cardim, Piso e Marcgrave), a *curupicalhyba* e as folhas do *maracujá* (Fernão Cardim), a *tayuya* ou *salsaparrilha* (Brandonio, Piso e Marcgrave), etc., — tinham largo uso entre os selvagens contra a doença. A chronica descreve a pratica indigena de manipulação e applicação dos remedios e os resultados surprehendedentes que os indios obtinham com a singular medicina, sempre efficiente e exacta para cural. Serviam-se os aborigenes da tinta de *jenipapo*, não só como curativo, mas tambem como preventivo e prophylactico. Untavam-se com a tintura para evitar a doença, da mesma forma que usavam, nos seus rituaes, para fins mysticos, a *tatagiba* ou o *urucú*.

\* \* \*

A velhissima endemia, a que André Thevet dedicou todo um capitulo do seu precioso livro, offerece aos estudiosos da historia a mais variada synonymia: *bubac*, no antigo idioma celtico; *bian*, no francés (Levacher); *bubas* ou *boubas*, no espanhol e no português; *loba*, na lingua malaia; *sivvin*, no velho dialectico escocês; *vovos*, para os ingleses e norte-americanos; *framboesia* ou *polypapillum*, na designação moderna dos tropicalistas. O padre Labat descreveu-a em 1722 com o nome de *Doença de Loaco* (*Voyages en Afrique et en Amérique*) e pouco depois recolhia, nas Antilhas, o termo *ébian* (*Nouveau voyage aux Isles de l'Amérique, 1724*).

Deve-se talvez a Hillary a vulgarização científica da expressão *yaws*, que ainda hoje predomina nos tratados ingleses. Aquelle medico de Oxford observou o mal nos Barbados, em 1759 (*Observations on the changes of the air and the concomitants epidemical diseases in the island of Barbadoes*). Sob o nome de *swin*, então vulgar na Escocia, a doença foi descripta pela primeira vez por Gilchrist, em 1754 (*Physical and Litterary essaies of Edimburg*).

Os chronistas franceses do Brasil colonial registraram a designação, ainda hoje commum na França, de *pian*; os portuguezes e espanhoes a de *bouba*; os hollandeses a expressão latina *lues venerea*, até hoje ainda não encontrada em outro autor antigo. Devemos referir que Piso, na 2.<sup>a</sup> ed. do seu livro (*De Indiae Utriusque Re Naturali et Medica*, 1658) gravou a palavra *miá*, recolhida dos amerindios.

Rodolpho Garcia, nos seus commentarios a Brandonio (*Dialogos das Grandezas do Brasil*) e Angyone Costa (*Migrações e Cultura Indigena*), com apoio em Baptista Caetano (*Vocabulario da Conquista*), affirmam que *pian* é termo tupi. Levacher nos ensina precisamente o contrario no seu erudito estudo acerca das origens dos differentes nomes da doença:

*“En consultant l’histoire générale du Pian, nous voyons qu’il a sévit sur le genre humain presque à son berceau. Nous descouvrons que les differents noms qu’il porte proviennent tous de la langue celtique et nous le trouvons designée non seulement chez les Celtes et les Gaulois, mais aussi chez les Irlandais, les Escossais, les Anglais, les Espagnols et les Portugais, dès l’origine de ces peuples”.*  
(*Histoire du Pian*).

Nos seus trabalhos de procura dos radicaes correspondentes, encontrou Levacher nos antigos vocabularios da lingua celtica a construcção do termo *pian*, quasi em estado de pureza, exprimindo “*maladie, douleur, tourment*”. O mesmo esforço de pesquisa etymologica do historiador-medico francês estendeu-se aos demais vocabulos designativos da doença, levando-o à conclusão de que, “com excepção da palavra latina *framboesia*, “*toutes les expressions consacrés au pian sont d’origine celtique*”, inclusive a usual denominação portugueza *bouba*, que “*vient du mot celtique bubac. maladie hontense*”. Ora, o dialecto celta pertence às primeiras idades da historia do mundo e sendo as etymologias dos termos consagrados ao mal, segundo Levacher, inteiramente de criação celtica, facil será concluir-se pela antiguidade das boubas no continente europeu.

Não devemos deixar de mencionar que o jesuita Ruiz de Montoya, missionario entre os guaranis do Paraguay do sec. XVII, fixou,



na sua *Arte e Vocabulario de la Lengua Guarany* (Madrid, 1640), a expressão *pian* como indigena. Von Martius, por sua vez (*Reisen in Brasilien*), recolheu e escreveu *pynhã*. Mas é difficil conceber-se como, sendo esse vocabulo de natureza tupi, houvesse escapado à argúcia dos pesquisadores hollandeses. Guilherme Piso, que em todos os capitulos de sua *Medicina Brasiliensis* adoptou as designações indigenas das doenças, das plantas, dos animaes, etc., não mencionou o termo *pian*, facto que intrigou a Levacher. No vocabulario tupi-guarani de Marcgrave (*Historia Naturalis Brasiliæ*) não se encontra igualmente a discutida palavra. Piso estudou a doença sob o rotulo de *lues venerca*, designação que, talvez na falta de um termo local mais apropriado, foi empregada para resaltar a natureza transmissivel da endemia pelo contacto sexual. O medico de Leyde empregou a designação *venerca*, como aliás o fizeram muitos escriptores do seu tempo, não no sentido morbido restricto, mas na sua significação erotica.

\* \* \*

A curiosa expressão *lues venerca*, unica, conforme salientamos, na vasta bibliographia das boubas, tem conduzido alguns estudiosos do assumpto a justificadas confusões. Pirajá da Silva, na sua traducção recente ao livro de Von Martius (*Natureza, Doenças, Medicina e Remedios dos Indios Brasileiros*), inclue uma versão portuguesa do trabalho de Piso sobre as boubas, nos commentarios ao capitulo "Syphilis" do sabio allemão. E Angyone Costa, no seu ensaio citado, afirma que o hollandês errou, do ponto de vista medico, reconhecendo a natureza syphilitica da boubá. Ora, o que mais impressionou aos tropicalistas franceses, que se occuparam dos estudos classicos de Piso, foi precisamente a exacta differenciação clinica que elle fez naquella epocha entre a boubá e syphilis.

Escreveu Piso no seu celebre capitulo de *Lues Venerca*:

"Esta doença, aqui endemica, é chamada pelos espanhoes e brasileiros *boubá*. E assim como se cura mais facilmente com applicação de medicamentos communs indigenas, mais facilmente tambem contamina do que a outra, vulgarmente chamada *gallica*, que se transportou aos habitantes da terra" (*Medicina brasiliensis*, Amsterdam, 1648).

Evidente a distincção entre *lues venerae* e *mal gallico*; entre a boubá peculiar aos indios e a syphilis trazida de fora pelo colono. George Marcgrave, na *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*, publicada em conjuncto com a obra de Piso, tambem faz distincção

entre a *lues venerea* e o *morbo gallico*. Veja-se o seu capitulo sobre a *salsaparrilha*.

A expressão *lues* tinha antigamente uma significação larga e generica, dentro-do campo scientifico. Os que estudam a historia medica encontram frequentemente, nos autores antigos, as expressões *lues divina* para a epilepsia e *lues gallica* para a syphilis. Alguns empregaram a designação *lues indica* para as doenças venereas que infestavam os indios.

A syphilis, cujo apparecimento em character epidemico, na Europa, coincidiu com a phase das descobertas, em virtude da virulencia com que dizimou a França, foi appellidada de *mal gallico* ou *mal francês* e com esses nomes disseminou-se por todo o continente, em particular menção pelos países mediterraneos.

O primeiro trabalho medico sobre a syphilis, apparecido na Europa, foi o de Ruy Diáz de Isla (Barcelona, 1493). Lacumarcino, em 1524, publicava um estudo sobre a doença, então em plena ordem do dia, subordinado ao titulo *De Morbo Gallico*. A palavra *syphilis* appareceu pouco depois com a obra de Joronymo Fracastor, *Syphilis sive de Morbo Gallico* (Verona, 1530). Desde então numerosos escriptos foram divulgados sobre o mal, subordinados ao termo *gallico*. Nesse sentido, o documentario bibliographico é vastissimo. Encontram-se referencias nos trabalhos de Paracelso, G. Fallopio, Jean Fernel, Ambrosio Paré, Valsava, Astruc, etc. E, por interessar particularmente aos estudos americanos, merecem citação os livros *De cura Morbi Gollici per Lignum Guaiacum*, 1517, de autoria de Nicolau Poff, medico de Carlos V; *Liber de Guaiaci Medicinæ et Morbo Gallico*, de Ulrico van Hutten (Moguncia, 1519); *Dialogo del Morbo Gallico*, de Mattioli (Bolonha, 1530) e *De Morbo Gallico*, de Victorio Benedicto (Florença, 1551).

Não há duvida de que os antigos empregavam o termo *gallico* particularizando a infecção syphilitica. Alberto Saavedra (*Linguagem Medica Popular*, "Portugal Medico", 1915) diz acerca do termo: "Esta palavra *gallico* foi primitiva e propriamente applicada *sõmente* à *syphilis*".

Francisco da Fonseca Henriques, autor do *Madeira Illustrada* (Lisboa, 1751), dedicou um capitulo do seu livro ao *Metodo de conhecer e curar o Mal Gallico*. A esse proposito, diz Fernando São Paulo, que, "dos escriptos venerandos fornecidos pela antiga medicina lusa, retira-se o conceito *de ser a syphilis o denominado gallico*". Até os meados do seculo XIX era commum nos liros medicos essa expressão applicada à syphilis. Imbert, que escreveu em 1834 o seu *Tratado Domestico das Enfermidades dos Negros*, intitula de *Virus Gallico* o seu capitulo sobre a syphilis e demais infecções do grupo venereo. Da palavra *gallico* surgiu e generali-

zou-se o derivativo *gálicado* ou *engálicado* (Fernando São Paulo — *Linguagem Medica Popular no Brasil*, 1936), que passou às gentes incultas, applicando-se, ainda hoje, geralmente, aos portadores de males venereos.

\* \* \*

Levacher resaltou o espirito clarividente de Guilherme Piso, distinguindo a boubá da syphilis, numa epocha ainda nebulosa para a dermatologia. Mas o curioso é que os proprios indios faziam essa distincção e, graças a isso, talvez Jean de Léry não chegou a incorrer no erro de outros chronistas como Oviedo, Brandonio ou Fèvreux, que, levando em conta a natureza venerea das doenças, emprestaram às duas os signaes de uma só entidade. Léry, nesse ponto, foi tambem exacto: "...os que são accomettidos de boubas ficam com cicatrizes toda a vida, como acontece com os syphiliticos e portadores de cancos" (*Histoire d'une voyage fait en la Terre du Brésil*, 1578).

Os nossos indigenas tinham designações differentes para os dois males e, segundo varios autores, entre elles Von Martius, os aborigenes responsabilizavam o povoador branco pela introducção da syphilis nas tribus.

A nossa historia das boubas, como a da syphilis, — salientava há pouco Waldemir Miranda (*A Boubá no Nordeste Brasileiro*), tem sido uma constante fonte de discordia. As duas preponemoses se confundem até sob o ponto de vista historico.

Alguns escriptores medicos autorizados, como Sigaud, Alphonse Rendu, Cruz Jobin, Gama Lobo e Silva Araujo, sustentaram a opinião de que não existia a boubá entre os aborigenes do Brasil, antes da descoberta, reforçando a convicção de que o mal fôra transportado da Africa com os negros. Hoje, esse juizo não mais prevalece. Silva Lima (*Nosologia das boubas, do Maculo e Dracontiasse no Brasil*, 1894) e, com elle, Placido Barbosa, Cassio Rezende, Rodolpho Garcia, Angyone Costa e outros, já procuraram desfazer aquella affirmativa em favor da these de existenciá do mal na America pré-colombiana. E, á vista dos novos e definitivos subsidios, que juntaram ao assumpto os modernos pesquisadores da medicina pré-historica sul-americana, ninguem mais, conscientemente, deixará de affirmar que a boubá esteve ligada á tragedia racial do tupi-guarani, como igualmente dos povos primitivos das Americas.

Já é tempo de situarmos o verdadeiro papel do africano na modificação do nosso primitivo quadro nosographico. Em trabalho anterior (*Os primeiros estudos de Medicina no Brasil*), lembrámos que não foi pequeno o contingente negro na applicação do nosso vasto grupo de affecções parasitarias. Mas é certo que ainda se aponta ao

africano um exaggerado papel disseminador de endemias no Brasil colonia. A elle se tem erradamente attribuido a introduccão no país da syphilis, da febre amarella (Rocha Pitta, *Historia da America Portuguesa*), da malaria (Roseneau, *Clinique des Maladies Tropicales*), da doença-do-somno (Harry Johnson, *apud* Roy Nash — *The Conquest of Brasil*, 1926), da peste bubonica (Hoffman, in *Montly Weather Review*, 1932), da febre typhoide (Lévy, *Higiene Publique*), das verminoses em geral (Roy Nash), do bicho-de-pé, da ancylostomose, das dysenterias, do alastrim e até dos mosquitos (Octavio de Freitas, *Doenças africanas no Brasil*, 1935).

Os actuaes trabalhos brasileiros de procura vão alliviando o negro da pecha de importador exclusivo de endemias, como já se fez com as boubas, honrando o seguro juizo do piedoso missionario André Thevet, cujo depoimento, nesse sentido, é o mais antigo e, por isso mesmo, o mais valioso da nossa historia medica.

## BIBLIOGRAPHIA

### — A —

- Abbeville (C. de), — *Historia da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*, etc., Maranhão, 1874.
- Acuña (Christoval de), — “Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas”, em *Colección de libros que tratan de América, raros ó curiosos*, II, Madrid, 1891.
- Adanson (Michel), — *Histoire naturelle du Sénégal*, Paris, 1767.
- Agache (Alfred), — *Cidade do Rio de Janeiro*, etc., Rio-Paris, 1926-1930.
- Agassiz (Luis) & Elisabeth Cary Agassiz, — *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, São Paulo, 1938.
- Almeida (Candido Mendes de), — “Por que razão os indigenas do nosso littoral chamavam os franceses *mair* e os portugueses *peró?*”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XLI, 2.<sup>a</sup> parte, Rio, 1878.
- Alvarado (Salustio), — “África”, em *Geografia Universal*, IV, Barcelona, 1930.
- Ambrosetti (J. B.), — “Los Indios Caingúá del Alto Paraná (Misiones)”, em *Bol. del Inst. Geog. Arg.*, XV, Buenos Aires, 1894.
- Amorim (Antonio Brandão de), — “Lendas em nheêngatú e em português”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. C, vol. CLIV, Rio, 1928.
- Anchieta (Joseph de), — *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Com introdução de Afranio Peixoto e notas de Antonio Alcantara Machado, Rio, 1933.
- Andrade (Almir de), — *Formação da sociologia brasileira*, I, Rio, 1941.
- Andriveau-Goujon (A.), — *Atlas Classique et Universelle de Géographie Ancienne et Moderne*, Paris, 1850.
- Andrade (Gilberto Osorio de), — *Um complexo anthropogeographico (Lineamentos para uma geographia total da Amazonia)*, Recife, 1940.
- Araujo (J. de A. Azevedo Pizarro e), — *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, Rio, 1820-1822.
- Avezac (P. d'), — *Iles de l'Afrique*, Paris, 1848.

- Ayrosa (Plínio), — “O Caderno da Língua ou Vocabulário Português-Tupí, de frei João de Arronches”, em *Rev. do Mus. Paul.*, XXI, São Paulo, 1937.
- Ayrosa (Plínio), — *Primeiras noções de tupi*, São Paulo, 1933.
- Ayrosa (Plínio), — Os “*Nomes das partes do corpo humano pella língua do Brasil*” de Pero de Castilho, São Paulo, 1937.
- Azevedo (Moreira de), — *O Rio de Janeiro*, Rio, 1877.

## — B —

- Baillon (H.), — *Dictionnaire de Botanique*, Paris, I (1876), II (1886), III (1891) e IV (1892).
- Baldus (Herbert), — *Ensaio de Ethnologia Brasileira*, São Paulo, 1937.
- Baldus (Herbert), — “Conceito do tempo entre os índios do Brasil”, em *Revista do Arquivo Público*, LXXI, São Paulo, 1940.
- Baldus (Herbert) & Willems (Emílio), — *Diccionario de Ethnologia e Sociologia*, São Paulo, 1939.
- Bancroft (H. H.), — *The Native Races of the Pacific States of North America*, 5 vol., Nova-York, 1875-1876.
- Barleu (G.), — *Historia dos feitos recentemente praticados durante oito annos no Brasil*, etc. Trad. e annotações de Claudio Brandão, Rio, 1940.
- Batchelor (John), — *The Ainu of Japan*, Londres, 1892.
- Bayão (Antonio), — “O commercio do pau-brasil”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.
- Bayão (A.) & Malheiro Dias (C.), — “A expedição de Christovão Jacques”, em *Hist. de Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.
- Beaurepaire Rohan (H. de), — “A ilha de Fernando de Noronha”, em *Archivos* (pub. da Prefeitura Municipal do Recife), n. 1, Recife, 1942.
- Biographie Universelle Ancienne et Moderne... dirigée par une Société des Gens de Lettres et de Savants*, vol. XLV, Paris, 1826.
- Bouillet (N.), — *Dictionnaire Universelle d'Histoire et Géographie*, Paris, 1857.
- Bouillet (N.), — *Atlas Universel d'Histoire et Géographie*, Paris, 1877.
- Branner (J. C.), — “Apontamentos para a fauna das ilhas de Fernando de Noronha”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, n. 55, Pern., 1901.
- Brunet (Pierre) & Mieli (Aldo), — *Histoire des Sciences-Antiquité*, Paris, 1935.

## — C —

- Cabanès (Doct.), — *El gabinete secreto de la Historia*, I, Madrid, 1927.
- Calmon (Pedro), — *Historia do Brasil*, I, São Paulo, 1939.
- Camara (A. Alves), — *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed., São Paulo, 1937.
- Camara (Paulo Perestrello da), — *Diccionario Geographico*, etc., I, Rio, 1877.
- Caminhoá (J. Monteiro), — *Elementos de Botanica Geral e Medica*, Rio, 1877.
- Canstatt (O.), — *Brasilien, Land und Leute*, Berlin, 1877.
- Capdevila (Arturo), — *Los incas*, Barcelona, 1937.
- Cardim (Fernão), — *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, 1925.
- Cartas Avulsas (1550-1568)*, — Com introdução de Afranio Peixoto e notas de Alfredo do Valle Cabral. Rio, 1931.
- Carvajal (Gaspar de), Alonso de Rojas & Christobal de Acuña, — *Descobrimientos de Rio Amazonas*. Notas de C. de Mello Leitão. São Paulo, 1941.
- Carvalho (Alfredo de), — “A saudação lacrimosa dos indios”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, XI, Pern., 1904.
- Carvalho (Alfredo de), — “O resguardo do matador”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, XII, Pern., 1907.
- Carvalho (C. Delgado de), — *Historia da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1926.
- Casal (Manuel Ayres de), — *Chorographia Brasilica*, II, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1845.
- Cascuso (Luis da Camara), — “Anhangá, mytho de confusão verbal”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, vol. XXXII, n. 151-154, Pern., 1934.
- Castro (Josué de), — *O problema da alimentação no Brasil*, São Paulo, 1934.
- Chamberlain (Alex. F.), — *The Child and childhood in Folk-Thought*, Nova York, 1896.
- Cisneiros (Luis Ulloa), — “América”, em *Historia Universal — Novissimo estudio de la Humanidad*, VI, Barcelona, 1931.
- Collecção de Noticias Ultramarinas*, II, Lisboa, 1812.
- Correia (M. Pio), — *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*, Rio, I (1926) e II (1931).
- Costa (F. A. Pereira da), — *A ilha de Fernando de Noronha, Pernambuco*, 1887.

- Costa (F. A. Pereira da), — “Vocabulário Pernambucano”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, XXXIV, n. 159-162, Pern., 1937.
- Costa (Nelson), — *História da cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1935.
- Couto (Domingos do Loreto), — “Desaggravos do Brasil e Glórias de Pernambuco”, em *Ann. da Bib. Nac. do Rio de Janeiro*, XXIV, Rio, 1904.

## — D —

- Dobrizhoffer (M.) — *Historia de Abiponibus equestri*, etc., Vienna, 1784.
- Davie (Maurice R.), — *La guerre dans les sociétés primitives*. Paris, 1931.
- Davis (John D.), — *Diccionario da Biblia*, trad., Rio, 1928.
- Dembo (A.) & Imbelloni (J.), — *Deformaciones intencionales del cuerpo de carácter étnico*, Buenos Aires, s/d.
- Denis (Ferdinand), — *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, etc., Paris, 1850.
- Deschamp (Paul), — *État social des peuples sauvages*, Paris, 1930.
- Dialogos das Grandezas do Brasil*, — Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio, 1930.
- Dias (Carlos Malheiro), — “Introdução”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, I, Porto, 1921.
- Dias (Carlos Malheiro), — “A expedição de 1501” e “A expedição de 1503”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.
- Dias (Carlos Malheiro), — “O regime feudal das donatarias”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.
- Diccionario Historico, Geographico e Estatistico do Brasil* — Introdução Geral, I, Rio, 1922.
- Diccionario de Geographia Universal* — por uma “Sociedade de Homens de Letras”, sob a direcção de Tito Augusto de Carvalho, I, Lisboa, 1878.
- Dictionnaire des Sciences Naturelles* (por varios professores do Jardim do Rei), Strasburgo e Paris, II (1816), XX (1821), XXVIII (1821), LVII (1829), etc.
- Duarte (Eustachio), — “Uma pagina de entomologia medica”, em *Diário da Manhã*, Recife, 17-IV-938.
- Duarte (Eustachio), — “Os primeiros estudos de medicina no Brasil”, em *Actas Ciba*, VI, n. 6, Rio, junho de 1939.



## — E —

- Edmundo (Luis), — *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis*, Rio, 1932.
- Ehrenreich (P.), — *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*, Braunschweig, 1897.
- Ehrenreich (P.), — “Sobre alguns retratos de indios sul-americanos”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, XII, Pern., 1907.
- Ellis (A. B.), — *The Land of the Fetish*, Londres, 1883.
- Ellis (A. B.), — *The Ewe-speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa*, Londres, 1890.
- Enciso (M. Fernández de), — *Descripción de las Indias occidentales*, Santiago de Chile, 1897.
- Encyclopædia Britannica (The)*, vol. VII, Nova York, 1910-1911, 11.<sup>a</sup> ed.
- Évreux (Ivo de), — *Viagem ao Norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614*, Maranhão, 1874.

## — F —

- Fazenda (J. Vieira), — “Fundamentos da cidade do Rio de Janeiro”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 80, Rio, 1917.
- Ferreira (João da Costa), — “A cidade do Rio de Janeiro e seu termo”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 110, Rio, 1931.
- Fischer (P.), — *Manuel de conchyliologie, etc.*, Paris, 1887.
- Fleiss (Max), — *Historia da cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1928.
- Fontes (J. R. de Sousa), — “Quaes foram os animaes introduzidos na America pelos conquistadores?”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XIX, Rio, 1856.
- Forbes, — *Le Dahomey et les dahomins*, Londres, 1851.
- Franco (Affonso Arinos de Mello), — *O indio brasileiro e a Revolução Francesa. — As origens brasileiras da theoria da bondade natural*, Rio, 1937.
- Frazer (J. G.), — *L'avocat du diable ou la tache de Psyché*, Paris, 1914.
- Frazer (J. G.), — *Mythes sur l'origine du feu*, Paris, 1931.
- Freire (Felisbello), — *Historia da cidade do Rio de Janeiro*, Rio, 1912.
- Freitas (Affonso A. de), — *Vocabulario nheengatú*, São Paulo, 1936.
- Freitas (Jordão de), — “A expedição de Martim Affonso de Sousa (1550-1533)”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, III, Porto, 1924.
- Freitas (Octavio de), — *Doenças africanas no Brasil*, São Paulo, 1935.

- Freyre (Gilberto), — *Casa Grande & Senzala*, 3.<sup>a</sup> ed., Rio, 1933.  
 Freyre (Gilberto), — *Um engenheiro francês no Brasil*, Rio, 1940.  
 Friederici (Georg), — "Der Tranengruss der Indianer", em *Globus*, LXXXIX, Braunschweig, 1906.  
 Furness (W. H.), — *Home Life of Borneo Head Hunters*, Philadelphia, 1902.

## — G —

- Gaffarel (Paul), — *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*. Paris, 1878.  
 Goldenweiser (Alexander), — *Anthropology*, New York, 1937.  
 Galvão (Ramiz), — "O livro de Paul Gaffarel", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 102, Rio, 1927.  
 Gama (José Bernardo Fernandes), — *Memorias historicas de Pernambuco*, I, Pernambuco, 1844.  
 Gandavo (Pero de Magalhães), — *Tratado da Terra do Brasil e Historia da Provincia de Santa Cruz*, Rio, 1924.  
 García (L. Pericot y), — *América Indígena*, I, Barcelona, 1936.  
 Garcia (Rodolpho), — "Glossario das palavras e phrases da lingua tupi, contidas na *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnon et terres circonvoisines* do padre Claude d'Abbeville", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, t. 94, vol. 148, Rio, 1927.  
 García (E.) & R. Levene, *Historia de America*, III, Buenos Aires, 1940.  
 Goes (Damião de), — *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manuel*, Lisboa, 1747.  
 Gomes (Bernardino Antonio), — "Memoria sobre as boutas", em *Hist. e Mem. da Acad. Real das Scien. de Lisboa*, IV, parte 1.<sup>a</sup> Lisboa, 1815.  
 Grammont (H. de), — *Relation de l'expédition de Charles-Quint contre Argel*, Paris e Argel, 1874.  
 Grisard & Vandan Berghe, — *Les palmiers utiles*, Paris, 1889.  
 Günther (Siegundo), — *Geografia fisica*, Barcelona, s/d.

## — H —

- Hambly (W. D.), — *Origins of education among primitive peoples*. Londres, 1926.  
 HARRISSE (H.), — *The diplomatic history of America*, Londres, 1897.  
 Hartt (Charles Frederick), — *Geologia e Geographia Physica do Brasil*, São Paulo, 1941.  
 Hatzfeld (Adolphe) & Darmesteter (Arsène), — *Dictionnaire Générale de la Langue Française*, etc., I, Paris, s/d.

- Herckmans (Elias), — “Descrição Geral da Capitania da Parahyba”, em *Rev. do Inst. Arch., Hist. e Geog. Pern.*, V, Pern., 1886.
- Heulhard (Arthur), — *Villegagnon, Roi d'Amérique — Un homme de mer au XVI<sup>e</sup> siècle (1510-1572)*, Paris, 1897.
- Histoire Naturelle de Plin.* — Trad. e not. de F. Littré, Paris, 1855.
- Hocart (A. M.), — *Les progrès de l'homme*, Paris, 1935.
- Hoefer (F.), — “Empire de Maroc”, em *L'Univers*, Paris, 1848.
- Hochne (F. C.), — “A Flora do Brasil”, em *Recenseamento do Brasil*, I, Int., Rio, 1922.
- Hoehne (F. C.), — *Botânica e Agricultura no Brasil (Seculo XVI)*, São Paulo, 1937.
- Hovelacque (Alexandre-Abel), — *Les nègres de l'Afrique sus-équatoriale*, Paris, 1889.
- Humboldt (A. de), — *Examen critique del'histoire de la géographie du Nouveau Continent*, I, Paris, 1836.

## — I —

- Ihering (H. v.), — “As ilhas oceanicas do Brasil”, em *Revista Brasileira*, IV, Rio, 1895.
- Ihering (H. v.), — “Arqueologia comparativa do Brasil”, em *Rev. do Mus. Paul.*, VI, São Paulo, 1904.
- Ihering (R. v.), — *Fauna do Brasil*, São Paulo, 1917.
- Imbelloni (J.), — *La esfinge indiana*, Buenos Aires, 1926.
- Imbelloni (J.), — *Tres capítulos sobre sistematica del hombre americano*, Lima, 1937.

## — J —

- Jaboatam (fr. A. de S. M.), — *Novo orbe seraphico brasileiro*, I, Rio, 1858.
- Johnston (Harry H.), *The Uganda Protectorate*, Londres, 1902.
- Joigneaux (M. P.) & Moreau (M. C.), — *Dictionnaire d'Agriculture Pratique*, Paris, s/d.

## — K —

- Kagarov (E.), — “Essai de classification des rites populaires”, em *Rev. del Inst. de Ethol. de la Univ. Nac. de Tuc.*, II, Tucumán, 1931.
- Karsten (R.), — *The Civilization of the South American Indians*, Londres, 1926.
- Knivet (Anthony), — “The admirable adventures and strange fortune of Master Antone Knivet”, etc., em *Hakluytus Posthumus or Purcas his Pilgrimes*, XVI, Glasgow, 1906.

Koster (Henry), — *Viagens ao Nordeste do Brasil* (trad. e notas de Luiz da Camara Cascudo), São Paulo, 1942.

Krappe (Alexandre H.), — *La genèse des Mythes*, Paris, 1938.

Kretschmer (K.), — *Historia de la Geografía*, Barcelona, 1926.

— L —

Labat (Jean-Baptiste), — *Nouveau Voyage aux Isles de l'Amérique, contenant l'histoire naturelle de ces pays*, etc., II, Haya, 1724.

Labat (Jean-Baptiste), — *Nouvelle Relation de l'Afrique Occidentale*, III, Paris, 1728.

Laffitte, — *Le Pays des nègres*, Tours, 1881.

Lash (Richard), — "Einführung in die vergleichende völkerkund", em *Illust. Völk.*, Stuttgart, 1922.

Latham (Ricardo E.), — "Antropología chilena", em *Rev. del Mus. de la Plata*, XVI, Buenos Aires, 1909.

Le Cointe (Paul), — *A Amazonia Brasileira*, III — *Arvores e plantas uteis*, Belem, 1934.

Lefranc (Abel), — *La vie quotidienne au temps de la Renaissance*, Paris, 1938.

Leite (Duarte), — "O mais antigo mappa do Brasil", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.

Leite (Duarte), — "Os falsos precusores de Alvares Cabral", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.

Leite (Duarte), — "A exploração do littoral do Brasil na cartographia da primeira decada do seculo XVI", em *Hist. da Col. Port. do Brasil*, II, Porto, 1923.

Leite (Seraphim), — *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, I, Lisboa, 1938.

Leite (Seraphim), — "Conquista e fundação do Rio de Janeiro", em *O Instituto*, vol. 90, Coimbra, 1936.

Léry (Jean de), — *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique*, ed. de Antoine Chuppin, (Genebra), 1858.

Léry (Jean de), — *Viagem à Terra do Brasil*. Ed. da Livraria Martins, collecção dirigida por Rubens Borba de Moraes, com notas de Sergio Milliet e Plinio Ayrosa, São Paulo, 1941.

Levacher (G.), — "Histoire du Pian", em *Guide Médical des Antilles*, Paris, 1847 (3.<sup>a</sup> ed.).

Lévy-Bruhl (L.), — *La mentalité primitive*, Paris, 1933.

Lima (Hermeto), — "Historia das ruas do Rio de Janeiro", em *Bol. do Min. do Trab., Ind. e Com.*, n. 37, anno IV, Rio, 1937.

Lima (Oliveira), — *Bibliographical and historical description of the rarest books*, etc., Washington, 1926.

Lippmann (Ed. o. v.), — *Historia do Açucar*, I, Rio, 1941.

Lisboa (Balthazar da Silva), — *Annaes do Rio de Janeiro*, I, Rio, 1834.

- Litré (É.), — *Dictionnaire de la Langue Française*, Paris, 1878-1881.
- Lopes (Raymundo), — “Pesquisa ethnologica sobre a pesca brasileira no Maranhão”, em *Rev. do Serv. do Pat. Hist. e Art. Nac.*, II, Rio, 1938.
- Lowie (Robert H.), — *Manuel d'anthropologie culturelle*, Paris, 1936.
- Lozano (Pedro), — *Historia de la Conquista del Paraguay*, etc., I, Buenos Aires, 1873.
- Lüderwaldt (H.), — “Observações sobre a preguiça”, etc. em *Rev. do Mus. Paul.*, X, São Paulo, 1918 e “Mais algumas observações sobre a preguiça”, *ib.*, XIV, 1926.

## — M —

- Magalhães (Couto de), — *O selvagem*, São Paulo, 1935.
- Magalhães (Agênor Couto de), — *Ensaio sobre a fauna brasileira*, São Paulo, 1939.
- Malinowski (B.), — *The Family among the Australian Aborigenes*, Londres, 1913.
- Marçal (Heitor), — “Os índios do Brasil”, em *Cultura Política*, n. 12, fev. Rio, 1942.
- Marcgrave (G.), — *Historia Naturalis Brasiliæ*, etc., Lugdun. Batavorum et Amstelodomi, 1648.
- Marcgrave (Jorge), — *Historia Natural do Brasil*. Trad. de mons. José Procopio de Magalhães e ed. do Museu Paulista commemorativa do centenario da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1942. Prefacio e esborço biographico de Affonso de E. Taunay, com notas de Alberto J. de Sampaio, João de Paiva Carvalho, Paulo Sawaya, Oliverio Mario de Oliveira Pinto, Frederico Lane, Plinio Ayrosa e Eloisa Torres.
- Margoliouth (D. S.), — *Islamismo*, 2.<sup>a</sup> ed., Barcelona, 1929.
- Martins (João Augusto), — *Madeira, Cabo-Verde e Guiné*, Lisboa, 1891.
- Martius (K. F. Phil. v.), — *O direito entre os indigenas do Brasil*, São Paulo, 1938.
- Martius (K. F. Phil. v.), — *Natureza, doenças, medicina e remedios dos índios brasileiros (1844)*, São Paulo, 1939.
- Meininger (P.), — *Histoire générale de l'Antiquité*, I, Paris, 1929.
- Métraux (A.), — *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.
- Métraux (A.), — *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, Paris, 1928.
- Métraux (A.), — “Études sur la civilisation des Indiens Chiriguano” em *Rev. del Inst. de Et. de la Univ. Nac. de Tucumán*, I, Tucumán, 1930.

- Miranda (Waldemir), — *A boubá no nordeste brasileiro*, Pernambuco, 1935.
- Mollien (G.-T.), — *Voyage dans l'intérieur de l'Afrique*, etc., Paris, 1820.
- Molinari (Diego Luis), — *El Nacimiento del Nuevo Mundo*, Buenos Aires, 1942.
- Montandon (G.), — *Traité d'Ethnologie culturelle*, Paris, 1934.
- Medina (José Toribio), — *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*, etc. Sevilha, 1894.
- Mooney (James), — "Myths of the Cherokee", em *Ninetcenth Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, 1.<sup>a</sup> parte, Washington, 1900.
- Moraes (Raymundo), — *País das Pedras Verdes*, Manaus, 1930.
- Morct (A.), — *Le Nil et la civilisation égyptienne*, Paris, 1926.
- Moore, (F.), — *Travels into the inland Parts of Africa*, Londres, 1738

## — N —

- Navarrete (M. F. de), — *Colección de los viages y descubrimientos*, etc., III, Madrid, 1829.
- Neiva (Arthur), — *Estudos da Lingua Nacional*, São Paulo, 1940.
- Netto (Ladislau), — "Investigação sobre a archeologia brasileira", em *Arch. do Mus. Nac.*, VI, Rio, 1885.
- Nieuhof (Joan), — *Memoravel Viagem Maritima e Terrestre ao Brasil*. Traducção de Moacyr N. Vasconcellos e introducção. notas, etc. de José Honorio Rodrigues. São Paulo, 1942.
- Nimuendajú (Curt), — "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion des Apopacáva-Guarani", em *Zeit. f. Eth.*, XLVI, Berlim, 1914.
- Nimuendajú (Curt), — "Sagen der Tembê-Indianer", em *Zeit. f. Ethn.*, XLVII, Berlim, 1915.
- Nipgen (J.), — "Les flèches empoisonnées de l'Amérique du Sud", em *Rev. d'Ethn. et Trad. Pop.*, Paris, 1922.
- Nobrega (Manuel da), — *Cartas do Brasil*. Prefacio de Afranio Peixoto e notas de Valle Cabral e de Rodolpho Garcia. Rio, 1931.
- Nova Gazetta Allemã* (A.), — Com notas de J. Ribeiro, B. Schüller e C. Brandenburger, Rio, s/d.
- Nunes (Antonio Duarte), — "Memória do descobrimento e fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, I, 1839.

## — O —

- Obermaier (O.), — *El hombre prehistórico y los origenes de la humanidad*, Madrid, 1932.

Orbigny (C. d'), — *Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, II, Paris, 1849.  
 Orico (Oswaldo), — *Vocabulario de crendices amazonicas*, São Paulo, 1937.

Orico (Oswaldo), — *Contos e lendas do Brasil*, São Paulo, s/d.  
 Ortiguera (Toribio de), — "Jornada del río Marañón", em *Nueva Biblioteca de autores españoles*, II, Madrid, 1909.

Ortiz (Fernando) & Raphael A. Fernández, — "Antillas", em *Geografía Universal-Descripción moderna del Mundo*, V, Barcelona, 1931.

Osorio de Almeida (A.), — "A acção protectora do urucú", em *Bol. do Mus. Nac.*, VII, Rio, 1931.

Oviedo (Gonzalo Fernández de), — *Historia General y Natural de las Indias*, IV; Madrid, 1855.

— P —

Pardal (R.), — *Medicina aborigen americana*, Buenos Aires, s/d.

Pardal (R.), — "A Medicina e a Cirurgia na ceramica do antigo Perú", em *Atlas Ciba*, n. 9, Rio, 1937.

Paucke, S. J. (Florian), — *Hacia allá y para acá*, I, — Tucumán — Buenos Aires, 1942.

Peixoto (Afranio), — *Rio de Janeiro*, ed. Lello & Irmão, Porto, s/d.

Peixoto (Afranio), — *Historia do Brasil*, Porto e Lisboa, 1940.

Passalacqua (C.), — "O apostolo Santo Thomé na America", em *Rev. do Inst. Hist. de São Paulo*, VIII, São Paulo.

Pereira (F. M. Esteves), — "O descobrimento de rio da Prata", em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, II, Porto, 1923.

Pereira (Nuno Marques), — *Compendio Narrativo do Peregrino na America*, 6.<sup>a</sup> ed., II, Rio, 1939. Com notas de Varnhagen, Leite de Vasconcellos, Afranio Peixoto, Rodolpho Garcia e Pedro Calmon.

Peretti (João), — "O cajueiro", em *Arquivos*, pub. da Pref. Mun. do Recife, 2.<sup>o</sup>, Recife, 1942.

Pereira Ferraz (A. L.), — *Terra da Ibirapitanga*, Rio, 1939.

Pereyra (Carlos), — *Breve historia da América*, Madrid, 1930.

Pinheiro (J. C. Fernandes), — "A França Antarctica", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XXII, 1.<sup>a</sup> parte, Rio, 1859.

Pinto (Alfredo Moreira), — *Apontamentos para o Dictionario Geographico do Brasil*, Rio, I (1894) e II (1896).

Pinto (Estevão), — *Os Indigenas do Nordeste*, II, São Paulo, 1938.

Pinto (Pedro A.), — *Diccionario dos termos medicos*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1938.

Pommegorge (Pruneau de), — *Description de la Nigritie*. Amsterdam, 1789.

Porto Seguro (Visconde de). — *Historia Geral do Brasil*, I, 4.<sup>a</sup> ed., São Paulo, s/d.

- Prado (J. F. de Almeida), — *Primeiros povoadores do Brasil*, São Paulo, 1935.  
 Prado (J. F. de Almeida), — *Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil*, I, São Paulo, 1939.  
 Prescott (W. H.), — *History of the conquest of Mexico*, I, Londres, 1878.

## — Q —

- Quadros (E. R. Ewerton), — “Memórias sobre os trabalhos de observação e exploração effectuados pela Segunda Secção da Commissão encarregada da linha telegraphica de Uberaba a Cuyabá”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, LV, 1.<sup>a</sup> parte, Rio, 1892.  
 Quevedo (A. A. Lafone), — *El nombre “Rio de la Plata”*, Buenos Ayres, 1897.

## — R —

- Raspail (F.-V.), — *Histoire Naturelle de la Santé et de la Maladie*, etc., Paris, 1843.  
 Reclus (Elisée), — *Nouvelle Géographie Universelle*, Paris, vol. X (1885), XI (1886), XII (1887) e XIII (1888).  
 Regnault (Élias), — *Histoire des Antilles*, Paris, 1849.  
 Reis (Jayme), — “A primeira fundação do Rio de Janeiro”, em *Rev. Bras.*, 2.<sup>o</sup> trim., Rio, 1897.  
 Rengger (J. R.), — *Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*, Aaran, 1835.  
 Ribeiro (Alipio Miranda), — “Fauna Brasiliense — Peixes”, em *Arch. do Mus. Nac. do Rio de Jan.*, XVII, Rio, 1915.  
 Ribeiro (F. de Paula), — “Memoria sobre as nações gentias”, etc. em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, III, Rio, 1841.  
 Rich (A.), — *Dict. des Ant. Rom. et Grecq.*, Paris, 1883.  
 Rios (A. Morales de los), — “Subsidios para a historia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, em *Rev. do Ins. Hist. Bras.*, tom. especial, 1.<sup>a</sup> parte, Rio, 1915.  
 Rock (F.), — “Der Linn der astekischen Menscenenopfer”, em *Völkerkunde*, I, Vienna, 1925.  
 Rodrigues (J. Barbosa), — *O muirakitã e os idolos symbolicos*, Rio, 1899.  
 Rodrigues (J. C.), — *Bibliotheca Brasiliense*, parte primeira, Rio, 1907.  
 Roquette-Pinto (E.), — *Seixos rolados (Estudos Brasileiros)*, Rio, 1927.



- Roquette-Pinto (E.), — *Rondonia*, São Paulo, 1935.  
 Royce (C.), — "The cherokee nation", em *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, V, Washington, 1883-1884.  
 Ruge (Sophus), — "La época de los descubrimientos geográficos", em *Hist. Univ.*, de G. Oncken, XIX, Barcelona, 1934.

## — S —

- Saint-Adolphe (J. C. R. Milliet de), — *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil*, I, Paris, 1845.  
 Saint-Hilaire (A. de), — *Viagem ao Rio Grande do Sul*, Rio, 1935.  
 Saint-Martin (V. de), — *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, Paris, I (1879), II (1884), III (1887) e IV (1890).  
 Salathé (George), — "Les Indiens Karimé", em *Rev. del Inst. Et. de la Univ. Nac. de Tuc.*, II, Tucumán, 1932.  
 Salvador (Frei Vicente do), — *Historia do Brasil*, São Paulo e Rio, 1918. Com notas de Capistrano de Abreu.  
 Sampaio (A. J. de), — *Phytogeographia do Brasil*, São Paulo, 1934.  
 Sampaio (Carlos), — *Memoria Historica-Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro*, Rio, 1924.  
 Sampaio (Theodoro), — *O tupi na geographia nacional*, São Paulo, 1914.  
 Sampaio (Theodoro), — "Os naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX", em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, tomo especial, 2.<sup>a</sup> parte, Rio, 1915.  
 Sanderval, — *De l'Atlantique au Niger*, Paris, 1882.  
 São Paulo (Fernando), — *Linguagem medica popular no Brasil*, Rio, 1936.  
 Schmidt (Max), — "Sobre o direito dos selvagens tropicaes da America do Sul", em *Bol. do Mus. Nac.*, VI, Rio, 1930.  
 Schmidt (Wilhelm), — *Ethnologia Sul-Americana*, São Paulo, 1942.  
 Schuller (R. R.), — "El origen de los Charrúa", em *Ann. de la Univ. de Chile*, CXVIII, Santiago.  
 Schuller (R. R.), — "A covada", em *Revista Americana*, I, n. 12, Rio, 1910.  
 Seligman (C. G.), — *Les races de l'Afrique*, Paris, 1935.  
 Serrano (Antonio), — *Los primitivos habitantes del territorio argentino*, Buenos Aires, 1930.  
 Sigaud, (J. F. X.), — *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844.  
 Silva Araujo (O. da), — *Contribuição para o estudo da boubá*, Rio, 1911.  
 Silva Araujo (O. da), — *Subsidios para o estudo da framboesia tropica*, Rio, 1928.  
 Silva (J. Caetano da), — *L'Oyapoc et l'Amazonie*, I, Paris, 1861.  
 Silva (J. M. Pereira da), — "A fundação do Rio de Janeiro, na historia e na legenda", *Jornal do Commercio*, Rio, 19-V-1894.

- Silva (Luciano Pereira da), — “A arte de navegar dos portugueses”, em *Hist. da Col. Port. do Bras.*, I, Porto, 1921.
- Simch (F. R.), — “Tembetás”, em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul*, anno I, 3.º e 4.º trim., Porto Alegre, 1924.
- Simonsen (Roberto S.), — *História Económica do Brasil*, I, São Paulo, 1937.
- Soares (João), — *Atlas Historico-Geographico*, Lisboa, 1925.
- Sousa (Augusto Fausto de), — *A bahia do Rio de Janeiro*, Rio, 1882.
- Sousa (Bernardino José de), — *Diccionario da Terra e da Gente do Brasil*, 4.ª ed., São Paulo, 1939.
- Sousa (Bernardino José de), — *O Pau-Brasil na Historia Nacional*, São Paulo, 1939.
- Sousa (Emmanuel de), — *Dictionnaire François-Portugais* (rev. e aum. por Joachim Joseph da Costa & Sá e Vincent Pierre Nolasco da Cunha), Lisboa, 1811.
- Sousa (Gabriel Soares de), — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*, 3.ª ed., São Paulo, 1938.
- Spencer (F. C.), — “Education of the Pueblo child”, em *Columbia Univ. Cont. to Philosophy, Psychology and Education*, VII, n. 1, Nova York, 1899.
- Spix (J. B. v.) & Martius (K. F. Phil. v.), — *Através da Bahia*, São Paulo, 1938.
- Spix (J. B. v.) & Martius (K. F. Phil. v.), — *Viagem pelo Brasil*, I e III, Rio, 1938.
- Staden (Hans), — *Viagem ao Brasil*, Rio, 1930.
- Smith (R. Brough), — *The Aborigines of Victoria*, Londres, 1878.
- Steinen (K. v. d.), — *Entre os aborigenes do Brasil Central*, São Paulo, 1940.
- Stella (Jorge Bertolaso), — *As linguas indigenas da America*, São Paulo, 1929.
- Stradelli (E.), — “Vocabularios da lingua geral, português-nheêngatú e nheêngatú-português”, etc., em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, tomo CIV, vol. CLVIII, Rio, 1929.
- Suetonio, — *As Vidas dos Doze Cesares*, Rio, 1937.
- Skertchley, — *Dahomey as it is*, Londres, 1874.

## — T —

- Tardieu (A.), — “Sénégambe et Guinée”, em *L'Univers ou Histoire et Description de tous les peuples*, etc., Paris, 1848.
- Taunay (Affonso de E.), — *Zoologia fantastica do Brasil*, São Paulo, 1934.
- Taunay (Affonso de E.), — “Monstros e monstregos do Brasil”, em *Rev. do Mus. Pau.*, XXI, São Paulo, 1937.

- Tauxier (L.), — *La religion bambara*, Paris, 1927.
- Teschauer (C.), — *Poranduba Riograndense*, Porto Alegre, 1929.
- Thevet (André), — *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*, Paris, 1558.
- Thevet (André), — *Les Singularitez de la France Antarctique*, Paris, 1878 (com prefacio e notas de Paul Gaffarel).
- Thompson (G. S.), — *The Geographical and Historical Dictionnary of America and West Indies*, Londres, I (1812), III (1812) e IV (1814).
- Tocantins (A. M. Gonçalves), — “Estudos sobre a tribu *Mundurucú*”, em *Rev. do Inst. Hist. Bras.*, XL, Rio, 1877.
- Torrend (C.), — “O culto das pedras verdes entre os aborigenes do Brasil”, em *Rev. do Inst. Hist. e Geog. da Bahia*, n. 45, São Salvador, 1919.

## — V —

- Vasconcellos (Alberto), — *Vocabulario de ichthyologia e pesca*, Recife, 1938.
- Vasconcellos (Simão de), — *Chronica da Companhia de Jesus*, Rio, 1864.
- Verneau (R.), — *Les anciens patagons*, Monaco, 1905.
- Vidal-Lablache, — *Atlas Classique*, Paris, s/d.
- Vignaud (Henry), — *Améric Vespuce*, Paris, 1917.
- Vivante (Armando) & Imbelloni (J.), — *Libro de las Atlantidas*, Buenos Aires, s/d.

## — W —

- Wallace (Alfred Russel), — *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*, São Paulo, 1939.
- Wangh (F. W.), — “Iroquois Foods and Food Preparation”, em *Memoir 86*, n. 12, Anthropological Series, Geological Survey, Canadá.
- Wätjen (Hermann), — *O demonio hollandês no Brasil*, São Paulo, 1938.
- Westermarck (E.), — *L'origine et le développement des idées morales*, Paris, I (1928) e II (1929).
- Wied Neuwied (Maximiliano, Príncipe de), — *Viagem ao Brasil*. Trad. e notas de Oliverio Pinto, São Paulo, 1940.



## INDICE DAS ESTAMPAS

	PAGS.
1. Fr. André Thevet, em habito de <i>cordelier</i> .....	3
2. <i>Fac-simile</i> do titulo de <i>Les Singularitez de la France Antarctique</i> (ed. de 1558) .....	17
3. O preparo do caium .....	155
4. A mandioca .....	165
5. O panapaná .....	171
6. A colheita .....	185
7. O fumador de tabaco e a fabricação do fogo .....	199
8. Encontro entre tupinambás e maracajás .....	234
9. A festa do cauim .....	241
10. Scena de cannibalismo .....	242
11. Massacre de prisioneiros .....	243
12. Sepultamento de um indio tupinambá .....	259
13. A saudação lacrimosa .....	269
14. Tratamento de um doente .....	279
15. O ananás .....	281
16. O tucano .....	287
17. A preguiça .....	309
18. Cunhambebe, celebre morubixaba tupinambá .....	319
19. O sariguê .....	329
20. A batata .....	343
21. Corte e embarque de pau-brasil .....	351.
22. O cajueiro .....	361
23. As amazonas .....	375
24. O bisão .....	429



## INDICE GERAL

	PAGS.
Prefacio do traductor .....	7
Privilegio .....	31
A Monsenhor, o Reverendissimo Cardeal de Sens, Guarda dos Sellos Reaes, fr. André Thevet deseja paz e felicidade .....	33
Ode de Estevão Jodelle, Senhor do Lymodin, a Thevet .....	35
A Thevet, angumesino, autor da presente historia, offerece Francisco de Belleforest, de Comminges. — Ode <i>In Thevetum Novi Orbis peragratores et descriptores Io. Auratus, literarum græcarum regius professor</i> ..	38
Aos leitores .....	44
Aviso ao leitor (La Porte) .....	48
<b>CAPITULOS</b>	
I — Embarque do autor .....	49
II — Do estreito, antigamente chamado de Calpe e hoje de Gibraltar .....	55
III — Da Africa em geral .....	59
IV — Da Africa em particular .....	62
V — Das ilhas Afortunadas, que agora se chamam de Canarias .....	66
VI — A alta montanha do Pico .....	72
VII — Da ilha do Ferro .....	75
VIII — Das ilhas da Madeira .....	79
IX — Do vinho madeirense .....	83
X — Do promontorio Verde e de suas ilhas .....	86
XI — Do vinho de palmeira .....	92
XII — Do rio Senegal .....	96
XIII — Das Hesperides, tambem chamadas ilhas do Cabo Verde .....	102
XIV — Das tartarugas e de uma planta chamada orcella	105
XV — Da ilha do Fogo .....	110

CAPITULOS	PAGS.
XVI — Da Ethiopia .....	113
XVII — Da Guiné .....	117
XVIII — Da linha equinoccial e das ilhas de São Tomé	122
XIX — Não somente é habitada a zona equatorial, mas todo o mundo, ao contrario do que julgavam os antigos .....	127
XX — Da multiplicidade e variedade dos peixes da zona equatorial .....	132
XXI — Da ilha chamada da Ascensão .....	136
XXII — Do promontorio da Boa Esperança e das numerosas singularidades nelle observadas. Minha chegada às Indias Americanas, ou França Antarctica	139
XXIII — Da ilha de Madagascar, tambem chamada de São Lourenço .....	147
XXIV — Da chegada da expedição ao lugar chamado Cabo Frio, na França Antarctica, tambem conhecida pelo nome de America .....	152
XXV — Do rio Guanabara (tambem chamado de Janeiro) e de como esse país, onde aportaram os franceses, tomou o nome de França Antarctica ....	161
XXVI — Dos peixes do rio Guanabara .....	169
XXVII — Da America em geral .....	173
XXVIII — Da religião dos selvagens americanos .....	176
XXIX — Como vivem os selvagens americanos de ambos os sexos .....	181
XXX — Como hebem e comem os selvagens .....	186
XXXI — Contra a opinião dos que consideram os selvagens pelludos .....	191
XXXII — A arvore, chamada na lingua dos selvagens de jenipapo, da qual os indios extrahem uma tinta	195
XXXIII — Da arvore chamada <i>pacovera</i> .....	201
XXXIV — De que modo fazem, os selvagens, incisões no corpo .....	205
XXXV — Das visões, sonhos e phantasias dos selvagens. E de como são perseguidos pelos espiritos malignos	210
XXXVI — Dos falsos prophetas e magos do país. Como falam aos espiritos malignos. E tambem de uma arvore chamada <i>ahouai</i> .....	214
XXXVII — Idéias dos selvagens a respeito da immortalidade da alma .....	221



CAPITULOS	PAGS.
XXXVIII — Como os selvagens americanos guerreiam os vizinhos, principalmente os margajás e tabaiaras. E da arvore de nome <i>hayri</i> , da qual fabricam os seus tacapes de guerra .....	225
XXXIX — Como combatem os selvagens, tanto em agua como em terra .....	232
XL — Como esses barbaros matam e devoram os prisioneiros de guerra .....	238
XLI — Como os selvagens são extraordinariamente vingativos .....	248
XLII — Do matrimonio entre os selvagens americanos ...	252
XLIII — Da sepultura e demais cerimonias mortuarias dos selvagens .....	258
XLIV — Que trata dos <i>mortugabas</i> e da urbanidade com que os selvagens recebem os estrangeiros .....	264
XLV — Descrição da doença chamada <i>pians</i> , à qual estão sujeitas as populações americanas, tanto nas ilhas quanto em terra-firme .....	272
XLVI — Das doenças mais frequentes na America e qual o methodo observado na cura das mesmas .....	277
XLVII — Como traficam os selvagens. A ave chamada <i>tucano</i> . A especiaria americana .....	285
XLVIII — Das aves mais communs na America .....	291
XLIX — Das veações ou caças selvaticas, que apanham os indigenas .....	297
L — De uma arvore chamada <i>hyvourahé</i> .....	302
LI — Da arvore chamada <i>vhebehassou</i> e das abelhas que nella vivem .....	304
LII — De um estranho animal chamado <i>haüt</i> .....	307
LIII — Como fazem fogo os selvagens americanos. O diluvio. Das ferramentas que usam .....	311
LIV — Do rio das Vasas, de alguns animais existentes em suas vizinhanças e da terra de Morpion ....	316
LV — Do rio da Prata e regiões circumvizinhas ....	323
LVI — Dos estreitos de Magalhães e de Darien .....	330
LVII — Os que habitam a região entre o rio da Prata e o estreito de Magalhães são nossos antipodas ...	337
LVIII — Como os selvagens exercem a agricultura e fazem plantação de uma raiz <i>manihot</i> . E da arvore, a que dão o nome de <i>peno-absou</i> .....	341
LIX — Como se descobriu a America e se encontraram o pau-brasil e outras arvores não conhecidas na Europa .....	349

## CAPITULOS

PÁGS.

LX — Partida da França Antartica, ou America . . . . .	354
LXI — Dos cannibaes, — tanto os da terra-firme quanto os das ilhas. E da arvore chamada <i>acaiou</i> . . . . .	360
LXII — Do rio das Amazonas, tambem chamado de Orellana, pelo qual se pode navegar até o país das amazonas e até a França Antartica . . . . .	368
LXIII — Abordagem dos espanhoes em uma região onde habitavam as amazonas . . . . .	373
LXIV — Continuação da viagem. Morpion e o rio da Prata . . . . .	380
LXV — Separação das terras dos reis de Espanha e de Portugal . . . . .	383
LXVI — Divisão das Indias Occidentaes em três partes . . . . .	386
LXVII — Da ilha dos Ratos . . . . .	390
LXVIII — Continuação da viagem. Descrição do astrolabio nautico . . . . .	396
LXIX — Passagem do equador, ou linha equinoccial . . . . .	399
LXX — Do Perú e suas principais provincias . . . . .	404
LXXI — Das ilhas do Perú e, sobretudo, da Espanhola . . . . .	411
LXXII — Da ilha de Cuba e do archipelago das Lucayas . . . . .	417
LXXIII — Descrição de Nova Espanha e da grande cidade das Indias Occidentaes, de nome Themistitan . . . . .	420
LXXIV — A peninsula da Florida . . . . .	425
LXXV — Do Canadá, antes chamado Terra do Bacalhau, descoberto nos tempos actuaes. Como vivem seus habitantes . . . . .	433
LXXVI — No qual se trata de outra região do Canadá . . . . .	436
LXXVII — Costumes e idéias religiosas dos pobres canadenses. Que fazem esses indios para resistir ao frio. . . . .	439
LXXVIII — Traje dos indios canadenses. Suas cabelleiras. Como criam os filhos . . . . .	444
LXXIX — Como guerreiam os indios canadenses . . . . .	449
LXXX — Das minas, pedrarias e outras preciosidades do Canadá . . . . .	453
LXXXI — Dos tremores de terra e das saraivas, muito frequentes no Canadá . . . . .	456
LXXXII — Da região chamada de Terra Nova . . . . .	460
LXXXIII — Das ilhas dos Açores . . . . .	466
Appenso. — Notas sobre "pian". Pelo dr. Eustachio Duarte (Da Sociedade de Medicina de Pernambuco) . . . . .	473
Bibliographia . . . . .	481
Indice das estampas . . . . .	497

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, à rua dos Gusmões, 639, em maio de 1944.*